UM LIVRO SETH

NUNCA ANTES PUBLICADO

AS SESSÕES INICIAIS

Livro 3 do Material Seth



SESSÕES 86–148

09/09/64 - 21/04/65

Por

JANE ROBERTS

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

Dedico As Primeiras Sessões à minha esposa, a Jane Roberts, que viveu os seus 55 anos com a maior criatividade e a mais valente coragem. — Rob

SESSÃO 86

9 de Setembro de 1964

(Enquanto praticava o exercício de tempo psicológico na quarta-feira, 9 de Setembro, às 20h15, após atingir um estado agradável, tive a sensação algo estranha de que me estavam a puxar ou esticar as pernas — como se uma força as tentasse alongar. Senti com bastante nitidez uma pressão a agarrar o interior de cada tornozelo, acompanhada por um puxão descendente, ou alongamento. A sensação durou algum tempo; tive oportunidade de a explorar ligeiramente.

(O Bill Macdonnel veio assistir à sessão. Trouxe consigo algumas folhas de cobre para a nossa mesa, além de incenso e um queimador. A Jane tinha lido recentemente que ambos os elementos podiam ser úteis em estados psíquicos, por contribuírem para a libertação de iões negativos no ar. Sabe-se que um ambiente carregado negativamente favorece as capacidades psíquicas.

(Achei que a quantidade de cobre era insuficiente, mas estendemo-lo sobre a mesa e acendemos o incenso. O seu aroma agradável e terroso espalhou-se pela sala. Pensei que o Seth talvez fizesse algum comentário mordaz sobre o cenário, mas guardei os meus pensamentos. A Jane não estava nervosa antes da sessão. Começou a ditar com uma voz tranquila e divertida, bastante devagar. O seu passo era igualmente lento. Os olhos, como habitual, escureceram.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agradeço os muitos e variados preparativos feitos esta noite para a minha chegada anunciada.

O próximo passo será, sem dúvida, sugerirem que eu pose, contemple o que poderia passar por umbigo, esculpa uma imagem minha e a coloquem no centro da vossa mesa.

Não imagino seriamente que acolhessem tal ideia absurda, mas a situação tem claramente um tom humorístico — e não seria do meu feitio deixar isso passar sem comentário.

Dou as boas-vindas ao Mark, com as suas entusiásticas boas intenções. E na verdade, a ideia por detrás de tudo isto não é de modo algum ridícula. Boas intenções são altamente importantes — e aquilo em que acreditas que funcionará, funcionará.

(Pode acrescentar-se que, nessa noite, choveu — e agora o ar estava quente e húmido. As janelas estavam abertas; de uma casa vizinha, a alguma distância, ouvia-se claramente um gira-discos a tocar, o som transportado no ar pesado. O ruído do trânsito também parecia mais alto do que o habitual. A Jane, ao ditar, mantinha a cabeça inclinada num ângulo invulgar, como se estivesse a escutar. A sua fala era agora muito lenta.)

Gostaria de retomar um tema que deixámos inacabado, para esclarecer que existem reações químicas e elétricas resultantes de enzimas mentais — reações essas que também estão presentes no processo de transformar energia psíquica em construção física.

As interações envolvidas aqui são da maior importância. Para simplificar, pode-se dizer que as ideias são elétricas — no sentido em que desencadeiam enzimas no mecanismo mental, que por sua vez iniciam automaticamente o processo de construção física, em alinhamento com as expectativas interiores, como já referi anteriormente.

Falei de compartimentos mentais. Em teoria, não existe tal coisa como um sistema fechado. Contudo, na prática, um sistema mental fechado é aquele que permite o mínimo de dados de camuflagem. Não está completamente encerrado, mas pode dizer-se que se assemelha, em termos psíquicos, ao ambiente em que operam os chamados médiuns — isto é, com um mínimo de comunicação por via da camuflagem.

(O Seth começou a referir-se a compartimentos mentais, enzimas mentais, etc., muitas sessões atrás — ao mesmo tempo que começou a introduzir os sentidos internos. Por altura da 20.ª sessão, estas discussões já estavam bastante avançadas.)

O sistema, ou compartimento mental, é apenas fechado por comparação. O objetivo é encerrar uma abertura para um plano, mantendo o canal de comunicação interior aberto. Como analogia, o ego consciente pode ser imaginado como estando dentro de um tubo de cobre, localizado aproximadamente no centro.

(A Jane pegou agora num tubo de cobre enrolado que não tínhamos usado na mesa. Segurando-o à frente de mim, tocou na extremidade esquerda do tubo.)

Essa extremidade representaria, então, a extensão do eu para fora, em direção ao universo físico. Essa extensão, como já referi, é teoricamente infinita. O mundo da realidade interior pode ser imaginado como existindo na outra extremidade do tubo. E da mesma forma que uma ponta representa a expansão do eu no mundo físico, também a outra representa a sua extensão no mundo da realidade interior.

(Mais uma vez, como tem acontecido com frequência nas sessões recentes, a voz da Jane tornou-se subitamente mais grave, mantendo esse tom mais profundo durante algum tempo.)

Retomando a analogia: no compartimento mental, tentamos encerrar este canal de comunicação com o universo exterior. Assim, deixamos esta extremidade aberta.

É precisamente isso que tentas fazer quando experimentas o tempo psicológico — quando a comunicação ocorre por via dos sentidos interiores, em vez dos exteriores. Toda a consciência viva entra, inicialmente, no teu plano de perceção através de um compartimento mental deste tipo. Toda a energia psíquica chega por essa via.

Estamos a encaminhar-nos para um ponto importante. Recordar-te-ás, certamente, de que falei de expansão e contração — em conjunto com outras discussões sobre os sentidos internos. A comunicação com o eu interior, ou com entidades de outro nível, pode ser abordada por dois métodos distintos. As abordagens são diferentes — e uma delas é tentada com mais frequência do que a outra. Sugiro a tua primeira pausa.

(A Jane estava dissociada, disse ela, mas não em grande grau. Referiu que o gira-discos do vizinho e o ruído do trânsito a incomodaram — e que era a primeira vez que se recordava de influências exteriores se fazerem sentir durante uma sessão.)

(A Jane retomou às 21h31 com a voz ligeiramente mais grave, mas ainda com um ritmo muito lento.)

Apenas a abordagem inicial é que varia.

A expansão da energia tem sempre como consequência a contração — e a contração leva inevitavelmente à expansão. Assim, se começares por tentar contrair a tua consciência e energia, com o objetivo de comunicar com a realidade interior, então a tua consciência, fechada e contraída como um punho cerrado, abrir-se-á e expandir-se-á. E se procurares comunicar por via da expansão da consciência, essa expansão acabar-se-á por encerrar e contrair sobre si mesma.

Ambas as vias conduzem ao mesmo fim. A concentração num objeto minúsculo, limitado, contraído — resultará em expansão da consciência, pois, como já disse, mesmo dentro da molécula e do átomo existe uma compreensão encapsulada.

Um compartimento mental não pode ser visto nem tocado, mas ninguém se encontra dentro de um sem que esteja, nesse momento, a sós. Aqui não se procura igualar pressões, mas sim manter uma instabilidade delicada — até precária — de pressões. Não é da estabilidade que nasce a criatividade, mas de desequilíbrios novos, em constante mutação, que procuram atingir um equilíbrio.

Este compartimento mental pode ser pensado como uma espécie de unidade fabril, de onde todas as manifestações materiais devem emergir. Os produtos que compõem a forma chegam por outra entrada.

Vou encerrar esta sessão mais cedo.

Há boas razões para isso. As distrações exteriores vindas da rua — pela primeira vez, ao que parece — estão a manter o Ruburt num nível de consciência que não é suficientemente profundo para eu transmitir o conteúdo que tinha planeado. Pode ser significativo o facto de que essas distrações só o incomodaram depois de ele ler que, em teoria, deveriam incomodá-lo.

Há também outra razão: um estado mais profundo de consciência é por vezes necessário quando estão ativos os níveis superiores do subconsciente — como ainda acontece, desde que deu o aviso de saída na galeria.

Normalmente, conseguimos atingir um estado mais profundo que compensa. Esta noite, no entanto, não se alcançou um estado verdadeiramente satisfatório, considerando a complexidade do material que tinha planeado para ti. Um apontamento: experimentar por conta própria continuará a ser benéfico.

Vou agora encerrar a sessão, com pesar — apesar do incenso e do cobre que tão atenciosamente prepararam. De facto, em condições normais, esses elementos podem ser úteis. Mas, com todo o respeito pelas vossas intenções, teriam literalmente de forrar as paredes desta sala com cobre.

Os iões negativos ajudam, sim — mas não conseguirão criar essas condições. Ainda assim, a tentativa de estabelecer condições favoráveis é, por si só, uma ajuda em qualquer caso.

Uma despedida calorosa, embora infelizmente precoce, de boa noite.

("Boa noite, Seth."

(A Jane encontrava-se dissociada, embora apenas até certo ponto. A música da casa em frente tinha parado algures durante a última parte da sessão, mas a Jane disse que o ruído do trânsito continuava a incomodá-la. Tinha lido que estímulos exteriores devem ser evitados durante sessões como as nossas, e supôs que o Seth teria razão ao afirmar que talvez se tenha deixado incomodar. Disse que iria tentar evitar esse erro no futuro.

(A referência do Seth à nossa experimentação dizia respeito à possibilidade de realizarmos outra "sessão" envolvendo a Jane, o Bill e eu. Tínhamos intenção de marcar uma data, mas esquecemo-nos disso.)

(Este material é incluído aqui por ser algo extenso, e por não ser abordado na sessão seguinte.

(Na quinta-feira à noite, 10 de Setembro, o John Bradley visitou-nos durante uma viagem de vendas a Elmira, em representação da empresa Searle Drug. Recorda-se que, na 63.ª sessão, a 17 de Junho de 1964, Volume 2, página 159, o Seth indicou a data de 2 de Setembro para o John, afirmando que "nesse dia poderão nascer planos que influenciarão a sua atividade profissional." O John foi testemunha dessa sessão.

(Esta noite, o John contou-nos que a 2 de Setembro esteve reunido em casa, em Williamsport, PA, com o seu gestor distrital — e que,

naturalmente, se discutiram assuntos de trabalho. O John já tinha pedido transferência para a costa oeste. A empresa ainda não aprovou o pedido. O Seth abordou, em várias sessões e com algum detalhe, as turbulências internas que decorrem na Searle Drug. Segundo o John, continuam. Agora, parece que o gestor distrital do John também está inseguro quanto ao seu próprio cargo. Se algum plano concreto foi de facto iniciado nessa reunião de 2 de Setembro, o tempo o dirá.

(O John também referiu que tem estado atento a qualquer problema com uma vizinha que mora três portas abaixo da sua casa. O Seth também mencionou isso na 63.ª sessão. Ver o mapa do John no final dessa sessão.

(Na 84.ª sessão, de 2 de Setembro, Volume 2, páginas 329 e 331, o Seth afirmou que a Jane estava a bloquear "uma imagem do Philip", sendo Philip o nome atribuído por Seth à entidade do John. Sem pensar muito, a Jane e eu assumimos que essa informação estaria relacionada com a data de 2 de Setembro, visto que, por coincidência, a 84.ª sessão também ocorreu nesse mesmo dia. Esta noite, no entanto, o John disse que não teve qualquer "discussão numa cozinha, envolvendo duas mulheres e um homem, com uma criança por perto" nessa data. Agora questionamo-nos se o incidente mencionado será precognitivo — com a data verdadeira bloqueada pela Jane — ou se, simplesmente, se tratou de um erro.)

SESSÃO 87

14 de Setembro de 1964

(A 7 de Setembro, a Jane teve um sonho estranho. Nele, estava consciente da presença de uma mulher idosa — embora não da sua presença física — com cerca de 83 ou 85 anos. A mulher acabara de morrer, mas o seu último dia tinha sido cheio de atividade e trabalho. Era médium, e passou da vida para a morte com uma transição suave, continuando quase sem interrupção o seu trabalho após a morte. A Jane invejava-a profundamente.

(Ainda no mesmo sonho, a Jane encontrava-se num lar de idosos. Abriu a porta de um quarto com uma cama de casal e outra cama mais pequena, mas também para adultos. A sua amiga Dee Masters — que em tempos foi diretora da galeria onde a Jane trabalha, e que já foi mencionada pelo Seth em várias ocasiões — estava a fazer algo numa máquina de lavar do tipo agitadora. A Jane também mexia na máquina, e uma pequena quantidade de água caiu no chão. Nesse momento, a Jane teve a sensação de que, de alguma forma, ela própria era a mulher idosa que tinha morrido.

(No dia 9 de Setembro, a Jane sonhou que falava com dois homens doentes, dizendo-lhes: "Não se preocupem. O material diz que eu também tenho cancro." Referia-se, naturalmente, ao material do Seth. A Jane disse que o mais curioso nesse sonho era o facto de, apesar do conteúdo perturbador, não sentir medo, nem perigo, nem qualquer alarme — na verdade, falava com os dois homens de forma bastante alegre. Ainda assim, ficou preocupada, perguntando-se se o sonho teria carácter precognitivo.

(A Jane também se mostrava preocupada com o que considerava ter sido uma sessão fraca no dia 9 de Setembro, quando se deixou afetar por factores exteriores. Contudo, não estava nervosa antes da sessão desta noite.

(Durante o fim de semana, o pai da Jane e a sua companheira, Midge, passaram por Elmira a caminho da Florida para o inverno. A Jane perguntou-se se a sessão desta noite abordaria esse tema, mas não fazia ideia do conteúdo que viria a seguir. Começou a ditar com uma voz ligeiramente mais firme do que o habitual, caminhando com energia. Os olhos estavam escuros.)

Desejo-vos uma calorosa boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Tenho vários pontos que gostaria de abordar esta noite. E, antes de mais, permitam-me referir que estava pronto para conduzir uma breve sessão ontem à noite, dadas as circunstâncias — e por causa da necessidade daquela mulher.

Ela teria beneficiado com isso. Eu poderia tê-la abalado o suficiente para a forçar a abandonar a sua autocomiseração. A mulher precisa desesperadamente de ajuda — e eu poderia ter lidado com a sua condição.

Ela teria retirado algum proveito. Compreendi as razões pelas quais nenhum de vocês desejou realizar essa sessão. Eu não a convoquei, mas estaria disponível em resposta à necessidade da mulher.

Também teria cumprimentado o pai do Ruburt, mas, na verdade, não fui convidado a entrar naquele gracioso círculo familiar. Não sou daqueles que viriam perturbar uma reunião pacífica. A mulher encontrou, de facto, algum consolo junto do pai do Ruburt — mas a personalidade dela está seriamente perturbada e é explosiva. Não irei dedicar mais tempo a este assunto agora.

Em vez disso, quero partilhar convosco mais material relativo aos compartimentos mentais. Estes são, em certos aspetos, um tipo distinto de camuflagem — uma estrutura artificial, autoinduzida e apenas parcial. São dispositivos psíquicos benéficos dentro dos quais o eu interior, momentaneamente e de forma temporária, reúne, concentra e contém toda a energia psíquica que é capaz de receber, utilizar e também suportar.

O compartimento mental é, na maioria dos casos, autolimitado. Representa a criação de barreiras em todos os lados — exceto num. Mas essa limitação existe apenas com o propósito final de permitir uma concentração intensa de energia, que resulta numa explosão ou expansão dessa energia, transformada e "pressionada", por assim dizer, em novos padrões.

O lado aberto permite o fluxo livre da energia do eu interior — mas, por um breve momento, a saída dessa energia é obstruída. Este ato de reter, de recolher e armazenar energia sem lhe dar vazão imediata, é um dos processos naturais e constantes envolvidos não só na conversão da energia em matéria, mas também na sua transformação em qualquer outra forma. Está intimamente ligado à pausa e pulsação de que já falei — o modo como átomos e moléculas aparecem e desaparecem impercetivelmente, mesmo quando parecem manter a continuidade de qualquer objeto físico.

Podes considerar um compartimento mental, nos seus termos mais simples, como sendo algo semelhante a um cubo. As suas dimensões internas podem variar, mas o lado mais afastado será representado como aberto ou transparente — sendo a linha traçada apenas por conveniência.

É para dentro desse cubo que a energia psíquica flui. A face frontal do cubo — como um portão — pode abrir-se ou fechar-se, e está orientada para o mundo exterior da matéria física. À medida que a energia entra no cubo, é momentaneamente retida no seu interior. Enzimas mentais ajudam a transformar essa energia em padrões incipientes, a partir dos quais pode resultar matéria — matéria física.

Os portões frontais do cubo abrem-se então, libertando a energia transformada. Mas esses portões representam o nosso subconsciente — e o sinal para se abrirem, a permissão para que a matéria e a sua forma se construam, depende desses portões subconscientes. Mesmo quando a matéria incipiente passa por eles, a forma final é determinada pela forma como essa matéria atravessa essas portas. É aqui que ela deve nascer — e, por fim, ser moldada.

As propriedades da matéria foram-lhe atribuídas — isto é, atribuídas à energia — dentro do compartimento mental. Tal como as propriedades físicas lhe foram dadas. E tal como uma criança é formada no útero, mas pode ser danificada no ato de nascer. Sugiro a vossa primeira pausa.

(A Jane estava razoavelmente dissociada e disse não sentir-se incomodada por estímulos externos. Como era uma noite fria, as janelas estavam fechadas e a casa muito silenciosa. Retomou com o mesmo tom de voz ligeiramente mais grave.)

Ora bem. Estes compartimentos são a base mais íntima de qualquer consciência — independentemente do tipo de consciência. Pode dizer-se que representam a forma psíquica interior, mesmo da mais ínfima célula.

Representam a pausa necessária — embora essa pausa, no plano físico, seja impercetível. No entanto, os compartimentos mentais permitem uma duração psíquica em que a energia, que flui incessantemente, pode ser moldada até certo ponto e transformada, quer nas propriedades da matéria, quer noutras formas.

Já abordámos, até certo ponto, as várias formas pelas quais este processo ocorre. O processo é tão rápido que, no vosso plano, parece simultâneo — mas a pausa e a pulsação resultante estão sempre presentes. O compartimento mental é arbitrário — necessário, mais uma vez — um dispositivo usado pelo eu. Pode parecer que limita a expansão da consciência, e no entanto, não o faz.

As dimensões desses compartimentos mentais são determinadas pela capacidade específica da consciência em causa — a sua capacidade de receber, suportar e utilizar energia. Essa capacidade é, em maior ou menor grau, elástica — ou seja, pode expandir-se, e não está sujeita a regras rígidas que a limitem.

Dentro de cada compartimento encontra-se a compreensão encapsulada, de que já falámos antes. Esta é uma característica da energia pura — e mesmo quando essa energia é, por assim dizer, individualizada, a compreensão encapsulada não é de modo algum reduzida ou simplificada.

Este ponto é extremamente importante. Todas as consciências — quer se trate de um gestalt psíquico complexo como o de um ser humano ou de um animal, quer de um gestalt mais simples como uma célula individual ou uma molécula — operam e formam à sua volta compartimentos mentais ou psíquicos. Nesses compartimentos está naturalmente contida a compreensão encapsulada, que é uma característica de toda a energia.

É também dentro desses compartimentos mentais que a energia recebida é momentaneamente retida e transformada — seja em matéria, seja noutras manifestações. Para que conste, deves compreender que, ao falar de consciências, não me refiro ao ego consciente, mas sim à consciência interior, que contribui para a formação da imagem material. Sugiro uma pausa.

(A Jane estava dissociada como de costume. Retomou com o mesmo ritmo lento; a voz estava agora normal, e o seu andar era muito pausado. Retomámos.)

Esta compreensão encapsulada chamo-a assim porque a compreensão inata de si própria e do seu funcionamento faz parte daquilo a que podes chamar a essência ou constituição da energia — qualquer que seja a forma que venha a assumir ou a camuflagem que adote.

Esta compreensão de si mesma, sendo uma característica inseparável da energia, não pode ser apontada ou isolada — nem se distingue da própria energia, pois é parte integrante dela, e não um acréscimo. Está distribuída, portanto, por toda a energia — ou dentro dela — do mesmo

modo que a capacidade criativa está distribuída por uma dada personalidade.

Os resultados dessa compreensão podem ser observados nas ações levadas a cabo por uma personalidade, mas, tal como não podes extrair a capacidade criativa de um indivíduo para a examinar isoladamente, também não podes separar a compreensão de si mesma da energia. Agora: essa compreensão, latente em toda a energia, não está fragmentada nem dispersa em pedaços pelas várias consciências individualizadas, mas encontra-se completamente contida — como que condensada — e, de facto, está condensada sob forma de cápsula.

Essa compreensão é condensada, sim, mas o termo "cápsula" é apenas uma designação que escolhi. Todas as unidades de consciência individual contêm esta compreensão encapsulada — e ela representa a unidade mais pequena de consciência em torno da qual um compartimento mental — ou um eu — pode ser construído. Não existe unidade menor do que esta — nem pode existir.

É a capacidade dessa unidade de consciência para utilizar ou criar outras formas e dimensões de si mesma que regula as dimensões do compartimento mental — e do eu eficaz. Compreendes que, em torno desse compartimento mental ou psíquico, os outros elementos do eu são construídos — a imagem física e as suas extensões no ambiente físico. Esse processo, em vários planos, está constantemente em curso.

A entidade — cada entidade — foi formada desta forma, e por sua vez envia as suas criações sob a forma de outras personalidades — e essas personalidades enviam, por sua vez, as suas próprias construções psíquicas e físicas.

Quando falei da transformação da energia no interior do compartimento mental, disse que ela era transformada em matéria — mas também noutras construções.

Com certeza, nem toda a energia se converte em matéria física — mesmo no plano físico, como deves saber. E já mencionei anteriormente que os sonhos não são estéreis — também constroem, segundo a natureza das suas próprias propriedades.

A propósito, menciono aqui o sonho do Ruburt, no qual ele falava de forma tranquilizadora a dois homens doentes com cancro, dizendo-lhes que este material afirmava que ele próprio também tinha cancro.

Este sonho é uma continuação de outro, no qual o Ruburt estava consciente da morte de uma mulher idosa que era médium. Terei de explicar esse primeiro sonho — o mais antigo — para que este segundo se torne compreensível.

No primeiro sonho, o Ruburt recordava a sua morte anterior. Tinha sido uma mulher médium, em Boston, e morrera aos 82 ou 83 anos de idade, vítima de cancro. Nessa altura, não tinha medo da morte, pois

conhecia a sua verdadeira natureza. Nas divisões em redor, havia outros idosos — dois deles, em particular, eram homens aterrorizados com a ideia da morte, e ambos também estavam a morrer de cancro.

(Ver os detalhes dos sonhos da Jane na página 5. Para mais informações sobre as vidas passadas imediatas da Jane e minhas em Boston, antes da Guerra Civil, consultar a 59.ª sessão, Volume 2, página 140. A nossa ligação com Dee Masters, mencionada por Seth nesta sessão, também é abordada brevemente nessa mesma sessão.)

No segundo sonho do Ruburt, ele não sentiu qualquer temor ao falar de ter cancro — porque, nesse momento, não tinha medo. Tranquilizou os dois homens. Um deles era operário num estaleiro naval; o outro fora advogado na juventude, mas morreu pobre, devido a dificuldades.

O segundo sonho surgiu devido a memórias subconscientes libertadas pelo primeiro sonho — e, curiosamente, todo esse bloco de memória foi desencadeado pelo facto de o Ruburt ter tido recentemente algum problema com o seu ciclo menstrual. Isso estava-lhe na mente, e veio à consciência quando surgiu a possibilidade de que tal dificuldade pudesse ser sintoma de cancro.

Rejeitou esse pensamento, remetendo-o para o seu subconsciente pessoal, mas por associação foi desencadeada a lembrança de uma morte anterior por cancro, que foi então representada no sonho. Ainda assim, o sonho reconfortante foi o primeiro a ocorrer. No primeiro sonho, estava consciente de que a mulher trabalhou até ao fim, de forma construtiva — e que atravessou a transição com pouca perturbação pessoal. Só depois desse sonho é que a informação de que a mulher morrera de cancro foi permitida emergir.

O facto de o Ruburt não ter sentido — nem durante nem após o sonho — qualquer sensação de fatalismo ou de medo foi uma pista de que o sonho não era clarividente, no sentido de prever o futuro. Só muito mais tarde é que começou a preocupar-se com o sonho, porque muitos dos seus sonhos anteriores tinham sido clarividentes — e perguntou-se então o que distinguia este dos demais.

Eu… queres fazer uma pausa?

("Sim.")

Continuarei depois.

(A Jane estava completamente dissociada — "longe", como costuma dizer. A minha mão de escrita não acusava cansaço, mas pedi a pausa por pensar que a Jane talvez quisesse. Ela disse que se sentia bem. Retomou com o mesmo tom normal.)

Os homens tranquilizados pelo Ruburt no sonho não apareciam como sendo idosos, embora o acontecimento original, da vida passada, envolvesse homens nos seus 70 anos. Esta foi uma distorção introduzida

pelo subconsciente pessoal, para acentuar a aparente separação entre os dois sonhos.

A nível consciente, mesmo tendo recordado ambos os sonhos, o Ruburt não via qualquer ligação entre eles. Isto está de acordo com a inclinação, por vezes necessária, do subconsciente em bloquear esse tipo de conhecimento.

Um ponto a esclarecer: não se compreende suficientemente que a camada mais superficial — ou pessoal — do subconsciente está preocupada em manter o controlo autoritário e a posição do ego consciente. As suas inibições destinam-se sempre a proteger o ego.

Não prolongarei esta sessão por muito mais tempo. Vais perceber que a análise dos teus sonhos contribuirá para o teu desenvolvimento interior — e também facilitará a tua vida no mundo exterior. Sugiro que registes os teus sonhos, Rob, sempre que possível — e que deixes cópias dos sonhos que queiras analisar sobre a mesa antes das sessões.

Há também uma razão para o facto de a Jane ter visto a antiga diretora da galeria no sonho da mulher idosa, imediatamente após perceber que a mulher tinha morrido. Já referi que essa mulher foi conhecida vossa numa vida anterior. Foi por isso que o Ruburt a viu. No entanto, os elementos do sonho estavam já a desintegrar-se, e ele viu a mulher na forma que lhe é familiar nesta vida. A máquina de lavar que viu é um excelente exemplo de distorção subconsciente e de fabrico simbólico.

Na vida passada, esteve ligado a ti. E aquilo que então não sabia — e sabia muito — captou telepaticamente de ti. A máquina de lavar foi uma distorção visual da ideia de um navio, que ele interpretou como sendo uma "banheira". E da banheira saltou para a máquina de lavar, cheia de água.

Isto referia-se, na verdade, a um navio sobre a água — numa época em que atravessaste o Atlântico e chegaste a Boston. No sonho, a banheira ou máquina de lavar apresentava uma fuga de água — mas apenas por um momento. Isso remetia para uma situação em que foi detetada uma infiltração no navio. Este evento, nota, situa-se ainda mais atrás no tempo. O sonho do cancro também era sobre uma vida passada, embora menos remota.

A sequência de sonhos dessa série de dias envolveu, primeiro, a perceção da morte anterior da Jane — e, na mesma noite, recuou ainda mais, para eventos muito anteriores. O propósito de toda a sequência era reconfortante — e, em termos globais, dizia respeito à reação interior da personalidade perante a chegada simbólica do inverno e a morte que ele sugere.

A um certo nível, portanto, a Jane antecipava psiquicamente o inverno e o seu simbolismo — e envolveu-te nessa preocupação. O sonho dizia que a Jane já morrera uma vez, e no entanto vivia de novo — e que, tal como

sobreviveras a um velho navio com fugas numa determinada ocasião, também os eus fundamentais sobreviveriam sempre.

Ao mesmo tempo, as preocupações mais conscientes, comuns a todos, manifestavam-se na Jane através da inquietação com o cancro — e o sonho dizia: "Já morreste de cancro. Isso não voltará a acontecer." O sonho tinha, pois, significados em vários níveis.

Não há utilidade em dar-te uma análise superficial, pois os sonhos transmitem geralmente conhecimento que pode ser aproveitado por diversos níveis da personalidade. Ainda que, a nível consciente, a informação percebida e organizada pelo subconsciente não seja compreensível para o ego, é, mesmo assim, utilizada por toda a personalidade.

Vou agora encerrar a sessão — e desejo-te sonhos agradáveis.

("Boa noite, Seth."

(A Jane estava, mais uma vez, bastante dissociada — "fora de si", como costuma dizer — e perdeu a noção do conteúdo transmitido. Mal tínhamos começado a discutir o material dos sonhos quando, subitamente, ela retomou a ditar, sentada à minha frente, à mesa. Retomámos às 23h18.)

Gostaria de acrescentar uma observação. No sonho, a Jane disse que o material lhe dizia que tinha cancro — porque, numa vida passada, teve conhecimento clarividente, através da sua capacidade psíquica, da doença que viria a ter. E, uma vez que essa capacidade psíquica só veio a manifestar-se recentemente, com este material, podes agora ver a ligação.

SESSÃO 88

O SUBCONSCIENTE

16 DE SETEMBRO DE 1964

(Às 20h50 desta noite, a Jane não fazia ideia sobre qual seria o conteúdo da sessão. Estava muito cansada — mais do que eu imaginava — e, secretamente, esperava por uma sessão curta. Não mo disse, para não me desiludir.

Em linha com o conteúdo da sessão anterior, a Jane andava a estudar o seu caderno de sonhos com novo respeito, e eu tinha decidido começar um, embora ainda não tivesse feito nada nesse sentido. A Jane começou a ditar à hora marcada; começou com um ritmo lento, que depois acelerou. Caminhava lentamente e os olhos estavam, como de costume, escurecidos.)

Vou agora desejar-te uma boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Devias manter registo dos teus sonhos, Rob. Em muitas ocasiões, a informação que eles contêm pode ser útil, depois de analisada em estado consciente.

Nem todos os sonhos são clarividentes. Tal como existem níveis de inconsciência ou de subconsciente, também cada um desses níveis tem a sua própria atividade — e traduz, simboliza ou até distorce dados válidos, de acordo com o grau de profundidade subconsciente através do qual os dados conseguiram emergir.

O que os psicólogos chamam de "associação" é, de facto, uma característica psicológica importante. O que eles não compreendem, no entanto, é que, nos níveis mais profundos da atividade subconsciente, essas associações podem originar-se no conhecimento latente e na experiência do eu interior em vidas passadas.

Claro que também existem conjuntos peculiares de associações que foram recolhidos apenas nesta existência. Mas mesmo entre aquelas que parecem ser desta vida, há associações — geralmente centrais — que provêm de existências anteriores e que se fundem com as atuais.

A camada mais superficial do subconsciente contém, predominantemente, associações presentes. Mas mesmo aí estão entrelaçadas associações cuja origem se encontra noutro tempo ou noutro lugar. Podemos chamar-lhes associações unificadoras do eu, pois a sua presença nas camadas superiores do subconsciente proporciona um sentido de continuidade psíquica — ainda que o ego não tenha consciência disso.

Por um lado, há semelhanças fundamentais entre a personalidade de um indivíduo ao longo das várias vidas — e por isso, é natural que muitas associações de natureza semelhante surjam.

Quando falo de níveis do subconsciente, faço-o apenas por simplificação, pois a mente não tem um "topo" ou um "fundo" — apenas um ponto de foco presente, a partir do qual se podem tomar perspetivas e formar novos pontos de vista. É teoricamente possível, por exemplo, mudar o foco, mergulhar — por assim dizer — duas vidas atrás, e olhar de lá para o presente.

O ego não consegue alterar assim o seu foco, mas o ego interior, de que já falámos, é de facto o "eu" que sonha — é o "eu" que experiencia, quando o ego "eu" está adormecido.

Quando a hipnose for mais bem compreendida e usada — e quando forem descobertos outros dispositivos psicológicos — será então possível mudar o foco dessa forma, e, através de testes psicológicos, descobrir os tipos de personalidade, os tipos individuais que habitam os vários estágios do subconsciente.

Esses vários estágios do subconsciente representam aquilo que outrora foi o ego consciente de um indivíduo — agora deixado quase como um

património arqueológico vivo, a partir do qual o indivíduo atual pode retirar conhecimento, continuidade psíquica e equilíbrio.

O subconsciente desses indivíduos, outrora ativos, reuniu-se novamente ao ego interior — que representa sempre o verdadeiro eu — e avançaram conforme as suas capacidades e desejos.

Sugiro agora uma pausa.

(A Jane estava dissociada, como de costume. A sua fala era agora mais rápida; a voz, ligeiramente mais grave do que no início da sessão. Retomou com o mesmo tom.)

Tal como as camadas fossilizadas da crosta terrestre, também as camadas do subconsciente guardam intatos os vestígios das vidas passadas de um indivíduo. E tal como as eras físicas podem ser deduzidas através do estudo das camadas de rocha, também o tempo e o local das vidas passadas podem ser deduzidos através do estudo das camadas do subconsciente.

Usando esta analogia, o subconsciente pessoal atual poderia ser comparado à camada superior do solo, relacionada com as estações do presente. Por ela passam as raízes das emoções e desejos vivos. Imediatamente abaixo — ainda dentro da analogia — encontram-se os nutrientes e sementes desses desejos.

As camadas superiores do subconsciente contêm, portanto, em primeiro lugar, necessidades e desejos quase conscientes, logo abaixo da superfície — e, sob estes, outros mais profundamente enterrados, que recuam até ao nascimento, como folhas secas de outono que ainda conservam vestígios da sua pigmentação original.

A segunda camada — ainda do subconsciente pessoal — contém os elementos mais temidos, por razões psicológicas individuais. São elementos que, com alguma frequência, emergem como num terramoto, para abalar a superfície aparentemente sólida do ego.

Sob essa camada, num terceiro nível subconsciente — ainda dentro da presente personalidade — estão possibilidades de desenvolvimento que permaneceram estéreis e não tiveram força suficiente para lançar sementes à luz do sol da consciência do ego.

É a partir desta camada que podem, por vezes, surgir as chamadas personalidades secundárias — geralmente provocadas por um desses "terramotos psíquicos" de que falei. Tal como os terramotos fazem emergir lava do interior da Terra, também algumas personalidades secundárias, ao emergirem de forma explosiva, trazem consigo detritos de outros níveis do subconsciente — frequentemente personificando-se sob a forma de medos reprimidos e assustadores, que até então não tinham encontrado veículo de expressão.

É também possível que essas personalidades secundárias, ao emergirem, concedam acesso a capacidades enterradas — aptidões benéficas e construtivas que estavam ocultas sob o peso de medos mais

profundos. Em todo o caso, este nível representa a última divisão daquilo que podemos chamar o subconsciente pessoal presente — e ainda assim representa apenas uma pequena parte do eu interior, sendo composto pelas porções mais facilmente acessíveis.

Existem métodos — alguns dos quais já conheces — que tornam relativamente fácil a entrada nestes níveis. Antes de continuar com a discussão de outras camadas — e, a seguir, com uma exposição que ligará diferentes tipos de sonhos às suas origens nestas camadas — deixo-te aqui uma afirmação oportuna e pertinente:

O efeito benéfico ou prejudicial da emergência de personalidades secundárias deve ser avaliado segundo o impacto que têm — para o bem ou para o mal — sobre a personalidade dominante. Pois, na vossa existência, a personalidade dominante é necessária — e deve manter-se numa posição de autoridade para lidar com o mundo físico.

(A Jane sorriu. Com um pé apoiado numa cadeira, inclinou-se na minha direção e falou com um ar bastante divertido.)

Não represento uma dessas personalidades secundárias. No entanto, incluí este material para tua edificação — para os momentos em que imaginas que o sou.

Este fenómeno é mais comum do que imaginas — embora, infelizmente, em muitos casos, a personalidade secundária dê forma a medos enterrados e fantasias que são prejudiciais para a personalidade dominante. E mais: por terem sido libertadas por um terramoto psíquico, essas personalidades emergem com força — e, por vezes, com mais energia do que a personalidade presente consegue suportar, ficando assim em posição de ditar as regras à personalidade dominante.

As personalidades secundárias, nestes casos, são, como vês, um todo composto por forças subconscientes unificadas e poderosas, há muito impedidas de se expressarem, enquanto a personalidade dominante — ou a personalidade que tem sido dominante até então — tem mantido a sua posição, sendo pressionada por divisões diversas impostas pela sociedade e pelo ambiente.

Sugiro uma pausa.

(A Jane estava dissociada como de costume. Embora estivesse muito cansada antes de começar a sessão, disse sentir-se agora bem. A minha mão, apesar da rapidez da sessão, ainda não acusava fadiga. A Jane retomou com voz normal às 22h04.)

Essas personalidades — isto é, essas personalidades secundárias — não representam encarnações passadas, embora algumas das suas qualidades possam ter origem numa vida anterior.

Com frequência, estas personalidades secundárias mascaram-se, adotando por um tempo posturas morais semelhantes às da personalidade

dominante. No entanto, estas posturas são rapidamente descartadas à medida que a personalidade secundária se insinua de forma mais profunda.

Se eu fosse uma personalidade secundária, por exemplo, já teria há muito abandonado qualquer aparência de preocupação pela identidade do Ruburt. Além disso, os padrões de medo de que eu seria composto já ter-se-iam manifestado há muito tempo.

E nenhuma informação verdadeiramente valiosa teria sido transmitida — a menos, claro, que a Jane não possuísse canais criativos próprios bem desenvolvidos. Pois, por vezes, uma personalidade secundária benevolente pode, de facto, funcionar como uma via para aptidões criativas que o ego dominante não consegue utilizar.

Com isto, terminamos — por agora — a análise do subconsciente pessoal imediato.

Ora, uma vez que estamos a pensar em termos de camadas arqueológicas, continuaremos a expressar-nos nesse mesmo registo. Assim: imediatamente abaixo do subconsciente pessoal, encontrarás, através de hipnose ou associação dirigida, uma camada que diz respeito ao período anterior a esta vida — e posterior à vida anterior.

Como esse período esteve, até certo ponto, livre da camuflagem, é a partir dele que podem ser recebidas comunicações sobre o conhecimento da entidade sobre si própria e sobre a realidade não camuflada. Dessa experiência indiferenciada entre vidas físicas, pode ser obtida informação valiosa sobre a realidade que existe para além — e independentemente — da matéria.

A partir desse ponto de foco, pode estabelecer-se comunicação entre essências de personalidade que já não se encontram no campo físico e aquelas que ainda nele estão — desde que estas últimas consigam retirar o seu foco do ego e dirigi-lo para esse nível particular.

É precisamente a partir desse ponto de foco que pode ocorrer a comunicação entre o que chamam os "vivos" e os "mortos".

Este ponto de foco necessário pode ser atingido por meio de transe, hipnose, auto-hipnose, ou por outras disciplinas específicas. Pode também ocorrer espontaneamente — por exemplo, quando se dá uma reação emocional intensa; através de circunstâncias externas. O que o Ruburt leu sobre isto no passado está parcialmente correto.

Explosões emocionais provocam alterações químicas — e certas condições químicas podem facilitar esse tipo de comunicação. No entanto, é um facto que, geralmente, é a comunicação que provoca as reações químicas — e não o contrário.

A um certo nível, contudo, isso pouco importa — pois tais comunicações decorrem constantemente em níveis subconscientes, raramente atingindo o conhecimento do ego. Assim, os indivíduos ficam subconscientemente condicionados — e sublinho: *subconscientemente*

condicionados — a esperar esse tipo de comunicação sempre que ocorrem certas alterações químicas. Como essas alterações também acontecem por outras razões em momentos semelhantes, na prática, as comunicações acabam por ocorrer com mais facilidade nesses momentos.

Essas alterações químicas, sem um foco subconsciente apropriado, podem resultar em clarividência ou telepatia suficientemente fortes para atingirem, por vezes, o nível consciente. Mas, quando se alcança o ponto de foco adequado, essas comunicações estabelecem uma ligação direta entre os vivos e as porções de essências de personalidade — os chamados "mortos" — que ainda mantêm, pelo menos, uma ligação psíquica com a vida no vosso campo.

Sugiro uma pausa.

(A Jane estava "longe" — completamente dissociada. Disse que o Seth estava pronto a continuar. O ritmo tinha sido tão rápido que a minha mão de escrita começava a ressentir-se. A Jane retomou com a mesma voz normal, embora bastante rápida.)

É evidente que as pessoas variam muito na sua capacidade de alterar o ponto de foco. Muitas têm dificuldade em fazê-lo. Algumas, pelo contrário — graças a um bom desenvolvimento interior e a uma comunicação eficaz com o eu interior — sentem-se suficientemente seguras para alterar o foco espontaneamente, como quem muda de estação de rádio, mantendo, no entanto, a consciência do "eu" que ouve.

Isto está inteiramente dentro das capacidades naturais da Jane. No entanto, os controlos que adotou nesta vida fizeram com que essas capacidades se manifestassem tarde — e agora são necessários treino e confiança para que possa adaptar-se espontaneamente.

O seu ego teria corrido o sério risco de se tornar uma prisão rígida para o seu eu intuitivo, devido aos mecanismos defensivos que precisou de desenvolver contra os aspetos mais difíceis e ameaçadores da personalidade da sua mãe.

Tal como está, ainda não tem confiança interior suficiente para libertar totalmente as suas capacidades — no sentido de mudar o seu ponto de foco. Foi a escrita criativa, adotada cedo, que o salvou de se tornar uma personalidade rígida e congelada. E se tivesse desenvolvido um ego tão petrificado, estaria agora em circunstâncias perigosas — pois a sua forte natureza criativa acabaria, inevitavelmente, por romper essa estrutura de pedra de forma desastrosa.

Ter encontrado em ti, Rob, um parceiro completo — tanto psíquico como sexual — também o ajudou a evitar esse destino. Teria, de qualquer forma, acabado por utilizar as suas capacidades psíquicas — mas, nesse caso, elas teriam sido usadas como ferramentas do subconsciente pessoal, de formas muito diversas, o que acabaria por romper irremediavelmente a unidade e integridade da sua personalidade.

Debaixo dessa camada indiferenciada do subconsciente, encontramos — e os psicólogos também poderão encontrar através de testes e hipnose — uma camada composta por memórias relativas a cada existência passada, separadas por camadas entre vidas que, novamente, são indiferenciadas.

É possível obter conhecimento histórico e verificações de identidade — ou identidades — através da comunicação com essas camadas do subconsciente que tratam das vidas passadas. No entanto, geralmente, não se pode recolher aqui nenhuma informação que tenha sido desconhecida para a personalidade anterior em questão.

Alguns indivíduos particularmente dotados podem usar um desses níveis como ponto de foco, olhando inclusive para a personalidade atual — mas isso é raro.

As comunicações que transmitem informações válidas sobre a realidade por detrás do mundo da camuflagem têm de ser alcançadas através de uma das camadas de separação entre vidas.

No que podemos chamar o "fundo", existe uma camada do subconsciente ligada à herança racial — relacionada com a vaga primeira materialização do homem. E abaixo desta, uma herança ligada à compreensão da realidade enquanto matéria física *antes* da evolução física do homem — seguindo para trás até ao primeiro eu interior, dentro do seu compartimento mental, suficientemente habilitado para traduzir e transformar a sua energia psíquica na primeira manifestação física minúscula, a partir da qual todas as restantes construções físicas fluíram.

Estas sessões vêm de — ou são recebidas através — daquilo a que podemos chamar, já que estamos a usar uma terminologia de sucessão, o terceiro nível indiferenciado, abaixo das limitações do subconsciente pessoal do Ruburt.

Sem bloqueios, portanto, ele teria acesso completo às três vidas anteriores que já viveu — em detalhe. E, como as suas capacidades são fortes, teria também acesso às tuas três vidas anteriores — pois capta muita informação de ti por via telepática.

Sugiro uma breve pausa, e depois retomarei apenas por pouco tempo. O material dos sonhos para o qual estou a conduzir-vos não será, portanto, abordado nesta sessão.

(A Jane estava dissociada como de costume. A voz soava um pouco rouca no final da entrega, embora dissesse não estar muito cansada. A minha mão de escrita, no entanto, já sentia fadiga. A Jane retomou com o mesmo tom.)

Estas chamadas "camadas" do subconsciente, no entanto, não são camadas reais — mas sim partes do presente ampliado.

Na verdade, todas essas vidas passadas, e a vida presente, ocorrem simultaneamente. Contudo, esta ideia não pode ser compreendida a nível consciente.

O material do Frank Watts representava uma comunicação ao primeiro nível dos campos indiferenciados. Tanto a Jane como Frank Watts estavam a experimentar. De acordo com as capacidades e o desenvolvimento de um indivíduo, ele pode mudar o foco de forma a abranger realidades cada vez mais afastadas das preocupações do ego — e nesse aspeto, a Jane tem avançado bastante. A frase "dai a César o que é de César" é bem escolhida. Como vês, conheço melhor as expressões bíblicas do que qualquer um de vós.

(A Jane entregou esta observação com bom humor.)

Por outras palavras, o ego da Jane deve — e está — justamente ocupado com o contato, o desenvolvimento e o progresso no plano físico. O seu ego é crítico. É o seu ego interior que é intuitivo, e que fornece ao ego crítico o material a partir do qual os seus livros são escritos. Naturalmente espero que tanto o seu ego como o teu avaliem criticamente o que temos feito aqui, o que faremos, e também quaisquer sugestões que eu possa fazer-vos. Mas, igualmente, as suas capacidades devem ser usadas de forma mais vantajosa nas nossas sessões — e sei que isso só acontecerá quando o seu ego estiver seguro, após exame do nosso material, da sua validade.

E é assim que deve ser. É precisamente porque as suas capacidades — e a fé que ela tem em ti — são tão fortes, que podemos submeter este material à prova com segurança. E ele tornar-se-á, com o tempo, cada vez mais disponível para o uso das suas próprias capacidades.

Sugiro que ambos voltem a experimentar o tempo psicológico. A Jane tem grande confiança nesses exercícios quando são bem-sucedidos — e quando sabe que eu não estou diretamente envolvido neles. O outono será uma estação auspiciosa nesse sentido. Quando chegar a nossa próxima sessão, discutirei o nível mais distante do subconsciente em relação ao ego presente, as vantagens particulares dos níveis indiferenciados, e darei início a uma exposição sobre os sonhos e os tipos de sonhos que surgem a partir das várias camadas.

Desejo-vos agora uma calorosa boa noite — mas com uma última observação:

Caro Rob, quando disse que ambos estavam em excelente condição geral, não quis dizer que ignorava a tua rinite alérgica anual — e vamos, em breve, abordar as causas e alívio desses sintomas. Referia-me ao facto de que as vossas reservas psíquicas vitais estão a ser bem utilizadas, e que a vossa saúde geral, acredita, é excelente. Se te recordares da tua antiga e grave dor nas costas — e a da Jane, que desapareceu por completo — deverás compreender o que quis dizer.

Espero uma crítica razoável — de facto, aprecio-a. Mas comentários mesquinhos encontram-me com muito pouca gratidão. E agora, velhos amigos, podem dar a noite por encerrada — ou chamar-lhe o que quiserem.

("Boa noite, Seth."

(A Jane estava dissociada como de costume. Terminou a sessão com um tom de humor carregado. Estava agora bastante cansada, e comentou que, para o estado em que se encontrava no início da sessão, teria de estar "totalmente fora" para conseguir ditar algo. A minha mão também já estava bastante cansada.)

SESSÃO 89

19 de Setembro de 1964

(Sábado e domingo, 19 e 20 de setembro, a Jane e eu passámos a visitar o meu irmão, o William Richard, e a esposa dele, a Ida, em Rochester, NY. O Bill tem atuado como depositário da segunda cópia (carbono) do material do Seth. A Jane e eu sempre fizemos questão de manter uma cópia a papel químico de qualquer material escrito — prosa, poesia, etc. — em mãos separadas, fora da nossa casa, como proteção contra perdas por acidente, incêndio, etc.)

(Não pedimos que o Bill acompanhasse o material sessão a sessão, por acharmos que lhe cabia a ele decidir se lhe prestava atenção ou não. A Jane e eu ficámos, portanto, agradavelmente surpreendidos ao saber que o Bill e a Ida tinham lido parte do material; e, embora não lhe fossem hostis, ainda assim expressaram um ceticismo saudável — uma atitude que a Jane e eu preferimos de longe a qualquer crença crédula e excessivamente entusiasta, assumida cegamente.)

(O irmão da Ida, o Louie, também vinha a acompanhar o material de forma um pouco mais aprofundada e visitou-nos aos quatro em casa do Bill, na noite de sábado. O Louie tem tido mais experiência do que a Jane ou eu com atividades de PES; e, quando no decorrer da conversa surgiu a questão de a Jane dar uma sessão, a Jane e eu ficámos algo surpreendidos, por não estarmos à espera disso, e nada fizemos para forçar acordo quanto a tal ideia. Contudo, quando nos convencemos de que uma sessão era bastante bem-vinda para a Ida, o Bill e o Louie, ainda que apenas por curiosidade, a Jane e eu concordámos tentar realizar uma.)

(Sentámo-nos na sala de estar totalmente iluminada. Eu tinha no colo um molho de folhas de notas e a minha caneta à mão. A Jane sentou-se calmamente do outro lado da sala enquanto nós, os restantes, trocávamos ideias sobre o assunto. Já se fazia tarde, já tínhamos tido um dia ativo de viagem e visitas e, quanto a mim, não tinha a certeza de quão eficaz poderia ser tal sessão. A Jane tinha comentado que não fazia ideia se

conseguiria dar uma, e não tinha a menor noção de qualquer possível tema.)

(A Jane levantou-se então abruptamente e começou a ditar com uma voz um pouco mais forte do que o habitual, sem saudação. O Bill anunciou-me a hora. A Jane falou bastante alto, mas a um ritmo médio. Os olhos dela, reparei, estavam excecionalmente escuros.)

Não procurarei aqui realizar uma sessão completa.

Ainda assim, dou as boas-vindas a todos os presentes e espero que também eu seja bem-vindo, neste que podemos chamar um agradável convívio de família.

Não era necessariamente minha intenção realizar uma sessão esta noite. Ainda assim, senti de antemão um acolhimento legítimo; e, dado que já sinto como se conhecesse muito bem dois dos presentes e, além disso, já tratámos deles no nosso material, estou mais do que disposto a cumprimentar ambos pessoalmente.

(Aqui, é claro, o Seth refere-se ao Bill e à Ida, por ter dado alguma informação sobre as vidas passadas deles em várias sessões, há muitas sessões.)

O outro homem não esteve envolvido com nenhum de vós numa vida passada, nem eu o vejo na Inglaterra de uma era qualquer. Ao invés, vejo-o na área do Mediterrâneo por altura de 1500, período esse que o seu presente impedimento no discurso (fala) teve origem. O impedimento, que começou nessa vida, em 1507, representou um tempo em que ele não se pronunciou, quando devia tê-lo feito, por estar em jogo a vida de um homem. Ele não falou por causa do medo, e agora quando ele deseja mais falar, ele não consegue.

Isso pode ser remediado. Uma sensação de culpa acatada ao longo de uma vida é de certo modo compreensível. Uma sensação de culpa que persiste desde 1500 é, com efeito, é levar a consciência um pouco longe demais. Ele fez mais do que compensar a ofensa original, a qual é compreensível dadas as circunstâncias.

(Aqui, a Jane apontou para o Louie.)

Houve um exército oriundo de um outro país, uma invasão. Um homem na companhia desse indivíduo foi dado como desleal. Este homem, *(apontando, mais uma vez Louie,)* agora presente nesta sessão, foi considerado um membro desleal. Ele negou-o. Mas, quando eles decidiram que um outro homem inocente era o culpado, um homem que ele sabia ser inocente, para salvar o próprio pescoço ele deixou que eles pensassem que o inocente era culpado.

Ele pagou uma e outra vez por isso. Ninguém lhe pediu que o fizesse. Ele tomou muito mais consciência e ficou mais incomodado do que a maioria ficaria com a traição que cometeu. Na vida imediatamente anterior, ele flagelou-se com um braço inutilizado, o braço direito, de modo a poder

apontá-lo mais. Desta vez o defeito adotado é menor, e constitui um mero incómodo. Mas incómodo demais torna-se numa forma de tortura.

(Agora a Jane apontava para mim.)

(Imediatamente a seguir à sessão foi-nos dito que o indivíduo em questão não faz uso do braço direito com a maioria das pessoas faz, mas que é ambidextro.)

Não há mais necessidade disso. Por outras maneiras, por ações construtivas, ele fez mais do que compensar.

Tu já devias saber *(apontando para mim, Rob)* e a Jane deveria certamente sabê-lo, que vós formais a vossa própria imagem de uma maneira bastante efetiva e prática, com todos os seus defeitos, me razão dos vossos próprios motivos. O mesmo fez ele.

A perceção de que mais do que compensou a traição original deveria resultar, caso ele aceite intimamente a informação, numa diminuição dos sintomas que poderiam resultar, por sua vez, no seu desaparecimento.

(A Jane sorriu.)

E, ele conhece o indivíduo a quem certa vez traiu dessa forma. Nesta vida ele *(mais uma vez apontando para o Louie)* conhece-o, e tem sido amável com ele, e tem cedido muito em favor desse indivíduo a quem ele, certa vez, por uma questão de medo, traiu.

O carma não envolve nada tipo 'olho por olho' nem sugestão de castigo. O carma consta meramente, no plano físico, do resultado do desenvolvimento pessoal, e representa a perceção amadurecida de que somos todos psíquica e fisicamente parte do Tudo Quanto Existe, e que quando ofendemos ou magoamos, não é a outro que ofendemos mas a nós próprios.

Mas não temos que carregar essas cicatrizes para sempre. Há um momento em que precisamos subconscientemente perdoar as transgressões que tivermos cometido.

(Durante o intervalo foi aventado que o Louie nesta vida não faz uso do braço direito para todas as coisas, mas que mostra ser um tanto ambidextro. A ida associou o facto, que nem a Jane nem eu tínhamos percebido, ao facto de numa vida passada o braço direito não ter sido usado pelo Louie.)

Trata-se com efeito, de uma ansiedade e temor básicos. A personalidade consegue expressar-se muito bem. Em 1500 ele foi eloquente, e é precisamente por causa dessa eloquência, tão persuasiva, tão falas mansas, que levou os seus superiores nessa época a acreditar que na acusação feita contra o homem inocente, que ele agora receia usar de eloquência, por certa vez se ter permitido escapar justificando-se nela.

É o presente desejo da personalidade de se expressar, contrariado pelas recordações subconscientes dessa vida passada, com o seu receio dos

efeitos da eloquência usada sem discrição, que agora lhe causa essa dificuldade.

O presente desejo de expressão não mudará com certeza. É por conseguinte, o receio da expressão que precisa ser eliminado. Mas tampouco poderá a eliminação ocorrer sem a perceção por parte desta personalidade de que ele pode, com efeito, confiar nele próprio. Por ambos, o receio e a ansiedade se basearem na resultante desconfiança na capacidade que ele tem de lidar com a eloquência ou a expressão verbal.

Mas dado que eu não darei uma sessão simplesmente por dar uma sessão, e por não deixar que a Jane não me faça desfilar como parte do seu precioso subconsciente, eu vou falar de facto como eu próprio; só que em termos que ajude outro e em benefício desse outro. E não obstante as furiosas tentativas que a Jane faz por me bloquear, eu vou realmente dizer que a pessoa que foi outrora traída pela personalidade em questão foi o presente pai da personalidade, e ele sabe disso,

(Quem é que sabe disso?)

subconscientemente; subconscientemente o pai tem consciência disso. E por que mais haveria ele de exigir de um filho aquilo que pai nenhum tem o direito de exigir?

Ele, o pai, subconscientemente teve conhecimento e recordou essa traição, e fez por que a presente personalidade pagasse, e pagasse tudo. Não estou a querer dizer que, conscientemente, o pai tivesse a intenção de ser rude ou de se vingar, tal como não estou a querer dizer que a Jane tivesse a intenção de usar de ser indelicada ou de se vingar do Walter Zeh *(primeiro marido).* Contudo, não terá esse sido o resultado aqui?

(Apontando para o Louie.)

Ele tirou tanto quanto deu, e havia modos astutos e secretos em que o pai o recompensou. No entanto aqui constatamos mais conflito, por efetivamente o presente pai amar o presente filho. Não é o filho que ele magoaria. É o homem que o filho certa vez foi.

Assim, ao retribuir a paga ao seu velho traidor, o pai magoa o filho sem o saber. Não é capaz de compreender a própria crueldade que usa com respeito a ele, nem os atos que é impelido a empreender. Tampouco pode o filho, que ama o pai, compreender que a crueldade do pai, ou o seu próprio sentido de gratificação recebido das maldades. Ele, com a sua consciência sem remorsos, acolhe as maldades, por elas o levarem a sentir que está a penitenciar-se, e porquê?

Por uma ofensa que foi paga em pleno. Mas cada ato de crueldade cometido pelo pai magoa mais o pai, por ficar perplexo com a rudeza dos próprios atos que tem para com o próprio filho, por quem os sentimentos conscientes que nutre são deveras fraternos.

Mas, uma vez mais. . . *(apontando para o Louie)* ele sabe disso, e sabe que suportando os pequenos atos de crueldade ele sai a ganhar a dobrar.

Por um lado ele tenta convencer-se de algo que é com efeito facto. Ele não tem mais nada por que se penitenciar. Ao suportar os infindáveis atos de pequena maldade ele procede a uma penitência desnecessária, mas ao mesmo tempo riposta provocando ao pai horas de remorso. Em todas as relações esses efeitos entrelaçados exercem, muita vez, efeitos dos mais desagradáveis.

A personalidade deixou a casa, para regressar a ela. Ele regressou a fim de se assegurar uma vez mais de que com efeito tinha pago a dívida subconsciente, como com efeito pagou. Mas aqui, uma vez mais, o condicionamento dominou, assim como os velhos modos e as velhas reações.

(Creio que esta passagem se refere ao facto do Louie ter voltado a Rochester da Califórnia há uns meses atrás. Por ora o Louie está a viver com os pais, por se encontrar solteiro, e está a trabalhar no emprego do pai. O Louie também observou que o impedimento de que padece na fala não o incomodou enquanto viveu na Califórnia, conforme incomoda atualmente.

(Durante o intervalo seguiu-se uma conversa com o Louie, a Ida e o Bill em que as questões de família foram debatidas. Não estando versada nelas, a Jane pouco foi capaz de dizer, e não tivemos maneira de saber o quão válido terá sido o material, ou prove ser.)

Para racionalizar (a Jane aponta para o Louie), esta personalidade, bem como todas as personalidades, a fim de dar à presente identidade uma explicação mais ou menos lógica de um sintoma que tem origem no passado, a personalidade gera um acidente real que pode passar a ser apontado pelo subconsciente pessoal como bode expiatório.

Tudo se torna claro. Isto e aquilo sucedeu-me aos cinco ou seis anos de idade, mesmo depois de eu ter agido assim e assado. O mesmo sucede com os olhos da Jane. A reação de pânico, que é verdadeira, o medo de ver a realidade como era quando era criança; mas com efeito isso era apenas um sintoma de um sintoma, e não a origem.

O incidente, o incidente conveniente que deu origem, ou melhor, o incidente que permitiu que a personalidade finalmente projetasse o sintoma, neste caso teve início numa tarde de Sábado, e não é recordado conscientemente pela personalidade (Louie) e não era do conhecimento de mais ninguém.

O incidente, e eu vou mencioná-lo embora conscientemente não signifique nada, o incidente representou o sucesso final do indivíduo após muitos fracassos a fim de produzir, ou parecer produzir, o conjunto peculiar de sintomas que ele sentiu ser necessário para poder pagar as velhas dívidas. Na tarde de Sábado ele estava com cinco e não seis, mas por razões não previstas foi deixado a sós por uns meros dez minutos numa casa grande, em circunstâncias tais que apenas por um breve espaço de

tempo ninguém se achou presente. Ele jogou com uma bola grande, e o incidente real foi tão simples e sem complicações que em circunstâncias normais não teria resultado no que resultou.

Às três da tarde foi para a cozinha para onde ela correu depois de brincar com ela. Uma porção do fogão de sala foi deixada aceso; e embora não houvesse perigo de incêndio, a criança receou o fogo. Mas essa não foi a causa do súbito terror. Na verdade, foi a visão daquela porção do fogão de sala iluminada que a levou a tentar gritar. Há algo mais aqui, mas a nossa casmurra da Jane efetivamente sugeriu que eu devia manter silêncio.

O facto é que a criança tentou gritar. Ao mesmo tempo uma porta próximo foi batida de forma abrupta. Não acostumada a ficar sozinha, a criança começou por reagir veementemente ao isolamento inabitual. Correu para o fogão de sala, tocou nele e, ao lhe queimar ligeiramente a mão direita, a porta foi violentamente batida com um estrondo muito grande nas proximidades. Dessa vez quando a criança tentou gritar não conseguiu. O barulho da porta foi associado na ideia dela à queimadura da mão. Quando alguns minutos mais tarde a mãe regressou ele tentou explicar-lhe a razão por que chorara, por ter escutado os primeiros berros, e gaguejou.

Ele gaguejou porque, por associação subconsciente a dor na mão resultante da pequena queimadura se tornar, pela primeira vez nesta existência, numa penitência pelas mais lembradas ofensas passadas. Agora, a gaguez não começou, conforme acreditam, continuamente a evidenciar-se, mas a partir daí começou a evidenciar-se cada vez mais à medida que a criança experimentou aquelas mágoas necessárias e triviais que toda a criança na realidade precisa suportar. Em muitos casos tais sintomas evidenciam-se imediatamente, antes mesmo de uma situação poder ser aproveitada para os justificar. Neste caso houve tempo, mas a personalidade não os pode evitar.

Há um domínio subconsciente de pai sobre filho, sempre implícito, sempre um círculo insidioso de reação que conduz à reação. Não é estritamente necessário que a personalidade aqui envolta altere o seu ambiente drasticamente, caso ele consiga compreender as circunstâncias subjacentes à relação entre ele próprio e o pai. Se isso for percebido então a personalidade sentir-se-á sufocada.

Conforme está, como poderá ele ousar expressar-se na presença de um homem a quem ele sente ter outrora traído? E quando lhe fala por sílabas, não fala com clareza. Ele não deve ao pai mais do que uma devoção filial normal. Ele não deve ao pai m ais do que isso, e buscar o prazer do pai superficialmente, ou procurar agradar ao pai em campos em que ele não tenha interesse, isso não levará nem a um desenvolvimento pessoal nem ajudará o pai por forma nenhuma.

(A Jane estivera normalmente dissociada, e gradualmente saiu do estado à medida que a sessão se abeirava do fim. Nós os cinco estávamos a

discutir a sessão quando a Jane falou pelo Seth uma vez mais., levantando-se abruptamente e ditando na mesma voz intensa. Falou sem usar os óculos, que em vez disso deixou no chão próximo ao assento em que estivera. De cada vez, andando para a frente e para trás pela sala, raramente olhando para baixo, parecendo que poderia pisar os óculos, coisa que não fez.)

A comunicação é um campo em que a personalidade será extremamente bem-sucedida, por através da eletrónica se dar comunicação, e ele poder usar a sua eloquência latente que atualmente não encontra escoamento, nesse campo. Mas posso aqui acrescentar que o interesse que ele tem por fenómenos psíquicos é precisamente provocado por essa necessidade de comunicar.

Toda a personalidade, mais a sua limitação quanto à comunicação vocal, encontrará satisfação e sucesso num campo ou campos em que o desejo latente de comunicação possa encontrar vazão.

Com efeito, parece-me que dei a alguém mais, e a um amigo vosso, a mesma advertência, que passo a citar: "Vai viver sozinho." Caso a personalidade deva permanecer nesse local, devia encontrar uma residência onde deixe de se sentir sufocado. O aperto que atualmente sente é um em que ele acha que o que deseja, venha a magoar outros. Ainda assim, conquanto ajude o pai ao viver em casa, por um lado, no estabelecimento, ao mesmo tempo em níveis inconscientes com a própria presença diz: "Não estou a fazer o que quero fazer, e a culpa é tua."

Nada disso, ou muito pouco, é consciente. O amor que existe entre pai e filho pode melhor ser mantido e nutrido caso o filho viva sozinho, e deixe que o pai saiba tem a força para o fazer. Porque dos sacrifícios inconscientemente solicitados pelo pai, dos arrependimentos do pai, e dos sacrifícios feitos pelo filho, o filho arrepende-se.

O filho está ainda a chegar a uma compreensão interior. Na verdade, muito disto ou capto pela Jane através de telepatia subconsciente da personalidade em questão. Onde esse não é o caso torna-se mais difícil, mas possível, dizer-lhes o que faço. E se eu pareço sisudo e ter mão pesada é somente por eu precisar lidar com a Jane com mão pesada.

A Jane não acredita que uma casa de hóspedes pudesse comportar-se como eu me estou a comportar, mas depois, não sou nenhuma casa de hóspedes. Mas vou decididamente dar a sessão por terminada sem mais acréscimos, e com os meus mais sinceros desejos para com todos vós. . .

Posso parecer irrascível, e caso pareça então com toda a certeza procurarei culpar a Jane por isso, e direi que foi uma distorção, embora não seja distorção nenhuma. Contudo, acho que seja dever bastante penoso, voluntário, entrar em contextos pessoais, e considero-me bastante condigno adotar a postura de um mirone. Mas há muito poucos que possam, quer olhar para eles próprios com franqueza, e se este material faz algo, deve ser

orientado para o conhecimento; e o conhecimento deve ser aplicado no vosso caso em termos humanos.

SESSÃO 90

21 DE SETEMBRO DE 1964

(A Jane e eu ainda não retomámos os estudos sobre o tempo psicológico, embora, com frequência, ao adormecer, tenhamos experiências breves. Ultimamente tive várias experiências vívidas, incluindo a imagem de uma árvore de outono em plena cor e a cabeça de uma criança com a boca aberta.

(Os convidados saíram esta noite às 20h55, e a Jane não sabia qual seria o tema da sessão. Também estivera ocupada demais para sentir nervosismo. Começou a ditar à hora certa, com uma voz relativamente normal e num ritmo tranquilo. Caminhava de forma regular, os olhos escurecidos como habitualmente. E, como tem feito com frequência recentemente, começou sem óculos, parecendo não ter qualquer dificuldade.)

Desejo-lhes uma boa noite—

("Boa noite, Seth.")

— e damos início à nossa sessão tranquila.

A nossa última sessão foi extremamente benéfica. Foi bom para a confiança do Ruburt ter realizado uma sessão fora de casa — e diante de pessoas que, embora não sejam estranhas, também não fazem parte da sua convivência diária.

Escusado será dizer que, se o Ruburt soubesse antecipadamente qual seria o conteúdo da sessão, teria bloqueado o processo. Eu próprio não insisti por essa sessão — embora tenha ficado contente por poder ajudar, no que diz respeito à personalidade cujos problemas estiveram no centro da sessão.

Foi, no entanto, a curiosidade genuína da Ida — e a sua mente aberta e disposição para perceber — que, a nível subconsciente, levou o Ruburt a aceitar realizar a sessão. A ligação que, regra geral, existe entre gémeos — e que, de facto, existe entre a Loriza (L-o-r-i-z-a) e a sua irmã gémea — explica, em grande parte, a compreensão intuitiva, ainda que parcial, que a Loriza demonstrou relativamente aos elementos que operam, por exemplo, na telepatia.

Os gémeos utilizam a comunicação pelos sentidos internos sem se aperceberem disso — e o que a Loriza leu no material despertou nela uma realização intuitiva. A comunicação entre gémeos é mais livre do que com outras pessoas. Estão mais habituados a usar a comunicação interior, e os exemplos vêm-lhes mais facilmente à mente.

(E aqui devo admitir que, embora o Seth tenha dado o nome da entidade da Ida, esposa do Bill, não me ocorreu perguntar o nome da entidade da irmã gémea da Ida. A Jane e eu temos curiosidade em saber se há alguma semelhança nos nomes das entidades nestes casos, e vou certificar-me de perguntar ao Seth.)

Sabia que o material estava a ser lido. No entanto, não achei prudente dizer-vos isso na altura — pois esse conhecimento, por si só, teria criado bloqueios, em ambos.

É razoável, lógico — e até necessário, neste momento — que não façam das sessões um espetáculo público, como quem apresenta um número de variedades. Ainda assim, quando o pedido para assistir ou realizar uma sessão é sincero — e quando sabem que a pessoa está verdadeiramente interessada — e se as condições forem adequadas, então sim, seria conveniente corresponder ao pedido.

Não estou a sugerir, por exemplo, que passem a fazer cinco sessões por semana — ou quatro. Apenas que os pedidos sinceros não devem ser recusados automaticamente só porque não se enquadram no calendário previsto. E, em tais ocasiões, ajustarei sempre o meu lado quando me pedirem.

(Neste momento comecei a espirrar. A época das alergias ainda não tinha terminado. Espirrei várias vezes, e a Jane fez pausas para me deixar acompanhar o ditado.)

O conhecimento, no vosso plano físico, deve ser aplicado em termos e valores humanos — e a possibilidade de ajudar alguém, seja através de uma sessão como a anterior ou através de uma sessão mais habitual, não deve ser ignorada. Queres fazer uma pausa?

("Não.")

A última sessão insere-se na categoria de conhecimento aplicado. Sugiro uma pausa.

(A Jane estava dissociada como de costume. Disse que os meus espirros não a incomodaram — que o Seth estava disposto a esperar; mas também que provavelmente foi o Seth quem chamou a pausa mais cedo, devido aos meus espirros repetidos.)

(A Jane retomou o ditado no mesmo tom tranquilo, desta vez com os óculos postos.)

Deve haver conhecimento e conceito abstrato antes de poder existir qualquer conhecimento aplicado, em termos reais. O material mais filosófico — ou aquele que quase poderíamos chamar académico — é muito adequado para ambos, e, na verdade, é onde residem os meus próprios interesses principais.

Contudo, o elemento humano não deve ser ignorado — e qualquer ajuda pessoal ou compreensão interior que este material ofereça a outras pessoas incitará nelas a curiosidade intelectual, o que é, sem dúvida,

positivo. Nem são apenas os beneficiários diretos dessa ajuda que saem a ganhar — vós também ganhais.

O vosso trabalho pessoal — tanto o teu como o da Jane — beneficiará quem quer que veja os vossos quadros ou leia a poesia da Jane. Mas esse trabalho é feito em solidão, e de forma desligada, como tem de ser, de um contato íntimo com outras pessoas. É natural que este traço se prolongue nas nossas sessões, preferindo ambos que decorram sem a presença de terceiros. Isto é não só compreensível como, em muitos casos, benéfico — pois permite abordar uma maior diversidade de temas.

Abomino o fanatismo de qualquer tipo — e, no entanto, não creio que um pedido sincero, em circunstâncias normais, deva ser recusado. É verdade que as condições estavam longe de ser normais na noite em que o pai do Ruburt e a pobre personalidade da mulher vieram cá — e, em tais circunstâncias, não recomendaria uma sessão.

Foi a necessidade profunda da mulher que me teria levado a abrir uma exceção. Ainda assim, prometo-vos que nunca tentarei forçar a Jane a dar uma sessão. Da mesma forma, também nunca serei coagido a dar uma.

(A Jane entregou este parágrafo com bastante ênfase, olhando-me diretamente, com um pé apoiado numa cadeira. Depois fez uma longa pausa, caminhou até à janela e olhou para fora antes de retomar. Vale a pena referir que, na noite da visita do pai da Jane, enquanto ela explicava parte do material do Seth ao pai e à Midge, sentiu impulsos emocionais claros da parte do Seth para fazer uma sessão — ao passo que, na visita a Bill e Ida, tal não aconteceu. No entanto, nessa segunda ocasião, acabámos por ceder à curiosidade genuína e, como ambos sentimos esse acolhimento, realizámos a sessão. Nenhum de nós considerou seriamente fazer uma sessão para o pai da Jane e a Midge, devido às circunstâncias turbulentas.)

Hesito em abordar o caso da outra mulher — irmã da gémea mencionada anteriormente. No entanto, recomendo com insistência que o Zibreth — Z-i-b-r-e-t-h (Louie) — sobre quem a sessão passada se centrou, siga as orientações que lhe foram dadas. E mais: que faça o seguinte.

Deve fazer caminhadas rápidas de meia hora. Isto permitir-lhe-á canalizar de forma construtiva a energia agressiva que não encontra saída. Sugiro também, apenas como exercício de disciplina, que contemple o seu papel no universo — para que possa sentir um alargamento do seu sentido de identidade, onde as preocupações e obsessões pessoais deixem de ocupar tanto espaço.

O que se segue poderá parecer excessivamente otimista, mas ele deve comprometer-se a ajudar outro ser humano de alguma forma — por mais pequena que seja — três vezes por semana, sem esperar agradecimento. Não sugiro que o faça todos os dias de forma deliberada — pois isso poderia transformar-se, psicologicamente, num ritual de sacrifício pessoal.

E recomendo com veemência que, três vezes por semana, de forma calma, disciplinada mas afirmativa, se exprima sempre que surjam assuntos nos quais tenha uma opinião divergente.

A personalidade é extremamente sensível — não é preciso eu estar aqui para se perceber isso — e é intuitiva. Também é muito forte — e teme essa força precisamente porque a agressividade natural tem sido privada de saída. Desenvolver o hábito de expressar com firmeza as suas próprias opiniões ajudará a libertar essa pressão interior.

A personalidade deve viver sozinha durante algum tempo, e trabalhar fora do ambiente familiar. Deve evitar uma rigidez de atitude, pois isso não só prejudicará a sua intuição natural, como servirá para a afastar do seu meio envolvente.

O equilíbrio, aqui, é absolutamente essencial. Deve existir sempre esse equilíbrio. A personalidade, sendo intuitivamente forte, deve aplicar parte dessa intuição em direção ao contato com outros seres humanos. Se a solidão for alcançada através de uma vida independente, então a personalidade deverá conseguir, ainda assim, relacionar-se com o exterior.

Um ego confiante é, de facto, um pré-requisito para qualquer exploração psíquica — pois só um ego seguro se sente suficientemente estável para ceder espaço ao eu interior, a longo prazo. Sugiro uma pausa.

(A Jane estava dissociada como habitualmente. Entregou o material com muitas pausas, algumas das quais duraram vários segundos. Retomou no mesmo tom.)

Por segurança, uma relação firme entre o ego e o seu ambiente deve ser considerada um pré-requisito para qualquer investigação psíquica séria ou prolongada. O ego tem de ter para onde voltar. Isto é extremamente importante.

Não pretendo desencorajar a personalidade no seu louvável interesse pela realidade invisível. Quero apenas alertar que os primeiros passos devem ser dados *em primeiro lugar* — se algum dia quiser alcançar os seus objetivos interiores sem complicações desnecessárias para o ego.

Com tal fundação, terá certamente muito sucesso — e pode, de facto, alcançar essa base sólida. Depois, poderá aplicar o conhecimento interior ao ambiente do ego. Os pés do ego — de qualquer ego — não devem assentar sobre areia movediça, pois, quando o eu explorador regressar, não haverá base firme que o acolha.

Se isto soa difícil — então é porque o é, de facto. Pois não me dou a frases feitas. O exercício das capacidades interiores exige, como alicerce, a por vezes difícil conquista de um ego que saiba adaptar-se ao ambiente exterior — e que, por isso, consiga manter-se firme enquanto o eu interior segue o seu próprio caminho.

Disciplina, então, não deve ser considerada — como o é por algumas correntes — meramente como um treino da mente sobre os músculos ou

sobre partes do corpo. Mas sim como uma disciplina no sentido de um treino do ego pelo eu interior — para que o ego, enquanto personalidade, alcance uma relação equilibrada com o universo físico.

(A voz da Jane tornou-se subitamente mais grave e mais alta, como se para dar ênfase. Manteve esse tom durante um ou dois parágrafos, antes de voltar gradualmente ao nível normal.)

E apesar de todas as opiniões em contrário, esta é, de longe, a disciplina mais difícil. Mas sem ela, o eu interior não está seguro nas suas viagens — é como um barco sem porto que o receba; como um homem sem pátria, sem um lugar para onde voltar. A personalidade, até certo ponto — *sublinho: até certo ponto* — tem sido influenciada por aqueles que iniciam essa viagem sem primeiro assegurarem o seu regresso.

As viagens psíquicas legítimas e equilibradas trarão efeitos benéficos no que diz respeito ao ego e à sua capacidade de gerir os seus assuntos. E sempre que essas investigações resultem numa diminuição do controlo do ego sobre as circunstâncias, qualquer pessoa envolvida deve imediatamente questionar-se — e interromper de imediato.

Não falo aqui de conhecidos que não compreendem a importância da investigação psíquica. Falo, sim, da capacidade do ego para lidar consigo mesmo. E a investigação psíquica deverá, e de facto aumentará essa capacidade — se for iniciada de forma correta e se o ego estiver devidamente relacionado com o ambiente físico.

As sugestões aqui apresentadas — que essa personalidade mencionada viva sozinha, trabalhe separada da família, caminhe energicamente meia hora por dia, estabeleça um equilíbrio entre ajudar os outros de forma altruísta e expressar calmamente a sua discordância quando necessário — são muito importantes.

Um período de meditação diária de 15 minutos seria excelente durante três meses. Depois, três semanas sem meditação; seguidas de um mês com meditações de meia hora, e então uma semana de pausa; e, durante um ano, um horário diário não superior a meia hora de meditação — sendo que essas sessões devem ser regulares.

Sugiro que sigam a linha da expansão, em vez da contração — isto é, que a personalidade se projete para fora, em direção ao Tudo-O-Que-É, absorvendo assim a energia do universo e alargando o alcance do seu eu.

Essa disciplina, no entanto, deve ser rigorosamente acompanhada por um programa de orientação do ego, em que o ego procura disciplinar-se — da forma que é mais difícil, para esta personalidade em particular — rumo à liberdade. Deve expressar-se sempre que sentir que tem uma opinião diferente, sempre que sentir que foi injustiçado. Só quando as agressões ficam por expressar é que se tornam perigosas — e a raiva reprimida bloqueará o desenvolvimento psíquico desejado. Mesmo a nível químico,

tal raiva provoca reações que dificultam a obtenção dos estados de ser pretendidos.

A personalidade possui também boas capacidades intelectuais — e deve examinar a experiência psíquica à luz da sua inteligência. Existem verdades que o intelecto não pode alcançar, mas o intelecto conhece o ego — e representa uma via firme e fiável entre o eu interior e o ego. E a experiência psíquica — repito, a experiência psíquica — não sofrerá com esse escrutínio.

Um programa regular, como o que delineei, graças ao seu carácter disciplinador, permitirá à personalidade uma entrada progressiva e segura na experiência psíquica, dando-lhe também um ego mais forte e melhor relacionado com o seu meio. Isto não significa que o ego seja fraco — porque não o é. Mas a sua capacidade de se relacionar com os outros no plano físico precisa de ser fortalecida, especialmente porque a personalidade está profundamente interessada na investigação psíquica. Sugiro uma pausa.

(A Jane estava dissociada como habitualmente. Disse achar que o Seth terminaria a sessão por volta das 23h00. A minha mão estava fatigada. A Jane retomou com voz normal.)

Encerraria a sessão em breve. Este é o material que vos teria dado na última sessão, se tivéssemos tido tempo, e por isso queria transmiti-lo hoje.

Voltaremos a outros assuntos na nossa próxima sessão. Ainda vos considero, a ambos, em excelente condição geral — apesar, meu caro Rob, da tua rinite alérgica — e tomaremos medidas, antes da próxima estação, para te libertar disso.

A Jane está a adaptar-se bem à situação na galeria. Terão um bom inverno, ambos. Se a Jane aguentar, sugeriria um período de três dias, depois de sair da galeria, durante o qual não escreva. Talvez brincando um pouco em casa, ao mesmo tempo que instrui o seu subconsciente para trabalhar por ela nesse intervalo — desligando por completo a mente consciente da escrita, durante esse período. Este método resultará numa utilização máxima das suas capacidades — e num aproveitamento mais prático da energia.

Vou agora, meus dois pêssegos, encerrar a sessão. Foi bastante substancial.

Em breve — muito em breve, depois de algumas sessões importantes — teremos de nos permitir um pouco de humor, para variar. Até eu fico, por vezes, surpreendido com a minha secura. *Bon soir.*

("Boa noite, Seth."

(A Jane estava dissociada como de costume. A minha mão de escrita estava cansada.)

SESSÃO 91

23 DE SETEMBRO DE 1964

(Esta tarde levei quatro grandes quadros a óleo ao clube do nosso senhorio, aqui em Elmira, onde os montámos nas paredes do salão. O senhorio tinha acabado de redecorar o espaço e queria obras de arte originais. Planeio usar as suas paredes amplas como local de exposição, mudando os quadros periodicamente.

(A Jane quis ver as obras no local, por isso, quando a fui buscar à galeria, passámos pelo clube. Foi então que a Jane, num comentário espontâneo, disse que queria que o Seth cancelasse a sessão, para podermos ir à inauguração do clube esta noite.

(A Jane não fazia ideia sobre o conteúdo da sessão, à medida que se aproximava a hora. Contei-lhe um sonho vívido que tinha tido recentemente com o meu pai, na esperança de que o Seth o comentasse. Ainda não o tinha escrito, mas planeio começar o meu caderno de sonhos em breve.

(A Jane começou a ditar num tom mais acelerado do que o habitual, com a voz um pouco mais grave e pesada. Caminhava também mais depressa, os olhos escurecidos como sempre.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Vou, com efeito, fazer uma sessão muito breve — por pura bondade, e apenas para vos lembrar que, de tempos a tempos, também vos concedo uma folga. E, também, simplesmente para quebrar a rotina — pela variedade.

(A Jane sorriu de forma bastante satisfeita, enquanto caminhava pela sala.)

Não reivindico aqui qualquer crédito pela estrutura do romance da Jane. Mas não podem negar que o seu cerne mais importante — sobre viagens espaciais — veio, sem dúvida, das nossas sessões. A Jane irá agora — isto é, daqui em diante — sair-se muito bem.

(Entendemos isto como referência à decisão da Jane de deixar a galeria e dedicar-se à carreira de escritora. Esta seria a sua última semana na galeria.)

Antes, ela ainda não estava pronta, por diversas razões.

Está uma noite de outono particularmente esplêndida. Podem ir à inauguração, se preferirem — visitar o estúdio do Mark — ou simplesmente dar um passeio. Em todo o caso, terminei convosco por esta noite.

(Lembramos que Mark é o nome de entidade de Bill Macdonnel, que assistiu a várias sessões. O Bill está, aliás, em processo de mudança da casa dos pais para um estúdio com apartamento no centro de Elmira, onde

vai viver e manter uma galeria de arte. Recordamos também que, em várias sessões, o Seth aconselhou o Bill a viver sozinho, para evitar uma recaída nos seus problemas pulmonares.)

Para ser menos brincalhão: estou a dar-lhes esta breve sessão também para lhes mostrar que, como realizaram uma sessão não programada, procurarei equilibrar, sempre que surjam situações semelhantes.

Queria ter abordado, na nossa última sessão, mais conteúdo relacionado com o material que surgiu na sessão não agendada. Caso contrário, teria encerrado a sessão anterior mais cedo. Nem sempre, claro, deixarei de realizar uma sessão por causa de uma não agendada, pois as circunstâncias variarão.

Os meus sinceros parabéns pelo facto de as tuas pinturas estarem agora expostas no espaço do vosso amigo — e irão, sem dúvida, influenciar muitas pessoas.

Custa-me sempre falar tão brevemente e partir. No entanto, desta vez, assim farei. Mas as nossas sessões neste outono serão substanciais — e espero que as digiram bem.

Uma calorosa boa noite. Estou divertido porque o Ruburt ficou tão surpreendido. Não sabias, Jane, que eu podia ser tão magnânimo?

("Boa noite, Seth."

(A Jane estava dissociada como de costume. Relatou que, enquanto transmitia o material, sentia uma sensação de intemporalidade, desmentindo o pouco tempo de relógio que, de facto, tinha passado. Achava que seria já por volta das 21h30. Disse também ter-se sentido algo desapontada, ou "interrompida bruscamente", por ser uma sessão tão curta — embora, mais cedo, tivesse dito que preferia que fosse curta, ou até que não houvesse sessão, para que pudéssemos ir à inauguração do restaurante do senhorio.)

SESSÃO 92

28 DE SETEMBRO DE 1964

(Depois do jantar, a Jane disse-me que achava que o Seth poderia falar de sonhos e do subconsciente nesta sessão. Como o Seth já tinha mencionado que poderia utilizar os nossos sonhos para ilustrar esse material, li à Jane, pouco antes de começarmos, dois sonhos muito vívidos que tive nas últimas duas semanas, envolvendo o meu pai e outros membros da família. Li diretamente do meu novo caderno de sonhos, que finalmente comecei.

(A Jane não estava nervosa antes da sessão. Está também a seguir o conselho do Seth de não escrever durante três dias após deixar a galeria.

Este foi o seu primeiro dia em casa, e começou a pintar o apartamento como forma de distração.

(Quando se aproximou a hora, deixei o meu caderno de sonhos sobre a mesa, conforme o Seth sugerira anteriormente. A Jane começou a ditar pontualmente, com uma voz algo mais firme do que o habitual. O ritmo era moderado, a sua cadência lenta, os olhos bastante escurecidos. E, mais uma vez, começou sem os óculos.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Gostaria de continuar a nossa discussão sobre as camadas do chamado subconsciente — agora em ligação com um estudo dos sonhos.

Tencionava abordar este tema mais cedo, mas desviámo-nos do caminho. A discussão preliminar das camadas subconscientes era necessária, já que os sonhos têm origem nesses vários níveis — e devem, por isso, ser interpretados segundo os simbolismos próprios do domínio de realidade a que pertencem. Pode surgir bastante confusão se um sonho de uma determinada camada do subconsciente for interpretado à luz de dados que pertencem a uma outra camada completamente diferente.

Muitos indivíduos sentem-se mais confortáveis com certos aspetos do subconsciente — o que faz com que estejam mais conscientes de sonhos que provêm de determinadas zonas, e relativamente alheios a sonhos oriundos de outras áreas que consideram, na melhor das hipóteses, estranhas — ou, na pior, ameaçadoras.

Encontraremos, em muitos casos, para começar, sonhos oriundos daquela camada do subconsciente pessoal — sendo os mais simples aqueles que se referem diretamente à vida consciente diária. Embora um sonho assim seja menos complexo do que outros, continua a ser uma construção impressionante — e, ao desconstruirmos os objetos ou eventos percecionados nesse sonho, veremos que, embora possam ser versões recicladas do dia, foram escolhidos com enorme precisão.

(Aqui, a Jane sorriu amplamente enquanto caminhava pela sala.)

E, embora possa parecer que os sonhos são amontoados aleatórios de símbolos ou eventos desconexos, veremos que uma das suas qualidades mais importantes é, de facto, a discriminação.

Pois, a partir de um número aparentemente infinito de possibilidades, o sonhador escolhe com enorme cuidado apenas aqueles objetos ou símbolos que têm significado para ele — e que melhor servem os seus propósitos. Mesmo um sonho simples, aparentemente centrado em acontecimentos triviais do quotidiano, lida, na verdade, com algo muito mais profundo.

(Agora a Jane começou a falar com mais ênfase; e a sua voz, se possível, tornou-se ainda mais firme. Escolhia as palavras com grande cuidado. O ritmo, no entanto, não se acelerou.)

Os objetos do sonho são escolhidos com tal precisão que, numa análise profunda, veremos que contêm dados não só sobre a existência consciente diária do sonhador, mas cada um desses objetos pode aplicar-se a vários níveis simultaneamente.

Estes objetos oníricos são, se me é permitido dizer, escolhidos de forma quase astuciosa — de tal modo que os mais simples podem remeter, ao mesmo tempo, para eventos desta existência, para objetos ou situações desejadas ou temidas no subconsciente imediato, para experiências em vidas passadas e até para avisos de possíveis deceções ou desastres futuros.

Um único objeto de sonho pode, portanto, representar simultaneamente: um elemento comum da vida consciente atual, um medo ou desejo intenso oriundo da camada subconsciente imediata, uma experiência ou símbolo de uma vida passada e uma possibilidade ou evento futuro, temido ou desejado.

Existe aqui uma equação. Um único objeto de sonho possui realidade em quatro ou cinco níveis de realidade em simultâneo — sendo mais do que ele próprio, equivalendo a realidades que já existiram ou existirão no vosso passado ou futuro. O passado e o futuro estão, assim, contidos no objeto do sonho, graças a um fenómeno real de contração e expansão psíquica.

A expansão é o sonho. A contração é o regresso dos elementos do sonho ao objeto original — o objeto onírico — de onde a equação se originou, tal como todos os números têm origem no número um. Sugiro uma pausa.

(A Jane estava totalmente dissociada. Disse que, por algum motivo, já sabia que, ao começar a sessão, estaria "bem longe". Não me tinha dito antes da sessão, mas admitiu agora que, por volta das 21h, estava exausta, depois de ter passado o dia a pintar. No entanto, agora sentia-se bem. Retomou no mesmo tom firme, ainda que deliberado.)

Quero fazer aqui uma breve digressão.

Amigos que sabem das nossas sessões já me perguntaram, em diversas ocasiões, o que surgiu primeiro no universo, o que deu origem a tudo — e fazem-no com vozes tão ponderadas. Querem uma primeira coisa, ou uma primeira pessoa. Pois bem: nesta discussão sobre os sonhos, temos um excelente exemplo de como a criação se dá.

Correndo o risco de parecer infantilmente simples, direi — e não serei compreendido — que *cada* criação de uma ideia ou de matéria física é uma primeira criação.

Só depende do ponto onde, por assim dizer, *entras* nesta linha de tempo. Cada sonho, antes de mais, começa com energia psíquica — que o indivíduo transforma, não em matéria física, mas sim numa realidade tão funcional e real quanto qualquer outra. Ele molda a ideia num objeto ou evento onírico com uma discriminação impressionante — de tal forma que

o próprio objeto do sonho adquire existência e passa a existir em múltiplas dimensões.

(A voz da Jane manteve-se, por vezes, bastante alta — mas a sua entrega tornou-se mais lenta.)

Não é que *pareça* existir em várias dimensões. É que *existe*, de facto. E se um objeto ou evento onírico atravessa não só o que chamais de tempo, mas também o espaço — e se, como vos digo, os objetos e criações do sonho mantêm alguma independência relativamente ao sonhador — então tereis de reconhecer que, ainda que o sonhador crie os seus sonhos para os seus próprios fins, escolhendo apenas os símbolos que têm significado para ele, ele projeta-os para fora de si, num cumprimento de valor e numa expansão psíquica.

A expansão ocorre, mais uma vez, quando o drama do sonho é vivido. Para o sonhador, há uma contração quando ele termina com os eventos ou com o drama — no seu próprio plano. Mas a energia não pode ser recuperada.

A energia projetada para qualquer tipo de construção — seja psíquica, seja física — não pode ser revogada. Tem de seguir as leis da forma na qual, por momentos, foi moldada. Por isso, quando o sonhador reconcentra os seus objetos multi-realistas, encerrando para si o chamado sonho que construiu, fá-lo apenas *para si*. A realidade do sonho continua.

Não me importa que esta ideia pareça agora impossível ou improvável — seja para ti, Jane, ou para outros. O facto permanece: é assim.

E também permanece o facto de que, em níveis diferentes dos níveis conscientes, tu sabes — e *todo e qualquer indivíduo sabe* — que o mundo dos sonhos, tão frequentemente considerado tolo ou irracional pela mente consciente, é na verdade construído pelo eu interior com o mais alto grau de cuidado — com uma precisão só conhecida pela intuição.
E cada indivíduo sabe que uma criação tão esplêndida como essa existe, para lá do eu que a originou. Estás cansado das mãos?

("Não.")

(A Jane olhou para mim. Eram 21h58. Na verdade, a minha mão já estava cansada, mas neguei porque pensei que o Seth queria continuar para concluir um ponto importante.)

Só num mundo obcecado por objetos — e, até certo ponto, necessariamente obcecado — é que a pergunta "O que surgiu primeiro?" faz algum sentido. As vossas energias conscientes estão focadas sobre o campo físico — e a teoria distorcida de causa e efeito prevalece.

É esse foco — intenso — que, por si só, bloqueia outras perceções que vos permitiriam ver que essa pergunta é, em si, *sem sentido*. Vós criais este universo — individual e coletivamente, o homem e todos os outros seres que o habitam — da mesma maneira que criais os vossos sonhos. A única diferença é que as vossas energias conscientes estão concentradas apenas

num pequeno aspeto da criação, e todos os outros campos de atividade são encerrados pelos sentidos exteriores — simplesmente para que a vossa atenção se fixe, por momentos, num domínio restrito. Sugiro a tua pausa — pois não quero esticar o campo da vossa atenção.

(A Jane estava, mais uma vez, completamente dissociada. Voltou a pôr os óculos. Retomou com a mesma voz firme, num ritmo mais acelerado.)

Voltaremos, sem dúvida, aos sonhos enquanto ligados a vários níveis do subconsciente. Mas isto é, por assim dizer, material de ligação — e quero prosseguir.

Posso ouvir as objeções antecipadas. Mesmo aqueles que conhecem o nosso material — e que compreendem os vários modos pelos quais os indivíduos criam um corpo relativamente coeso de dados físicos, a que chamam "universo físico" — mesmo essas pessoas dirão que, embora concordem que o indivíduo cria o universo físico com a cooperação de outros, esse universo tem uma unidade, permanência e forma reconhecível que o mundo dos sonhos não tem.

Dirão, então, que não há verdadeira comparação entre os dois — uma vez que cada mundo onírico seria uma amálgama de símbolos individuais e distintos, ainda que fossem projetados para um tipo de universo que a mente consciente desconhece.

Mas, antes de mais, o universo físico *é* uma amálgama de símbolos individuais e diversos — nenhum dos quais significa exatamente o mesmo para duas pessoas diferentes — e onde até as qualidades básicas, como a cor ou a localização no espaço, não são fiáveis nem consensuais.

Apenas *focais* a atenção nas semelhanças — e isso é importante.

(A Jane riu-se e bateu na mesa para dar ênfase.)

A telepatia pode, de facto, ser chamada a cola que mantém o universo físico numa posição precária — de modo que qualquer um possa concordar sobre o que é um dado objeto, ou onde se encontra num dado momento.

Por isso, ao considerarem o mundo dos sonhos, têm um universo do mesmo tipo — só que construído num campo que os vossos sentidos exteriores não conseguem perceber. E, no entanto, tem mais continuidade do que o mundo conhecido pelos sentidos externos.

Há nele semelhanças que são, de facto, impressionantes. Sabeis que muitos — embora *não todos*, de forma alguma — símbolos oníricos têm, aproximadamente, o mesmo significado. Mas apenas *aproximadamente*, e apenas para um determinado grupo de seres humanos que experimentaram a realidade no plano físico por um período relativamente breve.

O símbolo do fogo, por exemplo — enquanto símbolo de sonho — não existia da mesma forma entre os homens que viveram antes de se aprender a usar o fogo para cozinhar ou aquecer.

O antigo símbolo do fogo *ainda existe* — fogo como grandiosidade misteriosa ou destruição. Só mais tarde se tornou símbolo de lareira, de aconchego. Assim, até certo ponto, os símbolos dos sonhos são culturais.

Mas os símbolos fundamentais transcendem a cultura — e eu dar-lhes-ei mais tarde.

Quero, no entanto, deixar uma coisa clara: o universo do sonho é tão real e coeso como o vosso — e é a mesma cola da telepatia que o mantém unido, conferindo-lhe não só tanta realidade quanto *validade*, em termos efetivos.

Por exemplo — e abordarei isto com mais profundidade em breve — aqueles que hoje conhecem a existência no plano físico, fazem-no, em grande medida, porque já viveram certos ciclos físicos anteriormente — em períodos históricos similares.

Têm uma familiaridade interior, uma coesão que pertenceu a um período mais ou menos específico — e a períodos anteriores — em que habitaram o mesmo tipo de universo físico.

Assim, os seus mundos oníricos não são tão díspares quanto poderia parecer.

Certos símbolos são, então, construídos como realidades no universo dos sonhos — da mesma forma que certas ideias são moldadas em matéria no universo físico.

Estás a ficar com os dedos cansados?

("Não.")

(A Jane falou inclinando-se para mim, bastante divertida. Eram 22h36 — e mais uma vez respondi negativamente, embora a minha mão estivesse cansada, pensando que ela queria concluir um ponto.)

O mesmo tipo de acordo psíquico mantém o universo dos sonhos unido — tal como acontece com o universo físico. Se um homem fosse capaz de focar toda a sua atenção naquilo que, no universo físico, é oculto, temido, desconhecido — os elementos sobre os quais os homens pura e simplesmente *não* conseguem chegar a acordo — se ele conseguisse concentrar-se *nas diferenças* e não nas semelhanças, então perguntaria que tipo de loucura coletiva fez com que o homem selecionasse, de entre uma quase infinita confusão, um punhado — um mero punhado — de semelhanças, e o chamasse de universo.

Do mesmo modo, ao contemplar a *aparente* confusão do mundo dos sonhos, pergunto-vos: como podeis duvidar que aqui também existe semelhança, coesão, realidade e uma forma de permanência?

O sonho *tem significado* para o indivíduo que o origina — que escolhe os seus elementos com extremo cuidado. Mas, para que o possa usar, tem de o criar.

Projeta-o numa dimensão que a mente consciente não percebe. Mas, ainda que o sonho tenha cumprido a sua função e ele se retraia, a expansão

e a projeção da energia *ocorreram* — e ele já não a pode revogar.
Só pode *retirar-se*.

Podes fazer agora uma pausa.

(A Jane estava dissociada como habitualmente. Disse que, de facto, tinha pintado durante demasiado tempo nesse dia — mas, embora estivesse cansada antes de começar, sentia-se agora bem. Disse também que sentia o Seth muito próximo — mas que ele encerraria a sessão em breve. Retomou com a mesma intensidade.)

A mente consciente nem sequer sabe — e por si só não é capaz de ordenar — que as pernas caminhem pelo chão. Será então de admirar que a mente consciente não saiba como cria o universo dos sonhos? Mas as pernas movem-se. E o universo dos sonhos existe.

Tal como a entidade se expande e origina novas personalidades — que depois se tornam indivíduos independentes — também os indivíduos criam realidades oníricas ou assim chamadas, e indivíduos no universo dos sonhos, que são igualmente independentes.

Uso o termo *sonho* porque vos é familiar. Mas não é, de todo, o termo mais adequado. Utilizarei, em alternativa, o termo *híbridos* — para designar as personalidades ou indivíduos que ganham existência por via dos sonhos da humanidade.

Poderás acrescentar: *construções híbridas duplas*. Talvez seja uma formulação mais precisa.

Na próxima sessão, continuarei a desenvolver esta ideia — e também a interpretação dos sonhos, no modo como afetam o sonhador individual no campo físico, ligando-os aos níveis do subconsciente. Mas queria que compreendesses que os elementos do mundo onírico, que têm origem na energia, continuam também a existir mesmo quando o sonhador já os esqueceu; e que toda a energia — ou qualquer energia — que adquire ou adota uma forma, deve então, pelo menos momentaneamente, adaptar-se às leis que essa forma impõe.

Toda a energia, uma vez manifestada de qualquer modo, seguirá as propriedades da sua manifestação. Será, no final, transformada — mas não poderá ser aniquilada. A sua qualidade individual não pode ser destruída.

Uma vez manifestada, a individualidade da energia passa a estar sujeita à lei do *cumprimento de valor*.

A energia pode ser transformada de um estado para outro, mas — assim que alcança um *gestalt* personalizado — a individualidade que ali se formou deverá seguir certas leis de cumprimento de valor. Isto envolve distinções que ainda não abordámos nas nossas sessões.

Não fazeis ideia de como mal começámos a arranhar a superfície.

Encerraria agora a sessão — com os meus mais sinceros votos a ambos.

O livro da Perceção Extrassensorial, e o nosso material, serão de facto publicados.
As capacidades da Jane expandir-se-ão — ou, melhor dizendo, a *utilização* delas irá expandir-se. E as tuas próprias capacidades, no domínio das expectativas, começaram realmente a dar um salto bastante notável.

Como sempre, poderia continuar. O meu afeto por ambos é profundo — e espero que o sintam também.

("Sim. Boa noite, Seth."
(A Jane estava dissociada como habitualmente. Disse que o tinha estado durante toda a sessão — caso contrário, não teria passado dos primeiros quinze minutos, tal era o cansaço. A minha mão de escrita estava muito cansada — quase em cãibra.)

SESSÃO 93

O CÉREBRO ENQUANTO METÁFORA DO EU INTERIOR

30 de Setembro de 1964

(Enquanto conduzem estas sessões, a Jane e eu temos tido notavelmente poucas interrupções, quer durante as mesmas quer imediatamente antes de estarem previstas para começar. Contudo, esta noite tivemos uma dessas experiências, embora breve.)

(Às 20h50 um nosso amigo, o Howard Kimball, chegou. Ele faz parte do conselho de administração da galeria, que a Jane acaba de deixar. O Howard queria ver algumas pinturas e, claro, seguiu-se alguma conversa envolvendo o novo diretor da galeria, que foi discutido pelo Seth na 74.ª sessão.)

(O Howard comprou uma pequena têmpera minha que representava duas maçãs; e depois, para surpresa da Jane, comprou da parede do nosso apartamento um pequeno óleo abstrato que a Jane e eu produzimos em conjunto, numa tentativa humorística de trabalharmos juntos. A pequena pintura tinha ficado boa e atraía muita atenção. Foi a primeira obra de arte que a Jane alguma vez vendeu, e ela ficou satisfeita.)

(O Howard saiu às 21h11. A Jane disse que a visita a tinha perturbado um pouco, facto que eu não tinha percebido ao observá-la. Ela ficou de pé ao lado da minha mesa, à espera. Às 21h12 começou a ditar com uma voz bastante normal, embora, à medida que a sessão avançava, a sua voz ganhasse por vezes bastante volume. Mais uma vez, ela não usou

os óculos. A sua fala foi bastante lenta, tal como o seu andar. Os olhos dela estavam escuros como de costume.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Parabéns merecidos ao Ruburt pela venda da sua pintura.
Espero que não venham a achar que ele agora está convencido, além de teimoso. Ele sabe que falo apenas a brincar. Ainda assim, eu disse-vos que ele fora artista em tempos, não disse?

("Sim.")
(Ver a 2.ª sessão, 4 de dezembro de 1963, Volume 1, páginas 15 e 16.)

A interrupção incomodou-o um pouco, pois ele estava preparado para uma sessão à hora habitual, como de costume. Ainda assim, continuarei na linha das nossas discussões anteriores.

Os sonhos são, pois, oriundos de diversos níveis do que vós chamais de subconsciente. Mas por regra, qualquer sonho particular, embora tenha origem num nível particular, terá não obstante significado em todos os níveis. O significado pode muito bem não ser o mesmo. Ou seja, o sonho particular pode ser um método de dizer diferentes coisas ou de trazer diferentes mensagens, e esse sonho particular ser traduzido pelos diversos níveis do subconsciente nos termos da interpretação dada por um nível qualquer subconsciente do simbolismo do sonho.

O sonho poder-se-ia dizer que é o mensageiro para com os múltiplos níveis do eu. Para fins de analogia apenas, imaginem que cada nível subconsciente seja personificado numa personalidade, que se sujeita então à representação de um sonho ou mais, que observa um ecrã em que as imagens do sonho cintilam.

Toda a personalidade subconsciente haverá de ver e de escutar o mesmo sonho, tal como muitas pessoas podem assistir a um mesmo filme; e como cada pessoa num teatro interpreta diferentemente o simbolismo do drama, também cada camada do subconsciente interpreta diferentemente os mesmos elementos de um dado sonho.

Bom, o "Eu" que sonha, que tem consciência de movimento, ação e participação num sonho, esse "Eu" é, evidentemente o eu interno, focado momentaneamente na camada subconsciente particular em que o sonho

tenha tido origem. Vou aqui sugerir que o termo "camada subconsciente" serviu o seu propósito, e no seu lugar referiremos "áreas subconscientes."

Nos sonhos o "Eu" interno altera o seu ponto de focagem, e isso é significativo. É, por conseguinte, capaz de ver o eu num todo, com a sua vida passada e presente. E, por o foco o trazer para fora da camuflagem do tempo e do espaço, é igualmente capaz de se projetar no que vós chamais de futuro. Por outras palavras, um sonho permite que o eu interno se veja no presente espacial. Agora, quimicamente, o corpo não necessita sonhar. Quer dizer, o sonhar é uma necessidade caso o corpo físico queira sobreviver. Esse é o resultado de certas reações químicas e necessidades químicas, excessos químicos que se acumulam durante os dias, e incitam o mecanismo mental do sonho.

Sem os sonhos o eu da camuflagem externa perderia todo contato com as realidades interiores, ou estaria em perigo de assim negar a sua própria herança; por conseguinte o corpo físico é de tal modo construído que os excessos químicos deverão ser descarregados e transformados em ação humana, ou o mecanismo físico ficaria entupido com venenos.

Sugiro o vosso primeiro intervalo.

(Pausa às 21h35. A Jane estava dissociada como de costume. Ela disse-me agora que tinha ficado perturbada com o atraso no início da sessão. Desta vez, usando os seus óculos, retomou de forma bastante pausada mas enfática, com a voz um pouco mais forte, às 21h40.)

Quando eu falei da salutar discriminação usada na construção de um sonho, estava a fazer referência ao espantoso trabalho feito pelo eu interno na escolha dos seus símbolos individualizados, que teriam significado para os múltiplos e variados níveis do subconsciente. Os objetos do sonho não são eleitos aleatoriamente, mas só são escolhidos aqueles que vierem a ser significativos para as muitas camadas do eu; de acordo com a necessidade ou de acordo com a essa parte da área subconsciente que deve ser instruída; ou seja, a porção que é participante direto nas atividades do sonho, e que desenrola o drama onírico enquanto outras partes do eu observam.

Precisais perceber uma vez mais que nos referimos ao eu como dividido de tal modo apenas por uma questão de conveniência. Embora o eu seja um todo, ele é compartimentado por motivos de eficiência, mas sob a consciência as portas acham-se abertas. Uma vez mais, o eu consciente é muito necessário. No entanto, não se pode enfatizar demasiado que a consciência seja apenas um estado de enfoque, e não um Eu.

A consciência é a direção para a qual o eu olha a qualquer instante.

Esta é porventura a frase mais importante desta sessão, e de muitas outras. Porquanto a direção do foco do eu realmente muda, e mesmo na vossa própria vida diária vocês experimentam o facto de que, o que é consciente hoje pode não o ser amanhã.

O eu, olha em volta dessa maneira. A direção para a qual o eu olha não é o eu. Nos sonhos, o eu olha para outro lugar, mas o "eu" é um "eu" consciente e a capacidade de trabalho que possui é tremenda. O eu interior percebe realidades que observa em muitas direções, estando livre do foco intenso que exerce em direções limitadas da existência de camuflagem.

Muitas vezes constrói os seus sonhos de tal forma que os símbolos internos serão peneirados através de todas as áreas que em si são menos capazes de examinar vistas amplas, mas cujas energias se acham concentradas em linhas específicas.

Sem os sonhos, o eu integral não teria como manter unidas as suas diversas manifestações, e a chamada personalidade presente consciente logo vacilaria. Imaginem, se fazem favor, um bando de homens, alguns em carros com os faróis a brilhar no máximo, de forma que algumas condições generalizadas possam ser vistas, e alguns com as luzes dos faróis baixas a mostrar apenas a estrada por onde os automóveis passam diretamente. Os homens podem ser comparados a áreas personificadas do subconsciente, dotadas de uma visão parcial das condições existentes. Um outro indivíduo que passe num avião por cima vê toda a paisagem, e através do rádio comunica àqueles abaixo aquelas condições que eles não percebem. O homem no avião, pois, pode ser comparado ao eu interno, que envia mensagens a outras áreas do subconsciente, cujas energias e enfoque são necessariamente usadas de uma forma limitada.

Somente nesse caso o indivíduo no avião, em vez da mensagem de rádio, haverá de contactar via rádio diretamente mecanismo da mente dos indivíduos no solo, um drama onírico por meio dos símbolos codificados que seriam interpretados automaticamente pelos indivíduos em baixo.

Bom, o eu consciente responde sem o saber, muita vez alterando o curso e a direção desses sonhos de que muita vez ele não tem consciência. O ego, o ego consciente, o chamado eu consciente, é somente o homem na linha da frente, suportado por múltiplas áreas ou porções dele próprio que

ele não conhece, e cujas mensagens chegam até si somente através da correspondência dos sonhos.

Não estou, uma vez mais, a minimizar a necessidade prática do eu consciente conforme ele parece ser. Mas o homem é muito mais do que o seu eu consciente, e aquilo a que chama de eu consciente é meramente o eu integral conforme visto através da direção em que o eu integral opta por dirigir as suas energias e enfoque.

Um homem senta-se no centro de uma sala. Quando ele olha para a direita vós dizeis "Este é o meu eu consciente." Quando ele se volta para a esquerda, temos algo de diferente, uma vez mais. Vós dizeis "Este é o eu que sonha." O eu sonhador, ou o eu da mão esquerda, se preferirem, é com efeito tão importante quanto o dito eu consciente. O eu integral meramente altera a direção e o ponto de vista, e foca as suas energias segundo uma linha particular.

Ele liga e desliga feixes de atenção. Tem muitas facetas e muitos volumes e muitas dimensões. Encena papéis, mas o eu integral é íntegro, e todo indivíduo sabe de forma intrínseca e se acha intimamente familiarizado com as intenções e propósitos do eu integral. Mas nos sonhos e intuições e pensamentos não verbalizados, o indivíduo chega a um termo com o eu integral, do qual é meramente uma porção, e não necessariamente a porção dominante.

(A Jane empoleirou-se sobre a mesa, sentou-se nela, e a rir apontou para mim.)

Vou traçar aqui resumidamente um exemplo pessoal. A nossa amiga Jane orgulha-se do seu eu consciente ter iniciado, antes das sessões, um livro intitulado *O Universo Físico Enquanto Construção da Ideia*. Ah ah, orgulhar-se-á ela realmente agora? A ideia que despoletou o livro acudiu-lhe, embora ela possa ter esquecido, por duas formas. Primeiro como intuição: por outras palavras, do seu eu interno ao se sentar a escrever poesia, e num sonho na noite seguinte. Intelectualmente ele seguiu as ideias, mas o seu eu interno passou-lhe a mensagem inicial essencial. A poesia dela não brotou do eu consciente, contudo ela não o deserdaria em razão disso. A intuição representa as direções do eu interno a irromper pelas barreiras conscientes.

Se as mensagens do eu interno forem suficientemente fortes passarão através das barreiras conscientes, e o ego consciente só ficará encantado por as receber. Mas tais intuições geralmente só apareceram por uma

primeira vez na forma de sonho, e surgiram ao ego mais tarde; mas muitas mensagens dessas aparecem em sonhos antes do tempo, para serem libertadas para a mente consciente quando as situações o exigem.

Tinha-me esquecido do vosso intervalo. Façam-no, por todos os meios.

(Pausa às 22h22. A Jane estava totalmente dissociada; tanto assim que, disse ela, não acompanhara o material de todo e não fazia ideia se era bom ou não.)

(A Jane lembra-se bem da noite em que, pela primeira vez, concebeu conscientemente a Construção de Ideias, e eu também. Ao verificar os manuscritos dela, obtém-se a data de 10 de setembro de 1963 como o momento em que fez as primeiras notas. Lembro-me de ir até à sala de estar, onde ela escreve a sua poesia, depois de terminar o meu próprio trabalho no meu estúdio, ao fundo do apartamento, por volta das 21h00; as primeiras palavras da Jane foram "Rapaz, tive uma grande ideia", ou algo do género. Depois contou-me a construção de ideias, de que eu não gostei por aí além. Confirmando isto com ela enquanto escrevo este relato, disse-me que nessa noite não chegou a fazer poesia; a ideia surgiu-lhe quando se sentou para escrever poesia depois do jantar, e passou a noite a trabalhar nela.)

(Pode ser interessante citar aqui o primeiro parágrafo das notas que a Jane fez nessa noite: "A ideia básica é que os sentidos não se desenvolvem para permitir a perceção de um mundo material já existente, mas para o criar. A imagem interior [ideia] é projetada pelos sentidos para fora, a fim de criar o mundo das aparências. [Câmara ao contrário, para o olho, por exemplo.]")

(Como o Seth afirma, a Jane teve de facto um sonho sobre a ideia na noite seguinte, 11 de setembro de 1963. Ela recorda-o com bastante facilidade. Contudo, não possui registo escrito do sonho, pois isto foi antes de ter cultivado o hábito de manter um caderno de sonhos. Como foi mencionado há muitas, muitas sessões, porém, o seu poema The Fence (A Cerca), escrito em maio de 1963, prefigura claramente o material do Seth, tratando [ainda que nem sempre por nome explícito] de temas como reencarnação, sonhos, mundos não percecionados, etc. [Ver o poema na página 28, Sessão 5, no Volume 1 de The Early Sessions.])

(A Jane retomou do mesmo modo às 22h33.)

Bom, a mente consciente percebe a matéria. Contudo mesmo então não percebe a matéria diretamente, mas de uma maneira bastante indireta, e somente o eu integral dirigir uma certa porção das suas energias nessa direção. O chamado eu consciente não percebe as construções oníricas igualmente válidas. Haveis de descobrir que o eu integral é composto de muitos dos ditos eus conscientes. Mas nenhum desses eus conscientes tem consciência da existência dos outros eus.

O eu que sonha, caros amigos, não tem consciência do eu consciente. O eu integral, só o eu interno, tem conhecimento da direção em que se move. Essa direção pode ser equiparada aos eus conscientes. Todo indivíduo que no nível físico tiver realizado grandes feitos tê-lo-á feito por o seu chamado eu consciente ter estado intuitivamente consciente dos eus de que ele não poderia ter conhecimento consciente.

Os homens não são ilhas, até mesmo em relação a eles próprios. Eles meramente percebem ilhas, ou fragmentos de realidades. O sonho relaciona as diversas manifestações do eu com a porção integral. Os sonhos trazem conhecimento intuitivo do eu integral às suas próprias partes. Vou terminar a sessão em breve, após mencionar a breve trecho o exemplo de como os diversos níveis do subconsciente interpretam um símbolo. Vamos usar o sonho da Jane que já interpretamos e diversos níveis, e um símbolo somente, o da banheira.

(Ver a sessão 87, página 11)

A banheira é o símbolo unificador do sonho, interpretado pelos diversos níveis do subconsciente.

No nível mais superficial, o eu onírico da Jane pensou "Um dia serei uma velha banheira," querendo com isso dizer um recipiente velho e gasto. Isso tinha que ver com o desaparecimento da juventude, e tinha um sentido superficial para a personalidade superficial feminina. A banheira foi a seguir interpretada como máquina de lavar num nível secundário que era em si um símbolo condutor à interpretação seguinte, que dizia respeito a uma vida passada, a de uma velha banheira que vertia. No seu sonho a máquina de lavar que vertia conduziu-a a um terceiro nível, em que a banheira era símbolo do velho navio que vazou quando tu, Rob, eras um passageiro a caminho de Boston numa vida passada.

A conexão pegou de novo. O passado administrador da galeria foi teu conhecido nessa vida, e foi passageiro no mesmo navio. Aqui a Jane foi levada para trás ao primeiro nível momentaneamente, e foi tranquilizada,

ao dizer “Eu não vou ser a velha banheira, que ela foi e é,” me resultado de, num nível superficial, ter superado o ciúme por a anterior administradora gastar tanto dinheiro em roupas e com a aparência.

(Ver a 59.ª sessão para os dados sobre as vidas passadas da Jane, da Dee Masters e as minhas, em Boston, antes da Guerra de Secessão; e ver também a 87.ª sessão.)

A Jane sabia que poderia adquirir um aspeto melhor se despendesse metade do tempo e do esforço, mas sentia ciúme à mesma. Pelo que aqui os símbolos coincidiram. Ela obteve informação subconsciente respeitante à tua vida passada (para o Rob), pelo que o símbolo da banheira se prestou a três propósitos. Eu dei-lhe informação que a ajudou a superar o ciúme, e foi uma transição de um significado superficial para um conhecimento mais profundo. Ao mesmo tempo o termo banheira referiu igualmente uma amiga dela, uma mulher cujo nome de solteira fora Tubbs, e informou-a subconscientemente que ela estava em dificuldades, como quando a banheira ou a máquina de lavar vertia. Aqui o vazamento da banheira referiu-se ao navio num nível, e às dificuldades que estavam a ser experimentadas pela sua velha amiga noutro. Mas não tenho muita certeza acerca disso; a mulher pode ter estado em trabalho de parto e a bolsa do líquido amniótico ter-se rompido.

(Este dado fez-me realmente endireitar na cadeira e prestar atenção. A Jane não tem notícias da sua amiga de escola, a Marie Tubbs, há vários meses, e, se a Marie estava grávida, nós não o sabíamos. Elas têm mantido uma correspondência algo irregular ao longo dos anos e não se veem desde os primeiros tempos do nosso próprio casamento, há dez anos. Mas, por terem sido tão boas amigas nos tempos de escola, conseguiram manter-se em contacto ao longo dos anos.)

(A Jane vai agora escrever à Marie para verificar se o Seth tem razão; se não tiver, ou se os dados estiverem distorcidos, a Jane tentará descobrir pela Marie que ligação poderá ela ter tido com a água. O nome de casada da Marie é: Marie Sterrett, de Boynton Beach, Florida.)

Em todos os sonhos hão de encontrar uma imagem unificadora que parecerá tão diversa quanto esta para a mente consciente. Só que há de falar às diversas porções do eu. Em muitos casos veem que a palavra banheira se refere a diversos significados, mas em muitos casos verão muitas outras imagens, todas engenhosamente ligadas de modo que lhes parecerá desafortunado que a mente consciente não as consiga interpretar. Contudo, eu disse que amente consciente não passa de uma pequena porção de todo o

eu, e a informação assim recebida através de sonhos é automaticamente posta em prática ou assimilada, independentemente da cognição consciente.

Esta informação em si pode-lhes permitir interpretar os vossos sonhos de modo mais eficaz; e devia capacitar outros que lerem o material a interpretar os seus próprios sonhos com um maior sentido. Não é tão importante quanto possam pensar, dado que amiúde vocês agem automaticamente com uma maior sabedoria, e a mente consciente é extremamente lenta a assimilar o conhecimento que as intuições sabem de cor.

Espero conseguir abordar a aparência do teu pai no teu sonho. No entanto, a explicação levará quase uma hora e não é aquilo que pensas. Sugiro agora que terminemos a sessão, embora, se quiseres que eu continue, eu continuarei.

("Acho que não.")

(Normalmente eu estaria disposto a continuar em tais casos, mas raramente o faço porque isso mantém a Jane a trabalhar por mais tempo.)

Então desejarei a ambos uma boa e carinhosa noite, com a observação de que o Ruburt ganhará mais este ano através da escrita do que ganharia na galeria. E, se o teu pobre Professor Von Jamesson aparecer à tua porta, não te surpreendas. Sê muito amável e atencioso e diz não a qualquer coisa que ele possa sugerir.

Os meus mais cordiais votos para ambos.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 23h02. A Jane estava dissociada como de costume. Tinha os óculos postos, mas depois da sessão perguntou-me com que frequência os tinha efetivamente no rosto, uma vez que, enquanto transmite o material, ela não vê nada. Eu disse-lhe que, ultimamente, tem estado sem os óculos talvez um terço do tempo, algo que não costumava fazer. A prestação da Jane foi bastante animada ao dar as últimas páginas da sessão. A minha mão de escrita também estava cansada.

(Incluirei uma cópia do sonho muito longo, vívido e complexo que eu tive, envolvendo a Jane, o Bill Macdonnel, três amigos de uma família de Sayre e o meu pai, antes de qualquer sessão que o Seth utilize para o discutir. Este sonho foi seguido por aquilo que acredito ser uma continuação, uma semana ou algo assim depois.

(Os dois sonhos seguintes são incluídos aqui porque são tratados extensivamente pelo Seth na seguinte, 94.ª sessão. São retirados do meu caderno de sonhos, que comecei a manter há muito pouco tempo.

(18 de setembro de 1964, sexta-feira: Este foi um sonho longo, complicado e muito vívido, que pareceu consumir horas. Foi em cores. No início, a Jane; o Bill Macdonnel; o Clark, a Alice e o Larry Potter; e eu estávamos num apartamento que não reconheci, mas que tomei por ocupado por a Jane e por mim. [O Clark e a Alice Potter tinham sido os nossos senhorios em Sayre, PA, durante mais de quatro anos. Nós os quatro gostámos uns dos outros desde o início e sempre nos demos bem. O Larry é o filho adolescente deles, e eles têm outro filho, o Norman, mais velho um ano ou dois, que não estava no sonho.]

(Ajoelhado ao lado de uma mesa de sala antiga, com uma prateleira por baixo, vi uma pilha de desenhos e pinturas da Jane com cerca de trinta centímetros de altura. Puxando um, fiquei surpreendido com as cores vivas do desenho e com a forma maravilhosamente tridimensional que continha. Um desenho a pastel de uma árvore verde e frondosa encantou-me especialmente, e exclamei para o Bill e os outros que os desenhos da Jane eram muito melhores do que eu pensava, ou do que tinha percebido que ela era capaz de fazer.

(Depois o Bill e a Jane já não estavam. Eu estava na sala de estar do apartamento com a Alice e o Clark, olhando para trás na direção de uma cozinha acabada em painéis de madeira castanha. Numa divisão intermédia vi o Larry Potter. Ele vestia um casaco de outono tipo camurça, com punhos de malha. Pareceu-me mais alto e mais pesado do que eu o conhecia, que era mais ou menos do meu tamanho. O que me espantou foi que o Larry estava freneticamente ocupado com uma máquina de lavar do tipo com rolo, que jorrava um fio de água pela saída para um balde que estava quase cheio.

(Fitando-me, o Larry gritou-me para lhe ir buscar uma forma de tarte, que a máquina ia fazer transbordar o balde a qualquer segundo. Eu gritei de volta que uma forma de tarte não aguentaria grande coisa. A máquina aos saltos enquanto o Larry a segurava. Não me lembro de água no chão. A seguir, o Larry estava muito zangado comigo; ficou mesmo ao meu lado e erguia-se acima de mim, gritando qualquer coisa sobre eu ser uma espécie de parvo ou tolo e que precisava de um bom murro.

(Depois, a Alice Potter e eu vínhamos a conduzir pela Route 17 até Sayre. Ela estava muito compreensiva comigo, e eu posso ter esquecido os motivos. Creio que ela vestia uma camisa de dormir, mas não tenho a

certeza. A Alice estacionou o carro em frente à casa dos meus pais em Sayre, pôs o braço à volta do meu ombro e disse qualquer coisa. Eu então saí do carro e ela partiu. Vi claramente a casa dos meus pais ali na Wilbur Avenue, mas não entrei. Em vez disso, comecei a subir a Mohawk Street, virando a esquina para a Keystone Avenue, um quarteirão adiante. Eu ia a um teatro, grande, na esquina da Keystone com a Mohawk, embora na realidade não exista nenhum ali. Eu estava agora de pijama às riscas. [Eu não tenho nenhum assim.] Estava bem coberto pelo pijama, que era solto e folgado, e nada nu.

(A seguir eu caminhava pelo corredor central do cinema escurecido e cheio, ainda de pijama, mas sem qualquer embaraço ou preocupação de que outros me vissem ou pudessem ver. O sítio estava escuro, claro, mas eu via suficientemente bem. Eu procurava alguém ou alguma coisa que não conseguia encontrar.

(Depois o espetáculo acabou e as multidões saíam do teatro. Era noite lá fora, e eu estava sentado na relva verde em frente do teatro, ao lado da Mohawk St., novamente sem qualquer preocupação enquanto muitas pessoas bem-vestidas passavam por mim. Continuava a usar o pijama e estava perfeitamente senhor de mim.

(Depois o meu irmão, o Dick, parecendo talvez um pouco mais novo do que é agora [cerca de 36], aproximava-se de mim, sorrindo-me e dizendo-me qualquer coisa. Ele estava completamente vestido, com um casaco. O Dick vinha acompanhado por um homem magro, de rosto aguçado e óculos de aro escuro, bem-apessoado num fato escuro, camisa branca e gravata colorida, e por uma mulher esguia e bastante atraente que eu não conhecia. Este casal que vinha com o Dick não me falou, tanto quanto me recordo.

(A seguir, a Jane e eu tínhamos estado a uma festa num edifício numa esquina movimentada do centro, no segundo andar. Eu não vi realmente a Jane, mas sabia que ela estava lá, na festa. Havia muitas pessoas. Entrei nesta parte do sonho quando saí da escada para ir até à esquina apanhar ar fresco. Eu agora estava vestido, e era de dia. Enquanto eu estava na esquina, com pessoas a passarem por mim em todas as direções, estiquei os braços bem acima da cabeça. Então, para minha surpresa, vi o meu pai passar de bicicleta diante de mim, para além da esquina. O pai usava um chapéu castanho familiar e um sobretudo castanho comprido, bastante incongruente, e tinha a sua idade atual. A cara dele estava muito lisa e de faces rosadas, com ar muito saudável, e parecia pedalar com muita facilidade, como faria um jovem.

(Fiquei muito surpreendido por ver o Pai. Ao passar por mim, virou a cabeça para olhar para trás, por cima do ombro esquerdo, sempre a sorrir serenamente. Apanhado de surpresa com os braços no ar, baixei rapidamente o esquerdo um pouco, mantendo-o rígido, e acenei ao Pai com a mão a rodar no pulso. Não dobrei o braço, mas acenei-lhe desajeitadamente com ele rígido, de modo que apenas a mão se mexia. O Pai não me disse uma palavra, nem eu lhe falei ou chamei por ele. Continuou a pedalar, aparentemente por uma ligeira inclinação logo para lá do cruzamento. Este foi o fim do sonho, e causou-me grande impressão.

(24 de setembro de 1964, quinta-feira: Será este sonho uma continuação do anterior? Outra vez em cores. Os meus dois irmãos, o Loren e o Dick, e eu estávamos numa sala algo semelhante a um tribunal, sentados por trás de uma mesa comprida, baixa e polida, de cor escura. Nós os três sentávamo-nos de frente para a nossa mãe, que estava por detrás de uma espécie de secretária ou balcão mais alto. Ela tinha a sua idade atual.

(Um ruído constante enchia o ar. A Mãe falou connosco, ou um de nós perguntou-lhe qual era o problema, não tenho a certeza. A Mãe respondeu, mas, embora eu visse claramente os lábios dela mexerem-se, não consegui ouvir o que disse. Os três rapazes inclinaram-se na direção dela. Creio que fui eu quem então lhe pediu para repetir o que tinha dito, por cima do ruído, que era algo como um vento a soprar. Inclinando-me para a frente sobre a mesa, ouvi então a Mãe dizer muito distintamente: "O Pai tem uma mancha num pulmão." Este foi o fim do sonho e acordou-me.

(Estes dois sonhos impressionaram-me bastante, e perguntei-me se seriam clarividentes, no sentido de poderem prenunciar uma doença ou uma despedida por parte do Pai. Convém acrescentar já aqui, bem como na sessão, que os três rapazes não se juntam com muita frequência — em média, menos de uma vez por ano, eu diria — porque todos vivemos em comunidades diferentes, o Loren e o Dick têm família e, claro, cada pessoa está sempre ocupada com a sua própria vida.

(No entanto, nós os três encontrámo-nos com os nossos pais no último domingo, 4 de outubro de 1964, para tratar de um assunto de família. Nenhum de nós sabia de tal reunião no momento do meu sonho acima, de 24 de setembro, simplesmente porque a reunião ainda não tinha sido marcada, nem sequer pensada. E devo admitir que tal foi o envolvimento no problema em mãos quando a família finalmente se reuniu em 4 de outubro, que me esqueci completamente dos sonhos nessa altura, nunca me apercebendo de que eu tinha sonhado com um encontro de família 10 dias

antes de acontecer. Este aspeto clarividente do segundo sonho é discutido pelo Seth na sessão seguinte.)

SESSÃO 94
INTERPRETAÇÃO DO SONHO DO ROB
CARACTERÍSTICA DO EU INTERIOR

(Estava agendado que o nosso senhorio e a esposa, James e Marian Spaziani, compareceriam à sessão desta noite e chegaram às 8h30. Os Spazianis tinham tido conhecimento do material de Seth desde o início e leram algumas das sessões anteriores; na verdade, foi o Jim quem emprestou o tabuleiro Ouija à Jane em Novembro de 1963, o que levou ao estabelecimento da corrente do material de Seth.

(Apesar de sermos todos bons amigos, a Jane ficou um pouco nervosa com o passar do dia, por os Spazianis nunca terem assistido a uma sessão, embora ambos se interessassem por Perceção Extra Sensorial, e o Jim tivesse lido muitos livros sobre o assunto.

(Por volta das 8h40, os convidados ainda não haviam chegado e a Jane havia acordado do seu cochilo. Antes de se deitar, ela instruíra o seu subconsciente a informá-la se iríamos ter testemunhas, mas ao se levantar ela ainda não obtivera resposta. A Jane então expressou o desejo de obter no futuro um compromisso tão firme quanto possível das testemunhas, bem antes das sessões em questão começar. Como não temos telefone, a verificação à última hora é difícil e podemos ter que ter um telefone instalado.

(Depois do jantar, a Jane leu os dois sonhos citados anteriormente que envolviam o meu pai. O meu caderno de sonhos estava aberto sobre a mesa. À medida que o horário da sessão se aproximava, a Jane deixou de se sentir nervosa. Percebi, entretanto, que ela estava um pouco cansada, e quando ela começou o ditado, eu achei que a voz dela tinha uma qualidade peculiar, monótona e inexpressiva, que poderia ser resultado do cansaço. Ela falava de modo bastante deliberado e frases comedidas, numa voz um pouco mais baixa que o normal, porém não alta, como se estivesse a dar uma palestra diante de uma quantidade de pessoas.

Uma vez mais ela tirou os óculos e revelou ter os olhos muito escuros. O ritmo também era bastante lento.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Gostaria aqui de discutir um facto sobre o qual falamos brevemente no passado; isto é, que o mundo interior não pode ser examinado com os sentidos exteriores, que de facto o propósito principal dos sentidos exteriores é a interpretação da existência exterior ou de camuflagem. Os sentidos externos, como vocês sabem, são eles próprios construções de camuflagem, instrumentos específicos formados por uma razão específica para manipular a realidade de camuflagem. Eles não estão equipados para lidar com outras realidades, nem se espera que o façam.

Eles foram adaptados para atender a uma situação específica em que o eu interior se viu obrigado a operar e, portanto, tomou para si a adoção dessas construções específicas. Portanto, como os sonhos são manifestações da realidade interna, eles não podem ser interpretados nem investigados com sucesso pelo uso dos sentidos externos.

Em vez disso, eles precisa, ser interpretados através do uso desses sentidos interiores de que falei, por esses serem os instrumentos básicos do eu interior. Eu percebo que é reprovado falar em termos de um intelecto limitado, que não pode compreender toda uma realidade por causa de uma deficiência inerente; mesmo assim conquanto seja verdade que o intelecto por si só não pode apreender nem compreender a realidade interior, isso não deve ser encarado como uma deficiência inerente ao intelecto.

O estudo ou investigação da realidade interior não foi o propósito do intelecto. O intelecto, uma vez mais, também foi e é um meio pelo qual o eu interior se relaciona com o universo físico camuflado que ele próprio construiu. Os sonhos não podem, pois, ser adequadamente entendidos nem investigados a um nível intelectual. Os resultados de um outro tipo de investigação podem ser dados ao intelecto, que poderá então registar os factos envolvidos, mas somente com alguma dificuldade, uma vez que o intelecto é obrigado e determinado a estudar os factos à luz da chamada causa e efeito, que tão lógico parece ao intelecto, uma vez que muitas vezes lida com aparências registadas pelos sentidos externos, e então tenta interpretar em algum tipo de ordem.

A investigação dos sonhos precisa, pois, ser realizada no ou a um nível subconsciente. Para estudar os sonhos adequadamente, vocês precisam, de facto, mergulhar-vos naquele meio em que os sonhos ocorrem. O foco intenso, porém limitado, da consciência usual distorcerá a verdadeira natureza dos sonhos, e o ego realizará qualquer exame consciente dos sonhos dentro de laços rígidos.

Ora bem. Existe a tendência de supor que qualquer evidência verdadeira ou prova de validade dependa daqueles efeitos que podem ser percebidos através dos sentidos exteriores. Essa tendência existe simplesmente por vocês não estarem familiarizados com outros tipos de validade, cujo impacto é igualmente real; tão real de facto que uma vez que tal prova se tiver mostrado, até mesmo o intelecto deverá ser influenciado e concordar com uma validade que precisará admitir que não consegue compreender.

A hipnose é um método de examinar os sonhos. O nosso método será porventura o melhor. O eu interior muda constantemente o seu enfoque. Eu disse que a consciência é meramente a direção na qual o eu interior se concentra num dado momento. Para examinar a realidade dos sonhos é necessário mudar o enfoque do eu interior para aquelas direções em que o eu interior se move, em que o ego não se limita apenas a camuflar a realidade. Isso em si, essa mudança de enfoque, não é difícil. O que é difícil é a capacidade ou facilidade de mudar o enfoque de uma área para outra, deixando sempre a porta aberta para um retorno ao ponto de enfoque diário necessário usual, para que um equilíbrio efetivo seja mantido e a manipulação na área física permaneça ininterrupta.

(Fiquei um tanto preocupado porque mais uma vez ela disse que estava cansada, e senti que a voz dela revelava claramente fadiga. Discutimos várias alternativas, e decidimos finalmente que a Jane dormiria pelo menos meio hora antes de uma sessão quer viéssemos a ter testemunhas ou não, e quer estivessem presentes ou não. Também falamos em adiantar o horário de início em uma hora para 8:00 PM, pelo menos durante os meses de inverno, quando escurece cedo.

(Gostaria de lembrar ao leitor aqui que quando o Seth usa o termo "área," ele quer dizer o que até recentemente chamava de "nível" do subconsciente. Na verdade, ele afirma que o subconsciente não está nitidamente dividido em níveis, mas está maravilhosamente entrelaçado como num labirinto. Seth mencionou isso em vários momentos.

(Mais uma vez com a mesma voz um tanto monótona e deliberada, embora se mostrasse um pouco mais robusta agora.)

Os instrumentos de investigação são, pois, diferentes. Isso não significa que a investigação não seja tão válida quanto aquelas sondagens realizadas com instrumentos diferentes.

Agora, durante o drama do sonho, o eu interior pode concentrar-se em várias, ou em uma de várias áreas subconscientes que ele usa como ponto de partida. Essa área, qualquer que seja, será aquela em que a sequência principal do sonho tem origem e em que a atividade do sonho ocorre.

Os objetos e atividades do sonho serão então interpretadas em outras áreas do subconsciente, de modo que, para entendermos devidamente um sonho, devemos primeiro descobrir em que área subconsciente ela teve origem. Os indivíduos podem habilitar-se a encontrar esse ponto de origem por si próprios, depois de uma tentativa de recordar um dado sonho ou sonhos.

O indivíduo precisa conseguir familiaridade com a natureza geral dos seus próprios sonhos primeiro, como a Jane agora tem algum conhecimento ou intuição que lhe permite distinguir entre sonhos que têm origem em áreas que têm que ver com vidas passadas, e aquelas que têm origem em outras áreas, embora ela ainda não esteja capaz de diferenciar mais.

É necessário um estado de dissociação, um derrube das barreiras egocêntricas para que o simbolismo interno possa ser apreciado e distinguido. A mudança de enfoque por si só ajudará o esclarecimento intuitivo, e a associação poderá então aumentar mais facilmente através das áreas do subconsciente.

Elas realmente irromperão, ou surgirão, na consciência egocêntrica se lhes for dada uma oportunidade; mas a consciência egocêntrica não pode ir atrás delas. O ego sempre erguerá defesas, mas a compreensão intuitiva sempre foi capaz de perfurar tais defesas. De modo que, na interpretação dos teus sonhos Joseph, como nos da Jane, precisamos mudar nosso enfoque, pois o que aparece como uma interpretação lógica através de um exame consciente é muitas vezes distorcido.

A sequência de sonho básica e causal ocorreu nessa área do subconsciente que tem que ver com vidas passadas mas, claro, expandiu-se para outras áreas. O sonho foi parcialmente desencadeado, como sucede frequentemente entre indivíduos intimamente relacionados, pelo próprio sonho da Jane em que o recipiente com vazamento foi apresentado.

(Mais uma vez, consultar a sessão 87ª com relação ao sonho da Jane.)

Ela, a sequência, referiu novamente aquela viagem oceânica, e deu-te um conhecimento subconsciente adicional, ao te informar que o Larry Potter que conheceras era um marinheiro no mesmo navio. Ele pairava

acima de ti no sonhe porque durante aquela viagem ele tinha posição, e tu enquanto clandestino não tinhas nenhuma. E quando tu foste descoberto foi ele, primeiro imediato, que te obrigou no dever, e que menosprezou os teus esforços até que finalmente ele bateu-te; um facto, aliás, que tu não estavas disposto a enfrentar no sonho.

(Verdadeiro. Ver a página 48. Neste momento, também me acudiu à mente o facto de eu ter uma coleção de talvez 30 livros sobre velhos veleiros, o mar, piratas, etc. — Eu não tinha pegado neles recentemente, de facto começara a coleção dez anos atrás, antes de me casar, quando me interessei pelo assunto enquanto fazia pesquisas para algumas obras de arte. Mas desde que criei a coleção, insisti em levá-la connosco cada vez que mudamos de local.)

Por causa da situação atual, em que o homem na tua vida atual é um mero rapaz, o sonho então mudou de nível. O navio torna-se um símbolo masculino. O primeiro símbolo foi construído em torno dos sonhos da Jane, que envolveram um símbolo feminino; isto é, a presente Jane interpretou o navio como uma banheira, daí a máquina de lavar, o navio com vazamento torna-se uma máquina de lavar com vazamento.

O teu sonho começou com isso, mas tu rapidamente o transformaste numa interpretação masculinizada. Um navio é pensado como 'ela'. O símbolo mudou então para uma mulher: *ela* que carrega os homens dentro dela. Por causa da área de origem do sonho, tu escolheste a mãe do rapaz Potter, e ela foi a imagem de conexão de uma área para a outra. Mesmo no teu sonho, ela carregou-te num carro de um local para outro.

Mesmo isso, no entanto, deu-te informações adicionais. O parceiro morreu durante aquela viagem. Ele bateu-te. Tu eras então muito mais jovem do que ele. Dois outros marinheiros saltaram em tua defesa, não por uma grande bondade de coração, mas principalmente por eles não gostarem dele. Ele sofreu um ferimento, não obviamente crítico, que desenvolveu envenenamento do sangue. Tu descobriste-o mais tarde e sentiste-te um pouco culpado. No sonho a mãe do rapaz presente é vista a confortar-te, sendo esta uma forma de aliviar o desconforto passado que numa certa área subconsciente ainda perdura. Na época o rapaz estava com trinta e poucos anos, mas tu era muito mais jovem.

("Sabes em que ano foi?")

Não.

O navio tinha a palavra “donzela” por nome, no entanto, e transportava carga de Southampton para Boston.

Então viste-te, no sonho, a envergar pijama, primeiro colocado em frente à casa dos teus pais, mas sem entrares. O que representa uma conexão simbólica uma vez mais, uma transferência ainda não para esta vida, ou seja, não para a casa dos teus pais. Mas imediatamente antes do nascimento tu dás por ti no sonhar de pijama, a entrar num teatro, à procura de alguém. O pijama apenas representava simbolicamente a tua recusa em admitir o facto de, primeiro, a nudez; adiar o nascimento, contemplar no teatro da existência antes de te permitires renascer no plano físico, deliberação essa que sempre tem sido parte da tua composição. Tu estavas à procura da pessoa que se tornaria teu irmão, e na verdade encontraste-o, ou ele encontrou-te a ti. As pessoas no teu sonho não perceberam o teu estranho traje, curiosamente, porque no teu sonho tu ainda não havias eleito nascer.

Uma mulher com o teu irmão a quem tu não reconheceste. Vocês os três comunicaram antes de nasceres. A mulher era o teu irmão Loren tal como ele aparecera antes. Tu então planeaste ou decidiste nascer quando a reunião foi realizada. No entanto, tu também pretendias tornar-te intimamente associado com o homem que agora é teu pai.

Mas embora tu tenhas encontrado tanto o atual Dick quanto o Loren, nenhum de vocês sabia qual seria o seu relacionamento nesta vida. Pretendias uma relação de irmãos ao longo da vida com o homem que é, em vez disso, teu pai. Por isso ele passa por ti, a bicicleta é um símbolo da juventude. Isto é, por tu teres imaginado que ele seria um contemporâneo em idade, tu viste-o numa bicicleta, um método infantil de transporte, mas por ter nascido mais cedo o veículo levava-o além. Tu estendes, um símbolo do período relativamente sonolento e não realizado da juventude, do começo da juventude, em que foste apanhado, daí o braço rígido que não podias, pois, manter o homem que é teu pai contigo no tempo. Ele sorri e acena com a cabeça, mas tu não falas por a comunicação entre vós sempre ter sido difícil. O aceno de cabeça dele, no entanto, foi uma bênção para ti. Claro que foi o conhecimento de que ele morreria necessariamente antes de ti que deu origem à sua passagem, mas o sonho não envolvia um conhecimento clarividente imediato da sua morte.

Agora chegamos a um sonho que teve origem numa área subconsciente bem diferente, e isso englobou um certo conhecimento clarividente. Transmitiu-te aviso interior para te preparares para a ocorrência bastante real do Domingo passado, em que tu na verdade, até

certo ponto, recorreste à condenação. Claro que houve necessariamente uma certa distorção, e uma distorção bastante complicada na verdade.

No sonho a tua mãe sentava-se diante de um tribunal superior, o que simbolizava a tua própria convicção interior, fundada em bases anteriores bastante puritanas, por a tua mãe e as suas ações precisarem ser condenadas, e da vingança natural, mas desafortunada, de uma criança: "Aquela que me ofendeu -- em especial *a minha mãe* e uma *mulher* -- há de encontrar justiça." Tu tens-lha no sonho diante da barra da justiça.

Os outros filhos encontram-se presentes. Na área infantil do subconsciente tu acreditas que a tua mãe é a principal responsável pelas dificuldades familiares. No entanto a defesa dela, que tu reconheces como basicamente insincera embora superficialmente acertada neste caso em particular, foi a de que o teu pai lhe bateu no peito. Tu identificaste-te com o teu pai, e não podias permitir -- pelo menos neste sonho -- uma identificação desse tipo, uma vez que a esse nível infantil tu não o culpavas e terias desejado, enquanto criança, ter o poder de fazer a mesma coisa.

Assim, até mesmo no sonho tu interpretaste mal e distorceste a violência. Em vez de a tua mãe dizer: "Ele bateu-me no peito," e para te punires a ti próprio através da tua identificação com o teu pai, em vez disso tu traduziste as palavras assim: "Ele tem uma mancha nos pulmões," punindo, pois, simbolicamente o teu pai e a ti próprio pela violência.

Contudo, o sonho foi basicamente clarividente, pois previu a real situação de Domingo, em que a tua mãe acabou sendo condenada perante os filhos; e isso preparou-te pelo que tu automaticamente te ajustas, e saíste da situação real bastante incólume, por já o teres enfrentado a outro nível. Tu estavas curiosamente ciente da tua própria interpretação errónea, e o surgimento do teu pai em ambos os sonhos foi contestado pelo símbolo da embarcação feminina, pois a oposição entre ambos os pais tem sido um elemento significativo na tua vida subconsciente.

Uma mancha nos pulmões também sugere sangramento ou vazamento, o que o leva de volta à imagem da embarcação a vazar mais uma vez, e também refere a ofensa que verteu sangue, que foi infligido ao primeiro imediato.

Hás de encontrar sequências dessas com frequência, e isso devia ser esperado. O sonho também permitiu que tu visses com antecedência além da rama a situação que sucedeu no Domingo, e no Domingo tu foste muito mais moderado em relação ao teu pai por o sonho te ter alertado para as

táticas que a tua mãe usaria a um certo nível, e também te ter permitido punires-te a ti próprio e ao teu pai simbolicamente, em vez de na realidade, por uma tendência violenta que agora é evidente nele para com ela, mas que não é tão facilmente evidente, mas reprimida, em ti.

Não te tivesse o sonho preparado, e tu poderias muito bem ter atacado verbalmente o teu pai com mais força, numa tentativa real de fazê-lo sofrer pela sua própria violência bastante contida, porque tu terias tido medo e não terias sido capaz de enfrentar a sua manifestação um tanto mais fraca, mas ainda definitivamente latente, em ti próprio.

Por eu os ter mantido sem o vosso intervalo, agora vou encerrar a sessão. Não quis interromper o contexto nem a continuidade nisso, e foi muito melhor que a Jane permanecesse em constante estado de dissociação profunda para uma interpretação mais fiel dos sonhos.

Tu hás de ver, pela discussão anterior que tivemos, que tal estado é de longe o mais benéfico se uma interpretação fiel precisar ser recebida. Vou continuar a sessão por algumas considerações finais após o intervalo, se preferirem.

("Ok.")

(A Jane estava completamente dissociada, tão distante, disse ela, que não tinha noção da passagem do tempo, se se tinham passado cinco minutos ou duas horas. Na verdade, perdemos dois intervalos. Perto do fim a voz da Jane tinha ficado bastante seca e rouca, e eu estava a ponto de pedir uma pausa quando o Seth sugeriu uma.

(Na verdade, eu sabia muito bem que o Seth estava a saltar os intervalos e tinha observado a Jane com bastante atenção para ver se ela se sentia desconfortável. Esta foi o dotado ininterrupto de longe mais longo desde que as sessões começaram em Novembro passado, em 1963, e ela parecia passar por isso sem qualquer mudança visível na maneira além da rouquidão bastante natural no final. Quanto a mim, posso afirmar que assim que o intervalo foi sugerido a minha mão direita e o meu braço doíam-me até o ombro.

(Já que o Seth não havia discutido o início do meu primeiro longo sonho, a Jane e eu conversamos sobre isso durante o intervalo. Foi um erro, pois tão prontamente o assunto surgiu a Jane recomeçou com apenas um minuto de descanso. Tal como estava, ela permaneceu sentada à mesa,

sentada com os olhos fechados e sem óculos. A voz dela, surpreendentemente, mostrava-se bastante à vontade.)

O sonho dos desenhos ocorreu a um outro nível, mas havemos de discutir em detalhe áreas subconscientes, embora eu fale delas como separadas apenas por questão de conveniência.

O sonho representava uma correlação de passado, presente e futuro, um conhecimento de que a Jane foi de facto um artista numa vida distante, de que ela tem fortes capacidades nesse sentido agora; e representa a tua realização interior do tipo de pintura que ela é capaz de finalmente produzir nesta vida se ela utilizar a capacidade. A tua surpresa no sonho representa a sensação com que ficaste de que ela não está a usar essa capacidade. Portanto, a qualidade da pintura no sonho surpreendeu-te.

(A Jane mostrou-se dissociada como de costume. Ela disse que enquanto estava a ditar o material acima a um certo nível, ela também recebia o pensamento de Seth "num outro nível" pelo que ela deveria dormir durante três quartos de hora depois da ceia nas noites de sessão. Ela relatou essa dupla receção em algumas ocasiões antes, e como antes ela disse que foi capaz de dar voz a apenas um nível de cada vez.

(O desenho a pastel da Jane que eu vi no meu sonho era tão vívido que eu ainda o retenho com clareza, e pretendo fazer uma pintura a óleo dele em breve. Tanto a Jane quanto eu, é claro, tínhamos consciência da capacidade artística dela, e eu fiz diversas tentativas para ela a usar com mais regularidade. Embora ela entenda a perspetiva, que eu procurei ensinar-lhe, ela não a capta, para isso e prefere trabalhar sem ela; ela considera o seu trabalho primitivo, e tem uma qualidade infantil quando é deixada a sós a pintar no seu próprio jeito.

(Ao pensar agora na sessão, eu então trouxe à tona o pensamento de que eu suspeitava de uma distorção na interpretação que o Seth fez do primeiro sonho, onde ele afirmava que antes de nascer eu vira o meu irmão Loren como uma mulher. Eu pensei ter-me lembrado do Seth dizer há muitas sessões atrás que o Loren tinha sido três vezes homem, mas nunca mulher, e que tinha uma vida de mulher pela frente.

(Enquanto lavava o rosto no aposento ao lado, a Jane concordou comigo. Então, para minha surpresa ela voltou atrás e caminhou para a sala de estar, onde ditou de novo numa voz bastante profunda. Mais uma vez ela estava sem óculos.)

O homem que tu conheces como Loren nunca nasceu como mulher ainda no físico. No geral, porém, a entidade é feminina. É por isso que tu o viste como uma mulher, e por que tu não o reconheceste. A vida seguinte será forçosamente a de uma mulher. Ou melhor, a personalidade manifestar-se-á forçosamente como uma mulher nos termos mais extravagantes, por até agora não ter usado as suas potencialidades nem expressado a forte porção intuitiva da sua natureza.

Por a entidade não ter expressado, mas retido a feminilidade básica da sua natureza, ela nutriu-se em si própria de modo que a identidade geral da entidade aparece como feminina simplesmente por haver um acúmulo dessas características tidas como femininas.

Uma entidade é composta do que vocês podem chamar de características femininas e masculinas, mas quando toda a energia é focada em personalidades orientadas para o masculino, desenvolve-se um acúmulo, de modo que a entidade fica apenas com características femininas não manifestadas, até à data negadas.

O mesmo tipo de situação se desenvolve caso ao tipo de característica masculina for repetidamente negado o cumprimento ou manifestação. Eu queria esclarecer isso de imediato, por o mesmo tipo de mal-entendido ter ocorrido em relação ao Loren no passado. E por ora, boa noite.

SESSÃO 95 NO INÍCIO

7 de Outubro de 1964

(Às 20h15, o John Bradley chegou para servir de testemunha. O John já testemunhou várias sessões; trouxe consigo a primeira cópia a papel químico do Volume 1 do material do Seth, que tem andado a ler. Isto compreende as primeiras 38 sessões. O John tinha agora para nós perguntas sobre começos e fins, realidade interior, os sentidos interiores, etc. O John é também um trabalhador incansável a encontrar pessoas dispostas a dedicar tempo livre a datilografar cópias adicionais do material, e tinha também novidades para nós a este respeito. Escusado será dizer que a Jane e eu temos sido descuidados nesta área, e estamos muito agradecidos ao John pelos seus esforços.

(Recordar-se-á que, na 63.ª sessão, a 17 de junho de 1964, o Seth declarou que podia "ver também uma espécie de problema em setembro para uma vizinha que mora três portas abaixo da casa dele" em Williamsport, PA, "sendo que a dificuldade aqui envolve de algum modo

duas crianças... Vem-me à mente um 'V'...” Ver Volume 2, páginas 159–160.

(O John disse-nos que, embora tenha mantido os olhos e os ouvidos atentos a notícias, não soube de nada que tivesse acontecido a tal vizinha, embora, como explicado através do mapa do John na 63.ª sessão, duas vizinhas com filhos moram três portas abaixo da casa dele. O John esteve de férias durante duas semanas em setembro, porém, e disse que pode ter deixado escapar algo que se tenha desenvolvido. O "V" dado pelo Seth não tem para ele significado particular, disse.

(Às 20h35 o Bill Macdonnel também chegou para ser testemunha. Recordar-se-á que o John e o Bill tinham sido testemunhas de várias sessões, mas não em conjunto antes desta. Já aqui se tinham encontrado, contudo, noutras noites que não de sessão.

(A chegada de duas testemunhas inesperadas deixou a Jane um pouco nervosa, mas o estado passou bastante depressa, disse-me ela depois. Às 20h59 ela estava na cozinha a fazer café. Começou a transmissão à hora certa, com uma voz um pouco mais grave do que o habitual e bastante forte. O seu ritmo foi lento. Mais uma vez, os óculos estavam fora, os olhos muito escuros.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Darei aqui as boas-vindas ao Mark e ao Philip à nossa sessão.

O material pode ser uma versão mista de vários tópicos desta noite. Um tour na última reunião discutimos os sonhos e o subconsciente. Anteriormente eu mencionei que seu conceito, conceito distorcido de causa e efeito, levou à ideia de que todas as coisas devem ter um começo e um fim.

Também mencionei que o presente atemporal não conhece começo nem fim, e essa energia, da qual tudo é composto, nunca pode ser retirada. Nem pode a energia individualizada perder sua individualidade, nem em um sentido muito real pode qualquer coisa que já existiu deixar de existir, mas apenas mudar sua Formato.

No nosso último encontro discutimos os sonhos e o subconsciente. Anteriormente, eu tinha mencionado que o vosso conceito, conceito distorcido de causa e efeito, levou à ideia de que todas as coisas devem ter um começo e um fim. Também mencionei que o presente espacial não conhece começo nem fim, e que a energia, de que tudo é composto, nunca pode ser retirada. Tampouco pode a energia individualizada perder aa sua individualidade, nem num sentido muito efetivo qualquer coisa que já tenha existido pode deixar de existir, mas simplesmente mudar de forma.

Visto que a energia não pode ser retirada nem anulada, mas apenas mudar de forma, então não pode existir fim algum, mas apenas uma contração tal como a que expliquei anteriormente. Mas a expansão deverá então seguir-se, uma expansão que, nos vossos termos, traz um novo começo.

O Ruburt, com — creio — dezassete anos, começou um poema com este verso e, se ele me perdoa, vou citá-lo: "O fim ensombra o começo." Fecho aspas. Nos vossos termos, estais obrigados — por certas limitações presentes autoimpostas, e necessárias — a pensar em termos de começo e fim.

O Ruburt, no poema percetivo de criança, não conseguiu largar esta ideia, e temos de falar como ele então falou: em termos de começo e fim. Mas desaprovo os termos, pois, em si mesmos, servem para perpetuar um conceito distorcivo extremamente infeliz.

A energia auto perpetua-se. O universo e todos os planos e universos existentes vêm, de facto, do que vocês podem chamar de energia, vitalidade, ideia; ou de uma essência da personalidade ou gestalt psíquica a que vocês podem chamar de Deus, se preferirem. E esta afirmação é uma versão extremamente simplificada da realidade.

(Ver a 81.ª sessão e o material sobre o conceito de Deus. Nessa altura, a voz da Jane tinha-se fortalecido, embora não estivesse mais grave. Mas falava com muita determinação expressiva, usando muitos gestos e sorrindo frequentemente.)

Antes de todo universo conforme o concebeis, ou eu, chegasse a existir, houve primeiro uma batalha (tentativa). Colocar isto tão simples quanto possível torna-se difícil, dado que me foi simplificado a mim. Em termos finais não existe nem nunca existiu um começo. Isso desgasta o intelecto, de modo que eu vou dizer que nos vossos termos práticos, de que falamos um pouco no passado, existiu o que todos vós podeis referir como um começo quando uma luta, um esforço e um desejo de ser formado em si mesmo e se reuniram a si próprios o suficiente a fim de formar um todo contraído em que todas as possibilidades existiam latentes.

Perguntar-me-eis, pois, pela fonte desse desejo de existir. Perguntareis, é claro, qual terá sido a origem dessa fonte e eu direi de novo que somente no âmbito da intensa mas limitada camuflagem que é o universo tal questão chega a ter sentido ou validade. Longe de mim reforçar as lições do catecismo inicial da minha pequena ateísta. Contudo, preciso substituir o termo Deus por energia, mas ainda dizer que a energia sempre existiu e sempre existirá.

Não é para minimizar a importância do intelecto que eu uma vez mais repito: "A realidade interna só será diretamente conhecida por intermédio do eu interno e dos sentidos interiores. O intelecto precisa lidar e interpretar as realidades da existência-camuflagem, e esse é o seu propósito. Existe uma constante realidade em permanente desdobramento e em constante expansão. As pirâmides das gestalts psíquicas de que eu falei representam nos vossos termos todos os começos e todos os fins, o que uma vez mais se expandem em novos começos e novas formas.

O Philip devia ler as sessões que tratam particularmente das leis do universo, ou seja, das leis internas do universo, e apreciar então os factos de que este universo dentro de todos os universos é espontâneo, embora tenha durabilidade. Seria um retrocesso repetir essa longa discussão, mas como o universo interior tem como atributos a espontaneidade e a durabilidade, e como o presente espacial é simultâneo, enquanto encerra nele todos os passados e todos os presentes e todos os futuros, e como o Philip compreende o significado de expansão em termos que não de tempo nem de espaço mas de realização de valor, também perceberá intuitivamente que nenhuma contradição ocorre na realidade real quando digo que não existe começo nem fim. . .

Como na verdade não existe princípio nem fim para um sonho, também não existe começo nem fim para nenhuma realidade. Assim, um sonho não começa nem termina; apenas a perceção que têm do sonho tem início e fim. Chegam a ter consciência de um sonho, e abandonam essa consciência, mas nos termos do vosso tempo, os sonhos que parecem sonhar pela noite há muito que se acham em existência. Parecem ter início nessa noite por terem consciência deles nessa noite, de modo que pensam que a realidade tenha um começo e um fim. Com efeito vós criais os vossos próprios sonhos, contudo, não os criam num ponto específico do tempo. Os começos, para empregar uma vez mais esse termo conducente à distorção, dos sonhos remontam a vidas “passadas” de que não têm consciência e mesmo além disso, as origens fazem parte de uma herança que existia antes que o vosso planeta existisse.

Porquanto toda a consciência, no vosso plano bem como em qualquer outro plano, ter existido em simultâneo e em essência, mesmo antes do que poderão chamar de começos do vosso mundo. E aquilo que hão de ser existiu então e ainda existe agora ─ e não como uma possibilidade não realizada mas existe como uma realidade. Aquilo que vierem a ser, são agora, não em alguma forma nebulosa ou meia-verdade mas no sentido mais realista. Vocês simplesmente não têm mais noção desses *eus* ao nível consciente do que têm consciência das vidas passadas. O material que lhes forneci com respeito aos planos revelar-se-á muito conveniente aqui. Disse-lhes que um plano não constitui necessariamente um planeta, nem um local, mas apenas um mero enfoque de consciência. Um sonho constitui uma

consciência e uma existência num outro plano, por meio da qual o eu muda o enfoque para se manter em contato com as diversas porções de si próprio de modo que essa comunicação possa ser mantida.

Não creio que o Philip tenha lido o material que trata do universo de perspetiva, em que o sonho é projetado numa realidade mutável, mas durável e bem real, independente do sonhador.

Bom, eu disse que qualquer um de vós e todos criam um universo de sonho dotado de validade, realidade, durabilidade e determinação, do mesmo modo que a Entidade projeta a realidade das suas diversas personalidades. Como não existe contato entre a Entidade e o ego consciente habitual, geralmente não se dá contato ao nível consciente entre o *eu* que sonha e o mundo de sonho que tem a sua própria existência independente. Mas do mesmo modo que o mundo do sonho não tem começo nem fim, tampouco tem o universo físico com que se acham familiarizados. Nenhuma energia pode ser anulada, e isso inclui a energia empregue na contínua construção subconsciente contínua do mundo do sonho. Vocês criam-no continuamente – sempre o criaram. Ele é um produto da vossa própria existência, e ainda assim não podem nem traze-lo à existência nem destruí-lo.

Chegamos agora a um atributo principal de toda a realidade, e daquilo que é tão definitivo quanto qualquer coisa que conheço ─ aquela gestalt de energia que pode ser chamada de Deus. Pois uma compulsão existe está que se torna num atributo, e essa compulsão dá à sua face oposta um caráter humano. Pois o único e principal atributo ou característica dessa energia infinita é a compulsão para existir. Essa é a força motriz, aquela lei principal da qual flui a realização do valor.

Deixarei que façam o vosso intervalo, por pura bondade da minha parte, e também para que eu possa beneficiar da vossa brilhante conversa entre os trechos do meu material. Lamento, e profundamente, que ainda tenhamos de tratar de conceitos em termos de palavras encadeadas umas após as outras, pois este método serve para reforçar a vossa ideia de continuidade, causa e efeito, passado e presente, e todas essas camuflagens que estou completamente decidido a pôr no devido lugar.

(Pausa às 22h02. A Jane estava dissociada como de costume. Novamente pôs os óculos no intervalo, tendo transmitido o material acima sem os usar. A minha mão de escrita sentia alguma fadiga.)

(O John e o Bill, a Jane e eu envolvemo-nos numa discussão sobre o livre-arbítrio e, ao tentar sublinhar alguns pontos que eu tinha a certeza de que o material abordava, voltei a dar-me conta de algo que se tornava cada vez mais óbvio: a saber, que o material atingiu agora tal extensão, e entrou em tantos assuntos — alguns levemente e outros em profundidade — que eu, por mim, já não consigo manter tudo em pronta recordação.)

(A Jane retomou com a mesma boa voz, novamente sem os óculos, às 22h17.)

Meus queridos amigos. Não há fins alguns que devam ser atingidos por uma qualquer personalidade, nem fins que devam ser obtidos por uma personalidade para a Entidade. Existem apenas vários planos de existência nos quais a energia deseja, ou pode desejar, manifestar-se. A entidade então projeta uma personalidade nesse plano de existência, equipando-a com quaisquer camuflagem de sentidos, mecanismos e proteções que sejam necessários à sobrevivência nesse plano.

A personalidade fica por sua própria conta, com o que vocês poderão chamar de poder de autodeterminação e livre arbítrio. Se vocês se lembrassem por completo do nosso material sobre realização de valor, deveriam estar a par de que o único detrimento para o chamado livre arbítrio é a necessidade inerente de realização de valor. Por outras palavras, a personalidade deve obter experiência, num determinado nível de existência, no qual ou através do qual opera, e não pode escolher de outra forma. Deve experimentar a existência no nível particular para que foi projetada.

Nenhuma criança, nenhum infante comete suicídio. É impossível. O adulto que comete suicídio ainda obteve experiência em alguma medida no vosso plano. Esta lei, a da necessidade de experiência, opera somente após a completa materialização e orientação dentro do vosso plano.

Uma criança não se materializa por completo no vosso plano, nem se encontra orientada. Uma personalidade pode recusar-se a obter tal experiência antes do nascimento efetivo no vosso plano. Essa necessidade de realização de valor por meio da experiência num plano de existência particular é o único detrimento, se desejarem pensar dessa maneira, para o livre arbítrio.

Bom. Nenhum outro mandamento se acha integrado, nenhuma outra proibição é dada. Mas integrada, é claro, nessa necessidade de experiência está a compulsão pela realização de valor e, como vocês sabem, isso não se aplica apenas ao crescimento, que é em si uma materialização camuflada da realização de valor num único sentido. As personalidades podem de facto tornar-se entidades. Uma personalidade pode não ser senão uma personalidade nos vossos termos, já que mencionei que um homem sendo uma personalidade pode ser visto em termos de pai, professor, artista, membro da comunidade e assim por diante.

O pai não nega a realidade, digamos, do artista. O pai não furta ao artista o livre arbítrio, nem a entidade furta à personalidade o livre arbítrio. É a personalidade que faz as escolhas. A entidade não pode nem ajudar nem impedir qualquer escolha que a personalidade possa fazer. A entidade pode não gostar de nenhuma escolha particular feita pela personalidade, mas ela, a entidade, não pode mudar o curso que a personalidade opta por seguir. Se vocês disserem que a personalidade não pode definir nenhuma escolha da qual a entidade não tenha consciência, então isso será verdade; mas também é verdade que a entidade é inteiramente incapaz de mudar aquela escolha feita pela personalidade, muito embora a entidade tenha conhecimento da escolha com antecedência, por assim dizer.

Com o seu conhecimento superior, a entidade deve anuir a uma interferência. A única esperança dela, da entidade, está em permitir a inteira independência da personalidade, pois é a personalidade que entende de forma mais clara do que a personalidade as condições do plano particular em que sua existência tem lugar. Aqui não existe nenhum fantoche, nem mão que mova os cordelinhos. Se existisse, vocês realmente teriam um mundo muito mais perfeito, mas vocês careceriam daquele pré-requisito integrado: o de uma existência tão completa quanto possível em todas as facetas, e a manipulação em todas as facetas, de um determinado plano.

Bom. O que vocês chamam de carma tem significado apenas em termos básicos dentro do vosso plano particular. Eu não quero parecer muito complicado. Não obstante, as personalidades no vosso plano resolvem problemas individuais nesse plano por meio de várias existências. Aqui também gozamos de livre arbítrio, mas a continuidade, por assim dizer, de objetivos. Nenhum objetivo é imposto a uma dada personalidade. Ele, a personalidade, adota em diversas reencarnações no vosso plano os propósitos mais adequados às suas próprias necessidades. Mas, em benefício do Mark, direi que os níveis de existência não implicam necessariamente níveis superiores ou inferiores, mas níveis concêntricos, mesmo que as camadas do subconsciente não impliquem níveis superiores e inferiores, mas são apenas termos usados por uma questão de simplicidade.

Mark deve ler o material que trata da compreensão da cápsula, pois isso parte responderá a uma de suas perguntas. Eu vou deixar vocês descansarem – todos vocês, aquelas partes de vocês que você sabe, para aquelas outras partes de vocês como sempre continuam ao longo de sua próprias linhas de foco

(Pausa às 10:46. A Jane mostrava-se dissociada como sempre, realmente fora, ela disse, enquanto foi a noite toda. Bill Macdonnel foi

para casa porque o resfriado o cansou fora. Jane recomeçou mais ou menos da mesma maneira enérgica às 10h50.)

Vou aqui começar a encerrar a sessão, embora como o universo de Philip, as sessões nunca começavam em um ponto específico no tempo, e a Jane as conhecia há muito tempo. antes de andar neste andar, embora não estivesse ciente deles. E eles vão acabar, ou terminarão em seus termos, com sua mudança de planos. Mas eles não vão acabar, e como nos conhecemos no passado e no futuro e no presente, então essas sessões existem no presente atemporal, onde o tempo como tal não tem significado.

E, a propósito, os eventos que mencionei em conexão com o Philip bairro ocorreu de facto, como uma verificação dos jornais poderia muito bem mostrar.

Vou agora encerrar a nossa sessão, embora mais uma vez eu pudesse continuar por horas, e é apenas o seu conceito de tempo que retarda nosso fluxo de informações.

("Que tal uma pista sobre esses eventos na vizinhança de John, em Williamsport?")

Meu mais sincero apreço pelas tentativas de Philip de ter o material datilografado, e meu pedido um tanto impaciente para que a Jane comece seu trabalho de preparar o material para publicação. A mulher envolvida, sua inicial um "V", as demais informações fornecidas, e meus melhores votos para todos vocês.

("Boa noite, Seth."

(Termine às 10:58. Jane foi dissociada como de costume. Veja a página 58 para um breve resumo do material envolvendo o bairro de John Bradley em Williamsport,
PA. Mais uma vez, John disse que a inicial V não significava nada em particular para ele, mas quando ele voltou para casa, ele planejava fazer o que pudesse para verificar exatamente o que levou colocar três portas de seu próprio lugar, para uma mulher com pelo menos dois filhos, ou que está conectado de alguma forma com as crianças. Sugeri que uma visita ao seu local arquivo de edição anterior do jornal pode ser a maneira mais fácil de verificar.

(Saindo, John levou consigo o primeiro carbono das sessões 24-38, para testar a determinação de suas duas voluntárias em fazer cópias do

material de Seth. É uma quantidade enorme de trabalho – posso testemunhar isso pessoalmente!)

SESSÃO 96

12 de Outubro de 1964

(Às 20h45, a Jane não fazia ideia do material para a sessão desta noite. Ela tentou dormir às 19h30, sem sucesso. Disse que ainda se sente "um pouco estranha quando não tenho ideia nenhuma do que ele vai falar, ou de coisa alguma". A Jane também começou o estudo do tempo psicológico de forma regular, mas ainda não tem nada digno de nota a relatar, para além de uns poucos vislumbres.)

(Eu ainda não retomei o estudo do tempo psicológico. Tenho agora o meu caderno de sonhos em pleno andamento e, como tive mais sonhos do género dos dois já discutidos pelo Seth, tinha o caderno de sonhos aberto em cima da mesa à medida que se aproximava a hora da sessão, caso esses sonhos viessem a ser usados no material.)

(A Jane começou novamente a ditar sem os óculos, com os olhos bastante escuros como de costume. A voz estava normal, o ritmo lento e a cadência de entrega também lenta, entrecortada por pausas.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Algumas observações aqui, ligando com a nossa sessão anterior.

Não existe uma só realidade. Existem muitas, de facto existe um número infinito de realidades. Não existe começo nem fim. Quando se fala de começos e fins, sempre se apresenta a implicação, de que deve apenas existir uma só realidade, e de que deve haver um começo no tempo e um fim no tempo.

Eu tentei explicar as distorções que levam a que essa questão pareça intrinsecamente válida, mas é somente da vossa própria perspetiva que pensais em termos de começo e de fim, e é somente por causa das limitações que adotastes que continuais ao longo dessas linhas. As realidades fundem-se, umas nas outras. As personalidades, ou qualquer outro tipo de energia individualizada, pode passar por diversas realidades. Pode-se dizer que o surgimento de energia numa forma põe termo nessa forma não fora pela existência do Presente Infinito, em que todas as realidades são simultâneas.

Eu podia, assim, com alguma justificação deixar que continuassem a acreditar em começos e fins, e deixar as explicações mais complicadas de fora, mas eu não sou assim. E a menos que eu me veja forçado a fazê-lo, não me agrada diluir a informação de modo a torná-la mais saborosa. É

verdade que se pode dizer que as gestalts piramidais de que falei se fundem no que podereis referir como um ser unitário e até mesmo sublime, mas isso é rudemente simplificado.

Havemos de ter uma sessão que trate inteiramente da natureza das gestalts de energia, e vós vereis que enquanto essas gestalts piramidais de energia por um lado obtêm um carácter unitário e uma inteligência sublime, por outro lado, formam apenas uma aproximação do conceito que a humanidade faz do Deus Uno. Essa gestalt unitária que poderemos chamar (e eu prefiro-o ao termo Deus) gestalt de energia primária.

Pode-se pensar nessa gestalt de energia primária como estendendo-se por todas as realidades, ou existindo nas infinitas realidades de que temos falado. Contudo, nesta gestalt primordial que é unitária, existe uma vez mais uma diversidade infinita e literalmente inúmeras personalidades. Tampouco essas personalidades dependem que compõe essa, gestalts primordiais de energia psíquica são dependentes ou se submetem a qualquer outra personalidade dentro da gestalt.

Este material vai exigir um certo estudo. Ireis, porventura, reconhecer uma certa similitude entre este conceito e o conceito Cristão da Trindade, exceto que o conceito da Trindade, enquanto insinuam a diversidade em meio à unidade fundamental, foi mesmo assim distorcido pelo próprio sentido desafortunado que o homem adotou da ilusão da dualidade.

O conceito da Trindade nos vossos termos foi um termo masculino, que projetou no Deus uno o conceito de dualidade que toda a humanidade sente, mas por a teoria ter tido origem no masculino a dualidade é expressa em termos dos pontos de vista masculinos. Vocês têm o Pai da Trindade, o Filho e o Espírito Santo. Nisso o homem procura exteriorizar uma divisão que ele sente dentro dele próprio, individualmente. Ele é filho, e depois pai, mas sempre sente no seu íntimo aquela parte do eu interno que não pode ser vista por nenhum outro, que nem é pai nem filho, mas que tem existência dentro dele enquanto ele é pai e enquanto é filho. Isso, é claro, é o Espírito Santo, ou melhor aquilo que ele pensa em tais termos. Quando tenta formular ainda mais o seu conceito de Deus passa a projetar nele os mistérios do eu.

Conforme sabeis, a informação interior deve ser percebida por intermédio dos sentidos interiores. Ao formularem uma teoria respeitante à gestalt primária da energia, a informação é distorcida pelo conjunto peculiar do equipamento sensorial característico de um dado plano da realidade. É sabido que o homem forma o seu próprio deus à sua própria imagem.

A ironia está em que em parte essa imagem será verdadeira. Quer dizer, irá representar uma faceta da gestalt primária, só que uma faceta tão infinitesimal na realidade global da gestalt primordial que distorce além de

todo reconhecimento. Apenas escapando momentaneamente à informação de camuflagem se poderá obter qualquer conceito mais amplo.

Uma personalidade na gestalt primária está realmente focada no vosso presente plano da realidade, mas supor que toda a gestalt primária é tal representa o ego da humanidade a brincar com uma das suas propostas mais absurdas.

A gestalt de energia primária não teve início no tempo, nem terá término no tempo. É resultado de uma expansão, mais uma vez, em termos de realização de valor, uma expansão que nada tem a ver nem com o tempo nem com o espaço como os homens os concebem. A expansão resultou de uma contração de energia, mas por causa da atributos únicos inerentes tanto ao cumprimento de valor quanto ao Presente Infinito, simplesmente não houve uma contração ou expansão inicial ou primária.

Não vou dizer que houve, simplesmente para fazer o material parecer mais lógico, uma vez que apenas as aparências podem ser lógicas porque lidam com, ou seja, as aparências lidam com dados para os quais vocês estão fisicamente equipados lidar com. Vocês criam aparências. Vocês criam sentidos externos para perceber as aparências, e então o que vocês percebem através dos sentidos externos parece, na verdade, lógico. Mas, mais uma vez, existem realidades infinitas, tão vívidas, e algumas indescritivelmente mais vívidos do que as vossas, mas atualmente vocês não estão focados nelas.

E como vocês não estão, vocês não dispõem dos conjuntos peculiares de camuflagem perceptores necessários para experimentar a existência dentro deles. Agora. Dentro do mesmo espaço e tempo que você ocupa neste momento, existem inúmeros planos de realidade. Vocês simplesmente não dispõem de equipamento de camuflagem (perceção, sentidos) para os perceber. Eles, ou os habitantes de tais realidades, não percebem o vosso plano de existência pelo mesmo motivo. Isso não significa que qualquer campo ou plano seja mais válido do que outro. O campo ou plano mais próximo é aquele que vocês criam, que vocês chamam de mundo dos sonhos, e que vocês imaginam ser não substancial, impermanente, fugaz, sem realidade exceto durante o próprio contato que têm com ele.

Pode ser pensado em analogia, como uma sombra, em que vocês o criam ou projetam, mas sem conhecimento consciente. É uma consequência natural da vossa própria existência. Mas não desaparece quando o ego apaga a luz interior de todo o eu. A sua existência é tão permanente quanto a vossa.

Sugiro o vosso intervalo.

(Pausa às 21h58. A Jane estava dissociada como de costume e voltou a pôr os óculos durante o intervalo. Durante a pausa, perguntei em voz alta se os habitantes de outro plano poderiam, por assim dizer, sintonizar-se com o nosso mundo onírico a partir do outro lado e, através do mundo dos sonhos, localizar o nosso plano. Talvez as pessoas dos discos voadores tivessem localizado o nosso plano dessa forma.)

(A minha mão de escrita sentia alguma fadiga. A Jane não se sentia particularmente bem, devido a um problema nos seios perinasais. Retomou da mesma maneira calma, com pausas frequentes, às 22h05.)

Uma nota aqui. Se o Ruburt retomasse os exercícios para as costas, os seus seios perinasais melhorariam. No entanto, os exercícios devem ser feitos muito devagar e sem esforço. Por vezes ele fazia-os depressa demais.

(A Jane fez agora uma pausa bastante longa enquanto andava de um lado para o outro.)

Há mais, mas ele anda outra vez com as suas manhas, a bloquear-me. Conseguirei transmitir o material, para benefício dele próprio, num futuro próximo. Por agora, será tudo quanto ao assunto.

Vocês sabem pois, por discussões passadas, que o mundo dos sonhos como vocês o conhecem é o resultado da consciência que têm de um plano de existência que vocês ajudam a criar, e em que vocês manipulam. Por outras palavras, num nível inconsciente vocês aqui manipulam em outro plano de existência inteiramente, um em que a vossa consciência de camuflagem do ego não pode entrar.

Não faz parte das necessidades particulares de camuflagem nesse plano. Agora, em outros níveis vocês existem e manipulam em outros planos, que conscientemente desconhecem, planos que são tão válidos quanto os vossos, e nos quais a existência também é um resultado natural da vossa própria constituição psíquica. Estou referir-me aqui, é claro, a todos os indivíduos.

Isso não tem nada que ver com reencarnação, mas envolve níveis de experiência, manipulações em outras realidades, que são um resultado natural da gestalt psico-física de um indivíduo humano.

A construção química e elétrica do indivíduo humano abre outros caminhos, e requer outras atividades em outros campos que não aqueles com que o ego consciente é familiar. A mecânica não é importante, mas como sonhar é parcialmente causado por venenos químicos que tornam o sonho uma necessidade para a sobrevivência física, então existem outros mecanismos desse tipo que são realmente portais, construídos dentro e naturais ao mecanismo físico, que ao mesmo tempo necessitam de experiência em outros campos da realidade.

Muitos propósitos são assim servidos. Vocês têm um foco em muitos mais mundos do que imaginam. Uma é uma realidade conceitual de força de energia que é muito mais do que algum mundo teórico de ideias, mas uma realidade na qual a energia individual é usada em uma constante manipulação de ideia ou conceitos em construções que, conquanto não seja físicas nos vossos termos, é, no entanto, um campo vívido e real, concreto de força manipulada e aplicada em que a matéria pode ser, mas nem sempre é, um resultado final.

Esta matéria, porém, não aparece no vosso universo, mas está fora dele. Vou terminar a sessão um pouco mais cedo, pois estou a iniciá-los num material novo.

Um esforço está envolvido aqui, pois conceitos de natureza bastante complicada devem ser traduzidos por palavras entre nós pela primeira vez, e isso envolve uma discriminação mais difícil, para que as frases mais evocativas sejam usadas tendo o cuidado de evitar o maior número possível de distorções na tradução das palavras.

Os meus melhores e mais sinceros votos para os dois. Como sempre, não gosto de partir, mas estou extremamente satisfeito com o material desta noite.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22h30. A Jane estava, segundo ela própria disse, mais profundamente dissociada do que estivera no início da sessão. Ficámos algo surpreendidos com o final algo brusco da sessão, mas não desagradados. A minha mão de escrita sentia-se melhor.)

SESSÃO 97

14 de Outubro de 1964

(Às 20h55 desta noite, a Jane não fazia ideia sobre o que o Seth iria falar na sessão. Ela não se sentia bem e eu estava meio preparado para uma sessão curta, ou talvez nenhuma.)

(Pensei que ela pudesse estar aborrecida por causa de uma carta que recebeu na última segunda-feira da Macmillan Co., de NY, na qual diziam que gostaram muito do livro de poesia dela, o The Fence, mas que não o podiam publicar devido à sua lista restrita de poesia, tendo por agora abandonado a série prevista de livros de poesia em formato de bolso. O facto de a Macmillan afirmar que achava que outro editor pegaria no The Fence não tinha, pensei eu, animado particularmente a Jane, pelo menos naquele momento.

(Ela começou a ditar à hora certa, novamente sem os óculos. A voz estava apenas um pouco mais forte do que o normal, o andamento regular, e os olhos escuros como de costume. A entrega, no início, foi bastante lenta e entrecortada por pausas, mas ao fim de uma página começou a ganhar velocidade, até me pôr a escrever a um ritmo bastante bom. Ao mesmo tempo, o andar da Jane também acelerou.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

A indisposição da Jane é o resultado de uma sensação de pânico bastante indesejada. Se ela não fosse tão sincera e infelizmente hostil, o caso seria altamente ridículo. Na semana passada ela começou e terminou um excelente conto, e terminou um esboço, além de realizar as nossas sessões, e recomeçar os seus experimentos de tempo psicológico (ou interior, meditação) segunda-feira ela também trabalhou, e no dia seguinte ela não começou imediatamente outra história. E aqui vemos a sua tradução desta ocorrência bastante natural em pressentimentos trágicos. Nenhuma ideia. Mas isso ainda, é claro, é projetado: nenhuma ideia amanhã, e numa sucessão de dias. Mas para esconder de si próprio a terrível sequência imaginada ela precisava ter uma desculpa.

Ela é hostil, e muito sinceramente. Portanto, ela encobre-o. Se ela não tiver uma ideia amanhã ela tem a desculpa, antecipada, de estar doente, e

isso também serve como uma forma de punição. Ela vai punir-se em qualquer dia que não cumprir as horas que lhe são atribuídas de uma forma que considera construtiva. Mas, a propósito, assuntos necessários relativos ao envio de manuscritos, que ela não considera subconscientemente, devem ser considerados parte do seu dia de escrita.

Conscientemente, ela devia saber. Não vou adiar a nossa sessão esta noite, embora eu possa abeirá-la. Ela aprenderá em breve, e sem nenhuma dificuldade real, que conquanto o seu novo horário seja, como deve ser, seguido com disciplina, no entanto, ele não pode esperar ter uma ideia nova todos os dias.

É ridículo ela punir-se assim, e não ajuda em nada, pois a sua espontaneidade jovial é tão importante nos seus hábitos de trabalho. Gostaria de comentar uma observação feita anteriormente por ti, Joseph. Eu considero-a mais revigorante, embora bastante drástico.

(Aqui a Jane riu, então fez uma longa pausa enquanto andava pela sala. A minha observação a ser discutida era uma que eu tinha feito à hora do jantar, e agora sinto-me bastante surpreendido ao vê-la surgir no material.)

Falaste sobre este plano, mencionando, creio bem, a possibilidade do plano ter algum fim específico, mas desconhecido, após o qual o ciclo começaria de novo, com, é claro, a participação de novas personalidades. Realmente tinhas razão em parte. No entanto, até eu empalideço com a ideia de um fim específico - e predeterminado - do vosso universo tal como vocês o conhecem.

Isso implicaria que, apesar do desenvolvimento dos habitantes, o vosso mundo terminaria em um determinado momento, e tal não é o caso. No entanto, o vosso universo teve, e continuará a ter, tais ciclos, mas não há fim predeterminado nesses termos.

Este é um assunto extremamente difícil. Certamente áreas do universo físico mudam de forma, são desmontadas e reaparecem em outras formas. Isso segue certas leis inerentes ao campo da natureza no que diz respeito à matéria. Além disso, porém, a tua ideia resultaria no fim do vosso plano que era inevitável. Existem ciclos, mas eles realizam-se individualmente e em massa pelas personalidades ativas no vosso plano.

Os universos prováveis são, por sua própria natureza, universos existentes. Referiste que quando e se te tornares uma entidade e soltares

personalidades, que obteriam existência nos primeiros períodos de outro ciclo semelhante; dentro de um outro mais quarto ou quinto século recente, digamos.

Esqueces que no Presente Infinito tu já não és apenas o que virás a ser, mas o que já foste. Portanto, tais personalidades que haverias de projetar já foram projetados, e apenas o véu da inconsciência o divide, tal como apenas o véu da inconsciência separa um campo ou plano de outro.

Sugiro o vosso intervalo.

(Pausa às 21h29. A Jane estava dissociada como de costume. Ao descansar, pôs os óculos. Disse que se sentira bem enquanto transmitia o material e que agora também se sentia um pouco melhor. Retomou com a mesma voz, mas a um ritmo um pouco mais rápido, às 21h35.)

Em relação à nossa amiga Jane, outra nota. E é que também existe um sentimento interno de culpa bastante válido aqui, na medida em que ela negligenciou a sua poesia. Pelo menos uma hora por dia deve ser dedicada à poesia. Ela ficou inteira e completamente surpreendida ao saber que a editora Macmillan quase aceitou o livro de poesia dela. Ela nunca esperou receber qualquer recompensa financeira da poesia, e ocorreu-lhe que na sua recente negligência, ela pode estar a ludibriar-se em muitos mais aspetos do que pensa.

Por causa do seu trabalho mental bastante intenso, eu sugeria que desse umas caminhadas e outras atividades físicas. Pequenas relações sociais numa base informal será prático. Elas impedirão demasiado envolvimento interior, abrirão novas portas, trarão vigor psíquico, e também fornecerão à nossa amiga faminto a sua dieta de novas Ideias. Tal como de facto a sua última história foi iniciada por uma observação feita por um vizinho.

Relações informais bastante frequentes são mais práticos do que as ocasionais formais, e a Jane já está a envolver-se de novo, na satisfação que obtém com a diversidade das tarefas domésticas, que também são um descaso do trabalhar estrito da escrita. Mesmo no inverno, sugiro que ela faça umas caminhadas, e essas devem ser dadas por puro prazer. Martelar no seu subconsciente como ele faz nas suas poucas caminhadas é algo que anula o seu propósito. Demasiada coisa boa é prejudicial. Afinal, o seu subconsciente gostaria igualmente de descansar. Ela é um cabeça-dura a esse respeito.

Devemos ter um equilíbrio aqui, e ela deve dar lugar à espontaneidade. Ela lembra-se da sua antiga falta de disciplina em questões de trabalho, mas está bem disciplinada agora. Nas períodos das sessões, em especial, o seu dia de trabalho é alongado e independentemente dos meus esforços, há alguma tensão física e mental envolvida, embora isso seja bastante minimizado.

O seu subconsciente fornecerá todas as ideias espontâneas de que ele precisa para o seu próprio trabalho, mas ela não pode sentá-lo a um canto, fazer-lhe uma preleção e exigir muito tarefas específicas definidas. O seu subconsciente sabe mais do que ela conscientemente que meios específicos devem ser usados para obter um fim desejado. Não precisa de instruções a cada passo.

Eu não tomaria tempo de sessão com este material, não fora que as minhas sugestões, caso sejam seguidas, sejam muito úteis. Também para ele uma nota: mesmo os períodos adolescentes aparentemente indisciplinados foram disciplinados, dando nota da força contínua do ego, equilibrada e às vezes superequilibrada pelo desenvolvimento da intuição, na medida em que nunca deixou de escrever desde o dia em que começou.

Ela está frente a frente consigo própria, com as suas habilidades, ambições e limitações, agora, com um dia inteiro mais ou menos para trabalhar em direção ao seu objetivo, e ela sente grande urgência. Isso é bom, uma força motriz, mas a sua força vem de entre outras coisas do envolvimento muito pessoal que tem com a natureza, e da « contemplação dela. Tempo dedicado ao que parece pensamento sem rumo e especulação também dará os seus frutos.

Eu teria pensado que qualquer conselho para a Jane envolveria sugestões que lhe restringem as habilidades intuitivas robustas e sempre curiosas, mas ela está a controlá-las com uma mão de ferro. Ela receava tanto que lhe faltasse disciplina que se torna um guardião muito severo do seu próprio ardor interno.

Vou encerrar esta parte da nossa discussão.

(Pausa às 22h00. A Jane estava dissociada como de costume. Disse que agora se sentia bastante melhor. O ritmo dela acelerara e a minha mão de escrita ressentia-se. Retomou do mesmo modo mais rápido, embora ainda com pausas ocasionais, às 22h07.)

Ainda não terminámos a nossa consideração da natureza dos sonhos, que será apresentada mais ou menos em bloco.

A interpretação dos sonhos será uma proposta ocasional mas contínua, e a discussão geral dos sonhos servirá então de marco de orientação.

O mundo dos sonhos é de facto um subproduto natural da relação entre o eu interior e o ser físico. Não um reflexo, portanto, mas um subproduto que envolve não só uma reação química como a transformação de energia de um estado para outro.

Sob certos aspetos, todos os planos ou campos de existência são de facto subprodutos de outros. Por exemplo, sem a faísca peculiar desencadeada pela inter-relação existente entre o eu interior e o ser físico, o mundo dos sonhos não existiria. Mas, em sentido inverso, o mundo dos sonhos é uma necessidade para a continuação da existência do indivíduo físico.

Este ponto é extremamente importante. Como sabeis, os animais sonham. O que não sabeis é que todas as consciências sonham. Dissemos que, até certo ponto, até os átomos e as moléculas têm consciência, e esta consciência minúscula, não obstante, forma os seus próprios sonhos, tal como, por outro lado, forma a sua própria imagem física.

Ora, assim como no campo físico os átomos se combinam, para seu próprio benefício e individualmente, em gestaltes de estrutura mais complicada, assim também se combinam para formar tais gestaltes, ainda que de natureza algo diferente, no mundo dos sonhos.

Eu disse que o mundo dos sonhos tem a sua própria espécie de forma e de permanência. Ele é fisicamente orientado, embora não no grau inerente ao vosso universo vulgar. Do mesmo modo que a imagem física é construída de um indivíduo, assim é construída a imagem onírica. Podeis recorrer à nossa discussão anterior sobre a matéria, se isso vos ajudar aqui, mas o mundo dos sonhos não é uma semiconstrução informe e ao acaso.

Ele não existe em massa, mas existe em forma. Isto não é contradição nem distorção. A verdadeira complexidade e importância do mundo dos sonhos, enquanto campo de existência independente, ainda não vos ficou impressa. E, no entanto, embora o vosso mundo e o mundo dos sonhos sejam basicamente independentes, exercem ainda pressões e influências um sobre o outro.

Irei ampliar esta discussão, porque a compreensão do mundo dos sonhos vos aproximará da compreensão de outros campos de existência com os quais não estais tão familiarizados. Encerrarei em breve a sessão desta noite e, com a vossa permissão, não haverá intervalo.

(A Jane olhou para mim à procura de confirmação enquanto caminhava pela sala, e eu acenei. Eram 22h28.)

É importante que compreendais que o mundo dos sonhos é um subproduto da vossa própria existência. E, por estar ligado a vós através de reações químicas, isto deixa aberta a via de interações, nos animais assim como nos homens. Uma vez que os sonhos são um subproduto de qualquer consciência envolvida com a matéria, isto conduz-nos à conclusão correta — que as árvores têm os seus sonhos, que toda a matéria física, sendo formada em torno de unidades individualizadas de consciência de graus variados, participa também na construção involuntária do universo onírico.

Aqui darei por terminada a nossa sessão, e agrada-me notar que o Ruburt se sente muito melhor. Se eu tivesse adiado a sessão, ele sentir-se-ia bem pior, sentindo-se culpado. Agora, meus dois pombinhos, boa noite do vosso amigo rezingão. Estamos todos na mesma tarte, salvo que eu sou tanto o pasteleiro como a crosta. Bela receita.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22h38. A Jane estava dissociada como de costume. Sentia-se agora muito melhor; tanto assim que a sua última prestação foi bastante animada e alegre.)

(Estas notas são transcritas textualmente do caderno da Jane, listando as suas experiências recentes com o tempo psicológico:)

(8 de outubro de 1964, quinta-feira, 11h00: Imagens fugazes; não as consegui reter.)

(12 de outubro, segunda-feira, 15h30: Vozes esquivas, de tipo alucinatório, pouco claras.)

(13 de outubro, terça-feira, 11h15: Imagens fugazes, esquecidas. Ao deitar-me, ouvi barulho lá fora. A sensação atingiu-me com força de que era causado pela Marian Spaziani [a nossa senhoria]. Sensação nítida, não um palpite, tão forte que esperei pela batida dela à porta, que não veio. Pensei que me tinha enganado. Ao meio-dia, alguém no corredor. Era

o Jimmy, o marido da Marian. Tinha andado a trabalhar pela casa há algum tempo.)

(14 de outubro, quarta-feira, 11h15: Sem resultados.)

(15 de outubro, quinta-feira, 11h15: Resultados nítidos. Olhos bem fechados, mas vi uma inundação de luz, da mesma qualidade que a luz do dia. Nela, [como num teto] um candeeiro em cúpula, diferente de qualquer um daqui. Tão nítido, vívido e inequívoco que pensei que os olhos deviam estar abertos — mas não estavam. Depois simplesmente desapareceu. Abri os olhos — não tinha visto de modo nenhum o candeeiro do quarto; era inteiramente diferente.)

(16 de outubro, sexta-feira: Não tentei tempo-psicológico, mas deitei-me na cama para uma sesta, por estar cansada. Aconteceu exatamente o mesmo que ontem, exceto que desta vez vi um candeeiro diferente, à esquerda da minha visão interior. Novamente, era tão nítido que quase tinha a certeza de que os olhos deviam estar abertos, mas estavam fechados. Outra vez, o candeeiro não tinha semelhança com nenhum do quarto.)

(19 de outubro, segunda-feira, 11h15: Sem resultados, exceto a sensação de estar leve.)

(Também em 19 de outubro: Olhos fechados, cansada de ler. Vi com nitidez, mas brevemente, uma joia vermelha, talvez um alfinete, no chão, a alguma distância. Ouvi vozes a discutir o objeto. Podiam estar a perguntar-se onde estava. Eu também "despertei", mas não me lembro do que disse — certa de que não estava a falar em voz alta. Ouvi a minha voz como "ouvi" as outras.)

(20 de outubro, terça-feira, 11h15: Sem resultados.)

(Quanto a mim: ainda não retomei experiências regulares com o tempo-psicológico após a longa pausa, mas planeio fazê-lo em breve. Entretanto, tenho tido muitas experiências fugazes, geralmente pouco depois de me deitar. A mais recente surgiu quando eu me sentei na cama, prestes a deitar-me. Estava escuro, claro, mas vi com muita nitidez a figura de uma jovem loura, em roupa de equitação, voltada para a minha esquerda. Estava sentada. As roupas eram castanhas. Vi esta imagem enquanto me deitava.)

SESSÃO 98

A SUGESTÃO E A ENFERMIDADE

19 de Outubro de 1964

(Devemos lembrar que na sessão 87, de 14 de Setembro de 1964, Seth iniciou uma interpretação do sonho de Jane, de 7 de Setembro (Ver sessão 87). As ramificações desse sonho ainda estão a espalhar-se. Seth tratou novamente desse sonho na sessão 93, de 30 de Setembro (Ver sessão 93 e 87, que intitulei O Sonho da Jane). Nele, ele disse que, embora não tivesse a certeza, achava que a amiga de escola da Jane, Marie Tubbs, que agora vive na Flórida, poderia estar a dar à luz na época do sonho da Jane, com a possibilidade de a bolsa de água se ter rompido durante o parto. . . O símbolo unificador do sonho tinha sido uma banheira, e água.

(Depois dessa sessão, a Jane escreveu à Marie num esforço por verificar essa afirmação. As duas não se veem há alguns anos, mas mantêm uma correspondência inconstante. Na resposta que a Marie deu, datada de 11 de Outubro, Marie disse à Jane que há já dois anos não tinha um parto. Ela disse que em Julho ela ia num cruzeiro para as Bermudas, no qual ela, o marido e amigos estiveram na água ou perto dela cerca de dez dias. E na época do sonho de Jane, disse Marie, o furacão Cleo estava a abater-se sobre eles em Boynton Beach, e "tivemos bastante água durante a tempestade. Ela passou direto por aqui."

(Assim, como existia um certo tipo de discrepância entre o que o Seth pelo menos considerara como uma possibilidade e o facto de Marie não ter estado a dar à luz, naturalmente interrogámo-nos sobre o que seria correto e esperávamos que a sessão desta noite resolvesse o assunto.

(Antes da sessão, sentindo-se um pouco tensa, a Jane visitou um terapeuta endireita (quiropata) para tratamento. Enquanto conversava com ele, ela mencionou um caroço duro que lhe apareceu recentemente na parte interna do pulso esquerdo, embora mal a incomodasse; o terapeuta afirmou que poderia ser um nódulo artrítico; vendo que isso a perturbava muito, ele tranquilizou-a dizendo que era mais provável que fosse o resultado de uma lesão. Não se lembrando de nenhum incidente prejudicial, a Jane voltou para casa bastante perturbada.

(Ela ainda estava chateada quando a hora da sessão se aproximou e não conseguiu fazer uma sesta antes da sessão. Ela anotou uma lista de meia dúzia de perguntas sobre o nódulo e deixou-a sobre a mesa até à hora da sessão. Ela começou na hora certa, mais uma vez sem os óculos e

a uma velocidade normal com algumas pausas. A voz esteve normal e o ritmo regular.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Não sei exatamente por onde começar primeiro. O humor com que a Jane está é tal que se me torna bastante difícil. No entanto, isso terminará em breve. Portanto, começarei com a carta que vocês receberam da amiga da Jane.

A interpretação precisa tinha que ver com informações do sonho referentes ao cruzeiro, a banheira aqui mais uma vez interpretada em termos de um navio. Essa foi uma consciência incidental captada telepaticamente da descrição que a mulher fez da viagem, e não da viagem em si.

A mulher contou os acontecimentos da viagem a amigos, depois sonhou naquela noite com os amigos, e nesse sonho a mulher voltou a contar esses acontecimentos. Foi desse sonho que a Jane captou a informação que ligava a amiga à água. No sonho da amiga, a Jane desempenhou um pequeno papel, e isso serviu de factor de associação.

("Terão esses dois sonhos decorrido simultâneo?"

(Conforme de costume em casos tão interessantes, eu poderia ter feito muitas perguntas, mas resolvi procurar apurar se os sonhos poderiam ser simultâneos; de memória, não recordava alguma vez ter lido se tal possibilidade teria sido tratada na investigação. Muito menos se um sonhador poderia captar telepaticamente o sonho do outro sonhador!)

No vosso tempo, sim. É claro que havia água por toda a parte.

Uma nota aqui, referente a um assunto diferente. A Jane leu que os eletrões brotam da energia pura e, depois dos debates que tivemos sobre a natureza da matéria, isso não deveria surpreender.

Referi que os átomos e as moléculas possuem até certo ponto consciência, assim como os eletrões, é claro. O princípio que organiza as partículas pequenas em partículas maiores encontra-se dentro das próprias partículas e é dirigido desde dentro em todos os casos.

A capacidade de organização aumenta e os potenciais tornam-se mais reais à medida que essas partículas combinam entre si. Contudo, todas as potencialidades se acham latentes em cada unidade, independentemente do tamanho, e nenhuma combinação ou agregado é acidental, mas é governado por princípios internos de organização. Todas as combinações de partículas são voluntárias e baseadas em princípios de realização de valor, que operam internamente e operam esses atos ou movimentos que conduzem à formação de gestalts mais complicadas.

A ação e a ação contrária, operando por meio de enzimas químicas, permitem atividades intencionais em que nenhum movimento é aleatório. A partícula mais diminuta imaginável dá evidência dessa unidade básica de energia que adota a forma, e materializa o padrão de camuflagem necessário para a manipulação eficiente dentro do vosso universo, que é composto de campos diversos, mas entrelaçados, de atividades e correlações aparentes, semi-aparentes ou inaparentes. Isto é, muitas ações válidas dentro do vosso próprio universo não têm, como vocês sabem, solidez e, ainda assim, aparecem no universo físico e operam através dele.

Isto não deveria parecer estranho. O que parece rígido à vossa perceção não parecerá tão rígido assim de outros pontos de vista exteriores ao vosso sistema. O que pode parecer não ter forma dentro do vosso sistema pode muito bem ter forma fora do vosso sistema.

Os efeitos que aparecem dentro do vosso sistema, discerníveis pelos vossos instrumentos, mas desprovidos de forma em alguns casos, na verdade em muitos casos, representam acelerações e velocidades de atividades ou atos que na verdade têm origem fora do vosso sistema; mas devido à sua aceleração e velocidade diferentes, eles podem viajar através do vosso sistema e, é claro, causar nele a sua impressão.

Os campos eletromagnéticos percebidos e usados no vosso sistema têm origem em outro lugar. No entanto, eles afetam o vosso universo, apesar de vocês não serem capazes de os perceber, exceto numa dimensão limitada. Sugiro uma pausa.

(A Jane mostrava-se dissociada como sempre, mas mais a meio e no final do ditado do que no início. O Seth ainda não havia referido o nódulo no pulso dela, e achamos que ele provavelmente estava à espera até que ela alcançasse um estado mais profundo antes de lidar com material pessoal desse tipo.

(Pensamos que os últimos parágrafos do material ditado tenham sido uma elaboração da declaração um tanto enigmática que o Seth fez na sessão 97, no sentido de que em alguns aspetos todos os planos ou campos de existência são de facto subprodutos de outros.

(A Jane retomou o ditado com a mesma voz bastante baixa, novamente com algumas pausas e novamente sem os óculos.)

Tentarei agora responder às perguntas da Jane. A formação no pulso não é artrítica. Podes repetir-lhe a afirmação para que ela a leia. Eu disse-lhe que ela não desenvolverá artrite.

A mão não recebeu nenhum ferimento, nem bateu como no beliche, mas ficou irritada devido a uma mudança no movimento do pulso ocorrida quando ela começou a usar uma segunda máquina de escrever, que não usava há muitos anos. As teclas estão espaçadas de forma diferente. O movimento automático do pulso que ela usa regularmente na sua digitação foi trocado, o padrão interrompido e ela usou uma pressão errática que induziu tensão. Isso causou a irritação e o nódulo subsequente. A máquina de escrever normal deve ser usada. Não adianta, nesta ocasião, fazer mais do que expor as circunstâncias, exceto, é claro, sugerir que a Jane não insista na irritação.

Eu diria, além disso, que de facto a Jane teve ocasião de ficar zangada com o quiropata, uma vez que, sugestões impensadas dotadas de um medo emocional como as que ele fez, feitas apenas com a mais frágil das evidências, podem ser muito prejudiciais e destrutivas. E numa personalidade incauta e emocionalmente perturbada, especialmente se estiver sob estresse, tal sugestão poderia fazer com que um nódulo inofensivo e protetor fosse transformado pelos fortes poderes da expectativa adversa, ou melhor, da expectativa mal utilizada, na forma daquilo que é receado; assim como uma ligeira mas inofensiva irregularidade nos batimentos cardíacos, ante a sugestão impensada de um médico, pode tornar-se, através dos medos do paciente, um verdadeiro distúrbio funcional, e tal como a sugestão poderia transformar uma formação relativamente inofensiva como a da Jane numa condição artrítica.

Agora, obviamente, a sugestão impensada por si só não é responsável, ou não seria responsável por tais circunstâncias. Teriam de cair em terreno fértil; e em face de um medo emocional e subconsciente grande o suficiente, um indivíduo não precisaria de sugestão externa. Mas aqueles que ocupam posições nas profissões de cura têm grande autoridade, e

quaisquer sugestões que possam fazer para o bem ou para o mal são alvo de uma validade quase mística da parte daqueles indivíduos que os visitam.

Por um lado, as pessoas que finalmente visitam esses serviços muitas vezes já estão emocionalmente perturbadas. Muitas vezes o pessoal do atendimento, os médicos ou outros terapeutas, estão eles próprios igualmente cansados, propensos aos medos emocionais do paciente, e automaticamente, num ato de autodefesa, respondem dando voz ao medo subconsciente do paciente, captando-o telepaticamente, mas sentindo que é dirigido a eles próprios, a um nível subconsciente, é claro.

E em muitos casos isso é verdade. Mais uma vez, subconscientemente, o paciente desejaria varrer literalmente com a sua doença, afastá-la de si próprio, de modo que muitas vezes um curador responde subconscientemente ao que considera uma ameaça legítima. No entanto, como o paciente se encontra numa condição em que é mais suscetível a sugestões, uma grande responsabilidade recai sobre os ombros daqueles que tratam as doenças. A sugestão do quiropata de que a irritação era artrítica foi feita de forma positiva; isto é, sem pensar, ele afirmou: "Ah, sim, isso não é nada normal, é um nódulo artrítico." Mais tarde, percebendo que a sugestão era ruim e, além disso, de que ele não tinha a certeza, alterou a afirmação, acrescentando que tal formação também poderia ser resultado de uma lesão ou simples irritação na articulação.

Apesar da compreensão da Jane, da compreensão intelectual que tem do medo da artrite, ela foi jogada num estado emocional compreensível e lamentável, contra o qual lutou com pelo menos algum sucesso. Mas vê bem, aqui o que em outras circunstâncias poderia ter sido a gota d'água, por assim dizer, a voz de autoridade disse: "Os seus receios são justificados." Em tal caso e sob certas condições, tal indivíduo teria, portanto, os seus mais profundos temores fixados em si.

Ele convencer-se-ia com o diagnóstico, de que uma doença da qual ele poderia ter escapado seria trazida à manifestação física. Estou abordar isto claramente porque as consequências às quais a Jane escapou muitas vezes não foram eliminadas por outros.

Vou sugerir a vossa pausa.

(A Jane mostrou-se dissociada como sempre, e igualmente bastante aliviada com a explicação do Seth. Ela começara a usar a sua velha máquina de escrever para os primeiros rascunhos dos seus escritos desde que saiu da galeria há algumas semanas, com a ideia de que, desde que o

façamos, todo o material do Seth funcionará nessa máquina, que é a melhor das três que possuímos, e algum desgaste poderá ser evitado com ela.

(A Jane disse que estava "realmente fora de si" enquanto Seth ditava o material sobre o pulso.)

Estou satisfeito por a Jane ter recomeçado os experimentos do tempo psicológico. Os seus resultados são melhores do que teriam sido se ela não tivesse ouvido o meu conselho e continuasse a exigir resultados do subconsciente.

A consciência dos átomos e das moléculas pode ser comparada ao subconsciente como vocês o concebem agora, no sentido de que é generalizado em grande medida, mas movido pela energia. Talvez devessem perceber que o eu interior, a mente e os seus componentes, é composto ou forma um campo de força unitário próprio.

O subconsciente é uma radiação para fora do recinto mental que pode ser considerado um núcleo. O consciente é o alcance mais distante, o raio externo do campo primário. As emanações desse campo continuam, viajam mais longe, projetam energia que é transformada, como vocês sabem, em matéria; e numa versão simplificada do vosso universo percebida em termos de tais campos de força, teriam átomos e moléculas em quantidade aparentemente interminável a girar em torno do núcleo, ou uma variedade infinita de padrões tais que haveriam de aparecer numa primeira análise aleatórios a um observador de outro campo.

Essa é precisamente a aparência que o vosso sistema transmite. Não estou aqui a falar necessariamente em termos de tamanho, embora o tamanho, como vocês o concebem, seja extremamente relativo, e é apenas no domínio físico que o tamanho é alvo de importância, porquanto fora dele a inteligência não precisa de uma casa tão grande. Entraremos nisso mais detalhadamente numa outra ocasião.

Vocês não precisam interrogar-se com os pequenos sintomas físicos que têm incomodado vocês os dois ultimamente. Antes das nossas sessões começarem, as vossas reações eram, como vocês deverão recordar, muito mais veementes. A interação entre corpo e mente acha-se sempre presente. Somente quando surgem sintomas adversos é que vocês prestam atenção.

A saúde é resultado dessa interação, sabem, e muito mais. Os sintomas que vocês tiveram foram meros aborrecimentos, considerando tudo.

Receio, entretanto, que estejas cansado, Joseph, esta noite. Se preferires encerrarei a sessão.

("Não."

(O Seth apanhou-me a bocejar.)

Então continuarei. Voltarei à consideração da expectativa e da saúde física, porquanto da situação específica da Jane há muito conhecimento geral a ser obtido.

Uma doença, obviamente, não é provocada em nenhum momento específico no tempo, mas é latente e apenas se torna percetível o suficiente para causar perigo no que se aproxima de um momento específico no tempo. Psicologicamente, existe num determinado indivíduo a tendência latente para uma grande variedade das ditas doenças, tendências essas que são captadas por meio de condicionamento e ambiente iniciais (NT: Miasmas?).

Isso não significa que o indivíduo adoeça necessariamente vítima de muitas delas, significa antes que a estrutura física tem pontos fracos que refletem, ou são resultado de uma incapacidade nos moldes da construção física, que por sua vez resulta de uma imperfeição na manipulação.

Bolsões internos de medo retêm a energia necessária, criando esses pontos fracos no corpo físico. A eficiência pode ser desenvolvida por meio da compreensão e do uso eficiente da energia psíquica. A deficiência não está na matéria em si, mas é projetada sobre ela.

A energia necessária é travada com o medo, e não é usada para o reparo total no corpo físico. Quando o medo é ativado drena mais energia da construção física, contraindo, medo esse que se parece com um mecanismo de curto-circuito; e, de facto, forças elétricas definidas são ativadas aqui, forças essas que podem ser aferidas. Com isso ocorre um esforço excessivo químico, uma tentativa de compensar quimicamente a perda de energia numa área específica. As defesas do corpo, muitas vezes com uma energia insuficiente ao seu comando, tentam defender o forte e proceder a reparos, até que a energia necessária esteja novamente disponível.

Aqui ocorre um processo bastante complicado. Quando for entendido que o homem não cria apenas matéria, mas também a sua própria imagem física, maior atenção será dada para que os primeiros iniciais do medo de tal extensão não se desenvolvam.

Vou igualmente abordar esses assuntos mais em detalhe, mas a situação da Jane proporcionou-nos uma excelente ocasião. É sempre aconselhável prestar atenção, no vosso próprio discurso, às observações feitas relativas à saúde ou ao aspeto físico, pois quanto maior for a estima de que vocês gozarem no conceito dos outros, mais autoridade será dada às vossas sugestões.

Encerrarei agora a sessão, achando que, de qualquer forma, fiz bem em corrigir a Jane. Os meus cumprimentos aos dois.

("Boa noite, Seth."

(A Jane mostrou-se dissociada como sempre. Eu tinha a minha mão cansada de tanto escrever. Depois que a sessão terminou, percebi que havia esquecido de pedir ao Seth para esclarecer especificamente o uso que a Jane fez da frase sobre a amiga Marie como tendo estado envolvida no parto. Vou fazer questão de perguntar sobre isso na próxima sessão.)

SESSÃO 99

A DETERIORAÇÃO APARENTE DA MATÉRIA FÍSICA

21 de Outubro de 1964

(Num esforço intencionado por esclarecer ainda mais a interpretação bastante complicada que o Seth fez do sonho da Jane de 7 de setembro, eu fiz questão de perguntar à Jane logo antes da sessão marcada para esta noite sobre a declaração que o Seth fez na página 46, envolvendo a amiga da Jane, Marie Tubbs, no parto. Marie escreveu à Jane a 11 de outubro, que ela não dá à luz há dois anos e que o Seth lidou com o que parecera uma discrepância entre os dois conjuntos de factos até certo ponto na sessão 98.

(Tubbs, é claro, era o nome de solteira da Marie. O nome de casada dela é Marie Sterrett, de Boynton Beach, Flórida.

(John Bradley, de Williamsport, PA, que testemunhou diversas sessões, passou por cá esta tarde nas suas rondas regulares, mas não pôde ficar para a sessão da noite. Assuntos que envolviam o trabalho de John com a Searle, a empresa farmacêutica para a qual trabalha, são mais ou menos sossegados e sem acontecimentos, segundo o John relatou. Seth

abordou as maquinações que decorriam de forma sub-reptícia na Searle em diversas sessões. John agora também acha que as coisas se estão a infiltrar de forma sub-reptícia e solicitou à Jane e a mim se descobríamos o que pudéssemos sobre o estado atual das coisas que envolvem a Searle, da parte do Seth esta noite.

(A Jane teve uma oportunidade um tanto inesperada de confirmar igualmente o diagnóstico que o Seth fez de um nódulo no pulso esquerdo ontem à tarde. Durante uma caminhada até um na loja do bairro, ela apanhou uma boleia do nosso médico de família. Sam Levine disse-lhe que o nódulo era inofensivo, o resultado de uma lesão que designou por gânglio. Disse-lhe para o esquecer, acrescentando que era protetor e provavelmente desapareceria por si só. Veja o diagnóstico na sessão 98. Escusado será dizer que Jane ficou satisfeita com a confirmação do que o Seth dissera.

(Além disso, durante esta caminhada, Jane teve a ideia de que a morte aproxima-se de uma personalidade quando a personalidade se torna cada vez menos capaz de focar as suas energias inteiramente neste plano, quando não consegue mais controlar a sua imagem física, tão bem quanto no passado. Ela pensou que o Seth poderia discutir essa questão esta noite.

(A Jane começou a sessão com um sorriso. A voz assumiu um tom normal, enquanto andava de um lado para o outro de modo regular, e a velocidade do ditado normal. Mais uma vez, ela começou sem os óculos e tinha os olhos escuros como sempre.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Vamos aqui embarcar nas nossas jornadas noturnas. Acho que o clima é mais favorável esta noite; e para minha diversão, descobri que a Jane achou por bem colaborar com o meu diagnóstico da condição no pulso esquerdo, ao falar com um médico, que de facto corrobora aquilo que afirmei.

Eu entendo as razões pelas quais você busca tal corroboração. No entanto, agradeço que a Jane vez por outra acredite na minha palavra. Mais tarde ao longo da noite, talvez eu possa acrescentar algumas observações nesse sentido.

A Jane antecipou com alguma exatidão parte do tema desta noite, que tem

que ver com a aparente deterioração da qualidade própria da matéria, que compõe o corpo físico. Como vocês sabem agora que toda a matéria física está constantemente a formar-se, que é formada por átomos e moléculas de forma instantânea, e que os átomos e moléculas que dão forma à matéria aparecem e desaparecem continuamente, tão rapidamente que a forma física que eles compõem parece permanente, vocês também devem perceber que não há razão para que as formas físicas se deteriorem no que diz respeito aos átomos e moléculas que as compõem.

No entanto, permanece o facto de que conquanto a matéria física pareça permanente para todos os efeitos práticos, não obstante exibe desintegração em graus variados. Uma vez que a causa não reside dentro daquilo que compõe a matéria em termos físicos, então onde terá origina a causa?

Será possível, por exemplo, eliminar tais causas em qualquer medida surpreendente e prolongar, pois, a existência individual da humanidade dentro do campo físico? Isso, é claro, haveria de levar a outra pergunta: a que propósito serviria esse alongamento, em que direção ele tenderia? Vocês têm igualmente consciência de que certos organismos físicos parecem resistir a essa dissolução final, ou mantê-la por um período maior do vosso tempo. Para isso também há razões, que haveremos de considerar oportunamente.

Começaremos por examinar a causa por trás do rompimento dos padrões físicos necessários por que a sobrevivência no mundo da matéria não seja mais possível. Ora bem. A existência no campo físico depende de um foco de energia psíquica, na construção subconsciente daquele organismo físico sem o qual a sobrevivência material não é possível.

Podes recorrer nisto a sessões anteriores que tratam dos mecanismos envolvidos. A existência dentro de qualquer campo da realidade requer um foco intensivo dentro desse campo. Envolve algo como um truque de prestidigitação, jogado por uma parte do eu total sobre a outra parte. Tal como um ator num drama acompanha certos atos e gestos que tornam a peça necessária, ao mesmo tempo que percebe que se trata de uma peça, ele ainda precisa concentrar a sua atenção nas entradas do guião e usar os adereços disponíveis.

De forma idêntica, a existência dentro do universo físico envolve um transe auto-hipnótico intenso, em que a atenção seja rebitada (fascinada) e focada em certas linhas, enquanto outras realidades são necessariamente fechadas à perceção e compreensão por um certo tempo.

Nenhuma peça pode durar para sempre. O foco individual não pode ser intensamente mantido indefinidamente. Mas tampouco pode o foco vibrante e praticamente fanático do eu dentro no âmbito das limitações de um campo prosseguir indefinidamente.

Sugiro o vosso intervalo.

(Pausa às 21h30. A Jane estava bastante bem dissociada, segundo disse. A sua transmissão tornara-se bastante enérgica. Disse que sentia como se estivesse a ouvir outra pessoa falar, mas que não conseguia reter o que ouvia, nem sabia o que viria a seguir.)

(Retomou deste modo mais ativo e dinâmico às 21h37.)

A energia não pode ser aprisionada por muito tempo dentro de uma forma. O eu global individual, pela sua própria natureza, não se restringirá indefinidamente ao conjunto particular de necessidades e perceções necessárias para a sobrevivência num dado campo da realidade.

Muda o enfoque, fica inquieto, adota novas formas de acordo com as necessidades de existência que existem em outros campos. Não há nada inerente à composição da matéria como vocês a concebem que produza uma queda natural, ou desintegração natural inevitável.

Como a matéria se desintegra, ou parece desintegrar-se, vocês supõem que essa dissolução seja intrínseca a ela, mas esse não é o caso. O foco de energia que organiza o corpo físico enfraquece, desvia-se; o estado de transe, mais forte no que vocês designam por início da idade adulta, começa a perder o seu domínio tal como na infância ainda não atingiu a sua completa intensidade.

A similitude aqui pode não ser fácil de perceber, por causa das emoções diversas com que vocês encaram a infância e a velhice. No entanto, a criança, numa medida não percebida, é livre das necessidades ambientais da sua existência. Mesmo enquanto ela molda e é moldada pelo seu ambiente, uma parte da sua psique ainda não se acha envolvida. O seu subconsciente, a um nível pessoal superior, ocupa-se dos medos infantis, é claro.

No entanto, a um nível mais profundo, ela ainda se apega a outras existências, tanto que até anseia subconscientemente por essas realidades passadas, que significam segurança, uma vez que os seus problemas já foram resolvidos. Ele é desapegada emocional e psiquicamente do tempo

físico, mesmo enquanto o seu corpo físico pulsa com os minutos físicos.

Na idade adulta, o transe, o foco intenso, é mais forte sobre ela. É após esse período que o transe, pouco a pouco, enfraquece o seu domínio. No período que você designam por velhice, a atenção interior já está a escapar. O forte foco de energia psíquica necessária à manutenção da esplêndida organização da imagem física não é mais adquirido. O ego consciente com que vocês estão familiarizados clama a perplexidade, pois não terá sempre sentido a imortalidade?

Mas o ego externo, como vocês sabem, é aquela porção de todo o eu que é dedicada à manutenção de manipulações físicas, e percebe apenas através desses equipamentos físicos, esses sentidos externos. Ele vê o seu domínio em perigo e volta-se contra ele. Ele, o ego, é aquela pequena porção do eu total que o eu total permitiu ser completamente, ou praticamente de modo completo, enfeitiçado pelo transe auto-hipnótico. É aquela parte que acredita implicitamente nas especificações dadas pelo hipnotizador e, como tal, será a última a abandonar o transe.

Sugiro o vosso intervalo.

(Pausa às 22h02. A Jane estava dissociada como de costume. Voltou a pôr os óculos durante o intervalo, apenas para os retirar assim que este terminou. Retomou da mesma forma às 22h12.)

Durante aquele período que vocês chamam de velhice, mais uma vez emocional e psicologicamente o indivíduo encontra-se menos preso ao tempo físico. Ele não mais, isto é, o eu total não disponibiliza mais energia psíquica suficiente para a manutenção do organismo físico.

Isso explica a desintegração. Há muito mais que deve ser dito nesse sentido, e com o tempo entraremos em discussões mais aprofundadas. No entanto, o foco principal do eu total já começou a desviar-se, e as energias usadas na organização padrão necessária para o plano físico já estão a ser devolvidas, retiradas ao seu foco de atenção nos assuntos físicos, e tornar-se mais sintonizada com o eu total do qual elas foram originalmente delegadas.

Bem. Uma organização física mais complicada, envolvente e intrincada, como a do homem, exige por parte do eu global um tremendo dispêndio de energia para a manutenção da relação psíquico-física estrutural. Não está apenas a sobrevivência física em jogo, mas também um equilíbrio altamente delicado a ser mantido. Uma vez que o homem é

subconscientemente consciente de uma herança pela qual ele sempre busca, e ainda que por diversas razões ele não pode apreender no estado físico, ele deve saber e não saber, e há uma tensão aqui que nenhum peixe, pássaro ou verme experimenta.

Este assunto também será inteiramente desenvolvido.

Eu também pretendo, e já tinha a intenção, de investigar esta noite as causas que existem por trás da diferença com que diversos indivíduos físicos e espécies conseguem fazer com que as suas "formas físicas" perdurem, no que diz respeito à continuidade no vosso tempo.

Mas isso terá que esperar. No que diz respeito ao Philip, eles também estão à espera em Chicago. Só que um homem é para fazer qualquer coisa, e este homem não é o homem de quem Philip suspeita. Esse homem não está em posição tão forte quanto a do homem que o Philip suspeita.

("Pode-nos dar um nome?"

(Será de lembrar a propósito que Philip é o nome da entidade de John Bradley.)

Ele tem cabelos acastanhados e usa óculos, e tem uma leve verruga numa das bochechas. Ele não está nem mesmo ciente dos próprios sentimentos que tem sobre o assunto, mas considera-se algo como uma imagem de pai, no que diz respeito ao Philip, e sente-se um pouco traído. Dois outros homens de alto escalão na organização não fazem diferença. O Philip não alcançará certos objetivos declarados a menos que tome medidas fortes, mas certas metas não declaradas da sua parte serão alcançadas.

Não houve nenhuma distorção, mas alguma confusão no que diz respeito ao parto e o episódio da bolsa de água esteve em causa. Como é, por vezes, o caso, há uma má interpretação, que vou tentar esclarecer.

O próprio sonho da Jane tratava de navios. A interpretação correta era aquela de um navio, o navio no qual a mulher Tubbs viajou; O saco roto, ventania inesperada durante um dia de viagem durante o cruzeiro.

Por razões dela própria, a Jane recebeu automaticamente a interpretação correta para si própria. No entanto, eu disse que precisamos lidar com palavras, decompondo os símbolos antes de mais.

Parte do sonho da Jane, compreendes, tinha que ver com um navio; e aqui uma segunda embarcação e a água, descobres que a informação foi

dada a um nível subconsciente à Jane com respeito à jornada da amiga dela. Se voltares a ler a sessão que lida com o sonho principal verás a relação. No entanto, houve um profundo sentimento de perplexidade da parte da Jane em relação à amiga, que é mãe, já que nenhuma delas, quando adolescentes, considerava a maternidade como uma parte dos seus futuros pessoais.

(É verdade. A Jane e a Marie passaram pelo ensino médio juntas. Ambas as meninas interessavam-se por escrever mais do que pela maternidade. Ao longo dos anos tenho ouvido a Jane interrogar-se em voz alta, muitas vezes, sobre o facto de que Marie ter decidido ter filhos, em vez de colocar ênfase na escrita, como a Jane escolheu.

(Para a informação fornecida pelo Seth sobre os sonhos da Jane, veja as sessões 87, 93, 98 sessões, bem como esta.)

Isso soa extremamente complicado. Mas embora a Jane tenha obtido a mensagem certa, outra camada superior do seu subconsciente vingou-se infantilmente ao mudar o "simbolismo" do navio enquanto barco, em vaso enquanto útero, recipiente de vida. A esse nível, que também alcançou o seu propósito, a imagem da água foi traduzida por um saco ou pelo saco de água que estourou. A mulher Tubbs deveria dar à luz ainda um outro filho, quando mais nenhum fosse desejado, por parte da Jane, em retaliação infantil. Ambas as interpretações literais eram verdadeiras, estás a entender, mas a Jane aproveitou a oportunidade (inconscientemente, é claro) para usar informação válida, aquela da viagem, como um método de retornar à imaginada traição irracional da sua amiga.

Precisam entender que tais ocorrências não são de forma alguma incomuns. Se as nossas interpretações dos sonhos parecem complicadas, é porque os sonhos são complicados, e os visualizarmos de todo o grupo de níveis em que eles têm significado. Interpretá-los num único nível seria, de facto a simplicidade em si. Mas tais interpretações carecem de qualquer validade cabal, uma vez que carecem de conhecimento daquela "rica" tapeçaria, cujas dobras "subconscientes" de que os sonhos são compostos e em que têm a sua validade.

Ainda não discutimos aqueles elementos oníricos que têm suficiente energia propulsora para manter a existência no plano em qual eles foram criados. Esse material, receio, deverá esperar, por você não terem os antecedentes necessários em termos de fundamentos, que lhes atribua compreensão. Pensamentos e sonhos possuem de facto uma validade e uma

realidade de que o subconsciente sempre esteve ciente e isso envolve em certo sentido responsabilidade aqui.

É impossível discutir completamente numa sessão os tópicos específicos que podem surgir, mas eles serão tratados a seu tempo. Uma pequena nota pessoal adicional, se é que me é ser permitida.

("Sim.")

E correndo o risco de ser considerado um chato, apesar da insistência da Jane de que o quarto pareça melhor do jeito que está, a vossa cama deve ser mudada para que a cabeça fique voltada para a parede como eu especifiquei meses atrás. Já deviam saber que as minhas pequenas sugestões caseiras resultaram, surpreendentemente na vossa perspetiva, para vosso benefício.

(Ainda muito divertida, a Jane apontou para uma espécie de arranjo de barreira de estantes de livros que tínhamos montado, para proteger a mesa na qual Jane escreve do resto do quarto. Ela havia dito que isso lhe dava uma sensação de proteção de que ela aparecia precisar.)

Esse arranjo, embora seja um conglomerado, ajuda a servir um propósito que eu referi na primavera passada. Um tipo qualquer de acessório permanente poderá deixar-te em paz, Joseph, já que você não mais te verias assediado.

Agora, resumidamente, antes de encerrar, e novamente a título de nota pessoal: a condição do pulso da Jane cuidará de si e desaparecerá. Ela deveria continuar fielmente os exercícios das costas, que normalmente ele retoma e depois esquece. Andar ao redor da cama irá aliviar a dor das costelas do lado esquerdo. Não vou aprofundar muito isso, mas há uma interrupção nas vibrações nelas, e uma contracorrente. É tarde demais para discutir isso a fundo. O tempo psicológico para vocês os dois devem ser mantido, pela educação psíquica e pelos benefícios físicos alcançados através da libertação momentânea do tempo físico. Para a Jane, o sal é benéfico durante alguns períodos do mês e não é benéfico noutras vezes.

("Quando serão essas outras vezes?")

Acima de tudo, a mão limpará o nódulo. Não deve ser de forma alguma infantil. Os exercícios das costas também ajudarão. O período após a menstruação é bom para o sal. Vou aqui encerrar a nossa sessão. Ficarei

mais do que feliz em fazer uma sessão de perguntas e respostas, quando preferirem.

(Mais uma vez a Jane riu e indicou a barreira da estante.)

A instalação "permanente," sempre que e se alguma vez for organizada, será aqui muito benéfica, e em aspetos que não irei discutir agora, por causa do tempo. Há uma conexão com compartimentos mentais embora seja subconsciente e psicológica.

Agora, os meus mais calorosos votos e os meus parabéns à Jane, a velha bombeira, em relação à fornalha. Ele também alimenta as suas próprias chamas razoavelmente bem.

("Boa noite, Seth.")

(A Jane mostrou-se dissociada como sempre. Há muitos meses atrás, Seth teve sugeriu que voltássemos a cabeceira da nossa cama para o norte, sem entrar muito em detalhes sobre as razões. Ele referiu acima a uma sessão de perguntas e respostas porque eu havia mencionado a ideia à Jane no início do dia. Planeamos trabalhar uma lista de perguntas. A referência do forno diz respeito ao manual de operação da Jane hoje da central normalmente automática de aquecimento a gás dentro da casa, depois do termostato desenvolver alguns problemas ainda não diagnosticados. Em relação com a informação da cama, a Jane vem mencionando há algum tempo que ela tem uma vaga dor nas costelas do lado esquerdo.)

(*As seguintes notas sobre "tempo psicológico" e material relacionado são retiradas do caderno* ***da*** *Jane:*

(21 de Outubro, quarta-feira: Sem resultados. Interrupção.

(21 de Outubro, quarta-feira: Um pequeno incidente. De manhã pensei muito em estores venezianos, que gostaria de ter nas janelas da cozinha. Visualizei-os, embora não tenhamos nenhuns que sirvam e não possamos comprá-los agora. Foi um desejo espontâneo e vívido da minha parte.

(A descer à cave ao meio-dia para verificar a caldeira, que andava a dar problemas, encontrei três estores venezianos, deixados bem à vista, onde no dia anterior não havia nenhum. Tenho a certeza disto porque ontem também estive na cave, por causa do problema da caldeira. ***O*** *senhorio estava comigo e disse-me que eu podia usar os estores, já que alguém da*

casa tinha obviamente decidido que já não os queria usar. Por isso, levei-os.

(22 de Outubro, quinta-feira: Sensação de leveza, mas sem resultados reais.

(23 de Outubro, sexta-feira: Breve mas nítida — vi uma fechadura de porta em latão com corrente.

(26 de Outubro, segunda-feira: Vi um álbum grande, cheio de recortes de jornais colados, e depois um envelope dentro do álbum. Meio dentro e meio fora do envelope estava uma fotografia antiga ***do*** *Rob e minha.*

(Também: Tive uma impressão muito breve de estar de pé e um pouco à minha direita, só que eu estava no corpo de uma mulher mais velha que não reconheci. Não era o meu corpo, com certeza, mas sim bem maior, com estrutura ossuda, cabelo escuro, rosto mais quadrado e óculos.

(27 de Outubro, ***terça-feira****: Sem resultados. Interrompido.*)

(*Gostaria de acrescentar aqui algo que poderá ser de interesse.*

(A 21 de Outubro, quarta-feira passada, durante a sessão, uma observação que fiz levou ***a*** *Jane a recordar que, na noite anterior, tinha tido um sonho envolvendo uma máquina de lavar que vertia água e inundava; disse-me que não tinha a certeza se era a máquina de lavar automática da cave do prédio de apartamentos ou não. Anotei-o por rotina.*

(Na noite passada, a máquina de lavar da cave abriu uma fuga, rebentando um tubo, e inundou a cave. A nossa água estava fria esta manhã. Ao inspecionar a cave depois do pequeno-almoço, ***a*** *Jane descobriu lá um palmo de água e, claro, telefonou imediatamente ao senhorio.*)

SESSÃO 100

26 de Outubro de 1964

(A nossa primeira sessão ocorreu a 2 de Dezembro de 1963, após algumas tentativas breves e iniciais em Novembro desse ano. Esta noite, jantámos com Marian e Jimmy Spaziani. O Jimmy é o nosso senhorio. Estávamos de volta a casa, vindos da sua residência em Pine City — a cerca de oito quilómetros — por volta das 20h40. A Jane tinha uma "leve" sensação de que alguém estaria presente na sessão, embora não tivesse certeza de que fosse uma intuição legítima. Não sabia explicar porquê, nem conseguia ainda discernir quando tais sensações são fiáveis. No fim de contas, não tivemos testemunhas.

(Os Spaziani estão a par do material do Seth, claro. Esta noite, o Jimmy perguntou se o Seth o poderia ajudar a encontrar a tampa em falta do termóstato, que se encontra no corredor do rés-do-chão. Como o aquecedor tem funcionado mal, está ansioso por encontrar a tampa, que crê ter perdido há meses, para impedir que as pessoas mexam no mecanismo sensível do termóstato. Comprometemo-nos a perguntar ao Seth.

(Relataram ainda uma experiência conjunta recente, envolvendo o pai falecido do Jimmy, e pediram a interpretação do Seth sobre o episódio — que foi bastante vívido. Como o acontecimento é algo extenso, irei inseri-lo na sessão em que o Seth o abordar. Esta página servirá também de referência futura.

(Ainda não retomei o estudo planeado do tempo psicológico, mas como referi antes, continuo a ter pequenas experiências quase diariamente — geralmente pouco depois de irmos para a cama, quando me encontro num estado de relaxamento e sonolência.

(A Jane não estava nervosa antes da sessão, nem fazia ideia do conteúdo a abordar. Mais uma vez, começou sem os óculos. Os olhos estavam escuros, a voz num tom normal, o ritmo regular. A velocidade de ditado era um pouco mais lenta, com pausas.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Esta será uma sessão relativamente informal, e estou bem consciente de que é a nossa centésima sessão.

(A Jane sorriu amplamente enquanto andava pelo espaço.)

Como vos disse há muitas sessões, repito agora: as nossas sessões mal começaram. Queria também mencionar que o Ruburt está a ir muito bem com o capítulo inicial que irá introduzir o nosso material.

Espero ainda que ambos estejam cientes de como as vossas capacidades começaram a amadurecer, e de como estas sessões vos conduziram a uma maior perceção em todos os âmbitos de atenção e

atividade. Estamos, como vos disse, a avançar lentamente, mas a progressão será constante, apoiada numa sensibilidade disciplinada — evitando os possíveis perigos que surgem quando há um foco excessivo ou fanático numa única linha de atenção, aliado à falta de compreensão estruturada. Não procuramos iluminar a intuição em detrimento do intelecto. Trabalhamos de modo a que o conhecimento adicional, vindo do Eu interior intuitivo, seja igualmente compreendido pelo intelecto.

A Jane, ao escrever a Introdução esta tarde, usou um termo que é particularmente adequado…

Ela falou do "homem por descobrir" em termos do Eu total, cujas capacidades são tão pouco conhecidas — e é precisamente isso que estamos aqui a tentar revelar: as vastas áreas do Eu que permanecem por descobrir e desconhecidas. Estamos a tentar, nestas sessões, desenvolver as vossas capacidades em diversas áreas, mantendo, ao mesmo tempo, um equilíbrio de desenvolvimento absolutamente necessário, para que nenhuma parte de vós se torne desproporcional e desestabilize o todo. Digo isto com alguma ironia, mas existe realmente uma razão concreta para esta progressão constante e equilibrada.

Desde o início das nossas sessões, têm vindo a aprender o método com que iremos explorar o Eu total, mas evitámos lançar-nos precipitadamente em expedições imprudentes. Estamos a equipar-nos com o conhecimento e a preparação necessários. Isto não significa que devam impor a si mesmos uma rigidez excessiva. A Jane pode, agora, permitir-se alguma liberdade adicional. No entanto, o ego continua a ser um guardião essencial, e as suas barreiras não devem ser forçadas a baixar. Primeiro, o ego tem de sentir-se seguro e tornar-se flexível, sem perder a integridade da sua natureza.

(*A propósito disto, vale a pena recordar que o Seth advertiu a Jane para avançar com cautela nos seus "experimentos de êxtase", durante a 54.ª sessão, a 18 de maio de 1964. Nessa altura, ela já tinha alcançado esse estado — que descrevia como de êxtase — por várias vezes, e estava preocupada com os limites até onde poderia ir, especialmente estando sozinha em casa. O Seth declarou que não esperava que ela atingisse essa concentração de energia interior tão cedo no estudo do tempo psicológico, e advertiu que poderia haver efeitos indesejáveis se essa energia fosse involuntariamente dirigida a outra pessoa. Sublinhou que isso não era "feitiçaria", mas que qualquer energia pode ser usada para quase qualquer fim. Após essa sessão, a Jane deixou de tentar alcançar esse estado e, até à data, não voltou a experienciá-lo.*)

O ego é, na verdade, um indicador muito fiável do seu próprio estado. Quando se preocupa em excesso, essa preocupação nasce de um medo pela sua própria sobrevivência — e essa sobrevivência é claramente necessária para a existência no campo físico, se queremos lidar eficazmente com a

realidade camuflada. No entanto, o ego não é uma entidade separada do Eu total. Quando o intelecto toma consciência de dados fornecidos pela intuição ou pelo Eu interior, pode então informar o ego, que adapta a sua atitude em conformidade. Desta forma, garantimos a cooperação do Eu total, evitando qualquer divisão interna entre partes do Eu. Esta é uma das razões pelas quais, em tempos, aconselhei a Jane a interromper certos experimentos específicos — que acredito agora poder retomar com mais maturidade.

Nas últimas sessões, começámos a abordar material que servirá de base para muitas outras sessões e poderá ser considerado como um esboço geral para mais um ano de trabalho. Há muitos pormenores anteriores que precisam de ser aprofundados, porque na altura em que foram dados ainda não dispunham da base necessária para uma compreensão mais completa. Foi por isso, por exemplo, que não entrei na estrutura molecular do mundo dos sonhos. Esta difere, em vários aspetos, do mundo material tal como o conhecem, e era necessário, antes de mais, tratar da natureza da matéria.

Sugiro uma pausa.

(*A Jane estava dissociada como de costume. Depois de um início mais lento, entregou a maior parte do material anterior a um ritmo confortável e constante. Retomou no mesmo estilo.*)

Durante o próximo ano, alcançarão muitos progressos. Devem ter consciência de que as vossas próprias atitudes mudaram para melhor — e isso reflete-se na vossa vida quotidiana. Estou tentado a trazer-vos novo material esta noite, embora tenha decidido fazer apenas uma sessão breve, devido a certos ritmos e picos de atividade que surgem e se dissipam. A minha intenção era que esta fosse uma discussão informal e geral, e quero reforçar novamente que a organização atual desta sala é excelente, independentemente das adições que possam querer fazer.

A divisão da sala em zonas de atividade mais ou menos distintas é bastante benéfica. Vejo que a cama voltou à posição que sugeri. E, numa pequena observação adicional (*que é factual, mas também serve para provocar a Jane*), estão ambos melhor sem a cobertura no radiador, por causa da acumulação de poeiras.

Eu próprio estou algo "empoeirado" esta noite, pois estou bastante descontraído — e trago comigo uma certa satisfação por ter sobrevivido a cem sessões. E vocês também podem sentir essa mesma satisfação. Não é uma conquista menor. O equilíbrio geral tem sido mantido de forma excelente, com resultados ótimos no desenvolvimento das vossas capacidades psíquicas. As fases iniciais das nossas sessões foram cruciais nesse aspeto. No entanto, há sempre a necessidade de equilibrar uma liberdade interior espontânea com uma atenção disciplinada — e ambos são essenciais.

Estou plenamente ciente de que o vosso senhorio e amigo me pediu ajuda para localizar a tampa antiga do termóstato.

(Neste ponto, a Jane começou a fazer pausas mais longas à medida que transmitia esta informação pessoal. Não senti que estivesse preocupada com a precisão, mas sim que este tipo de informação é apresentado com mais cuidado por parte do Seth, para evitar que desperte receios no ego consciente; por isso, "vem à tona" mais devagar. Ver também a nota da página 88 sobre a tampa do termóstato.)

Ela tencionava colocá-la numa prateleira na cave, mas acabou por a empurrar com outros objetos metálicos, ficando esquecida no fundo do Jeep, entre ou debaixo de alguma tralha. Foi descartada, ou na sua própria propriedade, ou numa lixeira pública — seja qual for o local, é junto a uma colina. A tampa ainda lá está, não destruída, mas parcialmente danificada. *Espero que esta informação o satisfaça.*

(*"Consegues dizer quando isto aconteceu?"*)

Houve dois momentos. Um, quando ele levou o termóstato e, por engano, o atirou para dentro do Jeep, onde ficou esquecido. Outro, cerca de três semanas depois, quando o descartou. *Creio que ambos os episódios ocorreram na primavera passada, no início da estação.* Ele tinha-o removido e deixado de parte; mais tarde, com pressa, viu-o e planeava colocá-lo na cave para não o perder. Não quis voltar a montá-lo nessa altura. *É tudo.*

Noutra ocasião, falaremos sobre a vossa relação com ele e com a esposa — e das circunstâncias algo bizarras que envolvem o homem e o filho mais novo.

(*O filho mais novo do Jimmy, J.J., tem seis anos. Quando o vimos pela primeira vez com o pai, há mais de quatro anos, a semelhança entre eles era inegável — não só na aparência física, mas também nos gestos. Essa semelhança tornou-se ainda mais evidente com o tempo, e é agora um tópico habitual de conversa entre os Spaziani e os Butts. Como a Marian, esposa do Jimmy, disse esta noite: "Bem, deve haver umas gotas do meu sangue no J.J., algures…" O Jimmy é italiano; a Marian é irlandesa e francesa. O Jimmy, evidentemente, sente orgulho nessa semelhança. Esta noite mostrou-nos uma fotografia de família tirada quando ele tinha mais ou menos a idade do filho — e a semelhança era já então evidente. Nessa mesma fotografia aparece também o pai do Jimmy, que a Jane e eu nunca conhecemos, e que será referido no material da próxima sessão.*)

Estou convencido de que as tuas experiências com tempo psicológico, Rob, em breve se tornarão mais vívidas — e também as da Jane. A espontaneidade interior está a regressar à Jane, depois de ela ter forçado demasiado durante o final do verão. As interações sociais informais que têm desfrutado são altamente benéficas, e devem continuar, dentro de um equilíbrio razoável. A nova orientação da cama também facilitará as

experiências com tempo psicológico, quando forem realizadas nesse espaço.

(*Posso ainda acrescentar que, desde que a cama foi reposicionada com a cabeceira virada a norte, a Jane deixou de sentir a dor persistente nas costelas do lado esquerdo. Ver a nota na página 87.*)

Mas o mais importante nesta sessão é expressar os meus parabéns a ambos pela vossa perseverança — e espero que me retribuam, pelos meus próprios esforços. Esta experiência, da minha parte, tem sido profundamente gratificante.

(*"É esta a tua primeira experiência deste tipo?"*)

(*A Jane sorriu.*)

Nunca deixarei de apreciar o tom astuto da tua voz quando tentas apanhar-me desprevenido. E já respondi a essa pergunta numa ocasião anterior. Além disso, se te recordas, disse-te desde o início que me considerava um educador e dei-te uma breve ideia da minha filosofia educacional. Poderás, se preferires, fazer-me perguntas, ou, dado que deixei a sessão desta noite relativamente aberta, poderás aproveitar para descansar e encerrá-la mais cedo.

(*"Vamos fazer uma pequena pausa. Depois faço-te uma pergunta e encerramos."*)

Como quiseres.

(*A Jane estava dissociada como habitualmente. Lembrei-me da resposta anterior do Seth relativamente à pergunta acima: ele dissera que esta era a sua primeira experiência deste tipo, pelo menos neste plano. Esperava que ele desenvolvesse mais essa ideia. Lamento não poder indicar a página correspondente a essa resposta, pois ainda não cobri essa sessão no índice pessoal que estou a elaborar para este material.*)

(*Durante a pausa, decidimos que, em vez de comentar o sonho vívido que tive na noite de sexta-feira, 10 de outubro de 1964, seria melhor pedir ao Seth que comentasse a experiência vivida recentemente pela Marian e pelo Jimmy Spaziani, relacionada com o pai falecido do Jimmy. Essa tornou-se a pergunta oficial da sessão. A Marian descrevera a experiência à Jane há uns dias, mas esta noite, ao jantar, os Spaziani voltaram a contá-la com detalhe. Como ainda está fresca na memória, registo-a abaixo, mesmo que o Seth não a discuta a fundo nesta sessão. Pode servir de referência futura.*)

(*A experiência: o Jimmy gere um clube de jantares em Elmira, que a Jane e eu frequentamos com regularidade. Alguns dos meus quadros estão pendurados lá. O Jimmy costuma fechar o clube depois da 1h da manhã; por lei, em Nova Iorque, não é permitido servir bebidas depois dessa hora. Numa noite da primeira semana de outubro de 1964, teve trabalho extra. Pouco depois da 1h levou uma empregada a casa no seu jipe. Trazia*

também alguns tomates frescos e, com eles, passou pela casa da mãe, a caminho de volta para o clube.)

(*Como a casa estava naturalmente às escuras, e para não incomodar a mãe só para lhe deixar os tomates, decidiu deixá-los na varanda dos fundos. O pai falecera há alguns meses, e, enquanto se encontrava no quintal — um lugar que conhecia e adorava desde criança — o Jimmy pensou para si: "Agora, se eu pudesse ver a aparição do meu pai, podia contar à Mãe, e ela sentir-se-ia melhor", ou algo semelhante. Esperou junto à casa, escura e silenciosa, olhando para o quintal, mas não viu nem ouviu nada de invulgar. Ele está bem familiarizado com a literatura sobre fenómenos psíquicos.*)

(*Estima que este episódio tenha ocorrido por volta da 1h20 da manhã. Reentrou no jipe e regressou ao clube, a poucas ruas dali. Chegou por volta da 1h30. Assim que entrou na cozinha, o telefone tocou. Era a esposa, Marian, visivelmente agitada. Marian descreveu-lhe então uma experiência fortíssima e perturbadora que acabara de viver.*)

(*Estando cansada, foi para a cama pouco depois da meia-noite, em vez de esperar pelo Jimmy como costumava. Adormeceu de imediato. Sem consciência do tempo passado, foi acordada subitamente, não por um sonho, mas por uma voz estrondosa que lhe gritou: "Boa noite!" Marian disse que foi tão real, tão alta e inconfundível — enchendo o quarto como um trovão — que se sentou de imediato na cama, completamente desperta e assustada. Não estava a sonhar nem a ter um pesadelo. O choque foi tal que ligou de imediato ao marido. Ou melhor, precisou de alguns instantes para se recompor e só depois fez a chamada. A voz era do pai falecido do Jimmy; reconheceu-a sem margem para dúvidas.*)

(*O Jimmy contou-lhe então os seus pensamentos momentos antes, quando estava no quintal da casa da mãe. Fazendo contas, chegaram à conclusão de que a experiência da Marian ocorrera aproximadamente à mesma hora em que ele estivera a pensar no pai. O Jimmy especulou que talvez a Marian tivesse recebido uma mensagem do pai dele, em resposta ao desejo que expressara — ainda que ele próprio não tivesse visto ou ouvido nada.*)

(*A Jane retomou agora com um tom algo mais rápido e mais forte, às 22h14.*)

Devia saber que não se pode esperar uma simples pergunta de sim ou não.

Agora. A experiência envolvendo o vosso senhorio, a esposa dele e o pai falecido foi legítima, mas gostaria de a utilizar como exemplo para uma discussão mais extensa, relacionada com questões abordadas nas últimas sessões. Refiro-me à questão da sobrevivência da imagem física após o chamado "momento da morte" e à permanência de partes da personalidade junto ao plano físico.

Não quero iniciar essa discussão aprofundada esta noite. Direi apenas que a experiência envolveu, sim, uma comunicação entre o pai e o filho, ocorrida com a cooperação da esposa. Não continuarei este tema agora, mas posso iniciá-lo na próxima sessão, se preferirem.

(*"Está bem."*)

(*A Jane e eu perguntávamo-nos nos últimos dias quando o Seth começaria a abordar este mesmo tema.*)

A mulher envolvida poderia beneficiar imensamente do desenvolvimento das suas próprias capacidades. No entanto, sente medo delas, principalmente por recear a sua própria falta de disciplina. O seu ego, neste momento, está demasiado envolvido com outras preocupações para permitir tal liberdade interior. Ao mesmo tempo, essa tensão no ego grita pela realização que poderia ser alcançada através desse desenvolvimento.

Esse progresso fortaleceria o ego, aumentaria a autoconfiança. E as suas capacidades são suficientemente fortes para se manifestarem com alguma eficácia sempre que o ego baixa a guarda.

O homem é um exemplo de personalidade altamente dotada de intuição e sentidos interiores bem desenvolvidos. Existem circunstâncias algo invulgares neste caso, tanto a nível familiar como em situações passadas.

O rapaz, o filho mais novo, também possui essas capacidades — com sentidos interiores já eficazes. O pai comunicou, de facto. Contudo, os vivos, dentro de certos limites, podem dificultar a libertação dos que já deixaram o plano físico, devido à falta de compreensão da natureza da realidade. Abordaremos isto mais tarde.

(*Esta referência ao J.J., o filho mais novo do Jimmy, lembrou-nos que o Jimmy nos contou várias vezes que, assim que começou a falar, o J.J. dizia que tinha "companheiros de brincadeira" que o acompanhavam durante o dia. O curioso era que os únicos companheiros do J.J. eram os irmãos mais velhos, e não era deles que ele falava. O Jimmy diz que o filho contou-lhe estas histórias até cerca dos quatro anos. O J.J. tem agora seis.*)

Abordaremos isto mais tarde. Uma personalidade, ou uma energia personalizada, nunca é destruída; mas a transformação da forma é sempre necessária para que essa personalidade continue. Em alguns casos, a recusa emocional dos vivos em aceitar esse facto pode levar a uma resistência que dificulta a transição da personalidade que já não pertence ao campo físico. Essa resistência precisa então de ser gerida — e pode originar dificuldades que seriam evitáveis com maior compreensão por parte dos chamados vivos.

Deves compreender que, para mim, a insistência da humanidade em considerar como vivos apenas aqueles com quem interage no plano físico é um conceito extremamente limitador.

Irei desenvolver mais este tema noutra ocasião. Também falarei do teu sonho numa próxima sessão. Como tento utilizar tais incidentes como exemplos para expandir a vossa compreensão em várias direções, é quase impossível abordar uma grande variedade deles à medida que surgem.

Direi, no entanto, que o sonho envolvia experiências em várias frentes, e que o casaco representa algo muito diferente daquilo que imaginas. E por esta noite, encerro, deixando-vos novamente os meus votos calorosos.

(*"Boa noite, Seth."*)

(*A Jane estava dissociada como de costume. Estava bastante cansada, tal como no fim da sessão anterior. Quase assim que ela começou a transmitir este último material, arrependi-me de lhe ter pedido para o fazer, pois vi claramente o cansaço a instalar-se. A Jane comentou que, depois de algumas sessões, se sente menos cansada do que antes de começarem, enquanto noutras fica esgotada. Ao mesmo tempo, disse que o cansaço, durante a transmissão, "não tem qualquer significado" para ela.*)

O seguinte material foi retirado do caderno de tempo psicológico da Jane:

(*28 de Outubro, quarta-feira: sensação de leveza, etc. Sem resultados concretos.*)

(*29 de Outubro, quinta-feira, das 11h15 às 11h45: dois efeitos fugazes. Tive a impressão do Rob a avançar com determinação, dizendo algo como: "Vou dizer-te o que acho que devíamos [ou devias] fazer com a licença de casamento."*)

(*Depois vi algo — um objeto que agora já não consigo identificar. Ouvi alguém dizer: "Isso é da Lizzie. Era ela quem costumava comprá-los." A voz era mental.*)

(*Agora, às 13h20, o Rob diz-me que esta manhã um casal recém-casado o visitou no escritório. Estiveram lá das 11h25 até ao meio-dia. Conversaram e brincaram sobre o casamento, etc., mas ele não se recorda de nenhuma menção específica à licença de casamento.*)

(*Retomei o estudo regular do tempo psicológico, e o seguinte excerto é do meu próprio caderno:*)

(*27 de Outubro, terça-feira, 11h45: ao deitar-me, tive uma sensação nítida e persistente de alongamento nas pernas, como se uma força me puxasse pelos pés — como que com as mãos. Ao mesmo tempo, senti aquela antiga e familiar sensação de êxtase a invadir-me intensamente.*)

(*Pode ser coincidência, mas ao verificar os meus registos anteriores, encontrei uma experiência semelhante listada a 9 de Setembro, que descrevi de forma quase idêntica. Ver as minhas notas na página 1, sessão 86.*)

(*28 de Outubro, quarta-feira, 17h30: estive a trabalhar numa pintura de maçãs. Durante o exercício de tempo psicológico, vi maçãs duas vezes.*

Na primeira, estavam em tons de cinzento e violeta; vi secções pequenas, em grande plano — um pormenor do pedúnculo, por exemplo. Na segunda vez, vi novamente as maçãs em secções, mas desta feita em cores plenas. Consegui distinguir com clareza o grão da madeira, as pinceladas, etc.)

(*Entre estas duas visões, vi um homem de meia-idade com as mangas da camisa branca arregaçadas, sentado a uma mesa de cozinha, olhando para a minha direita. Via o seu perfil. Tinha uma orelha deformada (tipo "orelha de couve-flor"), tez avermelhada e cabelo com tonalidade ruiva. Não se mexia. Fez-me lembrar, vagamente, o pai do Bill Macdonnel — embora não fosse ele. Recordo também um pequeno desenho a lápis que o Bill fez do pai, numa posição semelhante, mas visto de frente.*)

SESSÃO 101

28 de Outubro de 1964

(*A Jane dormiu das 20h às 20h30 esta noite e, ao acordar, sentia-se bastante desconfortável. Disse que não gosta de se levantar quando já está escuro. Na verdade, só dormiu mesmo os últimos minutos do tempo previsto. Decidiu que, no futuro, fará sestas durante o dia nos dias de sessão.*)

(*À medida que a hora da sessão se aproximava, continuava sem qualquer noção do material a ser tratado. Começou a ditar com voz normal, com algumas pausas, e novamente sem os óculos. Os olhos mantinham-se escuros como de costume, e o ritmo era médio.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

Esta noite abordaremos vários assuntos distintos. Usarei a explicação de um caso específico para alargar o vosso conhecimento geral. Disse-lhes que a comunicação entre o pai do vosso senhorio e ele próprio foi válida — e acredito que outras comunicações também ocorreram. Em pelo menos algumas dessas, tal como nesta, a esposa do homem atuou como uma espécie de estação retransmissora.

(*Ver descrição da experiência nas páginas 93–94.*)

O pai está, na sua maioria, desligado do plano físico. Encontra-se numa zona que poderíamos chamar de "plano intermédio de existência". As personalidades em transição são assim colocadas num estado de neutralidade e relativa passividade, que lhes permite uma fase de aclimatação. Existem, de facto, mas não numa forma com que estejam normalmente familiarizados. A neutralidade funciona como proteção — uma duração no presente amplo, onde, ainda assim, existe certa aceleração no sentido da realização de valor.

(*Ver a 41.ª sessão para a primeira longa dissertação do Seth sobre o presente amplo, datada de 6 de abril. A 44.ª sessão também aborda extensivamente as leis básicas do universo interior, tal como outras sessões desse período. À medida que o material se expande, torna-se mais difícil localizar referências exatas sobre certos temas.*)

A passividade relativa e neutra é alcançada à medida que várias partes do Eu total se voltam a reunir. A aceleração — de natureza mental — começa quando essas partes interagem entre si. Trata-se de uma sequência ou ação eletromagnética que, eventualmente, dará o impulso necessário para a projeção do Eu total para outro campo de realidade, à medida que a aceleração se intensifica e se unifica.

Nesse aspeto, naturalmente, o Eu atravessa ou ultrapassa o plano intermédio em causa. O termo serve apenas como ponto de referência — uma duração que só tem significado quando relacionada com uma personalidade específica em transição entre realidades dimensionais. A personalidade, enquanto ação mental, é ela própria responsável pela criação desse plano intermédio. Sem a personalidade — sem esse ato mental — tal plano de referência não teria qualquer sentido.

Talvez precisem reler o vosso material sobre o presente amplo, pois a nossa explicação será, por necessidade, expressa em termos de sequência de eventos — quando, como sabem, no presente amplo os eventos ocorrem de forma simultânea.

Quando a personalidade se retira da imagem física, fá-lo numa espécie de "câmara lenta" de acontecimentos simultâneos. É isto que acontece.

A imagem física **não desaparece imediatamente**, por várias razões. A personalidade, através do Eu interior, de facto criou ou construiu essa forma física. Mas a própria matéria de que é feita também contém a sua consciência peculiar, como sabem.

A consciência dos órgãos, átomos, moléculas, células e demais componentes permanece — com o grau de consciência e vitalidade que possuíam originalmente. Não é suficiente, claro, para manter a forma ou organização. Contudo, a imagem é também mantida parcialmente pelos outros que a observam. Encontrarão explicações para isto na nossa discussão sobre a natureza da matéria.

Há muito a considerar aqui, e uma leitura das sessões anteriores sobre matéria irá clarificar. Sabem, naturalmente, que os átomos e moléculas do corpo físico mudam constantemente durante a existência no plano físico. “Aberturas”, por assim dizer, para a entrada de novo material na forma física são possíveis graças ao Eu interior. Quando este abdica, fecha-se a possibilidade desse tipo de reparação molecular. Sugiro uma pausa.

(*Pausa às 21h30. A Jane estava dissociada como de costume. Sentia-se muito melhor agora que a sessão estava em andamento. Mais uma vez sem os óculos, retomou com o mesmo tom ponderado às 21h37.*)

Relembrando o vosso material sobre o presente amplo, dir-vos-ei que uma parte da retenção da personalidade ainda envolve os pontos de referência físicos com os quais ela estava familiarizada.

Na realidade, essa retenção é mental — uma atração mental para outras ações mentais ou personalidades. Mas esta atração, embora mental, ainda se projeta de certos modos no campo físico. A força dessa atração enfraquece com o tempo, mas enquanto dura, e sob certas condições, a comunicação é possível.

Normalmente existe tensão neste processo, pois os pontos de referência precisam de ser ajustados. A personalidade já está imersa numa transformação dimensional. Quando a necessidade emocional daqueles que permanecem no plano físico clama por comunicação, isso reforça o apelo ou força da atração ainda presente, mantendo partes da personalidade ligadas ao campo físico — o que pode aumentar a resistência encontrada pelas personalidades em transição.

Isto pode causar confusão e desorientação à personalidade que está em transformação. Mais tarde, por assim dizer, quando se alcança a entrada noutra realidade — superior —, essa personalidade de dimensão mais elevada pode comunicar com o vosso campo sem essas dificuldades.

Nessa altura, ela já consegue alterar os seus pontos de referência, embora a experiência, para si, seja tão mais vívida e com uma proporção tão mais ampla que, ao comparar, poderia ser como descer por um túnel estreito e apertado.

Esta é uma das dificuldades com as nossas sessões: não conseguem captar os conceitos de forma direta. Ou seja, não os conseguem experienciar diretamente, e eu tenho de os reduzir, dimensionalmente falando, para que possam compreendê-los dentro da vossa dimensão mais limitada.

A Jane, aliás, merece ser felicitado, pois começou agora a ler livros de física, para acompanhar intelectualmente o material que vos transmito. Nunca tendo lido esse tipo de obras antes, ficou espantada ao descobrir que eu sabia aquilo que ela não sabia. Já devia estar habituada a isso.

(*A Jane ditou o parágrafo acima com um sorriso. É verdade que ela — e eu, em menor grau — começámos a estudar física recentemente. Ambos tínhamos negligenciado o tema desde os tempos de escola, embora ao longo dos anos tenhamos encontrado referências em várias leituras, dada a importância que o tema tem atualmente. A Jane ficou surpreendida por encontrar nos livros muitas referências que coincidem com o que o Seth tem dito. Muitos outros pontos serviram, inclusive, como ponto de partida para novo material dado pelo Seth.*)

Durante a leitura, encontrou uma afirmação que dizia que seres bidimensionais imaginários não conseguiriam compreender um sistema tridimensional. Ora, vocês estão evidentemente num sistema físico que,

segundo os vossos próprios termos, é de quarta dimensão. O vosso mundo de sonhos, de que já falei, poderia ser comparado a um universo tridimensional. Contudo, as dimensões de que fala a física são, mais uma vez, o resultado do vosso ponto de referência e do sistema em que estão inseridos.

Um universo de quinta dimensão não tem necessariamente de possuir todos os atributos das quatro dimensões anteriores. À medida que se progride para além da quarta dimensão, obtêm-se liberdades que tornam desnecessários os atributos das dimensões precedentes. É nessa direção que a física terá de avançar no futuro. Antes de mencionar, resumidamente, a quinta dimensão, sobre a qual já falámos há várias sessões, proponho uma pausa.

(*A Jane estava dissociada como habitualmente. Ver as sessões 12 e 16, entre outras, para material sobre a quinta dimensão.*)

(*Mais uma vez sem os óculos, a Jane retomou às 22h10, com um tom mais rápido e animado.*)

A partir de certo ponto, alcançam-se liberdades. Existem literalmente inúmeras outras dimensões que os físicos não conseguem imaginar, devido às limitações do vosso sistema. Largura, altura e comprimento não têm qualquer significado em dimensões que não existem no espaço tal como o concebem. O tempo, enquanto ponto de referência, não tem sentido numa dimensão que existe inteiramente dentro do presente infinito.

Esse tipo de referência simplesmente não existe ali. Já lhes disse muitas vezes que os planos, campos ou dimensões de atividade — chamem-lhes o que quiserem — atravessam-se mutuamente com frequência, sem colidirem. Se os seus pontos de referência fossem os mesmos, então colidiriam.

Disse-vos também, há muito tempo, que o que aparece como massa ou peso num plano pode apresentar-se de forma totalmente diferente noutro. E isso muito antes de a Jane ter pegado no seu livro de física.

Disse que um plano não é necessariamente um lugar no espaço, mas sim um campo de vitalidade mental. O material que vos forneci sobre a quinta dimensão será aqui inestimável. Disse que é "espaço", desde o início das nossas discussões. Na nossa sessão mais inicial, usei o termo "espaço" por simplicidade — para vosso benefício — explicando, no entanto, com todo o cuidado, que este "espaço" da quinta dimensão é bastante diferente daquilo que consideram como espaço.

(*Presumo aqui que, ao dizer "sessão mais inicial", o Seth se refira ao primeiro material sobre a quinta dimensão, dado na 12.ª sessão. Contudo, o "espaço" como quinta dimensão foi também mencionado na 1.ª sessão — ver Volume 1, página 8. Esse primeiro material foi-nos transmitido através de Frank Watts, que é um fragmento da entidade Seth. O Seth declarou recentemente que o material "oficial" começa quando se apresentou pelo*

nome — o que ocorreu na 4.ª sessão. Ver a sessão 85, Volume 2, página 336, para a declaração do Seth sobre o material de Frank Watts.)

A estrutura imaginária que construí para vós é excelente — um modelo particularmente adequado à realidade. Mesmo esse modelo, que descrevi com tanto cuidado, não poderia ser construído fisicamente no vosso sistema, pois contém graus de mobilidade para os quais o vosso sistema não tem espaço.

(*A Jane sorriu.*)

Sugiro, Rob, que quando tiveres tempo — ou se conseguires convencer a Jane a fazê-lo por ti — insiras aqui, para conveniência dos leitores, uma cópia do material inicial onde descrevo a estrutura imaginária de labirintos.

Poderão ver que, nessa existência de quinta dimensão, não podem existir constantes no que toca a pontos de referência, pois pela própria natureza da dimensão, camuflagens são adotadas para se ajustarem a inúmeras outras dimensões, à medida que a estrutura se altera continuamente.

Uma releitura do material tornará isto mais claro. Mas existem ainda outras dimensões com base em sistemas completamente diferentes. E entre elas, não pode haver comunicação. São estranhas para mim. Quando digo que não pode haver comunicação, falo, claro, a partir do meu próprio ponto de referência. Existem até outras dimensões físicas que não vos parecem físicas — a vossa antimatéria é uma delas. Mas há muitas mais.

Algumas dimensões ou campos contêm outras dentro de si; outras são completas por si mesmas, com outras dimensões dependentes delas — como, por exemplo, a vossa quinta dimensão, tal como a descrevi.

Mas existem dimensões que nunca poderão ser compreendidas por qualquer forma de álgebra — dimensões cujo fundamento assenta em equações emocionais que jamais poderão ser resolvidas, ou sequer abordadas a partir do vosso sistema. No entanto, essas equações emocionais geram efeitos que muitas vezes reagem no vosso sistema. E as vossas próprias "explosões emocionais" aparecem transformadas em massa dentro de um desses sistemas.

Vou continuar mais alguns momentos, antes de encerrar a sessão — ou, se estiveres com a mão cansada, podemos fazer uma pausa.

(*"Está bem, vou fazer a pausa."*)

(*A Jane estava completamente dissociada — "longe", como costuma dizer. "Alguém descobriu maneira de extrair muito mais de mim do que eu sabia que tinha para dar", riu-se. Tinha mantido um bom ritmo, e a minha mão de escrita estava quase dormente. Retomou no mesmo tom vivo, novamente sem os óculos.*)

Não me prolongarei muito mais esta noite. Em breve, abordaremos em detalhe os meios pelos quais estas sessões se tornam possíveis, bem como

as razões para o cansaço do Ruburt no final de algumas sessões, e a sua exuberância noutras. Existem razões químicas, bem como psíquicas, para esses efeitos. Naturalmente, há momentos em que ele funciona com maior eficácia do que noutros.

Durante as sessões, ocorre uma tradução constante de energia de um plano dimensional para outro — e, da parte dele, uma mudança de ponto de referência que permite que essas traduções ocorram. O organismo psíquico está muito mais bem preparado para lidar com transformações e traduções deste tipo do que o organismo físico, e existem também influências naturais do ambiente psíquico que vos rodeia — dentro do vosso sistema — que podem atuar como resistências.

Essas resistências, evidentemente, exigem um esforço energético adicional da parte da Jane. A mim, não me afetam. Abordaremos estes assuntos mais detalhadamente numa próxima ocasião.

Direi apenas que, durante estas sessões, quando a Jane está "aberto", por assim dizer, a outros pontos de referência — tanto dentro como fora do vosso sistema — há uma vulnerabilidade a outras influências. Ele desenvolveu espontaneamente resistências automáticas que bloqueiam essas influências ou, por outro lado, abrem canais pelos quais os seus efeitos podem entrar no vosso sistema.

Isso consome energia, e nas ocasiões em que há muita atividade desse tipo, o cansaço torna-se visível. A resistência, contudo, é necessária. É esse mesmo tipo de resistência, embora num nível muito mais simples, que ele utiliza para me bloquear sempre que o ego se torna demasiado preocupado.

E agora sim, encerrarei a nossa sessão. Foi uma das mais frutíferas, e esta noite sinto-me particularmente próximo de ambos.

(*A Jane estava completamente dissociada, e terminou a sessão com um sorriso. Estava cansada, mas não tanto quanto no final da última sessão.*)

O material que se segue foi retirado do caderno de tempo psicológico da Jane:

(*30 de Outubro, sexta-feira, das 11h30 ao meio-dia: Assim que me deitei, senti fortemente que receberia notícias por correio este fim de semana — hoje ou amanhã — sobre a venda do livro sobre ESP à editora Fell, creio eu, com contrato incluído. Poderia referir-se à venda de um conto, admito, mas parecia-me estar relacionado com o livro. Sentia-me emocionalmente em alta, como se já tivesse recebido a notícia.*)

(*Toda a meia hora foi um estudo em sensações psicológicas. O meu pé esquerdo começou a parecer estar suspenso no ar, prestes a desaparecer. Mexi os dedos para confirmar a sua presença. A sensação estendeu-se parcialmente ao lado esquerdo do corpo. Sentia uma leve, mas nítida, sensação de vazio na zona do peito. Respirei fundo pelas narinas, com o lenço sobre os olhos fechados. Subitamente, a intensidade de todas*

as sensações aprofundou-se. Senti que poderia elevar-me. A área atrás das pálpebras tornou-se esbranquiçada, e pareceu expandir-se. Sensação de formigueiro.)

(*Do meu caderno de tempo psicológico:*)

(*29 de Outubro, quinta-feira, 17h30: Vi em grande plano o rosto de um bebé, visto de frente em três quartos, voltado para a minha direita. Bochechas rosadas, lábios entreabertos. A seguir senti traços da minha sensação habitual de êxtase. [Enquanto pintava durante a tarde, tive a mesma sensação, mas em forma mais intensa.]*)

(*Depois, os meus pés — calçados, deitados na cama, separados cerca de 15 cm — pareciam ligados um ao outro por uma ponte ou corda de carne. Era uma sensação de puxão, que durou vários minutos. Bastante forte. Ao mesmo tempo, os calcanhares doíam e picavam.*)

(*A certa altura, todos os meus membros pareciam querer erguer-se para fora do corpo. O braço esquerdo, em particular, parecia rígido, como uma alavanca presa ao ombro, pronta a levantar-se com rigidez.*)

(*30 de Outubro, sexta-feira, 20h10: Uma variedade de efeitos. Várias manifestações da minha sensação habitual. Uma delas foi particularmente intensa quando senti as mãos cruzadas sobre a cintura — embora na verdade estivessem ao lado do corpo. Os calcanhares pareciam fortemente comprimidos um contra o outro. Em determinado momento, as mãos pareceram-me aumentadas de tamanho. Ouvi várias vozes. Numa ocasião, um homem de meia-idade, com cabelo grisalho, disse a uma jovem: "És a minha filha mais velha. Tenho grande confiança em ti." Esqueci outras partes antes de me levantar.*)

(*31 de Outubro, sábado, 20h: Novamente, uma variedade de efeitos. Pouco depois de me deitar, a minha sensação de êxtase percorreu-me dos pés à cabeça. Minutos depois, no sentido inverso, da cabeça aos pés. A certa altura, as mãos pareceram muito grandes e separadas por cerca de um metro — embora estivessem ao lado do corpo. Por vezes, mãos e pés pareciam prestes a erguer-se. Tive fragmentos de vozes e imagens vagas. Foi uma sequência constante de experiências.*)

SESSÃO 102

1 de Novembro de 1964

(*Talvez os acontecimentos desta noite tenham começado a desenhar-se há alguns dias, quando a Jane e eu comentámos que poderíamos tentar alguma experiência de ESP este domingo à noite — desde que estivéssemos sozinhos.*)

(*Durante a semana, a Jane voltou a pintar com entusiasmo, após um longo intervalo. Divertiu-se bastante com estas novas obras e falámos sobre elas em detalhe. Sentia um conflito entre aquilo que queria expressar e as suas limitações técnicas para transpor as imagens para a tela. Eu achei o seu trabalho melhor do que nunca, surpreendentemente forte — com boas ideias e uma abordagem extremamente pessoal, fresca e viva. A Jane insistia que os seus quadros pareciam infantis.*)

(*Recebemos visitas depois do jantar. Antes de o casal se ir embora, apareceu o Bill Macdonnel. Ficámos apenas os três — Jane, Bill e eu — e, sendo ele também artista, começámos uma discussão bastante animada sobre os novos trabalhos da Jane. Durou cerca de uma hora.*)

(*Aqui, gostava de destacar o meu sonho de 18 de Setembro de 1964 — ver página 47. O Seth comentou esse sonho com bastante detalhe, embora não tenha dito muito sobre a sequência inicial. Nessa parte, a Jane, o Bill, os membros da família Potter e eu estávamos reunidos na sala de estar. Eu mostrava ao Bill alguns desenhos e pinturas da Jane, e os três comentávamos entusiasticamente a sua qualidade. Esta noite, a conversa com a Jane e o Bill sobre os seus novos quadros teve paralelos notáveis com essa sequência onírica. Pergunto-me agora se essa parte do sonho terá sido clarividente. O Seth poderá comentar isso na próxima sessão. A principal diferença foi a ausência da família Potter esta noite.*)

(*Como já era tarde, uma experiência de ESP parecia improvável. Ainda assim, discutimos a hipótese de fazer uma espécie de "sessão", sem a concretizarmos. Estávamos já cansados. Falámos sobre a aparição que o Bill vira na porta da casa de banho — descrita na 68.ª sessão — o que levou o Bill a contar alguns sonhos recentes, muito vívidos e perturbadores. Nestes sonhos, o seu quarto parecia povoado por aparições ou estranhos — figuras que não conhecia. Com base no material recente que recebemos sobre o mundo dos sonhos, sugeri que o Bill talvez estivesse a contactar outras partes do seu Eu interior ou total.*)

(*Recorde-se que o Seth disse, por várias vezes, que o Bill Macdonnel tem muitas capacidades psíquicas naturais, embora pouco treinadas. Declarou que o Bill tem talento em várias áreas psíquicas, incluindo a perceção de aparições. Também afirmou que a Jane e eu víamos menos do que poderíamos porque éramos demasiado "exigentes" quanto ao que nos permitíamos ver.*)

(*À medida que a conversa evoluía, os três sentámo-nos na sala, em torno da mesa de café, a olhar para a porta aberta da casa de banho, trocando comentários meio em tom de brincadeira sobre aparições. O Bill anunciou então que sentia a "presença de uma forma" no vão da porta — tal como relatara na 68.ª sessão, embora com menor intensidade. A Jane e eu, tal como da vez anterior, não víamos nada.*)

(*Importa dizer que, nos últimos tempos, a Jane comentou várias vezes que se sentiria mais segura se pudesse ver, com os próprios olhos, alguma prova física de fenómenos psíquicos. Não tinha visto a aparição, nem tampouco a mudança nos seus traços — também descrita na 68.ª sessão. Mesmo quando a recordei de que era ela o motor principal das sessões, continuou a desejar "ver algo" que lhe provasse, de forma concreta, que o material era legítimo. Ambos nos lembrámos, naturalmente, de que o Seth dissera, há muito, que não era a favor de demonstrações "só por serem demonstrações" — e que não atuaria sob pedido.*)

(*Como o tema estava a ser discutido há algum tempo — e poder-se-ia dizer que um certo ambiente ou "clima" se instalara — a Jane comentou que sentia o Seth "a pairar por perto". A observação não nos impressionou muito e não lhe demos atenção. Continuámos a tentar perceber a forma que o Bill dizia ver na porta — sem sucesso.*)

(*Foi então, às 23h00, que reparei que a Jane estava em silêncio. Sentada no divã, com as pernas dobradas sob o corpo, do outro lado da mesa de café, fitava-me com uma expressão sorridente mas fixa. Os olhos estavam escurecidos debaixo das pálpebras inferiores — um fenómeno algo peculiar que se dissipou pouco depois de começar a ditar. Tinha um cigarro na mão, mas parecia não estar consciente disso. Tirara os óculos.*)

(*Tive um impulso de ir ao estúdio buscar papel e uma caneta, mas logo me surgiu outro — o de deixar os apontamentos de lado, só por uma vez, apesar de estar claro que a Jane se preparava para dar uma sessão. Segui este segundo impulso, já que ela parecia despreocupada quanto à tomada de notas. O Bill e eu esperámos. A Jane começou a ditar com uma voz forte, ligeiramente mais grave do que o habitual, e manteve esse tom durante toda a sessão. Permaneceu sentada o tempo inteiro. Assim que começou a falar, fechou os olhos — e, para minha contínua surpresa, manteve-os fechados até ao fim, com uma breve exceção que será mencionada mais à frente. Seguiu-se um procedimento curioso: sempre que a Jane se dirigia a mim ou ao Bill, mantinha os olhos fechados, mas voltava-se para o interlocutor certo e fazia gestos na direção correta. Ao fim de algum tempo, esquecia-se que ela tinha os olhos fechados, pois não havia qualquer sinal de desorientação da parte dela. Aliás, os olhos fechados desempenhariam mais tarde um papel curioso que também será descrito.*)

(*Assim que a sessão terminou, comecei a registar o conteúdo e cobri toda a matéria apresentada. O que se segue foi reconstituído de memória e poderá, por isso, estar algo fora da ordem cronológica. Ainda assim, consegui escrever uma versão resumida com bastante facilidade e não omiti nenhum ponto principal. Certamente deixei de fora alguns apartes menores e terei alterado alguma pontuação e fraseado, mas sinto que o que se segue é um bom relato.*)

Pela primeira vez, o Rob não terá de tirar apontamentos. Estou convosco esta noite há já algum tempo, como sem dúvida perceberam. Os apontamentos não são particularmente necessários para o que tenho a dizer — e o Rob, deves aproveitar o descanso.

Não sou, como sabem, especialmente adepto de efeitos físicos, mas já que a Jane é cética tão conhecido, farei a concessão. Teremos, portanto, efeitos físicos — efeitos que nem ele conseguirá negar.

Será necessário, no entanto, que pelo menos no início estejam os três presentes para que isso seja possível. Sugiro, desde já, que os três participem numa sessão pelo menos de duas em duas semanas. Ao início, os três serão indispensáveis. Mais tarde, dois poderão ser suficientes. Mas convosco, os três, precisaremos de compromisso e disciplina.

O Rob está comprometido com estas sessões. Ele acredita. A Jane é cética, desde sempre. Está intelectualmente intrigado, mas ainda não se comprometeu emocionalmente. Rob, tu tornas estas sessões possíveis. Sem ti, a Jane não me deixaria passar. Sem ti, a Jane nunca teria realizado uma única sessão.

A Jane esteve sempre à procura de disciplina. Sempre procurou a disciplina que sentia faltar-lhe. As suas intuições foram sempre muito fortes. Pois bem, agora tem a sua disciplina — mas exagerou. Essa disciplina passou a limitar as intuições poderosas que possui, e tem de ser suavizada. A espontaneidade, a espontaneidade interior, tem de ser restaurada.

Ela está a melhorar com os seus exercícios de tempo psicológico, e deve deixar que essa espontaneidade se estenda a outras áreas da vida. A Jane tem de estar plenamente comprometida com estas sessões, para que elas possam expandir-se em profundidade. Se desejar efeitos físicos, então terá efeitos físicos. Mas repito: neste momento, são precisos os três.

Tu, Rob, sempre usaste disciplina. O teu problema foi teres medo de confiar nas tuas intuições — e as circunstâncias da tua juventude reforçaram esse medo. Mas agora aprendeste a confiar em ti próprio, e isso permitiu-te crescer. Estás agora mais livre, e continuarás a desenvolver as tuas capacidades — na pintura e noutras áreas da vida.

Mark, tu precisas de disciplina — mas essa disciplina virá com a própria vida. E aqui deixo claro que os sentimentos intensos da Jane estão corretos: ela sabe aquilo que sabe. Deves mudar-te para a tua galeria o mais

rapidamente possível. Serás convidado a fazer exposições por duas pessoas — a esses convites deves recusar. Outros convites virão, que deverás aceitar. Caberá a ti usar o teu conhecimento interior, as tuas intuições, para distinguir entre uns e outros.

(*Recorde-se que "Mark" é o nome de entidade de Bill Macdonnel. O Bill está atualmente a transformar uma loja no centro da cidade num espaço que funcionará como galeria de arte e residência.*)

(*Enquanto a Jane transmitia este trecho com grande energia, o Bill pegou numa folha que estava na mesa de café e na caneta da Jane. Fez um esboço rápido no verso da folha usada e passou-mo. Vi que desenhara os traços da Jane, dando ênfase aos olhos fechados. Mas, sobre a pálpebra superior fechada, desenhara uma íris — como que a sobrepor um olho aberto ao olho fechado. Fiz-lhe sinal de que tinha percebido que ele estava a ver um olho — ou olhos — nas pálpebras fechadas da Jane.*)

Além disso, Mark, não deves ter medo dos teus sonhos. Eles não significam o que pensas. São, resumidamente, partes do teu Eu total. Tens estado em contato com outras partes de ti próprio há já bastante tempo. Aprendeste mais no último ano do que aprendeste nos quinze anteriores.

Se quiseres compreender melhor os teus sonhos — o que realmente significam — posso abordá-los numa sessão regular. Mas, acima de tudo, deves mudar-te para o teu espaço próprio.

(*Ao contar os seus sonhos recentes e experiências com aparições, o Bill referiu que, por vezes, ao fechar os olhos, sentia uma espécie de luz branca interior, que variava de intensidade. A Jane interessou-se por esta descrição, pois coincide com um efeito que ela própria sente com frequência durante os exercícios de tempo psicológico — a sensação de uma luz interior, mesmo com as pálpebras bem fechadas. Por vezes, a Jane vê imagens após o surgimento dessa luz. O Bill, por sua vez, só viu a luz. Eu próprio experienciei esse tipo de brilho interior em algumas ocasiões isoladas, mas raramente vi imagens dessa forma.*)

Se é de efeitos físicos que querem saber, então aceito o desafio. Afinal, tenho de agradar à Jane até certo ponto, já que sem ele não poderia falar.

O motivo pelo qual as suas pinturas a incomodam é porque refletem o seu conhecimento interior — e ela sabe disso. É verdade que a sua poesia também o faz, mas ao longo dos anos passou a aceitá-la como algo natural. As pinturas, sobretudo as mais recentes — que estão muito melhor conseguidas do que os seus trabalhos anteriores — são algo novo para ela. E como ainda duvida deste material, vê esse conhecimento interior sob uma nova luz… e fica perturbada.

(*A Jane sorriu amplamente, gesticulando enquanto permanecia sentada no divã.*)

Já todos nos conhecemos antes. Tivemos uma ligação mais profunda do que possam imaginar — e vivemos mais experiências, noutros reinos, do que atualmente conseguem conceber. Neste momento não vos posso explicar tudo com clareza. Mas haverá reencontros, e recordações, podem escrever isso.

E sim — haverá efeitos físicos, se os três assim o desejarem. Mas é preciso que se reúnam com regularidade e compromisso. E então haverá efeitos que nem o maior dos céticos poderá negar. Não é por acaso que certas pessoas participaram nestas sessões. Tal como não é acaso que a mãe do Philip esteja acamada com artrite — assim como a mãe da Jane. Tenho estado convosco enquanto olhavam para a porta da casa de banho**.** Estou convosco com mais frequência do que imaginam, e nunca estou realmente longe de vós. A experiência recente da Jane com o tempo psicológico foi correta — em breve receberá notícias de uma venda. Não posso dizer mais neste momento.

(*Ver a experiência de tempo psicológico da Jane em 30 de outubro, página 102.*)

Quanto à festa, não vejo por que não. O Rob ainda não tem casa própria, mas penso que sou perfeitamente capaz de produzir efeitos aqui tão bons como os que vos prometi para a inauguração da casa.

O lado físico destas sessões é aceite pelo Rob. Ele acredita no que vê. Talvez possamos, com isso, ajudar a Jane a comprometer-se de vez. Ele exige provas da validade deste material — mesmo com todas as experiências de tempo psicológico que já teve. Exige efeitos físicos… e depois bloqueia-se. Questiona tudo o que acontece nas sessões — e por vezes, penso que não acredita em nada disto**.**

Mas farei o meu melhor — e será considerável. Contudo, não apresentarei esta noite nenhum dos chamados efeitos físicos**.** Exijo disciplina e respeito nas minhas sessões — independentemente do que tenha dito anteriormente sobre a Jane e a disciplina. Mas teremos os nossos efeitos, disso não duvidem.

E agora, os meus melhores votos e boa noite.

(*Não me lembrei de anotar a hora exata do fim da sessão, mas certamente terá ocorrido dentro de meia hora. A Jane disse que o Seth a "derrubou" rapidamente, e que foi o transe mais profundo desde o autoinfligido de 10 de janeiro de 1964. Ver Volume 1, página 83. Ainda assim, como de costume, ela ouvia-se a falar, embora não seguisse o sentido do que dizia — nem tentava.*)

(*A Jane manteve os olhos fechados durante toda a sessão, exceto por um breve instante que será referido mais à frente. O cigarro que tinha na mão queimou quase todo; ao tentar atirá-lo para o cinzeiro em cima da mesa de café, com um gesto brusco, acertou de raspão na borda e acabou*

por o empurrar para o lado. Nesse momento, os olhos abriram-se por uma fração de segundo.)

(*O Bill Macdonnel explicou que os olhos sobrepostos que via nas pálpebras fechadas da Jane não tinham pupilas, mas pareciam olhos cobertos por cataratas. Acrescentou ainda que, sempre que a Jane se dirigia a mim e gesticulava na minha direção, esse "olho exterior" a acompanhava — embora eu não notasse nada de invulgar nos traços dela. Segundo o Bill, esse efeito começou quando o Seth o mencionou pela primeira vez na sessão.*)

(*Philip, recorde-se, é o nome de entidade de John Bradley, de Williamsport, Pensilvânia, que já presenciou várias sessões.*)

(*O Seth mencionou os efeitos físicos várias vezes ao longo da sessão, razão pela qual essa referência aparece repetida. No entanto, não especificou* ***que tipo de efeitos*** *iria produzir. A Jane falou num ritmo um pouco mais rápido do que o habitual, embora, se eu estivesse a tirar apontamentos, creio que conseguiria acompanhar quase tudo.*)

(*Primeiro esboço feito pelo Bill dos "olhos" que viu sobre as pálpebras fechadas da Jane durante a sessão.*)

(*Segundo esboço feito pelo Bill. Escreveu: "Olho exterior." E acrescentou: "Os olhos dela estão fechados. Íris branca."*)

(*Depois da sessão, o Bill concluiu para nós — a Jane e eu — uma espécie de comunicado de imprensa sobre a sua galeria, que já vinha a preparar enquanto conversávamos antes da sessão. O texto poderá ser usado para divulgação em rádio e jornais. O Bill assina as suas obras com o nome do meio: Cameron.*)

Artista de Elmira abre galeria para promover arte abstrata e expressionista na região de Elmira–Corning–Binghamton, Nova Iorque.

Cameron Macdonnel realizará a inauguração oficial da *Cameron Studio Gallery*, situada no número 344 da East Water Street, no domingo, dia 8 de novembro.

O objetivo da galeria é proporcionar aos pintores, escultores e ceramistas um espaço para apresentar o seu trabalho à comunidade. Estes artistas poderão agendar exposições individuais ou a dois. Exposições coletivas também estão previstas para o futuro. Artistas interessados podem contactar o Sr. Macdonnel aos sábados e domingos, entre as 13h00 e as 15h00, na galeria.

A exposição de inauguração consistirá numa mostra conjunta de escultura de Harold Spaulding e Walter Buhr, dois artistas bem conhecidos da área de Binghamton. Cameron Macdonnel apresentará também alguns dos seus óleos, aguarelas e gravuras.

Walter Buhr expôs o seu trabalho em várias galerias de Nova Iorque e Pensilvânia. Está a iniciar uma turma de escultura, ao mesmo tempo que desenvolve o seu trabalho pessoal, utilizando materiais como terracota,

bronze e madeira. Harold Spaulding expôs na Roberson Gallery, em Binghamton, participou numa mostra a dois na Two Rivers Gallery dessa cidade, e teve uma exposição individual na IBM em Owego, Nova Iorque. Também participou em exposições coletivas na Arnot Art Gallery, em Elmira, e em Scranton, Pensilvânia.

Cameron Macdonnel é licenciado pela State University College of Education de Buffalo, Nova Iorque, onde obteve o grau de Bachelor of Arts. Expôs os seus trabalhos em várias galerias de Buffalo, incluindo a A.M.A.'s Gallery, a J.N.'s Gallery, a Encores Gallery e a Carl Briedmier's Gallery. O seu trabalho recebeu críticas favoráveis no *Buffalo Evening News*, por Trevor Thomas (crítico de arte britânico de renome), e no *Buffalo Sun Bulletin*, por Larry Griffis.

O Sr. Macdonnel leciona Artes do 1.º ao 9.º ano na Painted Post Junior High School.

(*Do caderno de tempo psicológico da Jane:*)

(*2 de novembro, segunda-feira, 11h30: Sensação de vibração no corpo e na cama, com duração de cerca de três minutos. Sensação irregular, nunca violenta. Também uma sensação de rotação circular por trás das pálpebras fechadas. Sensação de leveza.*)

(*Mais tarde, enquanto descansava na cama com os olhos fechados, tive uma visão rápida mas algo violenta de uma luz redonda, muito intensa — semelhante à luz do dia. Contudo, parecia mais límpida que a própria luz do dia, quase como um espelho a refletir outro espelho. Ao mesmo tempo, essa luz girava, ou era a escuridão ao seu redor que girava, com uma violência repentina que me provocou vertigens. Tudo isto foi incrivelmente breve.*)

(*Do meu caderno de tempo psicológico:*)

(*1 de novembro, domingo: Ao deitar-me, após a sessão não agendada, vi uma série de jogadores de futebol em várias atividades do jogo. [Tinha visto futebol na televisão durante a tarde.] A visão durou alguns minutos. Vi também rostos de frente, normalmente em secções — metade do rosto, por exemplo — aproximando-se de mim, com os lábios a mexerem-se silenciosamente. Quando vi a primeira cabeça, a minha sensação percorreu-me com intensidade e manteve-se por algum tempo.*)

(*2 de novembro, segunda-feira, 17h: Sensações variadas ao deitar-me para uma sesta. As pernas pareciam como se a cama estivesse curvada para baixo. Depois, o peito deu uma forte sensação de estar oco no lado esquerdo — foi muito nítido. As mãos pareciam engrossar e inchar no dorso, como se quisessem sair do corpo. Vi várias cabeças femininas, vagas, viradas geralmente para a minha direita. Tive a minha sensação habitual e ouvi vozes indistintas.*)

SESSÃO 103

2 de novembro de 1964

(*Pelas 20h55, a Jane ainda não sabia qual seria o conteúdo da sessão e não se mostrava nervosa. Começou a ditar à hora certa, com uma voz um pouco mais forte que o habitual, que por vezes se tornava quase alta. Falava num ritmo lento, com algumas pausas. Mais uma vez, fê-lo sem os óculos. Os olhos escuros como sempre, e o ritmo regular.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

A nossa sessão esta noite poderá ser um pouco mais breve, para compensar a sessão não agendada.

É verdade, claro, que dentro da nossa programação algo rígida perdemos, ocasionalmente, excelentes oportunidades para realizar sessões — do ponto de vista da Jane. Ou seja, deixamos passar momentos em que as suas capacidades estão no auge. Ainda assim, no conjunto, conseguimos manter um bom equilíbrio. E, especialmente no início, essa regularidade é importante.

Quando surgem circunstâncias específicas — ou quando as suas capacidades estão especialmente sintonizadas — temos realizado sessões fora da agenda. E tenho sempre tentado compensar, reduzindo a sessão seguinte ou eliminando-a por completo.

(*De imediato, não me recordo de nenhuma ocasião em que o Seth tenha eliminado totalmente uma sessão. Mas posso apontar vários casos em que a sessão seguinte foi encurtada, como forma de compensação.*)

Por conveniência vossa, sessões completamente não agendadas não seriam práticas. Com a vossa permissão, poderemos tentar tirar melhor partido desses picos de atividade no futuro. Ainda assim, mesmo que o façamos, manteremos a regra geral de não realizar mais de duas sessões por semana.

Numa fase ainda algo distante, a rigidez do nosso calendário poderá dar lugar a uma estrutura mais espontânea. Um modelo futuro deste género — em que tiramos melhor partido dos picos de atividade — ajudaria também a reduzir distorções. Isso seria, evidentemente, de enorme valor.

Este tipo de procedimento, embora à primeira vista pareça menos disciplinado, exigiria, na verdade, ainda mais disciplina, já que seria necessário evitar um desequilíbrio — com sessões a mais ou a menos.

Se esse modelo fosse tentado prematuramente, colocaria também uma pressão acrescida sobre ambos — sobretudo sobre o Ruburt, a quem caberia a decisão final. Gostaria também de dizer algo acerca do vinho, em relação às sessões.

É um facto que o álcool é um depressor, e que inibições conscientes se reduzem com o seu consumo, em diferentes graus. A Jane não consome em quantidade significativa. No entanto, como ela reparou que, ocasionalmente — mesmo sem tocar numa gota de vinho durante determinada sessão — sente-se como se tivesse bebido, gostaria de deixar uma breve explicação.

(*A Jane sorriu enquanto caminhava pela sala. Já a ouvira dizer muitas vezes que, depois de uma sessão, se sentia como se tivesse bebido um pouco demais. Tem por hábito bebericar algo durante as sessões, uma vez que usa a voz constantemente. Se escolhe vinho, raramente é mais do que um copo ou dois. Na maioria das vezes prefere leite ou café com gelo.*)

É bastante simples. Certos estágios de dissociação são atingidos com o consumo de álcool. A Jane atinge esse mesmo estado — sem recorrer ao álcool — e é esse estado que ele reconhece.

Ora bem, é possível que, durante uma noite social, alguns copos de vinho, sob certas condições, o levem naturalmente ao mesmo tipo de estado que atravessa nas sessões (e além do qual avança). Isso poderia levá-lo a interpretar mal certos dados, ou a confundir sinais.

Não há grande perigo nisso, mas o estado de dissociação é um estado de dissociação — e é importante ter isto presente. Existe, contudo, uma distinção, que a Jane já começa a reconhecer. Ele torna-se mais sensível a dados interiores sempre que entra em dissociação, independentemente do que a provoque.

Isto é verdade há muito tempo, muito antes de começarmos as sessões do Seth, e aplica-se de forma geral: em estado de dissociação, qualquer pessoa fica mais sensível a dados interiores. Faço esta explicação, evidentemente, para vosso benefício.

Não há aqui perigo real, exceto em circunstâncias bastante invulgares — no máximo, um incómodo ou uma sensação de mal-estar. Na verdade, há apenas um período bem definido em que a dissociação é propícia às nossas sessões. Ou seja, mesmo que a Jane beba socialmente (o que, de facto, faz muito moderadamente), o delicado equilíbrio necessário à dissociação para iniciar as sessões não seria possível se, por exemplo, bebesse mais do que o bom senso aconselha.

Ela tem pensado sobre isso. Mas não precisa de se preocupar em geral com a hipótese de iniciar uma sessão espontaneamente, já um pouco alcoolizado. Se tivesse bebido assim tanto, simplesmente não estaria em condições de realizar uma sessão, mesmo que eu fosse tolo o suficiente para concordar. E asseguro-lhes que não seria.

Devo dizer, no entanto, que uma sessão iniciada por engano — digamos, após alguns copos — não sofreria quanto ao conteúdo do material. Refiro este assunto apenas para os manter atentos às possibilidades e para ajudar a Jane a desenvolver as suas perceções internas.

Em qualquer estado de dissociação, qualquer indivíduo torna-se mais sensível a informação interior. Essa sensibilidade varia consoante a capacidade geral do indivíduo nesta área, e por isso sublinho esta questão.

Em encontros íntimos com amigos próximos, se se beberem alguns copos de vinho, e se a Jane, por acaso, estiver particularmente sensível a dados interiores nesse momento, nada impede que se realize uma sessão, desde que isso ocorra apenas ocasionalmente. Na verdade, um uso judicioso (*sublinho: judicioso*) de vinho pode ser benéfico, mas nunca deve ser exagerado — e isso é muito importante.

Em circunstâncias de que não aprove, não permitirei uma sessão. As minhas distinções nem sempre são iguais às vossas. Existem certas "delicadezas" sociais — normas cambiantes, por vezes sem significado — a que não reajo. Ou seja, não me sintonizo com essas regras sociais ou com aquilo que vos pode parecer transgressões sociais. Portanto, nesses padrões superficiais de comportamento, devem ser vocês a decidir. Dou-vos aqui um exemplo — querem fazer uma pausa?

(*A Jane interrompeu-se e olhou para mim. Eram 21h35. Abanei a cabeça, pois ela parecia querer continuar — e não estava a falar tão depressa que eu tivesse dificuldade em acompanhar.*)

Dou-lhes a título de exemplo a noite em que o pai da Jane e a sua companheira vos visitaram. Vocês os dois tinham bebido, mas não muito mais do que o habitual. A mulher, infelizmente, não era tão moderada nos seus hábitos.

Ora bem, a Jane encontrava-se num estado excelente de dissociação. Estava também emocional e intuitivamente sintonizado, devido à visita do pai, e encontrava-se num estado interior de irritabilidade — ou seja, excitabilidade — que muitas vezes acompanha a dissociação. Há um certo distanciamento exterior, mas uma grande sensibilidade interior a diferentes estímulos.

A Jane foi afetado mais do que o habitual pelo apelo interior da mulher — um pedido de ajuda com problemas que sente cada vez menos capaz de enfrentar. A Jane captou essa mensagem, e, estando num estado propício, estava também em comunicação comigo.

Estava perfeitamente disposto a realizar uma sessão. Compreendi a tua relutância, Rob, mas, como recordarás, não me manifestei. E fê-lo por deferência para convosco, pessoalmente. Para mim, os emaranhamentos sociais e — ah — os possíveis *desagradáveis sociais* não existiam.

(*Nota-se aqui uma certa hesitação da Jane. Ditou este trecho como que a procurar as palavras certas, usando muitas expressões faciais e gestos com as mãos. "Desagradáveis" não é propriamente um termo comum neste contexto.*)

Estaria sempre alerta para qualquer real possibilidade de perigo. Apanharia qualquer acontecimento que pudesse tornar-se altamente

desagradável, caso viesse mesmo a ocorrer. Saberia disso antecipadamente — mas não estou necessariamente consciente daquilo que vocês consideram como possibilidades, a menos que faça um esforço especial. Por isso, essas possibilidades não entram nos meus cálculos automáticos.

No caso específico de que estamos a falar, se a sessão tivesse realmente levado a uma situação muito infeliz, eu teria percebido antecipadamente e não teria permitido que acontecesse.

Vamos fazer agora a vossa pausa.

(*A Jane estava dissociada como de costume — muito, segundo disse. Falou durante quase uma hora sem parar, a andar pela sala, com poucas pausas no discurso. A voz acalmou-se, mesmo que o ritmo tivesse aumentado. Retomou no mesmo tom.*)

Nesses casos, devem tomar a vossa própria decisão — e não devem realizar uma sessão se, por qualquer motivo, não se sentirem confortáveis com isso. Isto aplica-se aos dois.

Tem de haver acordo mútuo ou a sessão será prejudicada. A dissociação abre ou disponibiliza linhas e possibilidades de comunicação, mas não há nenhuma obrigação de que essas vias sejam usadas num momento ou situação específicos.

Os vossos sentimentos naquela noite foram legítimos, tanto para ti como para a Jane, mesmo que — por muitas razões — não fossem os meus. Esta informação deverá servir de orientação para o futuro.

Agora, se — como já aconteceu — a Jane sentir as suas capacidades particularmente sintonizadas, e as circunstâncias forem favoráveis, é perfeitamente legítimo realizar uma sessão, mesmo não estando ela agendada. Farei automaticamente os ajustes necessários.
Isto aplica-se a sessões com ou sem testemunhas.

Naturalmente, estando reunidas as condições adequadas, essas sessões permitir-nos-ão aproveitar melhor os picos de atividade psíquica e aumentar a nossa espontaneidade. E com maior espontaneidade, reduziremos ainda mais qualquer efeito de distorção. Estes efeitos, de resto, são muito raros, exceto em material de carácter pessoal — ou em casos em que a Jane se sente pressionado devido a dúvidas. Durante os picos de atividade psíquica, essas dúvidas tendem a desaparecer. Estou ciente da vossa retoma dos experimentos de tempo psicológico.

Esta sessão não será longa. O efeito observado na noite anterior foi legítimo, e irei discuti-lo noutra altura.

(*A Jane fez agora uma pausa mais longa, enquanto caminhava pela sala. O efeito referido por Seth — segundo contou mais tarde — foi aquele observado por Bill Macdonnel durante a sessão não agendada de domingo: os olhos brancos opacos que pareciam sobrepostos às pálpebras fechadas da Jane.*)

Haverá de facto uma venda bem-vinda por parte do Ruburt. Infelizmente, ele bloqueia-me neste momento no que toca aos detalhes.

O crescimento das suas capacidades criativas — visível na sua escrita — deverá ser evidente para ti, Rob, e é objetivamente confirmado pelas cartas que tem recebido. A focalização ampliada das suas capacidades foi algo que previ numa sessão não agendada, se te recordas. Os seus contos, escritos a partir dessa altura, revelam maior fluidez e maturidade.

(*Ver a 82.ª sessão, não agendada. Nessa sessão, o Seth mencionou pela primeira vez que a Jane deveria dedicar-se à escrita a tempo inteiro. Foi a 27 de agosto. No final de setembro, ela deixou a galeria onde trabalhava em part-time há quatro anos. A decisão não se deveu exclusivamente ao material do Seth, mas este teve certamente um peso importante. Desde então, e focando-se no trabalho, a Jane recebeu muitas cartas favoráveis de editores, elogiando a melhoria clara da sua escrita. Essa evolução pareceu quase mágica, e sentimos que o momento em que a Jane começará a vender o seu trabalho de forma regular está para breve.*)

A sua poesia também está a melhorar de forma constante, e essa espontaneidade interior acrescida — resultado direto das capacidades intuitivas — está a manifestar-se também nas suas pinturas, permitindo-lhe utilizar conhecimentos que antes não lhe estavam acessíveis. Esses mesmos resultados estão agora a refletir-se no teu próprio trabalho. A tua compreensão e liberdade interior estão a permitir-te explorar mais facetas da tua capacidade, e a desenvolvê-las.

(*Posso confirmar que isso é absolutamente verdade. Só nas últimas semanas, o meu trabalho melhorou de forma notável; sou suficientemente objetivo para o reconhecer. Em várias pinturas recentes consegui resolver problemas — quase sem esforço — com os quais vinha a lidar há anos. Pode ser coincidência, ou talvez fruto de estudo acumulado, mas é interessante que ocorra precisamente agora. Por vezes, ao trabalhar, senti uma capacidade quase mágica para alcançar exatamente o que queria.*)

E em termos bem práticos, tens vendido quadros porque já não te retrais, e continuarás a melhorar; e essa melhoria atrairá mais pessoas ao teu trabalho.

Já te disse há algum tempo que aquilo que parece impraticável é afinal o que tem verdadeiro valor, e que a realização do valor interior é a única forma de verdadeira praticidade.

Vou encerrar a sessão por aqui. Estamos a ir bem. Ainda assim, quero garantir que o nosso precioso equilíbrio — em termos de energia e afins — se mantém estável, embora eu esteja em excelente forma e, como habitual, pudesse continuar durante horas.

Sugiro, quando for conveniente, que repares o gravador e o mantenhas acessível nesta sala, preparado para gravar eventuais ocasiões em que eu possa falar de forma menos formal — ou seja, mais rápida e em tom

conversacional — sem que tenhas de tomar notas. Isso não acontecerá com frequência, já que, no final de contas, exige o mesmo trabalho da tua parte, uma vez que depois será necessário transcrever o conteúdo do gravador.

As minhas melhores saudações a ambos. Estou com vontade de saltitar (*em tom bem-humorado*), mas cumprirei a minha palavra como cola pegajosa.

Boa noite a ambos.

(*"Boa noite, Seth."*)

(*A Jane encontrava-se bastante dissociada. Segundo disse, o Seth "veio muito claro e forte desde o início."*)

(*A Jane referiu que os dedos da mão direita — especialmente o indicador — estavam um pouco "inchados" no final da sessão.*)

(Foi a primeira manifestação deste tipo em várias sessões. A sessão 59 dá um exemplo desse aumento da mão, que o Seth classificou como uma tentativa do corpo físico de se expandir em sintonia com a expansão psíquica ou interior. Ver também os dados detalhados de medição na sessão 55. Como de costume, essa sensação começou a diminuir logo que a sessão terminou; quando observei a mão da Jane, já não se notava nada de anormal.)

(*A Jane comentou que o Seth dá pausas apenas para nosso benefício. Quando fala durante uma hora, por exemplo, tende a ficar mais profundamente dissociada do que nas sessões com pausas a cada meia hora.*)

(*As observações do Seth sobre o gravador realçam a razão pela qual não o usamos habitualmente para registar as sessões para posterior transcrição. Mesmo que estivéssemos a gravar, eu teria de permanecer na sessão com a Jane; depois teria de gastar o mesmo tempo a ouvir tudo novamente, além do tempo necessário para dactilografar, com as interrupções constantes.*)

(*O que se segue é retirado do caderno de tempo psicológico da Jane. A sua experiência extraordinária de quarta-feira está registada separadamente.*

(3 de novembro, terça-feira, 11h30: Nada de especial. Vi um aparelho mecânico de algum tipo, rapidamente, mas não com nitidez suficiente para o descrever. Não sei o que era.)

(*Os seguintes registos são do meu caderno de tempo psicológico:*

(3 de novembro, terça-feira, 7h: Enquanto me vestia para ir trabalhar esta manhã, tive subitamente o pensamento bastante claro de que devia voltar ao meu estúdio e olhar pelas janelas de trás, porque seria capaz de ver que estava um carro estacionado em frente da garagem, bloqueando a saída do meu carro. Ao olhar pelas janelas, levei um choque quando vi de facto um carro assim estacionado, a impedir a saída do meu próprio carro.

(Pergunto-me: O carro que bloqueava o meu pertencia a um jovem que vive num apartamento do rés do chão. Por acordo, estacionamos de modo a não bloquear as idas e vindas um do outro, e o sistema funciona bem. Não sei porque razão, nesta ocasião em particular, o carro dele estava estacionado daquela maneira; talvez porque outro carro tivesse ocupado temporariamente o seu lugar habitual e depois saído mais tarde. Como o meu vizinho de baixo sabia que o carro dele devia estar a bloquear o meu, talvez eu tenha recebido uma comunicação telepática dele ao levantar-me esta manhã. Ao descer depois do pequeno-almoço, vi que o carro já tinha desaparecido, o que significa que o meu vizinho o movera bastante mais cedo do que é seu costume, já que normalmente sai para o trabalho depois de mim.

Experiência de Tempo Psicológico da Jane

(4 de novembro, quarta-feira, 20h: Depois de me deitar por uns momentos, senti por duas vezes a minha sensação familiar, embora não muito intensamente. Depois tive muitas ocorrências de ouvir vozes — frases ou fragmentos de conversas, algumas bastante elaboradas. Vi muitos rostos, masculinos e femininos, e alguns mantiveram-se durante algum tempo — como o de um homem gordo, de óculos, com uniforme branco de trabalhador de restaurante, etc.

(É para mim de considerável interesse que, desde que retomei o estudo regular do tempo psicológico, a partir de 27 de outubro, praticamente todas as minhas visões tenham envolvido pessoas. A Jane, por outro lado, tem recebido dados visuais relativos a muitos objetos inanimados, particularmente luzes, candeeiros, ferragens de portas, etc.

(*Uma experiência algo louca hoje — irei separá-la por partes, tal como foi vivida: uma parte de manhã, outra à tarde. Estou a escrever isto enquanto ainda não voltei totalmente a mim, pois não quero adormecer — embora esteja tentada —, não acho prudente, e gostaria de descrever ambas as experiências enquanto ainda estão frescas na memória.*

(Trabalhei durante a manhã como de costume, das 8h30 às 11h30, e depois tentei tempo psicológico segundo o meu horário habitual, até ao meio-dia. Programei o despertador, deitei-me no quarto, fechei os olhos e relaxei, sem dar qualquer sugestão a mim própria além da de um relaxamento total. Estava bem relaxada, mas nada acontecia. Disse para mim:

"Será que vou mesmo fazer uma boa venda em breve?"

(referia-me a um livro ou conto), e as palavras "A avó da Evelyn" surgiram-me subitamente na mente. Achei que não fazia sentido e ignorei.

(Depois, de repente, tudo começou. Estava deitada de costas, com os braços ao longo do corpo. Sem aviso, senti como se a cama estivesse a desaparecer por baixo das minhas mãos, como areia a escorrer, formando bolsões de vazio que iam crescendo. Os meus polegares pareciam agarrar

os rebordos desses buracos de nada; os buracos alargavam-se, estendendo-se por baixo de mim. Poucos minutos depois, e isto é muito difícil de descrever, senti uma espécie de "woosh" físico, rápido e definido, como se estivesse a ser subitamente disparada, projetada para fora pela cabeça, numa espécie de movimento longitudinal — uma sensação forte e assustadora de movimento e de ser completamente levada para longe. Entrei em pânico instantaneamente e parei... seja lá o que tenha sido, ou pelo menos acho que parei.

(Fiquei irritada comigo própria por me ter assustado, mas continuei cautelosa e **não queria** mergulhar demasiado fundo. Disse para mim: "Posso viajar para qualquer lugar em segurança e regressar em segurança. Vou avançar devagar. Estou segura, confiante e receberei de bom grado esta experiência válida."

(O sentimento regressou: de a cama desaparecer sob as minhas mãos. Cor vermelha intensa por trás das pálpebras fechadas. Sensação de calor na cabeça, ombros, nuca — seguida de frio nas mesmas zonas. Uma sensação de raio expandido por trás das pálpebras fechadas. Depois senti como se as pernas, os braços, o abdómen... tivessem dissolvido — "dissolvido" é o melhor termo que consigo usar. Sentimento de suspensão, mas sem movimento. Depois o despertador tocou. Continuei deitada, tive alguma dificuldade em abrir os olhos, mas consegui. Mesmo de olhos abertos, a sensação de estar suspensa manteve-se. Senti alguma resistência (no peito?) ao levantar-me, mas decidi que não seria sensato ultrapassar o tempo normal da experiência — e levantei-me.

(Ficou-me uma sensação de leveza (não uma fraqueza, atenção), como se pudesse elevar-me fisicamente, e uma sensação bastante clara de vazio acima dos pulsos. Levei o nosso gato à rua, sentei-me nos degraus à espera que o Rob chegasse do trabalho; a sensação diminuiu. Preparei o almoço, contei ao Rob o que tinha acontecido, saí para ir aos correios enviar um manuscrito e depois fui à mercearia. Durante o almoço, notei uma ligeira mas percetível leveza nos pulsos e nas mãos. Mencionei isso, mas não lhe dei importância. Tinha planeado fazer os recados, regressar a casa e escrever das 13h30 às 16h30.

Segunda Parte

(*Estava um dia fabuloso de Outono, solarengo.*)

(Caminhei talvez meia dúzia de casas. Lembro-me de pensar subitamente que o Seth talvez dissesse o seguinte na sessão da noite: "O mundo material da matéria física não existe verdadeiramente como tal. Os átomos e moléculas são apenas os nomes que damos à substância com que compomos as nossas imagens, ou que transmutamos para conferir aparência de validade."

(A seguir, a próxima coisa de que me lembro foi uma sensação maravilhosa de leveza — não tanto como se estivesse flutuante, mas sim

livre de resistência. Livre de peso físico, de pressões físicas — como, por exemplo, às vezes imaginamos que nos sentiríamos na infância. No início nem sequer registei a sensação; sentia-me apenas invulgarmente bem, a apreciar o passeio, consciente da leveza dos meus passos e com uma sensação agradável de unidade com a criação.

(Lembro-me de ir aos correios. A mercearia habitual estava fechada devido a um falecimento na família — havia um aviso na porta e uma mulher que passava informou-me. Decidi ir a outra loja, embora isso tornasse o percurso mais longo do que o previsto. Fiquei parada numa esquina à espera para atravessar. Trabalhadores da companhia telefónica mexiam nos cabos; dois homens num poste e outro no chão. De alguma forma o fio caiu — desceu, passando talvez a menos de um metro de mim. Nem dei por isso. Não me pareceu importante. Normalmente, teria saltado para trás.

(Atravessando o recreio até uma rua estranha, fora do meu percurso habitual. A partir daí, a sensação de leveza espalhou-se por todo o corpo, exceto pela zona do peito. Caminhar não exigia esforço algum — parecia não haver resistência nenhuma a vencer; nenhuma sensação de movimento muscular, por exemplo. Um sentimento fabuloso de bem-estar, de estar a deslizar pela rua. Caminhei assim durante quatro quarteirões. Fui à loja, ainda com a mesma sensação. Falei com a empregada como se tudo estivesse normal.

(Saí e comecei o caminho de regresso. Mas, a esta altura, senti como se a leveza subisse pelo corpo, e de repente tive a sensação de que a parte inferior do corpo se dissolvera por completo, até ao nível do peito. Não tinha consciência muscular de estar a carregar um saco com três litros de leite, mais um livro e cigarros que tinha comprado. De repente, preocupei-me; percebi, pela primeira vez, que não estava apenas num estado de bom humor ou de saúde invulgar. Primeiro, tomei consciência de que sentia o corpo dissolvido abaixo do peito — e depois pensei que talvez isso fosse literalmente verdade.

(Subi o passeio na Church Street — e sem sombra de dúvida não fiz esforço nenhum; aquele esforço habitual de levantar os pés para subir um degrau não existiu. Mas os sapatos incomodavam-me — pareciam pesados, como se me estivessem a prender ao chão. Sei que isto soa tolo, mas fiquei com medo de que, se a parte inferior do corpo realmente tivesse desaparecido, e só restassem peito, ombros e cabeça — então cairia no chão como um tronco, ou pior, como apenas um "torso e cabeça". Não achei que isso fosse acontecer, mas a imagem surgiu-me nitidamente.

(A esta altura, preocupada mas ainda a desfrutar dessa suspensão deliciosa, olhei da Walnut Street pelos quintais, até às janelas da minha casa visíveis por entre as árvores. Reparei que parecia estar a deslizar ou flutuar, mais do que a caminhar. Tive medo de que pudesse... sair do corpo

ou algo assim... ficar desprotegida na rua. Cheguei a casa. Contei ao Rob. Ele fez-me beber café e cheirar amoníaco.

(Cheguei a casa por volta das 13h50. A sensação continuava, embora começasse a diminuir.

(Às 15h, pouco depois de começar a escrever tudo isto, fui até à porta da frente, no rés-do-chão, para ver se o carteiro já tinha passado. Ainda sentia as mesmas sensações, embora com menor intensidade. O Rob e eu estávamos na zona da sala; contei-lhe sobre o carteiro, e de repente tive uma sensação estranha e marcante, ao contornar a minha mesa — como se tivesse atravessado um "buraco de nada", e saído dele imediatamente a seguir.

Agora são 16h15. Sinto-me mais como eu própria, embora cansada. Na verdade, acho que estou bem agora, ou quase.

(*Suponho que fui longe demais outra vez, sem perceber. É estranho para mim que a segunda experiência tenha começado depois do almoço e durante um simples passeio.*)

(Durante a experiência, observei o meu ambiente a partir de uma perspetiva diferente, ou algo assim; tudo parecia magnífico, extraordinariamente brilhante. Sentia-me muito feliz.

(*Esqueci-me de mencionar: durante a experiência da manhã, antes de tudo começar, senti aquela sensação de "êxtase", não sei que outro nome lhe dar — um fluxo físico de ondas de prazer pelo corpo.*)

Notas de Rob sobre a referida experiência:

(Assim que a Jane voltou a casa e disse que ainda se sentia "esquisita", suspeitei que estávamos perante algo semelhante ao episódio dela de 10 de Janeiro de 1964 (ver Volume 1, pág. 83). Na pág. 89, na 100ª sessão, Seth afirmou que Jane agora se poderia permitir mais liberdade, e uma vez que ela tinha mencionado a sensação de êxtase ao almoço, achei que estava de facto a ir mais longe do que o habitual. Perguntei-me também se não teria ido demasiado longe.

(A Jane tem vindo a dar a si própria sugestões para viajar psiquicamente durante as experiências. E, como veremos na próxima sessão, Seth confirma que a sensação de ser "projetada para fora pela cabeça" era de facto uma tentativa de viagem.

(Ela suspeitava — e com razão — que a sugestão de "avançar devagar" foi interpretada literalmente pelo seu subconsciente, o que originou a continuação dos sintomas algum tempo depois da experiência aparentemente ter terminado.

(Quando voltou para casa, os seus olhos estavam límpidos, a pele com boa cor, o pulso normal. As mãos também estavam normais. O seu comportamento estava sorridente, relaxado, e simultaneamente surpreendido. Não fiquei particularmente preocupado, excepto pelo facto de, nestas experiências, preferir sempre avançar com cautela. Não teve

dificuldade em falar, embora notasse por vezes um certo balanço no andar — como se os joelhos se dobrassem mais do que o habitual, como se as pernas fossem de borracha — mas nada de grave.

(Fiz-lhe café, embora ela não parecesse ter grande vontade de o beber. A cápsula de amoníaco foi usada apenas por curiosidade, como choque sensorial — não achávamos que fosse mesmo necessário. Como previsto, não teve efeito, a não ser uma breve tosse da Jane. Falámos num duche frio, mas não o chegámos a experimentar.

(Os efeitos demoraram a desaparecer. Começou a tentar escrever o relato da experiência por volta das 14h30, mas estava demasiado relaxada para se esforçar muito. Não teve problemas de coordenação (conseguia escrever à máquina sem dificuldade), ao contrário do episódio de Janeiro, em que nem conseguia segurar uma caneta. Acho que mesmo no auge da experiência, ela compreendia o que estava a acontecer e não estava alarmada. Ela concordou comigo que tinha ido longe demais, e passámos algum tempo a discutir formas de reconhecer os primeiros sinais de alerta — para evitar ir demasiado depressa em experiências futuras.

(Desde que viajou psiquicamente até Saratoga, NY (ver Volume 2, pág. 65, 30 de Abril de 1964), Jane tem querido viajar novamente. Acredita que a experiência de hoje foi uma tentativa disso — e perguntou-se por que motivo foi aparentemente mais difícil desta vez. Seth comenta essa questão na sessão seguinte.)

SESSÃO 104

4 de Novembro de 1964

(Naturalmente, depois da experiência de tempo psicológico da Jane mais cedo nesse dia, perguntámo-nos se haveria sessão à noite. À medida que o dia avançava, a Jane parecia estar bem. Planeámos fazer a sessão como habitual, salvo indicação em contrário por parte do Seth ou mudança de vontade da Jane. Ela não fazia ideia do conteúdo.)

(A Jane começou a ditar pontualmente, com voz normal, algo lenta no início, depois acelerando gradualmente. Novamente sem óculos, os olhos escuros como de costume.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

A nossa Jane já teve um dia e tanto. Se bem se recordam, eu disse que os experimentos de tempo psicológico seriam mais frutíferos agora, mas a Jane superou-se e apresentou um verdadeiro dom.

(Ver pág. 92 da Sessão 100.)

Mais uma vez, estamos perante a necessidade de um delicado equilíbrio entre espontaneidade e disciplina. Considerando as circunstâncias, a Jane portou-se muito bem.

A experiência envolveu vários experimentos simultâneos, feitos sem conhecimento consciente da sua parte. Podem retirar-se várias lições disto. O eu interior está bem ciente das suas capacidades naturais em certas direções, e orienta os seus esforços por essas vias. O ego, por sua vez, também pressente essas potencialidades — pressente-as como um cão que cheira o perigo — e faz de tudo para as bloquear. Um cão assustado requer muito cuidado — ou arriscam-se a perder uma mão e a ganhar muito pouco.

A estratégia da Jane foi brilhante, sob certo ponto de vista. A sensação de ser projetado pela cabeça representou o fluxo inicial do eu interior a sair da imagem física.

(*Neste ponto, a Jane fazia várias pausas longas enquanto caminhava pela sala. O seu ritmo, já pausado, abrandou ainda mais.*)

Aconteceu tão rapidamente que o velho cão do ego foi apanhado de surpresa, e tudo poderia ter corrido bem — caso uma sensação preliminar não tivesse feito o ego despertar do seu sono agradável.

A sensação ocorreu apenas segundos antes do impulso para fora, mas foi suficiente para dar um leve aviso ao ego. O ego não conseguiu evitar a saída para fora. Não reagiu a tempo. O aviso, portanto, não foi suficiente do ponto de vista do ego. Ele "gritou" e puxou de volta o eu interior em fuga, pelas suas abas imaginárias do casaco.

Calmamente, mas com firmeza, sem provocar mais antagonismo, a Jane acalmou-o com a sugestão de segurança e de movimento lento. Como suspeitaste, a sugestão de lentidão, associada ou não ao aviso de cautela, foi interpretada de forma bastante habilidosa — diria até astuta — pelo subconsciente, que então esperou um bom intervalo de várias horas antes de tentar novamente.

(Diria pouco menos de duas horas, na verdade.)

Entretanto, ou seja, durante o restante da meia hora, o subconsciente experimentou sensações preliminares de aclimatação e familiarização, com as quais o ego — já algo condicionado e convencido dos benefícios destas experiências — não encontrou nada realmente censurável.

Como regra, o ego da Jane vigia zelosamente os seus próprios interesses. Quando ela sentir o ego "gritar-lhe", é aconselhável abrandar o ritmo, como ele tentou fazer. A formulação das sugestões é muito importante, no entanto. A frase: *"Avançarei com segurança"* é excelente, pois permite o progresso, mas equilibrado com a segurança.

Já a palavra *"devagar"* ou *"lentamente"*, não é boa neste contexto, pois não sugere segurança necessariamente, apenas um adiamento neutro e temporário. Até agora, a Jane está a ir muito bem, e aprenderá

progressivamente a regular a aceleração e o fluxo interior de energia para que se sinta confortável. E o ego, com a experiência, aprenderá que o eu interior regressa sempre em segurança. Seria injusto — e até cruel — negar ao ego essa necessária garantia, e o eu interior deveria conseguir também transmitir ao ego a sua gratidão pela preocupação protetora.

Isto exige uma simples comunicação bilateral. A familiaridade com estas experiências ensinará rapidamente a Jane a encontrar o equilíbrio certo, a aprender como controlar a aceleração e o impulso do eu, tanto no movimento para fora como no regresso ao corpo físico. Como com os vossos aviões, creio eu, aterrar é importante — sem despenhar-se.

Não antecipamos nenhum desastre aéreo, por assim dizer. Talvez apenas uns pequenos solavancos na pista. Esses controlos, a longo prazo, têm de ser aprendidos individualmente, pela experiência direta, mas posso oferecer alguma ajuda.

Sugiro que façam uma pausa.

(A Jane estava dissociada como de costume. Estava a falar um pouco mais depressa no final. Disse que o material acima, sobre o impulso do eu interior através da cabeça, lhe recordava que, nos primeiros experimentos de tempo psicológico, sentia ocasionalmente uma sensação de "toque no alto da cabeça", breve e algo desagradável. Isto teria acontecido há vários meses.)

(Quando a Jane retomou a sessão, a sua voz mudou de um tom normal para um bem mais formal e severo, e algo mais alto. Às vezes tinha um tom quase cantado, difícil de descrever, com ênfase em certas sílabas, alongando-as. A sua dicção tornou-se mais elaborada. Manteve esta voz até ao fim da sessão.)

Há sempre coisas novas a aprender à medida que se alcançam novos níveis — novos controlos a dominar, novos equilíbrios a manter, novas disciplinas a adotar. E, inicialmente, isto envolve naturalmente um esforço acrescido de energia e aumento de atividade, antes que o eu total aprenda a lidar com o novo nível e se sinta confortável nas suas manipulações.

Por agora, o ego da Jane funcionará como uma força de resistência compensatória — como uma âncora, talvez, ou um peso. No entanto, o eu interior também já provou a nova liberdade, e por isso haverá um breve choque de forças até que se estabeleça um novo equilíbrio integrado.

Não prevejo dificuldades reais. Se algo se desenvolver — ou melhor, antes que se desenvolva algo negativo — então tomaremos uma ou duas medidas, temporariamente: Reduziremos o tempo diário dedicado a estas experiências; ou a Jane não fará mais experiências sozinha no apartamento, durante um tempo. Qualquer dificuldade seria causada por um impasse temporário entre ego e eu interior, que deverá resolver-se naturalmente. Não prevejo qualquer problema.

Trata-se das próprias forças da Jane, que devem sempre funcionar em equilíbrio. Algumas pequenas divergências inofensivas de propósito, e um ligeiro desequilíbrio, são perfeitamente esperados à medida que o eu total se adapta a um novo nível de realização.

Isto é necessário e saudável. Sem essas pequenas perturbações, haveria perigo — pois demasiada fluidez logo no início poderia gerar excesso de confiança, antes que o eu total tivesse realmente dominado os controlos e disciplinas necessários.

Há aqui uma diferença em relação à experiência na qual a Jane viajou psiquicamente, mas de facto, através do espaço e tempo, até Saratoga de há vários anos atrás. Essa viagem foi alimentada por um ímpeto emocional pessoal.

(A Jane teve esta experiência em 30 de Abril de 1964, às 11h30. Ver Volume 2, pág. 65. Poucos dias antes da 50ª sessão.)

As emoções e memórias pessoais soltaram-no, libertaram-no, mas a viagem foi, necessariamente, conduzida por essas emoções específicas que a alimentaram — e o destino era familiar ao ego, e em certa medida até nostalgicamente ligado ao ego e ao subconsciente.

Foi, portanto, como um voo de teste preliminar, que o ego não podia contestar. Já o incidente de hoje foi muito mais complexo, embora não tenha sido concluído com sucesso.

Agora o ego encontra-se um pouco mais confiante no eu total; e por isso temos mais com que lidar. Já não estamos a enganar o ego, o que ele acabaria por ressentir profundamente, talvez até de forma desastrosa. Estamos antes a integrá-lo, a trazê-lo para a confiança do eu total, para que ele permita a saída da imagem física, como uma mãe que é finalmente convencida de que é seguro deixar o filho sair sozinho.

Esta analogia não é perfeita, claro, porque a criança acabará por deixar os pais, mas é válida na medida em que o eu interior acaba mesmo por deixar o corpo físico, com o qual o ego está tão preocupado, quando ultrapassa o plano físico.

Em patamares normais, entre níveis, há pouca dificuldade desse tipo. Mas estes pequenos embaraços são amplamente compensados pela confiança crescente e pelas conquistas que surgem quando esses obstáculos são superados e os controlos aprendidos.

Além disso, a capacidade de lidar com energia interior é transferida para outras áreas da vida. Não é por acaso que a escrita da Jane — e até a pintura — tem vindo a progredir, atingindo um nível superior. E o mesmo se aplica a ti, Rob: o teu trabalho reflete claramente a tua crescente capacidade de usar e gerir energia interior.

Cada um de vós tem as suas formas características de evolução. Descobrirás, Rob, que a tua capacidade de receber dados telepáticos está a

revelar-se nas experiências de tempo psicológico e nos sonhos — assim como em intuições espontâneas durante o estado de vigília.

(*Consultem as minhas notas sobre a minha experiência de 3 de Novembro, envolvendo o carro que bloqueava a nossa garagem.*)

Isto poderá enquadrar-se na categoria telepática. Não perguntei ao Seth sobre isto, simplesmente por uma questão de tempo. A Jane e eu não conseguimos abordar todos os temas que gostaríamos. Muitas vezes, quando queremos que o Seth mencione algo, referimo-lo antes de uma sessão, na esperança de que ele o trate.

(*Este caso específico está na página 116.*)

(*Notem também que, na página 116, mencionei ter recebido muitas imagens humanas durante experiências de tempo psicológico, e que, frequentemente, as pessoas que percebo parecem estar a falar comigo — mas sem som.*)

O Seth diz que estou a permitir que mais disto passe por mim do que anteriormente. As imagens virão de forma mais clara num futuro próximo. Eu poderia receber mais dados, e irei recebê-los à medida que permitir que surjam mais informações a partir das imagens; isto é, os sentimentos que emanam, digamos, das imagens das pessoas. Eu estou algo fechado a estes, e eles acrescentam uma dimensão extra e necessária que completaria e focaria a informação.

Se as minhas mãos estiverem cansadas, posso fazer uma pausa.

(*"Está bem."*)

(*Quis dizer que me sentia bem, embora a mão estivesse cansada. Mas, como eram 22h15, pensei que a sessão terminaria em breve.*)

Esta é a minha linha de desenvolvimento atual, e eu já a utilizei no passado através dos meus retratos, rostos daqueles que me apareceram em imagens telepáticas sem que eu estivesse consciente disso. Deveria prestar mais atenção aos meus sonhos, à sugestão dada por mim mesmo de que os recordarei.

O Seth vai terminar a sessão, mesmo que o nosso amigo esteja a ir extremamente bem, pois ele já lidou com bastante esta semana. Ele fará questão de velar por ele de forma protetora durante as suas experiências por algum tempo, e acompanhará o seu excelente progresso, que deverá continuar. E também assegurará que sejam mantidos os controlos adequados.

Os mais sinceros votos do Seth para ambos. Uma nota adicional: a venda concretizou-se neste momento, e vendas futuras foram desencadeadas através das histórias. Isto é tudo.

(*"Boa noite, Seth."*)

(*A Jane estava dissociada, como habitual. Ela mantivera até ao fim a sua voz peculiar, cantada. Também tinha sido uma voz forte, e agora dizia que a voz lhe parecera diferente; como se não usasse as suas próprias*

cordas vocais, mas servisse de veículo ou canal através do qual emergia esta voz estranha. A Jane não gostava particularmente da ideia de servir como canal. Para mim, não havia dúvida de que a voz era reconhecidamente dela.)

(*As afirmações do Seth sobre eu receber imagens telepáticas interessaram-me bastante, pois há anos que estou consciente de que prefiro fazer um retrato sem modelo. Ou seja, eu gosto imenso de começar a "inventar" uma personagem e depois pintá-la. Descobri que trabalhar com modelo me aborrece e de certo modo me limita. Os meus melhores desenhos, especialmente a tinta e a óleo, foram feitos desta forma, e sempre achei curioso gostar de trabalhar assim. Na verdade, a Jane comentou muitas vezes que eu raramente a usei sequer como modelo. Já o fiz algumas vezes. No entanto, esta situação está prestes a mudar, pois, à medida que o meu trabalho continua a expandir-se, descubro agora que também quero usar modelos, e tenho já vários quadros planeados em que ela aparecerá.*)

(*Relativamente à venda que a Jane fará em breve, a última afirmação da sessão acima eleva para quatro o número de vezes que recebemos esta informação, seja através das sessões, seja do tempo psicológico dela. Ver páginas 102, 107, 114 e 125. Ao escrever a última linha da sessão, a partir da ditada por ela, presumi que a informação se referia a uma venda. A Jane disse-me então, logo que a sessão terminou, que se referia a duas vendas; uma já concretizada e outras futuras. Enquanto discutíamos este ponto, a Jane de repente levantou-se e começou novamente a ditar. O seu tom e voz estavam agora mais contidos, tornando-se progressivamente mais calmos e lentos. Indicarei as pausas conforme ocorreram. Retoma.*)

Uma venda já se concretizou (*Pausa*) ponto final. Vendas futuras, relacionadas com histórias, ocorrerão num futuro próximo. Estas ainda não se concretizaram, mas a estrutura que as garantirá já foi estabelecida. Foram estabelecidas comunicações — não físicas — através de elementos de energia, tanto dentro das histórias como entre certos indivíduos e a Jane, embora a Jane não conheça fisicamente estas pessoas.

(*A voz da Jane tornou-se agora ainda mais baixa enquanto ela andava de um lado para o outro.*)

Um homem do tipo universitário, cabelo grisalho, pés grandes, bigode de cor avermelhada desbotada, duas crianças, isto é, ele tem duas crianças; e outro homem, alto, magro, desajeitado, com os olhos algo salientes. Uma mulher poderá ter algo a ver com uma das vendas, através de influência. Um escritório com uma cadeira moderna de couro vermelho, sala pequena, num andar alto, nada elegante. O escritório é usado, em diferentes momentos, por três homens. Um manuscrito da Jane encontra-se agora em cima de uma secretária. Alguma excitação em torno disso. Dez horas da

noite. Nova Iorque. (*Pausa*) Um homem, envolto num grande sobretudo, entra. Ele tem três filhos.

Não consigo captar mais. Forçar a Jane causará distorções, desta vez, que resultariam do cansaço, não da falta de vontade. Dou-vos o que posso. Este tipo de coisa ainda não é algo a que a Jane esteja habituado, e distrações vindas de outros locais próximos podem levá-lo a confundir imagens. Isto é tudo.

(*A Jane estava novamente dissociada. Terminou num tom muito calmo, falando bastante devagar. Assim que se sentou, a Jane contou-me várias coisas. Uma foi que, ao falar pelo Seth sobre a cadeira de couro vermelho, teve uma imagem mental dessa cadeira. Tinha pernas curtas, redondas, de madeira com acabamento castanho-claro, um assento e encosto acolchoados [o encosto inclinado para trás, naturalmente] e não tinha braços. A Jane não conseguiu descrever o chão onde estava a cadeira, nem quaisquer outros móveis na sala, nem uma porta, janela, etc.*)

(*Ela disse que, ao mencionar "andar alto", teve uma impressão clara de olhar por cima de muitos outros edifícios mais baixos. Enquanto falava da cadeira, também teve a impressão de que "alguma fonte, algo" tentava dizer-lhe algo sobre um tapete que ou costumava estar no chão, ou tinha sido mandado limpar, ou nunca esteve lá. A única coisa de que tem a certeza, neste caso, é que estava a tentar receber algo relacionado com um tapete. Não teve qualquer visão do mesmo.*)

(*A Jane tem bastante material enviado para vários editores. Pela experiência passada, aprendemos a ser cautelosos ao tentar interpretar este tipo de material, e por isso não vamos esforçar-nos muito com esta informação, preferindo ver o que se desenvolve e então incluí-lo no registo.*)

(*Pode-se notar aqui que o Seth, através da Jane, também deu uma breve descrição física de uma pessoa na página 84, na 99.ª sessão. Isto estava relacionado com material sobre os superiores do John Bradley, presumivelmente em Chicago. Ainda não temos verificação disto, pois não vimos o John recentemente. Como o John vai a Chicago com pouca frequência, poderemos ter de esperar algum tempo por isso.*)

(*Fiquei tentado a perguntar ao Seth se ele se referia a distrações à volta da Jane e de mim aqui em Elmira, ou a possíveis distrações, digamos, em Nova Iorque. Mas era óbvio que a Jane estava cansada e pronta para terminar a sessão.*)

(*O material seguinte é retirado do caderno de tempo psicológico da Jane:*

(*5 de Novembro, quinta-feira, 11h30: Muito poucas imagens fugazes.*

(*6 de Novembro, sexta-feira, 11h30: Uma sensação muito definida e prolongada de dissolução do corpo abaixo do peito. Primeiro, uma sensação de desequilíbrio, como se a cabeça estivesse a inclinar-se para*

um lado, o esquerdo, fazendo com que os olhos parecessem deslocar-se para baixo e para a esquerda. Depois, uma sensação de todo o corpo a vibrar suavemente para frente e para trás. Em seguida, ambas as mãos terrivelmente frias. Depois, moveram-se por si mesmas para os lados, seguidas pela sensação de que se levantavam, embora eu não ache que realmente o tenham feito. Sentimento persistente de que iam levantar-se, uma espécie de pressão suave por baixo delas. Sensação, desde os pés para cima, de que o corpo estava dissolvido, mas o frio ao mesmo tempo. Alcançou o meu braço superior esquerdo, que doía com o frio. [Eu estava parcialmente vestida e debaixo de uma coberta dobrada.] Tive a sensação de que o meu corpo poderia elevar-se sem a coberta, já que se sentia dissolvido abaixo do peito. O alarme tocou. Os meus membros muito frios ao toque. Enquanto escrevo isto agora, as minhas mãos e pés ainda estão anormalmente frios. Estava a tremer de frio quando o alarme tocou.)

(*Logo no início, senti uma súbita necessidade do Rob. Bastante emocional, como se ele estivesse morto e eu o quisesse. Pronunciei o nome dele mentalmente como uma ejaculação. Tristeza intensa e rápida. Tinha acabado de pensar conscientemente no quanto ele significa para mim. O sentimento desapareceu. Esqueci-o até agora. Bastante perturbador. Perguntei mentalmente se o Rob estava com algum problema, não obtive resposta. [Enquanto escrevia isto, na segunda frase com o "eu", dei por mim a substituir o nome do Rob, não, o nome do Walt pelo do Rob. Talvez tenha acontecido algo ao Walt? Notar a correção na última frase — não havia propriamente uma sensação de perigo; tristeza após um evento? Nem parecia ser um evento imediato, ou necessariamente num futuro próximo.]*

(*9 de Novembro, segunda-feira, 11h30: Leveza, etc., bom estado. Tive um sonho perturbador na noite passada. Perguntei mentalmente sobre isso durante a sessão. Não consigo lembrar-me se a visão seguinte aconteceu antes ou depois do pedido, mas penso que depois. Vi duas enfermeiras, ou um médico e uma enfermeira, de branco. Ouvi uma conversa. Esqueci parte, mas apanhei as palavras: "Bem, ela está a sair do choque." Estavam a olhar para baixo, para uma cama ou mesa, que também parecia ser o meu próprio ponto de observação deles. Muito breve. Nenhum sentimento de perigo da minha parte durante a experiência. Como o sonho da noite passada envolvia, penso eu, um aviso sobre a morte de uma mulher, então parece estar ligado. Mas sou cautelosa ao tentar interpretar tais dados.*)

(*Também em 9 de Novembro, segunda-feira, 19h: Em sesta, perguntei em silêncio se estava a ser avisada sobre uma morte. Se sim, de quem? Se não, qual era a mensagem? Poucos segundos depois vi um espelho de mão castanho estendido. Vi-o de lado. Fiquei assustada, não quis olhar, acho que com medo de ver o meu próprio rosto. Quando desapareceu, ocorreu-*

me que o rosto não teria necessariamente de ser o meu. Fiquei perturbada. Consultei o pêndulo. Ele disse que o aviso era sobre a morte da minha mãe, em Dezembro. E que as experiências de tempo psicológico, hoje e sexta-feira, estavam ligadas ao aviso da Helen McIlwain. A Linda não estava envolvida. Não sei quão fiável é o pêndulo.)

(*O relato seguinte é retirado do caderno de sonhos da Jane. Está incluído aqui para apresentar todo o material pertinente em conjunto. O material será tratado extensivamente na sessão seguinte, a 105ª.*)

(*Sonho da Jane, noite de domingo, 8 de Novembro de 1964:*

(*Um rapaz entregou-me um envelope preto, comprido, de tamanho legal. O nome da Helen McIlwain estava como remetente, escrito a tinta preta no envelope. [Ela era uma amiga da minha mãe, agora falecida.] Tomei o envelope como contendo a notificação da morte da minha mãe. Acho que o abri e li o que estava dentro, embora agora não me lembre de o ter feito. Depois, com alívio, vi que a morte não seria tão próxima. Não era a minha mãe, mas uma jovem rapariga. Recebi o nome Linda, e o apelido, que acho que esqueci — não creio que fosse Butts. Mas havia uma ligação com a Linda.*)

(*Fiquei aliviada por não ser a minha mãe, mas o meu raciocínio foi frio. Primeiro pensei: "Bem, sempre temi a morte da minha mãe," e quase senti alívio por estar ultrapassado. Depois, alívio por não ser a morte dela, mas de outra pessoa.*)

(*Se for uma morte, e na família do Rob, digamos da Linda, o que duvido, então porque o nome de remetente da amiga da minha mãe? [Com quem eu não tinha proximidade?] Talvez uma das minhas sobrinhas, em vez de alguém da família do Rob? A Joan? No sonho, penso que a morte já deve ter acontecido. A minha morte? Não tive sensação de que fosse, embora pudesse ter trocado nomes. Mas a pessoa [a morrer?] era mais nova do que eu, penso. E quem era o rapaz? Ele esperou enquanto eu lia a mensagem no interior. Mas não me lembro de a ter lido, apenas de a ter interpretado. Sonho algo perturbador.*)

(*Do meu caderno de tempo psicológico:*

(*5 de Novembro, quinta-feira, 20h15: Sensação ligeira ao deitar. Algumas pessoas e vozes vagas. Usei a frase sugerida pelo Seth na 104ª sessão, "Eu vou progredir em segurança," como medida de segurança.*)

SESSÃO 105
9 DE NOVEMBRO DE 1964

(*Na sexta-feira passada, 6 de Novembro, o John Bradley, de Williamsport, PA, visitou-nos por breves instantes. O John não pôde oferecer-nos confirmação sobre os dados do Seth relativos ao escritório central do John em Chicago. Esta informação foi dada na 99ª sessão, página 84. O John não se recorda de ninguém que se enquadre na descrição geral fornecida pelo Seth.*)

(*O Seth também afirmou nessa altura que o John terá de tomar medidas fortes se quiser alcançar certos objetivos. O John relatou que foi visitado pelo seu gerente de distrito esta semana, e que de facto os dois homens têm percorrido juntos a rota do John. A visita deu ao John a oportunidade de apresentar o seu caso para transferência e aumento de salário, e ele tem feito isso com vigor.*)

(*A Jane tem estado bastante preocupada por causa do seu sonho de 8 de Novembro, que ela sente ser clarividente, e das suas recentes experiências de tempo psicológico, que ela sente estarem relacionadas com o sonho. Ela passou a pensar que estas experiências, tomadas em conjunto, podem prever a morte da mãe dela. Está incerta quanto à credibilidade a dar à experiência com o pêndulo.*)

(*Ela não tinha ideia concreta do tema da sessão à medida que se aproximava a hora. Começou a ditar com uma voz bastante normal, que por vezes assumia um tom mais grave. Estava sem óculos, os olhos escuros. O seu andar era lento, e falava de forma bastante pausada, com frequentes pausas.*)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Posso ver que ambos passaram por bastante coisa. As capacidades da Jane realmente subiram para outro nível, e é por isso que ele está nervoso, se me permitem a piada.

Eu percebo que a Jane, em particular, não está com disposição para leviandades,
e, para o bem dela, direi que a informação contida nas suas experiências de tempo psicológico, e nos seus sonhos recentes, são meramente fabricações do seu subconsciente, das quais, no passado, ela não tinha consciência.

No entanto, não lhe posso dizer isto, pois ela de facto recebeu uma comunicação de alguém que conheceu como amiga da sua mãe. E recebeu também informações adicionais ou colaborativas nas suas próprias experiências de tempo psicológico.

(*Poderá ser interessante notar que Helen McIlwain, a comunicante no sonho da Jane de 8 de Novembro, está morta há talvez dois anos. A mãe da Jane assim lho informou por carta. A Jane não via Helen McIlwain há pelo*

menos quinze anos, segundo estima, e lembra-se melhor dela dos tempos da escola primária.)

(*Assim, o Seth parece estar a dizer que a Jane recebeu uma comunicação através de uma personalidade que está morta há dois anos. Quando a Jane me descreveu o sonho, eu tinha suposto erroneamente que Helen McIlwain ainda estivesse viva.*)

Em primeiro lugar, quando ela chamou silenciosamente por ti durante uma experiência recente de tempo psicológico, foi porque pressentiu, através de comunicações internas, uma situação envolvendo uma morte na qual precisaria do teu apoio. O pobre brado "Rob" foi o pesar dele por ter de depender do teu apoio, receando furtar energia ao teu trabalho, e um pesar, baseado no receio, que ela sempre sente sempre de ser forçada a depender da força de alguém.

(Ver a experiência de tempo psicológico da Jane de 6 de Novembro, página 127.)

Ele receia ser amada quando dá apoio, mas não amada quando precisa de o pedir a outra pessoa. Ao pressentir uma morte, imediatamente temeu que fosse a tua, Rob, já que se ouviu a chamar-te, e apressadamente tentou "sacrificar" o marido anterior em teu lugar. Daí a confusão de nomes quando escreveu a experiência. Depois tentou esquecê-la.

O sonho da noite passada foi uma comunicação da Helen, amiga da mãe da Jane. A mensagem foi dirigida à Jane. Ela não a recebeu através da mãe. O envelope preto era obviamente simbólico, mas permitiu à Jane ver o nome da mulher que enviava a mensagem. E o sentido do sonho tornou-se-lhe claro apenas ao perceber esses dados simples: o envelope preto, com o nome do remetente no canto superior esquerdo e, embora ela não se lembre, o nome dela no envelope como destinatário. Mesmo no sonho ficou atordoada, com medo de que a morte fosse a dela própria. Por isso não se lembra de que o envelope estava endereçado a ela. No sonho, sabendo que o recordaria por causa do treino, ela acrescentou fabricações protetoras, entrelaçadas com a informação válida.

O nome da mãe dela — deixemos isto passar. Estamos a ir bem, mas por ora esta frase não pode ser concluída.

(A Jane fez uma pausa, a gesticular, com as mãos erguidas, os olhos fechados. A voz dela estava agora calma, com pausas frequentes. Eu começava a ficar preocupado, considerando o conteúdo do material, e observava-a de perto. Estava preparado para terminar a sessão imediatamente se intuísse que fosse necessário. O rosto da Jane estava tenso, os olhos muito escuros por baixo. Ela andava lentamente, com os olhos baixos.)

Ela tentou então substituir o nome da Linda, a tua sobrinha, e fingiu não saber de quem era a morte percebida. Nem conseguiu lembrar-se de ter lido a mensagem ou o nome no interior. É por isso que não se lembra de ter

realmente aberto o envelope. Em todo o caso, abrir o envelope era desnecessário. O alívio que sentiu depois de decidir que tinha conseguido enganar-se, ele pensava de manhã, devia-se ao facto de que a morte futura não era nem da mãe nem dela própria, mas de um parente pelo menos algo distante. O alívio, claro, foi resultado do sucesso parcial em distorcer a informação, mas apesar das distorções, a remetente conseguiu passar, e o sexo da pessoa cuja morte foi percebido.

(Poder-se-á aqui acrescentar-se que, a 2 de Setembro, o caderno de sonhos da Jane revela que ela teve um sonho que envolvia o irmão da Helen McIlwain. O irmão está morto há pelo menos cinco anos, e possivelmente mais, afirma a Jane. Ela lembra-se melhor do irmão do que da própria Helen. O sonho a envolver o irmão foi, acredita a Jane, bastante comum e, pelo menos à superfície, não envolve clarividência. Nem parece superficialmente sinalizar uma comunicação do irmão.)

Ou seja, no vosso estado de coisas, uma morte futura parece muito desafortunada, mas a perceção dela é benéfica, pois servirá para preparar os envolvidos. Estamos a explicar isto à nossa maneira; a Jane e eu temos agora um pato, do qual ela não tem consciência, e se eu observar certas delicadezas ou convenções, que estou disposto a aceitar, ela deixa-me passar. Normalmente fá-lo. Isso envolve não o chocar logo de início com dados dolorosos, mas trabalhar à volta deles de forma astuta e ainda assim transmitir o material.

Sentes cansaço nas mãos?

(*A Jane fez uma pausa para me encarar. Eu acenei que não, achando melhor que ela continuasse. Achei que ela não parecia estar bem, mas estava a aguentar-se. Como o estado de transe parecia funcionar como escudo, permitindo-lhe digerir o material mais devagar, não insisti que fizesse pausa.*)

(*A Jane também começara a esfregar as mãos de uma forma que, lembrava eu, significava que elas lhe pareciam "gordas" ou aumentadas. Muitas sessões atrás, notavelmente nos anos 50, este fenómeno era comum a ambos. A última ocorrência recente foi na 103ª sessão, de forma mais leve. Agora eram 21h30.*)

Eu preferiria então continuar sem pausa, mas terminarei cedo se parecer aconselhável. É mais difícil para a Jane se ela fizer pausa sob estas condições. O rapaz que entregou a mensagem no sonho do Ruburt era parcialmente uma construção do sonho, representando George Pilotte Júnior, por quem a Jane sentiu afinidade em criança; um parente, primo, igualmente ligado psiquicamente à mãe da Jane, e subconscientemente associado, na mente dele, à morte do avô, já que o rapaz, agora homem, foi bondoso para com ele naquela altura. A experiência psicológica de hoje foi uma mensagem reforçada, ligada às outras, que mais uma vez a Jane tentou

esquecer e não conseguiu, por agora se ter treinado para recordar tais dados.

Tais comunicações, embora não necessariamente trágicas, são recebidas por todos os eus interiores. Neste caso, mesmo que venham distorcidas, há uma validade no material básico e não distorcido. Sugiro agora que a Jane faça uma pausa. Dá-lhe um copo de leite e um pouco de comida sólida, e depois, se ela estiver em condições — e penso que estará —, continuaremos.

(A Jane estava dissociada como habitual. Estava também fisicamente indisposta, com náuseas. Disse que não teria conseguido continuar sem uma pausa. A ideia de leite parecia-lhe muito desagradável nesse estado, mas ao beber um pouco começou a sentir-se melhor. Ficou surpreendida e comeu algumas bolachas.)

(A Jane disse que sentia que o material era um fardo neste momento. Não confiava nele naquele instante. Na verdade, não tinha pensado que o Seth diria que o sonho dela e os dados do tempo psicológico eram corretos; além disso, não achava que o Seth alguma vez viesse a apresentar material desse tipo, independentemente de quem fosse a morte envolvida.)

(Mais uma vez, eu estava preparado para terminar a sessão a qualquer momento se a Jane parecesse incapaz de continuar. No entanto, a comida e a bebida pareceram ajudá-la muito, e ela retomou a dita em voz calma. Pausava frequentemente e andava muito devagar. Retomou.)

As referidas distorções representam aquelas que ocorreram no sonho e nas experiências de tempo psicológico, particularmente na experiência de hoje em que a Jane viu o pessoal hospitalar vestido de branco. Isto deixou-a ainda mais preocupada de que a morte futura prevista fosse a dela, já que ela olhava para cima para uma enfermeira e um médico enquanto estes olhavam para ela. Ouviu as palavras ditas por uma enfermeira, "Ela ainda está em choque," mas ele distorceu as palavras para as lembrar como sendo "Ela está a sair do choque."

O incidente ou cena hospitalar era válido, no sentido em que a morte ocorrerá nesse ambiente. Reforçou o sexo da pessoa envolvida e acrescentou o contexto. No entanto, a Jane construiu as imagens subconscientemente e depois percebeu-as. O evento específico como ela o viu não era válido, mas a informação contida nele era.

As palavras "Ela ainda está em choque," no entanto, não se referiam à pessoa cuja morte estava a ser percebida, mas referiam-se à própria Jane, ainda em estado de choque devido à informação clarividente. Pensando que as palavras diziam respeito ao estado físico da pessoa cuja morte fora prevista, a Jane alterou-as, conforme mencionado, numa tentativa de melhorar a situação. Verão aqui que, indireta mas claramente, vos demos a identidade da pessoa cuja morte é prevista, especialmente quando

acrescento à afirmação positiva, embora possa parecer negativa, que a tua mãe, Rob, não está de forma alguma envolvida.

(*A voz da Jane estava agora muito mais baixa.*)

A Jane está agora mais calma, e posso acrescentar não só que a sua morte não estava envolvida de forma alguma, mas também que a sua morte não ocorrerá durante muitos anos. Ela é extremamente sensível, apesar de todo o seu treino, com relação a esse assunto em geral. Podemos agora passar ao tema do incidente com o carro.

Pensaste que tinhas atingido algo na estrada, talvez uma pedra, e a Jane insistiu que tinha visto um gato e que o carro o tinha atingido. Ela interrogou-se do que teria acontecido ao gato, e vocês voltaram juntos para ver. Não havia gato. Os assuntos mencionados acima estavam na mente dele. Os olhos dela, mesmo em boas condições, são ineficientes. Ela viu um saco cinzento-acastanhado de tecido usado para recolher folhas, normalmente acoplado a corta-relvas. Estava no passeio ou junto ao passeio, com folhas dentro, e tinha, ah, ilhós metálicos e outra projeção.

(*A Jane fez aqui uma pausa, tentando encontrar as palavras certas. De olhos fechados, tentou descrever-me com gestos o que queria dizer com ilhós e "outra projeção". Eu não percebi.*)

(*O incidente que o Seth está a descrever teve lugar esta tarde. Muito depois de ter terminado, ainda nos ocupava o pensamento, pois não gostávamos de pensar num animal ferido que, talvez, se tivesse arrastado para morrer.*)

Tinha sido desligado de um corta-relvas. O homem deixou-o momentaneamente. Foi chamado para dentro. Tu atingiste aquilo e lançaste-o, mas não voou para cima, e a cor confundia-se bem com o monte de folhas ali. Quando vocês voltaram, já não estava lá.

Agora que isto está resolvido, podemos voltar ao assunto em questão, o episódio do espelho. O espelho, mais uma vez, teria oferecido dados válidos se a Jane tivesse olhado para ele, mas ela assustou-se. O espelho era, mais uma vez, um meio pelo qual a informação podia ser tornada inteligível e específica para ela, embora o espelho, em termos mais amplos, não existisse. Isto não torna a experiência menos válida. Foi simplesmente o uso de um instrumento mental através do qual informação válida poderia ser recebida. Ela não usou o instrumento, ou seja, não quis olhar para ele.

Ora, podemos dizer que a Jane recebeu informação válida sobre a morte da mãe dela, que ainda não ocorreu; mas as condições que a causarão já tiveram início.

(*A Jane fez longas pausas antes e depois da frase seguinte.*)

Não te darei uma data neste momento. As condições físicas são irreversíveis, devido a condições que não são físicas dentro da personalidade. Vou encerrar aqui a sessão, dando-vos uma sessão relativamente breve por causa das circunstâncias, e sugiro que, durante o

resto desta semana, a Jane limite as suas experiências de tempo psicológico a quinze minutos por dia, em vez de meia hora, simplesmente porque está sob algum stress.

Receberão todo o apoio da minha parte e de outros na situação que se desenvolverá, e a Jane descobrirá que ultrapassará isto com um mínimo de dificuldade, considerando o desconforto normal envolvido em qualquer circunstância desta natureza. Ou seja, não haverá tensão acrescida devido à relação invulgar que existiu entre ela e a mãe. A situação para a mãe dela seria muito pior se ela prolongasse a vida, e ela encontrará uma exuberância, bem-estar, compreensão e sensação de paz que simplesmente não conheceu nesta existência particular.

Encerramos agora com simpatia e os melhores votos, como sempre, e com algum pesar por me encontrar na posição de corroborar este tipo de material. Escusado será dizer que as vossas capacidades aumentadas vos levarão a tomar consciência de muita alegria acrescida e trarão muito prazer, bem como, por vezes, notícias deste tipo. E, mais uma vez, mesmo agora servem para vos dar tempo para preparações internas.

("Boa noite, Seth.")

(A Jane estava dissociada como habitual. Já não estava indisposta, embora também não estivesse divertida, e parecia muito melhor. Na verdade, disse que se sentia muito melhor por ter a informação exposta, para não ter de andar constantemente a pensar se era válida, distorcida, etc.) (Pode acrescentar-se aqui um lembrete de que a Jane obteve a data de Dezembro para a morte da mãe apenas através do pêndulo. Ver página 128. O Seth parece dizer que o evento ocorrerá em breve, mas temos de esperar. A Jane não vê a mãe há alguns anos; no entanto, as duas correspondem-se regularmente.

(Um acontecimento potencialmente interessante relacionado com a mãe ocorreu no mês passado, em Outubro. A Jane recebeu da mãe uma camisola tricotada à mão como prenda de Natal. Na carta que acompanhava, a mãe da Jane escreveu que a enviava antecipadamente porque não "esperava estar cá" no Natal. Lembro-me de que eu e a Jane ficámos impressionados com o tom da carta, mas, em toda a honestidade, não levámos aquilo demasiado a sério. A Jane poderá ainda ter a carta. Se for encontrada, será arquivada com outros dados pertinentes ao material do Seth.

(No final da sessão, a mão direita da Jane parecia-lhe "gorda" ou aumentada.

(Desde a sugestão do Seth na segunda-feira para que a Jane limitasse as suas experiências de tempo psicológico a 15 minutos, ela não tem nada a relatar sobre terça-feira e quarta-feira, 10-11 de Novembro, exceto uma sensação ligeira de leveza geral.

(O material seguinte é do meu caderno de tempo psicológico:

(10 de Novembro, terça-feira, 20h30: Sensação forte várias vezes, invadindo agradavelmente todo o corpo. Seguiu-se uma vibração alternada nos pés, como se estes sentissem uma vibração inaudível, um ritmo mecânico como de maquinaria. Teve boa duração. Depois, vários vislumbres de um pai e um filho, com roupas antigas, a pedalar pelas ruas da cidade numa bicicleta antiga, daquelas com uma roda dianteira grande.

(Também terça-feira: Ao adormecer perto da meia-noite, vi o meu irmão Loren muito claramente, ainda que brevemente. Ele estava com um grupo de jovens homens e mulheres que eu não conhecia. Parecia ser verão. O Loren usava uma camisa desportiva colorida de manga curta e um chapéu de palha castanho-claro com aba estreita. Creio que trazia um cachimbo na mão esquerda. Estava no lado esquerdo do meu campo de visão. Sorrindo para mim, estendeu a mão direita em minha direção. Não o ouvi dizer nada.

(12 de Novembro, quinta-feira, 7h: Esta manhã, enquanto me vestia para o trabalho, tive uma experiência muito semelhante à de terça-feira, 3 de Novembro. Desta vez não tive um pensamento claro de que deveria olhar pelas janelas do estúdio. Em vez disso, dei por mim a andar até lá e, ao olhar, vi que, novamente, um carro estava a bloquear a saída do meu carro da garagem. Era também o mesmo carro de antes, pertencente a um inquilino do andar de baixo. Repito, isto não é o sistema habitual de estacionamento aqui.

(Contudo, não pensei muito nisso e, como a Jane já estava a preparar o pequeno-almoço no outro lado do apartamento, esqueci-me de lhe mencionar quando me sentei para comer. E, tal como antes, quando saí do apartamento, o outro carro já tinha sido retirado.

(O que eu não sabia era que, logo depois de eu sair, a Jane teve um forte impulso de voltar ao estúdio e espreitar. Encontrou-se a fazer isto quase sem pensar, pois sentiu que a minha garagem estava bloqueada por outro carro. Já não viu o carro que tinha bloqueado a minha saída, pois este já tinha sido retirado. Viu-me sair da garagem como de costume. Eu não olhei para cima para a ver, pois não esperava isso. A Jane diz que é a primeira vez que se lembra de ter verificado se a garagem estava bloqueada. Nem costuma ver-me sair para o trabalho. Ela também esqueceu o incidente até eu mencionar a minha experiência ao almoço.)

SESSÃO 106
11 DE NOVEMBRO DE 1964

(*Hoje marca uma semana desde as declarações do Seth sobre uma venda de escrita da parte da Jane. Ver a 104ª sessão, páginas 125-126. A Jane ainda não recebeu notícia de qualquer venda.*

(*Ela continua a receber cartas encorajadoras de editores. A mais recente chegou ontem, da revista Playboy. Era uma carta longa, e o editor pediu para ver mais trabalhos da Jane. Ela conheceu este editor há alguns anos. Não conheceu outros dois executivos lá que têm tomado alguma atenção ao trabalho dela, e agora especulamos que a situação descrita pelo Seth na página 126 possa aplicar-se à Playboy. Será interessante acompanhar os acontecimentos.*

(*Também é interessante notar que o nódulo ou gânglio no pulso esquerdo da Jane está quase desaparecido. O Seth tratou disto na 98ª sessão. Ver página 77. O Seth afirmou que o nódulo desapareceria. Na verdade, a Jane tinha-se esquecido dele. Foi lembrada devido a uma ligeira dor, provocada por ter mantido o braço levantado durante muito tempo.*

(*A Jane não fazia ideia do material para a sessão. Não estava nervosa. Parecia totalmente recuperada do impacto da sessão de segunda-feira. O comportamento dela era normal em todos os aspetos.*) (*Mais uma vez, começou a ditar sem óculos. Os olhos estavam escuros, como habitual, a voz normal, o passo algo lento, embora tenha acelerado um pouco depois. A entrega não foi rápida, e também foi interrompida por pausas.*

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

Tenho prometido uma sessão curta há tanto tempo que hoje posso finalmente dar-vos uma. A menos, claro, que me deixe levar. Estou muito satisfeito com o capítulo que a Jane escreveu para abrir o nosso livro, *Como Desenvolver o Seu Poder ESP*, e, como em breve descobrirão, os acontecimentos irão desenrolar-se como eu previ no final do verão. Claro que ainda temos muito material para cobrir sobre a natureza da matéria tal como vos aparece. Muito deste material será discutido juntamente com dados sobre a construção da dimensão do sonho. Haverá também temas completamente novos para nos ocupar.

Estou a fazer uma sessão bastante breve e tranquila esta noite por causa do esforço envolvido para a Jane na última sessão. Essa sessão valeu por duas sessões regulares, e não entrarei nesse assunto esta noite. Nem discutiremos clarividência, exceto para mencionar que tais incidentes podem surgir frequentemente nas sessões à medida que a Jane ganha confiança. Na verdade, o aparecimento de detalhes é prova do aumento da confiança dela. Não considero estas pequenas dicas úteis sobre

acontecimentos futuros como o tipo de demonstração que, em certas circunstâncias, poderia irritar-me. E qualquer irritação que eu sinta é apenas com a impaciência que os pedidos de demonstrações podem ocultar.

Ambos estão a entrar numa estação muito proveitosa e muito gratificante em muitos aspetos, e isso é resultado da disciplina e das energias focadas de ambos.

Uma pequena nota aqui que queria mencionar antes. É verdade, num certo sentido, num sentido muito amplo, que o vosso universo físico como tal não existe da forma como supõem que existe. Noutro sentido, ele existe legitimamente, mas de uma forma que os vossos sentidos comuns nunca perceberiam.

(*Notar que isto se relaciona com as ideias que a Jane teve durante a experiência de transe de 4 de Novembro. Ver página 116.*)

Como sabem, é o foco da vossa perceção em certos pontos de referência, excluindo outros, que ajuda a manter o vosso universo coeso. Se distinguissem também outros pontos de referência igualmente legítimos, então o vosso universo físico seria indistinguível para as vossas perceções físicas, perdido num labirinto de dados aparentemente caóticos. Esses dados, esses outros pontos de referência, surgem nas vossas perceções à medida que estão preparados para eles, e mudam os horizontes e toda a conceção do vosso universo ao fazê-lo.

Por exemplo, Freud acrescentou uma dimensão ao vosso mundo com a descoberta do verdadeiro subconsciente, na medida em que o conseguiu perceber. Antes disso, o vosso mundo psicológico era plano, e agora podem ser feitas descobertas, e novos pontos de referência podem ser reconhecidos, que antes teriam sido impossíveis. Estes pontos são altamente significativos, e o mundo do homem interior ganhará profundidade, forma, movimento, no e através do espaço e do tempo. As descobertas neste domínio serão tão magníficas como descobertas semelhantes no mundo da matéria física; e mais uma vez, porque ideias e energia psíquica formam a base do universo físico, uma expansão e impulso no domínio da ideia servirá para expandir e mudar efetivamente a natureza, o alcance e a dimensão do vosso universo físico — de uma forma que não poderia ser alcançada de outro modo. Sugiro que façam uma pausa.

(*A Jane estava dissociada como habitual. Disse que se sentia bem e não sabia se precisava realmente da pausa. Decidimos não forçar para uma sessão mais longa. A Jane retomou, novamente sem óculos, da mesma maneira.*)

A tentativa da Jane em fazer previsões é uma excelente ideia e deve ser continuada. Ela poderá descobrir que o seu campo de perceção se pode alargar. É difícil, para mim, deixar-vos tão cedo, já que gosto das nossas sessões. No entanto, seguirei a minha própria resolução. A Jane já

trabalhou o suficiente esta semana, e a energia dela deve ser direcionada para outros lados enquanto recupera. Não há aqui uma perda de energia séria. O meu objetivo é manter-vos a ambos num estado de exuberância disciplinada, e mantenho um olhar muito cauteloso sobre qualquer, mesmo mínima, fadiga psíquica. Ela não está a sofrer de fadiga psíquica. Isto é apenas, talvez, um gesto de precaução desnecessário da minha parte.

O próprio trabalho dela correrá bem esta semana, e as energias dela serão renovadas através das suas atividades habituais, e também através da pintura, se ela encontrar tempo. O limite de quinze minutos para as experiências de tempo psicológico deve ser mantido até à nossa próxima sessão, altura em que darei outras orientações conforme a situação. Os meus mais calorosos votos para ambos. Com a vossa permissão, observá-los-ei de tempos a tempos antes da nossa próxima sessão agendada, simplesmente porque aprecio a vossa companhia.

(*"Boa noite, Seth."*)

(*A Jane estava dissociada como habitual. Sentiu-se algo desapontada e frustrada por a sessão ter sido tão curta: "Parece mesmo estranho. Sinto-me como uma pessoa que espera visitas para uma longa conversa agradável, apenas para vê-las dizer só olá."*)

(Os seguintes apontamentos são do caderno de tempo psicológico da Jane:

(12 de Novembro, quinta-feira: 15 minutos; apenas uma sensação de leveza.

(13 de Novembro, sexta-feira, 11h30-45: Sensação definida de leveza, ou ausência de peso. Sensação estranha de movimento interno, não físico, e de pulsação. Ao adormecer, vi muito claramente um puxador de porta castanho-escuro numa porta branca. Tão nitidamente que pensei que tinha os olhos abertos.

(16 de Novembro, segunda-feira, 11h45: Bom estado atingido.)

(*O relato seguinte é do caderno de sonhos da Jane e está incluído aqui porque o Seth o menciona na 107ª sessão. Este sonho também está diretamente relacionado com o sonho da Jane de 8 de Novembro. Ver páginas 128-129.*)

(Sonho da Jane, segunda-feira, 16 de Novembro, 17h [enquanto fazia uma sesta]:

(*Eu estava com o doutor Kiley e outro homem que também era médico. O doutor Kiley também está morto, há já alguns anos, pelo menos sete, e era irmão da Helen McIlwain; ela apareceu no meu sonho de 8 de Novembro, relacionado com a minha mãe e com as declarações subsequentes do Seth sobre a morte dela. Agora, o doutor Kiley e este outro médico estavam a brincar, a fazer palhaçadas e a rir sobre outro médico, em ligação com a minha mãe.*

(*De alguma forma, o doutor Kiley agarrou-me, rodopiou-me no ar e abraçou-me. As minhas roupas ficaram desarranjadas, disse-lhe a rir. A piada era sobre a minha mãe? Ou sobre o outro médico de quem falavam, ou sobre ambos?*

(*Lembro-me melhor do doutor Kiley dos meus tempos de escola primária, tal como da irmã Helen. Já não os via tanto quando cheguei ao liceu e à universidade. Recordo que os últimos anos dele foram trágicos; matou uma mulher ao volante e tornou-se alcoólico. Quando eu era pequena, ele dava-me presentes. Em particular, lembro-me de um carrossel de brincar. Era um homem grande e corpulento, de queixo quadrado.*)

(*Depois estava em Saratoga Springs, penso eu. Apontei para um ponto no ar ao lado de um poste telefónico e falei sobre os dois homens — Kiley e o outro médico — que tinham "atravessado" uma barreira qualquer. E foi assim, ou por isso, que eu estava em Saratoga. Não está claro aqui.*

(*Depois falei com a Nan Zeizing, uma rapariga com quem andei no liceu. Não tenho a certeza, mas penso que lhe disse que aqueles dois homens tinham vindo buscar a minha mãe.*

(*A Nan também disse que a Playboy era uma boa revista; eu concordei, dizendo que, se alguém lesse sem espírito crítico, como a maioria faz, a Playboy seria a que menos dano causaria. Eles tinham boas histórias e estavam a considerar o meu trabalho, disse-lhe. A Nan estava sentada num corrimão ou numa ombreira.*)

(*Os apontamentos que se seguem são do meu caderno de tempo psicológico:*

(*12 de Novembro, quinta-feira, 20h55: Sensação intensa e breve. Boa sensação de expansão no topo dos pés e das mãos, com duração. Os braços, especialmente, pareciam como se quisessem elevar-se por si mesmos. Também alguns vislumbres vagos de figuras.*

(*13 de Novembro, sexta-feira, 20h30: Sensação moderada algumas vezes. Mãos e pés novamente aumentados no topo, até certo ponto. Uma vez, muito rapidamente, a cama debaixo de mim "ondulou". Por um momento pensei que poderia estar a tentar viajar ou elevar-me.*

(*Também vi a cabeça de um rapaz, de cabelo escuro e encaracolado, num pergaminho desenrolado de algum tipo. Eu não o conhecia. Podia ter sido um desenho. Outro vislumbre de um rapaz, também, de perfil, embora este não fosse claro.*

(*15 de Novembro, domingo, 20h30: Sensação moderada; algum aumento nas mãos e nos pés. Bom estado atingido. As mãos pareceram-me então cruzadas sobre a cintura, embora na verdade estivessem deitadas ao lado do corpo.*)

SESSÃO 107
16 DE NOVEMBRO DE 1964

(*Enquanto fazia uma sesta ao final da tarde, a Jane teve o sonho detalhado na página 139.*) (*Ao ler algumas das sessões recentes sobre sonhos, mais cedo hoje, a Jane teve a ideia de que o Seth falaria de sonhos esta noite.*

(*A Jane trabalhou num dos seus quadros na noite anterior. Mais tarde disse-me que, enquanto trabalhava nele, se sentiu bastante inquieta. A sensação durou algum tempo. Não lhe ocorreram pensamentos definidos sobre essa inquietação, e teve dificuldade em expressá-la.*

(*Começou a ditar pontualmente e com um tom de voz normal. Mais uma vez estava sem óculos, os olhos escuros, o andar algo lento. Falava com algumas pausas e continuou a usá-las. No entanto, à medida que a sessão avançava, o tom e a postura dela tornaram-se mais determinados e até ligeiramente severos.*)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Estou algo surpreso ao descobrir que a Jane, ao aprender a usar as suas capacidades, também tentaria censurar o sentido do seu uso. É como se, com a sua visão normal, ela tentasse censurar-se a tal ponto que só visse a luz do sol. Muitas vezes, informações como as que ela tem recebido são captadas mas não corretamente interpretadas ou compreendidas, com o resultado de que o organismo físico e psíquico fica preso em nós nervosos de apreensão, sem que pareça haver causa para isso.

(*E isto certamente parece encaixar-se no estado de espírito em que a Jane esteve na noite passada.*)

Não se pode negar a chegada normal da noite recusando-se a enfrentá-la, e fechar os olhos exteriores só resultaria precisamente nas características da noite que o eu tentava evitar. Nem as características agradáveis da noite seriam jamais conhecidas, e a noite significaria para sempre terror e caos, já que nunca seria reconhecida como merece, nem explorada. Assim, a informação que a Jane tem recebido, pelo próprio facto da sua origem e do método de comunicação usado, é uma prova de que a morte é muito mais do que um fim.

(*A voz da Jane tornou-se agora muito mais alta, brevemente.*)

Se esta informação vem de uma personalidade que já não está em forma física no vosso mundo, então certamente isso indica que a morte é apenas uma entrada noutra dimensão. A informação traz, pela sua própria natureza, muito mais do que poderiam pensar nas suas implicações. Ao querer fechar-se a tal informação, a Jane desejaria fechar-se ao

conhecimento benéfico e ao tipo de exploração que, por si só, expande e abre barreiras que não são realmente barreiras, mas sim portas.

Este tipo de experiência tem, para vocês, de facto, o seu lado desagradável, e o ego combate-o naturalmente. Nem seria de esperar outra coisa, pois qualquer morte física, ou o conhecimento de tal morte física, é automaticamente considerado uma ameaça pelo ego. Daí que a Jane tema que ela, e não a mãe, esteja envolvido aqui.

Eu queria explicar isto claramente. Agora, ligado ao material acima, mas de forma algo opaca, vou continuar por outras linhas, embora paralelas. Vou voltar novamente a essas perguntas feitas: qual foi o primeiro ato da criação? Como é que tudo começou?

É basicamente tão sem sentido, em essência, fazer este tipo de pergunta como seria parar no meio de um sonho e perguntar quando foi criada, pela primeira vez, a localização do sonho; ou ficar de frente para uma paisagem onírica e questionar em que momento no tempo tiveram origem as rochas. Pois há uma grande semelhança entre o chamado mundo dos sonhos e o chamado mundo da matéria, como deveriam saber.

O material do universo físico é criado espontânea e constantemente, tal como os locais de sonho no mundo dos sonhos são criados; e como é impossível, em termos de tempo como vocês o conhecem, fixar um ponto de início no mundo dos sonhos, também é impossível tentar fazer o mesmo em relação ao universo físico. Sempre houve desenvolvimento, mas não ao longo de uma única linha. Vocês apenas têm consciência do desenvolvimento ao longo de certas linhas porque se focam em algumas e não em outras.

Há um dar e receber entre o mundo dos sonhos e o mundo físico, e cada um provoca efeitos no outro. No tempo como vocês o conhecem, simplesmente não existe um ponto de origem inicial, pois no presente amplo o passado não existe, assim como o futuro não existe nesses termos. O mundo dos sonhos está mais próximo da experiência não-camuflada no presente amplo, mas ainda está numa perspetiva de camuflagem, lidando com projeções reconhecíveis da realidade material.

No entanto, devido à sua relativa liberdade, o eu, ao regressar do mundo dos sonhos, pode transmitir ao indivíduo conhecimentos de que o eu físico normalmente não teria consciência. Grande parte desse conhecimento reside então no subconsciente, enquanto o ego segue o seu caminho. Sugiro que façam uma pausa.

(*A Jane estava dissociada, disse ela, mas não ao seu grau habitual. Quando voltou a ditar, manteve o tom deliberado e algo determinado; ao mesmo tempo, falava um pouco mais depressa. Retomou.*)

Esta ligação entre o mundo dos sonhos e o mundo material não é incomum. Embora as duas dimensões pareçam completamente separadas, e embora seja muito difícil, quase impossível, habitar ambas

simultaneamente, há efeitos que ocorrem em ambas. As duas perspetivas ou dimensões existem simultaneamente, mesmo que vocês não possam habitá-las simultaneamente.

A barreira, se assim se pode chamar, não está tanto na natureza das duas dimensões em si, mas nas vossas próprias limitações, já que, atualmente, estão focados principalmente numa delas. Até que se atinja uma certa área de desenvolvimento psíquico, a consciência — ou melhor, a consciência direta — só é possível numa dimensão de cada vez, embora experiências noutras dimensões possam ser recebidas separadamente em vários graus.

À medida que a consciência se desenvolve, também se desenvolvem as capacidades que permitem ao eu total lidar com dados sempre variáveis e, portanto, manipulá-los e funcionar dentro da perspetiva do seu significado. Existem —

(*Aqui, tive subitamente um ataque de tosse enquanto tentava engolir um gole de leite. Foi bastante forte e tive de parar de tomar notas. A Jane esperou calmamente, observando-me enquanto eu tentava respirar. Talvez tenha passado um minuto.*)

Sugiro uma breve pausa.

(*A Jane disse que desta vez estava mais completamente dissociada. Sentiu-se "estranha" quando eu comecei a tossir, já que, embora tivesse parado a ditar, ainda se sentia suspensa entre o estado de transe e o estado normal. Disse que não conseguia sair facilmente do transe até dizer que devíamos fazer uma pausa. Não conseguiu, por exemplo, correr rapidamente para tentar ajudar-me. Pelo que me lembro, é a primeira vez que ocorre uma interrupção deste tipo durante a dita dela. Novamente sem óculos, a Jane retomou.*)

Existem outras dimensões, das quais vocês estão quase ignorantes, nas quais, no entanto, existem ou têm algum efeito válido; onde são projetados e onde, de uma forma ou de outra, formam um ponto de referência. Vocês não são conhecidos pelo que são nessas dimensões. Não são reconhecidos na vossa forma humana. São conhecidos apenas pelos efeitos. Em algumas dessas dimensões, vocês são uma realidade química e até elétrica; noutras, eletromagnética.

Em algumas, apenas as constantes comunicações psíquicas telepáticas são captadas. Estas, nessa dimensão particular, aparecem como algo que poderia ser comparado aos ventos que sopram sobre a vossa própria Terra. Estas projeções, desta dimensão para outras dessa forma, novamente, não são incomuns. Projeções em termos de pontos de referência também aparecem na vossa dimensão, e vocês têm tão pouco conhecimento ou compreensão da sua verdadeira natureza como os habitantes de outras dimensões têm da vossa.

Em todos esses casos, as projeções disponíveis são interpretadas de acordo com as conceções estabelecidas daqueles na dimensão em que aparecem, e os dados só podem ser interpretados segundo os padrões particulares de camuflagem inerentes à existência dentro de uma dimensão específica. No entanto, essas projeções ou efeitos da vossa dimensão para outras, e de outras dimensões para a vossa, causam reações definidas no plano em que ocorrem; e várias tentativas serão feitas, e são feitas, para interpretá-las, mas sempre dentro do quadro dos fenómenos aceites e conhecidos. Por isso, tais tentativas estão condenadas ao fracasso.

Como sabem, os elementos de camuflagem são formados a partir da energia vital, que, por si mesma, forma todas as dimensões e todas as realidades. Ela existe dentro de toda a camuflagem, pois a camuflagem em si é meramente a forma adotada. Os habitantes de qualquer dimensão, seja qual for a sua constituição, são ainda construções do eu total. O eu total, como sabem, tem a sua existência em energia não camuflada e, portanto, é capaz da assimilação de conhecimento na medida em que pode, se assim escolher, não estar fundamentalmente afiliado a qualquer dimensão ou perspetiva de camuflagem. Na prática, isto exige um desenvolvimento supremo, mas mesmo para fins gerais, o eu interior mantém uma liberdade em relação às perspetivas de camuflagem, e está consciente, em graus variados, de outras perspetivas e da sua existência fora delas.

Através dos sentidos interiores, portanto, alguma iluminação pode ser recebida tanto sobre a existência real de dimensões que o eu físico não pode perceber, como também, através dos sentidos interiores, pode-se alcançar um sentido de confiança e continuidade através do conhecimento do eu interior da sua liberdade.

O subconsciente tem um efeito grande e bastante surpreendente em dimensões diferentes da vossa, e envia projeções vívidas para essas outras perspetivas, que lá aparecem e são, por sua vez, percebidas de forma distorcida pelos sentidos de camuflagem exterior desses habitantes. No entanto, os sentidos interiores deles dão-lhes pistas da vossa realidade. Vocês existem e têm efeitos em mais realidades do que sabem, e percebem fragmentos e pedaços de outras perspetivas que aparecem na vossa própria dimensão.

É por isso que vos disse, há muito tempo, que a vossa teoria de causa e efeito era ridícula. Ela só se aplica à vossa própria dimensão e nunca avançará na explicação dessas inúmeras projeções que aparecem dentro do vosso universo vindas de uma dimensão separada dele. Eu não direi “fora dele”, já que, em muitos casos, se falarmos em termos de espaço como vocês o conhecem, então no espaço muitas perspetivas ocorrem juntas. Não é o espaço que separa, é o foco e a forma da energia. Podem fazer uma breve pausa.

(*A Jane estava completamente dissociada desta vez. A minha mão de escrever também estava a cansar-se, já que a cadência da dita dela tinha continuado rápida. A Jane estava a ditar enquanto andava descalça pela sala. A certa altura, bateu inadvertidamente com o pé contra a perna de metal da mesa de café. O impato fez um bom som e eu esperava que ela interrompesse a dita, ou pelo menos fizesse uma careta. No entanto, continuou como se nada tivesse acontecido. Agora disse-me que sentiu o pé bater na perna da mesa, mas que normalmente isso a teria incomodado muito mais do que incomodou.*)

A Jane retomou de forma um pouco mais lenta, com mais pausas. Riu-se ao começar, e isso acompanhou os seus comentários sobre a prática de tempo psicológico. Retomou às 22h19.

De facto, vou terminar a sessão em breve, dando à Jane algumas sessões relativamente curtas. Ela tem feito muito bem os seus trabalhos de casa. Continuo a sugerir o limite de quinze minutos que ela adotou para o tempo psicológico, até ao final da semana. E depois veremos.

Verão que esta noite avançámos um pouco no nosso material. Quis mencionar o facto de que o subconsciente tem efeitos definidos e projeta projeções definidas noutras dimensões ou perspetivas, como base para uma discussão mais aprofundada sobre os níveis do subconsciente. Até agora cobrimos as áreas do subconsciente de uma perspetiva quase unidimensional, usando profundidades, é certo, mas apenas nos termos mais superficiais, e avançaremos conforme devemos.

Existem aqui, no que chamam de subconsciente, capacidades e realidades das quais sabem pouco, e à medida que virem como o subconsciente se projeta noutras dimensões, também verão mais claramente como a energia é projetada para fora a fim de formar o vosso próprio mundo material. Há muito aqui para ser explicado.

Meus mais queridos amigos, vou agora encerrar a nossa sessão, e posso dizer à Jane, se ela me permitir: anima-te, pois há luzes onde pensas haver escuridão. E posso novamente assegurar-lhe que a sua existência não está, de forma alguma, envolvida com qualquer das informações que recebeu.

A tua ajuda, Rob, tem sido muito benéfica para ela, e é-lhe naturalmente difícil lidar com este tipo de dados; mas se ela não conseguisse lidar com isso, não os teria recebido, pois estamos a desenvolver aqui uma integração. E eu tenho-a protegido de vulnerabilidades a experiências que seriam, ou apresentariam, um perigo para o equilíbrio geral da personalidade.

Estou a desenvolver, ou a ajudá-lo a desenvolver, as suas capacidades com toda a cautela. As tuas capacidades estão, de facto, a desenvolver-se e mesmo agora a crescer, de uma forma diferente, por baixo da superfície,

mas irão manifestar-se, e muito em teu benefício. Agora, os meus mais calorosos votos para ambos.

(*"Boa noite, Seth."*)

(*A Jane estava dissociada como habitual.*)

SESSÃO 108
REALIDADE, MATÉRIA E CAMUFLAGEM

(Experimentando o tempo psicológico durante quinze minutos na terça-feira, 17 de novembro, e na quarta-feira, 18 de novembro, a Jane alcançou um excelente estado em ambos os dias.

(Tenho pouco a relatar quanto às minhas experiências recentes de tempo psicológico, alcançando pouco além de uma sensação moderada. Parece ser um ponto baixo para mim.

(Ontem, uma amiga dos nossos tempos em Sayre visitou-nos. Não víamos a Sonja há vários anos. É enfermeira, casou-se com um médico da Turquia e está a passar alguns meses neste país antes de se juntar a ele na Turquia. A Sonja sempre teve um grande apego a um retrato que eu pintei antes de a Jane e eu casarmos, e por várias vezes tentou convencer-me a vendê-lo. Ontem voltou a pedir-me que lho vendesse, e acabei por o fazer, embora tivesse valor sentimental para mim e para a Jane.

(O retrato é de uma das minhas "pessoas" pintadas sem modelo — a minha forma preferida de retratar figuras. O Seth disse que eu pinto esses retratos de desconhecidos porque recebo dados telepáticos sobre eles. Em tempos, tinha decidido nunca vender aquele retrato, mas aos poucos mudei de opinião, à luz das minhas próprias sensações e das observações do Seth sobre usar o meu trabalho para influenciar outras pessoas. Ontem senti que compreendia melhor por que razão a Sonja queria o quadro, e por isso decidi vendê-lo. Achei que talvez lhe recordasse uma vida passada, ou um local de uma vida passada. A pintura era algo abstrata, mas sugeria um ambiente do Médio Oriente, e a cabeça tinha uma espécie de turbante.

(Não o sabia na altura, mas a Jane teria preferido que eu ficasse com o quadro. A verdade é que ambos sentimos a falta dele depois de a Sonja partir. No entanto, tenho fotografias e agora farei outro semelhante. Os resultados deverão ser melhores, já que sou um artista mais maduro agora.

(A Jane não tinha qualquer ideia sobre o material da sessão. Começou a ditar com uma voz um pouco mais grave e forte do que o habitual, e novamente sem óculos. Os olhos estavam-lhe escuros, o ritmo pausado, e falava com as suas pausas características.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Também eu sinto falta do quadro que pendia ali na parede; e embora não vá ocupar muito desta sessão com este assunto, deixarei, ainda assim, aqui alguns comentários sobre a pessoa a quem o quadro foi vendido. Não há dúvida de que existem aqui relações confusas, do ponto de vista da personalidade. Encontramos aqui uma personalidade que foi, outrora, um guerreiro nos primórdios do Império Otomano — e não é coincidência que essa personalidade esteja agora ligada a esse mesmo país.

Também não é coincidência a dificuldade em estabelecer um papel sexual definido. O quadro sempre impressionou profundamente essa personalidade, recordando-lhe, através do retrato e do fundo, a terra árida e antiga de onde viera e para onde regressara.

Gostaria de aprofundar esta noite o tema das linhas de camuflagem. A matéria, como sabes, é uma camuflagem — a exteriorização da energia. A manifestação externa da matéria resulta diretamente da interioridade, e não o contrário. Há sempre um excesso de interioridade a lutar para se expressar exteriormente. Por essa razão, um estudo da manifestação exterior nunca resultará numa compreensão verdadeira da sua origem interior.

A interioridade é sempre individualizada — esta é a regra fundamental. Não existe energia que não esteja, até certo ponto, consciente de si própria. Toda a energia que busca e alcança a expressão através da forma física, seja qual for, nunca se contenta com um único estado de existência. Pelo contrário, está sempre em busca de gestalts mais complexas e significativas.

Assim, a interioridade flui e dá forma à matéria. E, mesmo após se manifestar através da forma, a interioridade permanece intacta, continuando a sua busca por novas expressões. No caso do ser humano, por exemplo, a memória, a experiência e a realização de valores não se perdem quando a forma física é abandonada. Se isso ocorresse, a própria experiência perderia o seu propósito.

Já te disse que a energia se regenera constantemente. Mas as suas implicações psíquicas são verdadeiramente surpreendentes, pois a energia interior forma uma sequência infinita de gestalts. Cada uma dessas gestalts continua a sua evolução, regenerando-se e formando novas personalidades que jamais são destruídas.

As entidades funcionam como células mestras de memória, armazenando o conhecimento das suas personalidades gestálticas. Além disso, frequentemente essas entidades dividem-se em múltiplas partes, e cada segmento retém integralmente os dados da entidade original. Neste processo, encontramos algo semelhante ao nascimento físico, mas sem a eventual morte dos progenitores. Esta criação psíquica é espontânea e contínua. A interioridade é a base de toda a existência e manifesta-se em tudo o que existe.

Dentro de cada manifestação da interioridade, existem possibilidades latentes, que procuram criar as condições necessárias para a sua própria realização. Estas possibilidades psíquicas não atuam isoladamente. Pelo contrário, atraem outras possibilidades semelhantes, formando campos de atração coerentes. Foi assim que, no teu universo, surgiu a possibilidade psíquica de um mundo físico. Esta possibilidade, nascida da consciência, foi o ponto de partida para a formação de átomos e moléculas. Inicialmente, uma força psíquica positiva espalhou-se pelo universo, dando origem à matéria.

Paralelamente, existia desde o princípio uma força negativa, e foi através da interação entre essas duas forças que a matéria foi tecida dentro e fora dessa malha psíquica original. Dessa interação, emergiram dois mundos paralelos: o mundo da matéria e o mundo da matéria negativa. Cada um destes planos de existência é uma manifestação da interioridade primordial, expressando-se através das suas infinitas possibilidades. E assim, o ciclo da criação prossegue eternamente. A interioridade, como bem sabes, é consciente de si mesma. Mas ao formar este novo universo, só poderia expressar essa consciência através da matéria que ia moldando, começando pela consciência inata e ainda bastante geral dos átomos. À medida que se formavam átomos suficientes a partir dessa energia interior, novas combinações tornaram-se possíveis, e com elas surgiu uma consciência cada vez mais apurada.

Essa interioridade é incrivelmente adaptável e autogeradora. Está sempre à procura de novas formas de expressão, novas possibilidades. Por isso, não se limitou a criar apenas um universo físico. Através desse mesmo universo, encontrou uma maneira de erguer um campo ou plano adicional, uma realidade que existe dentro e além do mundo físico. Esse plano é o que conheces como o mundo dos sonhos – possível apenas devido aos próprios mecanismos e interações da matéria.

Dentro deste universo físico, a interioridade também não se contentou em manifestar-se através de uma única forma. Pelo contrário, fê-lo de inúmeras maneiras e em diferentes graus. O que chamamos de reencarnação é apenas uma parte deste vasto processo psíquico de renovação contínua dentro do teu mundo físico.

Lembra-te de que as características da interioridade é que determinam a forma exterior, as espécies e tudo o resto. Nos primórdios do universo, os traços psíquicos começaram a agrupar-se em unidades que funcionavam por atração mútua. Isso levou à formação de campos de energia que podemos comparar às menores partículas físicas.

No início, esses campos de energia mental captavam o máximo de matéria que conseguiam suportar, atraindo outras unidades semelhantes quando possível. Quando duas unidades se fundiam, ambas beneficiavam da matéria adicional que conseguiam formar. Como havia um excesso de

energia interna, essa fusão permitia-lhes criar mais matéria do que conseguiriam individualmente.

À medida que essas unidades se tornavam mais fortes, repetiam o processo, atraindo novas unidades e formando estruturas ainda mais complexas. Algumas delas acabaram por estabelecer limites fixos, deixando de absorver novas energias psíquicas. Tornaram-se assim unidades físicas independentes e relativamente estáveis.

Mesmo essas unidades estabilizadas, que já não se expandiam internamente, passaram a servir de blocos de construção para gestalts mais elaboradas. Ou seja, continuaram a ser utilizadas em estruturas mais complexas, apesar de já não crescerem por si próprias. Curiosamente, o mundo dos sonhos, que começou a formar-se ainda nos primórdios, tem com o universo físico uma relação semelhante à que o próprio universo físico mantém com o mundo da matéria negativa. São como diferentes camadas de pele que envolvem o mesmo fruto. Alguém pode descascá-las e vê-las como separadas, mas enquanto fazem parte do fruto, cada camada é, para todos os efeitos, um elemento distinto dentro do todo.

Sugiro que faças uma pausa.

(Pausa às 21h59. A Jane estava novamente bem dissociada. Outra vez sem óculos, retomou no mesmo tom enérgico e assertivo às 22h02.)

Uma nota aqui. Nos teus quadros, o Joseph, tentas mostrar a interioridade por detrás da construção física concluída, insinuar a natureza infinita dessa interioridade que fica brevemente aprisionada na exterioridade.

Quando o Ruburt tenta as suas pinturas, procura apanhar a interioridade antes do seu momento de construção, com a forma ainda não plenamente em aparência, mas no entremeio. É por isso que ele tem tanta dificuldade com a sua perspetiva. Ele ocupa-se da interioridade precisamente antes de esta se materializar dentro da tua perspetiva. Tu, o Joseph, olhas através do exterior na sua conclusão e perfeição físicas, até à interioridade que preenche as tuas pinturas de objetos físicos, tal como preenche os próprios objetos físicos.

Através da exterioridade, belamente construída, insinuas o significado interior e fazes com que ele sobressaia, de facto através da forma. O Ruburt mostra a interioridade a tentar exprimir-se em forma, a confluência no ponto imediatamente anterior ao acontecimento físico.

Ele sugere o objeto, olhando de dentro para fora. Não vês aqui uma espécie de parceria que se aplica à vossa relação em geral, sendo também esta a razão para a sua incapacidade técnica na pintura e a sua capacidade técnica na escrita?

Falando alegoricamente, a partir do interior ele estende-se para o exterior, as mãos cheias de interioridade, mas és tu quem dá forma à interioridade. No passado, tu temeste aquilo que consideravas — mas já

não consideras — o caos da interioridade. E ele temia aquilo que considerava a natureza congelada da interioridade, uma vez formada.

Ele está agora mais apto a lidar com isto, e tu estás muito melhor equipado para enfrentar a interioridade, de modo que ambos se ajudaram imensamente desta forma.

O meu objetivo é explorar convosco os desenvolvimentos paralelos destes três planos – o universo físico, o mundo da matéria negativa e o mundo dos sonhos. Cada um deles depende da existência dos outros. As interligações são tantas que, desde cedo, começaram a surgir novas possibilidades. Qualquer coisa que seja construída, em qualquer plano, torna-se real. E o que significa "realidade"? Significa consciência.

Através do próprio aparato físico que a interioridade desenvolveu, que sempre esteve consciente de si, tornaram-se possíveis novos enfeites para essa mesma consciência. Assim, a interioridade não se limitou a criar matéria física, mas gerou novas dimensões dentro dela própria, novos estados através dos quais a consciência pode expandir-se e evoluir.

Tal como no vosso universo, quando uma personalidade reencarna numa nova forma, mantém-se a memória da personalidade original, armazenada no subconsciente. No entanto, a cada reencarnação, uma nova identidade surge, totalmente distinta das anteriores. Isto significa que há um afastamento do ramo psíquico original, mas sem que se perca a recordação da existência passada.

(Ver a 54.ª sessão, de 18 de maio de 1964, Volume 2, página 91, etc. O Seth trata deste facto em certa medida no que diz respeito à sua relação com a Jane. A Jane não é agora o Seth, afirma ele, nem o seu subconsciente; contudo, a entidade da Jane, o Ruburt, é atualmente uma extensão e materialização do Seth que ele foi em tempos, há séculos. Ver também a 63.ª sessão, onde o mesmo tema é brevemente mencionado.)

Os indivíduos continuam a existir e a expressar-se de acordo com o seu nível de desenvolvimento, movendo-se para outros planos de realidade quando terminam a sua jornada neste. Nenhuma identidade se perde. Se assim fosse, todo o processo seria inútil. Aliás, este mesmo princípio pode ser observado a uma escala menor. Através do pensamento abstrato, da arte e de qualquer outra manifestação criativa, o ser humano, que foi moldado pela consciência, acaba por agir na matéria, transformando-a. Dessa forma, constrói novos planos de existência, campos de atração que se expandem de acordo com as suas capacidades criativas. Isto não é difícil de compreender, especialmente se considerarmos que até os fenómenos físicos mais simples ainda nos escapam em grande parte.

Podes fazer uma pausa e eu continuarei brevemente ou, se preferires, podemos terminar a sessão.

("Então faço uma pequena pausa."

(*Pausa às 22h29. A Jane estava novamente bem dissociada. A minha mão de escrita estava cansada; de outro modo não teria feito a pausa. O andamento da Jane tinha sido bastante rápido. Retomou no mesmo modo enérgico às 22h34.*)

Uma nota aqui. Nos teus quadros, Joseph, tentas mostrar a interioridade por detrás da construção física concluída, insinuar a natureza infinita da interioridade que fica brevemente aprisionada na exterioridade.

Quando o Ruburt tenta as suas pinturas, procura captar a interioridade antes do momento da construção, com a forma ainda não totalmente em aparência, mas no entremeio. É por isso que ele tem tanta dificuldade com a perspetiva. Ele ocupa-se da interioridade precisamente antes de esta se materializar dentro da tua perspetiva. Tu, o Joseph, olhas através do exterior na sua conclusão e perfeição físicas até à interioridade que preenche as tuas pinturas de objetos físicos, tal como preenche os próprios objetos físicos.

Através da exterioridade, belamente construída, insinuas o significado interior e fazes com que ele atravesse a forma. O Ruburt mostra a interioridade a tentar exprimir-se em forma — a confluência no ponto imediatamente anterior ao acontecimento físico.

Ele sugere o objeto, olhando de dentro para fora. Não vês aqui uma espécie de parceria que se aplica à vossa relação em geral, sendo também esta a razão para a sua incapacidade técnica na pintura e a sua capacidade técnica na escrita?

Falando alegoricamente: do interior, ele estende-se para o exterior, as mãos cheias de interioridade, mas és tu quem dá forma à interioridade. No passado, temeste aquilo que consideravas — mas já não consideras — o caos da interioridade. E ele temia aquilo que considerava a natureza congelada da interioridade, uma vez formada.

Ele está agora mais apto a lidar com isto, e tu estás muito melhor equipado para enfrentar a interioridade, de modo que ambos se ajudaram imensamente desta forma.

(A Jane abriu agora um largo sorriso enquanto caminhava pelo quarto.)

Esta sessão foi extremamente frutuosa, consideradas todas as camadas. Diverte-me, como último pensamento, que a tua palavra "pit", pelo som, seja como um caroço, sugerindo profundidade para considerar a interioridade como o caroço. Vês como a matéria se constrói em torno dele.

Também terei mais a dizer sobre as tuas pinturas, o Joseph.

Vou encerrar agora, embora esteja em plena forma e a fazer-me entender com muita clareza, e pudesse, de facto, continuar esplendidamente por bastante tempo. Contudo, vou atender aqui à vossa conveniência e, por isso, digo-vos uma muito afetuosa boa noite a ambos.

(*“Boa noite, Seth.” Fim às 22h50. A Jane estava dissociada, como de costume. O Seth, disse ela, “entrou claro como um sino”. A minha mão de escrita estava cansada.*)

(*À medida que este material continua a expandir-se, a Jane e eu percebemos cada vez mais que, de facto, nada é simples de explicar. Por esta razão, reduzimos as nossas perguntas à procura de uma explicação rápida sobre qualquer assunto que nos interesse no momento. Na maior parte do tempo, agora, nem sequer perguntamos.*

(*Ambos mantivemos registos rigorosos dos nossos estudos de tempo psicológico, por exemplo, na esperança de que o Seth venha a discuti-los. No entanto, os registos acumularam-se de tal maneira que já não percebemos como é que o Seth os poderá alguma vez cobrir, como prometeu em várias ocasiões, com muito detalhe. Mesmo que começasse a discuti-los, continuariam a acumular-se. O mesmo problema surge com os sonhos, com o material sobre os sentidos interiores, etc. Por isso, ficamos com o que conseguimos obter em cada sessão. Na verdade, o tempo reservado para recolher material é bastante limitado, e ainda assim mantém-nos ocupados.*

(*Não tenho a certeza de que a afirmação do Seth na página 150 constitua uma distorção quando menciona que é possível uma comunicação entre o nosso universo e o universo da matéria negativa. Na 63.ª sessão, novamente, ele trata dos dois universos companheiros do nosso, chamando-lhes uma pré-imagem e uma pós-imagem, e agrupando-os sob os termos gerais de matéria negativa ou antimatéria. Na 63.ª sessão, o Seth afirma que o nosso universo e os dois universos que compõem o universo da matéria negativa nunca se podem encontrar. Talvez a questão aqui seja o tipo de “encontro” a que ele se referia na 63.ª sessão. Nesta sessão atual, ele refere-se a uma comunicação psíquica.*)

(*O material seguinte é do caderno de tempo psicológico da Jane:

*(19 de novembro, quinta-feira, 11h30: Excelente estado alcançado.

*(20 de novembro, sexta-feira, 11h30: Igual.

(23 de novembro, segunda-feira, 11h45: Vi uma estranha estrutura alta, cilíndrica, coberta de madeira vermelha. Não era madeira por dentro. Ouvi mentalmente o nome “Toby”. Pensei que pudesse ser de uma pessoa.

(*Recordar-se-á que a Jane continua limitada pelo Seth a quinze minutos de prática de tempo psicológico por dia. Ver a 105.ª sessão.*)

(*O material que segue é do meu caderno de tempo psicológico:

(19 de novembro, quinta-feira, 20h30: Suave sensação de excitação ao deitar. As mãos aumentaram um pouco no topo. A coisa invulgar alcançada desta vez foi que o meu calcanhar esquerdo passou a parecer não ter nada por baixo, como se estivesse pendurado na borda da cama. A sensação teve boa duração e foi inequívoca. Verifiquei que o pé estava de facto sobre a cama exercendo pressão. Esta sensação é semelhante a

algumas que a Jane experimentou recentemente. Ela alcançou um grau muito maior, contudo, como quando tentou viajar psiquicamente e acabou no seu transe de 4 de novembro de 1964. Ver página 116.

(23 de novembro, segunda-feira, 20h15: Esta foi a minha experiência mais ativa desde que retomei o estudo do tempo psicológico. Experimentei sensação, visão e som. A maioria das visões e sons é agora difícil de recordar — o que frustra —, mas foram muito vívidos no momento, e consegui alguma duração em memória.

(*Entre outras coisas, vi um crânio, bastante humorístico, a saltar numa haste trémula acima de uma caixa de qualquer tipo, como num brinquedo "jack-in-the-box". Não houve susto nem preocupação da minha parte. Surgiu muito brevemente, a meia distância. Também vi um brilho de luz amarela intensa atrás da figura sentada de um homem a uma secretária. Não conhecia o homem.*

(*Quando me deitei, inicialmente tive a sensação de que uma porta se abrira fora do meu campo de visão à esquerda, deixando a luz infiltrar-se lentamente. Tive de apertar o olho esquerdo para me certificar de que estava fechado. O olho direito não foi tão afetado. A sensação varreu-me várias vezes. A certa altura vi um grupo de homens e mulheres a sair de uma casa abandonada para um campo de ervas castanhas até ao joelho e ouvi-os falar claramente.*

(Segunda-feira à noite, 23 de novembro, 0h: Ao deitar, experimentei, com boa duração, muitas visões de árvores pintadas, mato, etc., com cores de outono. Tinha trabalhado hoje num paisagem desse tipo.
(24 de novembro, terça-feira, 0h: Novamente uma experiência muito vívida. Primeiro, ao deitar, tive uma recorrência de ver as árvores pintadas, durante algum tempo. Depois mudei para a receção de outras cenas vagas de que rapidamente perdi o fio.

(*Depois, evidentemente num bom estado entre a vigília e o sono, tive uma visão das mais vívidas. De bem alto no ar, vi-me a olhar para baixo, para uma paisagem branca coberta de neve, com montanhas brancas e extensões planas brancas, e um céu azul vívido. Foi relativamente breve, mas muito nítida. Vi um buraco redondo, evidentemente aberto no gelo; junto ao buraco estavam dois homens envergando fatos de pelo branco e a moverem-se à volta do buraco, como se talvez pescassem através do gelo. A cena cintilou com força total por um segundo e desapareceu. Fiquei tão surpreendido que falei em voz alta; a Jane respondeu e eu descrevi-lha então para não a esquecer por acaso até a poder escrever de manhã. Depois de lhe falar, voltei a ver as duas figuras, menos nitidamente, a caminhar ou a escalar no terreno branco e acidentado.*

(*Parece concretizar-se a afirmação recente do Seth de que as minhas experiências de tempo psicológico em breve se tornariam mais vívidas. Ver a 100.ª sessão.*)

SESSÃO 109

23 de Novembro de 1964

(*A Jane sente que poderia ter tido uma sessão por volta das 15h30 de sábado, depois de ter recebido pelo correio uma rejeição da revista Playboy. O bilhete de rejeição não vinha acompanhado de carta, e isso deixou-a zangada. Pensou nas afirmações do Seth na 104.ª sessão, a respeito de uma venda que "se concretizou", e perguntou-se o que exatamente significava essa afirmação. Duvidou da sua veracidade. Depois recebeu do Seth, mentalmente, uma afirmação firme a repetir que uma venda se concretizou. Eu estava a falar com ela nessa altura, mas ela não me mencionou o incidente.*

(*Ao fim da tarde de sábado, quando voltámos a discutir a questão da interpretação dos dados de previsão, a Jane voltou a sentir a presença do Seth. Desta vez contou-me, mas deixei ao seu critério decidir se queria ter uma sessão. Ela não aproveitou a ocasião, e por isso não houve sessão.*

(*Quando se aproximou a hora da sessão, a Jane não tinha qualquer ideia sobre o material que iria surgir. Disse-me que "ainda se sente estranha", mesmo depois de todo este tempo, quando não faz ideia do conteúdo que vem a seguir.*

(*A Jane começou a ditar com uma voz normal e a um ritmo médio. Novamente sem óculos, os olhos escuros, o andar compassado.*)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Temos uma variedade de temas para esta noite. Uma pequena nota aqui, mencionando um facto de que o Ruburt está certamente agora consciente. A dificuldade momentânea no conto que ele não terminou foi simplesmente causada por uma recaída muito temporária, devido à pressão: ele não esperou que o seu subconsciente lhe fornecesse uma ideia, como há muito está habituado a fazer.

Quando ele se agarra a um pedaço definido e completo de autobiografia, isso é normalmente causado por impaciência. Ele já ultrapassou essa breve recaída.

Gostaria de falar sobre o desenvolvimento paralelo do universo da matéria conforme o conhecem, o universo da matéria negativa, e o que é verdadeiramente o universo onírico. Falamos acerca da relativa impossibilidade das primeiras origens conforme vocês as consideram, como tendo ocorrido num ponto particular do vosso tempo. Já existia uma energia interna e individualizada e consciente antes da conceção do vosso tempo, tempo esse que é obviamente uma interpretação do presente espacial, de que toda a criação originalmente teve início mas prossegue em

termos de realização de sentido de valor. Sem um desenvolvimento desses anterior à conceção do vosso tempo, em verdade o vosso universo jamais teria chegado a existir.

Há aspetos bastante imaginários que podem ser usados a título de referência. Contudo, aqueles que indagam com respeito ao momento da origem da consciência no vosso universo são aqueles que não compreendem que a partícula física mais diminuta, mais microscópica consiste numa materialização da energia interna consciente. Àqueles que indagam quanto à origem dessa energia interna vocês poderão dizer que a essência procedeu dela própria. No presente espacial simplesmente não existe passado. Não pode subsistir questão da origem do tempo como vocês o concebem. Somente na vossa perspetiva de camuflagem estas observações parecerão ilógicas, mas isso não quer dizer que vocês não possam entender algum do seu significado por meio do uso da vossa própria experiência interna.

Todo homem sonha. Eu disse-lhes que como o sonho só se acha ligado pelo mais ínfimo fio do vosso tempo, também isso, embora difícil, vocês poderiam conseguir precisar o aparente começo de um sonho pelo tempo do relógio. Esse tempo, como sabem intuitivamente, não possui nenhuma relação psicológica interior com a experiência do sonho.

Vocês sabem bem para pensar que a consciência que têm do filme queira dizer que o filme só tenha começado quando vocês entraram. Vocês constroem sonhos automaticamente, por assim dizer, com um nível do vosso ser no essencial quer estejam acordados ou a dormir, e quer tenham consciência dos sonhos ou não. Isso representa uma manipulação interna dos símbolos que é efetuada de forma tão automática quanto a ação de respirar ou caminhar, mas um produto da vossa própria estrutura psíquica e física, da vossa constituição química e eletromagnética. Como o sonho não tem início nem nenhum momento particular, tampouco teve o nosso universo físico começo num dado momento, nem a essência brotou na existência em termos de causa e efeito.

Isso não constitui qualquer mistério. Vocês simplesmente não tentaram compreendê-lo. Na realidade a vossa física irá em breve entrever por detrás destas afirmações, mas são meras possibilidades de clarões. Isso há de deixá-los verdadeiramente confusos. Acrescentarei aqui não só que o universo que vocês conhecem não teve qualquer origem particular no vosso tempo; e acrescentarei que as suas raízes, se é que lhe lhes podemos chamar tal coisa, se estendem continuamente me todas as direções. Nos vossos termos pode-se, pois, dizer que até mesmo agora se propagam tanto para trás como o fazem para a frente, em simultâneo.

A origem primária, caros amigos, está constantemente em decurso, porém, nunca da mesma maneira, nunca em termos de repetição de um disco tocado repetidas vezes. Mais uma vez, é a vossa perspetiva unilateral

e relativamente linear que os leva a pensar em termos de um particular começo. Isso irá, sem dúvida, provar-se difícil de considerar, no entanto existem inúmeros começos, até mesmo no vosso próprio universo, que ocorrem em diferentes pontos de referência em diversas perspetivas; mas é impossível localizar no passado o vosso próprio risco de separação, uma vez que se acha entrelaçado e na realidade faz parte de muitas outras.

Vós, qualquer um, participa em mais perspetivas variadas do que imagina conscientemente, e surge de uma modo ou de outro, em mais dimensões do que imagina. Poderão uma vez mais recordar a nossa estrutura imaginária de quinta dimensão. Dado que todas as partes se acham me última análise interligadas, torna-se impossível atribuir a uma qualquer parte uma origem em termos que possam ser compreendidos por qualquer um que habite uma área particular nela.

Não estou, uma vez mais, aqui a enaltecer as intuições em detrimento do intelecto. Ambos estão projetados a diferentes propósitos. Eles encontram-se em sintonia em diferentes realidades, e todas as realidades são efetivas. Seja como for, a nossa última sessão com a sua explicação simplificada do desenvolvimento em termos que vós podeis compreender, devia levá-los a perceber que, por causa do desenvolvimento do universo de sonhos em paralelo com o universo físico, o estudo do universo de sonhos ajudá-los-á a compreender a básica essência ou qualidade intrínseca que existe por detrás do mundo físico que vós habitais.

Tanto o universo físico quanto o universo da matéria negativa são, pois, subprodutos do universo físico, pelo facto de terem sido formados enquanto energia interior a fim de se formar a si própria de uma maneira física. A materialização física foi de tal modo construída que resultou numa maior regeneração da própria energia interna. Gostaria de sugerir de modo repetido que os sonhos ocorrem constantemente, quer se encontrem despertos ou a dormir; sempre foi esse o caso. O universo onírico também influenciou o vosso próprio universo físico, tal como o universo físico o influenciou fortemente.

Conceitos, ideias percebidas em sonhos foram construídos em termos físicos. Construções físicas e invenções puramente em termos de uma nova compreensão intelectual da matéria física transformaram igualmente a natureza do universo de sonhos e enriqueceram-no, contribuindo para as liberdades simbólicas aí possíveis.

Fiz, anteriormente, menção ao fogo, que foi intelectualmente alcançado pelo homem e por conseguinte materializado no mundo da matéria. Previamente o mundo onírico usava simbolicamente o fogo apenas em termos do poder que tem de transformar a matéria. O Homem não fora anteriormente capaz de ver o fogo em termos do benefício do calor ou conforto. Ele não conseguia, por exemplo, de manipular o fogo no seu universo de sonho, exceto em termos do que considerava destruição.

Com a valorização intelectual dos benefícios do fogo que se seguiram ao domínio que obteve dele, o seu universo de sonho saiu enriquecido com uma nova liberdade. Este não passa de um simples exemplo. Enquanto o desenvolvimento dos dois universos na sua abrangência é paralelo nenhuma uniformidade exata em todos os aspetos é atingida. Quer dizer, um conceito pode apresentar-se-vos intensamente vivo no universo onírico mas não ter expressão física, ou por uma ou outra razão, uma compreensão intelectual no universo físico poderá não encontrar expressão no universo dos sonhos. Mas no geral sucede um desenvolvimento paralelo.

As relações existentes entre esses dois universos é verdadeiramente espantosa e tais trocas assumem enormes efeitos em termos de transformação. Verificam-se descobertas e inovações no universo de sonhos provenientes do universo físico, assim como do universo onírico no vosso próprio. O universo de sonhos, para fins da nossa própria explicação, é um universo específico. Para vós preciso falar em termos de direção, dado que subsiste dificuldade decorrente da vossa insistência de posicionamento no espaço. Por uma questão de simplicidade quero que imaginem que o universo de sonhos ocupa uma posição do outro lado do universo físico, com a entidade separada do universo de sonho pelo físico. Estás a entender?

Imagina a analogia psicologicamente uma vez mais, usando o universo físico como o ego, e o universo dos sonhos numa direção e a entidade na outra. Preciso não será dizer, ou não deveria ser, que o eu interno envia aas suas projeções dos sentidos internos tanto pelo universo físico quanto pelo universo de sonhos; contudo, toda esta conversa de espaço e posicionamento é uma mera conveniência. Ainda assim, em termos da construção física isso é o que veriam, e se fosse compreendido, é o que é visto na construção efetiva da partícula mais diminuta que têm sob observação nos vossos laboratórios.

Porém, o significado não é percebido. Nenhuma energia fica por utilizar. A entropia é coisa que não existe. É somente um efeito visto nas perspetivas físicas; de que aparentemente a energia não utilizável ajuda a formar o vosso universo de sonhos. Aquela energia de que parecem não obter qualquer resultado físico, aquela energia que parece diminuir em valor, é trabalhada de volta para a essência, regenerada e utilizada para fins da formação de universos sem os quais vocês não poderiam existir sequer enquanto seres físicos. Porque, sem o universo de sonhos vocês não poderiam existir fisicamente.

Vou muito rapidamente embarcar para o universo da matéria negativa, só que de forma resumida, apenas para lhes mostrar a qualidade entremeada da existência; e como o viremos a seguir na discussão. Porque a energia autorregenera-se. E como eu lhes disse, a consciência, a energia consciente, manifesta-se continuamente por diversas formas. Ora bem,

lembrem-se a explicação apresentada na última sessão sobre os envoltórios mentais, compostos de energia interior consciente e individualizada, que se manifesta na forma física, e que em pontos particulares se fecham e se tornam mais ou menos num sistema fechado. Lembras-te?

("Lembro." *Ver a 78.ª sessão, de 10 de agosto de 1964 [no Volume 2], para a longa discussão do Seth sobre a falácia do conceito de entropia na física.*)

Um sistema fechado poderia ser capturado, por assim dizer, e ser usado como bloco de construção, e ainda reter a sua individualidade, por outros sistemas ainda em expansão. Desse modo o vosso universo físico, universo onírico, e universo da matéria negativa se chegaram a unir, enquanto retêm as suas fronteiras como um sistema mais ou menos fechado.

Vão ter que compreender que falo por motivos de simplicidade, uma vez que nenhum sistema é completamente fechado. Agora, não chegamos a falar o suficiente sobre o universo de sonhos, para realmente lançarmos uma discussão sobre o seu subproduto. Contudo, dir-lhes-ei que o seu produto é o universo da matéria negativa. Eu queria deixar isto claro para vossa própria edificação: Vocês saberão para onde este material se encaminha. Mas há muito a explicar antes de poderem compreender as interligações que isso compreende.

Agora — podes fazer uma pausa, ou eu continuarei brevemente; ou, se preferires, podes encerrar a sessão. Sou tão bem-disposto assim.

("Está bem, acho que faremos uma pausa."

(Pausa às 22h29. A Jane terminou a transmissão com um sorriso. Disse que estava bem dissociada e que, de facto, tinha estado num bom estado durante toda a noite. A minha mão de escrita estava cansada; de outro modo não teria feito a pausa. A Jane retomou a um ritmo um pouco mais rápido às 22h37, novamente sem óculos.)

Para fins práticos da nossa discussão falaremos desses universos como formando um sistema fechado.

A energia aparentemente perdida ou dissipada ou não usada no universo físico com efeito deixa-o; porém, transfere-se, infiltra-se no universo de sonho e aí ajuda a garantir a existência do próprio universo físico, uma vez que a existência de cada um desses dois campos ou existência depende da existência dos outros, de muitas maneiras práticas.

A energia é então transformada no universo de sonho e regenerada de novo e utilizada na formação do universo de energia negativa, no qual se infiltra do universo dos sonhos. As nossas discussões precisarão debater minuciosamente a natureza do universo onírico antes de podermos esperar ser capazes de considerar o universo da matéria negativa, mas não lhes fará mal manter os factos mencionados em mente.

Conquanto aparentemente fechados, todos os universos têm as suas origens uns dentro dos outros. Já mencionei em sessões passadas a relação existente entre a matéria negativa e a positiva, com respeito à pulsação de energia em átomos no vosso universo. Também lhes disse que vocês existiram tanto tempo fora do vosso universo físico quanto existem nele, mas não referi que tinham existido em termos idênticos. Em certos aspetos vocês existem de modo idêntico no mundo da matéria negativa, mas na maioria dos aspetos não existem.

Psicologicamente, caros amigos, não existis. Um dia destes hei de discutir uma faceta fascinante que, embora significativa não demolidora, com respeito aos gémeos idênticos, em que gafes ocorreram nesta linha. Psicologicamente não há identidade, embora alguns aspetos sejam partilhados. Estou aqui a referir-me à identidade existente entre vós e a existência de um eu paralelo no mundo da matéria negativa. O eu paralelo não seria reconhecido por vós como psicologicamente idêntico, e com efeito é bastante independente, e um subproduto. Mas uma vez que se pode dizer que todos os seres sejam um subproduto num certo aspeto, isso não implica nenhuma perda de igualdade.

Fomos suficientemente longe esta noite e vou encerrar em breve. Uma nota: o Ruburt deve manter-se apenas por um curto período, ainda no horário curto para o tempo psicológico. E em nenhum caso houve distorção nas nossas previsões quanto às vendas do Ruburt. Não distorções, propriamente ditas. Houve, sim, alguma falta de correlação e, como supuseste, o Joseph, por vezes na interpretação.

(*Esta última afirmação referir-se-ia à 104.ª sessão, de 4 de novembro de 1964. Ver páginas 125-126. Aqui o Seth fez declarações bastante fortes relativamente a vendas da Jane dos seus escritos. Como até agora nenhuma se concretizou — no que respeita a a Jane ter sido notificada —, perguntamo-nos como deveremos interpretar tal material.*)

As experiências do próprio do Ruburt com previsões vão acelerar a sua capacidade de deixar passar, nas nossas sessões, segmentos mais longos sobre qualquer previsão específica. Têm recebido alguns fragmentos perfeitamente legítimos, mas os dados não foram corretamente correlacionados nos vossos termos, pelo que não sabem como os juntar. Mas, com prática, os resultados serão melhores e — perdoa o trocadilho — mais previsíveis.

Vou agora encerrar, embora eu próprio esteja num humor brincalhão e afável; e, se alguma vez arranjarem o vosso gravador, podemos usá-lo de vez em quando, apenas em tais ocasiões; quando a sessão regular terminar e as vossas mãos estiverem cansadas, podemos conversar.

Os meus mais calorosos parabéns pelos teus progressos, o Joseph. E agora, boa noite, caríssimos amigos.

(“Boa noite, Seth.”

(*Fim às 22h55. A Jane estava totalmente dissociada. A minha mão de escrita também estava bastante cansada.*

(*O Seth já mencionou antes o uso do gravador. Tenho-me perguntado, no entanto, quanto é que o usaremos quando estiver arranjado. Geralmente, no fim de uma sessão, a Jane está cansada, pronta para terminar. Eu não seria a favor de prolongar o trabalho dela nesses casos. Teria de continuar da mesma maneira que quando dita para mim; eu ter uma folga não lhe faria bem.*

(*Presumo que as felicitações do Seth para comigo se refiram ao ritmo acelerado das minhas vendas de pinturas, desde que comecei a pôr em prática alguns dos seus conselhos. As vendas têm crescido, para minha surpresa. Na verdade, tenho agora duas encomendas antecipadas de obras ainda por concluir; é a primeira vez que me encontro numa posição tão agradável, no que toca à venda de quadros.*)

(*A informação que se segue é do caderno de tempo psicológico da Jane:*
(24 de novembro, terça-feira, 11h30: Bom estado alcançado.
(24 de novembro, terça-feira, 0h: Antes de adormecer, vi uma página da revista Time e estava a lê-la. Não me recordo do que dizia. Pedi para ver as manchetes ou a capa. Depois vi o que penso ser a capa. Estava em letras grandes, vermelhas, mas desfocadas.
(25 de novembro, quarta-feira, 11h45: Bom estado alcançado.)

(*Os dados seguintes são do meu caderno de tempo psicológico:*

(24 de novembro, terça-feira, 0h: Por engano incluí os dados deste dia na página 152; isto é, antes da sessão de segunda-feira, em vez de antes da sessão de quarta-feira.

(25 de novembro, quarta-feira, 19h30: Vi novamente as minhas árvores pintadas, e outra vez com boa duração. Tive também outras visões e ouvi vozes que não consegui reter. No entanto, tive uma experiência excelente que me lembrou a do dia 19 de novembro, em que o meu calcanhar esquerdo pareceu como se a cama tivesse desaparecido por baixo dele. Hoje veio a mesma sensação, mas desta vez senti que a cama tinha desaparecido por baixo de ambas as pernas, desde as barrigas das pernas para baixo. Ambos os pés pareceram assim suspensos no ar. Pude verificar de facto a cama por baixo deles, exercendo pressão para baixo.

(*A sensação durou muitos minutos e foi bastante agradável. A certa altura, voltei também a sentir uma espécie de "ponte" ou conetivo de carne, desta vez do meu calcanhar esquerdo até ao interior do meu dedo grande direito do pé. Ao mesmo tempo, experimentei a sensação de ter os pulsos ligados da mesma maneira aos flancos, enquanto estava deitado de costas. Todas estas três sensações foram muito nítidas. Experimentei também a minha habitual sensação de arrepio algumas vezes, de forma suave.*)

SESSÃO 110

INQUIRINDO A CONSCIÊNCIA E A CRIAÇÃO CONTÍNUA
25 DE NOVEMBRO DE 1964

Quanto ao que amo, essa pergunta tem muitas implicações. Amo a consciência inquisitiva, em qualquer forma que se manifeste. Esta é a resposta mais simples, direta e espontânea que posso dar. Outro pensamento que me ocorre é o amor pela criação contínua, que se forma constantemente por, através e por causa da consciência inquisitiva. A consciência, ao indagar, é sempre individualizada e, graças a essa incrível diversidade, inúmeras formas tornam-se possíveis.

Tudo o que existe é uma manifestação da consciência atenta, individualizada e inquisitiva. Amar essa consciência é uma disciplina e, ao mesmo tempo, uma devoção pessoal quase ilimitada. Digo disciplina porque, sempre que a consciência inquisitiva individualizada se expressa através da forma, não apenas manifesta a sua espontaneidade – e isto não é uma contradição – mas, ao expressar a sua espontaneidade, também a disciplina. A forma implica sempre disciplina. O amor pela consciência inquisitiva individualizada sempre foi a minha força e a fonte da minha energia.

QUANDO NASCE O EU?

As palavras são métodos de comunicação bastante ineficazes. A pergunta "quando nasce o eu?" exigiria muitas sessões para ser plenamente respondida. De forma tão simples quanto possível: o eu interior, aquele que dá ao ego o seu significado vital e a sua continuidade, está constantemente a nascer.

Não há um momento específico no tempo, tal como o concebes, em que o eu comece a existir. Ele está constantemente num estado de vir a ser. Expande-se e desenvolve-se em termos de realização de valor, de uma forma que nada tem a ver com espaço e tempo. O eu desenvolve-se e expande-se como uma ideia que cresce sem ocupar espaço. O eu pode projetar-se nas dimensões do espaço e do tempo, mas essa projeção é apenas uma pequena parte da sua realidade total.

Mesmo os elementos superficiais do eu — o ego e as camadas superiores do subconsciente — não podem ser considerados como tendo um momento fixo de nascimento. O eu é mais vasto do que imaginas. Possui capacidades intelectuais que não utilizas. É capaz de distinguir com uma subtileza que te escapa atualmente. O eu tem métodos não apenas de perceção, mas também de análise e avaliação, que o ser humano em geral raramente usa.

O eu é limitado apenas pela sua própria ideia de limitação. O ser humano sempre temeu aquilo que não conseguia objetivar. Tentou separar todas as realidades possíveis de si mesmo, colocá-las diante de si, segurá-las nas mãos para as poder observar e estudar. As realidades mais próximas do eu, aquelas que não podem ser separadas e examinadas como objetos externos, são as que mais o assustam. Tentou negar a existência dessas realidades, mas sem sucesso. Não podes segurar uma experiência psicológica como se segura uma pedra. No entanto, uma experiência psicológica pode ser mais densa e mais pesada do que qualquer rocha.

Não podes colocá-la numa balança, e mesmo que te pareça cinzenta, nunca a verás com os olhos como vês uma pedra cinzenta. Uma experiência psicológica não ocupa espaço da forma como um objeto físico ocupa, mas pode preencher-te completamente. Ainda assim, ninguém duvida da realidade das experiências psicológicas. Toda a gente reconhece a sua existência pelo impacto que têm.

Da mesma forma, há outras realidades que não podem ser examinadas pelos sentidos físicos, mas que não deixam de existir por isso. São realidades tão intrínsecas ao eu que não podem ser separadas dele nem objetivadas.Isso não significa que não possam ser compreendidas ou que não possam ser provadas intelectualmente. Significa apenas que o método de investigação deve ser diferente.

INTUIÇÃO E EQUILÍBRIO

Tem de haver sempre um equilíbrio entre espontaneidade e disciplina. A intuição e a disciplina, combinadas, podem ser usadas para investigar aqueles aspetos do eu que estão tão interligados que não podem ser separados. Quimicamente, eletricamente e magneticamente, as extensões do eu permeiam o universo. No entanto, para fins práticos, e para reduzir a quantidade de dados com que o eu tem de lidar, são estabelecidas divisões arbitrárias.

Diz-se que o eu existe até certo ponto e que além disso começa o "não-eu". Contudo, essa separação não é real, apenas facilita a perceção do eu no plano físico. O olho vê, mas não pode ver-se a si próprio. Da mesma forma, o eu existe, mas não pode examinar-se diretamente. Por isso, para perceber o eu, o único caminho possível é a viagem interior. Olhar para fora nunca permitirá compreender aquilo que está dentro. O homem, no entanto, tem evitado essa viagem interior.

Sempre tentou validar apenas aquilo que podia medir, pesar e objetivar. No entanto, até a ciência moderna começa a perceber que os sentidos físicos muitas vezes enganam. Os objetos sólidos são sólidos apenas do ponto de vista dos sentidos. Na realidade, são compostos, na sua maior parte, por espaços vazios entre as partículas. Isso não significa que os sentidos sejam pouco fiáveis.

Significa apenas que são fiáveis dentro de certos limites muito específicos. Para compreender verdadeiramente a realidade do eu e do universo, é necessário ir além desses limites sensoriais. A intuição, a introspeção e os sentidos internos são as ferramentas que permitem essa perceção. E este é o caminho para compreender a verdadeira natureza da realidade.

SESSÃO 111

30 DE NOVEMBRO DE 1964

(A Jane estava algo cansada antes de a sessão começar e não tinha ideia do material que poderia ser abordado.

Pouco antes da hora marcada, mencionei que esperava que o Seth esclarecesse a discrepância relativa à data do seu nascimento. Fora dada como 1486 na última sessão. Pensamos que deverá ser 1586, para bater certo com material apresentado em várias sessões anteriores. Mencionei também que esperava que o Seth dissesse algo sobre a nossa experiência de sábado à noite passada, quando a Jane contactou o porta-voz sem nome do "grupo". Ver páginas 167–168. Em particular, estávamos interessados em saber por que motivo nos foi dada tão pouca informação efetiva.

A Jane começou a ditar à hora certa, com uma voz apenas um pouco mais grave do que o habitual. A sua transmissão foi mais rápida do que o modo especialmente lento da sessão anterior. O seu compasso era regular, os olhos escuros e, novamente, estava sem óculos.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Podemos ter uma sessão breve.

Antes de mais, mencionarei que é a data de 1500, e não a de 1400, a correta para a minha existência na Dinamarca.

As nossas perspetivas para o futuro imediato envolverão discussões sobre os nossos três campos universais, o seu desenvolvimento, inter-relação, correlações e pontos de referência.

Dados de um desses universos podem, e de facto servem, como ponto de referência noutro. Numa tal circunstância, os dados são, naturalmente, interpretados de acordo com o universo em que aparecem. Uma ação pode, portanto, ocorrer no mundo da matéria e ser percecionada tanto no universo da matéria negativa como no mundo dos sonhos; mas, nesse caso, cada universo interpreta a ação de acordo com — e dentro — da sua própria estrutura de referência.

Ver-se-ão correlações que surgirão em cada um destes universos. Poderiam parecer distorções. Representam, no entanto, quase reflexos da mesma ação, vistos a partir de pontos dimensionais diferentes.

Um estudo das correlações, com o seu efeito distorsivo, pareceria produzir dados inteiramente diferentes. Apenas um observador de fora do sistema de universos de três campos poderia julgar que ocorrera uma única ação, e não três. Será mais simples falar, primeiro, de tais correlações a ocorrer dentro do universo de sonho e do universo da matéria, já que o universo de sonho vos é o mais próximo, tanto em termos psíquicos como eletromagnéticos.

À medida que avançarmos e retomarmos o estudo do nosso universo de sonho, envolver-nos-emos também no estudo de eventos mentais tal como ocorrem em ambos os sistemas. E, por eu estar presentemente não envolvido no vosso sistema, posso dar exemplos, à medida que ocorrem, de tais ações mentais tal como são percecionadas tanto no universo da matéria como no universo de sonho.

Estes atos não são apenas interpretados de forma diferente; têm também, naturalmente, efeitos que são causados não só pela ação inicial, mas também pelo aspeto distorsivo dessa ação num dado sistema. A reação a uma tal ação mental é feita não apenas ao ato em si; a reação faz-se ao aspeto de um ato inicial, tal como é projetado para o segundo sistema.

A sua própria aparição, ou projeção, num segundo sistema, portanto, provoca uma mudança aparente no próprio ato. Para todos os efeitos, uma tal ação torna-se diferente, quando, na realidade, é a mesma.

Se recordardes, novamente, o nosso material sobre a quinta dimensão, vereis como isto tem de ser assim. Será muito mais simples perceber tal efeito distorsivo de uma ação mental à medida que ocorre nos universos do sonho e da matéria. Em todos esses casos, a ação mental ocorre simultaneamente em todos os sistemas em que terá realidade — isto é, nos quais pode ser usada como ponto de referência.

Nem todas as ações mentais são usadas como pontos de referência em todos os sistemas. Não entrarei agora nas razões.

(Ver a 12.ª sessão [no Volume 1] para material sobre a quinta dimensão.)

Pode haver a aparência de um intervalo temporal de um tipo ou de outro entre ações mentais e a sua aparição ou projeção noutros sistemas, mas isso é um efeito distorsivo. Tais efeitos distorsivos, tais distorções, são frequentemente correlacionados dentro de um dado sistema e aceites como fundamento da natureza da realidade. E todos os dados posteriores são então aceites segundo a facilidade com que podem ser admitidos dentro desse enquadramento, sendo as distorções confundidas com a realidade subjacente.

Teremos ainda muitas sessões a lidar com o universo de sonho. Para além da interpretação de sonhos, especificamente — na qual, reconheço, estais mais interessados —, para além da explicação dos sonhos enquanto se aplicam à vossa manipulação no mundo da matéria, discutiremos

símbolos oníricos enquanto se aplicam não ao mundo da matéria, mas ao próprio universo do sonho.

Olharemos para dentro a partir do outro lado, pois há também um olhar para dentro a partir do outro lado. Já referi que, por baixo da camuflagem, a quinta dimensão é verdadeiramente transparente. Disse que os dados do universo de sonho têm efeito sobre o vosso universo, assim como o vosso universo tem efeito sobre o universo de sonho. É também verdade que o universo de sonho está, pelo menos, tão familiarizado com o vosso universo quanto vós o estais; e, à medida que sintonizais com ele, por assim dizer, e embora sejais necessários à sua sobrevivência — criando-o —, também o universo de sonho sintoniza convosco. Assim também a vossa sobrevivência depende da sua, e, desse ponto de vista do "outro lado", ele cria-vos como subproduto.

Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 21:32. A Jane estava dissociada, como de costume. Disse que podia sentir o Seth a ganhar intensidade ao longo da transmissão até ao último parágrafo do material.
A sua transmissão fora bastante rápida, mas abrandou quando retomou às 21:38.)

A última afirmação não vos deverá surpreender.

Todos os sistemas — e isto é uma afirmação geral —, todos os sistemas estão, em certa medida, interenvolvidos. Isto aplica-se aos sistemas mais pequenos e aos maiores.

Já o disse e repito: na verdade, não existem sistemas fechados. Podem parecer fechados para quem está dentro, mas não o são, e há aberturas naquilo que parece fechado. Trataremos diretamente, no nosso futuro material sobre sonhos, de ações mentais específicas e do diferente aspeto que essas ações assumem nos universos do sonho e da matéria.

Isto envolverá tanto trabalho quanto aquele que já fizemos sobre a natureza da matéria, e levar-nos-á mais longe nessa discussão. Tenho de ir sempre pegando em múltiplos fios, à medida que avançamos, para conseguir clarificar sequer um ponto. O hábito — quando se torna vigoroso — de tentar ver o vosso sistema "de fora" ser-vos-á de grande proveito.

Tocámos nisto, brevemente, quando falei de objetificação. O estudo do universo de sonho exigirá uma viagem para dentro, através do subconsciente e para além dele. Exigirá também uma certa objetividade, no sentido em que tereis então de tentar ver o vosso próprio universo a partir do outro lado. Isto envolve, claramente, uma mudança de foco e a disposição para, por momentos, desligar as capacidades tanto do intelecto como das intuições dos familiares pontos de referência da camuflagem.

Tende presente, aqui — embora a discussão espere ainda bastante —, que ocorre uma relação semelhante entre o universo de sonho e o mundo da matéria negativa. Envolvendo este sistema tríplice, existe, por assim dizer,

um invólucro de fenómenos psíquicos não camuflados. Ou seja, gestalts de energia psíquica, de que falaremos muito mais tarde. Contudo, são importantes; e, pelo que agora sabeis, percebeis que estas formas de energia representam unidades de encerramento mental, a operar do mesmo modo que aquelas de que falámos quando discutimos o desenvolvimento inicial da energia no campo físico.

(Essas, portanto, para todos os efeitos, fecham fileiras, abrangendo os três sistemas e não aceitando, neste momento, quaisquer outras adições. À medida que evoluem, podem atrair outras formas de energia e construir extensões do sistema.
A interioridade — ou energia interior — que forma todos esses sistemas é o estabilizador inventivo; e, no entanto, na sua busca, cria sempre novas saídas que resultam num caos criativo, numa falta de equilíbrio temporário que depois é restabelecido. É, portanto, a partir dessa interioridade, operando através das suas formas, que surgem todas as inovações e de onde se podem esperar os desenvolvimentos aparentemente mais inesperados.)

Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 22h00. A Jane estava dissociada, como de costume. Durante o intervalo, mencionou que queria saber se podia voltar a praticar o tempo psicológico durante meia hora por dia, em vez de quinze minutos. Eu disse que esperava que o Seth dissesse algo sobre o "grupo" com que a Jane contactou no sábado à noite. Ver páginas 167–168.)

(A Jane retomou no mesmo tom lento e deliberado às 22h07.)

Ora bem. A vossa experiência da outra noite foi, de facto, perfeitamente legítima.

O modo do meu amigo foi uma leve repreensão dirigida a mim — e também uma brincadeira entre nós —, já que eu lhe dissera que não queria que vos confundisse nem que abordasse assuntos que estavam a ser tratados no nosso material.

Eu não queria que ele aparecesse como professor substituto e, com todas as boas intenções do mundo, causasse mal-entendidos na minha aula. Assim, ele, numa brincadeira para comigo, decidiu não vos dizer absolutamente nada e mal responder a qualquer das vossas perguntas.

Estamos bem familiarizados um com o outro. Os nossos métodos de ensino variam, apenas isso. Talvez, para vosso espanto ou divertimento, possamos reunir-nos numa noite qualquer — embora não durante uma sessão regular. E isto não é mais do que uma probabilidade. Disse-vos que esta seria uma sessão bastante breve — e assim será.
O Ruburt pode tentar um exercício de tempo psicológico de meia hora amanhã e na quarta-feira, se assim o desejar, e então veremos.

Esta foi uma excelente sessão. As minhas mais afetuosas saudações a ambos; e, se não quiserdes conversar com os meus amigos, não tendes de o fazer.

Disse-lhes que ambos eram muito exigentes quanto ao que viam e a quem se dignavam dirigir a palavra. Especialmente aquele teimoso do Ruburt.

E agora, depois da minha fraca piada, direi boa noite.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22h17. A Jane estava dissociada, como de costume. Ao sentar-se, disse: "Ele pode ter dito boa noite, mas ainda não se foi. 'Noite, Seth." Ficámos em silêncio por um ou dois minutos, caso a Jane retomasse o ditado. Depois, ela anunciou que o Seth se tinha ido.

A Jane terminou a sessão com um sorriso. Evidentemente, captou o meu pensamento sobre conversar com os amigos do Seth. Enquanto tomava o seu ditado, estava a pensar em como é que faríamos para falar com mais do que uma entidade numa sessão. Ela respondeu-me a esse pensamento ao encerrar a sessão.)

(A informação que se segue são do caderno de tempo psíquico da Jane:)

(1 de dezembro, terça-feira, 11h30: excelente estado. Perto do fim do período, tive a sensação nítida de que podia elevar-me. Era uma sensação uniforme em todo o corpo.

2 de dezembro, quarta-feira, 11h30: novamente um bom estado alcançado. "Vi" uma mesa coberta de branco, com um objeto em cima. Quis ver o que era. Tive então a sensação de que deslizava até à mesa, de alguma forma, pois aproximei-me dela. Vi que o objeto era um hambúrguer; depois desvaneceu-se. O sanduíche não parecia muito espesso. [Tive também, levemente, aquela sensação de ser atingida no topo da cabeça.]

Nota: a Jane experimentou o tempo psicológico durante meia hora em ambas as ocasiões acima. O Seth concordara com isso na última sessão.)

(Nos dias 1 e 2 de dezembro, também tentei o tempo psicológico, mas nada tenho a relatar além de algumas pequenas sensações nas mãos.)

SESSÃO 112

2 DE DEZEMBRO DE 1964

(Por coincidência, esta sessão realizou-se no aniversário da nossa primeira sessão. Foi nessa que fizemos contacto com o Frank Watts. O Seth não anunciou a sua presença antes da 4.ª sessão. Ver Volume 1, página 23.

A Jane não tinha ideia do material para a sessão desta noite. Estava novamente bastante cansada. Aumentou recentemente o seu dia de escrita em uma hora e ainda não se habituou à mudança.

Começou a ditar à hora certa, com voz normal e a um ritmo muito mais rápido do que vinha usando ultimamente. O seu compasso também era mais veloz. Estava, novamente, sem óculos e com os olhos escuros.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

O nosso "olhos-brilhantes" Ruburt tem estado menos do que brilhante, ultimamente.

Isto deve-se apenas ao tempo adicional que ele acrescentou ao seu horário, e rapidamente se habituará às novas condições.

Para uma rotina diária, contudo, seis horas de escrita serão suficientes. E sim, um passeio diário deve certamente ser prescrito.

A atividade mental exige mais energia de um certo tipo do que a atividade física — e a razão aqui é algo curiosa, pois, sob vários aspetos, o trabalho criativo requer a energia extra utilizada numa espécie de repressão. As ideias, por exemplo, não são diretamente concretizadas ou totalmente construídas de forma material. Elas são expressas, e, contudo, são reprimidas de se tornarem construção física completa — pelo próprio ato da criação artística. Há aí uma divisão do eu.

A ideia é exposta, mas não lhe é permitido expressão em forma física completa. A energia que seria usada na construção material completa da ideia é, antes, transfixa; mantida, suspensa — mais ou menos viva, mas incompleta — e, portanto, em muitos aspetos, imortal.

A energia extra necessária é aquela usada para impedir que a ideia encontre a sua realização em termos concretos, forçando-a a fluir por um canal diferente. O impulso para tal criatividade, no vosso campo, é essencialmente duplo, embora outros elementos possam intervir: há o desejo exuberante de expressar-se — o mesmo desejo exibido por toda a energia —, mas há também uma profunda insatisfação com o universo tal como é interpretado, e uma relutância em acrescentar-lhe algo nos seus próprios termos. Daí a busca de uma condição de existência que esteja, simultaneamente, dentro e fora da estrutura convencionada comum.

Tal como num quadro de paisagem, há frequentemente uma tentativa, meu caro Joseph, de "roubar", por assim dizer, os elementos da vida que

agradam ao artista, transpondo-os ou fixando-os de modo a torná-los invulneráveis aos elementos que o desagradam.

Tais processos são extremamente complexos. A psique humana adiciona os seus próprios efeitos distorsivos — e é sobre esses que temos falado.

Ainda assim, existem correlações importantes entre a criatividade humana e o impulso inerente de toda a energia para a criação e inovação; pois a própria energia procura eternamente aperfeiçoar-se precisamente dessa forma.

O Ruburt acrescentou mais tempo ao seu dia de escrita e está agora também a pintar mais. Está a usar o mesmo tipo de energia. Contudo, levará apenas um curto período para recuperar, e em breve terá, de longe, mais energia do que esperava.

Encerrando esta parte da discussão:

Agora que sabeis algo sobre a natureza da matéria, vereis que toda a matéria é ação mental objetivada, e que, basicamente, tal ação ocorre simultaneamente no presente amplo, formada por energia individualizada através da criação de invólucros mentais.

As ações simultâneas, a acontecer ao mesmo tempo, surgem em múltiplos campos de atividade. E, vistos a partir desses campos, **pareceria** que o tempo, tal como o conheceis, está envolvido. Sabeis, porém, que **o** tempo não está envolvido. A aparência desse tempo é causada pelas mudanças ou transformações aparentes da ação quando ela entra em qualquer campo de camuflagem dado.

A ação só é aparente ou visível num campo particular quando adota a coloração de camuflagem do campo em questão. Basicamente, **a** ação não mudou. **A** distorção de camuflagem é como o efeito que os reflexos da água têm sobre a imagem que nela se projeta.

Uma árvore refletida na água continua a ser **a** mesma árvore, e permanece inalterada como **o** ato mental permanece inalterado. Tal como **o** reflexo da árvore, porém, dá um aspeto ondulante e distorcido, também quando **a** ideia é projetada para outro campo ela é vista de modo distorcido.

O reflexo distorcido da árvore em nada altera **a** árvore real. **As** distorções que ocorrem quando **um** ato mental surge noutro campo em nada alteram **o** ato mental.

Podeis fazer o vosso intervalo.

(Intervalo às 21:33. A Jane estava dissociada, como de costume. Sentiu-se bem enquanto ditava, mas cansada assim que o intervalo chegou. Ainda assim, produziu material bastante acima da média. Retomou, no mesmo tom expedito, às 21:37.)

Agora. Usei a analogia acima para sublinhar o ponto que quis fazer. Contudo, há aqui também uma diferença importante que será algo delicada de expor.

No vosso campo, quando **a** árvore se reflete na água, **a** árvore em si está imóvel. No nosso universo básico, **a** árvore, mantendo-se imóvel, cairia, no entanto, estrondosamente dentro de **a** água.

(A Jane sorriu enquanto passeava pelo quarto.)

Isto aconteceria do seguinte modo: **a** ação — **a** ação mental — tenta constantemente recriar-se. Ela recria-se no momento do seu nascimento, com múltiplas variações e diferenciações subtis; e, ao fazê-lo, mergulha automaticamente, ou projeta-se, naqueles campos que atraem **a** gama particular dessas diferenciações.

Ainda assim, essas projeções ou reflexos não alteram **o** facto, nem mudam **a** natureza básica do chamado ato mental original; e ele permanece tão intocado pelos seus próprios reflexos como **a** árvore imóvel permanece independente dos seus reflexos na água.

Estamos apenas a acrescentar dimensões de realidade aqui que **a** vossa árvore não possui, e estamos também a acrescentar **uma** mobilidade diferencial que **a** vossa árvore não possui.

Esta discussão pode exigir mais entendimento do que vós ou **o** Ruburt possuís, mas não creio que assim seja. Em tudo isto, quando uso **a** palavra "original" ou "inicial", falo apenas para clarificar certas ideias, porque pensais dentro de **um** referencial de continuidade.

Quis dar-vos este material porque é basilar para qualquer compreensão dos atos mentais tal como ocorrem no universo de sonho e no universo da matéria. Haverá também informação adicional sobre **o** conceito de tempo, dado que **a** experiência do tempo está fortemente ligada ao movimento dos atos mentais à medida que são projetados para fora do seu centro, para os campos dos vários sistemas de camuflagem.

É **o** efeito da camuflagem o responsável pela experiência do tempo tal como a considerais.

Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 21:53. A Jane estava dissociada, como de costume. Note-se a hora invulgarmente cedo para o intervalo. Continuava cansada. Disse que o Seth teria terminado a sessão às 22h00, mas que decidiu continuar. Novamente sem óculos, retomou a um ritmo mais lento às 21:59.)

O tempo é meramente **o** efeito causado, dentro de um dado sistema, pelo próprio sistema a operar sobre **uma** ação mental quando **a** ação entra no seu enquadramento.

Há aqui também outra coisa, relativa à aparência do tempo, que eu não poderia ter abordado convosco mais cedo, porque não a teríeis compreendido. É **um** ponto importante, e será **o** último ponto principal que trataremos esta noite.

Se vos recordais, quando falámos do desenvolvimento da energia consciente individualizada dentro do vosso campo, falámos de unidades a

agregarem matéria em torno de si e, em vários momentos, a tornarem-se sistemas mais ou menos fechados, acumulando dentro de si **uma** reserva mais ou menos estável.

(Entre outras, ver as 86.ª e 109.ª sessões.)

Agora. De modo muito semelhante ao comportamento desses átomos, também outras unidades se comportam, incluindo grandes, como vários universos-campo. Lembrai-vos: sistema nenhum é realmente fechado — apenas parece sê-lo. Contudo, existe **uma** resistência em torno de tais unidades, grandes ou pequenas; e é através dessa resistência que **uma** ação mental tem de surgir, e dentro da qual operam as características ou camuflagens das unidades.

Para todos os sistemas, o chamado tempo mede-se com **a** entrada, ou projeção, de qualquer ação mental através dessa barreira de resistência. **A** ação mental projetada tem de continuar a projetar-se. Quando atravessa completamente **um** sistema, então, dentro do sistema, parece que **a** ação mental deixou de existir — e, novamente, marca-se **o** tempo.

O lapso aparente entre **os** pontos de entrada e de saída deste movimento surge, então, como **uma** medida conveniente dentro do sistema — **uma** medida a que, no vosso sistema, se chama tempo.

Como ambos vos mostrais cansados esta noite, e visto que **o** material que eu queria transmitir já foi dado, teremos **uma** sessão curta. **A** regularidade das sessões é **o** fator importante e, como sabeis, a sua duração varia conforme muitas circunstâncias. No entanto, as sessões estão a correr extremamente bem. Sei que **a** vossa introdução ao Frank Watts foi há um ano e espero que ambos compreendais quanto aprendestes e quanto progredistes. **O** que já aprendestes nunca vos poderá ser tirado e servir-vos-á bem.

Quanto a mim, tenho andado por aqui já há bastante tempo, e achei **a** experiência muito agradável. É porque espero muitos anos de tais sessões que não me preocupo demasiado com **a** duração de qualquer conjunto particular de sessões.

Espero que não vos canse de mim. Agora, desejo-vos **uma** afetuosa boa noite. E, Joseph, podias ao menos dar-me **um** sorriso camarada. Estiveste mais sério esta noite do que eu costumo estar — e isso diz muito.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22:18. A Jane estava dissociada, como de costume. Estivemos ambos algo sombrios durante a sessão.)

(Os seguintes dados são do caderno de tempo psíquico da Jane:)

(3 de dezembro, quinta-feira, 11h35: bom estado de leveza alcançado. 4 de dezembro, sexta-feira, 11h30: impressão de que alguém "subiu flutuando" e me beijou na face. Vi vagamente um copo e um candeeiro aceso com um abajur de pin-up. Também vi, claramente e por um instante, os pássaros no telhado da nossa casa, através da janela da sala de estar.

Enquanto me deitava por meia hora esta noite, vi claramente a rua em frente da nossa casa. Por um momento pensei que tinha os olhos abertos, mas não tinha.
7 de dezembro, segunda-feira, 11h30: sem resultados.
A Jane está agora a praticar tempo psicológico durante meia hora por dia.)

(Do meu caderno de tempo psíquico:)

(3 de dezembro, quinta-feira: falhado. 4 de dezembro, sexta-feira, 21h00: sensação geral de expectativa, como se estivesse prestes a elevar-me. Parecia pesar menos. A sensação durou um pouco. As mãos e os braços pareciam repousar num nível um pouco mais alto do que o resto do corpo. 5, 6 e 7 de dezembro: falhados.)

SESSÃO 113

7 DE DEZEMBRO DE 1964

(A Jane não tinha ideia do material que seria abordado à medida que se aproximava a hora da sessão. Começou a ditar com uma voz um pouco mais firme e rápida do que o habitual. O seu compasso também era mais acelerado. Mais uma vez, estava sem óculos e com os olhos escuros como de costume. Sorriu.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Queria dar-vos a seguinte — suponho que bem-vinda — notícia: vão ter algum tempo de descanso. Não tencionava, particularmente, manter tantas sessões sem vos conceder uma espécie de férias.

Por um lado, deixo-me facilmente levar, e o nosso material tem vindo a fluir tão bem que me esqueci completamente de que um período de repouso já era devido. Não será de grande duração, mas bastará para vos dar algum fôlego.

Embora tal período seja merecido, confesso que fico ciumento por perder qualquer sessão, como podeis imaginar, conhecendo-me como já me conheceis.

Apesar do meu próprio sentimento, terminarei esta sessão muito brevemente. Não haverá sessão na quarta-feira, e esse será o vosso período de descanso. Não é longo. Eu tinha planeado deixar-vos a noite de hoje completamente livre, mas quero antes fazer alguns apontamentos.

É necessário — mesmo deixando de lado a vossa saúde física, que está em boa condição, e a vossa saúde mental, que está ótima — é ainda assim necessário que vos conceda, de tempos a tempos, um período de relaxamento. Provavelmente será assim ainda por algum tempo, mas, num futuro mais distante, isso poderá já não ser necessário.

Prefiro que esse intervalo ocorra agora, e não mais tarde no inverno, por várias razões — relativamente pouco importantes — e por certos efeitos que explicarei mais tarde, apenas para vossa conveniência.

O ponto que queria sublinhar é que, em todas as instâncias, **a** energia — energia individualizada — materializa-se em qualquer campo, ou dentro de qualquer campo, através de invólucros mentais; que, por si, não são formados por camuflagem alguma, mas representam pontos de entrada compostos de pura energia, para a sua penetração e eventual manipulação dentro de um dado campo.

Mais uma vez, tais entradas ou projeções de energia individualizada são, no início, simples, mas com todas as potencialidades e possibilidades de complexidade inerentes nelas.

Isto deve ser compreendido, pois será **a** base para discussões futuras sobre os nossos três campos universais próximos. Se não soubesse melhor, deixaria que o ciúme me impedisse de vos dar um período de descanso até que o pedísseis. No entanto, estou consciente das minhas responsabilidades nesta matéria. Espero sessões verdadeiramente excelentes a seguir.

Poderá haver a possibilidade, se o solicitardes, de uma sessão de folga durante as férias de Natal — mas apenas a vosso pedido.

(A esta altura, a Jane estava muito bem-disposta. A voz continuava mais forte do que o habitual. Sorriu várias vezes enquanto andava pelo quarto a passo rápido.)

Disse-vos que encerraria agora, e mesmo assim encontro dificuldade. Sou um verdadeiro falador. Posso dizer isto — vós, não. Posso espreitar-vos de vez em quando. Seria bastante difícil deixar-vos completamente por uma semana inteira. Voltaremos ainda mais fortes. Duas semanas não seriam realmente prejudiciais, mas não precisais de tanto, e por isso não vejo razão para o fazer.

Os meus votos mais calorosos a ambos. Que me vão dar pelo Natal?

("Não sei. O que queres?")

Devia certamente receber uma prenda de algum tipo — ou talvez devesse ser eu a dar-vos uma. Veremos. Não aparecerei carregado de luzes como uma árvore de Natal, mas nunca se sabe. Posso surgir adornado de outra forma. Se assim for, sabereis.

E agora, até à próxima segunda-feira, boa noite; e divirtam-se enquanto tiverem oportunidade. Pode ser que passem mais seis ou sete meses antes que tenham outra pausa destas.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 21h23. A Jane estava bem dissociada, para um primeiro discurso, disse ela. Ficou tão surpreendida quanto eu com a sessão curta e o tempo extra de descanso. Temos estado ambos bem; se precisávamos de um intervalo nas sessões, não estávamos conscientes disso. Nunca nos ocorrera pedir folga.)

(Os seguintes dados são do caderno de tempo psicológico da Jane:)

(8 de dezembro, terça-feira, 11h30: estado muito bom alcançado.
9 de dezembro, quarta-feira: falhado.
10 de dezembro, quinta-feira, 11h30: estado excelente alcançado.
11 de dezembro, sexta-feira: falhado.
14 de dezembro, segunda-feira, 11h30: vi novamente uma maçaneta de latão. Também ouvi vozes, mas não retive o que disseram. Tive a sensação de conseguir ver através das pálpebras fechadas.)

(Do meu caderno de tempo psicológico:)

(8 de dezembro, terça-feira, 20h30: vislumbre rápido e completo da Lois Williams, de pé diante de mim, fazendo um gesto cómico. Depois vi uma mulher loira, magra, sentada de perfil numa cadeira, voltada para a minha direita, com a cabeça inclinada para trás num ângulo. Estava a sorrir. Em seguida, vi um homem baixo, de cabelo escuro, com óculos de aros pretos. Parecia ser oriental. Apareceu bem por cima do meu olho esquerdo, de modo que tive de "olhar para cima" para o ver. Trazia algo como um bloco de notas e disse algo do género: "Agora, se me for permitido fazê-lo desta forma…")

(Tive boa duração da sensação de expansão na parte de trás de ambas as mãos. As pernas, dos joelhos para baixo, pareceram consideravelmente mais leves. Juntamente com esta sensação, também pareciam curiosamente atrofiadas, com a perna direita dobrada e parcialmente puxada para cima num ângulo estranho. Na realidade, estavam estendidas na cama.
Além disso, por vezes, o corpo parecia mais leve, como se estivesse a realizar um movimento exploratório.
9 de dezembro, quarta-feira, 20h30: Esta foi uma sessão muito interessante. Depois de alcançar um bom estado, comecei a sentir ou a percecionar vários pequenos "ondulados" ou movimentos, deitado de bruços. Depois, de repente, senti o corpo inteiro balançar de cabeça para a esquerda e depois para a direita, como se estivesse horizontalmente preso a um eixo ao nível do abdómen. A sensação foi rápida, mas bastante nítida. Foi seguida de mais algumas sensações menores de movimento.

Durante esta experiência, tive a minha sensação de êxtase duas vezes, com alguma intensidade.

Depois, a parte central do meu corpo pareceu afundar-se até ao nível da cama; tive o estranho pensamento de que estava mais consciente da cama sob o meu corpo do que do corpo em si. Era quase como se essa parte do corpo não existisse. Ao mesmo tempo, os braços e as mãos — que permaneceram onde estavam — pareceram elevados. Esta sensação foi também nítida e prolongada.

Quando o alarme tocou para terminar a sessão, os olhos abriram-se como de costume. O quarto estava bastante escuro, quase negro. No

entanto, diante de mim, vi, como uma imagem residual, um símbolo que o Seth descrevera na 84.ª sessão: um meio arco com uma linha cruzada diagonalmente, quase como um sinal de cêntimo invertido. O Seth afirmara que este pequeno símbolo, com algumas iniciais, estava num barco a remos em Provincetown, MA, e que o Bill Macdonnel deveria tê-lo visto enquanto passou algumas semanas lá. O Bill, porém, não tem memória disso.

O símbolo, tal como o vi, parecia suspenso no ar, a alguns metros de mim; e, embora o quarto estivesse escuro, só posso dizer que me pareceu vê-lo em linha preta. Naturalmente, o que vi é a minha reconstrução pessoal dos dados fornecidos pelo Seth.

10 de dezembro, quinta-feira, 20h30: bom estado alcançado. 12 de dezembro, sábado, 2h00: a Jane e eu tínhamos ido dançar, e ao deitar-me vi muitas visões de dançarinos, homens e mulheres. Também tive uma série inteira de vislumbres de pessoas — alguns deles muito nítidos, mostrando traços próximos, como olhos, etc. 13 de dezembro, domingo, 20h00: algumas pequenas sensações nas mãos, etc. 14 de dezembro, segunda-feira: falhado.)

SESSÃO 114

14 DE DEZEMBRO DE 1964

(Esta é a nossa primeira sessão desde segunda-feira passada, 7 de dezembro. Recordar-se-á que o Seth nos deu um breve descanso, suprimindo a sessão de quarta-feira. A Jane não tinha ideia do material que seria tratado à medida que a hora se aproximava. Começou a ditar com uma voz um pouco mais forte do que o habitual, num ritmo bastante lento, com muitas pausas. Os olhos estavam escuros como de costume, e tirou os óculos quando a sessão começou. O seu compasso era bastante pausado.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Espero que tenham apreciado as vossas breves férias.

Gostaria, esta noite, de falar mais sobre a inter-relação das várias unidades; pois, quando falo da inter-relação dos universos, lembrai-vos de que esses universos são também unidades — ou, se preferirdes, sistemas.

São apenas gestalts mais complexos, mas partilham das propriedades inerentes a todas as unidades ou sistemas, independentemente do tamanho ou complexidade aparentes.

Mais uma vez: não existem sistemas ou unidades fechadas, embora alguns possam parecer fechados aos habitantes que se encontram no seu interior.

Há uma inter-relação entre todos os sistemas ou unidades que existem. Esta inter-relação é independente do tempo, tal como o concebeis. A inter-relação entre unidades ou sistemas existe, portanto, não apenas entre os que vos parecem atualmente reais, mas também entre todos os sistemas ou unidades que considerais futuros ou passados, e os que vos parecem presentes.

Essa inter-relação não se dá em termos de causa e efeito, pois esta "lei" é uma interpretação distorcida da realidade. A inter-relação entre todas as unidades ou sistemas nada tem a ver com continuidade, nos vossos termos. Os sistemas ou unidades são, fundamentalmente, ações simultâneas.

Como participantes dentro de um sistema de ação, estais, em larga medida, limitados pela própria participação que vos confere realidade dentro desse sistema de ação.

O homem é, ele próprio, um sistema particular ou unidade de ação dentro de outros sistemas de ação, e é composto por outras unidades de ação.

Essa unidade e interdependência são, por si só, responsáveis pelo jogo de ações mentais e psíquicas que resultam na consciência individual — isto é, no ego.

Já vos disse que, por várias razões, nem toda a energia interior pode ser objetivada dentro de uma determinada ação. A parte da entidade que não encontra expressão num dado sistema procura-a noutro. Há, no entanto, uma porção da energia psíquica individual que reside — podeis dizê-lo assim — dentro ou atrás de cada manifestação física; e esta procura constantemente a inventividade em qualquer direção que lhe esteja aberta.

Assim também, porções de cada entidade encontram expressão simultânea dentro de vários sistemas ou unidades de ação, e devem então progredir dentro desses sistemas de acordo com as propriedades específicas dos mesmos.

As unidades ou sistemas são, portanto, abertos, interdependentes e simultâneos na realidade.

São formados — como vos disse anteriormente — a partir de energia consciente individualizada, que é a base das suas estruturas de camuflagem. Disse que eles não são contínuos, ou seja, não se estendem no vosso tempo, um antes e outro depois.

Por serem unidades ou sistemas, possuem, nos seus limites exteriores, uma resistência que lhes confere identidade unificada — uma resistência que tende a atrair elementos semelhantes e a repelir os dissemelhantes.

Mas também, nesse ponto de resistência, encontrar-se-ão, no caso do vosso sistema, partículas que pertencem tanto ao vosso sistema como a outro. Por outras palavras: onde dois sistemas se fundem, os limites resistentes de ambos são os mesmos.

Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 21h28. A Jane estava dissociada, como de costume. Durante o intervalo, apercebeu-se de que não fumara durante toda a primeira parte da sessão. Normalmente, a Jane fuma constantemente durante as sessões; nem eu tinha notado que ela passara sem cigarros. Eu próprio estava consciente, agora, de uma ligeira sensação de expansão nos dedos da mão direita — o terceiro dedo era o mais afetado. Nem a Jane nem eu temos tido muitas experiências deste tipo nas últimas sessões. Ver as 47.ª e 55.ª sessões [no Volume 2] para efeitos mais pronunciados deste tipo, incluindo medições.)

(A Jane retomou no mesmo tom bastante pausado às 21h36.)

Essas partículas atraem e repelem, ambas as coisas.

Se quisermos falar por analogia, então essas partículas têm duas faces. Se as considerardes como soldados a guardar as fronteiras, teríeis de imaginar uma criatura estranha — a nossa partícula — como um soldado de fronteira voltado simultaneamente para dentro e para fora do país em questão.

Ele seria composto do "sangue" de cada país, de modo que nenhum deles poderia detetar nele qualquer traço de estranheza.

Este é um ponto bastante importante, pois diz respeito a todas as unidades ou sistemas. O alinhamento interior e a estrutura eletromagnética de tais partículas são o principal fator que lhes permite existir — ou operar — dentro de dois sistemas ou unidades diferentes.

E, enquanto essas partículas atuam como forças de resistência nas fronteiras, são também forças de união — formando, por assim dizer, o tecido conetivo que, ao mesmo tempo, separa e une.

(Os seguintes dados são do caderno de tempo psicológico da Jane:)

(3 de dezembro, quinta-feira, 11h35: bom estado de leveza alcançado. 4 de dezembro, sexta-feira, 11h30: impressão de que alguém "subiu a flutuar" e me beijou na face. Vi, tenuemente, um copo e um candeeiro de pin-up aceso, com abajur. Além disso, por um instante, vi claramente as aves no telhado da nossa casa, através da janela da sala de estar. Enquanto me deitava durante meia hora, esta noite, vi claramente a rua em frente à nossa casa. Por um momento, pensei que tinha os olhos abertos, mas não tinha. 7 de dezembro, segunda-feira, 11h30: sem resultados. A Jane está agora a praticar tempo psicológico durante meia hora por dia.)

(Do meu caderno de tempo psicológico:)

(Quinta-feira, 3 de dezembro: falhado. 4 de dezembro, sexta-feira, 21h00: sensação geral de expectativa de estar prestes a elevar-me. Parecia pesar menos. A sensação teve alguma duração. As mãos e os braços pareciam repousar num nível um pouco mais alto do que o resto do corpo. 5, 6 e 7 de dezembro: falhados.)

(Tive boa duração com sensação de ampliação no dorso de ambas as mãos. As pernas, dos joelhos para baixo, sentiram-se consideravelmente mais leves. Juntamente com esta sensação, também pareciam curiosamente atrofiadas, com a perna direita dobrada e parcialmente puxada para cima num ângulo estranho. Na realidade, estavam estendidas na cama.
Além disso, por vezes, o corpo parecia mais leve, como se estivesse a realizar movimentos exploratórios.

9 de dezembro, quarta-feira, 20h30: esta foi uma sessão muito interessante. Depois de alcançar um bom estado, comecei a sentir ou a percecionar vários pequenos "ondulados" ou movimentos enquanto estava deitado de bruços. De repente, senti o corpo inteiro virar-se de cabeça para a esquerda, depois para a direita, como se estivesse horizontalmente articulado ao nível do abdómen. A sensação foi rápida, mas bastante nítida. Foi seguida por mais, e menores, sensações de movimento. Durante esta experiência, tive a minha sensação de êxtase duas vezes, com razoável intensidade.

Depois, a parte central do corpo pareceu ficar deprimida até ao nível da cama; ocorreu-me o pensamento estranho de que estava mais consciente da cama por baixo do tronco do que do próprio corpo. Era quase como se essa parte do corpo não existisse. Ao mesmo tempo, os braços e as mãos, permanecendo onde estavam, pareceram elevados. Esta sensação foi também nítida, com duração.

Quando o alarme tocou para terminar a sessão, os olhos abriram-se como de costume. O quarto estava bastante escuro, quase negro. Ainda assim, diante de mim vi, como uma imagem residual, um símbolo que o Seth descrevera na 84.ª sessão: um meio arco com uma linha cruzada na diagonal, quase como um sinal de cêntimo invertido. O Seth afirmou que este pequeno símbolo, com algumas iniciais, estava num barco a remos em Provincetown, MA, e que o Bill Macdonnel o deveria ter visto enquanto passou lá algumas semanas. O Bill, porém, não tem memória disso.

O símbolo, tal como o vi, parecia suspenso no ar, a vários pés de distância; e, embora o quarto estivesse escuro, só posso dizer que me pareceu vê-lo desenhado a negro. Naturalmente, o que vi é a minha reconstrução pessoal dos dados fornecidos pelo Seth. 10 de dezembro, quinta-feira, 20h30: bom estado alcançado. 12 de dezembro, sábado, 2h00: a Jane e eu tínhamos ido dançar e, ao deitar-me, vi muitas visões de dançarinos, homens e mulheres. Experimentei também uma série completa de vislumbres de pessoas, alguns deles close-ups muito marcantes de traços, como olhos, etc. 13 de dezembro, domingo, 20h00: algumas pequenas sensações nas mãos, etc. 14 de dezembro, segunda-feira: falhado.)

(Os seguintes são do caderno de tempo psicológico da Jane:)

(15 de dezembro, terça-feira, 11h30: experimentei, internamente, uma sensação de balanço lateral e outra da cabeça aos pés. 16 de dezembro, quarta-feira, 11h30: bom estado alcançado. Vi uma cortina opaca muito larga, fechada, e uma parede interior de madeira.)

(Do meu caderno de tempo psicológico:)

(15 de dezembro, terça-feira: falhado. 16 de dezembro, quarta-feira, 20h15: outra experiência bastante interessante. Depois de alcançar o estado desejado, vi alguns rostos vagos, masculinos e femininos. Depois comecei a dizer a mim mesmo que iria visitar o Ed Robbins, na casa dele em New Paltz, NY. Após alguns minutos disto, apercebi-me, de repente, de que as pernas, da zona inferior, pareciam estar fora da borda da cama, suspensas no espaço. A sensação foi surpreendente e bastante nítida. Estava consciente dela na perna esquerda, do joelho para baixo, e no tornozelo e no pé direitos. Não conseguia sentir a pressão dos membros sobre a cama.

Enquanto esta sensação ganhou alguma duração, comecei a experimentar novamente a minha sensação de existir em dois níveis. Não a tinha tido ultimamente, no entanto. Esta também foi nítida e prolongada. Primeiro, o tronco pareceu ficar deprimido (ou inexistente) sobre a cama. Depois apercebi-me de que o braço e a mão esquerdos se sentiam alguns centímetros mais altos do que o braço e a mão direitos. E, no entanto, sob ambos os membros eu sentia a presença da cama. Pareceu que o ponto de transição entre os dois níveis existia algures dentro do corpo, ou por baixo dele, mas eu não tinha consciência dele. Embora soubesse que a cama se encontrava sob ambos os braços, note-se que eu não tinha consciência da cama sob as pernas inferiores. Boa duração em ambos os efeitos.)

SESSÃO 115

A NATUREZA DAS REALIDADES

(A Jane não tinha ideia do material da sessão à medida que a hora se aproximava. Disse que, um ou dois dias depois de cada sessão, a lembrança dela parece-lhe um sonho; tem de a ler para verificar que realmente aconteceu.

Começou a ditar com uma voz muito mais firme do que o normal, e manteve-a assim durante toda a sessão. Por vezes, foi bastante alta, sem se tornar muito mais grave. Também falou um pouco mais depressa do que na sessão anterior. Mais uma vez, estava sem óculos, os olhos escuros como de costume. O ritmo era regular.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Gostaria de dizer algumas palavras sobre a natureza das realidades.

Isso servirá como uma ligação adicional para a nossa discussão sobre o universo dos sonhos e a sua interação com o mundo da matéria física. Escusado será dizer que a vossa definição de realidade é extremamente limitada, excluindo mais do que inclui.

Mesmo dentro da experiência humana, existem realidades que são inteiramente distintas das realidades dos objetos físicos. A experiência psicológica é uma dessas realidades indiscutíveis. As ideias são outra, e os sonhos são ainda outra. Os efeitos secundários dessas realidades podem manifestar-se sob forma material, mas a realidade original dessas experiências não pode ser capturada na matéria física.

Se tais experiências parecem menos reais do que as realidades mais obviamente materiais, também possuem, por vezes, uma vivacidade peculiar que não pode ser ignorada. A sua natureza é simplesmente diferente da natureza das realidades físicas. Se, ocasionalmente, parecem insubstanciais, é porque a sua substância é de uma qualidade distinta.

Elas parecem não ter a durabilidade física aparente de, por exemplo, uma mesa ou uma cadeira – que são exemplos de realidades físicas. E, no entanto, o seu efeito é muito mais duradouro, chegando mesmo a impressionar e, até certo ponto, a influenciar as realidades físicas, emergindo de forma intensa e, por vezes, explosiva no vosso universo. Estas realidades não se subordinam às medidas artificiais do tempo que tantas vezes vos limitam no quotidiano.

Movem-se através do tempo psicológico. A sua existência continua mesmo depois de a vossa consciência delas se ter desvanecido.

(Às 21h15, bateram à porta. A Jane interrompeu a ditação a meio de uma frase. Olhou para mim, sem palavras, enquanto eu caminhava para a porta, mas, antes de eu lá chegar, ouvi-a dizer: "Estou bem agora."

(Era o rapaz dos jornais. Paguei-lhe, e ambos brincámos com ele durante um minuto ou dois antes de ele partir. O modo de estar da Jane era o habitual. Depois de o rapaz se ir embora, a Jane disse que a batida dele interrompeu abruptamente a sua transmissão, mas que não saiu do transe leve com rapidez suficiente para ir imediatamente à porta. Podia tê-lo feito, no entanto, dentro de trinta segundos, disse.)

Só porque a vossa atenção já não está focada nessas realidades, isso não significa que elas deixem de existir.

Na verdade, vós emprestais-lhes energia, tal como elas vos dão energia. Os sonhos, ou o universo dos sonhos, existem mesmo enquanto estais acordados, e apenas tomais consciência de certas partes desse universo quando dormis. Vocês criam-no, mas ele é, até certo ponto, independente de vós. À medida que o vosso ego experimenta mudanças na sua relação com o mundo físico, também alterais aspetos do universo dos sonhos, enriquecendo-o.

O universo dos sonhos, por sua vez, enriquece a vossa própria existência. Há aqui uma interação profunda, um intercâmbio contínuo de energias, que são transformadas e recarregadas, por assim dizer, através da vossa constante passagem entre os diferentes campos. Os sonhos, talvez mais do que qualquer outra coisa, podem ajudar-vos a compreender o conceito de realização de valor e de expansão que não ocupa espaço.

(A Jane sorriu amplamente enquanto andava pelo quarto. Se é que algo mudou, a voz dela estava ainda um pouco mais firme. Eram quase 21h30.)

Os locais de sonho não existem como objetos físicos dentro da vossa cabeça. Como poderia o vosso pequeno crânio conter a réplica de um edifício de cimento, por exemplo, ainda que esse crânio pertencesse a um imbecil? Não necessitas de levar essa observação a título pessoal, Rob, mas não pude resistir a fazê-la. Esses locais de sonho são realidades. Existem, embora não ocupem espaço tal como o concebeis, e certamente não se situam dentro do crânio. Caso contrário, não haveria espaço para mais nada.

A título de breve observação, mencionei certa vez a Crucificação, afirmando que era uma realidade, ainda que não tenha ocorrido no vosso tempo. Aconteceu num tempo que não é como aquele que conheceis. Aconteceu no mesmo tipo de época em que ocorre um sonho, e a sua realidade foi inegavelmente sentida por gerações, recebendo resposta. Embora não sendo uma realidade física, influenciou o mundo da matéria de uma forma que nenhuma realidade puramente física alguma vez poderia.

(Vide a 81.ª sessão para as declarações de Seth sobre a Crucificação. Esta sessão e a 96.ª, entre outras, abordaram em grande medida o conceito de Deus, as gestalts psíquicas, os mitos, etc.)

A Crucificação foi uma das realidades gigantescas que transformaram e enriqueceram tanto o universo dos sonhos como o universo da matéria, tendo a sua origem no universo dos sonhos. Foi uma contribuição essencial desse campo para o vosso, e poderia ser comparada, no plano físico, ao surgimento de um novo planeta dentro do universo material.

A realidade física do fogo foi uma grande contribuição do universo físico para o universo dos sonhos. O homem, ao observar o fogo, sonhou com ele, enriquecendo assim imensamente o universo dos sonhos. A sua descoberta, no universo físico, da domesticação do fogo constituiu uma nova contribuição para o universo dos sonhos.

A ascensão de Cristo não ocorreu no tempo tal como o conheceis. É uma contribuição do universo dos sonhos para o vosso próprio universo, representando o conhecimento, dentro do universo dos sonhos, de que o homem era, em última instância, independente da matéria física.

Sugiro uma pausa.

(Pausa às 21h42. Jane estava dissociada, como sempre. Depois de refletir um pouco, disse que estava ciente de que falava com uma voz forte durante o ditado. No entanto, não teve a sensação de que o tempo passava rapidamente, tal como havia experimentado na última sessão.)

(Sem óculos, retomou com a mesma firmeza, não muito rapidamente, às 21h51.)

Ao limitar a vossa definição de realidade – ou as possibilidades de realidade – estais, inevitavelmente, a limitar o vosso próprio conhecimento, bem como o conhecimento que vos é acessível.

Muitos conceitos, grandes avanços e invenções práticas aguardam simplesmente em suspensão no mundo dos sonhos, até que algum homem os aceite como possibilidades dentro do seu plano de realidade. Porque razão desconfia o homem, tantas vezes, da realidade do sonho, escaparia ao meu entendimento se eu não conhecesse a natureza do ego.

O ego sente-se inseguro, na melhor das hipóteses, num mundo que já lhe é familiar, e resiste vigorosamente a qualquer nova adoção nesse mundo, pois tal implicaria a sua própria mudança.

Agora, e esta dificilmente poderá ser considerada uma afirmação controversa, a imaginação é a ligação do homem desperto ao universo dos sonhos. A imaginação reafirma frequentemente os dados dos sonhos e aplica-os a circunstâncias ou problemas específicos dentro do universo físico. A imaginação nunca é, na sua essência, destrutiva. Em certos casos, a construção do ego pode ser fraca ou incapaz de se manter estável, e nesses casos a imaginação é frequentemente considerada demasiado excitável e falha.

Não posso enfatizar o suficiente que a imaginação é uma outra realidade, fundamentalmente não física, mas que tem uma base e uma inter-relação tanto no sonho como na matéria. Os seus efeitos podem manifestar-se no mundo material, mas a imaginação, por si só, não é composta de matéria.

Estas realidades, pelo impacto contínuo que exercem no vosso sistema e pelas transformações reais que nele operam, devem ser estudadas minuciosamente, pois muito pode ser aprendido dessa forma. Assim como os eventos do vosso universo alteram o universo dos sonhos, também este contém conceitos que, um dia, transformarão por completo a história do vosso campo de realidade. No entanto, a negação desses conceitos como realidades ou possibilidades dentro da realidade material impede e adia avanços extremamente necessários.

Tais desenvolvimentos implicariam a libertação e a disponibilidade de energia adicional no vosso campo, energia essa que possuiria infinitas possibilidades em todas as direções. Ideias e conceitos são realidades não físicas que atraem energia dispersa, direcionam-na e concentram-na. O mundo dos sonhos existe mais intimamente dentro desse presente

expansivo do qual o eu interior tem plena consciência. Está menos envolvido com construções de camuflagem do que o vosso próprio universo, e as suas ações são, de certa forma, limitadas dentro da sua própria estrutura.

Pode dizer-se, portanto, que, de muitas formas, o universo dos sonhos depende de vós para encontrar expressão, da mesma maneira que vós dependeis dele para dar sentido e expansão às vossas realidades. No entanto, vós tendes outras vias de expressão, enquanto ele possui poucas. O impacto de qualquer sonho tem repercussões físicas, químicas, eletromagnéticas, psicológicas e psíquicas. Os sonhos são contínuos e reais, não apenas representando uma parte do vosso ambiente em todos esses aspetos, mas também influenciando profundamente os canais comuns da vida quotidiana.

O tipo de sonho, ou os tipos de sonhos vivenciados por cada indivíduo, são determinados por múltiplos factores. Refiro-me agora à experiência do sonho como realmente ocorre, e não ao seu fragmento que o vosso ego vos permite recordar conscientemente. Assim como um indivíduo molda a sua imagem física e o seu ambiente de acordo com as suas capacidades, fragilidades, expectativas e necessidades subconscientes e internas, ele também cria os seus sonhos, que interagem com o ambiente externo que construiu.

No entanto, com o ego em repouso, o indivíduo pode permitir comunicações e construções oníricas que transcendem a barreira do ego, libertando-se de certas limitações. Se, por exemplo, as suas expectativas atuais forem falhas, quando o ego descansa, ele pode recriar uma época em que as expectativas eram mais elevadas. O sonho resultante quebrará parcialmente o ciclo das expectativas negativas, que geram construções físicas de baixa qualidade, e pode iniciar esse indivíduo num caminho mais benéfico. Em outras palavras, um sonho pode começar a transformar o ambiente físico ao elevar as expectativas internas.

Continuarei na nossa próxima sessão. Os meus votos mais afetuosos para ambos.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22h29. A Jane estava dissociada, como de costume. Manteve a voz forte até ao fim da sessão, sem aparente esforço.)

(Os seguintes dados são do caderno de tempo psicológico da Jane:)

(17 de dezembro, quinta-feira, 11h30: concentrei-me em viajar psiquicamente até à cozinha da Marian Spaziani, repetindo o nome dela vezes sem conta. Por um segundo, vislumbrei uma cozinha pequena, que me fez lembrar a da Marie Colucci. Estaria a Marian talvez lá? Tive uma sensação de extrema leveza e uma ligeira sensação de elevação. Tive também outra sensação difícil de descrever: uma espécie de movimento interior global.

(18 de dezembro, sexta-feira, 11h30: novamente uma sensação de extrema leveza. Sensação de não haver cama sob os tornozelos ou pés, depois de, primeiro, sentir como se os antebraços e as mãos se elevassem. Os polegares pareceram então agarrar-se a um bolso de "não-espaço".

(No meu campo visual superior esquerdo vi depois um bilhete escrito à mão, possivelmente a lápis escuro. Estava rasgado nas bordas e amarrotado, como se tivesse sido alisado. Tinha forma retangular. Era uma imagem visual e, no entanto, eu não a conseguia ler.

(Surgiu então uma segunda imagem, parte visual, parte impressão. Senti que a ação continuava e ainda lá estava, como se eu pudesse "sintonizar-me". Vi vários homens que pareciam usar um tipo de fardas verde-escuras, com capacetes ou chapéus em forma de capacete. Talvez uma equipa de trabalho, ocupada numa atividade — algo como uma evacuação ou desembarque. Vi depois um deles a escavar em algo que não era neve. Vi isto em várias tentativas sucessivas para o ver claramente.

(Durante toda a meia hora da experiência, arrepiei-me constantemente e senti muito frio, embora estivesse coberta por um cobertor. Os arrepios tinham um certo ritmo, de intensidade variável.

(21 de dezembro, segunda-feira, 11h30: ouvi mentalmente, separadamente, os nomes: Foster, Lancaster. Eu próprio os pronunciava mentalmente. Vi também duas pessoas, tenuemente. Tive a impressão de um médico e de uma enfermeira a conduzir alguém para uma sala lateral e depois a fechar outra porta que bloqueou a minha "visão". Não conheço nenhum Foster nem Lancaster.)

(Os seguintes dados são do meu caderno de tempo psicológico:)

(Gostaria de registar aqui que, numa noite da segunda semana de dezembro, possivelmente por volta de 11 ou 12, acordei de um sono profundo e dei por mim com ambos os braços e mãos envolvidos na minha sensação — já bastante familiar — de ampliação e de elevação. A sensação de ampliação centra-se sobretudo no topo dos membros, como se estivessem a inchar, e não deve ser confundida com a sensação geral de arrepio/formigueiro a que muitas vezes me refiro. Já experimentei ambas as sensações muitas vezes. Tanto quanto me recordo conscientemente, esta é a primeira vez que a experimento ao despertar. Estava deitado de costas na altura, e é essa a posição que uso quando tento tempo psicológico. 17, 18 e 19 de dezembro: falhados. 20 de dezembro, domingo, 20h00: outra experiência interessante. Ao deitar-me, experimentei a minha sensação de arrepio três vezes, separadas, sendo a última forte. Vi, por breves instantes, várias figuras masculinas e femininas, algumas delas aparentemente do tipo "monstro".

(A minha sensação de ampliação começou bastante cedo no dorso das mãos e nos pés. Creio que depois ou cochilei brevemente, ou atingi um estado muito bom. Tinha estado a dizer a mim mesmo que visitaria o Ed

Robbins. Tornei-me consciente de que o corpo inteiro parecia reunir-se, carregar-se com um tipo de energia, em preparação para viajar. A sensação foi muito forte e expectante. O estômago parecia vazio ou ausente, os braços e as mãos elevados. Braços e pernas pareciam ampliados. Este foi o auge da experiência, enquanto esperava para ver o que se desenvolvia. Por um instante — e posso estar enganado —, julguei ter a sensação de estar suspenso talvez a trinta centímetros acima do corpo.

(Depois disto, vi, como ao longe, um conjunto de pequenas facas brilhantes, cuidadosamente dispostas em duas filas paralelas. Eram idênticas no desenho e tinham cabos de madeira.

(21 de dezembro, segunda-feira, 20h15: interrompido pelo choro de um bebé no andar de baixo, mas, antes disso, um bom estado alcançado. Vi algumas figuras, masculinas e femininas.

(Tive uma experiência interessante antes da interrupção e senti que poderia ter tido mais. Estava na passeata da rua principal de uma pequena cidade. Olhei para cima, ao longo da rua, bastante vazia e deprimente, até uma montra evidentemente vazia, com grandes vidraças de tom acinzentado. Havia uma personagem ou figura masculina indistinta no passeio à minha frente, a passar pela montra vazia. Ouvi então a minha própria voz a sair da loja, a dizer algo deste género: "Ora, já me conheceste antes." Ao ouvir isto, a personagem começou a recuar, às arrecuas, rua acima em direção à loja, caindo para trás como se ao mesmo tempo perdesse o equilíbrio.)

SESSÃO 116

21 DE DEZEMBRO DE 1964

(A Jane teve a primeira intuição de que algo novo poderia desenvolver-se nas sessões quando estava a reler a sessão de quarta-feira passada, após o jantar desta noite. Ela teve a ideia de que poderia dar parte da sessão desta noite deitada. O seu primeiro pensamento foi de aceitação. O segundo pensamento foi de pânico, por não saber a passagem do tempo como habitualmente, etc.

(Poderá ser interessante notar que, no momento em que a Jane teve esta ideia, eu estava a trabalhar num índice para a 35ª sessão, de 16 de março de 1964. Nessa sessão, o Seth falou-nos de tentarmos vários experimentos envolvendo o uso dos sentidos internos; a sessão desta noite era, evidentemente, de natureza experimental. A Jane não sabia em que sessão eu estava a trabalhar, e estávamos também separados por duas divisões nessa altura.

(Então, deitada às 20h15 desta noite, a Jane sentiu que entrou num estado de transe mais profundo, um que era experimental mas ainda assim

controlado. Ela não estava particularmente a tentar o tempo psicológico, mas sentia que se estava a familiarizar para um novo desenvolvimento. Não "viu" nem "ouviu" nada. Não sentiu o Seth por perto. Estava, no entanto, um pouco preocupada com o controlo que teria sobre o material se, na posição deitada, estivesse num transe mais profundo.

(A Jane não tinha ideia do material para a sessão quando a hora se aproximava, embora dissesse que os seus braços se sentiam "um pouco leves" desde o estado que alcançara às 20h15 e depois. Nem sequer tinha pensado recentemente nos temas acima referidos.

(A sessão começou, de facto, de uma forma nova. Às 21h, a Jane estava sentada em frente a mim, à nossa mesa de sala, onde eu tomo notas. Tirou os óculos como de costume, mas, em vez de se levantar para começar a andar pela sala, permaneceu sentada. Os olhos estavam fechados e permaneceram fechados durante toda a transmissão do material naquela noite. A voz estava normal, a entrega era bastante rápida, mas com pausas. Na maior parte do tempo, estava sentada com uma perna dobrada, um braço apoiado no joelho, a mão segurando a cabeça, como que a sustentá-la. Segurava um cigarro aceso na outra mão.)

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

É possível que esta noite tentemos algo, não drástico, no sentido de uma pequena experiência. Vou falar sobre a censura do ego e, até certo ponto, sobre a censura do subconsciente pessoal. Comunicações como esta precisam de passar por muitos canais e estabelecer muitas interconexões. Espero que consigamos um progresso importante este ano, ao conseguir fazer passar mais material através dessas censuras. Em momento algum pressionarei Jane a ir além do que é benéfico para ele.

No entanto, ele também está algo ansioso por desenvolver as suas capacidades e, para que isso aconteça, devemos progredir. Para referência futura, Rob — e repito, futura, pois provavelmente não precisarás disto por algum tempo — as palavras *"Está bem, Jane, já voltaste"* serão sempre suficientes para trazer a Jane de volta ao seu estado mais habitual.

Estamos agora apenas a experimentar. Se em algum momento, Rob, não concordares com qualquer procedimento, condição ou situação, podes imediatamente dizer as palavras que te dei, e a situação ou condição voltará ao normal. Este procedimento, e o teu consentimento, darão a Jane uma sensação de confiança sem a qual, acredito eu, ela não avançaria. Por outras palavras, as situações e condições nunca estarão fora do teu controlo. Também não nos manteremos necessariamente num só procedimento. Creio que certas experiências nos permitirão obter dados mais completos através da censura.

(A *Jane ainda estava sentada à minha frente, com os olhos fechados. A sua fala era facilmente audível, mas mais hesitante do que o habitual. Os*

olhos mantinham-se fechados. O cigarro já tinha ardido até ao fim e, para o apagar, ela tateava à procura do cinzeiro sobre a mesa, enquanto falava.)

Eu não teria tentado tal procedimento até saber que a Jane estava preparada para isso, ou pelo menos pronto para começar, pois isto é apenas um começo. Ela está a sair-se bem. Esta é, naturalmente, uma fase de treino, e ela poderá ficar momentaneamente desconfortável, mas jamais assustada. Trata-se simplesmente de uma nova orientação e de prescindir de certos apoios que são basicamente sem importância, mas praticamente extremamente convenientes; apoios como as divisões da sensação, separadas entre si por cercas de minutos.

O tempo do relógio é um desses apoios, ao qual mesmo nas nossas sessões habituais a Jane está acostumada a recorrer, embora não, claro, ao ponto em que depende dela nos períodos de consciência mais comum. O andar de um lado para o outro sempre foi um símbolo e uma manifestação da sua insistência em manter-se de pé, o que naturalmente se relaciona com a sua mãe inválida; também é uma manifestação do controlo da sua parte no que diz respeito às sessões. Nem agora ela está a abdicar do controlo. Está apenas a mudar o foco de um nível para outro e a permitir-me falar desta forma, porque agora percebe que eu não sou uma ameaça para nenhuma parte da sua individualidade enquanto ser.

Pode haver alguma lentidão ou irregularidade à medida que tentamos tal experiência, e isso é de esperar. Pergunto-te agora se dás o teu consentimento, Rob.

(*"Sim."*

(*Dei esta resposta quase por rotina. Já passaram alguns dias desde então, enquanto escrevo este material, e a Jane e eu tivemos tempo para refletir. Ela não mostrou oposição clara a experimentar, mas por várias observações sei que ainda não está entusiasmada com a ideia de abdicar de alguns dos apoios a que se habituou — andar de um lado para o outro, manter os olhos abertos, etc. Isto é perfeitamente compreensível. A hesitação da Jane aqui lembra-me a hesitação que tinha nas primeiras sessões, quando cedo se tornou evidente que estava a receber mentalmente as respostas às perguntas, mesmo que estivéssemos a usar a tabuleiro Ouija. Durante algum tempo, ela não quis dispensar a tabuleiro.*

(*Quanto a mim, qualifiquei a aprovação que dei, tornando-a dependente da aprovação da própria Jane. A nossa abordagem é cautelosa, como sempre. Não quero empurrá-la inadvertidamente para algo que ela realmente não queira tentar. Por agora, decidimos ver o que acontece. Se algum de nós não gostar dos desenvolvimentos, planeamos voltar ao método que temos usado neste último ano.*

(*A entrega da Jane deste material foi algo lenta e hesitante, mas clara. Deu-me a sensação de ser irregular, mas noto que a cópia*

dactilografada lê-se tão bem como qualquer outro material. A cabeça dela esteve baixa grande parte do tempo, como se fosse adormecer. A voz não perdeu volume. Agora parecia inquieta, mexendo-se na cadeira. Algumas das pausas entre frases foram, de facto, bastante longas.)

Assim, vamos prosseguir. Haverá vários ajustes; isto também é de esperar. A longo prazo, este procedimento desgastará menos a Jane, e claro que não excederemos a nossa regularidade habitual. Como estamos a tentar algo novo, não sei até onde iremos esta noite, pois não pressiono pela rapidez, mas sim por um progresso cuidadoso e seguro. E mesmo agora, ai de mim se der um passo em falso, pois a Jane certamente se rebelaria.

No entanto, há muitas vantagens neste tipo de procedimento, quando e se nos habituarmos a ele. Há poucas desvantagens, nenhuma tendo a ver com saúde ou segurança, aliás. Não da forma como o vamos gerir.

Uma breve dissertação: nunca há um fim para aquilo que começou. Em termos mais amplos, não houve início, tal como o entendeis.

(*A entrega da Jane era muito hesitante.*)

Os enquadramentos mudam de forma, mas a forma que tiveram permanece. A energia interna de que falámos renova-se constantemente e recarrega-se à medida que passa de um campo de atividade para outro. Ao formar novos campos de atividade, aumenta a sua própria capacidade de renovação. Os próprios campos são potenciais de energia. Deveis recordar as nossas discussões sobre fragmentos. Fragmentos deste tipo possuem todas as potencialidades da energia interna-mãe. Entendeis isto: a energia-mãe, não aparente?

(*"Sim."*)

(*Assim, a Jane demorou cinco minutos a transmitir os dois parágrafos acima. Quanto ao material sobre fragmentos, vejam-se as sessões muito iniciais; está espalhado por elas.*)

Portanto, eles criam constantemente energia. Toda a energia é o que poderíeis chamar energia mental. Cria-se a si mesma em múltiplas formas, que então recriam campos, reabastecem-se mutuamente. Nenhuma energia se perde. Nenhuma energia é sem sentido.

(*A Jane usou várias longas pausas para transmitir o parágrafo acima. Uma delas foi tão longa que pensei que tivesse adormecido. Estava imóvel na cadeira, a cabeça apoiada numa mão. No entanto, a dicção estava muito clara.*)

Toda ação afeta toda outra ação. Os recintos mentais são unidades de energia possuindo todas as características das unidades que vos dei anteriormente. Sabeis que toda ação é, basicamente, ação mental, à medida que os campos se reabastecem mutuamente. Como nenhuma ação é sem sentido, também o universo dos sonhos e o universo físico se reabastecem constantemente um ao outro, e ações mentais são realizadas em ambos os universos, sendo camuflagens que representam símbolos de ação interna.

As ações nos vários campos afetam-se umas às outras. Essas ações queimam quase como fogos gémeos em mundos diferentes, mas iluminam paisagens vastamente distintas. E embora a sua natureza seja basicamente a mesma, são sempre as diferenças que notais.

Avançámos bem para um começo. Sugiro que façais uma pausa — não em pedaços — e que a Jane agora regresse a si mesma.

(*Os olhos da Jane abriram-se imediatamente ao levantar a cabeça. Parecia sonolenta e estendeu a mão para os óculos. Não fumou nem bebeu durante a transmissão. Disse que o seu estado de dissociação tinha sido mais profundo, que estava "muito longe". Ouviu, no entanto, a sua própria voz e as minhas respostas. Ficou surpreendida com a quantidade de tempo que tinha passado. Lembrava-se das pausas, mas pensava que tinham sido "nada".*

(*A Jane não ficou assustada com o novo desenvolvimento, mas continuava a sentir-se desconfortável com a ideia de, como ela dizia, ceder o controlo durante uma sessão. Por exemplo, preocupava-se por não saber a hora, mas uma vez iniciada a sessão, já não pensava nisso. Sentia que tinha dado consentimento para a experiência. Não pensava que Seth tentasse "forçar" qualquer informação surpreendente naquela noite.*

(*A Jane mudou-se para o sofá antes de a sessão recomeçar, e permaneceu lá uma vez que voltou a ditar. Mais uma vez fechou os olhos, mais uma vez levou a mão ao queixo e usou pausas frequentes e por vezes longas. A dicção estava boa. Retoma.*)

Não tentaremos passar muito material esta noite, já que estamos a experimentar algo novo. Em todos os aspetos, deve haver aqui completa honestidade, e devem ser alcançadas condições em que não haja medo de ridículo por parte da Jane, nem medo de falta de dados bem-sucedidos, ou de fracasso. Todas as comunicações deste tipo têm caminhos semelhantes a seguir, e todas essas comunicações devem contornar as censuras. Alguma distorção do material é inevitável, e não é um reflexo sobre a Jane, nem sobre mim, certamente, nem sobre ti, Rob, mas é antes um resultado natural do próprio tipo de comunicação, que tenta superar e atravessar diferentes campos e muitas barreiras. Isto, claro, partindo do princípio de que tudo o resto está equilibrado.

Enquanto as nossas tentativas forem completamente honestas, às claras, não há mais desonra em qualquer distorção da mensagem do que há numa distorção semelhante na comunicação habitual, como a leitura errada de uma carta. Isto deve ser claramente compreendido, pois o nosso progresso depende de uma sensação de confiança, e medos deste tipo irão travar-nos. Podes considerar o parágrafo acima repetido, pois é assim tão importante para nós.

Também iniciaremos mais períodos de perguntas no futuro, Rob. Creio que irás apreciá-los. A ideia de Jane de escrever as suas previsões

diárias é excelente e ajudá-lo-á a desenvolver as suas capacidades. Dentro de pouco tempo, a Jane dar-me-á mais liberdade, creio eu. Ou seja, ela, espero, permitirá que eu fale com mais liberdade.

Isto é suficiente para a nossa primeira tentativa séria com este procedimento. Teremos a sessão de quarta-feira como habitual, a menos que conflite com as vossas circunstâncias por causa da época festiva. Compreenderei se for esse o caso.

Os meus mais calorosos desejos para ambos. A Jane pode agora regressar, e encerraremos a nossa sessão. Uma nota: espero no futuro poder acrescentar dimensão, de vez em quando, às nossas sessões, abrindo horizontes a Jane para iluminar outros caminhos que complementem qualquer discussão em questão. Fizemos muito bem esta noite. De facto, os meus mais calorosos votos para ambos.

(*A Jane estava totalmente dissociada como antes, e novamente parecia sonolenta quando a sessão terminou. Desta vez, não estava consciente de nada exceto da sua voz. Não estava ciente da escuridão. A sua atenção estava noutro lugar.*

(*A Jane disse que seria mais fácil bloquear qualquer material que a assustasse enquanto andasse de um lado para o outro. O novo método, quando ela se sentava calmamente, com o ingrediente adicional das longas pausas, tornava o bloqueio provavelmente mais difícil. As pausas interrompiam em certa medida o sentido do material. Isso podia retirar impacto a palavras ou frases que normalmente a alertariam para os bloquear.*

(*A Jane estava bastante intrigada porque não tinha noção de escuridão ou luz enquanto transmitia o material. Não estava consciente de estar a usar a voz. Ouvia as palavras depois de serem ditas, mas não as conseguia reter.*

(*Enquanto transmitia o último parágrafo da sessão, a Jane teve a perceção ou sensação paralela de que Seth queria dizer que ela poderia vir a receber dados visuais enquanto ditava.*)

(*Os seguintes dados são do caderno de tempo psicológico da Jane:*

28 de dezembro, segunda-feira, 11h30: Vi um par de olhos muito próximos de mim, a olhar diretamente para mim. Estavam húmidos e muito escuros, molhados mas não suaves. Não eram olhos humanos, mas também não pareciam ser de animal.

29 de dezembro, terça-feira, 11h30: Alcancei uma incrível sensação de bem-estar, de suspensão e leveza. Tive a sensação de estar a elevar-me.

30 de dezembro, quarta-feira, 11h30: Vozes conversavam comigo. Creio que eram pessoas que conheço. Não consegui reter o que foi dito. Acho que Dick Roberts, editor na Dell, disse algo sobre ir para a Califórnia por causa de uma editora. Mas agora já não tenho a certeza.)

SESSÃO 117

23 DE DEZEMBRO DE 1964

(*Esta foi a sessão mais curta até à data. A Jane tinha estado a trabalhar na cozinha todo o dia em preparação para as festas. Eu também tinha trabalhado horas extras e estava muito cansado. Às 20h, a Jane começou a arrumar depois da sua maratona de bolos, caso houvesse uma sessão, embora não tivesse a certeza de que haveria. Não tinha sentido a presença de Seth. Perguntei-me que papel poderia ter o condicionamento no horário a que nos habituámos.*

(*Ambos perdemos a noção do tempo. Estávamos de pé ao lado da nossa árvore de Natal quando a Jane tirou os óculos e começou a falar por Seth, com uma voz um pouco mais forte do que o habitual. Caminhou até ao sofá e sentou-se, fechando os olhos mais uma vez. Falava de forma algo lenta. O seguinte é a minha reconstrução da breve e algo enigmática sessão.)*

Não há necessidade de tomar notas. Há algo aqui que podem usar bem nas vossas vidas diárias. Este evento que estais prestes a celebrar não ocorreu historicamente. No entanto, podem usá-lo, e entraremos nisso em sessões num futuro próximo. Não haverá sessão. Se me for permitido, no entanto, gostaria de vos visitar de vez em quando durante as festas.

(*A sessão terminou em um ou dois minutos. A Jane disse que ficou surpreendida com a forma abrupta como começou. Também disse que, assim que começou a falar, sentiu frio. A sensação passou assim que a sessão terminou.*)

SESSÃO 118

4 DE JANEIRO DE 1965

(*Por causa das festas, não realizámos sessões na segunda-feira, 28 de dezembro, nem na quarta-feira, 30 de dezembro.*)

(*Os seguintes dados são do caderno de tempo psicológico da Jane: 31 de dezembro, quinta-feira, 11h35: Uma experiência bastante incrível de "êxtase", a mais intensa que já experimentei até agora. No entanto, sem vozes nem visões. Uma hora depois ainda persistem traços de leveza e suspensão. Também uma pequena sensação insistente de elevação. 4 de janeiro, segunda-feira, 11h30: Nenhum resultado em particular.*)

(*À medida que a hora da sessão se aproximava, a Jane ficava cada vez mais nervosa. Sentia-se assim devido à longa pausa que tínhamos feito, e aos desenvolvimentos recentes na forma como as sessões eram apresentadas. Não tinha ideia do tema da sessão, nem sabia se estaria sentada de olhos fechados ou a andar de um lado para o outro, como habitualmente.*)

(*Como se desenvolveu, acabou por fazer ambas. Estava sentada quando chegou às 21h. Depois tirou os óculos e começou a andar lentamente pela sala. Mais uma vez os seus olhos estavam escuros. A voz e o ritmo de entrega eram normais.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

De facto, irei variar o procedimento. Beneficiaremos bastante através de várias experiências dentro das nossas sessões, e algumas delas deverão ser bastante importantes para o nosso progresso geral.

A Jane pode sentir-se entre dois mundos, como de facto está por vezes, mas apenas ocasionalmente. Precisamos realizar algumas experiências para progredir. Parece que devemos complementar as nossas palestras, pelo menos de vez em quando. Além disso, se a Jane está a experimentar o estado de transe nas experiências de tempo psicológico, é uma boa ideia que parte dessa experimentação seja realizada por ele sob a nossa excelente supervisão; e, após consideração, creio que concordarás.

Ela tem-me resistido bastante. No entanto, isso também é para benefício dela e teu. Não queremos estados de transe precipitados, espontâneos ou indisciplinados. Ela sabe o que está a fazer. Foste negligente esta semana passada, mas isso também aumenta a vossa confiança, no sentido em que sabem que, em última instância, cabe a ambos — e não a mim — decidir se estas sessões se realizam ou não.

Presumi que soubesses disto. Deixámos muitas pontas soltas desde a nossa última sessão. Disse-te que é possível sintonizar o universo dos sonhos. Sabes que isto acontece durante o sono. Também pode ser feito no chamado estado desperto.

Há várias das tuas experiências de tempo psicológico que teremos de discutir. Uma das razões pelas quais ainda não as abordámos é que sintonizaste outras realidades, e essas realidades precisam ser explicadas antes que as experiências possam ser discutidas.

(*Neste momento, apercebi-me de que a Jane parecia andar pela sala com os olhos fechados, ou quase fechados. Certamente não estavam bem abertos, como costumavam estar quando ela estava de pé. Da minha posição, pareciam fechados, mas pelo modo confiante como se movia pela sala, pensei que pudesse ver um pouco, pelo menos.*)

Algumas delas envolveram uma sintonização com o universo dos sonhos. Há muitas "estações", por assim dizer, para sintonizar, e neste momento tocas nos botões de forma algo indiscriminada. Existem planos de atualidade de um tipo ou outro por todo o lado. Quero dizer isto literalmente. O aparente vazio do espaço exterior está longe de ser vazio, mas estes não são necessariamente mundos que poderíeis visitar com a nave espacial mais avançada imaginável.

Muitos desses planos de atualidade nunca poderão ser explorados por qualquer veículo físico. Apareceriam como incompreensivelmente vastos, tal como o vosso único planeta pareceria a uma única mosca que se lançasse a examiná-lo. Perceber as suas características seria impossível. Para vós, os objetos físicos pareceriam tão distantes entre si no espaço que perderíeis o rumo e não perceberíeis as realidades que lá existem. Não seríeis capazes de perceber dados suficientes para fazer quaisquer deduções.

Isto não significa que tais planos ou campos de atualidade não possam, de algum modo, ser percebidos, mas escaparão à perceção ou exploração física. Nos sonhos, quando o eu está algo liberto da camuflagem, talvez lhe seja então possível viajar espontaneamente para tais campos de atualidade; mas, sendo eles tão bizarros para o eu quanto o próprio mundo onírico, geralmente não há maneira para o sonhador distinguir entre o universo dos sonhos ou outras atualidades.

Esses campos ou planos são mais variados do que podeis imaginar, e são formados basicamente da mesma maneira que o vosso próprio universo foi formado, e muitos dos seus habitantes sintonizam o vosso universo espontaneamente e de forma bastante acidental. No entanto, os habitantes da maioria desses planos não estão mais conscientes da vossa existência do que vós estais da existência deles.

Na maioria dos casos, simplesmente não há maneira para tais campos de atualidade se encontrarem, embora sejam, de facto, formados pela mesma energia, mas ao longo de linhas que não se cruzam. Sugiro que façais uma pausa.

(*Os olhos da Jane abriram-se muito, e mais uma vez ela parecia sonolenta. No entanto, a entrega não tinha sido lenta. Ela disse que estava num estado de transe mais profundo do que quando mantém os olhos totalmente abertos.*)

(*Parte do tempo, os olhos estavam totalmente fechados enquanto andava pela sala, disse a Jane, mas não conseguia dar-me uma estimativa percentual. O resto do tempo, os olhos estavam "entreabertos" apenas o suficiente para ela ver. A Jane pensava que o Seth pretendia que começasse a sessão sentada; em vez disso, ela levantou-se, e achamos razoável que, como compensação, Seth tenha introduzido a experiência dos olhos quase fechados.*)

(*Após a pausa, a Jane voltou a andar. Mais uma vez, os olhos estavam quase fechados, mas agora, ocasionalmente, abriam-se como de costume. Isto era pouco frequente. A voz manteve-se inalterada, os óculos estavam novamente pousados. Retomou.*)

Será impossível abordar sequer uma fração desses planos de atualidade. Iremos apenas preocupar-nos com alguns, daqueles com os quais estou, pelo menos parcialmente, familiarizado. Esses planos de

atualidade, naturalmente, operam todos dentro do presente espaçoso e com um clima de valor. Embora partes deles possam protrair-se na atualidade física, fá-lo-ão em proporções variáveis. Muitos deles mal existem de forma física. Outros, para vós, pareceriam fisicamente desproporcionados, com toda a sua matéria concentrada, por assim dizer, num único lugar.

A atualidade de um plano, a validade de um plano, não é necessariamente determinada pela sua constituição material. Em alguns planos, isto é assim, mas apenas num pequeno número. O vosso erro está em julgar a existência pela sua projeção na matéria, tal como conheceis a matéria, e esta atitude, de facto, persistirá em qualquer futuro previsível, sem mudança básica. Esta atitude é um mecanismo de defesa, bastante compreensível, já que o vosso plano ou campo de atualidade está tão envolvido na sua relação com a construção material. No entanto, há uma liberdade na independência em relação à construção material, uma liberdade com a qual os habitantes de outras atualidades estão familiarizados.

Eu próprio estou agora, em grande medida, tão liberto. Se não fosse, porém, pela independência básica do eu interior em relação à matéria, a vida humana, tal como a conheceis, também seria impossível.

Devemos também esclarecer alguns pontos sobre outros tópicos. Em breve, estaremos mais diretamente envolvidos em discussões sobre sonhos individuais. É necessário preparar uma base firme para tal discussão. Existem várias portas de entrada para o universo dos sonhos: portas químicas, portas eletrónicas e portas psicológicas. As três devem ser abertas ao mesmo tempo, ou seja, simultaneamente, mas qualquer uma delas abrirá automaticamente as outras.

Elas abrem-se raramente no estado de vigília. Quando se abrem, geralmente mas não sempre de forma química, através de um desequilíbrio momentâneo, o organismo físico liga-se ao universo dos sonhos, bem como ao vosso universo físico; e, até certo ponto, o organismo físico pode ser afetado por essa ligação.

(*A Jane sentou-se agora numa cadeira de vime em frente à minha mesa de escrita. Não tinha fumado enquanto transmitia o material. Com os olhos quase fechados, tateava na mesa à procura dos cigarros, acendeu um e recostou-se com os olhos fechados.*)

Não se compreende que essa ligação existe, mas o metabolismo é, até certo ponto, influenciado pela ligação do organismo físico ao universo dos sonhos. O organismo físico não só está aberto, mas é até certo ponto influenciado por muitas mais áreas de atualidade do que se supõe; e a sua sobrevivência é determinada por uma grande variedade de factores ainda quase não considerados possíveis pelos vossos cientistas ou médicos.

Isto não quer dizer que o homem não tenha controlo sobre o estado físico do seu próprio organismo. Quer dizer que muitos mais factores

entram na construção e manutenção do organismo físico do que percebeis. Subconscientemente, o homem consegue equilibrar essas influências, e existem mecanismos físicos dentro do organismo cuja função é lidar com esses dados. Os poros da pele são tais mecanismos.

Há muitos mais. Sabe-se agora que o organismo físico existe como muitas coisas. Existe até como ondas de rádio, e para criaturas que não conseguem perceber matéria mas conseguem perceber ondas de rádio, o vosso corpo físico parece bastante diferente do que parece para vós. Todo o organismo físico contém equilíbrios e contrapesos de que os vossos cientistas ainda não têm conhecimento, e devo também mencionar que, apesar de todas as suas frivolidades, a astrologia tem uma base sólida, embora seja apenas uma pequena parte de toda a história, e não, de facto, o caldeirão completo de contos.

O organismo físico em si, mesmo tal como o conheceis, existe, move-se, reage, influencia e é influenciado por muitos campos ou planos de atualidade; e a sua existência, tal como a conheceis no vosso universo, é determinada e dependente da sua existência dentro de outros campos, dos quais o homem ainda é intelectualmente ignorante. Sugiro que façais uma pausa.

(*Mais uma vez, os olhos da Jane abriram-se, e ela parecia sonolenta. Disse que estava muito mais dissociada do que quando andava pela sala com os olhos abertos, e também num estado mais profundo do que quando se movia com os olhos fechados parte do tempo.*)

(*A Jane disse que teve a ideia de que o Seth a fez sentar-se ao deixá-la fumar. Pouco antes de se sentar, começava a sentir-se "tensa", como se tivesse de se esforçar para alcançar o que estava a dizer. Assim que se sentou, a sensação de tensão desapareceu. Assim que se sentou, a Jane começou a fazer pausas mais longas entre frases em alguns momentos, como fizera na última sessão. Mas, como antes, a sua dicção manteve-se clara e a voz normal.*)

(*Quando voltou a ditar, a Jane permaneceu sentada. Os olhos estavam fechados, os óculos fora, e ela estava a fumar.*)

O organismo físico também possui capacidades e liberdades que usa constantemente, das quais o intelecto ainda não tem consciência.

O organismo físico projeta-se em muitos campos de atualidade, é até certo ponto percebido dentro desses campos e influencia esses campos, assim como é influenciado por eles. É porque concebeis o corpo como existindo apenas num único campo que não tendes tido mais sucesso no tratamento da doença humana.

Existem processos automáticos que são constantemente executados pelo corpo, dos quais não estais intelectualmente cientes. Quando ocorre uma interrupção de um desses processos, há maneiras de os pôr em movimento novamente. Estas envolvem não cirurgia, mas uma

comunicação e ajuste apropriados, feitos através ou por meio do subconsciente ao eu interior.

O eu interior, que tem sido chamado de alma, tem ligações por todo o organismo físico e não está concentrado numa única parte. São feitos mais ajustes pelo organismo físico do que imaginais, e quando digo que ele existe em muitos campos, quero dizer que ele não apenas aparece dentro deles, mas faz parte deles de maneira íntima; que o organismo físico, tal como se materializa no vosso universo, é na verdade uma convergência e fusão que tem a sua existência, sendo uma mistura de dados provenientes de muitos planos, que seriam considerados estranhos pelo intelecto.

O organismo físico, como sabeis, muda constantemente e não pode ser dito que seja o mesmo de um dos vossos momentos para o outro. Para vós, ele aparece como uma duração sólida. Em muitos dos campos nos quais ele existe, é visto como a cintilar constantemente, como um fogo, por exemplo.

O padrão geral de organização, num sentido físico, deve ser mantido, contudo, e sempre sob os auspícios do eu interior, que não está aprisionado pela sua construção, embora, como qualquer bom guardião, passe a maior parte do tempo em casa, mantendo a estrutura.

A estrutura molecular é, de facto, bastante rígida. O eu interior não está tão ligado a esse alinhamento formal e, portanto, é livre para viajar de maneiras que o corpo, devido à sua estrutura molecular formal, acha impossíveis.

Esta foi uma sessão frutífera, e estou satisfeito por nos vermos de novo dentro do horário. Descobrireis que o material desta noite, particularmente sobre o organismo físico, será muito útil, especialmente em sessões futuras. Em algum momento lidaremos com a manutenção do organismo, e então precisareis deste material. Espero que ele explique a relativa (sublinhe-se: relativa) rigidez do padrão que compõe o corpo, o que lhe permite manter uma constância aparente; e um dos preços que tem de pagar por isso é uma estabilização de um tipo ao qual o eu interior não está vinculado.

Agora terminarei a nossa sessão. Os meus votos mais calorosos para ambos, particularmente por este ser o início do vosso novo ano. Que seja um ano frutífero.

(*Mais uma vez, a Jane estava bem dissociada. E novamente não estava consciente de luz ou escuridão, ou imagens. No entanto, estava ciente da sua voz a falar*.)

SESSÃO 119
6 DE JANEIRO DE 1965

(A informação que se segue são retirados do caderno de tempo psicológico da Jane: no dia 5 de Janeiro, terça-feira, não houve resultados em particular. No dia 6, quarta-feira, às 11h30, alcançou primeiro um leve transe, depois sentiu como se as mãos estivessem cruzadas, embora soubesse que não estavam. Sentiu uma extrema sensação de leveza e elevação, como se algo a pressionasse por baixo. A mão esquerda mexeu-se ocasionalmente por conta própria.)

(John Bradley, de Williamsport, Pensilvânia, visitou-nos ontem. Já assistiu a várias sessões. Não pôde comparecer à sessão desta noite, mas deixou connosco uma pergunta sobre a transubstanciação, querendo ouvir os comentários de Seth sobre os resultados literais, se existirem, desta cerimónia católica.)

(A Jane tem lido Jung nos últimos dias. Esta tarde, disse-me que achava que Seth poderia falar sobre o ego interior consciente de si. À medida que a hora da sessão se aproximava, não sabia ainda qual seria o seu procedimento — se se sentaria, ficaria de pé, andaria, abriria ou fecharia os olhos. Continuava também preocupada com a questão do tempo quando fechava os olhos, e concordámos que eu pediria pausas se os monólogos parecessem ultrapassar o limite habitual de meia hora.)

(Ela estava sentada em frente à minha mesa, numa cadeira de vime, quando chegaram as 21h. Não se levantou, nem tirou os óculos, mas começou a falar com voz normal, olhos fechados e cabeça algo inclinada para baixo. Estava a fumar.)

Boa noite.

(Boa noite, Seth.)

A Jane deve aprender muito de valor com o livro de Jung que está a ler. E gostaria de mencionar aqui que eu não sou o animus da Jane.

(A palavra era-me desconhecida, pedi à Jane que a repetisse. Ela fê-lo, mas decidi esperar até poder consultar Jung eu mesmo.)

Compreenderás, Rob, quando leres o livro. O animus da Jane é, de facto, um tipo bastante diferente de mim, muito mais omnipotente para o subconsciente dela. De facto, falarei sobre o ego interior, que é o princípio organizador dentro do subconsciente, mas que olha para outros mundos, mundos de onde tem a sua origem, e que não possui consciência de si nem autoconsciência no universo físico. A sua atenção e foco estão dirigidos para outro lado, de modo que parece estar dormente. Mas não está.

É o ego ou consciência diretiva por detrás de todos os aspetos personificados do subconsciente, em estado dormente, mas contrariamente às proposições de Jung, dentro do subconsciente e nesses aspetos encontram-se remanescentes de personalidades passadas reencarnadas.

Podem ser chamadas sombras, mas não são impotentes. O ego interior, organizador do subconsciente, é também a parte do eu que conhece atividade e métodos que o ego exterior desconhece.

É este organizador que dirige não apenas os movimentos do corpo físico a partir de dentro, mas também aqueles mecanismos íntimos de sobrevivência sem os quais o corpo não poderia existir, e dos quais a existência do ego exterior tanto depende. É este diretor interior que mantém todas estas funções e que é responsável pela saúde física. É a ele que deveis comunicar quando a saúde falha. Há formas de o fazer, que discutiremos mais tarde. Ele escolhe os símbolos dos sonhos de forma que sejam significativos para todas as áreas do subconsciente e é responsável pela quantidade, ritmo e tipo de dados subconscientes transmitidos ao ego exterior através das intuições.

Se o ego exterior se contentasse em trabalhar em pé de igualdade com o seu homólogo interior, muitas dificuldades severas seriam evitadas.

(A Jane fez uma pausa, acenou com a mão, franziu o sobrolho. Continuava sentada e tinha escorregado bastante na cadeira, com os pés apoiados no radiador, quase deitada enquanto falava, olhos fechados.)

Esqueci-me, querias a grafia: a-n-i-m-u-s.

O ego exterior, sendo de desenvolvimento posterior, é ciumento da sua posição e quer ter todo o conhecimento ao seu alcance. Isso é impossível. Não suporta ter nada escondido, mas o próprio mecanismo do seu comportamento está-lhe oculto, e ele conhece apenas a sensação das suas próprias superfícies. Em muitos aspetos, é um refletor, a superfície do eu a olhar para fora. Enquanto isso é necessário, o restante do eu não poderia ser deixado a um organizador que não focasse a sua atenção nas profundezas, mas que permanecesse, por assim dizer, na varanda da frente da casa, deixando os mecanismos internos sem vigilância.

O ego exterior não quer encontrar o ego interior. Não quer admitir a existência dele. Assim como o olho não pode ver a sua própria pupila sem um espelho, também o ego exterior não poderia ver-se a si próprio, se não fosse porque o ego interior se esconde nas profundezas de todos os reflexos. Quando o ego exterior reflete o mundo exterior, vê reflexos do ego interior, que são as imagens dentro do seu próprio olho. E, como o eu cria matéria subconscientemente e não conscientemente, e como cria matéria alinhada com expectativas interiores e não exteriores, assim também o ego, ao observar o universo material, depara-se com o rosto do seu próprio ego interior, e não pode escapar dele.

Sugiro uma pausa.

(As pálpebras de Jane estavam pesadas, teve dificuldade em manter os olhos abertos durante alguns minutos. Disse que tinha estado bem dissociada, entrando num transe profundo após as primeiras frases. Sabia o que estava a dizer enquanto transmitia, mas depois esquecia-o.)

(A Jane definiu o animus de Jung como as características masculinas incorporadas subconscientemente na mulher. Anima seriam as características femininas incorporadas subconscientemente no homem.)

(Disse também que, quando transmite material enquanto está sentada e de olhos fechados, sente uma resistência ao estado dissociado. Não é uma sensação forte, mas está consciente dela. Voltou agora a ditar, sentada, olhos fechados, por vezes escorregando na cadeira de vime, com os pés no radiador, quase deitada.)

Nem poderia eu, de forma alguma, corresponder ao animus da Jane. Uso o nome Ruburt e não Jane porque o animus pertence à Jane e à personalidade presente. Falemos de reflexos, porque o Ruburt tem uma anima!

Os cientistas vislumbraram as complicações do corpo humano, mas mal vislumbraram as realidades complexas da mente. Se fosse compreendido que as áreas do subconsciente estão povoadas por muitas e variadas subpersonalidades, então não se surpreenderiam que o corpo humano, por vezes, esteja tão assediado por doenças, ou que a personalidade dominante tantas vezes se apresente de forma contraditória.

O subconsciente não é uma cave cheia de explosivos, a abanar os alicerces do ego. Contém uma coleção de personalidades diversas e vitais, que representam os "perdedores" quando chegou a altura de enviar uma delas à superfície do eu. A escolha é sempre feita pelo ego interior, segundo o seu conhecimento das qualidades da personalidade.

Qualquer uma destas personalidades subconscientes poderia ter aprendido a lidar com o mundo exterior tão bem quanto o ego dominante presente, mas por várias razões de desenvolvimento interior não podiam ser tão confiáveis. Estas subpersonalidades não são inconscientes de si próprias. Têm consciência de si, das suas necessidades e impulsos, mas não têm consciência em relação a outros eus.

São diferentes do ego interior, porque este tem consciência de si próprio, do ego exterior, e está ciente da existência do mundo exterior, embora não se preocupe muito com ele, a menos que o eu total esteja em risco devido às ações do ego exterior. O ego interior sabe quando aplicar válvulas de segurança e percebe o perigo antes que o ego exterior seja alertado.

Preocupa-se em manter os alicerces e o equilíbrio do eu total, e está aberto a mensagens da entidade global. Recebe mensagens através dos sentidos interiores e tem consciência de realidades que o ego exterior não pode permitir-se reconhecer devido à sua especialização. Em alguns aspetos importantes, o ego exterior deve representar, até certo ponto, as personalidades subdominantes que ainda habitam o subconsciente. Quando representa mal essas personalidades, elas rebelam-se e, quando as condições são favoráveis, tentam expressar-se através de uma fraqueza

momentânea do ego dominante. Mesmo sem o fazer, podem por instantes assumir o controlo ou manifestar-se através de uma única função, como a fala ou o movimento, enquanto o ego exterior permanece completamente alheio.

Sugiro uma pausa.

(Os olhos da Jane abriram-se lentamente. Disse que estava tão bem dissociada que não se lembrava do que tinha dito. Recordava vagamente ter ouvido a própria voz. Não se sentia incomodada por qualquer noção de tempo enquanto falava; ainda assim, queria ter a certeza de que "saía" a tempo. Durante a pausa, mencionei a pergunta do John Bradley sobre a transubstanciação. A voz da Jane estava bastante forte, até alta, quando recomeçou a ditar. Permaneceu sentada, olhos fechados, a fumar.)

A consciência teve origem no subconsciente, de onde emergiu. A consciência nunca foi, em momento algum, o centro do subconsciente. No entanto, o ego interior sempre foi o centro do subconsciente. À medida que o eu se envolvia mais com a objetividade, o subconsciente, por si mesmo, iniciou a formação da consciência, que evoluiu à medida que partes dele se especializavam para o propósito de exteriorização.

(Exteriorização, como a Jane pronunciou, "out-terialization".)

O centro da consciência — ou seja, o centro da consciência exterior, o ego exterior — é finalmente escolhido pelo ego interior, depois de certas partes do eu interior demonstrarem maiores tendências para a objetificação. Estas partes agrupam-se em torno de uma das subpersonalidades subconscientes, que então vence para se tornar o ego exterior, o manipulador e porta-voz do eu total.

Este ego exterior, entre os seus propósitos, tem o dever de expressar não apenas a si mesmo, mas também, em menor grau, aquelas várias personalidades ocultas que compõem o subconsciente. Em termos mais amplos e abrangentes, o eu total, todo o campo do subconsciente completo e do eu interior, remonta à entidade. Não há fim para a projeção passada ou existência do subconsciente de qualquer eu; e, embora isso não seja compreendido no vosso campo, não há fim para o impulso para a frente do subconsciente de qualquer eu.

Na morte, no vosso plano, o ego apenas muda o foco da sua consciência. Tivemos um bom progresso esta noite, e por aqui encerro a nossa sessão. As minhas mais calorosas saudações a ambos. Abordaremos a questão da transubstanciação, tal como pedida pelo nosso amigo, numa data não distante.

(Boa noite, Seth.)

(A Jane esforçava-se para manter os olhos abertos. Disse que estava bem dissociada e, durante alguns minutos após o final da sessão, lembrava-se apenas da última frase que tinha proferido. A voz tinha estado alta, a dicção clara. Estava muito inquieta na cadeira, variando entre uma posição

sentada ereta e uma praticamente deitada. Disse que acredita agora que o seu hábito tradicional de andar de um lado para o outro tornou-se, em grande parte, uma distração; acha que já não deseja andar a não ser quando sente breves momentos de resistência à rendição do ego nesse ponto.

(No geral, sente que há muito menos resistência ao transmitir o material estando fisicamente menos ativa. Recebe os dados de forma mais clara assim. Também não está tão consciente de distrações externas, como o trânsito a passar pela casa ou pessoas no corredor fora da porta. A Jane disse que a sua voz lhe parecia vir de um ponto talvez a trinta centímetros à frente da boca. Esta era uma sensação nova, tanto quanto conseguia recordar, embora não soubesse se começou na última pausa.)

(A informação que se segue 'e retirada do caderno de tempo psicológico da Jane:
7 de Janeiro, quinta-feira, 11h30: Mentalmente, vi a velha casa da Mãe. Lembrei-me de ter escrito um poema em criança, completamente esquecido até então, que na altura me parecera tremendo. Só me lembrei das duas primeiras linhas: "O meu quintal é um jardim, Em beleza inigualável." Vi o velho linóleo da cozinha em cores, e o telhado exterior da cave. Recordei um objeto no telhado que ultimamente eu tentava pintar. Não consegui vê-lo claramente. A mão esquerda mexia-se sozinha.

(8 de Janeiro, sexta-feira, 11h30: Sensação de mãos cruzadas novamente. Vi fora de mim o contorno claro de um arbusto alto cheio de folhas, ou de um certo tipo de árvore, contra um fundo vermelho esbatido. As folhas eram distintas e separadas. Também tive uma conversa mental de que já me esqueci.

(11 de Janeiro, segunda-feira, 11h30: Vi uma tesoura. Mais tarde, enquanto descansava, recebi uma impressão mental de Linda Butts e talvez da sua mãe, Betts. Não tenho a certeza de que fosse Linda, mas quem quer que fosse estava ou muito zangada ou assustada. Linda e Betts poderiam ter estado a discutir (embora seja improvável; tanto quanto sei, Linda está fora, na escola). Tudo isto foi uma impressão mental, mais um sentido confuso de som e agitação emocional, com apenas imagens vagas. Não vi a Linda claramente, mas atribuí-lhe esses dados.

(Logo a seguir, senti uma sensação muito estranha, que só posso descrever como um movimento confuso, forte, desordenado, dentro da minha cabeça; como símbolos zangados ou perturbados que não foram traduzidos em informações específicas, com um sentido de som associado. Foi como se eu tivesse captado os tumultos físicos e emocionais de outra pessoa. Ao mesmo tempo, senti a mesma sensação, embora em menor grau, na rótula esquerda, que instantaneamente estalou ou fez a minha perna erguer-se. Tudo isto foi direto e cinético da minha parte. Eram aproximadamente 18h30.)

SESSÃO 120
11 DE JANEIRO DE 1965

(Pelas 20h55, a Jane sentia-se desconfortável e nervosa porque não sabia sobre o que o Seth iria falar. Este sentimento intensificava-se, claro, porque também não sabia se iria sentar-se com os olhos fechados ou andar de um lado para o outro durante a sessão. Recordou-me da frase sugerida por Seth para a trazer de volta do estado de transe a cada meia hora, caso mostrasse sinais de nele permanecer por períodos prolongados. Coloquei a cadeira Kennedy em frente à minha mesa de escrita. A Jane permaneceu sentada quando a sessão começou. Pôs os pés no radiador e balançava-se ligeiramente para trás e para a frente enquanto ditava. Os olhos estavam, na maior parte do tempo, fechados, embora estivesse a fumar quando a sessão começou. A voz estava um pouco mais forte do que o habitual; também se pode notar que, na maior parte, as pausas que ela fazia durante a transmissão já não eram tão longas.)

Boa noite.

(Boa noite, Seth.)

Antes de mais, numa nota jovial, permitam-me comentar a nova disposição do mobiliário, acrescentando que, para os vossos propósitos, o segundo divisor de sala será muito vantajoso. Parece que vos tenho feito palestras constantemente, e temo que ultimamente tenha sido de forma bastante seca e oficial. Contudo, em alguma sessão num futuro próximo, teremos um momento menos formal e mais amigável. Preocupo-me em transmitir-vos material, mas também me preocupo para que não percamos a natureza amigável básica das nossas comunicações.

Quanto à nossa experiência com este novo procedimento, está a correr bem. Estamos a avançar gradualmente e com delicadeza, e em qualquer ocasião em que a Jane sinta, momentaneamente, pânico — embora eu não acredite que ela o vá sentir —, ela simplesmente sairá do seu estado mais ou menos automaticamente. Acredito que este sinal já foi estabelecido como precaução.

Falaremos esta noite sobre a importância da existência de planos ou campos de atualidade que ainda não são geralmente reconhecidos no vosso campo. Devido à insistência geral da humanidade em reconhecer apenas os seus próprios campos de realidade, o avanço do conhecimento fica limitado. Nenhum esforço será feito para determinar a existência ou importância de realidades que não se acredita existirem desde o início, especialmente quando tal descoberta abalaria os próprios alicerces do conhecimento como ele existe atualmente.

É precisamente por causa dessa falha, por causa do esforço do homem em explicar os dados apenas em termos do seu próprio campo, que tanto parece inexplicável, misterioso ou além do alcance da compreensão

intelectual. Ao seguir tal curso, a humanidade limita severamente a quantidade de dados que chega à sua própria perceção. Assim, tenta construir um modelo do universo apenas com um punhado de pistas disponíveis.

As pistas que ele não procura conduziriam não apenas a factos secos e generalizados, mas a factos que estão na base do universo como ele o conhece. Factos, de facto, que tornam tal universo possível, factos que revolucionariam a ciência, e sobretudo a ciência da medicina e o campo da psicologia. O estudo da chamada perceção extrassensorial é agora considerado um domínio isolado e bizarro, sem relação com outros campos do conhecimento. A razão para isso é que os dados que ligariam tal estudo a todos os outros campos de interesse não são reconhecidos. O estudo do funcionamento interior do eu está intimamente ligado ao estudo do universo tal como ele existe em todos os seus níveis de realidade.

As peças do puzzle estão ao alcance da humanidade, mas ele montou um modelo de universo desajeitado e mal ajustado, um puzzle do qual tem medo de se desfazer. Se o universo físico existisse apenas num campo físico, de facto este seria o maior milagre de todos, pois seria impossível. A vitalidade interior de que tantas vezes falámos, e cujos modos descrevi, essa vitalidade interior é a força que forma o universo físico, e sem a qual nenhuma manifestação seria possível. Contudo, este eu interior, esta vitalidade interior, é uma das principais pistas que o homem se recusa a reconhecer, chamando-lhe uma suposição irrazoável, sem estar disposto a examiná-la para descobrir aquelas características que a mostram como o mais razoável e lógico dos fenómenos.

Em outras sessões, expliquei de forma precisa e detalhada os passos pelos quais esta vitalidade individualizada forma a sua própria energia em moléculas e átomos, que são a base para gestalts mais avançados. Pela recusa em investigar a existência e o funcionamento de tais forças, a humanidade sofre gravemente as consequências da sua própria ignorância. Sugiro uma pausa.

(Mais uma vez, os olhos da Jane abriram-se lentamente. Disse que tinha estado completamente dissociada, muito mais longe do que em sessões anteriores, antes de começar a sentar-se. O cigarro tornara-se uma distração. Ouvia-se falar como se estivesse a ouvir uma gravação. Retomou, sentada na cadeira de baloiço, com voz agora mais alta e ritmo mais rápido, olhos fechados.)

O vosso universo existe dentro de muitos campos e exerce força como uma atualidade nesses campos. Forças de vários tipos são também exercidas por esses campos sobre o vosso universo. Até que isto seja plenamente compreendido, pouco progresso real poderá ser feito. A humanidade ainda lida apenas com superfícies, dependendo principalmente

dos poderes do ego exterior, cujo propósito é lidar apenas com a realidade superficial.

Isto não significa que tal realidade superficial não seja vital e importante, ou que não se possa extrair alguma informação sobre a sua própria natureza a partir do seu estudo; mas apenas uma pequena quantidade pode ser obtida dessa forma. Os outros campos de que falo exercem as suas influências sobre o organismo físico tal como ele existe. Essas forças são tratadas e equilibradas pelo subconsciente, e não pelo ego exterior.

Excessos de químicos no corpo são drenados pelo subconsciente, através da sua capacidade de agir como canal entre campos de atualidade. Os químicos são enviados como projeções para outros campos que necessitam desses químicos. Certas energias provenientes de outros planos ou campos são também projetadas para este campo, onde são usadas. A transformação de energia de um campo para outro ocorre continuamente. Não posso enfatizar demasiado o facto de que, na prática, o corpo existe em muitos campos, e não pode ser explicado nem compreendido quando considerado apenas como produto de um campo único. Nem pode ser muito ajudado em momentos de dificuldades físicas, porque as causas básicas dos problemas não são conhecidas, e o tratamento, na melhor das hipóteses, é aleatório.

Em todos os casos de má saúde, as forças psíquicas interiores estão a ser mal direcionadas. O objetivo da medicina deveria ser, então, ajudar o eu interior a redirecionar a sua própria energia por outros caminhos. As forças psíquicas podem ser desviadas de várias formas principais, causando vários tipos de mau funcionamento. A energia pode não ser devidamente dirigida para libertar do campo físico do corpo os químicos em excesso para outros campos. Um acúmulo desses químicos pode ser mortal, levando, entre outras coisas, a formas de insanidade, esquizofrenia e outros distúrbios que se manifestam em sintomas mentais ou de personalidade.

É possível tratar tais distúrbios a partir de uma perspetiva química, como por vezes é feito, mas o equilíbrio químico artificial adquirido, na maioria dos casos, não será mantido, porque o eu interior, o subconsciente profundo, não foi sinalizado de que um erro está a ser cometido. Idealmente, claro, tal erro não deveria ocorrer. Há também razões pelas quais o subconsciente profundo permitiu que tais dificuldades surgissem, e, na maioria dos casos, a razão básica aqui é a falta de compreensão e comunicação entre as várias partes do eu, de tal forma que, aparentemente, a mão esquerda não sabe o que a mão direita está a fazer.

O primeiro tratamento deve sempre incluir o restabelecimento dessa comunicação, e teremos mais a dizer sobre este assunto mais tarde. A existência em qualquer campo é mais complexa do que sonhais ser possível ou razoável. Depende de uma atualidade simultânea em tantos campos, e de

equilíbrios e comunicações delicadas, sendo os equilíbrios, em todos os casos, determinados pela eficiência dessas comunicações.

Refri anteriormente a ligação entre excesso de químicos e o campo dos sonhos. Antes de fazermos uma pausa, deixem-me dizer-vos que as hormonas no corpo físico têm não apenas uma base e realidade química, mas também elétrica, ou melhor, eletromagnética, e que estas também são conetores com outros campos de existência. Sugiro agora uma pausa.

(A Jane estava bem dissociada, mal conseguindo recordar o que tinha dito. Sentada novamente, de olhos fechados, retomou com voz igualmente alta e clara.)

A chamada perceção extrassensorial, e muitos empreendimentos ligados a ela, representam apenas o reconhecimento, por parte de alguns, dessas importantes peças de dados que normalmente não são reconhecidas. Experiências bem-sucedidas nestas áreas aparecem como acontecimentos desconectados apenas porque o contexto em que têm existência, e que torna essa existência possível, não é conhecido nem reconhecido.

A telepatia ocorre constantemente, meus caros amigos, em todos os campos de atualidade. A telepatia ocorre dentro do corpo, entre as células. A telepatia existe porque nenhum sistema é verdadeiramente um sistema fechado. A clarividência existe e é possível devido à sua base no presente espaçoso, e isso não é conhecido porque o homem não aceita os dados disponíveis. A clarividência existe porque matéria e energia são uma e a mesma coisa.

Há clarividência dentro dos próprios órgãos do corpo físico, porque os órgãos do corpo não são, entre aspas, "apenas" matéria, mas energia que se compôs em matéria. Esses dados internos são continuamente e automaticamente aceites por todas as outras partes da estrutura humana, exceto pelo ego exterior. Mesmo esse ego exterior, no entanto, frequentemente age sem saber, com base em tais informações, que não admitirá ter recebido; e muitas vezes tal ação salva-o de circunstâncias graves.

Como sabeis, houve um tempo em que era necessário que o ego se concentrasse exclusivamente em dados exteriores, mas os canais nunca se fecharam entre o eu interior e o ego. Os caminhos para a comunicação entre os dois foram deixados abertos. Se não tivessem sido deixados abertos, o homem não teria qualquer conhecimento, nem sequer um vislumbre, da sua existência interior básica. Não existe um verdadeiro estado dual. O eu interior fará com que se deem conta da sua presença. Para a espécie, este período atual é transitório, mas o prolongamento deste período poderia trazer resultados extremamente infelizes.

Duas possibilidades principais vêm à mente. Primeira: uma contínua falta de aceitação do eu interior poderia levar a uma catástrofe mundial, à medida que o ego se descontrola. Segunda: o eu interior, contido e negado

por demasiado tempo, poderia esmagar explosivamente o ego, tornando a existência no campo físico extremamente difícil, dado que o ego não está equipado para lidar com tal manipulação. O domínio do ego deve, de facto, ser interrompido, mas deve ser substituído por um equilíbrio entre o eu exterior e o eu interior. Outros assuntos brevemente mencionados esta noite serão também discutidos mais a fundo mais tarde. As minhas melhores saudações a ambos, e à Jane, bravo.

(Boa noite, Seth.)

(A Jane saiu lentamente do seu estado profundo, como de costume. Recordava pouco do material. Disse que o "bravo" do Seth referia-se ao facto de ela estar a aceitar os novos desenvolvimentos durante as sessões, nomeadamente transmitir o material sentada e de olhos fechados.)

SESSÃO 121
13 DE JANEIRO DE 1965

(A Jane não fazia ideia sobre o material da sessão à medida que a hora se aproximava, mas não estava nervosa como na última sessão. Mais uma vez, começou a ditar sentada na cadeira de baloiço, em frente à minha mesa. Tinha os olhos fechados, não estava a fumar e tinha tirado os óculos. A voz estava bastante calma, mas clara, e falava a um ritmo confortável, sem pausas excessivas.)

Boa noite.

(Boa noite, Seth.)

Queria acrescentar aqui que evidências desses outros campos de atualidade podem ser encontradas até mesmo dentro do corpo — ou seja, dentro do corpo físico. Mas essas evidências não são reconhecidas pelo que realmente são, sendo feitas tentativas contrárias para encaixá-las no quadro do conhecimento convencional, onde, de facto, encaixam muito mal.

Além disso, colocá-las dessa forma é enganador quando se tiram outras deduções. Tais evidências de outras atualidades poderiam servir como pistas importantes, que, se seguidas, poderiam então começar a desvendar os segredos que são segredos apenas devido à recusa do homem em persegui-los. Essas pistas poderiam levar a uma compreensão adequada, de forma que se soubesse que o corpo físico existe em muitos campos de atualidade, e através do estudo de várias partes do corpo poderiam ser obtidos vislumbres desses próprios campos de atualidade.

Estudar o corpo humano apenas do ponto de vista físico, ou considerá-lo exclusivamente um fenómeno físico, é limitar severamente a vossa perceção dele — e da realidade como um todo. Estudar a psicologia exclusivamente em termos do efeito do cérebro sobre o corpo físico é igualmente limitador e prejudicial, pois o cérebro é apenas aquela porção

— muito pequena, aliás — da mente que é visível dentro da matéria. Como tal, dentro do vosso campo físico, o cérebro está sujeito às leis do vosso campo. A mente, tendo a sua existência dentro do alcance do campo físico, mas sendo independente dele, é um tema de estudo muito mais frutífero; e não, obviamente, um estudo através de instrumentos físicos ou operações realizadas, porque, em qualquer caso, a mente não pode ser encontrada por tais procedimentos.

Descobrir-se-á que a mente está intimamente ligada ao presente espaçoso. As capacidades da mente, se estudadas, conduziriam o homem a uma realização desses outros campos de atualidade de que falei. A mente lida com intangíveis, mas não lida com irrealidades. Novamente, a validade de uma atualidade não deve ser determinada apenas pela sua aparência dentro da matéria. Os ingredientes da matéria são, antes de tudo, ingredientes intangíveis, e o estudo da mente e dos processos pelos quais a mente cria as suas imagens de sonho poderia levar a uma compreensão básica da forma como o homem, subconscientemente, produz as imagens físicas do seu próprio universo material.

Esse estudo, por si só, envolveria uma introdução ao conhecimento de outros campos de atualidade. A biologia fez muitos progressos, mas terá, finalmente, de preocupar-se com aquele intangível que está por trás de todos os organismos, e será forçada a iniciar um campo inteiramente novo, algo como uma psicologia orgânica básica. Será forçada a reconhecer a capacidade inata de todas as células para aquilo a que podemos chamar telepatia, porque não haverá outra solução para responder a muitas perguntas.

Nas estruturas vivas mais simples, a telepatia é uma necessidade para a comunicação, particularmente antes de a energia interior estar suficientemente concentrada para formar qualquer tipo de padrão mais complicado ou estrutura nervosa. Mesmo quando tais estruturas nervosas e complicações físicas evoluem, a telepatia continua a operar, permanecendo uma necessidade como sistema de comunicação dentro da estrutura física e ainda lidando com dados que não podem ser transportados por nenhum meio físico, simplesmente porque, pela sua natureza, são intraduzíveis em materialização física.

Estes pontos são todos extremamente importantes. Muito ainda será dito para clarificar o termo telepatia, já que existem muitos tipos, como deveríeis perceber pelo que já disse. Este, por si só, é um tema complicado, e, no entanto, quando terminar, ficará demonstrado que a telepatia é uma capacidade íntima e inata em todas as células. Sugiro uma pausa.

(A Jane estava bem dissociada, alheia a estímulos externos. Os olhos abriram-se lentamente. Disse que sente que o material está mais "concentrado" do que costumava ser — isto é, que a mesma quantidade de informação está contida em menos palavras. Certamente as sessões já não

são tão longas quanto antes. A Jane disse também que acredita que não voltará a fumar enquanto dita, pois isso também se tornou uma distração. Sentada, de olhos fechados, voltou a falar com voz calma.)

Bem. No seu nível mais simples — e, ainda assim, isto está longe de ser simples —, aquilo a que chamais telepatia opera da seguinte maneira.

A telepatia, neste nível, é a comunicação intangível e não material da energia interior, ou energia interna, para a materialização física de si mesma dentro do campo físico. Esta telepatia elementar não é a comunicação de pensamentos propriamente ditos, mas a comunicação de intenção, desejo e propósito. É, portanto, a comunicação da energia interior para vários aspetos ainda em formação de si mesma, uma espécie de traçar invisível de caminhos ou pontes. E, ao mesmo tempo, o estabelecimento desses caminhos intangíveis serve como a estrutura interna sobre a qual, ou em torno da qual, futuras linhas ou estruturas físicas serão construídas.

Nenhum sistema de comunicação física, como nervos e afins, é realizado antes de estas estruturas telepáticas de energia interior invisível serem primeiramente estabelecidas, pois são elas que imprimem nas estruturas físicas ainda não formadas os hábitos e modos que essas estruturas físicas irão então seguir; e estas linhas telepáticas internas continuam a existir dentro das estruturas físicas depois de estarem completas — e por algum tempo, mesmo após as estruturas físicas terem sido desfeitas.

Até este ponto, disse muito pouco sobre o chamado corpo astral. Em parte, porque não gosto do termo. Por outro lado, não queria discutir tais pontos antes de vos ter preparado não apenas para a sua existência, mas para o seu propósito e lógica.

(Muitas sessões atrás, Seth afirmou que não gostava do termo corpo astral, mas nada mais disse sobre o assunto. Ver a sessão 40, [no Volume 1].)

Podereis agora perceber de onde tem origem e propósito este chamado corpo astral. Ele é, na verdade, a estrutura intangível mas real formada pela energia interior, em torno das cujas linhas — ou, na verdade, pontos de referência — a estrutura física é construída. Agora, este tipo de telepatia elementar existe como uma necessidade desde a primeira formação de energia interior em matéria. Algumas das nossas sessões passadas, particularmente aquelas que explicam o surgimento inicial da matéria, esclarecer-vos-ão, e vereis que as explicações que vos dei então teriam de envolver tal comunicação telepática elementar entre células.

À medida que a energia interior forma gestalts mais complicados através dos processos que expliquei anteriormente, continua então a comunicar-se telepaticamente com a matéria física que cria à sua volta. Quando a energia interior deseja construir um gestalt mais complexo, deve comunicar telepaticamente essa intenção e propósito através da matéria que

reúne à sua volta, formando primeiro um padrão telepático interno mais complicado, que depois poderá ser preenchido com matéria física.

Os modos como a telepatia opera são difíceis de explicar devido à divergência de definição mantida pelo ego e pelo eu interior de qualquer indivíduo. Para o ser humano, deve parecer que a telepatia é uma comunicação mental ou psíquica que ocorre entre dois ou mais eus inteiramente separados. O ego, como vedes, tem uma definição para o eu, e a sua própria ideia sobre as limitações de si mesmo. O ego considera-se a si próprio como sendo o eu e considera qualquer coisa fora de si mesmo como sendo ou não-eu ou outra identidade separada, e assim o indivíduo humano é levado a acreditar que a telepatia é basicamente uma comunicação entre dois ou mais eus separados, sozinhos e distantes.

A telepatia não opera ao nível do ego, embora as suas ações possam penetrar no domínio do ego. A telepatia opera dentro do eu interior, dentro de vários níveis, diferentes níveis do subconsciente, onde as ideias de separação e limitações do eu não são nem de longe tão restritivas.

O tipo de telepatia que é mais comumente pensado como telepatia não é, obviamente, aquele tipo elementar de que falei anteriormente, mas sim uma variedade diferente. Esta forma particular, mais avançada de telepatia não poderia ter ocorrido — e não ocorreu — na sua forma mais complicada até ao desenvolvimento, no vosso plano, de personalidades psiquicamente desenvolvidas. Esse desenvolvimento envolveu separações e concentrações de energia em identidades conscientes de si. Foi um avanço, sem dúvida, mas esse avanço levou também a uma separação e objetivação da consciência, em segmentos duais de sujeito e objeto. Sugiro uma pausa.

(A Jane estava novamente bem dissociada. Retomou com voz mais alta, ainda sentada e de olhos fechados.)

Expliquei no passado as potencialidades e qualidades ilimitadas do eu. Podes consultar essas discussões se desejares um enquadramento aqui. *(Entre outras, ver a sessão 40, de 1 de abril de 1964, sobre as cápsulas de tecido, e a sessão 41, sobre o presente espaçoso.)*

Podes ver que o eu interior é muito mais vasto e ilimitado do que o eu do ego, e que, embora ocorram divisões, elas podem variar, e os limites do eu interior estão constantemente a mudar. Comunicações telepáticas internas existem sempre que o eu interior alcança algo, onde quer que as suas simpatias ou vitalidades sejam atraídas. De certa forma — que mais tarde discutiremos —, psiquicamente ele envolve a informação, operando psiquicamente quase da mesma maneira que uma ameba simples, fisicamente, envolve alimento.

Esta talvez não seja uma analogia muito elegante, mas os princípios por trás dela são sólidos. Isto é complicado de explicar, e ainda assim uma explicação é muito necessária, porque a telepatia opera principalmente quando são estabelecidas semelhanças e atrações, quando o semelhante

atrai o semelhante; e não, como parece, quando aparentemente uma identidade separada e alienígena se conecta com outra.

O que estou a tentar transmitir aqui é que, devido aos estudos superficiais feitos até agora, parece que a telepatia opera com separação por causa das limitações impostas pelo ego à definição de eu. É a semelhança, ou simpatia, daqueles em comunicação telepática que torna a telepatia possível. A ideia limitada do eu, sustentada pelo ego, obscurece e distorce a questão principal, pois o ego não está consciente dos laços subjacentes de simpatia que servem para fundir, momentaneamente, as identidades envolvidas.

Isto, queridos amigos, é suficiente para uma sessão. Dei-vos alguma substância; na próxima vez acrescentarei o molho. As minhas melhores e mais calorosas saudações a ambos.

(Boa noite, Seth. A Jane estava novamente bem dissociada.)

SESSÃO 122
18 DE JANEIRO DE 1965

(Durante uma experiência de tempo psicológico, no dia 18 de janeiro, segunda-feira, às 11h30, a Jane alcançou os seguintes resultados: "Sensação extrema de leveza. Não tinha sensação de pressão física sobre a cama, mas sim de suspensão. Nas experiências recentes, tenho sentido uma forte sensação de vibração e movimento nos inícios das sessões.")

(A Jane não se sentia bem, mas decidiu tentar a sessão mesmo assim. Mais uma vez, falou sentada, com os olhos fechados. O ritmo de ditado foi médio, a voz normal. Não fumou durante a sessão.)

Boa noite.

(Boa noite, Seth.)

Este procedimento, no qual a Jane se senta tranquilamente, é de facto menos exuberante do que os nossos métodos anteriores, mas tem muitas vantagens, e é benéfico que experimentemos em várias direções.

O vosso interesse nestas sessões deve competir, de facto, com os empreendimentos quotidianos, e haverá, como sabeis, flutuações no vosso interesse e, certamente, na vossa energia. A regularidade das nossas sessões é a nossa melhor garantia de que continuarão. A Jane é, claro, livre, quando se sentir indisposto, de cancelar uma sessão, mas eu preferiria, sempre que possível, que algum tipo de sessão fosse realizada, mesmo que muito breve.

Tu também, Rob, podes naturalmente cancelar uma sessão por razões semelhantes às tuas. Não deveis sentir-vos obrigados às sessões, mas tê-las porque as quereis. Qualquer outra coisa derrotaria o seu propósito.

Para continuar na linha dos vários campos de atualidade nos quais o corpo humano existe, esses campos ou sistemas, sendo abertos, são também

campos com identidade particular, dentro dos quais certas leis internas e particulares operam. Forças que entram nesses campos, pelo próprio ato de entrada, tornam-se transformadas no tipo de dado que pode ser aceite pelo campo em questão. O campo está, então, aberto, mas os dados que passam para ele estão numa forma diferente da que tinham antes de entrar.

Existem campos elétricos de atualidade, que são campos nos quais os dados ou forças dominantes são elétricos, da mesma forma que a força ou dado dominante no vosso plano é material. Neste campo, a força elétrica é o principal método pelo qual a energia interior se expressa. Isto é algo difícil de explicar, e ainda assim, mais tarde, não parecerá tão complicado. Gestalts de personalidade dentro deste campo são construídos eletricamente, com componentes elétricos, sem matéria física. Neste campo, possibilidades e atualidades são computadas eletricamente. As vossas próprias personalidades, em certos aspetos, existem dentro deste campo.

Este campo projeta-se, como deveria ser óbvio, no vosso próprio campo de atualidade, e como tal, a própria personalidade tem existência em ambos os campos; e ambos os sistemas, sendo abertos, dependem um do outro, e uma falha de sobrevivência num sistema ameaça a sobrevivência no outro. Este campo elétrico particular é um dos mais intimamente ligados ao campo físico; comparando o conjunto ao vosso universo físico conhecido, o campo elétrico seria como um dos planetas próximos do vosso sistema.

A existência neste campo tem grande importância, particularmente no que diz respeito ao mecanismo do cérebro físico, e há muito mais conexões aqui do que os vossos cientistas descobriram até agora. Os impulsos nervosos saltam e conectam os dois campos continuamente, e inter-relacionam-nos de forma extremamente íntima. Apenas raramente o campo elétrico se manifesta visivelmente no vosso campo, mas no seu próprio campo é de facto tangível — embora não em termos de matéria. Este campo está também relacionado com aquilo a que chamais crescimento, no vosso próprio campo. Impulsos elétricos dentro de átomos e moléculas fazem parte da estrutura do vosso universo físico, enquanto que a matéria não é diretamente percebida no próprio campo elétrico.

Onde a matéria existiria ali, uma concentração de energia forma aquilo que poderíeis pensar como uma forma corporal — corpo significando massa —, mas não seria matéria nos vossos termos. Tais manifestações no campo elétrico são muito mais poderosas, em termos de intensidade por unidade de massa, do que qualquer coisa que conheceis. Este é um ponto muito importante, que voltará a surgir connosco no futuro.

Agora, novamente: independentemente do pensamento científico atual, existem pelo menos três tipos diferentes de força elétrica que os vossos cientistas ainda não descobriram, e um deles tem muito a ver com a

intensidade dos pensamentos à medida que são formados na mente intangível, traduzidos para o cérebro físico e depois em ação, conforme o caso. Sugiro uma pausa.

(A Jane estava bem dissociada, como de costume. A entrega tinha sido rápida, mas abrandou um pouco quando retomou, novamente sentada e de olhos fechados.)

Não se trata simplesmente de existir alguma força elétrica fraca dentro do corpo físico, mas de uma parte do corpo físico ter a sua existência real dentro de um campo de força forte; de todo o corpo físico ter contrapartes, por assim dizer, dentro deste campo de força, e de, até agora, o homem ter descoberto apenas as cargas elétricas comparativamente fracas de um tipo particular, que mais obviamente se projetam no universo físico.

O corpo físico, por outras palavras, existe como um corpo elétrico que não é material, que tem uma massa peculiar, mas sem peso, cujas características são aparentes não em termos de formas variáveis, mas de intensidades e concentrações variáveis de força elétrica. Em alguns aspetos, há diferenças. A mente, que não está fisicamente representada no corpo material, existe eletricamente. O cérebro, que existe fisicamente, é uma parte da mente na estrutura elétrica. Os órgãos existem eletricamente. A pele não existe dentro desta contraparte elétrica, embora a pele física contenha força elétrica.

Agora, se pudésseis ver o corpo tal como ele existe dentro do campo elétrico, certamente não o reconheceríeis, pois a sua forma não teria qualquer semelhança com a forma física tal como a conheceis. A contraparte elétrica do corpo físico existe, portanto, como uma identidade formada por vários sistemas elétricos que operam mais ou menos como um só. É uma realidade elétrica em que, certamente, até os pensamentos existem como atualidades, esferas sempre em movimento de sistemas elétricos mais ou menos independentes.

As emoções são também, então, atualidades dentro do sistema elétrico total, existindo não como representações de sentimento, mas como ações carregadas e definidas. Quero, se possível, transmitir a ideia de que este sistema envolve realidades que são diretamente experienciadas e vívidas, e também que, de certa forma, emoções e pensamentos são mais diretamente percebidos nesse campo do que no vosso campo físico. São mais prontamente aparentes, com mais força por trás deles a atuar diretamente sobre o ambiente elétrico, sem quaisquer etapas intermediárias; ou seja, emoções, sentimentos e pensamentos existem imediatamente dentro do ambiente como forças elétricas dentro desse sistema. No vosso sistema, precisam de ser traduzidos e receber realidade através de um método de inter-relações. O vosso campo alcança a sua atualidade apenas como resultado da fusão cooperativa de muitos outros sistemas independentes.

O problema tem sido que os vossos cientistas veem ou percebem sistemas elétricos e químicos, por exemplo, apenas na sua relação com o sistema físico. Não percebem que esses sistemas existem como atualidades de universo próprias. E os sistemas elétricos e até químicos desempenham um papel muito maior dentro do sistema físico do que a matéria desempenha dentro dos seus sistemas. Eles poderiam ambos existir sem o mundo da matéria física, mas o mundo da matéria física não poderia existir sem eles. Sugiro uma pausa.

(A Jane estava dissociada como de costume. Retomou no mesmo tom que antes.)

Tal como no vosso campo a energia interior é traduzida em matéria física através de meios que descrevi anteriormente, dentro do sistema elétrico a energia interior é traduzida nas características peculiares a esse sistema.

Como o vosso sistema depende do sistema elétrico de uma forma ou de outra, contrapartes existem dentro do sistema elétrico para todos esses fenómenos. No entanto, o sistema elétrico contém fenómenos que não aparecem no vosso sistema, embora algumas projeções dele possam ser percebidas. Essas projeções, até agora, nunca foram compreendidas, pois nunca foram estudadas objetivamente, apenas na sua relação com o campo físico.

A matéria tem pouco efeito dentro do sistema elétrico, mas os efeitos do sistema elétrico sobre a matéria física são enormes. Agora, o pensamento humano tem uma realidade elétrica; um pensamento humano existe como uma ação elétrica independente, e como tal continua a existir dentro do sistema elétrico muito depois de ter deixado o seu ponto de origem. Esta é outra informação importante à qual também faremos referência mais tarde.

O pensamento, como realidade elétrica, não está sujeito às leis físicas que vinculam o corpo físico. A durabilidade do pensamento como ato elétrico é determinada pela sua carga elétrica inicial. Esta carga elétrica pode propulsionar o pensamento, como ação elétrica, através das dimensões aparentes do vosso tempo físico de tal maneira que ele pode existir simultaneamente no vosso passado e no vosso presente. Porque um pensamento, como ação elétrica, pode existir tanto no vosso passado quanto no vosso presente, isto não quer dizer que ele se torne duas ações elétricas, uma existindo no passado e outra no futuro. Pelo contrário, a única ação elétrica ou pensamento é projetada simultaneamente, através de uma peculiaridade do seu eixo, de modo que aparece no vosso campo, não em dois lugares ao mesmo tempo, mas em dois tempos ao mesmo tempo.

Nem todos os pensamentos, como ações mentais ou elétricas, necessariamente aparecem assim, de modo algum. Espero aprofundar estes assuntos mais detalhadamente na nossa próxima sessão. E não me esqueci

de que falei de uma sessão informal; quando o vosso gravador estiver reparado, teremos tal sessão, quando poderás ser, por uma vez, aliviado das tuas anotações, Rob. E até abrirei espaço para perguntas.

As minhas mais calorosas saudações a ambos.

(Boa noite, Seth. A Jane estava dissociada como de costume. Disse agora que se sentia melhor do que antes de a sessão começar.)

SESSÃO 123

20 de Janeiro de 1965

(Ao tentar tempo psicológico em 19 e 20 de janeiro, a Jane alcançou, em ambas as vezes, estados excelentes de "êxtase".)

(A Jane não tinha ideia do material para a sessão antes de esta começar. Sentou-se novamente no cadeirão Kennedy, em frente à minha mesa de escrita, e ditou o material de olhos fechados. Não fumou durante o ditado. A voz dela, esta noite, estava algo suave; fez algumas pausas, mas, na maioria, não foram muito longas.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Fico satisfeito por ver o progresso que está a ser feito no livro que trata do material do Seth.

Gostaria de falar sobre alguns dos tópicos que foram debatidos na nossa última sessão. Se bem se recordam, eu disse que os pensamentos, assim como as emoções, existiam enquanto ações elétricas, que uma vez iniciadas assumem uma existência independente. Ou seja, passam a ser realidades aparte e independentes do seu ponto de origem subjetiva.

Elas são trazidas à existência de um modo subjetivo, mas subsequentemente tornam-se ação independente, e como tal podem continuar a existir e ter duração no campo físico, de acordo com o seu potencial elétrico original. Por sua vez, esses pensamentos ou emoções, enquanto ações elétricas, podem afetar outras ações; e padrões de influência podem ser estabelecidos - e são estabelecidos. Os hábitos subjetivos dos indivíduos são em larga medida responsáveis pelas suas próprias atrações para com diversos tipos de ações elétricas desses, e aqui com efeito o semelhante atrai o semelhante.

Diversos factores emocionais em cada personalidade são causa do que podermos chamar um clima característico emocional. Certos tipos de pensamentos e de emoções são aí entretidos. Como são ações elétricas, estabelecem fortes campos elétricos de atração na personalidade, percursos elétricos fáceis. Pensamentos ou emoções não características terão então que sofrer uma certa resistência. O hábito, pois, possui não só um ambiente psicológico, mas uma natureza e implicação elétrica e psicológica. Tornar-

se-á, pois, mais fácil (ou seja, apresentará uma menor resistência) a um dado indivíduo aceitar determinadas ideias ou emoções, e mais difícil aceitar outras. Eu falei sobre campos e sistemas. Enquanto nenhum sistema é fechado, cada um tem nas suas partes mais recônditas suficiente resistência para formar marcos suficientes, de modo que a sua própria identidade seja retida.

O mesmo sucede com a personalidade que, através de cargas negativas, leva ao estabelecimento de limites em relação ao seu próprio sistema emocional. Aceitará prontamente aqueles pensamentos e emoções, ou ações elétricas que a atraem, que apresentam uma similitude com as suas atmosferas emocionais carregadas, e apresentará uma resistência ainda maior àqueles que apresentarem uma maior dissemelhança. Será por isso mesmo muito vantajoso estudar cuidadosamente aqueles pensamentos e emoções que habitualmente são aceites por uma dada personalidade.

A atmosfera emocional, apesar de intangível, é intimamente conhecida por cada um uma vez que existe em si próprio, e constitui o melhor indicador da sua condição física, por pensamentos e emoções, enquanto atos elétricos independentes que são, terem uma enorme influência direta no mecanismo físico, e com efeito atuarem como tempestades elétricas que reluzem por todo o sistema nervoso; ou como grandes factores de estabilização, conforme o caso, dotados, evidentemente, de muitas variedades médias de influência.

O pensamento e a emoção estão não só geralmente relacionados com o mecanismo físico mas enquanto ações elétricas que são, os pensamentos e emoções atuam diretamente sobre o sistema. De novo vêm aqui, porém, que é o próprio indivíduo quem inicia a sua própria atmosfera emocional, e a seguir sofre ou desfruta dos resultados.

Precisamos ir mais fundo neste assunto particular, no entanto precisa ser claramente esclarecido que pensamentos e emoções são realidades em si mesmos, que operam diretamente no mecanismo físico. Todo pensamento ou emoção está fadado a afetar diretamente o corpo físico. Por pensamentos e emoções, enquanto realidades de natureza elétrica que são, serem independentes do seu ponto subjetivo de origem, (pelo que) um dado pensamento ou emoção iniciado por um indivíduo, pode ser rejeitado por ele e jogado fora. Se o pensamento ou emoção for similar àqueles geralmente aceites, então isso levará tempo, por precisar que se estabeleçam novos padrões elétricos. Porém, uma ideia, pensamento ou emoção assim rejeitado, ainda goza de uma realidade independente, e pode ser atraído para a atmosfera emocional de outro indivíduo.

Muitos aspetos intangíveis, incluindo sonhos, possuem uma realidade elétrica dessas, e de facto existem enquanto ações de natureza elétrica. Têm que contar com isso. As ligações existentes entre a atmosfera emocional e a saúde física nunca chegaram a ser claramente entendidas, por não ser

conhecido que as emoções possuíam tal realidade elétrica. Não se sabia que podiam afetar diretamente o sistema. Mas mais é abrangido no tocante à relação química aqui.

Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 21h34. A Jane estava bem dissociada. Os olhos abriram-se lentamente na altura do intervalo. Ela disse que a voz, enquanto ditava, lhe soava como se "estivesse sessenta centímetros acima da cabeça".)

(Com uma voz um pouco mais alta e demonstrando mais vivacidade, gesticulando com frequência embora mantendo os olhos fechados, a Jane retomou às 21h42.)

A questão aqui está em que, vocês próprios, estão familiarizados com tal porção diminuta da realidade, estão familiarizados com a porção limitada da realidade dos vossos próprios pensamentos. Esses pensamentos são coisas, por assim dizer, tão reais quanto uma cadeira; porém, vocês estão somente familiarizados com a sua realidade puramente subjetiva. Eles possuem uma enorme força no campo elétrico, exercem grandes atrações. Se conseguissem compreender por completo ou abarcar diretamente a realidade de um pensamento em toda a sua magnitude, haveriam de ficar assombrados com o poder que tem por detrás.

As suas manifestações são muito concentradas, e os seus padrões atraem massa, só que em termos diferentes no campo elétrico. Existe, por conseguinte, uma similitude entre os sonhos, os pensamentos e emoções de um indivíduo e a condição física a todo instante. A mente, enquanto distinta do cérebro, a mente existe pura e simplesmente no sistema ou campo elétrico, e não se projeta diretamente no campo físico embora os seus efeitos surjam dentro dele.

Cada pensamento ou emoção existe, pois, enquanto ação elétrica dentro da mente. A ação é transformada e traduzida, e é enviada ao cérebro onde os seus efeitos são diretamente sentidos, e o cérebro então dá início a reações. Por isso, os pensamentos e as emoções, conquanto independentes, não são limitados nem são mantidos dentro do corpo físico. As barreiras físicas como a pele, por exemplo, as limitações físicas dessa estrutura, não existem nem são reconhecidas pelos pensamentos nem pelas emoções. Eles reconhecem apenas sistemas elétricos. Cada indivíduo é constantemente bombardeado, por assim dizer, por inúmeras ações elétricas dessas. Ele só aceita aquelas onde se verificar uma atração mútua, e geralmente não tem consciência da sua possível origem, exterior ao seu próprio sistema. O facto de pensamentos e emoções terem uma realidade exterior ao sentido subjetivo pode, a alguns, parecer estarrecedor. Todavia. a menos que o facto seja aceite, a estrutura física humana jamais chegará a ser compreendida.

O pensar positivo e negativo é mais do que uma mera forma de expressão. Com efeito existem dimensões nesse campo elétrico como as

que referi, e devia ficar claro que falo de um campo elétrico independente, e não dos aparentes efeitos elétricos fracos que podem ser observados no cérebro ou sistema nervoso. A realidade elétrica das emoções e dos pensamentos representa uma dimensão do pensamento que foi completamente negligenciada; e neles existem outras dimensões; como dentro do vosso campo existe um espaço e tempo e altura e espessura óbvios, pelo que no sistema elétrico existe intensidade e o que chamarei de realidade espacial, massa elétrica e potencialidade - o que difere de intensidade e polaridade.

Todas as ações elétricas existem com tais características. Elas equivalem a uma existência generalizada tão válida quanto a vossa. Em muitos aspetos podia ser referido que o sistema físico é um efeito provocado por esse campo elétrico. Ainda há aqui muito a ser coberto. Existem unidades, que operam para trás a partir do vosso sistema, por conveniência, em que o vosso peso físico constitui uma forma elétrica, uma realidade para além daquela que vocês conhecem.

Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 22h06. A Jane estava completamente dissociada, inconsciente de todas as influências externas. Retomou da mesma forma, sentada e de olhos fechados, às 22h12.)

A eletricidade é uma das atrações que torna a existência da matéria física possível. Já podem ver como uma experiência subjetiva pode ter uma realidade elétrica, e por meio dessa realidade influenciar diretamente a estrutura física humana. Sendo realidades elétricas, os sonhos dependem do sistema elétrico de padrões a fim de comunicar a sua informação aos diversos níveis ou áreas do eu interno. No passado falei da *compreensão concisa intrínseca*, que existe dentro das células. Elas também são eletricamente codificadas. Formas inteiras de abrangência podem assim existir na estrutura física sem ocupar qualquer espaço físico. Os sonhos são particularmente interessantes desta perspetiva, já que a experiência direta original constitui uma experiência elétrica, descodificada eletricamente, e subsequentemente subjetivamente traduzida para as diversas áreas do eu interno. Todas as experiências aparentemente de carácter puramente subjetivo que não ocupam qualquer espaço físico, mas são emocional ou subjetivamente sentidas, todas essas experiências existem antes de mais eletricamente.

(A Jane sorriu amplamente enquanto transmitia o material acima. Falou com grande ênfase e bateu várias vezes na minha mesa. Manteve os olhos fechados.)

O sistema humano então traduz a experiência, porém, a sua existência original e realidade é elétrica. É por isso que os locais dos vossos sonhos não ocupam qualquer espaço físico, seja dentro do vosso cérebro seja no vosso universo físico; e, no entanto ,eu disse que esses locais dos sonhos

existem. A sua existência é elétrica, e eles tomam parte das dimensões do sistema elétrico conforme eu vo-los expus.

Os sonhos são sentidos diretamente através de padrões elétricos, e depois descodificados. A experiência original, pois, uma vez mais, é uma experiência elétrica, e os efeitos são sentidos instantaneamente pelo sistema humano, de acordo com a intensidade original da carga. Eu não falei muito com respeito ao universo do sonho, já que antes era necessário que vocês compreendessem a realidade elétrica das emoções e dos pensamentos.

Terei mais a dizer sobre este assunto em breve. Recordar-vos-eis também de que, há muito, falei das ligações entre as emoções e o tempo físico. O sistema elétrico é aqui igualmente importante. Também os nossos genes mentais e as nossas enzimas mentais — sobre os quais falaremos mais amplamente. Esta foi uma excelente sessão. Espero que não estejais todos *carregados*. Vou agora libertar-vos da minha *carga* — e não vos *cobrar* pelo privilégio da nossa sessão. Os meus mais afetuosos cumprimentos a ambos.

("Boa noite, Seth."

(Fim às 22h30. A Jane estava dissociada, como de costume. Terminou a sessão com um sorriso.
(Para algum material sobre compreensão celular, ver a 29.ª sessão, entre outras. Genes mentais são mencionados na 26.ª sessão, entre outras, e enzimas mentais são tratadas nas 13.ª, 16.ª, 19.ª, 20.ª sessões, entre outras. ***Sonhos*** *e fenómenos relacionados foram discutidos em muitas sessões.* ***Emoções*** *ligadas ao* ***tempo físico*** *foram discutidas de forma bastante extensa na 56.ª sessão.*

(Nota: a primeira referência à tradução do pensamento ocorreu na 8.ª sessão. Ver Volume 1, página 40.
(A primeira menção a enzimas mentais ocorreu na 8.ª sessão. Ver Volume 1, página 41.
(Genes mentais foram mencionados pela primeira vez na 9.ª sessão. Ver Volume 1, página 46.
(Ver as 86.ª e 87.ª sessões para material sobre invólucros mentais, e a 87.ª também para material sobre compreensão em cápsula.

(Ver a 44.ª sessão para material sobre localizações oníricas.)

SESSÃO 124
23 de janeiro de 1965

(Esta sessão não estava planeada. O Bill Macdonnel, que tem assistido a várias sessões e tem estado envolvido em alguns dos efeitos obtidos durante as sessões, estava de visita. Ele não se sentia bem, e eu estava bastante letárgico. A Jane, no entanto, estava inquieta, por isso começámos a tentar várias pequenas experiências de PES. Tentámos obter efeitos físicos sem sucesso. Ao fim de cerca de uma hora disto, a Jane decidiu chamar o Seth. Eu peguei no meu caderno.)

(A Jane sentou-se por volta das 22:30. Estava acesa uma luz na sala de estar, mas isso incomodava-a, embora estivesse sentada de costas para ela. Apaguei então essa luz e acendi uma na cozinha; esta projetava uma luz indireta para a sala de estar, suficiente para eu ver para escrever.)

(Mas essa luz também incomodava a Jane, ao ponto de, passados poucos minutos, a desligar. Isso deixou a divisão iluminada de forma espasmódica pelas luzes do trânsito que passava. Esperámos na sala escura. A Jane acabou por começar a falar, bastante depressa, e com uma voz um pouco mais pesada do que o habitual. Ao mesmo tempo levantou-se e começou a andar lentamente.)

(Eu não conseguia distinguir-lhe os traços. Tentei tirar notas nesta fraca iluminação, mas desisti ao fim de meia dúzia de linhas. O que se segue é uma reconstrução razoavelmente fiel do material do Seth. O primeiro parágrafo, porém, é uma transcrição literal.)

O Seth: Limito-me a sugerir que observem o Ruburt quando ele se move; e devo lembrar-vos que noutras ocasiões em que se obtiveram resultados, as vossas mentes tinham estado focadas nestas direções durante um longo período de tempo, relativamente falando, e, quer se tivessem apercebido disso ou não, as vossas energias psíquicas tinham estado assim focalizadas. Quer tenham consciência disso ou não, o foco do subconsciente tem de ser sempre alcançado primeiro. Mesmo quando não deram por esse foco, ele tinha sido alcançado.

O Seth: Mais fatores do que imaginam entram em tais realizações. Todas as vossas forças estão relativamente dispersas esta noite, as do Mark em particular. A insistência do Ruburt na escuridão foi uma tentativa de aumentar a vossa concentração interior. Por vezes, durante as sessões regulares, tenho introduzido efeitos, mas, por várias razões, vocês ou deixaram de os observar, ou não foram capazes de o fazer.

(Recorde-se que "o Mark" é o nome-entidade do Bill Macdonnel.)

(A Jane sentou-se agora. A cadeira dela estava encostada a uma parede e fora da linha direta das luzes refletidas do trânsito, embora eu visse sombras a atravessar a mancha branca do rosto dela. Outra vez, eu não conseguia distinguir-lhe os traços.)

O Seth: Sugiro que observem o rosto do Ruburt. Se for para ocorrer algum efeito, ele terá lugar dentro de três minutos.

(Ficámos sentados em silêncio talvez durante um minuto. Eu não observei mudança alguma na Jane ou à volta dela. O Bill nada disse. A Jane falou então.)

A Jane: Se virem algum efeito, será a aura.

(Durante mais algum tempo esperámos sem observar qualquer alteração relacionada com a Jane. O nosso gato, o Willy, mexia-se pelo apartamento escuro de modo normal, aparentemente sem sentir nada que lhe parecesse estranho. A Jane acabou por acender uma luz, dizendo que o Seth se fora.)

(Eu não tinha visto uma aura à volta dela. O Bill disse que, ao princípio, pensou que talvez tivesse visto, mas depois descartou a ideia à segunda reflexão porque a impressão que recebera fora tão fugaz e ténue que não podia estar seguro de nada.)

(Eu pensara que o Seth ficaria para dizer algo sobre o porquê de os resultados não terem sido bons, mas a Jane disse que a sessão tinha acabado. Ela não estava nem de perto tão dissociada como de costume. Sentira-se "estranha" por se apanhar outra vez a andar de um lado para o outro durante a transmissão, quando se tinha acabado de habituar a falar estando sentada. Fim aproximadamente às 23:00.)

(Ver a 68.ª sessão quanto à alteração nos traços da Jane, testemunhada pelo Bill e por mim. Ver a 102.ª sessão quanto à perceção do Bill de olhos abertos sobre as pálpebras fechadas da Jane. Notar-se-á que a 102.ª sessão também não estava agendada e que tratou do tema da obtenção de efeitos físicos.)

SESSÃO 125

MAIS SOBRE A REALIDADE ELÉTRICA

25 de Janeiro de 1964

(Mais uma vez, ao longo da sessão, a Jane transmitiu o material sentada e de olhos fechados. A voz dela manteve-se bastante baixa. Ocasionalmente o discurso abrandava, mas, aparentemente em compensação, voltava a acelerar. Ela não fumou durante a sessão e tinha os óculos fora.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Sinto-me satisfeito, como sempre, por iniciar outra sessão, e esta noite abordaremos uma variedade de assuntos bastante relacionados entre si. Estes incluirão material que decorre diretamente das nossas sessões anteriores; e também alguns comentários acerca de experiências que tendes realizado, mais ou menos por vossa conta.

Falámos sobre a realidade elétrica e sobre a natureza dos pensamentos, das emoções e dos sonhos – experiências que, na vossa perceção, parecem ser de origem puramente psicológica e que não ocupam espaço no vosso sistema físico.

Mencionei também que o campo elétrico possui a sua própria variedade de dimensões, com as quais não estais familiarizados. Este campo elétrico, onde os pensamentos, emoções e sonhos possuem uma existência independente, contém profundidades e dimensões de um tipo bastante difícil de explicar.

Estas profundidades não são dimensões espaciais, mas sim dimensões de intensidade variável. Além disso, a duração de qualquer realidade dentro deste campo não está ligada à continuidade temporal tal como a entendeis, mas sim à intensidade.

No campo elétrico, é a intensidade de qualquer realidade que determina a sua duração e a sua projeção através de múltiplas dimensões. No universo físico, altura e espessura determinam, em grande medida, as potencialidades físicas de qualquer organismo. Dentro do sistema elétrico, a intensidade desempenha um papel semelhante, influenciando a potencialidade, a duração e a chamada massa elétrica.

Esta massa elétrica, no entanto, é de um tipo muito distinto – não ocupa espaço e não é composta por matéria nos vossos termos. Em vez disso, a sua "espessura" é uma das intensidades elétricas variáveis que configuram uma forma definida, um campo autónomo, uma contraparte elétrica codificada da matéria física.

Explicar este conceito requer o uso de termos antigos sob uma nova perspetiva. Mas dentro deste sistema elétrico, uma "viagem no tempo" não

é mais do que um deslocamento através de diferentes intensidades. As implicações deste conceito são vastas e tornar-se-ão mais claras à medida que aprofundarmos o tema.

Com efeito existe uma jornada elétrica através destas intensidades. Há um movimento constante dentro deste sistema – assim como em todos os outros – e esse movimento contínuo dentro do sistema elétrico é o que torna possível o movimento dentro do vosso próprio sistema físico. O "tempo" é, na verdade, um impulso elétrico que se desenvolve por intensidade, e não por momentos.

Falar em avançar ou retroceder no tempo não tem verdadeiro significado neste sistema. Existem apenas várias pulsações elétricas de diferentes intensidades – desde as mais fracas até às mais fortes, passando depois pelo enfraquecimento e regressando novamente a uma intensidade crescente.

Como as intensidades mais fortes resultam naturalmente da evolução das intensidades mais fracas, não faria sentido chamar uma de "presente" e outra de "passado". No entanto, dentro do vosso campo físico e do vosso conceito de tempo, moveis-vos através destas ondas de intensidade.

Quando a pulsação é fraca, chamais-lhe "passado"; quando atinge a sua intensidade máxima, chamais-lhe "presente"; e quando ainda não parece tão forte quanto o presente, chamais-lhe "futuro". Estas divisões são arbitrárias e foram estabelecidas por vós, definindo assim a estrutura e todas as possibilidades, potenciais e limitações inerentes ao vosso sistema baseado num tempo segmentado.

No sistema elétrico, por outro lado, não existe distância em termos de espaço ou tempo.

O que existe, mais uma vez, é profundidade – mas uma profundidade medida em termos de intensidade. E, dentro dessa profundidade de intensidade, existem distâncias em termos de ação, o que é um conceito novo para estas sessões.

Tendes a conceber a ação em função do tempo, pois, dentro do vosso campo físico, uma determinada ação parece ocupar tempo – quase da mesma forma que uma cadeira parece ocupar espaço. No entanto, a cadeira não ocupa verdadeiramente espaço; faz parte do que chamais de espaço. Do mesmo modo, a ação não consome tempo; faz parte do que chamais de tempo.

No sistema elétrico, no entanto, há distância em termos de ação. Cada ação é separada e não contínua em relação a outra ação, se pensarmos em continuidade nos vossos termos.

A distância manifesta-se dentro da intensidade de uma ação no campo elétrico. Por outras palavras, pode-se "cair" em profundidades de intensidade. A própria queda implicaria ação. Assim, a ação, ao ocorrer,

descendo através da intensidade, estaria a mover-se dentro do que quero dizer por distância.

Os sonhos possuem esse mesmo tipo de distância. Para ilustrar com uma analogia simples, num sonho podeis viajar por uma estrada. Essa viagem envolve uma experiência de distância, mesmo que, dentro do vosso universo físico, essa estrada não tenha existência tangível. Assim, espacialmente, nenhuma distância real existiria.

O que quero dizer é que, embora a distância não exista espacialmente, ela continua a existir. A ação dentro do sistema elétrico obedece a este mesmo princípio: envolve um tipo de distância sem espaço. Nesse sentido, a estrada seria uma "estrada imaginária de intensidade".

Agora, gostaria de fazer alguns comentários acerca das vossas próprias experiências. Elas podem, de facto, ser benéficas. No entanto, tal como certas condições precisaram de ser cumpridas antes de as nossas sessões começarem, também determinadas condições devem ser satisfeitas antes de as vossas experiências noutras direções darem fruto. Por vezes cumprem algumas dessas condições, outras vezes nenhuma. Ainda assim, um período de tentativa e erro é extremamente necessário — e, nos vossos casos, natural — e não deve conduzir ao desânimo.

Tal como em muitos outros aspetos, não procuro forçar-vos, pois há muitas coisas que deveis aprender por vós próprios, e o vosso subconsciente regulará o vosso ritmo. Aprendereis à vossa própria maneira. Sabeis que uma determinação consciente, como a que o Ruburt por vezes demonstra, não vos levará a lado nenhum. Uma seriedade excessiva pode ser prejudicial — embora nem sempre o seja necessariamente.

É claro que alguma disciplina é necessária. Mas um sentido de espontaneidade é o mais importante, assim como um breve lapso de atenção crítica. Menciono isto agora porque existe aqui uma ligação — perdoai-me o trocadilho — com o campo elétrico. Compreendeis agora que as condições psicológicas têm existência dentro da realidade elétrica, e, portanto, certos estados mentais são reproduzidos dentro do campo elétrico.

Muitos efeitos constroem-se desta forma. Quaisquer personalidades, quaisquer entidades que entrem no vosso plano físico devem utilizar algum tipo de material de camuflagem para poderem ser percecionadas fisicamente. Nessas circunstâncias, o Ruburt atuaria como uma espécie de diretor, reunindo as energias subconscientes daqueles que estão convosco e tornando essas energias disponíveis para qualquer entidade possível.

Essas energias seriam literalmente transformadas em padrões elétricos, que tal entidade poderia então usar. Mas são necessárias muitas condições para que essa transformação ocorra.

Sexta-feira ou sábado foram noites desfavoráveis por várias razões — relacionadas com o clima, o ambiente emocional e também com o estado

físico e emocional do Mark. Se tivésseis mais prática, a noite poderia ter sido bem-sucedida.

No futuro, teremos mais a dizer sobre este tipo de experiências em geral. Naturalmente, é possível realizar experiências muito bem-sucedidas nestas condições. Contudo, certas condições têm sempre de ser cumpridas. Subconscientemente, fareis o vosso próprio progresso. Não tereis, simplesmente, aparições visitantes de segunda a sábado, nem podereis prever com certeza, por maior que seja a vossa proficiência, o sucesso de tais empreendimentos. Está demasiado envolvido para que assim seja. Aprendereis fazendo.

Sugiro uma pausa.

(Pausa às 22:05. A Jane encontrava-se profundamente dissociada, como de costume. O Mark é o nome-entidade do Bill Macdonnel. A sessão não agendada com o Bill presente teve lugar no sábado passado, 23 de janeiro.)

(A Jane começou a falar novamente, da mesma forma, às 22:12.)

Há um ponto em que vos posso ajudar. Dar as mãos é muito útil. No entanto, os pés também têm importância quanto à sua posição. A melhor disposição, quando fisicamente possível, seria cada pessoa sentar-se com os pés juntos; e, se possível, formar também um círculo com os pés, ou pelo menos dispor-se de modo que os pés se toquem.

Estar sentados em várias partes separadas da sala costuma ser uma desvantagem. Em certas circunstâncias — como nas nossas sessões — isso não faz diferença. Os vossos divisores de sala são até benéficos sob este ponto de vista. O incenso é bom por duas razões: pelos iões negativos libertados pela fumo, e também porque o cheiro, o ato de cheirar em si, possui uma realidade elétrica. A penumbra apenas ajuda à dissociação e à concentração, e a diminuição dos dados de camuflagem é útil.

Naturalmente, várias pessoas poderão ser uma ajuda ou um obstáculo. Um pouco de álcool no organismo é, como já vos disse, benéfico; mas, para os vossos propósitos, beber em excesso não o é. Quartas-feiras, sábados e domingos, por várias razões que agora não irei detalhar, podem dar-vos uma ligeira vantagem. Noutras alturas, o tempo atmosférico poderá anular essa vantagem.

É bom que o Ruburt use roupa escura, não por qualquer efeito dramático, mas por razões práticas que discutiremos com detalhe mais tarde. O vermelho pode ser uma boa cor para usar em certas condições — ou o violeta. O amarelo deve ser evitado. Estes são apenas auxiliares.

O gravador funcionou porque quiseram que funcionasse e esperavam que funcionasse. Uma excelente demonstração, meus amigos — da vossa parte, não da minha.

Se estiverem cansados, sugiro uma breve pausa, e falarei muito brevemente antes de encerrarmos a sessão.

(Pausa às 22:26. A Jane encontrava-se dissociada, como de costume. Os olhos abriram-se-lhe lentamente; parecia agora cansada.)

(Durante a tentativa de sábado passado, a Jane, o Bill e eu estávamos sentados em diferentes partes da sala, sem darmos as mãos, naturalmente. Tínhamos usado incenso durante a noite. Este é um hábito que desenvolvemos, em parte, desde que o Bill nos apresentou o incenso na 86.ª sessão. No entanto, não o temos utilizado nas noites de sessão desde então.)

(Na noite de domingo, enquanto tínhamos visitas, eu e a Jane pegámos no gravador por impulso; para nossa surpresa, descobrimos que funcionava perfeitamente. Na verdade, a qualidade das cassetes que fizemos foi superior à de quaisquer outras feitas antes de o aparelho ter deixado de funcionar há vários meses. Recentemente, eu e a Jane andávamos a falar em pôr o gravador em condições novamente, para podermos registar mais sessões. A última sessão que gravámos foi a 70.ª, a 13 de julho de 1964, com o John Bradley como testemunha.)

(Novamente sentada e de olhos fechados, a Jane retomou às 22:33.)

Tudo isto requer desenvolvimento. E, mais uma vez, em vez de forçar uma intensificação antes de o subconsciente estar preparado para tais experiências, prefiro muito mais que prossigam como têm feito, ao vosso próprio ritmo. Haverá falhas. É de esperar; mas aprendereis com os vossos erros, assim como com os vossos êxitos.

Este tipo de crescimento permite também o desenvolvimento de uma disciplina interior, que crescerá em simultâneo com a espontaneidade interior; e desenvolve-se uma espécie de processo de filtragem que é, de facto, benéfico para a vossa própria proteção. Vós os dois trabalhais muito bem em conjunto. O Ruburt revelou bom senso no domingo à noite, ao seguir o vosso conselho para não tentar continuar e parar onde pararam. E é bom que assim o faça.

Haverá uma interação benéfica para ambos. Era natural que ele quisesse continuar, dadas as circunstâncias, mas continuar não teria sido sensato. Ireis aprender a orientar-vos pelo sentir.

As minhas mais cordiais saudações a ambos.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22:39. A Jane estava dissociada, como de costume.)

(No domingo à noite, tentámos uma sessão espírita improvisada com os nossos convidados, a Judy e o Lee Wright. Queimámos incenso durante a noite e, enquanto realizávamos a sessão, sentámo-nos junto a uma mesa de centro e demos as mãos.)

(Tal como aconteceu com a Dee e o Joe Masters na noite de 24 de novembro de 1964 — ver a 110.ª sessão —, obtiveram-se alguns resultados que não envolveram o Seth de forma alguma. Desta vez, o Lee Wright pareceu responder às sugestões da Jane; estas sugestões não eram

dirigidas especificamente ao Lee, mas eram afirmações generalizadas destinadas a criar um ambiente, etc. Em ambos os casos, a Jane pareceu atuar como agente ou catalisador. Ela ainda não sabe como o consegue, mas sente intuitivamente que é assim.)

(Importa notar que a Judy e o Lee não sabem acerca do Seth nem da existência do material. Duas vezes, durante a sessão, o Lee obteve efeitos ou resultados que parecem enquadrar-se na descrição, feita pelo Seth, de alguns dos sentidos internos e do seu uso. Uma vez, conseguiu uma sensação de transporte psíquico para outra divisão; outra, sentiu que a sala onde estávamos todos reunidos tinha aumentado bastante. Eu e a Jane também já aproximámos estas sensações durante experiências de tempo psicológico.)

(O Lee Wright também respirou muito pesadamente durante a sessão, sentiu um grande relaxamento e, ainda assim, sentiu que podia terminar a experiência a qualquer momento. Após o segundo efeito, quis que a Jane continuasse. Eu senti que, para início, já se tinha feito o suficiente, e a Jane anuíu ao meu desejo.)

SESSÃO 126

A PERSONALIDADE NA REALIDADE ELÉTRICA

27 de Janeiro de 1964

(O John Bradley, que já testemunhou várias sessões, foi nosso visitante esta tarde, mas não foi testemunha esta noite.)

(Ao tentar o tempo psicológico em 25 e 27 de janeiro, a Jane atingiu, em boa medida, o seu agora habitual estado de leveza ou "êxtase".)

(Outra vez, a Jane transmitiu o material da sessão sentada e de olhos fechados. Falou a uma velocidade média, com algumas pausas longas. A voz esteve, na maior parte do tempo, normal; tinha os óculos fora.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Falaremos novamente sobre uma variedade de assuntos interrelacionados.

Antes de mais, permitam-me esclarecer que, embora fale de campos e sistemas distintos, deveis lembrar-vos de que todos eles fazem parte de um todo unificado. Traços de cada sistema podem ser encontrados em qualquer outro, pois nenhum campo ou sistema é verdadeiramente fechado, ainda que assim possa parecer.

Eles são suficientemente delimitados para preservar a identidade e a separação das suas naturezas características, mas, uma vez que todos emergem da mesma vitalidade interior, estão profundamente interligados.

Quando descrevo diferentes campos ou sistemas, estou a falar de múltiplas facetas de uma única realidade.

Esta abordagem permite uma explicação mais acessível, mas é essencial compreender que todas estas descrições são extremamente simplificadas. Os sonhos, por exemplo, exercem um impacto definido dentro do sistema físico. Em parte, são desencadeados com o auxílio desse mesmo sistema físico, mas não ocorrem dentro dele. O sistema físico não os experiência diretamente – apenas sente as suas traduções, que são versões adaptadas da experiência original do sonho.

A experiência do sonho é sentida diretamente pelo eu interior. Os sonhos possuem uma realidade elétrica, como já expliquei. Dentro dessa realidade elétrica, eles existem independentemente do sonhador, embora este continue a aplicá-los a si mesmo. Da mesma forma, os pensamentos e emoções possuem também uma realidade elétrica.

Assim, dentro do sistema elétrico, sonhos, pensamentos e emoções são entidades reais e tangíveis – embora não na forma de matéria tal como a conheceis. Todos estes sistemas estão intimamente conectados e equilibrados de forma delicada. Uma alteração num deles gera alterações em todos os outros. Não há como escapar a esta inter-relação.

Os pensamentos de um homem são muito mais vastos do que ele imagina. Eles existem em múltiplas dimensões e afetam realidades que lhe são completamente desconhecidas. São tão concretos, de facto, quanto qualquer edifício.

Uma vez criados, os pensamentos assumem existência própria em vários sistemas e não podem ser retirados ou anulados. Do mesmo modo, os sonhos, uma vez postos em movimento, não podem ser interrompidos.

Todo este material sobre campos e sistemas tornar-se-á mais claro quando lido em conjunto com as discussões sobre a quinta dimensão.

(Para material sobre a quinta dimensão, consultar a 12.ª sessão no Volume 1.)

Bem. O eu interior e o subconsciente não pertencem ao universo físico no sentido de ocuparem espaço dentro dele. Eles existem dentro do sistema elétrico. No entanto, embora operem intimamente ligados ao sistema físico e o influenciem, não podem ser encontrados dentro dele.

Os pensamentos são padrões psicoelétricos criados pela mente e depois convertidos em códigos compreensíveis pelo cérebro humano.

A mente está sempre presente convosco. O cérebro, por sua vez, é o mecanismo físico que traduz os pensamentos da mente em impulsos e ações dentro do vosso mundo físico. Assim, fica claro que o cérebro pertence ao sistema físico, enquanto os pensamentos, na sua origem, pertencem a um nível mais profundo da realidade. Esta inter-relação funciona com precisão absoluta. Os pensamentos são inicialmente padrões

psicoelétricos em estado puro – criações do eu interior que precisam ser traduzidas para que o eu físico possa utilizá-las.

A inspiração, muitas vezes, manifesta-se como uma tradução quase instantânea. Isto acontece por várias razões, que explicarei mais tarde. Quando ocorre, a inspiração surge sem a intervenção direta do cérebro. É essa ausência de processamento cerebral que torna a inspiração tão peculiar e, por vezes, difícil de identificar como um pensamento próprio. O indivíduo, ao receber uma inspiração, pode não reconhecer nela a marca característica do seu próprio cérebro. E, de facto, essa marca não está presente, pois a inspiração tem origem direta no eu interior.

Sugiro uma pausa.

(Pausa às 21:28. A Jane estava bem dissociada, como de costume. Enquanto transmitia o material, o nosso gato, o Willy, saltou-lhe para o colo e começou, a brincar, a puxar e a sacudir-lhe a camisola de lã. A Jane não pareceu incomodar-se com isso, mas, como o Willy não parava, acabei por o afastar para não arriscar que interrompesse a Jane. Ela disse que estava consciente dele enquanto falava, mas apenas isso. Esta é a primeira vez, em muitas sessões, que o Willy lhe prestou qualquer atenção.)

(A Jane retomou o ditado da mesma forma às 21:36.)

Dessa forma, de maneira engenhosa, todos estes sistemas, apesar de distintos, são partes de uma única realidade integrada. Os sentidos externos não conseguem perceber esta unidade. Apenas conseguem captar a aparente diversidade existente dentro do sistema físico. Como os sentidos externos não percebem diretamente nenhum outro sistema além do físico, a ilusão de separação mantém-se.

Os sentidos internos, por outro lado, podem ser vistos como transformadores. São responsáveis por encaminhar diferentes tipos de informação para canais apropriados dentro da personalidade – canais que ignoram os sentidos físicos convencionais. Assim, ambos os sistemas podem coexistir.

Há razões específicas, que ainda não expliquei, que permitem a viagem do eu através do espaço físico e do tempo. Essas razões estão diretamente relacionadas com a realidade elétrica do eu interior e com a existência da sua contraparte elétrica dentro do campo elétrico.

A identidade pessoal – o "eu" essencial – é um produto do subconsciente e, como tal, existe como uma realidade dentro do campo elétrico. Por essa razão, é fundamentalmente independente do campo físico, sendo mantida ligada a ele principalmente através do ego. O ego dirige a identidade para a orientação no mundo físico – este é um ponto crucial.

O ego não existe dentro do campo elétrico. O ego é um produto do campo físico, formado a partir do nascimento. A identidade interior e a individualidade, tal como as conheceis, têm origem antes disso. O eu

interior adota um ego para permitir a manipulação dentro do universo físico. Ainda assim, parte do ego é composta por fragmentos do eu interior, enquanto a maior parte do ego desenvolve-se através da hereditariedade física e do ambiente.

O "sopro da vida", por assim dizer, é insuflado no ego pelo eu interior. No entanto, a partir desse momento, o ego torna-se independente.

Todos estes factores desempenham um papel na formação do indivíduo físico, e a sua existência depende da manutenção de um equilíbrio delicado. Em certos casos, para usar uma analogia, ocorrem "curtos-circuitos" significativos, acumulam-se intensidades de energia desajustadas e o universo dos sonhos pode manifestar-se de forma invulgarmente nítida. Quando isso acontece, os sistemas perdem o seu equilíbrio complementar. No entanto, no geral, operam em conjunto com grande eficiência.

Mesmo a realidade elétrica de um sonho é descodificada de tal forma que os seus efeitos são experimentados não apenas pelo cérebro, mas até ao nível das células mais pequenas do corpo humano. Experiências de sonho há muito esquecidas permanecem para sempre codificadas eletricamente dentro das células do corpo físico.

Se um efeito é sentido em qualquer parte da experiência humana, podeis estar certos de que esse efeito se manifesta em todas as outras dimensões possíveis, seja ou não imediatamente percetível. Este é um ponto essencial a recordar.

Sugiro uma pausa.

(Pausa às 21:58. A Jane estava bem dissociada, como de costume. Retomou da mesma forma às 22:06.)

Todo efeito, de qualquer tipo, vivido pelo ser humano, existe como uma série de sinais e códigos elétricos que, por si mesmos, formam um padrão – um padrão elétrico. Estes sinais elétricos codificados existem dentro das células ou, mais precisamente, as células formam-se à sua volta. Estes padrões elétricos formam contrapartes da experiência vivida pelo indivíduo, armazenando-a integralmente. Assim, a experiência completa mantém-se independente do sistema físico, embora resida dentro dele enquanto o corpo existir.

Desde o nascimento, cada indivíduo forma a sua própria contraparte elétrica através de sinais contínuos que se acumulam e se estruturam ao longo da vida. Na morte física, a personalidade sobrevive na sua totalidade e escapa ao destino que sofreria se estivesse limitada exclusivamente ao sistema físico.

Este padrão elétrico é a personalidade – completa com todas as experiências acumuladas durante a vida. Esta personalidade pode então unir-se ao eu interior, tornando-se parte dele. Por outras palavras, embora o ego tenha sido originalmente adotado pelo eu interior e tenha sido moldado

pela hereditariedade física e pelo ambiente, ele não se extingue com a morte. A sua existência é simplesmente transferida da realidade física para a realidade elétrica. Permanece individual, e nenhuma identidade se perde.

No entanto, a personalidade torna-se parte do eu interior, e as suas experiências são acrescentadas ao conjunto das experiências acumuladas pelas várias personalidades que compõem o eu interior. Ao considerar a composição e estrutura da personalidade, percebe-se facilmente que sonhos, pensamentos, emoções e experiências psicológicas são muito mais relevantes do que meros dados físicos. Para a personalidade, uma alegria ou uma tristeza é muito mais real do que uma mesa ou uma cadeira.

O material desta noite, tomado em conjunto com as nossas últimas sessões, deverá acrescentar novas dimensões a grande parte do conhecimento que tínheis anteriormente. Agrada-me muito que o Ruburt esteja a manter o seu caderno de sonhos. Haverá de facto correlações, e o hábito de foco subconsciente desta maneira trará certamente resultados.
O material aqui dado sobre sonhos acrescentará também profundidade ao material anterior sobre o tema, e deverá ser estudado nesse enquadramento.
Uma nota aqui: o Ruburt descobriu realmente algo para o qual eu tinha dado uma pista, embora noutro contexto. Nas suas previsões diárias, ele começou a notar que, em alguns casos, uma frase parece corresponder a mais do que um acontecimento.
Falei disto a propósito dos sonhos, dizendo que são engenhosamente construídos de modo a que qualquer símbolo particular tenha um significado para vários níveis do subconsciente. O aparecimento disto nas previsões do Ruburt representa um primeiro vislumbre de verdadeiro progresso.

(Ver a 93.ª sessão, entre muitas outras, sobre sonhos.)

Na nossa próxima sessão, aprofundarei isto muito mais, pois a questão não é apenas interessante como extremamente informativa, e passaremos uma boa parte da próxima sessão a tratá-la.
Talvez passe por aí antes disso. Em qualquer caso, as minhas melhores saudações a ambos, e encerrarei a nossa sessão. É bem possível que vos veja antes disso.
Algures, quem sabe, também podeis ver-me — e isso dará ao Ruburt algo em que remoer.
A confiança dele, no entanto, está a crescer lentamente, mas de forma nítida. E, à medida que assim for, também nós progrediremos.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22:32. A Jane estava dissociada, como de costume.)
(O Seth disse algo sobre a natureza elétrica das ideias na 86.ª sessão.)
(Ver também a 8.ª sessão [no Volume 1] quanto à tradução do pensamento.)

SESSÃO 127

A DESCODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA INICIAL NA REALIDADE ELÉTRICA

2 de Fevereiro de 1965

(A 1 de fevereiro, comecei a fazer uma lista de previsões diárias, como a Jane tem feito já há algum tempo.

(Devido ao trabalho envolvido em montar a minha primeira exposição individual de pintura, no Harris Hill Inn, a sessão regularmente agendada para a noite passada não se realizou.

(Além disso, eu e a Jane visitámos o Jim e a Marian Spaziani, o nosso senhorio e a esposa dele, para combinarmos que assistissem à sessão da próxima segunda-feira, 8 de fevereiro. Os Spaziani trarão também um amigo em comum.

(Eu e a Jane não previámos qualquer dificuldade em realizar a sessão esta noite em vez de ontem. Ela não fazia ideia do material a discutir. Como de costume, sentou-se na cadeira de baloiço, em frente da minha mesa. Começou a falar a horas e com uma voz calma e clara, com poucas pausas longas. Tinha os óculos fora e manteve os olhos fechados durante toda a sessão enquanto transmitia o material.

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Não há razão para se culparem se, ocasionalmente, faltarem a uma sessão. No entanto, será boa ideia compensá-lo. Estamos a falar, entre outras coisas, sobre intensidades, e esse conceito relaciona-se tanto com símbolos oníricos como com outros tipos de informação.

Os sonhos, possuindo uma realidade elétrica – como já expliquei –, necessitam de ser descodificados para adquirirem significado em vários níveis do subconsciente e da personalidade.

No caso das previsões de Jane, este processo apenas começou. No futuro, ela será capaz de captar outros dados significativos. À medida que desenvolve essa habilidade, muitos desses dados aplicar-se-ão igualmente à interpretação dos símbolos dos sonhos.

Este processo está intimamente ligado à intensidade dos sonhos, que precisa de ser descodificada através de múltiplos e complexos mecanismos. O significado deve ser extraído e traduzido para que possa ser compreendido por diferentes áreas psicológicas – algumas das quais parecem, por vezes, falar “línguas” completamente distintas entre si.

(Pode valer a pena registar aqui que, há muitas sessões, o Seth afirmou estar a substituir a palavra "nível" por "área" sempre que se faz referência ao subconsciente. A razão é que o subconsciente não está dividido em níveis bem definidos, mas é composto por muitos corredores, salas, etc., interligados e complexos.)

(Quero também registar aqui que as previsões da Jane, feitas diariamente, começaram recentemente a confirmar-se com uma frequência que parece espantosa. A eficácia delas varia em ciclos, mas a percentagem de "acertos" ou acertos parciais tem aumentado de forma constante.)

Para que essa descodificação ocorra, são necessárias manipulações delicadas, de forma a preservar distinções subtis e garantir que a mensagem seja compreendida.

Um padrão de intensidade é composto por sinais elétricos. Cada pequena variação de intensidade é significativa e carrega informação essencial, pois elementos como tempo físico, localização no espaço e outros factores precisam de ser reconhecidos.

Esse tipo específico de informação, contudo, representa apenas uma parte relativamente pequena da experiência original do sonho. Na sua totalidade, essa experiência consiste num padrão elétrico, denso apenas em termos de intensidade.

Os diversos níveis do subconsciente e da personalidade estão sintonizados com intensidades específicas da experiência do sonho, que conseguem perceber e interpretar de acordo com a sua própria estrutura interna. Essas intensidades são significativas para cada nível do eu.

(Aqui, o nosso gato, o Willy, saltou para o colo da Jane enquanto ela estava sentada a ditar. Tinha acabado de comer e estava brincalhão. A Jane não pareceu incomodar-se, mas, por precaução, pus as minhas notas de lado e levei o Willy para outra divisão. Enquanto eu me mexia, a Jane permaneceu sentada em silêncio. Não lhe falei durante o episódio.)

A experiência do sonho é muito mais vasta e concentrada do que geralmente se supõe. Além disso, é constante, mas simultânea – não contínua no sentido de um evento seguir outro em sequência.

Diferentes porções do eu total estão alinhadas com as suas próprias intensidades particulares, captando fragmentos da experiência onírica e interpretando-os. Refiro-me à experiência do sonho porque é um conceito familiar para vós, mas, na realidade, a experiência onírica representa apenas uma pequena fração de uma experiência mais ampla, de um

espectro maior de intensidades. Nos sonhos, apenas percecionais uma parte desse todo.

Já vos disse que criais os vossos sonhos, não apenas em teoria, mas como uma realidade tangível. Criais um universo onírico tão real quanto o universo físico. Ele apenas não pode ser diretamente percecionado dentro do universo físico.

Sempre há uma interação entre ambos. Podeis percecionar a experiência do sonho, podeis receber as suas intensidades específicas porque fostes vós que a criastes dentro desse universo de intensidades.

No entanto, o universo onírico e a experiência do sonho, tal como os pensamentos e as emoções, existem de forma independente. Podeis influenciá-los, mas não os podeis interromper após a sua criação. Além disso, a experiência onírica deve ser gerada dentro da faixa específica de intensidades que lhe permitem existir, pois não há outras condições ou gamas disponíveis para a sua manifestação.

Deveis projetar ou materializar o universo onírico para além do eu físico, dentro de uma realidade elétrica, para depois reinterpretá-lo. A experiência onírica original possui uma realidade elétrica que não pode ser percecionada ou utilizada, nem mesmo pelos seus criadores, até que seja devidamente descodificada.

O universo onírico, a experiência do sonho, representa apenas uma pequena fração de uma experiência ainda maior.

As emoções, os pensamentos e outras realidades psicológicas que não ocupam espaço físico no vosso universo são, todas elas, segmentos reduzidos do que agora chamarei de **experiência inicial**.

A realidade psicológica, a realidade emocional e a realidade do pensamento são reconhecidas pela personalidade humana através das intensidades que as definem. Da mesma forma, todas as realidades psíquicas encaixam-se nesta classificação.

Todas estas realidades – juntamente com a experiência do sonho – são recebidas e interpretadas por diferentes níveis do eu, através das suas intensidades distintivas. São então descodificadas, e a experiência é traduzida em informação significativa. Na experiência onírica original, a realidade elétrica do sonho é desmembrada nas suas várias intensidades pela mente.

A mente, então, formula símbolos psicológicos significativos. No entanto, mesmo nesta fase, esses símbolos continuam a existir sob a forma de padrões elétricos. Apenas quando chegam ao cérebro é que esses símbolos são distribuídos para os vários níveis da personalidade humana.

Um único símbolo pode ser significativo para muitas áreas da personalidade. O símbolo em si mantém-se inalterado – isto é, qualquer símbolo específico mantém a sua forma –, mas a mente escolhe-o de forma a que ele tenha significados distintos para diferentes partes do eu. Esses significados podem ser consideravelmente diferentes entre si.

No processo de descodificação, as intensidades são fragmentadas em valores mínimos, cada valor representando um impulso elétrico associado a múltiplas referências. Cada uma dessas referências está contida num impulso elétrico específico, que será interpretado pela mente.

A mente analisa esse impulso e organiza-o de forma mais estruturada. Atrai e agrupa impulsos que pertencem ao mesmo espectro geral, organizando-os num novo padrão elétrico. Esse novo padrão contém impulsos já parcialmente descodificados, tornando-os mais reconhecíveis e compreensíveis para o indivíduo.

Este padrão elétrico transformado constitui o símbolo elétrico.

O cérebro recebe este símbolo elétrico e converte-o num símbolo psicológico mais puro ou, no caso dos sonhos, num símbolo onírico**.** O sonho, tal como é percecionado pela mente, é essencialmente um padrão de impulsos elétricos, todos dentro de uma determinada faixa de intensidade.

A mente refina ainda mais esse padrão, decompondo-o em intensidades mais subtis. Cada refinamento permite um aprofundamento do significado.

O sonho é então transmitido ao cérebro, onde o símbolo elétrico assume a forma de um símbolo psicológico ou onírico. Nenhum impulso elétrico é exatamente idêntico a outro – cada um carrega nuances distintas. É precisamente por esta razão que existe uma tão grande diversidade nos símbolos e que um único símbolo pode ter múltiplos significados para diferentes partes da personalidade.

Os diferentes significados de qualquer símbolo são expressos e reconhecidos à medida que as suas intensidades variam, mesmo que subtilmente. Este princípio, como já expliquei, também se relaciona com a vossa perceção do tempo físico.

Dentro da mente, o sonho possui uma realidade elétrica. Dentro do cérebro, o sonho mantém essa realidade elétrica, mas num estado muito mais fraco. Ou seja, continua a existir como uma realidade elétrica, mas não é reconhecido como tal pelo cérebro ou pela consciência psicológica do indivíduo. Para o indivíduo, o sonho assume apenas uma realidade psicológica.

Vou dar-vos uma pausa e, depois, falarei sobre o que quis dizer com as dificuldades de interpretação relativas a previsões e sonhos.

(Pausa às 22:01. A Jane estava dissociada, como de costume. Retomou da mesma forma calma, sentada e de olhos fechados, às 22:10.)

Quando falei da interpretação de dados em previsões ou clarividência, não me referia a um processo meramente psicológico. Para que este tipo de informação tenha significado para a personalidade consciente, é essencial um treino específico na interpretação. Na maioria dos casos, esta habilidade precisa de ser desenvolvida ao longo do tempo.

Este material faz parte do que chamamos experiência inicial – de natureza elétrica –, que é recebida pela mente, fragmentada em diferentes intensidades e, posteriormente, transmitida ao cérebro, onde sofre uma nova alteração ou interpretação, assumindo a forma de símbolo psicológico. O padrão original é modificado. São formados novos padrões, agrupamentos de intensidades que serão significativos para vários níveis da personalidade.

Para que estes dados possam ser compreendidos pelo eu consciente, são necessários outros passos de interpretação subconsciente. Estes processos envolvem essencialmente um reagrupamento e realinhamento elétrico.

Obviamente, este processo não pode ser conduzido ao nível consciente. O subconsciente pode ser treinado para realizá-lo, mas enfrenta limitações, pois não pode recorrer às mesmas faixas de intensidade que o ego usa para atribuir significados. Isto pode levar ao surgimento do que chamais de distorções. A informação deve ser interpretada de tal forma que o eu consciente consiga traduzir os dados em previsões, por exemplo, mas sem que essa realidade entre em conflito com a consciência do ego.

O ego deve permanecer confortável com esta informação, sem que a mesma perturbe a sua perceção da realidade. Para evitar resistências, esse processo ocorre frequentemente através do uso de **símbolos**. Os símbolos permitem que a informação chegue ao nível consciente sem ser imediatamente bloqueada pelo ego. Por essa razão, os símbolos escolhidos

precisam de ser suficientemente enigmáticos para passarem despercebidos pelo ego, mas ao mesmo tempo devem conter um significado que, mais tarde, possa ser reconhecido pela consciência.

A experimentação com previsões diárias permitirá compreender, com o tempo, a natureza dessas distorções. O praticante poderá comparar as previsões feitas com os eventos que realmente ocorrem e perceber onde ocorrem desvios e ajustes simbólicos.

Além disso, por razões de economia e pelo próprio funcionamento deste processo, os símbolos podem representar múltiplas realidades físicas ao mesmo tempo. Este princípio já foi demonstrado em algumas previsões anteriores contidas neste material.

Falámos anteriormente sobre expectativas. É importante notar que as expectativas são realidades elétricas. Isto explica a sua importância. Vós não apenas, por vezes, predizeis eventos futuros, como também criais essa realidade dentro do campo elétrico. Ao fazê-lo, garantis a sua existência, de uma forma ou de outra, no vosso campo físico.

Já vos disse que, ao medir o tempo físico, na realidade estais a medir intensidades. Pode-se dizer que as vossas criações no universo elétrico aparecem como o vosso futuro no universo físico. Este é um aspeto extremamente importante, pois explica muitas outras questões relacionadas com a manifestação da realidade. O meu uso de termos como universo elétrico e afins serve apenas para simplificar a explicação. Todos estes elementos fazem parte de um único todo, mas para tornar a explicação compreensível, preciso de os dissecar e separá-los, permitindo-vos compreender as suas várias camadas e identidades. Esta foi uma sessão muito proveitosa, em termos de material significativo. Não vos reterei agora, mas tenciono que realizemos a nossa sessão regular amanhã à noite, conforme planeado.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22:30. A Jane estava dissociada, como de costume.)

SESSÃO 128

SONDANDO O UNIVERSO ELÉTRICO INTERNO

3 de Fevereiro de 1965

(A Jane manteve-se sentada e falou de olhos fechados durante toda a sessão. Por vezes, o discurso foi lento. A voz estava um pouco mais grave, mas não mais alta; não usou os óculos e não fumou enquanto transmitia o material.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Vejo que estamos a realizar duas sessões consecutivas. Bastante invulgar.

O homem sempre tentou explorar aquelas realidades que consegue percecionar através dos seus sentidos externos. Devido à aparente objetividade destas realidades, esse processo tem sido relativamente fácil para ele.

Contudo, o universo interior é imensamente mais vasto e complexo do que o universo físico. Ainda assim, pode ser conceptualizado de forma semelhante, desde que algumas substituições sejam feitas. Por exemplo, podeis imaginá-lo como possuindo uma forma, mas essa forma não seria constituída por matéria.

Em vez disso, seria formada por padrões de massa, onde cada porção e cada elemento dessa realidade interior seriam compostos em termos de intensidade de massa. Para tornar esta ideia ainda mais clara, podeis imaginar que todo o universo interior é um organismo vivo, do qual o vosso universo físico representa apenas uma pequena fração.

Ao utilizardes os sentidos internos, sondais este universo interior. Tal como um cirurgião que disseca um organismo, o eu interior age como uma faca imaginária, explorando diferentes porções desse vasto campo. No entanto, essa "dissecação" inicialmente expõe apenas pequenas partes do todo. Agora, mudemos a analogia: imaginai que, em vez de uma faca, usais um foguetão imaginário para viajar através deste universo interior.

Esta mudança de metáfora serve para ilustrar que a exploração deste universo envolve múltiplas dimensões. Neste caso, o foguetão representa o eu interior em movimento, investigando as profundezas do universo elétrico interno. No entanto, este movimento cria ondas de reação, afetando

o próprio campo elétrico. Todo este processo ocorre em termos de impulsos elétricos.

As realidades existentes no universo elétrico são criadas através de interações entre a personalidade humana e outras formas de existência. Todas as realidades e experiências psicológicas que não se materializam no universo físico possuem uma existência autêntica e concreta no universo elétrico. Os pensamentos possuem forma em termos de massa de intensidade**,** embora os vossos sentidos externos não consigam percecioná-la.

No caso dos sonhos, tendes uma perceção mais próxima da sua estrutura. No entanto, mesmo quando criais um sonho e lhe conferis existência elétrica, tendes de o decompor em formas mais simples para poderdes compreender verdadeiramente o que criastes.

Os pensamentos e os sonhos possuem **formas**, embora eu utilize esta palavra apenas para facilitar a compreensão. O universo elétrico é composto por dimensões que são percebidas diretamente pelo eu interior**,** pois o eu interior existe dentro desse universo**.**

Se isto vos parecer excessivamente abstrato, recordai que as formas que percecionais no mundo físico são significativas para vós, mas muitas outras espécies dentro do vosso próprio plano de realidade não conseguem percecioná-las. Segue-se, então, que todo o eu possui uma existência real e autêntica em múltiplos campos além do campo físico.

O cérebro, devido à sua função e à sua estreita ligação com a manipulação da matéria, não tem uma existência primária dentro do universo elétrico**.** No entanto, possui uma existência secundária nesse universo devido à sua ligação com a mente puramente elétrica. O corpo físico forma-se em torno da sua contraparte elétrica, mas ambos estão entrelaçados em dimensões completamente diferentes**.**

Toda a informação adquirida pelo ego ao longo da vida é armazenada sob a forma elétrica**,** tal como todas as experiências vividas. Os elementos físicos, que funcionam como um disfarce temporário, são descartados na morte. A matéria do corpo físico será reutilizada em outras gestalts, tal como já expliquei anteriormente.

No entanto, a imagem da ideia do corpo físico permanece retida pelo indivíduo**.** A forma desse corpo pode ser utilizada ou não, conforme a personalidade desejar continuar a sua existência. Já não é necessária para a locomoção**, e os** sentidos externos, agora eletricamente codificados, deixam de ser essenciais**.** Eles foram adotados para responder às exigências do

mundo físico, um mundo que, após a transição da personalidade, deixa de ser o foco principal da sua experiência**.**

Estes sentidos externos continuam a existir na sua forma codificada e, juntamente com a memória, permitem que quaisquer experiências sensoriais vividas possam ser reexperimentadas**.** Algumas – embora muito poucas – personalidades escolhem reviver constantemente estas experiências. No entanto, esta repetição não ocorre indefinidamente**.**

(Ver a 9.ª sessão, 18 de dezembro de 1963, no Volume 1, página 46, para mais informações sobre a memória psíquica do fenómeno terrestre.)

Disse-vos, uma vez, que, com os vossos sentidos exteriores, não podíeis experienciar diretamente um conceito. Talvez agora compreendais porquê. Podemos viajar através das diferentes intensidades que compõem um conceito e, portanto, vivenciá-lo diretamente — tal como podeis atravessar uma tempestade ou um dia de sol. Não se trata tanto de se moverem através dele, mas de o experienciarem diretamente. Estais dentro, e não fora, do dia ou da tempestade.

(Entre outras, ver as 37.ª e 38.ª sessões [no Volume 1] para material sobre conceitos e alguns dos sentidos internos.)

Estar por dentro de um conceito é estar inserido num campo elétrico formado por intensidades variadas. Cada intensidade é significativa, distinta, simultânea e separada, mas, em conjunto, formam um campo elétrico particular. Creio ter-lhes dito que é um erro pensar em termos de dimensão quando se mencionam os campos elétricos. De uma forma que ainda não posso explicar, esses campos de intensidade, apesar de possuírem massa em termos de intensidade, não têm tamanho.

Todas as profundezas e dimensões dentro do sistema elétrico são apenas determinadas pela intensidade. E, por uma razão que é, neste momento, difícil de explicar, a intensidade, embora possua uma certa forma de massa que não tem importância, não tem qualquer semelhança com a noção comum de tamanho.

(Ao referir esta informação, a Jane também se saiu com um enorme sorriso.)

As suas dimensões são expressas em termos de valores e de realizações de valor. As formas aparentes, caso pudessem ser visualizadas dentro do sistema elétrico, pareceriam surgir e desaparecer à medida que os impulsos se tornassem mais fortes ou mais fracos. Cada pensamento, sonho e experiência vivida por qualquer ser humano existe como um impulso

elétrico individual, distinto e de intensidade única. Esses impulsos não existem isoladamente, nem de forma totalmente separada; fazem parte do padrão elétrico da personalidade que os criou, mantendo-se integrados nesse padrão, mas existindo também independentemente.

Em termos básicos e fundamentais, todos os caminhos, jornadas e experiências são de natureza elétrica. Num momento posterior, explicarei a verdadeira natureza desta realidade elétrica, pois a vossa perceção sobre o tema é extremamente limitada, captando apenas uma sombra do seu real significado.

Disse-lhes, em certa ocasião, que a minha forma se assemelhava, de algum modo, à forma de um homem. No entanto, raramente uso essa forma. A realidade elétrica associada a ela, codificada dentro de uma determinada gama de intensidades, encontra-se agora sob minha posse, numa espécie de "cápsula" — ainda que essa não seja a melhor analogia. Todavia, essa explicação deverá aguardar até que compreendam melhor a própria natureza da realidade elétrica.

Se me seguirem atentamente, obterão, pelo menos, uma pista sobre a estrutura do "eu" interior. Cada "eu" interior é composto por uma gama específica de intensidades elétricas, as quais determinam as várias personalidades, assegurando-lhes identidade. A identidade de cada ser é constituída por intensidades específicas dentro dessa gama.

Essas intensidades de personalidade são formadas dentro de intervalos que, embora pareçam minúsculos, contêm, na realidade, eras inteiras de experiência. Nos nossos futuros debates sobre a natureza da realidade elétrica, aprofundaremos também a compreensão das gestalts piramidais de que falei anteriormente.

(Ver a 81.ª sessão para algum material sobre gestalts psíquicas piramidais.)

Esta realidade elétrica será a base de muitas discussões futuras, e vereis o fundamento por detrás da minha afirmação de que os locais dos sonhos existem de facto na realidade. É também importante perceber que as gestalts psíquicas se constroem eletricamente e que existem muitas atrações positivas entre e dentro de vários campos elétricos, de modo que há movimento e deslocação constantes entre eles.

Assim, várias identidades de intensidade podem aparecer noutros campos, mantendo, no entanto, a realidade no seu próprio.

Vou terminar a nossa sessão. Desejo-vos a ambos uma boa noite.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22:23. A Jane estava bem dissociada, como de costume.)

(A Jane sentiu que era tudo o que ele queria dizer esta noite sobre o material acima, daí o fim súbito da sessão. Achou que ele tinha mais material preparado sobre o tema, mas não quis iniciá-lo agora. Ela acredita que tem a ver com a constituição elétrica da própria entidade.)

SESSÃO 129

7 de fevereiro de 1965

(Recentemente, eu e a Jane fizemos amizade com um casal mais jovem do Texas, a Judy e o Lee Wright. Vivem em Elmira [NY] há um ano e interessam-se por estudos psíquicos.)

(Até esta noite, eu e a Jane não lhes tínhamos mencionado o material do Seth, embora nós os quatro tenhamos tentado algumas experiências de PES aos fins de semana. Ver a página 231 da 125.ª sessão. A experiência desta noite começou de forma bastante espontânea e acabou com a entrada do Seth, embora, pelo menos da minha parte, não o tivesse planeado particularmente dessa maneira.)

(No início, sentámo-nos os quatro no chão, à volta da mesa de centro e de mãos dadas, como o Seth sugeriu na 125.ª sessão, e como já tínhamos feito antes. A Jane falou durante algum tempo com uma voz repetitiva, como forma de nos induzir um estado de relaxamento, mas não surgiu fenómeno algum. Havia luzes fracas acesas. Tínhamos usado o gravador mais cedo, mas não estávamos a registar estas induções monótonas e, como se verá, isto foi um erro da minha parte.)

(Ficámos fisicamente doridos. A voz da Jane também se cansou e, para a aliviar, comecei eu a falar. Agora, a Jane, a Judy e o Lee estavam deitados no chão, junto ao divã. A nossa ideia era que o nosso estado recetivo pudesse tornar possível que algum de nós falasse por outra personalidade, caso alguma estivesse presente, ou por outro nível do eu. Eu não procurei trazer o Seth para a experiência. Eu falava talvez há dez minutos quando, de repente, a Jane começou a falar pelo Seth, na posição deitada. Estava estendida de costas, mas sentou-se pouco depois.)

(Isto, naturalmente, surpreendeu os nossos convidados, mas eles ouviram sem interromper. A voz da Jane estava bastante alta e um pouco mais grave do que o habitual. De facto, mostrou muito mais animação do que em qualquer das nossas sessões regulares desde que começou a transmitir o material sentada. Os olhos mantiveram-se fechados, mas ela falou muito mais depressa e gesticulou bastante.)

(O gravador não estava ligado e eu não estava a tirar notas. Pensei que a sessão fosse curta e decidi confiar na memória para uma reconstrução. Depressa me arrependi, porque a Jane falou rapidamente, muito bem-disposta, e durante bastante tempo. Acabou por fazer uma pausa e então preparei o gravador. O que se segue é um breve resumo da primeira metade da sessão, baseado na nossa memória, e uma transcrição literal da segunda metade.)

(O Seth começou por afirmar que estivera connosco durante toda a noite. Disse que tínhamos escolhido um método de experimentação pouco adequado, se não queríamos contactá-lo, visto que a Jane está condicionada a responder por seu intermédio quando procuramos contacto com entidades desencarnadas. A minha ideia fora a de que a Jane pudesse falar por outra personalidade, como nos casos da Sarah Wellington ou da Malba Bronson. Ver o Volume 1, página 64, para o primeiro caso, e 103 e 127 para o segundo.)

(O Seth mostrou grande prazer por poder falar de modo natural, sem lidar com os habituais assuntos filosóficos e complicados que compõem a maioria das sessões. O meu próprio pensamento, assim que ele começou a falar, foi que eu cometera um erro de método, pois a sua aparição foi uma completa surpresa para os nossos convidados. O Seth reforçou isto dizendo que, no futuro, eu deveria ter cuidado se não quisesse que voltasse a acontecer. Eu e a Jane preferimos, agora, preparar as testemunhas com antecedência, já que o material se tornou tão longo e complicado que é cada vez mais difícil explicá-lo de forma breve.)

(O Seth repetiu várias vezes que se sentia em excelente forma, e a voz e a postura da Jane assim o indicavam. Fiz algumas perguntas para manter o material ao nível de dados reencarnatórios, visto que os nossos convidados tinham lido algo sobre o tema. O Seth disse que eu não conhecera o Lee Wright antes, mas que estivera "envolvido" com a Judy numa vida passada. Terá sido, disse ele, na minha existência na Dinamarca, "a vida da qual agora tens tanta vergonha." Nessa vida, a Judy fora um homem e marinheiro. Isto lembrou-me que o Seth dera dados semelhantes para o nosso amigo o Bill Macdonnel; ele também fora marinheiro numa existência contemporânea na Dinamarca, mas, que me lembre, não perguntei ao Seth se a Judy e o Bill se tinham conhecido nessa vida. Coincidentemente, o Bill também fora nosso convidado mais cedo esta noite, saindo pouco antes da sessão.)

(O nome-entidade da Judy foi dado como Rayuk, e o do Lee como Wonlin. Enquanto falava, a Jane já estava de joelhos, gesticulando livremente. Os olhos permaneciam fechados e ela não se levantou para andar. A pausa veio depois das 23:30. Tive tempo de sobra para montar o gravador. A Jane retomou às 23:40 com a mesma voz bastante forte, mas a um ritmo um pouco mais lento.)

O nosso material tem sido excelente, mas tenho sentido falta do contacto emocional. O Ruburt, devido à mudança na nossa prática, tem-se mostrado algo inquieto, e, por essa razão, a atmosfera mais amigável de que ele desfrutara antes abandonou-nos. O estado que ele alcançou esta noite, com a tua ajuda, ó Joseph, permitiu-nos recuperar um pouco dessa informalidade.

Se ainda pareço um conferencista e um velhote enfezado, é porque o cabeçudo do Ruburt continua nas suas maneiras, como seria de esperar. Se fosse feito de outra forma, nunca teríamos alcançado os resultados que alcançámos.

Temos agora tudo em ordem. Ele, no entanto, está um velho rígido. Não o consigo fazer mover-se como eu me moveria agora. Conseguimo-lo antes, mas as condições eram diferentes.

Sentar-me-ia convosco agora, como um amigo numa festa, e conversaria, mas é um pouco difícil, como deveis compreender. Ainda assim, estou a sair-me muito bem com ele, e os vossos dois convidados estão a sair-se muito bem também, atendendo às circunstâncias.

Também me apercebo de que o vosso precioso gravador está a funcionar, e sugeriria que, de tempos a tempos, fosse posto a tão bom uso.

("Foi por isso que quisemos pô-lo a funcionar; e, como disseste, tratámos nós do assunto.
(Ver a 125.ª sessão, página 231.))

Tivestes ajuda.

Em certo tempo, estes dois eram irmão e irmã. Nesta época, 1602, em Inglaterra, o homem cometeu um ato que o deixou grandemente em dívida para com a irmã. Era de boa família. Contudo, em muitos aspetos, tinha uma natureza cruel. Era um tempo em que tal crueldade era de facto aceite, e a sensibilidade estava longe de ser um modo de vida.

(Aqui, o Seth referia-se, naturalmente, ao Lee e à Judy.)

("Podes dizer-nos o apelido da família?")

Manheuton. Parte da família era oriunda de França. Não tenho total clareza sobre tudo isto. Ele tinha dívidas de jogo. Foi por causa dessas dívidas que prejudicou a irmã, e foi por causa desse agravo que agora voltaram a encontrar-se, numa relação diferente.

Como deveis compreender, aqui não falo em termos de pagamento, não falo em termos de sofrimento, de compensação. Não falo em termos de ele ser forçado a compensar. Falo em termos da sua própria escolha. Para o seu próprio desenvolvimento, escolheu compensar, devido a uma anterior falta de sensibilidade, devido a uma certa exaltação sentida, naqueles dias, na crueldade; e porque, naqueles dias, as emoções não tinham peso, e aquilo a que ele chamava razão fria conduziu-o. Mas essa razão, divorciada das emoções, levou-o à sua própria traição.

Desta vez, vemos o desenvolvimento da personalidade. Vemos que aqui se fizeram equilíbrios, vemos as emoções a terem um peso mais forte na personalidade. Vemos também, como mencionei no teu próprio caso, ó Joseph, uma tentativa de sobrecompensação. Como em tempos ele não confiava nas emoções, agora não confia na sua razão — sendo isto uma tentativa de compensar. Na verdade, o propósito é bom, mas qualquer compensação deste tipo deve ser equilibrada pela própria personalidade, em todos os casos.

Houve, a certa altura, dificuldade com o pé esquerdo. Houve, a certa altura, dificuldade com o dedo indicador da mão esquerda. *(Infelizmente, não conseguimos perceber aqui se a Jane pronunciou a palavra "forefinger" — indicador —, ou as duas palavras, "fourth finger" — quarto dedo/anular. A dicção dela não ficou suficientemente nítida na gravação para distinguirmos as duas hipóteses. A questão levanta-se porque, após a sessão, o Lee Wright disse que, em jovem, tinha magoado o dedo indicador da mão esquerda. Com efeito, o dedo dele apresenta ainda hoje uma cicatriz perto da ponta. O uso, pelo Seth, da expressão "a certa altura" pode referir-se, supomos, quer a uma vida passada do Lee, quer a um período anterior desta sua vida.) *(O Lee disse que não se recorda, nesta vida, de qualquer lesão ou problema no pé esquerdo.) *(Antes da sessão, nem a Jane nem eu tínhamos notado qualquer cicatriz no dedo do Lee.)*

A morte chegou, a certa altura, por uma ferida de faca. O envolvimento entre as duas personalidades do homem e da mulher, neste momento, é bom no que diz respeito a compromissos assumidos anteriormente noutras vidas. Encontramos aqui também um equilíbrio de pontos fortes e fracos e, de novo, compensações.

("Podes dar-nos a localização da cidade ou aldeia em Inglaterra?")

Não posso agora. Era uma localidade bastante próxima do País de Gales. Havia minas nas proximidades. Creio que havia um brasão de família; penso em dois dragões, a imagem de São Jorge e um escudo no brasão.

Vou encerrar agora a nossa breve sessão, envio-vos as minhas melhores saudações e ver-vos-ei amanhã à noite.

Um ponto, ó Joseph. Creio que esta noite representou um avanço para nós.

("De que modo?")

Do modo que mencionei antes: a atmosfera emocional, o clima psicológico, está a fazer-se sentir novamente, e seremos mais claros. Deverá ser acrescentada uma dimensão extra ao material e, de quando em quando, a liberdade para alguma conversa informal. Com o vosso gravador, talvez consigamos arranjar uma conversa mais confortável, embora — como sabes — no que toca ao material em si, é um material bastante denso

e tenho, de certo modo, de te bater com ele na cabeça. Se eu não te batesse com ele na cabeça, receio que não o apanhasses de todo.

Não digo isto para te fazer sentir inferior, nem a o Ruburt. É simplesmente difícil misturar o material com um ambiente leve, embora acredite que possamos manter a proximidade emocional, que parece ser benéfica. Agora deixo-vos os meus votos de estima. As minhas melhores saudações aos vossos dois visitantes, e podemos, de facto, voltar a encontrar-nos. *("Boa noite, Seth.")*

(Fim por volta da meia-noite. A Jane disse que estava bastante bem dissociada; aproximadamente no estado habitual que tem alcançado recentemente.) (Notar-se-á que, embora o Seth aparentemente quisesse que ela andasse de um lado para o outro, ela não o fez. Esteve muito ativa no que toca a gestos, e a sua dicção foi bastante animada. Mas o mais perto que esteve de se pôr de pé foi quando se ergueu sobre os joelhos enquanto falava.)

(As notas recentes seguintes são do caderno de "tempo psicológico" da Jane.)

(1 de fevereiro, segunda-feira, 11h30: Ouvi vozes mas esqueci-me da maior parte. Lembro-me da palavra "cloro". Vi um candeeiro de parede numa parede adjacente, onde não temos parede. Vi uma estrada com postes de proteção brancos e possíveis lanternas vermelhas. Vi esta estrada como se estivesse a viajar por ela, a seguir em frente. O dia estava cinzento. A sensação de movimento para a frente foi muito nítida, por colinas baixas, a subir e descer. Vi casas dos dois lados da estrada ao longe, como na nossa aldeia próxima de Chemung.)

(8 de fevereiro, segunda-feira, 11h30: Bom estado alcançado. Por um momento vi uma luz branca intensa, como se se aproximasse de mim. Ao abrir os olhos depois da experiência, fiquei a olhar para as paredes do quarto. Depois, experimentei uma sensação nítida de "separação". Durante o tempo psicológico, tive uma sensação estranha, quase física, como se estivesse prestes a sair do corpo. Mas creio que me alarmei e impedi que isso acontecesse.)

(E estas notas adicionais:)

(5 de fevereiro, sexta-feira: Enquanto preparava o jantar na cozinha, esta noite, ouvi a voz do Lee Wright, embora não percebesse o que disse. Ouvi claramente o seu sotaque do Sul. Ele não nos estava a visitar.)

(7 de fevereiro, domingo, cerca das 22h45: Enquanto tentávamos a nossa sessão espírita com o Lee e a Judy Wright, tive uma impressão rápida de que estava um homem de pé ao meu lado. Usava, creio, um fato escuro de qualquer tipo. Não era o Rob nem o Lee, e a Judy estava sentada à minha frente no divã. Quando me voltei rapidamente para olhar, não estava lá

ninguém. Mais ninguém viu, segundo pude apurar.)
(10 de fevereiro, quarta-feira: Enquanto descansava brevemente pouco antes do meio-dia, vi uma mulher com um traje de esqui qualquer, nos ramos inferiores de uma árvore. Mal me perguntei o que estaria ela ali a fazer, caiu. Não lhe vi a cara. Era de estatura média, talvez um pouco maior do que eu.)

SESSÃO 130
8 DE FEVEREIRO DE 1965

(Por doença, as testemunhas previstas para esta sessão não compareceram.

(A Jane sentiu-se bastante letárgica e sonolenta à medida que o dia avançava, mas não acreditava que este estado tivesse que ver com o nosso fim de semana ativo. Trabalhou bem na sua escrita esta manhã, mas foi ficando cada vez mais sonolenta ao longo do dia. Tem andado a ler o livro The Self in Transformation*, de Herbert Fingarette, Basic Books, 1963, Nova Iorque e Londres. Considera-o excelente.

(Depois do jantar, a Jane fez uma sesta. Depois da sesta, continuou sonolenta. Mencionou-mo, mas eu não tive realmente a impressão de que estivesse noutro estado que não um estado muito descontraído. Sugeri que tomasse café, o que fez. A Jane também quis manter a sessão. Não fazia ideia do material que iria ser tratado.)

(Mais uma vez falou sentada e de olhos fechados durante toda a exposição. Fez algumas pausas; vou tentar um método novo de as indicar onde ocorrem no texto. A voz dela estava muito baixa, mas clara. Não usou os óculos.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Eu teria pensado que o meu amigo o Ruburt se aperceberia do que estava a fazer. Uma combinação de circunstâncias desorientou momentaneamente a sua orientação. Vou fazer uma sessão bastante breve, e depois terei algumas sugestões. Na verdade, vou dar as sugestões agora. O livro que o Ruburt tem andado a ler tendeu a voltá-lo para dentro. *(Pausa.)* Está a tornar-se agora bastante proficiente no uso do estado de transe e no seu controlo. No entanto, escorregou tão lentamente para um estado de semitranse que não se deu conta do que tinha acontecido. A energia dele hoje voltou-se mais para dentro do que para fora. A ligeira, mas percetível, sensação de leveza nas mãos poderia tê-lo avisado deste facto.

A situação começou quando ele concluiu, esta manhã, a sua experiência de tempo psicológico e continuou. Não estava totalmente

orientado nem para o mundo interior nem para o exterior e, por isso, não foi eficiente em nenhum dos dois. Os sintomas de tal estado de semitranse incluem a sonolência e a sensação entorpecida de que ele padeceu; embora apenas ligeiramente desagradáveis, devem ser tomados como sinais de que a orientação é ineficiente.

A leveza das mãos é outro desses sintomas. Isto é: notados quando o indivíduo supostamente anda a tratar do seu dia normal orientado para o físico, podem então ser tomados como sinal de que a personalidade não tem todas as suas energias devidamente dirigidas para o caso em apreço.

Vou sugerir que o nosso amigo dê um passeio quando terminarmos aqui, um passeio vigoroso. A situação não é, de modo algum, alarmante. Ele está habituado ao transe e, claro, ao que chamais o estado de vigília normal, e não chegou a familiarizar-se com esta fase de transição. Regra geral, passa por ela tão depressa. Como etapa de transição, é muito necessária. Caso contrário, porém, não permite um comportamento eficiente em nenhuma realidade em particular.

O que procuramos aqui — e, de facto, um dos propósitos das nossas sessões — é o uso eficiente de várias porções do eu nas perceções das suas próprias realidades e uma perceção global de cada uma das várias porções do eu pelo eu total, que transcende as outras mesmo enquanto é composto por elas.

Isto envolve o uso eficiente e completo dos sentidos exteriores na sua perceção da realidade de camuflagem, e um comportamento e manipulação alegres e eficazes dentro desse campo de camuflagem em que passais um certo nível da vossa existência. Quando operais dentro dele, deveis efetivamente vivê-lo por completo, em tantas fases quanto possível, e, em muito maior medida do que é normalmente alcançado, a mente consciente usar-se então na experiência e, assim, conhecer-se a si própria. E depois a mudança para o uso dos sentidos interiores. O grande contraste, então, retempera o eu total. *(Pausa.)*

Os sentidos interiores, portanto, também devem ser usados tão plenamente quanto os sentidos exteriores. A experiência em ambas as realidades permite ao eu interior — ou eu total — conhecer mais plenamente as suas próprias potencialidades e a sua própria essência.

O estado em que o Ruburt caiu, por norma, não permite tal foco em nenhuma das realidades, mas uma suspensão. É necessário apenas como transição. Voltarei a sugerir que, por agora, as experiências de tempo psicológico sejam feitas uma vez por dia. Não há razão para lhes dedicar mais tempo, à noite, neste momento. Isto é dirigido ao o Ruburt. Queremos contraste. *(Pausa.)* Este estágio transitório é algo difícil de perceber. Ele próprio começou a interrogar-se, e, sendo esta a sua primeira experiência real com ele como estado isolado, é compreensível que não o tenha reconhecido pelo que é.

Os sentidos exteriores ficam embotados, mas os sentidos interiores ainda não foram ativados. O estado é desagradável, com a acuidade da perceção extremamente limitada. Falo longamente sobre isto porque a sua letargia pode ser prejudicial em certas circunstâncias. Tanto mais que os sintomas óbvios, mais notórios, do próprio estado de transe estão ausentes; e, portanto, o estado pode passar despercebido durante algum tempo.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 21h30. A Jane estava dissociada como de costume. Disse que percebia a essência do que estava a dizer, ao passo que, normalmente, tem pouca ou nenhuma noção.

(Contou-me que, depois da sesta após o jantar, começou a ficar "desconfiada", sobretudo quando se apercebeu da leveza nas mãos. Ia dizer-mo, mas decidiu que não sabia o que dizer. Sentia-se "desligada" e recordou a experiência de tempo psicológico da manhã, em que se sentiu "separada". Ver página 248.

(A Jane sentia-se agora melhor do que antes do início da sessão. Retomou com a mesma voz calma e clara às 21h33.)

Um mergulho no mundo dos sentidos exteriores será imediatamente restaurador; embora eu saiba que o Ruburt não tem inclinação para fazer um passeio vigoroso esta noite, sugiro que o faça.

Diz-se muitas vezes que o subconsciente tem um foco generalizado, mas o subconsciente e os sentidos interiores têm um foco tão forte, vital e intensificado quanto o foco da mente consciente. Os fenómenos percebidos são de natureza diferente e, neste estado de que falei, não é possível qualquer intensificação real.

Não creio que venha a ocorrer qualquer dificuldade futura. *(Longa pausa.)* O que desejaríamos é a capacidade de perceber plenamente tanto o mundo interior como o mundo exterior, alternar entre eles. Mas devemos estar num deles — e sabê-lo — e conhecer-nos nele. Ou devemos estar no outro — e conhecer-nos nele; e, por fim, enquanto estivermos numa realidade, devemos ser capazes, mesmo nela, de manter o nosso conhecimento da outra. Deste modo, os nossos eus totais alcançam uma liberdade.

O estado de semitranse não permite uma consciência clara em nenhum dos mundos. É atravessado muito rapidamente, por norma, tanto a caminho de um transe como a sair dele. É, naturalmente, parte de ambas as realidades. Isto nem precisava de ser dito. É verdade que há muito, esta noite, que poderia ser acrescentado às nossas discussões anteriores, mas o Ruburt, particularmente após a sessão de ontem à noite, deve descansar. E também sugeriria que ele esquecesse as suas experiências de tempo psicológico até à próxima segunda-feira.

Por esta razão, vou encerrar a sessão. Ele deve dar um passeio vigoroso e voltar a mente para alguma distração inocente, uma espécie de jogo. Os meus melhores votos para ambos.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 21h48. A Jane estava dissociada como de costume. Ficou surpreendida com o fim rápido da sessão; esperava que o Seth abordasse também outro material. Sentia-se agora muito melhor, mas não lhe apetecia ir dar um passeio. No entanto, fomos os dois, e antes de a noite terminar, ela já estava de volta a si mesma.)

SESSÃO 131
10 DE FEVEREIRO DE 1965

(As notas seguintes são do caderno de tempo psicológico da a Jane:

(11 de fevereiro, quinta-feira: Enquanto descansava, recebi de algum modo uma mensagem sobre o o Fred Anderson. Ele foi convidado para ir a um determinado evento. Havia uma espécie de taxa envolvida. Decidiu ir, mas não pagar a taxa.

(12 de fevereiro, sexta-feira: Enquanto descansava, ouvi ou vi "Londondale" e ouvi ou vi as palavras "Os nossos caminhos não são os vossos caminhos". Será que "Londondale" era uma etiqueta de casaco? Tive também uma sensação de expansão e projeção, uma projeção interior. Senti-me preenchida e, ao mesmo tempo, leve, semelhante ao modo como me senti ao ler a poesia para o gravador, durante a experiência com o Padre Trainor ontem. Esta sensação veio logo depois de eu ter pedido ao meu subconsciente que me desse alguma ideia do que acontecera durante a gravação, quando a voz que usei parecia pertencer mais ao Padre Trainor do que a mim.

(A Jane sentia-se bem hoje. Não teve quaisquer efeitos secundários, nem ontem nem hoje, decorrentes do seu estado de semitranse involuntário de segunda-feira passada. Ver a sessão anterior. Falou esta noite sentada e de olhos fechados, com uma voz calma e clara. O ritmo dela foi muito lento e cheio de pausas. Se eu indicasse as pausas como na última sessão, a frequência delas prejudicaria o texto.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Vimos que os sonhos, os pensamentos e as experiências psicológicas têm todos uma realidade elétrica. Vimos que toda a experiência é retida em dados codificados eletricamente dentro das células, e que a matéria das células se forma em torno dessa experiência codificada. Vimos que o ego começa — despertado para o ser pelo eu interior, fortemente influenciado pela hereditariedade e pelo ambiente físico — e que esse ego, à medida que

continua a existir, gradualmente constrói uma realidade elétrica própria, à medida que as suas experiências se formam em dados codificados dentro das células.

Em qualquer momento dado, o ego é tão completo dentro da realidade elétrica quanto é psicologicamente completo dentro do universo físico. Isto inclui, naturalmente, a retenção dos seus sonhos, bem como a retenção de dados puramente físicos.

Mencionei que o universo elétrico é composto de eletricidade muito diferente da vossa ideia dela. A eletricidade, tal como a percebeis no vosso campo, é meramente uma ecoemanação, ou uma espécie de imagem-sombra destas variedades infinitas de pulsações que dão realidade e atualidade a muitos fenómenos com que estais familiarizados, mas que não surgem como objetos tangíveis dentro do sistema físico.

Posso dizer pouco até que muito mais contexto seja dado, mas esta realidade elétrica é vastamente densa.

(A Jane fez agora uma das suas pausas frequentes. Na pausa, disse-me que, ao pronunciar a palavra "densa", teve uma imagem mental bastante forte de um campo de pontos de luz. Esses pontos de luz eram dispostos em várias camadas, disse ela, como se olhasse para uma fotografia de uma galáxia que não fosse plana. À escala imensa, os miríades de pontos de luz correspondiam à densidade do campo elétrico, mas em escala diminuta.

(A Jane disse também que esta imagem quase lhe escapou, antes de perceber que estava a receber informação em dois níveis ao mesmo tempo.)

Encontramos aqui dificuldades, pois não falo de densidade como provavelmente pensais nela. Trata-se de uma densidade que não ocupa espaço. É uma densidade causada por uma infinidade de campos elétricos de diferentes graus de intensidade. Nenhum destes campos elétricos é idêntico a outro, e dentro deles não há impulsos idênticos.

As gradações de intensidade são tão minuciosas que seria impossível medi-las, e, no entanto, cada campo contém, em forma codificada, a realidade viva de eras sem fim; contém, portanto, o que chamais o passado, o presente e o futuro de inúmeros universos; contém os dados codificados de qualquer e de toda a consciência que tenha existido ou venha a existir, em qualquer universo — aquelas que pareceram desaparecer e aquelas que aparentemente ainda não existem.

Nas nossas sessões passadas, expliquei as distorções do tempo, e já estais familiarizados com o presente amplo. Portanto, não deverá surpreender-vos perceber que, em essência, o futuro existe agora e o passado nunca foi varrido. No vosso campo físico, limitais-vos a desviar o olhar ou a mudar o foco de um ponto para outro.

(Ver a 41.ª sessão para o material sobre o presente amplo.)

A atualidade do que chamo o passado não deixou de existir, e o futuro existe em atualidade dentro do passado. Estas últimas notas são apenas para vossa edificação, e continuarei.

Esta densidade é extremamente importante, pois é uma densidade de intensidades. E é a variedade infinita e as gradações de intensidade que tornam possíveis todas as identidades e todos os gestalts — todas as identidades em termos de personalidades, de campos e de universos. É esta densidade, esta variedade infinita de intensidade, que permite tanto a identidade como a mudança.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 21h27. A Jane estava bem dissociada. Os olhos abriram-se-lhe lentamente. Tornei-me então consciente de que a minha mão direita parecia "gorda" ou aumentada. Quando mencionei isto, a Jane apercebeu-se de que ambas as mãos dela também lhe pareciam assim, em menor grau. Notei a mesma sensação talvez duas horas antes da sessão. Tentei cortar rapidamente uma tira de papel para medir a circunferência dos meus dedos, mas antes que o fizesse, a sensação desapareceu.

(Ver o Volume 2, página 5, na 43.ª sessão, para uma breve explicação do fenómeno das mãos. Ver também as 43.ª e 47.ª sessões.

(A Jane retomou no mesmo tom calmo e pausado às 21h39.)

A eletricidade que é percetível dentro do plano ou campo físico é apenas uma projeção de um vasto sistema elétrico que não podeis perceber, devido à natureza e à constituição do próprio sistema físico.

O sistema elétrico possui muitas dimensões de realidade que não podem ser percecionadas dentro do sistema físico. Até agora, os vossos cientistas só conseguiram estudar a eletricidade observando as projeções dela que são percetíveis dentro dos seus referenciais. À medida que os seus instrumentos físicos se tornarem mais sofisticados, conseguirão vislumbrar mais desta realidade, mas como não poderão explicá-la dentro do seu sistema de referências conhecido, serão apresentadas muitas explicações curiosas e distorcidas de fenómenos observados.

(A Jane fez agora uma pausa muito longa.)

E, no entanto, o eu interior oferece tantas respostas, pois o eu interior é uma porção de cada indivíduo, e, no entanto, opera fora dos sistemas de referência físicos. Está, por si mesmo, livre de todos os efeitos distorcidos próprios do sistema físico.

O estudo dos sonhos — os vossos cientistas consideram esse trabalho inferior. Porque é que ninguém suspeita que os locais de sonho, por exemplo, têm não só uma realidade psicológica, mas uma atualidade definida?

O estudo dos sonhos, dos locais de sonho, é de suma importância. Os locais de sonho não ocupam espaço físico, é verdade, mas são compostos de densidade e intensidade de massa elétrica. Eis outro ponto: a energia é

despendida em trabalho nos sonhos. Um trabalho definido pode ser realizado num sonho, mas os braços e as pernas físicos não se cansam.

(Ver a 44.ª sessão para o material sobre os locais de sonho, a mente em expansão e o clima de valor da realidade psicológica.)

Isto pareceria contrário às vossas leis conhecidas, mas ninguém investigou as razões desta aparente contradição. Passaremos algum tempo considerável sobre isto numa sessão posterior.

Nada é estático. Tudo se move e muda. As identidades elétricas movem-se e mudam. Agora. Dentro do universo elétrico há movimento constante. Há reação negativa e positiva, e infinitos graus ou gradações entre ambas.

(Agora, a Jane fez outra longa pausa.)

É extremamente difícil, neste momento, sequer insinuar a miríade de complexidades e dimensões da realidade elétrica tal como ela existe, quando considerais que cada um dos vossos próprios pensamentos é composto por uma intensidade única de impulso — partilhada por nada mais —, e que o mesmo se pode dizer de cada sonho que tereis ao longo da vossa vida; e que toda a vossa experiência é reunida em gamas particulares de intensidade, também completamente únicas, codificadas; e que a soma de tudo o que sois existe num intervalo ou faixa minúscula de intensidades — então vereis quão difícil isto é.

Pois todos os seres humanos são igualmente compostos, do ponto de vista elétrico, e tudo o mais, com poucas exceções dentro do vosso campo físico — exista ou não como matéria física. Contudo, digo-vos que isto se aplica não apenas ao vosso campo físico, mas a todos os campos.

O vosso campo está contido dentro da sua própria gama única de intensidades — uma faixa diminuta de impulsos elétricos, um milhão de vezes mais pequena do que qualquer nota escolhida ao acaso entre toda a massa de composições musicais que já foram escritas ou alguma vez o serão.

Mas, como sabeis, nada disto pretende inspirar um sentimento de futilidade, pois a unicidade traz consigo a sua própria responsabilidade.

(A Jane fez agora a pausa mais longa da noite. Ficou imóvel durante mais de um minuto.)

Este material, como já mencionei, é difícil. Tenho de colocar as palavras na boca do o Ruburt e, de vez em quando, viajamos por lugares onde as palavras não bastam. A intuição e a perceção, num relâmpago, podem atravessar mil palavras.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 22h07. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos abriram-se-lhe lentamente. Disse que não sentia qualquer tensão durante as pausas. Acha, no entanto, que o Seth está a tentar clarificar coisas que quase não se podem exprimir em palavras; que, enquanto ela

espera, ele organiza as palavras para que ela as diga. A Jane não ouve nada interiormente durante as pausas — tudo fica em silêncio.)
(Retomou no mesmo tom muito lento e hesitante às 22h15.)

Não vou aprofundar demasiado este tema, porque ainda não estais prontos. Mas, devido à verdadeiramente infinita gama de intensidades disponíveis, cada indivíduo possui intensidades ilimitadas dentro das quais pode mover-se.

Todo o movimento é movimento mental ou psicológico, e todo o movimento mental e psicológico tem realidade elétrica. O eu interior move-se mudando ou deslocando-se através de intensidades a partir do vosso campo físico. Cada nova experiência psicológica abre uma nova pulsação de intensidade e, portanto, confere maior atualidade dentro do campo elétrico.

Mover-se através das intensidades dentro do sistema elétrico tem, como resultado, no campo físico, o efeito de se mover através do tempo físico.

Eis uma pista para a chamada viagem astral. Novamente, o eu interior dispõe de intensidades de pulsação ilimitadas. Quando o eu interior, no seu movimento constante, atravessa uma faixa de impulsos que já experienciou, isso aparecerá ao ego como uma viagem ao passado.

Quando o eu interior alcança um impulso ou intensidade que lhe é novo, isso parecerá ao ego uma viagem ao futuro.

Na realidade, porém, ambos os impulsos existem simultaneamente. O eu interior sabe isto; o ego, não. Todo este material deverá acrescentar dimensão à vossa compreensão da "compreensão em cápsula" e do aparecimento inicial da consciência dentro do campo físico, tal como o expliquei anteriormente.

O material destas últimas sessões será fundamental para discussões futuras. Estamos a aprofundar muito mais o significado da realidade e os aspetos da realidade. O nosso procedimento atual está a funcionar muito bem e está a permitir-me tratar de assuntos que eram demasiado complexos para o nosso método anterior.

Antes de terminarmos, quero que compreendais que as vossas experiências em tempo psicológico aumentam a vossa mobilidade e a vossa capacidade de manipulação subconsciente dentro do universo elétrico. E toda a experiência psíquica deve ter realidade aqui — isto é, dentro do sistema elétrico. Não existe experiência psíquica que não tenha tal realidade elétrica. As vossas experiências psicológicas dão-vos um terreno familiar por onde caminhar, por onde viajar; pontos de referência e até de segurança.

É por isso que falo tantas vezes de experiências mais ou menos disciplinadas, com graduações lentas. Seguindo a nossa analogia, o vosso trilho psíquico é então composto de pedras dispostas com alguma ordem e

não demasiado distantes umas das outras — pedras que vos podem conduzir, em segurança, tanto para longe do ego como de volta a ele.

Agora vou encerrar a sessão.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22h37. A Jane estava dissociada como de costume. Acha que as sessões recentes estão melhores do que nós pensamos.)

SESSÃO 132

15 DE FEVEREIRO DE 1965

(Esta tarde, a Jane e eu conhecemos uma amiga do o John Bradley, a Sra. Lorraine Shafer, de Horseheads, Nova Iorque. Ela pediu emprestada uma cópia das primeiras 23 sessões.

(A Jane falou sentada e de olhos fechados. A voz dela estava um pouco mais grave do que o habitual, e o ritmo de fala ligeiramente mais rápido.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Antes de mais, o Ruburt pode continuar com as suas experiências diárias de tempo psicológico. Mas estas devem realizar-se apenas uma vez por dia; e, se ele tentar qualquer outro tipo de experiência — como a que fez com a sessão de poesia do o Padre Trainor na semana passada —, então não deve realizar a experiência regular de tempo psicológico nesse dia.

Meia hora por dia é mais do que suficiente, tendo em conta estas sessões. E, além disso, sou atualmente contra estas sessões relativamente frequentes em que, por um lado, o Ruburt finge que está apenas a descansar — isto é, finge para si próprio —, mas na realidade está a expandir as suas energias e a gastá-las com a mesma rapidez, pois isto equivale a mais de uma experiência de tempo psicológico diária.

Foste bastante correto, ó Joseph, ao advertir o Ruburt contra a sessão de poesia na outra noite. Ele sabia disso, mas foi teimoso. No entanto, não se trata apenas de teimosia. Já vos disse que é extremamente limitador considerar o ego como o eu completo ou a personalidade inteira, ou pensar que o ego constitui toda a identidade.

A identidade é, de facto, tanto e mais o eu interior como é o ego. Isto já foi mencionado no passado, mas o Ruburt tornou-se tão receoso da sua própria espontaneidade na juventude que foi, mais ou menos, forçado — por medo — a negar a validade da sua identidade com o eu interior. Em certas ocasiões, como na outra noite, ele aceita espontaneamente essa identificação, particularmente quando o álcool atua como depressor.

Então ousa avançar, mas apenas então precisa de o fazer apressadamente. A espontaneidade é boa; a falta de cautela, não. A experiência relacionada com a poesia foi legítima. No entanto, no conjunto, o Ruburt fez demasiado na semana passada.

Estamos a lidar com equilíbrios delicados que precisam de ser mantidos. Com o horário que sugeri, as energias interiores são vividamente e intensamente focadas, mas por um curto período do vosso tempo. Isto permite uma excelente utilização das capacidades já desenvolvidas e possibilita, novamente, uma concentração interior intensa e controlada. Tentativas excessivas, neste momento, não permitem essa breve mas excelente intensificação e podem levar àquele peculiar estado de semitranse em que o Ruburt se encontrou na semana passada.

Uma mudança completa — de um foco intenso para fora para um foco intenso para dentro — é extremamente benéfica. Mas isto não significa que todos os minutos livres devam ser gastos em experiências de tempo psicológico. Caminhadas vigorosas devem fazer parte diária da rotina do o Ruburt, em qualquer caso, e caminhar também reanima o eu interior.

Não aprovo que um dia inteiro seja dedicado ao tipo de experimentação que o Ruburt levou a cabo na semana passada nas sessões do Padre Trainor. Sob um aspeto, concordo com o Ruburt, no sentido de que quaisquer experiências futuras com amigos seriam mais proveitosas se fossem realizadas sentados a uma mesa, e fazendo, na verdade, o menor número possível de sugestões.

Algumas bebidas, novamente, são até benéficas — mas demasiadas não têm lugar aqui.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 21h30. A Jane não estava tão profundamente dissociada como tem estado recentemente. Sabia o essencial do que tinha dito. Olhando para o episódio do Padre Trainor, disse que ficou algo assustada, em retrospetiva, e que não voltaria a realizar uma experiência tão longa.

(Uma cópia do relato da a Jane sobre o episódio do o Padre Trainor encontra-se no final desta sessão. Este teve lugar na quinta-feira, 11 de fevereiro, e partes dele foram gravadas. Uma repetição mais curta, também gravada, foi feita para a Judy e o Lee Wright na sexta-feira, 12 de fevereiro. Foi a essa ocasião que me opus.

(Note-se que, na 12.ª sessão, de 2 de janeiro de 1964, o Seth, sem que o tivéssemos perguntado, afirmou que "conhece" o antigo amigo da Jane, o Padre Trainor. O Padre Trainor foi um padre católico irlandês que visitava regularmente a Jane e a mãe dela doente, durante anos, nos tempos de escola. Já faleceu há algum tempo. A Jane tem uma fotografia dele.

(A Jane retomou no mesmo tom às 21h39.)

Temos agora uma boa dose de espontaneidade e liberdade dentro das nossas sessões — precisamente porque trabalhamos dentro de uma estrutura de disciplina.

Compreendo bem a curiosidade do o Ruburt quando a voz do Padre Trainor realmente surgiu, embora longe de perfeita. E isso representou outra fase das capacidades em desenvolvimento do o Ruburt. Mas essas capacidades precisam de ser treinadas.

Creio que o Ruburt aprendeu uma lição importante. À medida que as suas capacidades se desenvolvem, torna-se ainda mais importante que ele dê passeios e mantenha algum contacto diário, regular, com outras pessoas.

Não me refiro a convívios diários. De vez em quando, experiências com convidados estão bem. Contudo, as energias dele, aos fins de semana, em regra, devem estar mais voltadas para fora, e lamento que tenha sido necessário reduzir as vossas atividades de dança. Sair é uma excelente forma de recarregar energias, pelo contraste. Peças curtas e humorísticas espontâneas, como às vezes fazeis com o vosso gravador, são um relaxamento agradável.

Não estou a dizer que não deveis falar das nossas sessões ou de assuntos afins com amigos; apenas que uma noite, ou por vezes duas, de convívio social deve certamente incluir alguns prazeres mais exteriores. Não faria mal nenhum ao o Ruburt retomar a pintura. O tempo dele, por regra, está muito preenchido — e geralmente com trabalho mental. Por isso, é tanto mais importante que o lazer tenha algum aspeto voltado para fora e, quando possível, de natureza ativa.

A limpeza da casa ao sábado, por incrível que pareça, é excelente para ele. O trabalho de contos é, na verdade, um muito bom contrapeso, tanto para a poesia dele como para o meu livro em que está a trabalhar. Tencionava mencionar isto antes. As pessoas — os jovens com quem trabalhas, ó Joseph — são ótimos convidados para vós. O Mark é bom para ambos e, em muitos casos, o impulso dele para vos tirar de casa tem sido acertado.

("O Mark é o nome-entidade do nosso amigo, o Bill Macdonnel.")

Não estou a dizer que devam passar sempre as noites de fim de semana de um modo particular. Noites em casa com convidados são muito boas, mas, de novo, tais noites não devem ser ocupadas constantemente com experiências e discussões, embora estas tenham o seu lugar, de quando em quando, nesses encontros.

Não estou a dizer que devam ir sempre dançar, mas isso é uma excelente forma de relaxar para ambos; e sair de casa, ou visitar a casa de outra pessoa, também vos faz bem. Não tomaria tanto tempo esta noite com este material se não considerasse que é importante o suficiente para o justificar. Certamente que tu e os teus amigos podem ir dançar quando o puderdes pagar. Certamente que podeis, por exemplo, ir com o Mark a um

dos seus antros bem-dispostos. Mesmo que não haja atividade física como a dança, a mudança continua a ser benéfica.

Certamente que podeis ter noites agradáveis em casa sem experiências — embora, de novo, às vezes estas tenham o seu lugar. As nossas próprias sessões estão sempre em devir. Esperamos tornar-nos mais proficientes. Não quero que o Ruburt se envolva em demasia. Prefiro que canalize as novas capacidades sobretudo — embora não exclusivamente — para as nossas sessões.

No que toca às próprias sessões, em relação ao o Ruburt, o teu amor e reforço são necessários; e, da tua parte, a atmosfera de confiança — que, de facto, sempre lhe proporcionaste — permitirá o maior desenvolvimento possível de capacidade dentro das sessões e, naturalmente, favorecerá também as sessões em si.

O medo do fracasso é insidioso, e é isso que deve ser combatido. No conjunto, ele vai muito bem. Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 22h05. Os olhos da a Jane abriram-se lentamente. Referiu estar muito mais dissociada do que na primeira parte. Retomou com a mesma voz algo pesada às 22h16.)

Estas sugestões servem para estabelecer pesos e contrapesos que vos manterão nos vossos melhores níveis. De vez em quando, parece ser necessária uma sessão deste tipo.

Agora, nos dias de sessão, o Ruburt deve descansar meia hora. Quero dizer: descansar ou dormir. Ambos devem manter os vossos exercícios. A vossa alimentação tem sido boa. Estou a tentar observar a vossa situação por todos os ângulos enquanto falo, para ver se há mais algum ajuste a fazer.

(A Jane fez agora uma pausa algo longa.)

Não vejo que sejam necessários outros ajustes neste momento.

Ambos se portaram muito bem durante a estação de inverno. O teu período de inquietação, ó Joseph — ou o período em que tens tendência para tal — já passou. O do nosso amigo, do nosso querido o Ruburt, ainda não passou, e é por isso que estou a dar as sugestões agora. A condição geral dele, porém, é muito boa, sem dúvida, e, se as minhas sugestões forem seguidas, não antevejo dificuldades para ele. É importante que descanse o suficiente, especialmente agora até ao início da primavera.

Se possível, também vitaminas desde agora até ao começo da primavera. Isto para ambos, de passagem. O período de inquietação do o Ruburt costuma começar a meio de janeiro. Este ano, no entanto, ele evitou-o em grande medida. As energias dele, porém, aceleram a partir daí até ao início da primavera, e eu não queria que ele adquirisse o hábito de as canalizar para dentro de forma desequilibrada. Creio que isso será agora evitado.

Estas energias, agora, irão — penso — para as nossas sessões e para o próprio trabalho dele. E alguns arranjos para saídas físicas ajudarão também.

Teremos tantos sonhos para discutir quando finalmente chegar a eles. Serão tratados em grupos. Muito do material de base já vos foi dado, por isso não deverá faltar muito para iniciarmos uma discussão prolongada desse tipo.

Estou muito satisfeito com as experiências de ambos e com o vosso progresso e, em particular, ó Joseph, com o teu trabalho de retrato. Irás sair-te muito bem nessa linha.

Uma pequena nota: noutra ocasião gostaria de falar sobre a recente crise do o Mark. Ele é muito leal — particularmente contigo, ó Joseph — e é, efetivamente, à sua maneira, um amigo tão fidedigno quanto alguma vez tiveste; isto relaciona-se também com experiências passadas.

(Enquanto nos visitava numa noite de dia de semana, o Bill Macdonnel rompeu um vaso sanguíneo no nariz. O sangramento foi tal que, ao fim de meia hora, ligámos para as urgências de um dos hospitais locais. O Bill perdeu muito sangue e ficou bastante indisposto. Quando o hospital nos disse para o levarmos, a hemorragia parou. Com receio de se mexer, o Bill passou a noite connosco. De manhã estava melhor, embora o sangramento tenha recomeçado brevemente. Veio a saber-se que o Bill é atormentado por este mal desde a infância. A Jane e eu não sabíamos, e esta foi a primeira crise do último ano.)

Os meus melhores votos para ambos. Teremos uma excelente sessão na quarta-feira, quando espero, pelo menos, terminar parte do material que temos vindo a discutir. Até eu, através de vós, anseio pela vossa primavera. Se, de vez em quando, desejardes uma sessão adicional, na maioria das circunstâncias concordarei. Não me refiro particularmente a sessões extra para testemunhas, dado que estas sessões estão abertas a qualquer pessoa sinceramente interessada. Quero apenas dizer que, se alguma vez sentirdes vontade de uma sessão adicional, acederei.

Mais uma vez, os meus melhores e mais afetuosos votos para ambos. Não pretendo ser duro com o o Ruburt, mas quis fazer sugestões necessárias que senti serem precisas agora.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22h37. A Jane estava bem dissociada. De vez em quando, a Jane e eu falamos de sessões extra, mas geralmente não temos tempo, sobretudo quando surgem outras experiências como a que envolveu o Padre Trainor. Às vezes gostaríamos de uma sessão para um problema específico e poderemos tentar essa abordagem. Também uma sessão de perguntas e respostas.

(Notas da versão da a Jane sobre a experiência com o Padre Trainor, de 11 de fevereiro de 1965.

(Não sei exatamente o que aconteceu, muito menos o que o causou. Estou a escrever um esboço em prosa sobre o Padre Trainor. Pensei que, se tentasse ler o Lepanto *de G. K. Chesterton e a* Elegia Numa Igreja de Campo *de Gray, da maneira como o Padre Trainor costumava ler, a minha memória seria reavivada. Queria descrever as leituras de poesia dele para o esboço.*

(Pus-me de pé e comecei a ler. O volume súbito, a profundidade e o timbre da minha voz foram imediatamente notórios e deixaram-me surpreendida. Li todo o Lepanto *e parte da* Elegia *deste modo. A minha voz retumbava — soava mais como a do o Padre Trainor do que como a minha. O volume era realmente tremendo.*

(Quando terminei, continuei a pensar no assunto. Porque não me lembrei de gravar? Qual fora a mudança na minha voz? Teria imaginado, ou ampliado, talvez, apenas uma pequena alteração? Tentei repetir em fita. A leitura, desta vez, não foi tão impressionante como a primeira, mas havia, sem dúvida, algo a acontecer.

(Depois de almoço decidi tentar de novo. Ao almoço pus a gravação ao Rob e, enquanto posava para ele, sugeri a mim mesma que entraria em transe assim que começasse a ler, e que o Padre Trainor usaria a sua voz para falar através de mim, se estivesse disponível. Recomecei então as leituras. Só que, por motivos que desconheço, liguei o gravador mas esqueci-me de carregar no botão "gravar".

(Esta atuação foi tão boa como a primeira. Senti-me levada pela voz, quase fora de mim, muito leve e desligada dessa voz. Mas lembro-me de que o próprio livro, que segurava enquanto andava, estava pesado. Fiquei com frio e arrepios enquanto lia. Suaram-me bastante as mãos, talvez por segurar o livro. O Rob saiu do estúdio para me ouvir. Quando descobri que, desta vez, não tinha gravado nada, senti-me defraudada, porque, para mim, esta leitura fora muito invulgar.

(Fiquei tão zangada que fiz tudo outra vez. O Lepanto *tem quatro páginas. Desta vez, a atuação esteve ao nível da segunda, já gravada. Talvez, se me sentir subjetivamente preparada para repetir, ainda tente esta noite. Não sei de onde vem o volume, os tons profundos, masculinos. Talvez seja aquilo a que os atores chamam "projeção", respiração a partir do diafragma. Não tive consciência de respirar de modo diferente do habitual mas, se isto foi uma produção subconsciente, isso não faria diferença. Mas onde entraria o aspeto masculino, a não ser que seja a tentativa de uma mulher para imitar, o melhor que pode, a voz de um homem que admirou?*

(O Rob sugeriu outra possibilidade: que, como médium, eu esteja a começar a aprender a deixar que outros, em contacto comigo, falem. Talvez, por conhecer o Padre Trainor, eu tenha deixado a voz dele passar primeiro.

(Comentários meus acrescentados:

(Alguma coisa aconteceu. A hipótese de a médium permitir que outros falem através dela é a melhor que consigo, por agora, formular. Parece razoável, se as capacidades da a Jane estão a crescer, como o material sugere.

(Como verificação, sugeri mais tarde que a Jane tentasse ler um poema diferente, um que o Padre Trainor não tivesse lido, para ver se conseguiria convocar, à vontade, esta nova voz poderosa. Quis ver se algo com que a Jane não tivesse envolvimento emocional, via memória, também serviria para provocar mudanças de voz. Nada aconteceu. Para começar, a Jane não conseguiu, conscientemente, aproximar o volume; e, em poucas linhas, ficou tão rouca que teve de parar. Disse que o Padre Trainor lia sempre o Lepanto *e a* Elegia *nas visitas de domingo, e que não se lembrava de o ouvir ler outra coisa.*

(O volume e a inflexão masculina que a Jane atingiu ao longo das várias leituras foram bastante surpreendentes. Notei que, para o fim de cada estrofe do Lepanto, ela atingia um crescendo de volume e emoção realmente empolgante. Por breves períodos, a voz soava muito estranha. Noutros, durante o que pareciam ser quebras, eu reconhecia que a voz era dela. Mas, ainda assim, era muito mais forte e mais grave do que a voz natural.

(Essa voz não era, de modo algum, a voz do o Seth. Mesmo no seu auge, a voz do o Seth é seca e intelectual. A voz do o Padre Trainor era, por contraste, muito emocional. Não creio que a voz do o Padre Trainor, no seu melhor, superasse a do o Seth, no seu melhor — e vice-versa)

(Acrescente-se que, durante todo o dia de experimentação, a Jane não sofreu de fadiga vocal, nem teve efeitos no dia seguinte. Aguentou-se tão bem como quando conduzia sessões de três horas do o Seth, embora a experiência de hoje tenha durado algo como cinco ou seis horas. Receei, no entanto, que exagerasse.)

SESSÃO 133
17 DE FEVEREIRO DE 1965

(No dia a seguir à última sessão, a Jane deu-se conta de que se tinha queimado na parte de trás da perna direita, mesmo acima do calcanhar. Embora não fosse demasiado grave, a queimadura era suficientemente profunda para ter formado uma cicatriz; ainda assim, ela não se lembrava de quando se tinha queimado. Mais tarde percebeu que o fizera durante a última sessão.

(Durante as sessões, agora, a Jane senta-se na nossa cadeira de baloiço, em frente da minha secretária. Normalmente fica virada para a nossa grande janela de sacada. Por baixo da janela há um aquecedor, coberto por um banco metálico corrido. Por vezes esse "banco" fica demasiado quente para se tocar. Também acontece, por vezes, a Jane estar com os pés apoiados nesse banco enquanto dita. Verificando, descobriu que, na sua posição habitual com os pés levantados, a queimadura coincidia exatamente com a aresta do banco. Eu, por vezes, tinha-me perguntado sobre o banco ficar demasiado quente, mas dava por adquirido que a Jane baixava automaticamente os pés quando se tornava demasiado quente. Pelos vistos, descuidou-se pelo menos uma vez — e não sentiu dor. Eu também me lembraria se a sessão tivesse sido interrompida por ela. Ambos temos especulado se ela será menos sensível à dor enquanto está em transe.

(A voz da Jane estava bastante rouca esta noite, e assim se manteve quando começou a ditar. A rouquidão foi-se dissipando à medida que o material se desenrolava. Falou a um ritmo bastante constante, com algumas pausas, e de olhos fechados.

(Notar também a variação na abertura da sessão.)

Agora, meus caros amigos...

Embora falemos em termos definidos do eu interior, da entidade e do ego, nem o eu interior, nem a entidade, nem o ego são estacionários e completos. Nós "congelamo-los", por assim dizer, para os podermos segurar ao nosso alcance, mas não podemos — nem haverá um momento, como tal, em que estejam concluídos ou terminados. Estão sempre em movimento. Mudam constantemente. Assim como não podeis segurar sequer o ego na palma da mão, também não podeis conter o eu interior dentro da mente. Eles escapam sempre, na essência.

A entidade, portanto, não deve ser pensada como concluída. O universo elétrico, de que tão pouco sabeis, é uma realidade e, ainda assim, também é símbolo de outra realidade. Pois, por detrás até deste universo elétrico, há uma realidade que não pode ser explorada em termos de linguagem; porque toda a consciência, embora possua uma realidade elétrica, tem uma realidade para além até disso.

É a vitalidade do universo — e de todos os universos — que causa a realidade elétrica; e a vitalidade do universo, que compõe tudo o que existe, não pode ser tocada. É toque — mas não toque tal como o concebeis nos vossos termos.

Essa vitalidade é o aspeto mais imediato e íntimo que compõe a aparência de camuflagem em todos os campos. E, no entanto, é muito mais do que a camuflagem.

Tem muitas realidades, formando todos os universos e todos os campos. Está, de facto, dentro de vós, assim como vós estais dentro dela. Não é informe, mas assume muitas formas. E, acima de tudo, nunca é estática nem concluída.

(Ouviu-se uma batida à porta. Por vezes, eu tinha-me perguntado como reagiria a Jane a uma interrupção no seu novo e mais profundo estado. Tive agora pelo menos uma resposta: o corpo dela sobressaltou-se na cadeira e os olhos arregalaram-se como por choque. Por um momento pareceu desorientada. Depois respondeu à minha pergunta, dizendo que estava bem.

(O Bill Macdonnel, que já presenciou várias sessões, estava à porta. Ficou para o resto da sessão. A Jane pensou que o Seth faria da interrupção a nossa primeira pausa, mas pouco depois anunciou que ele queria continuar. Quando retomou, a voz dela estava, subitamente, bastante mais grave e forte — e assim permaneceu até ao fim da sessão. Retoma às 21h17.)

Está, na verdade, mais próxima de vós do que a vossa própria respiração.

Muitas sessões atrás usei a analogia do ar no vosso campo físico, comparando-o com a vitalidade do universo, no sentido em que, por norma, não estais conscientes do ar. No entanto, ele faz parte de tudo no vosso campo. E também aquela porção mais inacessível, mais interior e aparentemente mais misteriosa do universo interior, que buscais, é de tal modo parte de vós que não vos apercebeis dela — embora nela tenhais a própria existência.

Quando falo do universo elétrico, na verdade isto representa apenas mais uma faceta da realidade. Mas todos esses universos são, efetivamente, um só. Lembrai-vos da nossa discussão sobre a densidade das intensidades. Aqui está o segredo, se o pudésseis ver: ainda que o universo elétrico vos pareça muito afastado do que conheceis, na realidade habitais nele. As vossas próprias emoções têm nele uma existência independente. E as vossas próprias possibilidades, nele, são ilimitadas. Mas até isto é também uma camuflagem.

Envio aqui as minhas saudações ao Mark, que entrou há pouco, e podeis agora fazer a vossa pausa.

(Pausa às 21h26. A Jane referiu estar bem dissociada no início da sessão, e ainda mais após a chegada do Bill. Retomou no mesmo tom mais grave e mais alto às 21h35.)

O ponto difícil, ao qual devemos sempre regressar, é que, por baixo de toda a camuflagem, existe aquilo que não precisa de camuflagem — simplesmente é. Contudo, esta experiência inicial não está concluída, nem terminada. E, embora não necessite de expressão através da camuflagem, existe de modo mais pleno e vívido do que podeis, por agora, imaginar.

Por isso, quando vos disse para olhardes onde nada havia, falei porque essa experiência descamuflada pode ser percebida mais diretamente onde nada é percecionado pelos sentidos exteriores. Em certo sentido, tudo o que podeis ver, sentir ou tocar não é real, e, noutro sentido, é a natureza de toda a realidade.

Também o ego nunca está terminado, nem o eu interior, nem a entidade. Cada campo de existência funde-se com todos os outros — e, ainda assim, cada um mantém a sua identidade. As camadas subconscientes do eu habitam igualmente muitas realidades — e aqui falo de campos efetivos, não de fantasias.

As personalidades interiores que não são dominantes no ego são dominantes noutros campos de atualidade, embora apareçam como meras influências sombrias no vosso próprio.

Os padrões de gestalt de que falei são a base aqui — e, no entanto, todos os membros de tais gestalts são, eles próprios, independentes, possuindo identidade e separação, mesmo enquanto cooperam num padrão complexo. É arbitrário; isto é, do vosso ponto de vista, escolheis arbitrariamente certas porções da realidade e chamais-lhes unidades, delimitando-as. Mas as vossas divisões não afetam a natureza dessas gestalts — tal como a minha exposição fala de universos separados sem afetar um ápice a natureza de qualquer universo.

A ideia que quero transmitir é difícil, pois, como sabeis, tudo o que existe é consciente. E tudo o que existe é também consciente de si, em grau conforme as suas capacidades; e, portanto, tudo o que existe contém identidade e separação, mesmo sendo parte de uma gestalt ampla e complexa.

Identidades nenhumas ficam esbatidas — e pouco importa às identidades onde vós, ou a humanidade, decidem traçar uma linha, dizendo: "Aqui temos A, e aqui temos B."

Um pequeno sapo, por exemplo, pode ser visto não tanto como um sapo isolado, mas como parte da lagoa em que vive; e a lagoa como parte da floresta em que se encontra; e a floresta como parte da Terra; e a Terra, por sua vez, como parte do universo — que é parte de outro universo.

Não faz diferença para o sapo — para a natureza do sapo — e não altera a mais pequena célula nele, se escolherdes enclausurar aquilo a que

chamais “ele” como uma unidade-ideia chamada sapo, ou se preferirdes considerar o quadro completo. As identidades permanecem as mesmas.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 21h55. A Jane estava novamente bem dissociada. Retomou, outra vez com a voz mais pesada, às 22h05.)

Tais explicações são necessárias apenas porque estamos a falar em termos de experiência indireta.

Todo o verdadeiro conhecimento é experiência direta. Não pode ser classificado, não pode ser nomeado, não pode ser posto preto no branco. O verdadeiro conhecimento é apenas experiência — experiência direta — e um assunto dos sentidos interiores.

Mesmo as minhas explicações para vós envolvem uma dissecação verbal, que por si só distorce a própria natureza do tema em exame. Todas as nossas discussões sobre o universo elétrico não vos aproximam da experiência dele. Estais em contacto direto com ele. Mas, tal como não podeis segurar a vossa própria respiração, também não podeis segurar aquilo que é ainda mais íntimo e que forma a própria personalidade que tenta a análise.

Só a experiência direta vos trará esse conhecimento; e, ainda assim, ele não será retido pela mente consciente nem pelo ego, embora relâmpagos dessa experiência possam ser projetados momentaneamente dentro desses domínios. Tal conhecimento é, de facto, comunicado aos vários níveis do eu através dos sonhos — como deveis saber.

E, novamente, os sonhos nunca estão completos, mas continuam, quer a vossa perceção deles continue, quer não. Pois os sonhos também são *gestalts*.

Quando olhais para o espelho, vedes a imagem de camuflagem. Não vedes o ego, embora saibais que ele existe. Mas a ideia de ego é, em si mesma, uma unidade arbitrária escolhida por razões específicas. Não é uma coisa. Traçastes linhas — linhas imaginárias — e criastes um limite arbitrário. Isto não significa que o ego não exista.

Significa que a palavra nada é — que é apenas um símbolo para aquilo que não podeis ver, nem sentir, nem tocar. É apenas um símbolo para essa pequena parcela de vós que permitis à vossa consciência perceber. É um símbolo para expressar essa porção de um eu invisível que é trazida mais evidentemente à ação para fins de manipulação da imagem física dentro de um campo de camuflagem.

O ego é, portanto, apenas parte de um eu muito maior. Mas, como não percebeis conscientemente o eu total, fazeis arbitrariamente uma unidade a partir de uma identidade verdadeiramente indivisível e chamais a isso o “eu”. Essa designação — essa classificação — de modo algum afeta a natureza desse eu indivisível. Afeta apenas as vossas próprias atitudes conscientes. Conseguis, na teoria, cortar uma porção do eu do eu total.

Essa dualidade, então, afeta a vossa própria perceção de modo profundamente diverso. Põe o homem contra si mesmo.

Trataremos deste assunto de forma mais clara na próxima sessão, pois ele levar-nos-á mais longe, a novas áreas.

Esta foi uma sessão extremamente frutífera. As minhas melhores saudações a todos vós. Sugiro que presteis atenção à vossa senhora Callahan a partir de quinta-feira da próxima semana.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22h25. A Jane disse que estava totalmente dissociada. A senhora Callahan é uma professora reformada, idosa, que vive no apartamento da frente, no nosso segundo andar. Curiosamente, teve o seu primeiro AVC quase exatamente há um ano — a 17 de fevereiro de 1964. Desde então, o Seth tem tratado dela, em vários graus, em torno do 17 de fevereiro, bem como nas sessões 29, 31, 33, 44, 46, 54 e 56, entre outras. A Jane também teve sonhos clarividentes envolvendo a senhora Callahan.

(Depois de sair do hospital, a senhora C voltou para casa, para viver com uma empregada. Preferindo ficar sozinha, acabou por dispensar a empregada há algumas semanas. Tem estado bastante fraca desde o início da doença e, ultimamente, parece ainda mais débil, desde que passou a fazer tudo sozinha. A Jane visita-a com alguma frequência apenas para a vigiar. A memória da senhora C está agora muito afetada e, ao que parece, a energia dela é também muito baixa. Está extremamente magra.

(Ver também as sessões 63 e 83 sobre a senhora Callahan.)

SESSÃO 134
22 DE FEVEREIRO DE 1965

(A Jane estava contrariada com o seu trabalho esta noite — tanto que teria faltado à sessão se eu não tivesse estado demasiado preguiçoso para irmos dançar. Estava uma noite amargamente fria e ventosa. Enquanto discutíamos os nossos problemas, deram 21h, e fizemos a sessão.

(A Jane falou a um ritmo bastante normal, com uma voz na maior parte do tempo forte e alta. Estava sentada, de olhos fechados. Também fumou durante a primeira parte da sessão. Na verdade, começou a falar às 21h02.)

O tempo está, de facto, tempestuoso.

A disciplina interior, a utilização interior da energia, o canalizar e orientar interior da energia por parte do Ruburt nestas sessões teriam sido impossíveis há apenas alguns anos.

Isto envolve, da parte dele, não uma mudança consciente, mas subconsciente, de hábito. O novo hábito, ele adquiriu-o muito bem. As "explosões" psíquicas que eram razoavelmente regulares nele no passado

foram minimizadas em grau considerável desde que as nossas sessões começaram. Ninguém se esforça por mexer na personalidade dele; e é reação natural dele virar a agressividade, quando surge, para fora de algum modo, sendo, ao mesmo tempo, quase supersticiosamente cuidadoso para que não seja dirigida a outro indivíduo.

Isto é, nele, uma reação bastante saudável, e menos disruptiva do que ele pensa. Tu tens estado desconfiado, em certa medida, quanto à fidelidade do Ruburt às sessões — precisamente porque as sessões se tornaram importantes para ti. O Ruburt, nesta fase, não prescindiria das sessões, embora seja verdade que, por vezes, ressente conscientemente a disciplina envolvida na sua regularidade. Subconscientemente, porém, a própria regularidade é-lhe tranquilizadora, já que existe um padrão razoavelmente permanente apesar do fluxo e refluxo da inclinação consciente.

Não vou dedicar uma sessão inteira a estes assuntos. Contudo, alguns comentários serão úteis.

Sem as pequenas — na verdade, bastante pequenas — explosões do Ruburt, a estabilidade dos hábitos de trabalho e a estabilidade das reações emocionais não seriam de modo nenhum tão regulares. As explosões são, afinal, pequenas e inofensivas, e têm um efeito claramente equilibrador. Nem, meu caro Joseph, estas explosões — embora a expressão seja bastante exagerada — são só dele; pois ele também capta as tuas frustrações e cóleras escondidas, sente-as profundamente — embora, conscientemente, não o saiba — e, então, nessas pequenas explosões, dissipa, de modo inofensivo, bombinhas emocionais reprimidas, pequenas mas potentes, que pertencem a ambos.

Há também — embora isto venha a desaparecer — uma forte doação de si mesmo, por parte do Ruburt, nestas sessões: uma doação que envolve, momentaneamente, abrir mão da emoção. E, quando está zangado, ele não quer abrir mão da sua zanga. O que desaparecerá é qualquer sensação, da parte dele, de se sentir subconscientemente drenado — sensação que tem ocasionalmente, e só quando está perturbado com outra coisa.

O próprio material, porém, mostra que estamos a avançar muito bem e a conseguir transmitir subtis matizes de significado que não teriam sido possíveis antes. As nossas sessões têm exercido um efeito estabilizador em ambos e assim continuarão.

Deixo-vos fazer a vossa pausa agora e, depois, regressarei ao nosso outro material.

(Pausa às 21h24. A Jane estava bem dissociada. Disse que o tempo passou tão depressa que lhe pareceu terem decorrido apenas dois ou três minutos. Retomou, no mesmo tom bastante firme, às 21h34.)

Apenas mais uma nota adicional quanto ao que ficou acima.

Ao nível consciente, tu, Joseph, és muito mais dado à regularidade e, por isso, ficas mais preocupado quando o Ruburt dá sinais de

irregularidade. No entanto, tanto nele como em ti, é a peculiar mistura de disciplina e regularidade com espontaneidade que torna as sessões possíveis; e é essa qualidade no Ruburt — até de rebelião — que permite que as sessões prossigam.

Sem uma natureza rebelde, nenhum de vós teria permitido que as sessões começassem. Dessa mistura nasce toda a criatividade. A regularidade das sessões é agora uma necessidade. Isto não significa, porém, que, por vezes, uma sessão não possa ser falhada, ou que tal falha deva ser considerada um sintoma significativo. No global, o nosso horário será mantido, mas não queremos rigidez — apenas a espontaneidade que surge e a liberdade que é alcançada dentro da disciplina.

Isto pode não te parecer assim, mas porque, subconsciente e basilarmente — embora não conscientemente —, o Ruburt confia tanto na sua própria intuição como na validade das nossas sessões, ele não permitirá que a parte "traquinas" da sua personalidade perturbe o nosso calendário; e, porque confia nisto subconscientemente, não ficará tão perturbado como tu se uma sessão falhar.

Isto deve-se a que és mais propenso a valorizar a regularidade por temperamento, embora confies nas tuas intuições nas sessões, tal como ele. Fizemos, de facto, muito num ano. Faremos mais. Se estivesses na posição do Ruburt, serias mais regularmente assíduo do que ele; mas, meu caro Joseph, o teu sentido crítico bloquear-me-ia muito mais do que o dele, particularmente nos detalhes. E, na tua posição, o Ruburt não faria tão bem como tu fazes.

Ergueste mais bloqueios do que ele. Ele será mais vulnerável — ou recetivo — aos teus estados de espírito do que tu aos dele. Temes mais os "humores" do que ele, por causa das constantes piruetas emocionais em que a tua mãe estava constantemente envolvida. Temes também os humores do Ruburt, por esta razão, receando que possas ser arrastado por eles. Em criança, temias ser arrastado pelas emoções cruas dos teus pais e sentes-te inseguro perante tais demonstrações. Como disse, vós os dois equilibram-se bem temperamentalmente.

Já sabes, agora, que as emoções mudam até as células físicas, varrendo-as como o vento pelas ramagens, e deixando impressões em muitas realidades — deixando marcas na realidade dos sonhos, na realidade física e na realidade elétrica, em termos de sistemas codificados.

Deve haver um fluxo fácil e uma aceitação dessas emoções, em que elas vêm e vão; mas o ego, muitas vezes, agarra-as com força — para os seus próprios fins —, caso em que ficam aprisionadas e tornam-se mais fortes do que eram. A origem das emoções é algo que ainda temos de discutir, porque há muitas origens.

Algumas emoções originam-se na personalidade; outras são simplesmente como ventos que depois são racionalizados e retidos. As

emoções são, de facto, movimento — e não algo estático — e passarão, para serem substituídas por outras, a menos que o ego as retenha.

As emoções também são codificadas eletricamente e têm, igualmente, uma realidade elétrica independente. Ao nível físico, são simultaneamente químicas e elétricas. A validade e a força das emoções não podem ser sobrestimadas, pois representam, numa forma apenas ligeiramente tingida, a vitalidade descamuflada do universo à medida que passa através do eu interior. As emoções representam, portanto, essa vitalidade antes de ter sido construída em camuflagem.

Ela foi tingida psicologicamente na sua entrada pelo subconsciente — e é tudo. As emoções são as ferramentas mais vitais com que tendes de trabalhar. É por isso que deveis aprender a usá-las.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 22h00. A Jane estava bem dissociada e continuava admirada com a rapidez com que o tempo lhe passava durante a transmissão. Retomou no mesmo tom firme às 22h13.)

O Joseph está agora a enfrentar o facto das suas próprias agressividades, como nunca o fizera de modo intenso no passado. Recordar conscientemente os sonhos é excelente, pois os dados subconscientes são, pelo menos em certa medida, assimilados conscientemente — e, nos sonhos, as tendências agressivas são de facto libertadas e resolvidas de forma real, tão satisfatória para o subconsciente como se o fossem no campo físico. E, até certo ponto, através da ação muscular, mesmo em sonhos essas agressividades encontram também uma via física de expressão — poupando-te, aliás, bastantes dores e achaques.

Mais uma vez: tu, Joseph, temeste tanto a agressividade no passado que, há um ano, nem sequer te permitirias recordar tais sonhos. O Ruburt não tem esse tipo de consciência de sonhos agressivos — pouquíssimos — e isso também é significativo. Ele teme a violência. Esta é uma das principais razões para os seus ocasionais estados explosivos.

Ele é demasiado dócil em muitos aspetos, pois não é, no fundo, de temperamento dócil; e é por isso que o incentivo sempre a atividades físicas. Ele teme, mais do que tu, enfrentar a agressividade natural — e ambos tendes medo, neste ponto.

Não vou entrar agora em sonhos específicos. O sonho a que te referes não foi, contudo, um aviso a respeito de nenhum de vós.

Em certa medida, tentei esta noite ligar o material pessoal a informações mais gerais. O estado psíquico do Ruburt está muito melhor do que o habitual para o fim do inverno, e essa suscetibilidade sazonal é também, em parte, responsável pelas suas ocasionais e profundas sensações de desânimo.

Esses sentimentos de desalento, porém, embora muito mais profundos no passado, devem ser dissipados o mais rapidamente possível, em todos os

casos — e a energia usada num novo mergulho no trabalho. Não há agora tendências de que valha a pena falar, mas o desânimo poderia, em certas circunstâncias, transformar-se em desespero doentio; e o impulso intuitivo dele, de o contrariar procurando o convívio com outras pessoas, é são.

(Precisamente quando o relógio da parede marcava 22h30, deu-se um pequeno incidente. O nosso gato, o Willy, já saltara várias vezes para o colo da Jane enquanto ela falava. Como isso perturbava um pouco o estado de transe dela, eu tentava mantê-lo afastado. Desta vez o Willy saltou de novo. Ao tentar retirá-lo, agarrei-lhe a cauda e quase perdi o equilíbrio. Puxei-o para trás; ele soltou-se, mas as garras saíram num reflexo. Ouvi-as raspar no colo da Jane. Os olhos dela abriram-se de repente e ela soltou um grito. Era evidente que o gato a arranhara através do vestido. A Jane, claramente, não percebia o que acontecera exatamente; parecia atordoada. Não disse nada, para não a arrancar ainda mais bruscamente do estado em que estava. Fiquei surpreendido ao vê-la sentar-se serenamente, fechar os olhos e voltar ao transe completo. Se os arranhões do Willy doeram, ela não deu sinal. Na verdade, sorriu quando voltou a falar. Retoma às 22h31.)

Ambos teríeis sido incapazes de produzir o vosso trabalho atual há apenas um ano.

Acrescento aqui, Joseph, que pintaste de facto um excelente retrato meu — tal como fui e tal como a minha entidade é. Estou certo de que sabes a que me refiro.

E não caiais, nenhum dos dois, nos desalentos de inverno. Pois eu sou um alegre boneco de neve, e não derreto na primavera. Ambos estais a progredir no vosso trabalho. O trabalho criativo não cresce de modo uniforme, mas em aparentes surtos súbitos de atividade — e em aparentes desperdícios, que não são desperdício algum.

Os meus melhores e mais sinceros votos para ambos.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22h35. A Jane estava bem dissociada, como antes. Lembrava-se de algo a arranhá-la, e verificou-se que o Willy lhe fizera alguns pequenos riscos de sangue.

(Acabei há pouco uma pintura a óleo de duas cabeças masculinas. Uma das figuras agradou imenso à Jane, desde o início. Não lhe tinha dado muita importância, para além de me perguntar de onde viera a ideia para a pintura. Tomava como certo que os rostos que pinto resultam de algum tipo de informação telepática ou de memória subconsciente. No passado, o Seth afirmou que muitas vezes uso essas fontes de informação nos meus retratos. A cabeça de que a Jane gosta é a de um homem loiro, de constituição forte e evidentemente de grande compleição. Os traços são bastante regulares, embora o nariz seja um pouco proeminente, o maxilar quadrado e os olhos azuis. A Jane não aprecia muito a outra cabeça da

pintura, embora, enquanto trabalhava nela, eu estivesse tão intrigado com uma como com a outra.

(Tenho mantido um registo dos meus sonhos há várias semanas, seguindo o exemplo da Jane. É uma experiência fascinante e já parece ter dado alguns pequenos frutos no que toca à clarividência e à compreensão de si. Ultimamente, os sonhos têm incluído muita ação agressiva da minha parte, e também eu considerava que essa agressividade libertada era algo positivo.

(O sonho específico a que o Seth se refere, na página 270, foi um que tive na noite de domingo, 21 de fevereiro. Nele, um homem recebe a notícia da morte da esposa através dos seus sentidos interiores — vê a aparição dela surgir-lhe à frente, no momento em que ela morre, a muitos quilómetros de distância. A aparição que vi no sonho não era da Jane, mas o sonho foi muito vívido e algo perturbador. Acredito que contenha elementos de clarividência, e que talvez tenha disfarçado a identidade da aparição que vi.)

SESSÃO 135
24 DE FEVEREIRO DE 1965

(O John Bradley, de Williamsport, PA, foi testemunha da sessão. Esta é a primeira sessão a que assiste desde a 95.ª, de 7 de outubro de 1964. Contudo, o John tem-nos visitado com frequência desde então e tem lido regularmente as sessões.

(Talvez pela presença de uma testemunha, a Jane estava nervosa antes do início. Voltou a ditar sentada e de olhos fechados. Falou bastante depressa, com uma voz um pouco mais alta e grave do que o habitual, mantendo esse tom ao longo de toda a sessão. Estava também mais expressiva do que o costume, usando muitas ênfases e gestos. As pausas foram raras.

(Recorde-se que Philip é o nome-entidade do John e que Mark é o nome-entidade do Bill Macdonnel.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

([o John]: "Boa noite, Seth.")

Dou as boas-vindas ao Philip na nossa sessão. Como ele está a par do nosso material mais recente, continuarei na mesma linha.

Grande parte da informação que tendes recebido ultimamente pode ser parcialmente verificada por físicos e matemáticos. Ou seja, a verificação é possível. Isto não significa que venha necessariamente a acontecer.

A vossa carta, a propósito, ao editor, foi uma excelente iniciativa da vossa parte. O livro que está a ser preparado pela Jane está a correr bem. É preciso trabalhar mais nas páginas 52, 70 e 90. Se ela reler essas secções, as alterações necessárias ocorrer-lhe-ão. Eu encarrego-me disso.

(Após a sessão, a Jane disse que não fazia ideia, de momento, do que está nessas páginas do manuscrito do Seth. Mas não quer olhar para elas até estar pronta para trabalhar nelas.)

É muito agradável, esta noite, com o nosso pequeno grupo. Continuo a trabalhar com a Jane para tornar as sessões mais agradáveis; mas é natural que leve algum tempo até ela se habituar ao nosso novo método de transmissão.

O senhor Gottlieb, de quem tendes falado, em breve verá que se encontra noutros embaraços, receio. Voltemos agora às nossas outras discussões.

Disse que o universo elétrico é, de novo, uma materialização de uma espécie de vitalidade interior, de que tudo é composto. Essa vitalidade tem uma realidade independente de quaisquer materializações, o que nos conduz a um ponto muito interessante.

É-vos muito difícil contemplar a existência daquilo que é independente da sua própria materialização. Esta vitalidade preenche todas as outras formas enquanto é, nos vossos termos, informe. Mas as nossas discussões sobre o universo elétrico já vos devem ter conduzido a intangíveis.

Deve ser agora mais fácil compreenderdes esta vitalidade, já que falámos de realidade que existe por meio de intensidades. Recordareis que falei de distâncias em termos de ação, e que essas distâncias não ocorriam numa moldura percetível do tipo que vos é familiar; falei, sim, de uma distância cuja realidade se mede pelas variações de intensidade dentro de qualquer atualidade elétrica dada.

(Ver muitas das sessões recentes, em especial desde a 125.ª.)

Portanto, viajar através de tal distância implicaria viajar pelas intensidades elétricas que entram na existência de qualquer ação à medida que ocorre eletricamente. Esta ideia de ação dentro da ação — de distância e movimento dentro da ação — é relativamente nova nas nossas sessões.

Nenhuma realidade elétrica é composta de um simples impulso. Embora falemos assim, por simplicidade, cada impulso elétrico é, em si, composto por uma variedade e gama verdadeiramente infinitas de intensidades. Por outras palavras, cada impulso elétrico contém em si a sua própria infinidade de variações.

É difícil, aqui, ir além da simples enunciação. Se, a vosso tempo, considerardes a constituição dos vossos próprios sonhos, podereis compreender parcialmente, de modo intuitivo, o que quero dizer; pois a distância nos sonhos é infinita, embora possais percorrer apenas um pouco

— e, contudo, como dissemos, essa distância não ocupa espaço. Isto aproxima-se de evocar uma compreensão da distância tal como ocorre eletricamente, existente dentro de uma ação.

Sugiro a vossa pausa. Não quero — e já o disse — que algum de vós "se desfaça em bocados", pois não estou certo de que vos conseguisse voltar a montar.

(Pausa às 21h20. Note-se que a pausa chegou bastante cedo. A Jane disse que estava bem dissociada e abriu os olhos lentamente. Retomou, no mesmo tom vigoroso, às 21h30.)

As intensidades fundem-se umas nas outras. Mesmo as palavras que uso para as descrever são, no melhor dos casos, símbolos pobres; pois, quando falo de uma ação, pareceria que falo de algo indivisível, concreto e concluído — e não é o caso.

Nenhuma ação, no essencial, está alguma vez concluída. Esta afirmação levar-nos-á, mais adiante, a outros domínios. Todas as possibilidades estão abertas a uma ação — a uma ação elétrica. E, de novo, dentro dela há uma infinidade de variações e profundidades de intensidades que lhe dão realidade em muitas dimensões simultaneamente. Onde se sentem intensidades fortes, dir-se-á então que a atualidade se projeta no campo de realidade que cai dentro da gama desse grupo particular de intensidades.

Tais realidades elétricas, portanto, pela força das suas intensidades e pela sua gama particular, projetam-se em alguns campos, mas não noutros. Qualquer suposta viagem através do tempo envolve, então, viajar por tais intensidades. Isto é obviamente impossível para o eu camuflado físico, mas não é impossível para o eu interior, que — como sabeis — tem a sua própria realidade elétrica, também ela composta por impulsos e intensidades particulares.

Toda a profundidade, toda a dimensão e toda a distância estão contidas no universo elétrico. Aqui, como disse, não há tamanho nos vossos termos, nem forma nos vossos termos; mas há, de novo, distância — não absoluta, mas variável — que pode dizer-se existir para trás e para a frente indefinidamente, dentro das intensidades infinitas. E toda a realidade, em qualquer campo, ocorre, no essencial, dentro dessas intensidades.

Mais uma vez: as vossas experiências psicológicas interiores — e a vida interior de cada indivíduo — podem conduzir-vos a alguma compreensão destes pontos. E isto não vos deve parecer estranho. A humanidade nomeia e identifica até o que não pode ver — divide e separa. Como referi, quando olhais para um espelho não vedes o vosso ego. Nunca o podeis ver. Experienciam-no diretamente — e do mesmo modo experienciais diretamente este tipo de "distância" de que falo.

Mas, tal como não encontrais a vida ao dissecar um sapo, não encontrareis este tipo de distância explorando o espaço. Ao dissecar o sapo, destruís aquilo que procuráveis. Ficais com a camuflagem. Só pela experiência direta alguém conhecerá estas matérias.

De novo: olhando para onde parece não haver nada, encontrareis muito. E explorando aquilo que não podeis tocar, descobrireis aquilo que vos é ainda mais próximo do que o toque; pois o sentido exterior do tato é um dos mais próximos contrapartes da experiência direta que tendes — e contém dimensões, gradações e variedades que os instrumentos científicos não podem registar; e isto aproxima-se, à sua maneira, das infinitas variedades presentes numa só ação elétrica.

Sugiro também, ó Joseph, com todo o respeito, que arranjes, aqui e ali, tempo para as tuas experiências de tempo psicológico, apesar da tua agenda cheia. Como dizem muitos professores, a prática leva à perfeição — e, ultimamente, neste aspeto, não mereces exatamente uma estrela dourada.

Nem o Ruburt. Ou exagera, ou não faz nada — neste e, creio, noutros aspetos. Deve manter-se sempre o limite de meia hora. Já deves conseguir experienciar, diretamente, o tipo de "distância" a que me referi.

Sugiro agora a vossa pausa.

(Pausa às 21h50. A Jane estava dissociada, como de costume, e mais uma vez teve dificuldade em abrir os olhos. "Parecia que estavam colados", disse. Achou que o seu estado de transe estava um pouco mais profundo do que o habitual, mesmo estando sentada.

(Retomou, no mesmo tom firme, às 22h00.)

A conversa diverte-me imenso, e eu próprio terei uma palavra a dizer a qualquer crítico.

E, se eu não parecer espiritual o suficiente para quem leia o material, então que se diga que nunca pretendi ser o Espírito Santo. Tal comentário baseia-se também na vossa definição de espiritualidade, que é, no melhor dos casos, limitada na vossa sociedade contemporânea — e cuja limitação é, de facto, resultado da dualidade que tem atormentado a humanidade há séculos.

(O Seth falou dessa dualidade já na 25.ª sessão, no Volume I.)

O que vos tenho dito esta noite — e as minhas discussões em todas as nossas sessões, todos os meus comentários — têm-se ocupado de factos básicos e simples, não alheios à natureza humana, mas mais íntimos dela do que o próprio toque. O simples facto de mais de cento e trinta sessões terem sido dedicadas a tais "ABC's" é, em si, prova suficiente de como a humanidade realmente se divorciou da natureza do seu próprio espírito.

Divirto-me, e ao mesmo tempo agito-me, sempre que ouço falar de chamada *espiritualidade*, quando se erguem barreiras eficazes que cortam a natureza humana em duas. E tratarei de forma eficaz qualquer crítica desse

género. Não precisareis de abrir a boca. Na verdade, sob tais circunstâncias, preferiria que não falásseis.

Grande parte do nosso material será, de facto, validada. Não falo, em nenhuma destas matérias, em termos de tempos e lugares definidos — nem tenciono fazê-lo. A Jane já é egocêntrica o suficiente, e tu, Joseph, és tão determinado. Continuaremos. O material circulará amplamente — e numa altura em que ambos estejam preparados para lidar com isso.

Mostro-vos as facetas da minha personalidade com as quais vos podeis sintonizar mais facilmente. Estou, de facto, aqui — e convosco mais do que imaginais. Pois, vede: a vossa experiência de mim existe agora em dados codificados eletricamente dentro dos vossos próprios sistemas. Eu sou eu. Continuo a existir, no entanto, em dados codificados eletricamente dentro, ou em torno, de vós — tal como expliquei que toda a experiência individual é codificada e retida dessa forma.

Pensei que compreenderíeis isto automaticamente, mas, ao que parece, não compreendestes. Fico satisfeito com o interesse do Philip em nosso nome. E, de facto, "mantenho o olho aberto", por assim dizer, em nome dele.

Há muitas razões pelas quais tal relação foi primeiro estabelecida e depois mantida. E haverá, no futuro, um acontecimento que vos ligará, aos três, de forma duradoura.

Menciono aqui, mais uma vez, que mantenhais alguma vigilância sobre a senhora Callahan — e sugeriria, de facto, que a Jane, por um período de três ou quatro dias, lhe leve o correio. Isto impedirá a senhora Callahan de tentar descer as escadas, pelo menos para esse fim; e são, de facto, as horas da tarde que suscitam maior preocupação aqui.

(É sexta-feira à noite enquanto escrevo isto, dois dias após a sessão. Até à data, a senhora Callahan parece estar bem. A Jane viu-a às 15h, hora do correio. A Jane tem-lhe levado o correio, conforme sugerido, e por vezes consegue também fazer-lhe uma visita noutra altura do dia. A senhora Callahan não está completamente sozinha — tem agora uma mulher que lhe prepara o almoço e que costuma ficar com ela até cerca das 13h.)

Na nossa próxima sessão iremos aprofundar os *gestalts* piramidais de que falámos anteriormente, e talvez considerá-los de um ponto de vista totalmente diferente — o da amplitude e da natureza que constituem a ideia dos deuses. Dentro de certos quadros, esses *gestalts* piramidais têm uma realidade elétrica; mas a sua existência vai além — não do alcance, mas da natureza — da realidade elétrica. E, pela força da sua intensidade, projetam-se em todos os outros campos de atualidade existentes.

Encerramos agora a nossa sessão. Quando os três estivermos juntos noutra ocasião, talvez então vejamos os vossos "efeitos". Mostra-me, mostra-me, mostra-me, ó Jane! E vede bem isto: porque o Mark viu o que o

Mark viu, a nossa Jane está cética. Porquê? Porque o Mark viu o que o Mark viu!

As capacidades do Mark, embora não treinadas, são excelentes. É ingénuo e infantil. Por isso, as suas capacidades permitem-lhe ver o que lhe é posto à frente. Eu diria mais sobre este assunto — mas a Jane não o levaria a bem, e eu, afinal, estou-lhe em dívida até certo ponto.

As minhas mais calorosas saudações a todos vós. Se preferirdes, posso considerar prolongar a sessão. No entanto, encerrá-la-emos como de costume, se for essa a vossa vontade.

("É melhor assim, creio eu.")

Então, façam-no, por todos os meios. Deixo-te um pequeno enigma, Joseph: o número cinco, um sábado à noite. E é tudo o que direi.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22h29. A Jane estava novamente bem dissociada. O John Bradley disse que o material era muito mais difícil de seguir quando transmitido verbalmente do que da última vez que assistiu a uma sessão — muito mais complexo. O John também disse que tentou comunicar mentalmente com a Jane enquanto ela falava, a respeito da sua empresa, a Searle Drug. Mas, como a Jane não mencionou o assunto, considerou os seus esforços um fracasso, por qualquer razão.

(A Jane terminou a sessão bem-disposta, especialmente durante os comentários sobre os efeitos físicos, o Mark e afins. Quanto a mim, confesso estar curioso sobre o meu pequeno enigma...)

SESSÃO 136

1 de Março de 1965

(A Jane ditou enquanto estava sentada, de olhos fechados. A sua voz era calma e clara. Falou num ritmo relativamente rápido e fumou durante parte do tempo.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Antes de começarmos com outros assuntos, gostaria de sugerir que Jane reservasse um dia por semana exclusivamente para a comercialização dos seus manuscritos. Durante o resto da semana, sempre que possível, deveria esquecer o aspeto comercial e focar-se apenas no trabalho criativo. Isto é apenas uma sugestão, nada mais.

Os componentes do universo elétrico são extraídos de toda a energia, num processo que poderia ser descrito como um malabarismo cósmico. A energia nunca está imóvel e, naturalmente, nenhum impulso elétrico se mantém estável de um instante para o outro. Isto significa que nunca existe

um impulso idêntico ao anterior. As suas intensidades podem ser semelhantes, mas nunca exatamente as mesmas.

A mudança, por si só, é o que permite a possibilidade de identidade dentro de qualquer universo. Sem mudança, não poderia haver realização de valor, experiência ou identidade.

Porções do universo elétrico são projetadas em vários campos e, por essa razão, a eletricidade é reconhecida como uma realidade dentro de múltiplos sistemas.

No que vos diz respeito, as vossas próprias identidades existem eletricamente, em forma codificada, tal como expliquei antes. Em algum momento futuro, falaremos sobre as aparentes duplicações de identidade. Estas duplicações, contudo, são apenas aparentes—semelhantes a reflexos. Na maioria dos casos, estas projeções são originadas eletronicamente a partir de um único original. Ainda não estamos totalmente prontos para explorar este tema, mas queria mencionar a possibilidade, pois tais projeções acontecem com alguma frequência.

Se considerarem a projeção de um pensamento—algo intangível que, no entanto, pode influenciar diretamente outro indivíduo e, por consequência, afetar a matéria física—então poderão conceber a possibilidade de outras formas de projeção.

Aqui chegamos a um ponto delicado. Já disse que não há duplicações exatas. Mas poderão perguntar: "Certos pensamentos não são duplicados?" As variações podem ser muito subtis, mas estão sempre presentes. O pensamento transmitido, seja consciente ou inconscientemente, de A para B, nunca é exatamente o mesmo.

O pensamento original mantido por A continua a ser dele, mesmo após a transmissão. A não perde nada. Então, se o pensamento original ainda pertence a A, o que é realmente transmitido a B?

Esta questão é importante porque nos ajuda a compreender as diferenças que frequentemente ocorrem em comunicações telepáticas.

Quer A envie o pensamento de forma consciente ou inconsciente, no momento da transmissão ele forma um padrão de impulso elétrico que supostamente duplica o pensamento original. No entanto, uma duplicação exata nunca é possível, pelo menos dentro da realidade tal como a conhecemos.

Uma nota à margem: gémeos idênticos, por exemplo, dificilmente são completamente idênticos.

Assim que se tenta duplicar um pensamento original, essa tentativa por si só altera o padrão do impulso. O esforço para replicar força a energia a alinhar-se de forma ligeiramente diferente.

Quando B recebe o pensamento, ele já foi transformado—mantém uma forte semelhança com o original, mas não é um duplicado exato.

A ação, pela sua própria natureza, força a mudança. Portanto, não podem existir duplicações perfeitas. Pode-se dizer, por conveniência, que A e B tiveram o "mesmo pensamento", mas isso não é verdade no sentido absoluto.

Sugiro que façam uma pausa.

(Pausa às 21h25. Jane estava dissociada, como de costume. Retomou a sessão às 21h32, num ritmo mais lento, mas mantendo o tom de voz calmo.)

Uma identidade, por definição e natureza, é única.

Uma identidade pode manifestar-se ou ser percebida em vários lugares ao mesmo tempo, mas nesses casos trata-se sempre da mesma identidade, vista a partir de diferentes perspetivas.

Agora abordaremos um tema que pode parecer complicado, mas isso deve-se apenas às limitações da linguagem, que nos obriga a apresentar as ideias de forma linear, uma após a outra.

Independentemente de eventuais contradições aparentes que possam surgir antes de explorarmos completamente este assunto, saibam disto: as identidades, por natureza, não podem ser duplicadas.

Não posso explicar tudo de uma vez, e portanto, algumas questões permanecerão sem resposta até que possamos aprofundá-las.

Se um pensamento original fosse realmente transmitido de A para B de forma absolutamente idêntica, isso significaria que A deixaria de o possuir. Mas, como sabemos que A ainda mantém o pensamento original, então B não recebe um pensamento idêntico—apenas um pensamento semelhante.

Identidades primordiais não podem ser duplicadas.

A ideia de duplicação exata resulta apenas de um conhecimento insuficiente.

Em alguns casos, dois pensamentos podem parecer idênticos, mas, mesmo que um exame mais detalhado não consiga revelar diferenças, a duplicação exata continua a ser impossível.

Quando B recebe um pensamento transmitido, ele pode reagir e interpretar tanto as partes que se assemelham ao pensamento original como as que diferem dele.

A sua interpretação depende de vários factores, incluindo a intensidade das pulsações elétricas que compõem o pensamento e a sua própria predisposição para reagir a determinadas frequências.

Cada indivíduo opera dentro de um intervalo de frequências que lhe é mais familiar e confortável. Esse intervalo varia consoante a sua estrutura interna.

O pensamento original funciona, então, como um padrão para a criação de uma nova realidade elétrica, que pode ou não ter um recetor específico.

É evidente que existe a intenção de duplicar o pensamento. No entanto, se essa tentativa de duplicação não ocorresse, as diferenças entre identidades separadas seriam muito mais pronunciadas.

Dada a complexidade deste tema, sugiro outra pausa.

(A Jane mostrava-se bem dissociada. Disse que considerava esta uma boa sessão porque sentia a sua mente "completamente vazia de tudo, exceto da sessão". Achava que Seth estava a utilizar ao máximo as suas capacidades para apresentar o material com clareza. Retomou a sessão às 22h02, desta vez falando um pouco mais rapidamente.)

Realidades idênticas, portanto, não existem, e qualquer aparente duplicação deve servir de alerta para um erro na perceção.

A natureza do pensamento que é recebido por B, o recetor, é determinada por vários factores. Vamos considerar alguns: a intensidade original do pensamento tal como possuído por A, a capacidade de A para duplicar o pensamento com o máximo de fidelidade possível, a estabilidade relativa da unidade de pensamento elétrico formada por A, e o grau de familiaridade do recetor com a frequência elétrica do pensamento transmitido.

O recetor compreenderá e interpretará, de um modo geral, apenas a faixa de intensidade com a qual está habituado a operar. Algumas partes do pensamento transmitido poderão estar dentro dessa faixa e outras não. Se captar porções do pensamento semelhantes ao original, então alguma forma de comprovação poderá ser obtida. No entanto, se apenas as partes dissonantes do pensamento caírem dentro da sua faixa de receção, essa verificação será impossível.

Os pensamentos são recebidos por indivíduos nos quais certas condições ocorrem simultaneamente.

Já mencionei que as emoções possuem uma realidade elétrica. Os pensamentos que são formados e transmitidos sob o impulso emocional muitas vezes têm mais sucesso na sua transmissão devido à natureza peculiar dos próprios impulsos emocionais elétricos. Estes têm uma massa elétrica particularmente forte e costumam ocorrer dentro de intensidades poderosas.

Por razões que não discutiremos esta noite, pensamentos formados sob um forte impulso emocional possuem uma maior vivacidade, têm uma tendência mais acentuada para serem duplicados e são mais facilmente interpretados com sucesso.

Além disso, todos os indivíduos têm familiaridade com emoções, pois estas existem dentro de intensidades elétricas. Todos estão habituados a reagir a elas. O processo é instantâneo. No entanto, o pensamento recebido já não é exatamente o mesmo pensamento original. Ele transforma-se numa nova identidade própria.

(Neste momento, alguém bateu à porta. Eram 22h23. Tal como nas sessões 133 e 134, Jane ficou "sobressaltada" e saiu abruptamente do transe. Parecia desorientada, tentando recuperar o foco. Fiz-lhe sinal para que permanecesse sentada e esperámos que as batidas cessassem. Quando a interrupção terminou, Jane conseguiu regressar ao transe e retomou a sessão às 22h25.)

O pensamento, mais uma vez, é modificado pelo recetor. Ele não interpreta o pensamento em si, mas sim o seu significado, formando uma nova identidade de pensamento.

Com o novo sistema de comunicação que temos vindo a desenvolver, interrupções como esta são bastante chocantes para Jane. Sugiro que terminemos a sessão por hoje.

("Boa noite, Seth.")

(Termina às 22h28. Jane continuava dissociada, como de costume. Não gostámos de ver a sessão ser interrompida tão bruscamente. Como ficou claro que essas interrupções estavam a tornar-se um problema devido ao estado mais profundo de transe de Jane, decidimos mudar as sessões para o nosso quarto. Lá temos espaço suficiente para uma mesa e uma cadeira, mas o mais importante é que esse ambiente está isolado da entrada da casa por três portas, criando uma barreira contra o som.

(A Jane descreveu a sensação de uma interrupção durante este estado mais profundo como "levar com um balde de água gelada". Era um choque real, e ela queria evitar passar por isso novamente.)

SESSÃO 137

A NATUREZA DAS IDENTIDADES E DA AÇÃO

3 de Março de 1965

A NATUREZA DAS IDENTIDADES

(Esta sessão realizou-se no nosso quarto. As portas estavam fechadas. O silêncio foi bastante invulgar. Estávamos também livres do receio de interrupções. Pelos vistos, o novo ambiente também era um pouco estranho para a Jane, pois ela só começou a falar às 21h02.

(Sentou-se, como de costume, manteve os olhos fechados e usou uma voz bastante calma. O ritmo foi médio no início, mas tornou-se progressivamente mais lento à medida que a sessão avançava.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

O novo arranjo deverá resultar bem agora, embora não tivesse resultado no passado. As nossa última sessão foi extremamente frutífera, e muito desse material será importante nas nossas discussões futuras.

Vamos continuar esta noite as nossas considerações da natureza das identidades. Nas nossas discussões anteriores sobre a natureza da matéria, deixamos claro que cada indivíduo criava qualquer objeto material, através do uso dos sentidos internos e seguindo certas regras que foram referidas.

Uma vez que qualquer materialização é, com efeito, uma mediação entre o que podemos chamar de um ideal que é, por natureza, por si só não materializado, e um símbolo prático de trabalho percetível da ideia, cada materialização deve ser composta de alguns elementos de camuflagem. Dentro do campo físico, esses símbolos percetíveis são compostos de matéria, que é um conglomerado de átomos e moléculas. Na criação, digamos, da sua versão de uma cadeira, cada indivíduo usa átomos e moléculas inteiramente diferentes na construção subconsciente que faz.

Ele vê ou percebe apenas a sua própria construção. Uma releitura das sessões que tratam da natureza da matéria ajudará nisto. A cadeira criada pois por um determinado indivíduo e percebida por ele é uma identidade na medida em que existe em um determinado momento, sem qualquer duplicação exata. Basicamente, para que qualquer duplicação apareça, os átomos e moléculas exatos teriam que ser usados, e isso é obviamente impossível.

A cadeira é uma identidade, mas em nenhum momento é a mesma cadeira, pois os átomos e moléculas que a compõem já mudaram e foram substituídos por outros. Este processo é igualmente explicado de forma minuciosa nas sessões anteriores mencionadas.

(Entre outras, consultar as sessões 60-65.)

Obviamente, existem muitos tipos de identidades. Agora, na nossa última sessão eu disse-lhes que o nosso remetente imaginário "A" não transmite um determinado pensamento. Ele nem sequer envia uma duplicata exata. A ação, a própria ação de transmissão, altera a natureza, a realidade elétrica do próprio pensamento. Este é um aspeto extremamente importante.

Tampouco o recetor recebe o pensamento na mesma condição. O

pensamento, a ideia original, é retido por A. Contudo, A forma um pensamento quase tão idêntico quanto as suas possibilidades lho permitem. Isso ele transmite a B. Mas B não pode receber o pensamento na sua condição atual, porquanto o ato de receber um pensamento também o modifica. Ele forma um pensamento o mais idêntico possível e interpreta-o."

AÇÃO

A ação nunca pode ser considerada separada daquilo sobre o que aparentemente se age, porquanto a ação torna-se parte da estrutura. A ação tem início a partir de dentro e é resultado da vitalidade interior inerente a todas as realidades. Alguma ação acha-se sempre presente. A ação em si não é uma coisa em si mesma. Não é uma identidade. A ação é uma dimensão da existência.

A ação é uma dimensão que brota da existência.

Não pode ser considerada separadamente. Pode aparecer sob muitas formas, devido à natureza da realidade particular de que faz parte, e envolve muito mais do que movimento. A ação também pode ser considerada simplesmente como a natureza espontânea da vitalidade interior em direção a várias materializações expressivas.

Não há identidade ou força externa separada, enquanto "força"; as duas palavras aqui estão a ser usadas com significados diferentes. Não existe força separada que provoque a ação. Todos estes aspetos são extremamente importantes e, se falo devagar, é para garantir que as palavras sejam o mais corretas possível. A ação é percetível em alguns casos, e não em outros.

Ação é mais como um crescimento do que uma força. É um subproduto de qualquer realidade e uma parte de toda a realidade. Devem ser capazes de ver muitas implicações aqui ao ler este material. Mais uma vez, a ação envolve mais do que movimento, conforme vocês concebem o movimento, porquanto a realização de valor é ação. Um sonho envolve ação. Não só a ação inerente ao sonho, mas a própria ação de sonhar.

Aqui podem obter um vislumbre da relação que existe entre certos tipos de ação e distância, conforme mencionei resumidamente. Sempre há ação dentro da ação, e qualquer realidade ou experiência é ação instantânea. O movimento é o tipo de ação com que vocês estão mais familiarizados, mas o movimento atinge a sua importância no âmbito físico apenas por causa dos vossos sentidos externos particulares. Pois muita ação é completamente

despercebida por vós, em especial a um nível consciente.

A existência continuada do vosso corpo físico é determinada pela ação, embora conscientemente vocês não tenham consciência disso na maior parte do tempo. A ação pode não parecer estar a chegar a parte nenhuma. A ação, pela sua natureza, enquanto parte de toda realidade, altera necessariamente essa realidade e forma a partir dela uma nova realidade. Isso deveria ser óbvio.

Haverá muito mais neste material quando vocês o lerem, do que vocês podem imaginar a princípio. A ação aproxima-se tanto quanto possível daquela porção de vitalidade ou energia interior que não pode ser completamente materializada em nenhuma camuflagem, em plano nenhum. A ação em si não pode ser percebida diretamente por esse motivo. Mas os efeitos que tem sobre a camuflagem muitas vezes podem ser percebidos.

Este material está a conduzir a algumas discussões futuras, e a natureza da ação será do mais importante. A ação é tão válida quer o ato seja consciente e voluntário, ou ocorra no âmbito de um sonho ou de uma ideia. É uma realidade em ambos os casos. Mais uma vez, não é uma força externa. Ela brota da vitalidade interior que compõe toda camuflagem. Até certo ponto, é resultado da tentativa da vitalidade interior de se expressar por completo em materializações e da sua incapacidade de o fazer.

Até agora os vossos cientistas e físicos têm um conceito muito limitado da ação. As suas leis relativas à ação e à força só se aplicarão no campo físico.

A ação é basicamente elétrica, mas dentro do vosso campo apenas as formas mais óbvias de ação elétrica foram percebidas. Nesse aspeto, a vossa tecnologia dececionou-os, mas as manifestações elétricas de que falo não poderiam nem mesmo ser pesquisadas nem antecipadas no vosso campo físico, até que a realidade da natureza psíquica do homem começasse a dar-se a conhecer. E só agora está começar a tornar-se evidente.

A descoberta dessas outras realidades elétricas explicará muito do que antes não podia ser explicado. Todas as realidades de que vocês se ocuparão, e por que a humanidade intimamente se interessa, são construídas eletricamente. Um sonho é uma realidade elétrica tão válida quanto um relâmpago, a diferença é que o relâmpago se projeta na vossa consciência através dos sentidos externos.

Teremos que considerar, mais tarde, a cor como ela aparece nos sonhos,

mas não é o momento para tal discussão. Identidades também existem no âmbito dos sonhos, mas aqui a mesma natureza de identidades aplica-se às apresentadas anteriormente. As leis da ação também se aplicam aqui na realidade do sonho. . .

A ação não é afetada pelo tempo conforme você o concebem. A ação também ocorre dentro do vasto presente. Contudo, vocês podem perceber apenas partes da ação na rutura do vosso tempo. Idealmente, as experiências do tempo psicológico permitirão que percebam a ação de forma mais clara e direta. O ego tenta controlar a ação mantendo-se à parte dela. Qualquer divisão desse tipo é arbitrária e de modo nenhum afeta a natureza da ação em si. Tudo o que muda é a vossa perceção dela.

Ao diminuir a sua perceção da ação, o homem imagina que ele aumenta o tempo. É claro que esse não é o caso. Ele apenas consegue perceber a ação como fragmentos, e luta contra o seu fluxo. Por um lado, a ação é de facto simultânea, mas nela está contida toda a ação, por ocorrer dentro do vasto presente e ilimitado. Nos sonhos, a ação recebe mais liberdade e permite que flua de maneira menos dificultada.

O resultado é um efeito de mais e não de menos tempo e, em muitos casos, o aprofundamento das perspetivas. A ação não ocorre exclusivamente ao longo de uma determinada linha ou direção, embora vocês possam perceber-lhe o movimento em apenas uma direção. É uma porção de outras dimensões. Aqui, mais uma vez, a consideração dos sonhos em termos de ação deve tornar esse aspeto bastante claro.

Além disso, nos sonhos, onde não existe espaço conforme vocês o concebem, vocês gozam de total liberdade de espaço. Quando o ego abre mão do que considera controlo da ação, então, como nos sonhos, praticamente qualquer ação é possível. E quando o ego abre mão da sua reivindicação de espaço num sonho, todo o espaço está disponível.

A ação sempre envolve mudança.

Mais uma vez, pode não envolver movimento nos termos com os quais vocês costumam referir. Existem muitos tipos de movimento, por exemplo, que vocês não percebem como movimento dentro do campo físico.

A ação interfere com a identidade, mas se não fosse pela ação a identidade seria impossível. Isto pode aqui soar a contradição; mas para permanecer uma identidade, uma identidade precisa renovar-se completamente, e cada renovação é de facto um término. No entanto, sem o término, nenhuma

nova ação por parte da identidade seria possível. E sem ação nenhuma identidade pode ter consciência da sua própria existência.

"Lembrem-se aqui, porém, que por ação não queremos dizer necessariamente movimento como vocês o percebem. A ação é o sopro da vitalidade interior, da qual são compostas todas as materializações de qualquer tipo. Ela representa, mais uma vez, a relação existente entre a vitalidade interior não expressa e a vitalidade materializada.

Há sempre um desequilíbrio aqui que pode ser chamado de ação. Não pode ser percebido como uma coisa qualquer, pois é uma relação e uma dimensão. Pode ser percebido mais diretamente e com menos distorção no estado de sonho. Pois aqui é permitida a liberdade de si própria. Aqui vocês também têm a vitalidade interior que não foi materializada no reino da camuflagem material. Vocês têm a tendência dessa vitalidade interior para se materializar e sua incapacidade de fazê-lo por completo. No estado de sonho, a tendência para que essa vitalidade se materialize encontra pouca resistência. O resultado consiste em ação dentro de ações, sem espaço físico. As distâncias aparecem e são vividas como tal. A ação é muito menos limitada. Em vez disso, a ação em si mesma não é menos limitada, mas vocês podem experimentar a ação com menos limitações, pois o ego que erige tais limitações baixa a guarda.

"Eu sugiro que esta sessão e a última sessão sejam lidas com todo o cuidado. Mais uma vez, elas serão usadas como base para material adicional.

SESSÃO 138

TRÊS APARENTES DILEMAS

8 DE MARÇO DE 1965

IDENTIDADES E AÇÃO

(A 26 de setembro de 1964, a Jane e eu enviámos as sessões 39–91 ao editor Frederick Fell, NY, NY. A 16 de fevereiro de 1965 pedimos a devolução do material. A 5 de março de 1965, o F. Fell escreveu que as sessões estavam a ser lidas com atenção.

(Ver páginas 102, 107, 114, 125 e 136 para algumas previsões de vendas relativas aos escritos da Jane. A página 102 é uma experiência de tempo psicológico da Jane; as restantes são declarações feitas durante

sessões. Vão de 30 de outubro de 1964 a 11 de novembro de 1964 — sessões 102, 103, 104 e 106. A carta de 16 de fevereiro ao F. Fell foi mencionada pelo Seth na 135.ª sessão.

(A Jane tem estudado tempo psicológico com regularidade e refere que, quase como rotina, atinge agora aquilo a que chama um "estado excelente", envolvendo uma sensação de grande leveza e separação do seu eu físico. Acredita estar à beira de conseguir deslocar-se para fora do corpo físico e está a habituar-se à ideia muito gradualmente. Muitas vezes sente-se parcialmente "fora" do corpo, mas, até agora, exerce sempre controlo para evitar ir demasiado longe, demasiado depressa.

(Voltámos a realizar a sessão no nosso quarto das traseiras e descobrimos um ambiente muito sossegado e pacífico de portas fechadas. A Jane não fazia ideia do material da sessão. Falou sentada e de olhos fechados. A voz dela foi calma e clara durante toda a sessão. O ritmo de fala foi, de novo, bastante lento; algumas pausas foram longas. Começou a falar às 21h01.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Vamos continuar esta noite a nossa discussão sobre as identidades e a ação.

Desdobramentos ocorrem continuamente, e todas as identidades, com poucas exceções, encerram em si igualmente outras identidades, não duplicatas. O debate passado que tivemos sobre as gestalts devia ter deixado esta questão esclarecida. As estruturas e limites, as extensões e limitações das identidades, não são físicas.

(Para o material sobre gestalts psíquicas, consultar as sessões 59, 62, 81, 96 e 128 sessões, entre muitas outras.)

Identidades podem ser chamadas de ação que é consciente de si mesma. Para os propósitos da nossa discussão, os termos ação e identidade devem ser separados. No entanto, basicamente, tal separação não existe, pois uma identidade é também uma dimensão da existência, ação dentro da ação, um desdobramento da ação sobre si própria; e por meio desse entrelaçamento da ação consigo própria, por meio dessa reação, forma-se uma identidade.

A realidade de tal identidade existe dentro da ação. A energia da ação, o funcionamento da ação dentro e sobre si mesma, forma a identidade. Há outras causas aqui que consideraremos mais tarde. No entanto, embora a

identidade seja formada a partir da ação, ação e identidade não podem ser separadas. Lembrar-se-ão da nossa definição anterior de ação, pois isso tornará a discussão desta noite mais fácil de entender.

(Ver a sessão 137)

A identidade é, pois, o efeito da ação sobre si própria. Sem identidades, a ação não faria sentido, pois não haveria nada sobre o qual a ação pudesse agir. A ação deve, pois, pela sua própria natureza, por si só e pelo seu próprio funcionamento, criar identidades. Mais uma vez, a ação e a identidade não podem ser separadas. Isso aplica-se do mais simples ao mais complexo.

Mais uma vez, a ação não é uma força externa que atua sobre a matéria. A ação é, em vez disso, a vitalidade interior do universo interior. É o dilema entre o desejo e o ímpeto da vitalidade interior de se materializar completamente, e a incapacidade de o fazer por completo. Isso também foi discutido resumidamente em sessões que tratam da primeira aparição da matéria no campo físico.

(Ver a sessão 60, entre outras, junto com o material acima mencionado sobre gestalts psíquicas, etc. Ver igualmente a sessão a 137.)

DILEMAS EVIDENTES

A ação é, pois, parte de toda estrutura. Aqui mais uma vez surge um dilema evidente, um desequilíbrio primoroso cujo resultado é a consciência e a existência. Pois a consciência e a existência não existem por causa de equilíbrios delicados, tanto quanto são possibilitados pela falta de equilíbrios, tão ricamente criativos que não haveria realidade conforme se entende, se o equilíbrio fosse mantido.

Eu falei sobre este segundo dilema. O primeiro dilema é aquele que existe quando a vitalidade interior se esforça por se materializar por completo, embora não possa materializar-se por completo. As razões para a sua incapacidade de se materializar por completo foram apresentadas numa sessão anterior, mas eu vou discutir o assunto de novo em data posterior.

(Ver a sessão 133 entre outras.)

Esse primeiro dilema resulta em ação, e com base no próprio trabalho da ação sobre si própria vimos que a identidade foi formada, e que essas duas eram separáveis. Vamos discutir o segundo dilema após o vosso intervalo.

(A Jane mostrou-se bem dissociada. Ela disse que acredita que está mais "afastada" quando as sessões são muito lentas, como esta noite. As pausas podem durar por uma hora, pelo que lhe toca ou ela saiba.

(A Jane disse que alguns sentimentos subjetivos são difíceis de traduzir por palavras.

Enquanto falava sobre ação e identidade, ela teve uma perceção interna de todo um conceito, de algum tipo de senso visual interior de ação, sem ver nenhum objeto. Ela disse que esta descrição é tão direta quanto ela pode fazê-la. Enquanto experimentava tal coisa, disse a Jane, ela não tem consciência de estar separada da experiência. Em vez disso, ela parece fazer parte dela.

(Essa "apreciação" de conceitos é, de acordo com o Seth, o "uso" de alguns dos sentidos internos, e ele referiu isso muitas vezes. Ele chamou o quarto sentido interior, o sentido conceptual, e começou a desenvolver em torno dele há cerca de um ano atrás, a 23 de Março de 1964, na sessão 37.

(A Jane retomou o ditado da mesma maneira lenta e silenciosa.)

Em breve comentarei sobre a experiência interior da Jane que tu notaste, uma vez que está diretamente ligado ao material agora em discussão, e com efeito é um exemplo da matéria de que tenho falado.

Primeiro falaremos do nosso segundo dilema.

(A Jane aqui fez uma pausa prolongada.)

Ação, tendo por si mesma, e por causa da sua natureza, identidade formada, agora também pela sua natureza pareceria destruir a identidade, já que a ação deve envolver mudança. E qualquer mudança pareceria ameaçar a identidade.

No entanto, é uma noção equivocada a de que a identidade dependa da estabilidade. A identidade, por causa das suas características, buscará continuamente a estabilidade, enquanto a estabilidade é impossível. E este é o nosso segundo dilema.

É este dilema, precisamente entre as constantes tentativas da identidade por manter a estabilidade e o impulso inerente da ação para a mudança, que resulta no desequilíbrio, o primoroso subproduto criativo que é a consciência de si mesmo. Temos uma série de tensões criativas. A

identidade precisa buscar a estabilidade enquanto a ação precisa buscar a mudança, mas a identidade não poderia existir sem mudança, sem ação, pois é o resultado da ação, e não existe separada dela, mas faz parte dela.

As identidades nunca são constantes, tal como vocês próprios não são os mesmos consciente ou inconscientemente de um momento para o outro. Cada ação é um término, ou cancelamento, como discutimos anteriormente. E, no entanto, sem o término, a identidade deixaria de existir, pois a consciência sem ação deixaria de ser consciente.

A consciência, pois, não é uma coisa em si mesma. É uma dimensão da ação. É um estado praticamente milagroso, possibilitado pelo que opto por chamar de uma série de dilemas criativos.

Vou acrescentar uma palavra aqui, apenas para lhes recordar mais uma vez para lerem aquelas sessões sobre a vitalidade interior e o surgimento inicial da matéria física, porquanto essa discussão os ajudará com esta.

Devia agora ser bastante fácil entender como o segundo dilema evoluiu a partir do primeiro. Eu disse que o segundo dilema resultou, e resulta constantemente, na consciência do *eu*. Bem, a consciência do *eu* não é a mesma coisa que a consciência do ego. A consciência do *eu* ainda está consciência diretamente ligada à ação.

A consciência do ego é o resultado do nosso terceiro dilema.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 22h02. A Jane referiu estar tão bem dissociada como alguma vez esteve. Antigamente receava que, quando estivesse "muito fora", ficasse vazia, mas descobriu que o estado não é nada assim.

(Tateando as palavras, a Jane explicou que sente como se estivesse a "arrancar" material — sem implicar luta — ao Seth ou a outra fonte, com uma parte profunda da consciência dela, abaixo da consciência do ego. Sente que, muito recentemente, começou, de algum modo, a experienciar conceitos numa dimensão de consciência mais envolvida e diferente. É um estado de perceção que não tinha alcançado antes, talvez apenas desde a sessão passada e esta.

(Com efeito, disse a Jane, embora agora pense que já se apercebera deste "agarrar" de conceitos na última sessão, não o mencionou porque a consciência disso lhe foi muito fugaz. Mesmo agora, não consegue dizer durante quanto tempo, na própria sessão, fica envolvida desta maneira. É

uma experiência muito rica. A Jane acredita também que o quarto sossegado nas traseiras que agora usamos para as sessões é muito útil.

(Retomou no mesmo tom calmo e lento às 22h13.)

O ego é um estado resultante do terceiro dilema criativo, que ocorre quando a consciência do eu tenta separar-se da ação. Como isso é obviamente impossível, já que nenhuma consciência ou identidade pode existir sem ação, por serem inseparáveis, temos o nosso terceiro dilema.

Uma nota de explicação adicional aqui. A diferença entre a consciência do *eu* enquanto resultado do nosso segundo dilema e a consciência do ego enquanto resultado do nosso terceiro dilema deve ficar bem clara.

A consciência de si envolve uma consciência de si interior, em meio e como parte da ação. A consciência do ego, por outro lado, envolve um estado no qual a consciência do eu tenta divorciar-se da ação, uma tentativa por parte da consciência de perceber a ação como um objecto. Aqui vemos que a consciência do ego, nessa tentativa, se esforça por perceber a ação não apenas como separada, mas por a perceber de tal maneira que pareça ao ego que a ação não está apenas separada de si própria, ou seja, que é separada do ego, mas essa ação é iniciada pelo ego, e é um resultado e não uma causa da própria existência do ego.

Estes três dilemas representam três áreas da realidade em que a realidade interior, ou a vitalidade interior, pode experimentar a si mesma. E aqui temos igualmente a razão, ou uma das razões pelas quais, a vitalidade interior nunca pode atingir a materialização completa. A própria ação envolvida na tentativa da vitalidade de se materializar aumenta a dimensão interior da vitalidade interior.

Basicamente, a ação nunca se pode completar. A vitalidade interior, materializando-se sob qualquer forma, multiplica de imediato as possibilidades de materialização adicional. Ao mesmo tempo, como a vitalidade interior se gera a si própria, apenas uma fração diminuta de vitalidade interior é necessária para semear um universo inteiro.

A vitalidade interior tenta, pois, materializar-se completamente e, no entanto, por causa da sua própria natureza, a cada materialização ela aumenta, e torna a tentativa impossível. Este é o dilema básico, do qual brotam todos os tipos de realidade. Isso, é claro, leva-nos à necessidade de uma discussão mais aprofundada sobre a natureza da própria vitalidade interior.

Podes fazer uma pausa e eu continuarei assim como podes encerrar a sessão como preferires.

("Vamos fazer uma pausa então."

(A Jane mostrou-se dissociada. Ela acha que atingiu um conhecimento visceral de conceitos, o que significa que ela os sente por dentro. Também percebeu que tinha consciência do que ela ditara durante a sessão, embora não na ordem de palavra por palavra do material. Ela chamou isso de uma experiência psicológica. Ela obteve a informação de uma maneira e passou-ma de outra maneira.

(A Jane também percebeu agora que ela tinha sob seu comando todo o conteúdo da sessão 60, embora, mais uma vez, não na ordem palavra por palavra. Esta era a primeira vez que ela teve consciência dessa experiência. Ela não se sentiu cansada, nem verificou a hora.

(Ela retomou com a mesma voz calma, embora em um ritmo um pouco mais rápido.)

De acordo com a afirmação de que a ação necessariamente muda aquilo sobre o qual ela age (que é basicamente ela própria), segue-se que a ação envolvida nestas sessões altera a natureza das sessões.

Tenho falado muitas vezes da consciência igualmente como sendo meramente a direção do enfoque. A ação implica infinitas possibilidades de enfoque. A ação nunca acontece ao longo de uma linha reta, embora por vezes vocês possam percebê-la dessa maneira.

(O Seth ou a Jane ditou algum material sobre a consciência e a direção do enfoque na sessão 94, entre outras.)

A ação existe dentro da ação. Há dimensões de ação das quais surge toda a diversidade. Toda individualidade que parece ser varrida porque uma ação parece encerrar outra, tal individualidade é de facto o resultado das dimensões da ação.

Vou discutir isso mais detalhadamente. No entanto, atualmente a Jane está a experimentar muitas outras dimensões da ação. Ele está a experimentar gestalts de ação.

(A Jane agora fez outra pausa muito longa.)

Até certo ponto, ela torna-se ação. Como qualquer outra consciência, ele é sempre ação, mas esta noite experimentou até certo ponto a ação diretamente, sem a tentativa usual do *eu* de se separar da ação.

Mencionei na nossa última sessão que este material seria a base para muitas sessões futuras pelo que certamente não farei nenhuma tentativa de cobrir o material esta noite.

É verdade, pois, que outra dimensão foi adicionada às nossas sessões, e espero instruir a Jane nessa linha de perceção mais direta à medida que as nossas sessões prosseguirem. Eu disse-lhes que tais desenvolvimentos poderiam ser esperados. São desdobramentos naturais e tais desenvolvimentos ocorrerão de acordo com a sua própria natureza e no seu próprio tempo. Espero que este último possa envolver por si só um outro ainda.

Os meus mais calorosos cumprimentos a vocês os dois. A nossa próxima sessão continuará nesta linha. Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22h58. A Jane estava novamente bem dissociada.

(Ela sentiu que o Seth poderia ter continuado, mas não a pressionou. A Jane sente agora que estes desenvolvimentos recentes significam que deu algum tipo de consentimento para acompanhar as sessões a um estado de transe mais profundo — recuar mais em relação ao ego. Um passo de cada vez, com muita cautela.)

(A Jane pensa que, esta noite, o ego dela não experienciou nada — embora uma parte dela o tenha feito. Acha que o ego deu pelo menos um consentimento tácito. E, no entanto, o ego assimilou a experiência. Sente que a sessão desta noite foi boa por causa da experiência acumulada com as sessões anteriores. Por vezes sentiu-se leve durante a sessão. Por vezes não tinha consciência de estar no corpo; mas também não tinha consciência de estar noutro lugar.

(A Jane disse que ocorre entre nós uma interação que torna as sessões possíveis. Acontece dentro dela — é ela quem experiência —, mas eu também sou necessário. Tem uma sensação de ausência de esforço da parte dela e não sente medo algum.)

SESSÃO 139

A NATUREZA DA AÇÃO

10 de Março de 1965

(A sessão foi realizada na nossa sala dos fundos. A Jane ditou sentada e de olhos fechados, com uma voz baixa e clara e com algumas pausas. Ela não tinha ideia do material para a sessão antes de começar a falar.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Estou muito satisfeito com as nossas sessões ultimamente. Embora vocês dois votem muito tempo, energia, dedicação e esforço às nossas sessões, vocês receberão muito mais do que dão. Eu digo-lhes isso agora, mas vocês o apurarão sem que eu lhes diga, antes que muito do vosso tempo passe.

A ação em si não pode ser percebida diretamente. Não pode ser vista nem tocada. A sua natureza nunca pode ser examinada de um ponto de vista objetivo. O ponto de vista objetivo, na melhor das hipóteses, apontará pistas apenas indícios e sinais. A ação, para ser examinada dessa maneira, teria de ser interrompida. Vocês não podem adulterar a ação, não com a natureza básica da ação, porque tal manipulação faz com que ela mude.

Contudo, a ação pode ser experimentada diretamente, mas somente quando nenhum esforço é feito para a manipular. Deve-se mergulhar. Mais uma vez, a ação não é uma função da estrutura. A ação é inseparável da estrutura. Estrutura <u>é</u> ação. Identidades são ação, conforme expliquei. A ideia que têm da ação, tal como ocorre nos sonhos, aproxima-se mais da natureza real da ação do que a ideia que têm da força muscular. Porquanto nos sonhos o ego faz pouca tentativa por impedir a ação. Embora nos sonhos vocês vejam ou sintam o vosso braço a mover-se, as vossas pernas a correrem, ainda assim o braço e as pernas do corpo físico podem não se mover.

Vocês não podem tocar a ação. Tu não podes <u>tocar</u> a ação, aqui no caso, do teu próprio braço enquanto escreves. Tu vês os resultados da ação. Vocês podem sentir os efeitos da ação, mas não conseguem perceber diretamente a ação em si. Como a identidade depende da ação, então dever-se-ia ver que é impossível a uma identidade atingir a estabilidade, uma vez que a

estabilidade total a destruiria.

Chegamos aqui também a uma das outras causas do estado de sonho, além daquelas de que falamos no passado. A mente, por si só e separada do ego, ainda deve ser ação e, portanto, nunca pode mostrar-se estacionária. Como a ação de qualquer tipo, ao ser composta de vitalidade interior, deve buscar a materialização, os sonhos tornam-se as construções desse universo onírico de que, mais uma vez, falamos. Mas a ação nunca pode completar-se. O sonho, uma vez iniciado, continua, e o próprio universo dos sonhos forma novamente outras construções.

Eis aqui uma analogia. Imaginem pois a vitalidade interior como sendo alguma esfera cósmica, mas uma esfera detentora de mais dimensões do que vocês podem imaginar. O seu movimento poderia ser chamado de ação, mas isso é enganoso porque a ação é a natureza básica da própria esfera. A ação é sua composição. A ação é aquilo de que existe, portanto move-se, atua no sentido do exterior. Mas toda exteriorização se volta, em última análise, para dentro, e depois de novo para fora em todas as direções. E cada ação interior forma uma nova dimensão que deve, novamente, ser empurrada para fora em direção à utilização.

No entanto, cada impulso para fora volta-se novamente para dentro; e por si só, por causa da natureza da ação, constitui a criação de uma nova ação.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 21h28. A Jane estava bem dissociada. Disse que, em menor grau, voltou a estar consciente do conceito de "ação sem objeto", abordado em detalhe nas notas da última sessão.

(A Jane acrescentou agora que o conceito de ação a fez lembrar o "episódio da cadeira vermelha". Ver a 104.ª sessão, página 126. A Jane, como o Seth, estava a falar sobre a venda de uma obra sua — que ainda nem sequer ocorreu: "Uma mulher poderá ter algo a ver com uma venda, por influência. Um escritório com uma cadeira moderna de couro vermelho, uma sala pequena, a alguns andares de altura, nada elegante..." Esta sessão teve lugar a 4 de novembro de 1964. Após a sessão, a Jane foi capaz de dar uma descrição mais detalhada da cadeira de couro vermelho. Para isso, ver a página 126.

(Retomou no mesmo tom calmo e pausado às 21h36.)

Bem, prosseguindo com a nossa analogia, essa esfera cósmica que

imaginamos seria um modelo para toda a ação.

Por causa da sua própria natureza, precisa agir, mas nenhuma ação se pode completar. A esfera agiria de tantas maneiras quantas estivessem abertas a ela, e cada ação muda aquilo em que actua. Portanto, cada ação criaria uma nova realidade. Dessa forma são todos os campos activados.

Se vocês se lembrarem dos três dilemas criativos discutidos na nossa sessão anterior, verão que temos aqui a razão de nosso universo que se perpetua a si próprio, a razão do término dentro dele e a necessidade inerente de mudança. Se um pensamento fosse mantido para sempre, nenhum outro pensamento se seguiria, nenhuma ação se seguiria e nenhuma identidade. Na vossa própria experiência psicológica íntima, na experiência psicológica íntima de cada indivíduo da vossa raça, vocês encontrarão o reconhecimento da ideia.

O pensamento não pode ser visto nem tocado. Pensamento é ação. Um pensamento dentro do vosso campo precisa desvanecer-se, terminar, desaparecer, antes que possa ser substituído por outro. O pensamento idêntico não retornará. Um pensamento muito semelhante pode retornar, mas os dois pensamentos não serão idênticos, embora vocês possam percebê-los como idênticos. Isso é um erro de perceção.

Não existem duas ações idênticas. Devemos mencionar aqui também um pouco sobre as pulsações e a aparência ou semelhança de continuidade. Toda ação envolve uma pulsação; Lembrar-se-ão de que falamos da pulsação de átomos e moléculas.

(Para algum material sobre pulsação, ver as sessões 60 e 65, entre outras.)

Bem, acabei de lhes dizer que uma ideia precisa terminar antes que outra ideia possa surgir. Embora isso possa soar como se eu estivesse a falar em termos de continuidade, não estou. A ação da nossa esfera imaginária sobre e em si mesma é simultânea e (opera) em todas as direções. Todas as ações ocorrem basicamente dentro do vasto presente, mas em toda a ação não pode ser consciente de si mesma, exceto quando tenta ações adicionais, ou seja, materializações.

Enquanto assim materializada, a ação é consciente de si mesma de duas maneiras básicas; por meio da compreensão intrínseca que tem de si própria, e por meio de uma perceção secundária, mais limitada, porém mais focalizada, do eu pertencente a tais materializações. A compreensão intrínseca, é claro, envolve-nos com o eu interior. O eu secundário

pertencente à materialização proporciona-nos, dentro do vosso campo, o ego.

Ação não envolve tempo conforme vocês o concebem. A ação não envolve o espaço como vocês o concebem. A aparência de continuidade é apenas o resultado de uma escolha de certas ações de entre um número infinito de ações simultâneas.

(A Jane mostrou-se perfeitamente dissociada. Ela disse que não mais receia passar além do horário normal de intervalo, a cada meia hora, como ela fazia outrora, especialmente quando ela começou a ditar o material sentada.

(Ao falar esta noite, a Jane disse que ela sentiu interiormente um "sentimento" definido de pulsação"; podia ser comparado à perpétua abertura e fechamento de um punho, disse ela, com cada abertura e cada fechamento a criar uma nova realidade, e assim a mover-se eternamente.

Tenho várias coisas que quero dizer.

Primeiro, quero ter a certeza de que a ação é compreendida, na medida em que a discutimos. A ação é a vitalidade interior de toda a realidade. Ele procura utilizar-se de todas as maneiras possíveis. A sua ação, as tentativas que faz por se materializar externamente, no entanto, devem resultar na criação de uma nova vitalidade interior, porquanto esse é o material de que é composto. E essa nova vitalidade interior buscará então a materialização, e assim o ciclo nunca se completa.

A palavra materialização é usada porque é aplicável no vosso campo. No entanto, conforme vocês sabem, tais materializações dificilmente resultam na construção da matéria.

Uma palavra para ti, Joseph. Eu entendo sincera e compreensivamente os teus próprios problemas. As sessões e todo trabalho delas resultante nunca prejudicarão a tua pintura, embora por vezes possa parecer que sofras com o tempo dedicado. As sessões aumentaram muito a tua capacidade de usar as tuas visões e intuições internas e libertá-las para que possam ser direcionadas para os teus quadros.

(Isso, posso atestar, é certamente verdade.)

Uma nota agora sobre o pensamento, uma vez que é uma forma de ação com que todos os homens se acham familiarizados. Aqui podem ver que o

vosso ego aceita as ideias enquanto parte da sua identidade. As ações do pensamento são aceites pelo ego, mas o ego parece estar à parte delas; mas por causa da natureza do ego, teme mergulhar na ação de uma ideia. Pois ele, o ego, apenas recentemente se livrou da ação, e assim percebe a ação agora como se a ação fosse uma província do ego, e não ao contrário.

Mas a aparente independência do ego em relação à ação é basicamente desprovida de sentido, uma vez que o ego também é ação, e nunca pode ser diferente. Qualquer separação da ação de si própria apenas aumenta a totalidade da ação, na medida em que aumenta a capacidade da ação de se perceber a partir de tantos pontos de vista quantos possível. As perspetivas representam a ação da ação sobre si própria. Qualquer dimensão deve resultar numa outra dimensão, pois a ação dentro de qualquer dimensão nunca se pode completar, mas continuará.

(Agora, a Jane fez uma pausa muito longa.)

Não quero pressionar o Ruburt de forma alguma e, para evitar a possibilidade de ele tentar dar mais um passo agora, vou encerrar a nossa sessão. As minhas mais afetuosas saudações para ambos.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22h32. A Jane estava novamente bem dissociada. Disse que, no final da sessão, estava bastante consciente do afeto do Seth por nós os dois.

(A Jane disse que, no final da sessão, sentiu uma sensação nítida — embora não muito forte — de pulsação na cabeça. Era como se a cabeça se movesse fisicamente num pequeno "bicote", disse ela, mostrando-mo. Naturalmente, eu não observei tal movimento enquanto a via ditar.

(A Jane disse que então se apanhou a considerar simplesmente ficar sentada, quieta, na cadeira, depois de a pulsação se ter manifestado. Era como se a ideia "lhe viesse", em vez de algo que tivesse deliberadamente imaginado. Foi nesse ponto, acredita ela, que o Seth decidiu terminar a sessão.)

SESSÃO 140

15 de Março de 1965

(A 4 de Novembro de 1964, a Jane involuntariamente alcançou um estado de transe, durante uma experiência de tempo psicológico que durou várias horas. Ver a sessão 103. A 8 de Fevereiro de 1965, através de uma combinação de leitura de determinado material e outra experiência, ela novamente se colocou num estado dissociado. O Seth chamou esse estado de "semi-transe." Ver a sessão 130.

(Hoje a Jane voltou a alcançar um estado prolongado que começou durante uma experiência de tempo psicológico. Ela normalmente tenta essas experiências das 11h30 às 12h da tarde; hoje quando cheguei a casa às 12h15, ela mencionou que sentia luz nas mãos. Este é um sinal para que o Seth nos chamou a atenção para ficarmos alerta, na sessão 130. Ao almoço, a Jane finalmente admitiu que, de alguma forma, ela não conseguira sair do estado desejado no final normal do seu período de tempo psicológico.

(O estado parecia estar a progredir lentamente, como nas duas instâncias referidas. A Jane teve a tendência de permanecer quieta, conforme ela descreveu; isto é, se ela estivesse sentada, ela não tinha vontade de se mover, etc. Ela tentou trabalhar. Embora conseguisse dactilografar, ela viu-se a cometer erros. Eu então sugeri que fôssemos às compras e realizar as nossas outras tarefas mais cedo do que o normal, pensando que o aspeto físico da atividade ajudasse.

(Enquanto estávamos fora, o estado atingiu o seu pico, por assim dizer. A Jane mostrou-se perfeitamente funcional, mas senti como se ela fosse capaz de "voar," como se ela não pudesse voltar à terra de novo. Ela precisou concentra-se em cada tarefa para a poder completar, sequer se tratasse de fazer compras, caminhar, etc. Ela não teve problemas em falar e quando encontramos uma amiga ela conversou muito animada.

(O estado tinha melhorado depois do jantar. Nós queríamos manter a sessão para apurarmos o que tinha acontecido. A Jane sentiu que involuntariamente estava a dar a ela própria sugestões impróprias durante o experimento. Ela também alcançou um bom estado ontem, Domingo; na verdade, esse fora o primeiro fim de semana em que ela tentou o tempo psicológico, e ela especulou que havia exagerado ao experimentar durante dez dias seguidos. Eu achei que ela havia alertado o ego de alguma forma, e que ele estava recusar passar pela rotina habitual do tempo psicológico.

Essa experiência, a disse Jane, não foi muito divertida, enquanto aquela de 8 de Fevereiro foi muito divertida. Hoje ela sentia-se "meio dissolvida."

(A Jane não se sentiu excessivamente cansada à medida que o horário da sessão se aproximava. Ela não tinha ideia do material de antemão. Mais uma vez realizamos a sessão na nossa pequena sala dos fundos, e a Jane falou sentada e com os olhos fechados. Estava um pouco mais animada do que tem estado ultimamente e a voz mostrou-se mais profunda. Ela falou num ritmo normal.)

Boa noite.

("Boa noite. Seth.")

Não há necessidade real de se preocupar ou se preocuparem com as experiências da Jane hoje. No entanto, receio que devamos cortar-lhe temporariamente as asas, pois de facto ela andaria muito rápido, cedo demais. Estas coisas variam com a personalidade; com a Jane, conquanto o ego não possa participar direta ou imediatamente em tais, digamos assim, excursões, no entanto, precisa ser mantida atualizada e dar consentimento. A concentração da energia da Jane está a aumentar. A capacidade que tem para tal enfoque está a aumentar.

(Isso faz-me recordar que a Jane comentou recentemente que quando ela tenta o tempo psicológico agora, é coisa usual ela alcançar o que ela chama de estado "excelente.")

Quando tal enfoque de energia se acelera, muitas vezes ele se impulsiona em diante, tendo "acumulado" impulso. Isso foi o que aconteceu hoje. O ego, em raiva, não permitiria que as sugestões feitas fossem executadas. A energia que teria sido usada no que vocês podem chamar, por enquanto, de projeção astral, foi represada. A dificuldade não reside necessariamente nas sugestões específicas feitas. O problema estava em que a energia que teria sido usada para realizar as sugestões foram represadas pelo ego.

O ego simplesmente temia o aumento repentino de energia concentrada e lutou com base em princípios gerais. Durante uma semana a Jane não deveria tentar experimentos externos de qualquer tipo. Depois deste período veremos. Mas não haverá retorno à sua rotina passada durante um bom bocado.

Outros “substitutos” podem mostrar-se “adequados” e “eficazes,” ao mesmo tempo que oferecem “mais oportunidade para pesos e contrapesos. A experiência foi exaustiva para ela, e tais experiências precisam ser evitadas.

Experimentos psicológicos no seu todo apresentam-lhe meios excelentes de usar as energias dela. No entanto, por vezes, devemos, como agora, cortar-lhe as asas. Há uma possibilidade de ela se sentir cansada amanhã, embora eu espere que não. Tal consecução de uma parte contra a outra é psiquicamente fatigante.

Eu realmente pensei em adiar a nossa sessão por esse motivo. Sugiro agora que vocês façam a vossa primeira pausa, pois nós vamos fazer as coisas com calma esta noite.

(A Jane não estava tão dissociada como de costume, disse ela; água corrente em algum lugar da casa incomodou-a enquanto ela falava. Disse que não se sentia cansada e que não queria uma sessão curta. Retomou num ritmo mais rápido.)

A sessão desta noite será de facto breve.

A precaução é sempre uma ação inteligente em tais assuntos. A Jane tem estado em transe suficientemente como está. No entanto, mesmo a ação de falar por mim esta sessão é benéfica, no que diz respeito a ela. É por isso que realizei a sessão desde logo.

Eu realmente tentei dizer-lhe para ter cautela, imediatamente após o último experimento de tempo psicológico que fez. É, claro está, necessário que vocês aprendam através da experiência direta; e o aviso que faço contra vários efeitos desconfortáveis não significaria praticamente tanto se não tivesses, Jane, experimentado alguns deles.

Se não fosse pela minha supervisão, poderia facilmente ter experimentado mais deles. A nossa próxima sessão cobrirá muito material e presumo que a Jane vai estar em condições muito melhores para a fazer.

(A Jane agora sorria. O seu ditado foi bastante rápido e animado ao longo de toda a sessão, dando a impressão de que Seth estava mais do que um pouco divertido com os acontecimentos do dia.)

Talvez possamos prolongá-la. No entanto, não sinto que a Jane deva permanecer em estado de transe hoje, por mais tempo do que já o fez. Se a

nossa cautela retardar o material, não há necessidade de se preocuparem com o tempo de duração.

Paciência, meus pombos. E se a Jane continuar a alimentar os seus pombos como ela faz, então eles serão todos tão grandes quanto celeiros. Os meus mais sinceros desejos a vocês os dois. Eu também sinto as vossas emoções por vezes. O carinho que sinto por vocês os dois aumenta. Lembrem-se igualmente de que as capacidades da Jane são extremamente promissoras, e é por isso que devemos ter cuidado quando e como ela as usa.

Quanto a ti, Joseph, foste extremamente útil a ela, por causa da tua presença e da tua compreensão. Vou encerrar a nossa curta sessão.

("Boa noite, Seth.")

(A Jane não estava tão bem dissociada quanto esteve nos últimos sessões. Perto do final da sessão, ela teve uma sensação, um conceito, da parte do Seth para ela não se sentir mal por causa da sessão curta. O Seth, disse ela, achou "giro" e uma "tolice," que devêssemos estar tão preocupados quando temos todo o tempo de que precisamos para obter todas as informações que desejamos.)

SESSÃO 141

A AÇÃO, A IDENTIDADE, A CONSCIÊNCIA, O SELF (EU) E O EGO

(COMO SOMOS PARTE UNS DOS OUTROS, E, PARADOXICAMENTE, DE UMA REALIDADE MAIOR, EM SIMULTÂNEO.)

17 DE MARÇO DE 1965

(Ontem, terça-feira, a Jane não sofreu fadiga psíquica aparente decorrente do estado de transe prolongado da última segunda-feira. Ver a última sessão. É claro que ela não tentou experimentos de tempo psicológico desde então.

(A Jane e eu tivemos uma pequena aventura interessante esta noite. A Jane caminhou até a loja da nossa vizinhança enquanto eu começava a datilografar. Como ela não voltou tão cedo quanto o habitual, fiquei um

pouco preocupado. Quanto mais o tempo passava mais a minha preocupação aumentava. Continuei a dactilografar. Então, dei por mim a pegar na minha caneta. Em um pedaço de papel, escrevi: "A Jane está nos Piper - 6:45 da tarde." A ideia tinha-me acorrido com toda a clareza.

(A Jane voltou às 7h05 e confirmou a minha ideia. Ela realmente fizera uma visita por impulso ao Bob e à Mary Piper, amigos nossos que não víamos há muitos meses. Ela não estava a pensar conscientemente em visitá-los quando me deixou. Ela lembrava-se de mencionar o meu nome muitas vezes em conversa com a Mary Piper, particularmente no sentido de que eu poderia estar preocupado por ela, Jane, não retornar prontamente. Recorde-se que os Piper testemunharam a sessão 73 [Ver Volume 2].

(Mais uma vez a sessão foi realizada na nossa sala dos fundos, e a Jane ditou sentada e de olhos fechados. Ela não usa óculos durante as sessões agora. Falou com voz bastante baixa, uma fala com pausas, como de costume.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

A experiência desta noite dizia respeito à comunicação telepática tida entre vocês os dois.

Continuaremos a nossa discussão sobre ação e identidades. Eu disse que a identidade é uma parte da ação e é basicamente inseparável da ação. A identidade tenta formar padrões e relacionamentos significativos a partir da ação. A consciência é a ação que percebe a si mesma. O ego é a tentativa da ação de se distanciar de si mesma.

A ação pode se mostrar como movimento, mas é muito mais do que movimento nos termos que vocês costumam usar, e movimento é apenas uma pequena dimensão dentro do reino da ação. Todos os tipos de consciência representam um foco diferente de perceção da energia dentro de si. Não há passado nem futuro para a ação. Toda ação é simultânea. Identidades, algumas identidades e algumas formas de consciência, particularmente o ego, percebem um passado ou um presente, mas isso é apenas o resultado da maneira como tais identidades e consciências vêem a informação disponível.

Uma consciência é caracterizada pelas maneiras particulares pelas quais ela

vê ou percebe a ação disponível. Caracteriza-se pelo tipo de ação que é mais provável de perceber. Caracteriza-se pelo próprio padrão de perceção.

Como a ação não está separada da estrutura, mas é de facto quem elabora a estrutura, então é óbvio que geralmente o tipo, a natureza, a extensão e o escopo dos padrões de perceção característicos de uma consciência determinarão a sua estrutura física, e não o contrário.

Não há um padrão particular que seja seguido pela consciência na perceção que tem de si mesma enquanto ação. A humanidade está mais familiarizada com certos padrões e relativamente pouco familiarizada com outros. Qualquer ação muda a si própria. Nada é constante. Esta regra não é imposta à ação por nenhuma agência externa, mas é simplesmente uma parte da sua própria natureza.

A ação, você pode dizer, é levada por si própria. As possibilidades de realidade são infinitas. Vocês estão familiarizados com porções muito diminutas da realidade. As características da vossa perceção neste momento ditam e limitam os aspetos da ação que vocês podem perceber. Vocês podem, contudo, focar-se com toda a clareza em outros aspetos. E tipos particulares de consciências e identidades são meramente o resultado da formação da ação em padrões de perceção com que ela pode focar-se em certos aspetos de si própria.

Pode-se pensar que tais padrões de perceção ou identidades possam ser limitados, mas esse dificilmente é o caso. Pois sem eles, porções inteiras da realidade nunca seriam percebidas. Há muito aqui que nos vai levar muito tempo a explicar, pois a linha pode teoricamente ser traçada em qualquer lugar na formação de identidades e consciência. E nisso reside a vossa liberdade.

(A Jane mostrava-se bem dissociada, como sempre. Ela não se lembrava do conteúdo do material.

(Ela tinha consciência, disse ela, de uma pulsação interna enquanto ditava. Era definido, mas não muito intensa. A Jane comparou-a à vibração que alguém pode sentir através do chão de uma casa, digamos, do trânsito que passa perto. No intervalo, ela verificou a ver se esse era o efeito que ela sentira, mas não parecia ser, embora o tráfego passe pela nossa casa com bastante intensidade por vezes.

(A Jane também comparou essa sensação, que ela descreveu como sentir-se de "determinada maneira," à não muito cansativa abertura e

fecho rítmicos e de uma mão. De observar igualmente que ela usou esta analogia da mão para descrever uma pulsação na sessão 139.)

As dimensões da consciência não são arbitrárias. Elas não têm contornos claramente definidos mas abertas; são ação.

Elas são uma dimensão conforme mencionei. A consciência não é uma coisa, pelo que a consciência não é por si só limitadora. Os limites podem ser estabelecidos em termos de um *eu*. Um *eu* é uma gestalt de padrões de perceção de ação, que são formados juntos através da atração.

Isso, quando ocorre, e essa formação particular em um *eu* tanto pode como não ocorrer, mas quando ocorre, é resultado do nosso segundo dilema mencionado anteriormente. O *eu* como vocês o conhecem é na verdade um *eu* mais um ego.

(Para material sobre os três dilemas criativos da realidade interior, ver a sessão 138.)

O ego, se bem te recordas, é a tentativa do *eu* de se separar da ação e de ver ou perceber a ação como um objeto. O ego tenta alcançar estabilidade e domínio, e ressente-se da mudança. Ele procura limitar certas perceções, bloquear muitas perceções nas quais o *Eu* é experiente. Desta forma, as limitações tornam-se bastante rígidas.

Um ego pode ser comparado a uma pequena represa a esse respeito. No entanto, a ação forma constantemente padrões percetivos em que ele se pode ver. Mais uma vez, esses padrões são formados um dentro do outro, e pode-se dizer que formam essa estrutura imaginária, que chamamos de quinta dimensão, há tantas sessões atrás.

(Ver a sessão 12, de 2 de Janeiro de 1964 [Volume 1].)

Uma consciência particular é uma gestalt de padrões conceptuais desses; mas não há nada que impeça uma consciência de sofrer um incremento por experimentar outros padrões conceptuais ou padrões de perceção. Essa assimilação haveria de incrementar, e não diminuir, qualquer consciência. Usamos, ou vocês usam, palavras apenas por conveniência. Dizemos, pois, que uma consciência é uma gestalt de padrões de perceção, pelos quais a ação se conhece a si própria. Mas os padrões das perceções podem crescer, e a consciência estender-se. A consciência mudou. Já não é a mesma consciência, porquanto se estendeu. Contudo, por outro lado é a mesma consciência, por ser aquilo que se estendeu a si próprio. Assim, as palavras

podem confundir-nos.

Portanto, pode-se dizer que uma consciência é uma gestalt de padrões de perceção; e conquanto a definição seja válida, ela só pode aplicar-se a uma dada consciência por um instante, uma vez que os padrões de perceção, sendo ação, já mudaram; e a consciência particular da qual falamos, e que tentamos limitar e definir, se desvaneceu.

No entanto, como poderás ver, o que era quando falamos disso ainda está presente no que agora se virá a tornar. O ego, pela sua própria natureza e características, tenta limitar tal mudança, mas só consegue ter êxito em limitar-se limitando as suas perceções. Ainda precisa mudar, como é óbvio. Mas ele muda ao longo de determinadas linhas, ao se mover dentro de certos padrões de perceção que são uma característica dele. Ele não pode manter a estabilidade, apesar de todos os seus esforços, e não pode de forma nenhuma limitar o *eu*. Ele, o ego, simplesmente não percebe por não perceber esses outros padrões de perceção, e aquele escopo mais amplo em que todo o *eu* está constantemente envolvido.

(A Jane disse que ela estava ainda mais dissociada do que durante a primeira entrega. Seth, disse ela, sentia-se muito satisfeito consigo próprio quando se referiu ao material da quinta dimensão; como se quisesse dizer: "Veja, este material é o motivo pelo qual não consegui explicar-lhes mais sobre a quinta dimensão, lá atrás, na sessão nº 12.)

Este material subordinado à ação, às identidades e à consciência contribuirá muito para a vossa compreensão dos sonhos, do Eu integral e de outras facetas da realidade dade que falarei em breve. O *eu* não é, pois, estático de forma nenhuma. Não tem limites arbitrários. O termo em si é usado apenas por uma questão de conveniência; e, de facto, o conceito do *eu* é um conceito do ego, que considera ser o eu.

O *eu*, pois, sendo ação que se formou em gestalts de perceções padrão, pelas quais ele se conhece, esse *eu* muda constantemente. E dentro do alcance da perceção efetiva, existem padrões dentro de padrões que têm começo em qualquer ponto específico. Por uma questão de conveniência, teremos que limitar a nossa discussão até certo ponto, e encarar o *eu* como uma gestalt particular interior, ou composta de uma gama particular de padrões de perceção; embora, na realidade, o alcance possa ser menor ou maior a um dado momento.

O *eu*, desconhecido do ego, percebe-se pois, numa vasta variedade de experiências e, de facto, num grande número de realidades. Cada uma

dessas chamadas realidades, pois uma mistura-se com a outra, pode ser denominada, ou vista como um campo separado. Cada uma é, pois, composta dos padrões de perceção característicos que têm lugar dentro dela, e esses chamados campos menores poderiam então ser denominados outros eus, ou eus menores, do ponto de vista do eu que temos em consideração.

Do ponto de vista desses *eus* aparentemente menores, no entanto, o ponto de vista seria inteiramente diferente. Se tomarmos, por exemplo, uma gama particular de diversos padrões de perceção, por conveniência, e os rotularmos como um *eu*, então os vários padrões internos pareceriam ser *eus* menores que formam o todo.

Se, no entanto, mudássemos os nossos pontos de demarcação arbitrários, aí os *eus* menores em cada extremidade agora pareceriam ser parte de outros *eus*. Para fins práticos, pode-se dizer que um *eu* é composto de uma gestalt de padrões de perceção, dentro dos quais uma eficiência razoavelmente constante é mantida. Esta é a melhor definição que lhes posso dar de momento.

À medida que esse campo efetivo de padrões de perceção muda, também os limites aparentes do eu prático mudam. É imperativo que nos afastemos do conceito de um *eu* como uma realidade indivisível, rígida e limitada. Na verdade, quase hesito em continuar, pois não quero confundir-te.

O facto é que *eu* específico desses, conforme descrevemos o *eu*, pode ter mais de um ego, embora esses egos não tenham consciência uns dos outros, mesmo enquanto operam em simultâneo. Vocês têm informações sobre o ego interior. Há também um ego dos sonhos, por haver nesse campo de realidade uma parte diretiva do *eu* que diz respeito à construção de propósito e significado.

Podem fazer uma pausa agora e, se preferirem, continuarei depois resumidamente.

("Está bem.")

(Pausa às 22h25. A Jane estava novamente bem dissociada. Para material sobre o ego interior — o eu consciente de si por detrás do eu consciente de si — ver a 28.ª sessão.)
(A Jane retomou no mesmo tom e ritmo às 22h29.)

Já podes ver aqui de facto para onde te estou a levar. Usei a título de

analogia para uma ação a esfera profunda e fortemente dimensionada, se bem te lembras, para qualquer parte da ação; agora podes com efeito imaginar uma entidade composta de tal ação, com egos como muitas faces voltadas para fora em todas as direções, cada qual a perceber campos de realidade muito diferentes; a olhar para dentro e para fora, para trás e para a frente, por assim dizer, do princípio ao fim e além. E, no entanto, cada ação, ou entidade, é parte de outra, e acha-se dentro e fora de outra. E nada disso é sem sentido e, no entanto, de uma maneira básica, tudo isso tem o significado que vocês lhe dão.

E o significado que vocês lhe dão resume-se a isso, e faz parte disso, já que vocês que projetam o significado são vós próprios parte dele. O *eu* interior é, pois, aquela porção interior de ação que forma os egos, e os *eus*, através dos dilemas que referi.

Parte do eu sabe, e sabe que sabe. Outra parte do eu sabe, mas não sabe que sabe. Os dilemas criativos de que falei são a base de todas as realidades e o âmago de todo significado. Encerro aqui uma excelente sessão.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22h37. A Jane estava, como de costume, bem dissociada.

(Referiu que, no final da sessão, recebeu do Seth uma forte sensação emocional. Foi dirigida a nós e tinha este teor: "Através da ação, vê como agora faço parte de vós os dois, e quão tolo é preocupardes-vos com identidades, quando todas as identidades estão tão interligadas."

(A Jane citou-me isto imediatamente após o fim da sessão, e incluo-o aqui sem alteração. O meu objetivo é mostrar que ela não teve tempo de mexer conscientemente no pensamento, recompô-lo literariamente, etc.)

SESSÃO 142

O EU

22 de Março de 1965

(Nem a Jane nem eu nos sentíamos bem, mas também não queríamos prescindir da sessão a não ser que fosse necessário — ou que o Seth decidisse isso.

(A Jane começou às 21h02. Falou sentada e de olhos fechados, como de costume, e em voz baixa. A exposição foi entrecortada por pausas, também como é habitual.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Se me permitem, não vos vejo com grande disposição para muita ação esta noite.

Há alguns pontos que precisam ser mencionados com relação à definição do *eu*, ou um *eu*, conforme a apresentei a vocês durante a nossa última sessão.

A definição, claro, prevalece. Eu apenas gostaria de ter a certeza de que a interpretação correta é dada à definição. O *eu*, ou um *eu*, não é uma coisa particular, como eu lhes disse. É verdade que não há limites que o confinem dentro de limites seguros, onde se possa dizer: " Aqui está o *eu*."

Também é verdade, porém, que essa falta de delimitações permite possibilidades de desenvolvimento e expansão que seriam impossíveis com um *eu* limitado. O *eu* não é nebuloso. A ação muda a si própria, conforme descrevemos. O *eu*, qualquer *eu*, nunca é, pois o mesmo *eu*, mas a ação contém em si a sua própria compreensão.

Por não existir tempo, conforme vocês o concebem, não diremos que a ação retém uma memória de todas as suas ações ou *eus* anteriores, porquanto isso seria falacioso. A ação é consciente de si mesma em todos os seus trabalhos espontâneos e simultâneos. O *eu* que vocês são, num sentido básico, é o *eu* que vocês foram em instâncias passadas nesta existência, o *eu* ou a série de *eus* que vocês foram em existências anteriores no plano físico, assim como a miríade de *eus* que vocês são agora, nas

diversas experiências de perceção desconhecidas do ego.

O vosso *eu* é tudo isso, assim como os *eus* que vocês chamariam de *eus* futuros. Eu queria deixar claro que o *eu* em qualquer momento, embora não seja uma coisa, mas com efeito uma série de acontecimentos simultâneos, por assim dizer, está longe de ser desprovido de sentido, e contém em si a compreensão interior completa das suas diversas porções.

Uma vez mais enfatizo, um aparente paradoxo: O *eu* muda constantemente. O *eu* num dado momento não é o *eu* que foi, contudo é aquele que foi, uma vez que é aquilo que alterou.

Ao ser ação, ele age sobre si próprio. O eu interior também muda, mas é igualmente aquilo que muda a si mesmo. Chegamos agora perto de uma definição final para a entidade, que não pode realmente ser definida, por nos vossos termos ela escapar à definição. No entanto, a entidade pode ser parcialmente definida como a soma de todos os *eus* dentro de um determinado campo de ação, a totalidade simultânea que por um lado ainda não pode existir, uma vez que a ação nunca se pode completar a si própria, mas representa aquele ímpeto para sempre frustrado da parte da ação para a completa materialização.

O modelo é a intenção da ação. Os *eus* são ação em progresso em direção a esse modelo.

Sugiro uma pausa.

(A Jane mostrou-se bastante dissociada. Ela disse que começou a "sentir coisas" de novo, no final, quando o Seth começou a falar sobre a entidade. Era algo sobre o que era ser uma entidade, só que tão vago que realmente não poderia ser traduzido por palavras.

(A Jane recomeçou com uma voz um pouco mais forte, e num ritmo mais acelerado.)

Há *eus* dentro de *eus*. Cada *eu* está entrelaçado em todos os outros e, no entanto, cada *eu*, sendo composto de ação, tem no seu âmago os poderes de ação destinados à mudança, ao desenvolvimento, à expansão e ao impulso para a realização.

Nisso também reside a liberdade de todo *eu*: no facto de não ser restrito. Já falamos no passado da 'Compreensão Concisa ou Encapsulada' *(Capsule comprehension. Ver sessão 86).* É, de facto, uma característica da ação,

indivisível da ação, igualmente entrelaçada nela.

Portanto, cada porção de ação tem consciência da sua experiência simultânea em todos os níveis. Mais uma vez, a ação prossegue por si só. Cada *eu* tem, pois, consciência das suas afiliações Gestálticas anteriores. Agora, as identidades podem ou não ter egos. Um átomo é uma identidade.

(A Jane ditou este último parágrafo com muitas pausas. Então comecei a espirrar, sem aviso prévio. A Jane ficou quieta, à espera que eu parasse, de olhos fechados e a balançar suavemente para a frente e para trás. O meu espirro certamente constituiu um tipo de interrupção, porém a reação que a Jane mostrou foi plácida, e o estado de transe não foi afetado. Se alguém tivesse batido na porta abruptamente e interrompido o estado em que a Jane se encontrava, ela teria tido consciência dolorosa disso.

(Muitas sessões trataram da 'Compreensão Encapsulada', algumas das quais, as sessões 24, 27, 62-64; a 87 e a 131 em particular, bem como as posteriores.)

É um self ou *eu* materializado na forma física. É consciente de si mesmo como pertencente à ação. O facto de poder fazer parte de um *eu* gestalt mais vasto de forma alguma lhe diminui a própria identidade. Tem consciência das Gestalts de que faz parte.

É ação materializada, um *eu*, parte de outros eus, assim como vocês são parte de outros *eus*. A intensidade aqui é diferente. Tu, qualquer ser humano, representa uma aptidão, uma atração, um campo elétrico de enorme intensidade que é capaz de atuar de modo eficiente como uma unidade dentro do âmbito físico.

"Também podes fazer parte de um *eu* que opera em outros campos, e que opera igualmente dentro de outro sistema de unidades. O *eu* interior funciona como uma estação de retransmissão, como um ponto de referência para os diversos *eus* aparentemente não associados. É somente através do contato com o *eu* interior que o conhecimento do *eu* todo pode ser visto.

O *eu* interior poderia ser chamado, pois, de núcleo, o ponto original de ação a partir do qual todas as outras emanações que formam o *eu* total tiveram início. Não há aqui nenhuma limitação sobre a direção em que a ação se pode mover, nem qualquer limite para as dimensões que a ação possa criar.

O eu interior seria, pois, qualquer impulso da ação original para fora, conforme explicado anteriormente. Devido à sua natureza, esse impulso

para fora lançaria instantaneamente impulsos adicionais em todas as direções possíveis a ele. Contudo, por ser ação, e devido a que nenhuma ação possa completar-se a si própria, e nenhuma ação se possa materializar por completo, então cada impulso ou materialização resultaria num impulso para dentro; não para a ação original de onde procedeu, mas para si mesma.

Isso faculta-nos dá a criação de novos *eus* internos, e tudo isso é de composição elétrica, e vocês precisam lembrar-se da informação que lhes foi dada sobre a maneira pela qual os campos elétricos são formados.

(Ver as sessões 122-127.)

Uma vez mais, isso não é motivo para que achem que o indivíduo não seja nada, simplesmente porque ele ser um entre tantos. A ação desenvolve-se de acordo com o cumprimento de sentido de valor, e o cumprimento do sentido de valor tem pouco que ver com o tamanho ou os números; a ação transforma-se em consciência. Ao trabalhando sobre si própria a ação torna-se consciência, e ao falar de consciência não quero dizer necessariamente o mesmo que vocês querem dizer com o termo.

O conceito que têm de consciência é receoso e delimitador, e depende, na sua existência, da ignorância e de barreiras, barreiras que dividem partes do *eu* das demais, de outras partes do *eu*, dos outros *eus* e das experiências dos *eus*.

A realização de sentido de valor abre os múltiplos olhos do *eu* para as suas diversas porções. Permite que o *eu* se expanda, se junte numa gestalt com outros *eus*. Apenas o vosso ego os leva a acreditar que tal expansão pudesse resultar numa diminuição da consciência, por um lado, ou numa invasão de outros *eus*, por outro.

Meus queridos amigos, há muito a ser dito aqui. Existem liberdades disponíveis que a humanidade nunca usa, ou muito raramente usa. Sugiro um intervalo.

(A Jane mostrou-se dissociada como de costume. Ela não se lembrava do material que ditara, e ditou-o com muitas pausas à mistura, algumas delas bem longas. Ambos sentimo-nos muito melhor do que quando a sessão começara.

(Eu poderia acrescentar aqui que a designação arbitrária que faço da 'média' das pausas 'que a Jane estabelece pode durar talvez dez segundos. Uma pausa longa ou muito prolongada, haveria de durar vinte ou trinta

segundos. Essas não são raras. Mas a Jane não tem consciência das pausas; no que lhe diz respeito, elas podem muito bem nem existir; assim como, ao contrário, podem durar uma hora.

(Jane recomeçou num ritmo mais acelerado e numa voz mais alta.)

E, no entanto, num outro sentido, todos os *eus* são um *eu*, na medida em que todos os *eus* são ação. Só que a ação precisa tentar se materializar-se e realizar-se por completo. Não pode fazê-lo, e o resultado é a formação de muitos *eus*, que são parte da ação e são formados pela ação; e, portanto, cada *eu* precisa continuar na criação de outros *eus*.

Os *eus* não são destruídos. Eles transformam-se em outros eus e, no entanto, ainda são eles próprios, pois cada novo *eu* é igualmente o *eu* anterior que mudou ao agir sobre si próprio. Não haverá nenhuma contração significativa da ação de volta a si mesma, nesses termos. Pode muito bem dar-se uma perceção consciente de cada *eu*, que é uma parte do *eu-ação* original.

Para que não esqueçamos, 'ação' é um outro termo para a vitalidade interior. Os *eus* são formados também por gamas efetivas de compreensão, que podem ser expandidas. Eles não podem ser contraídos, por a ação não poder eliminar a compreensão de si mesma. Os dados eletricamente codificados de que falamos não podem ser removidos, porquanto uma ação não pode anular uma ação anterior.

Entendam que quando eu falo não estou a dizer que a continuidade, em termos de passado e presente, exista. Estou a usar estes termos apenas para vossa conveniência. Uma ação nunca pode negar a si própria. Pode existir ação contrária, mas nenhuma ação pode ser eliminada. O ego é de facto uma necessidade dentro do campo físico neste ponto do desenvolvimento do homem. Entretanto, o ego encontra-se num estado de vir a ser. O ego não é o que era há séculos atrás, nem será o mesmo daqui a alguns séculos. Ele, o ego, não admitirá a mudança, mas a recusa em admitir a mudança de modo algum impede a mudança.

A manipulação eficiente dentro do campo físico logo exigirá que outras partes do *eu* sejam utilizadas e reconhecidas. De certa forma, o ego pode ser comparado ao estado nacionalista das nações, necessário de facto ao desenvolvimento do homem, mas já a ficar ultrapassado, e talvez até atenuado em face da sobrevivência da espécie, onde outrora contribuiu para essa sobrevivência.

A visão do mundo do homem enquanto espécie, da fraternidade mundial, de modo algum atrapalha ou põe em perigo o homem individual, e de modo algum põe em perigo as nações, mas representará uma das principais esperanças da humanidade, sem a qual nenhuma nação perdurará. Da mesma forma, quando o conceito de ego é descartado enquanto conceito, como o conceito de nacionalismo será descartado, também o *eu* individual não perderá mas ganhará, ao invés. O *eu* individual expandir-se-á, assim como o homem individual será capaz de se expandir quando a velha ideia de nacionalismo for finalmente derrubada, e poderá ser beneficiado através do aprendizado e cooperação com outros homens irmãos no vosso planeta.

Mas como não é sensato dispensar a ideia de nacionalismo sem um crescimento gradual da compreensão e preparo, e a ideia de nacionalismo não poder ser dispensada de repente, também o ego não pode ser, nem será, derrubado da noite para o dia; e mesmo quando finalmente for deixado para trás, ainda será usado como um ponto de referência útil. Mas com tudo isso o *eu* não perderá, mas ganhará, pois toda expansão para fora, e expansão <u>para dentro</u> é ganho, e todos os limites (e fronteiras) sejam internos ou externos, são empecilhos e limitantes. Basicamente, o *eu* não é restritivos. O *eu* não precisa de cercas imaginárias para proteger a sua privacidade, a sua segurança nem a sua solidão. Só que o ego tem medo do desafio e, portanto, fala dessa segurança restritiva.

Se o *eu* fosse o ego, então, de facto, tais preceitos seriam necessários, mas o ego é uma pequena parte do *eu*. Ainda necessário de facto, mas menos necessário do que já foi.

Sugiro a vossa pausa. Ou se preferirem encerramos a nossa sessão.

("Tudo bem então, vamos encerrar a sessão."

(A Jane mostrou-se bastante dissociada. Este último ditado foi muito mais rápido. A Jane disse que se sentia empolgada, como no episódio do Padre Trainor. Ver as páginas 261-63. Ocorreu a 11 de Fevereiro de 1965. Durante esse experimento, enquanto lia em voz alta algumas poesias que o agora falecido padre Trainor costumava ler para ela quando ela estava no ensino médio, a voz da Jane assumiu um enorme volume e força masculina. A meu ver, soou estranho. A Jane disse que era a voz do padre Trainor, por vezes, ou uma aproximação, só posso dizer que não era a voz do Seth. Eu jamais conheci o padre Trainor.

(A Jane disse que esta noite a voz dela parecia que estava a ser projetada para fora dela enquanto ela ditava, e que ela se sentiu arrastada por uma energia diferente da sua, "como uma vela cheia de vento," disse,

mas ela não teve a sensação de invasão. Ela ficou muito contente por reconhecer a sensação do episódio do Padre Trainor. Ela sentiu-se apoiada, como voar, mas sem ser fora do corpo.

(A Jane também disse que não tinha certeza de que a sessão havia terminado. Eu havia pedido que terminasse para a poupar ao cansaço, por uma questão de rotina. Ela mal teve tempo de me dar a informação que referi, quando se sentou de novo, retomou o seu estado de transe e começou a ditar.)

Vamos encerrar aqui a sessão desta noite, pois acredito que precisam de descansar. No entanto, terei algo a dizer na quarta-feira sobre a experiência que a Jane teve esta noite. Ela realmente está a sair-se muito bem. Os meus calorosos melhores cumprimentos a vocês os dois.

("Boa noite, Seth.")

(A Jane mostrou-se de novo bem dissociada, e uma voz, resumidamente, elevada e forte. Manifestou pouca mudança de voz desde que começara a falar sentada e de olhos fechados.

(A Jane disse que assim que voltou ao seu lugar se arrebatada. Ela entrou no estado mais rapidamente do que preferiria. Além disso, o fim veio tão rápido que ela se viu momentaneamente a tatear, num esforço por "se recompor de novo."

A experiência deixou-a inquieta.

(A Jane disse que acredita que o Seth está a usar estas experiências, dentro da experiência da própria sessão, como uma compensação pelos experimentos de tempo psicológico que ele pediu que ela abandonasse durante um tempo. Será de lembrar que na sessão 140 o Seth afirmou que por vezes Jane avançava "muito rápido, demasiado cedo," com os seus próprios experimentos. Ela especulou que esses experimentos recentes que tinham cabimento dentro de experiências eram ideias do Seth com respeito a uma abordagem mais controlada.)

SESSÃO 143

5 de Abril de 1965

(Devido a doença da minha parte, esta é a nossa primeira sessão desde 22 de Março; portanto, perdemos as sessões regulares de 24, 29 e 31 de Março. Este é o maior intervalo no fluxo do material desde que as sessões começaram a 2 de Dezembro de 1963. Estávamos os dois ansiosos por as retomar. A Jane comentou ontem à noite que a demissão forçada a estava a deixar bastante nervosa. Era, ela disse, o mesmo tipo de nervosismo que ela costumava sentir antes de cada sessão, durante os primeiros meses.

(A Jane não tem experimentado o tempo psicológico desde que o Seth sugeriu que ela parasse no momento do estado de transe prolongado em que entrou a 15 de Março.

(Deitada na cama em estado sonolento na noite passada, a Jane recebeu os seguintes itens, do Seth segundo acredita. Ela acordou-me para me contar sobre eles:

(Sobre a minha doença: "Algumas coisas vocês têm que resolver por vós próprios."

(Igualmente sobre a minha doença: Seth não gosta de dar avisos de eventos futuros, principalmente quando pode tratar-se de uma forte possibilidade, mas evitável. Nesses casos, a própria sugestão poderia, sob determinadas condições, provocar os eventos.

(Sobre o subconsciente: De acordo com Freud, o subconsciente é frequentemente responsabilizado pelas dificuldades atuais do ego. Isso não sucede em muitos casos – o verdadeiro problema está em que o ego atual não assimilou a experiência subconsciente. Seth discutiu Freud e Jung até certa medida, nas sessões 83 e 119, entre outras.

(Mais uma vez, a sessão foi realizada na nossa sala isolada dos fundos. Jane falou sentada e com os olhos fechados. Ela não usa óculos durante as sessões agora em voz baixa e num ritmo inicial bastante lento, que acelerou à medida que a sessão progrediu, e a voz se mostrou um pouco mais alta.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Na verdade, comuniquei brevemente com a Jane na noite passada. Ele relatou as minhas palavras acertadamente.

Em relação à tua doença, nenhuma cura de qualquer tipo pode ocorrer sem compreensão interior e compreensão psíquica. O meu interesse é o de um educador.

Qualquer cura trazida de fora poderá, a curto prazo, mostrar-se vantajosa, e eu estaria muito disposto a ajudar numa situação que envolvesse doença, particularmente de um tipo grave, mesmo que as vantagens da minha ajuda fossem superficiais. Percebo que essa ajuda superficial por vezes pode ser mais desejável. Basicamente, no entanto, no teu caso a doença não era grave, e a vantagem que terias com a minha ajuda me uma forma de cura teria sido inteiramente superada por várias desvantagens que se acham quase sempre presentes, no caso da cura que não ter origem na compreensão interior.

(Seth discutiu essa compreensão interior e doença física nas sessões 98, 99 e 120, entre outras.)

Eu estaria a afastar o problema de ti e, neste caso, a privar-te da oportunidade de resolvê-lo e, portanto, de contribuíres para as tuas próprias energias e habilidades. Tal como foi, a tua doença foi várias vezes mais curta do que teria sido se tivesse ocorrido no ano passado, e certamente muito mais curta do que teria sido se não fosse o entendimento que obtiveste destas sessões.

Eu certamente não faço intensão de parecer menos do que compassivo. A minha delicadeza pode deixar muito a desejar, e as minhas poções e pílulas não serem das que caibam na bolsa preta de um médico. No entanto, posso realmente fazer mais, por as minhas pílulas serem pílulas de conhecimento, que com efeito, meus amigos, são um pouco difíceis de digerir. Mas tu não te importas.

("Não.")

(A Jane ditou o parágrafo acima com um largo sorriso.)

A fonte básica de tua dificuldade não era nova. Nem mesmo, exceto superficialmente, chegou a representar uma perigosa regressão nem uma recaída da tua parte, àquelas batalhas negativas de pensamento

verdadeiramente perigosas e bastante desastrosas, que eventualmente em qualquer indivíduo podem e muitas vezes levam o *eu* integrado à aniquilação. Todavia, a doença representou um aviso necessário, materializado na realidade física sob a forma de doença. Um aviso de que, afinal houve uma tendência recente da tua parte, embora ligeira, de deslize para o pensamento negativo. A doença foi feita para te levar a parar, para te fazer pensar.

Porém, não foi por acaso que mergulhaste na leitura dos jornais de Nova Iorque durante a tua estadia na cama. Não que se pretenda que feches os olhos para os eventos mundiais, mas que no teu caso particular há momentos em que, para ti, tal concentração nos males do mundo se torna extremamente prejudicial.

As tuas reações nesses momentos não são boas para ti, e as tuas reações não são boas nessas alturas para as condições que as provocam. Tais reações realmente pioram as condições que tu haverias de mudar. Não estou a sugerir que adotes um sorriso brando de um otimismo exacerbado, sem graça e idiota, nem que te votes a clamar o amor, a prosperidade e a saúde de cima dos telhados enquanto o mundo abaixo está mergulhado na pobreza e na ignorância.

No entanto, é teu dever, e o dever de todo indivíduo, na medida em que estiver ao seu alcance, manter a sua própria saúde e vitalidade psíquica; de acordo com a força dessa vitalidade, ele há de se proteger a si e aos outros. As expectativas negativas, longe de protegerem o indivíduo ou aqueles com quem ele entra em contato, na verdade se tornarão, em maior ou menor grau, tão destrutivas quanto qualquer epidemia.

Sugiro uma pausa. Que tal a minha pílula?

(É muito boa.")

(A Jane estava dissociada como de costume; isto é, ela havia alcançado um bom estado. Ela sorriu ao terminar o monólogo.

(Passei oito ou nove dias de cama, vítima do que geralmente se diz um vírus. Em nenhum momento, porém, culpei um vírus, sentindo que a verdadeira causa era psíquica, permitindo assim que o vírus viesse à tona um pouco envergonhado por ter sido "enganado" psiquicamente. Com o passar do tempo, e enquanto eu me debruçava sobre os diversos jornais diários da cidade de Nova Iorque, além do jornal diário de Elmira, percebi

um pouco que as expectativas ruins da minha parte tinham muito que ver com o facto de ter adoecido.

(Finalmente cheguei ao ponto em que disse à Jane, um dia antes desta sessão, que havia decidido parar de ler os jornais de Nova Iorque por completo por achar que era uma experiência triste ler sobre a situação da corrida, o Vietname, as condições de vida e crime na cidade de Nova Iorque, etc., embora, é claro, eu percebesse que muitas dessas notícias significavam que algo estava a ser feito em relação a alguns problemas urgentes.

(Para alguns outros exemplos do poder psíquico das expectativas negativas, ver as sessões 9, 15 e 17, que envolvem a Jane e eu em Iorque Beach, no Maine. Ver também as sessões 17 e 66 respeitantes a material sobre a morte do nosso cachorro, Mischa.

(A Jane havia começado a sessão devagar e de modo brando. À medida que avançava, o seu ritmo acelerou e a voz dela adquiriu um maior volume.)

Os jornais como os que lês prestam um serviço definido, que não deve ser negligenciado nem condenado de forma irrefletida. Eles definitivamente abrem os olhos de muitos que de outra forma não prestariam atenção. Particularmente com respeito à questão racial, eles prestaram um enorme serviço psíquico, pois despertaram emoções profundas, criativas e construtivas por parte de pessoas que de outra forma não estariam envolvidas. E essas energias construtivas ajudaram a mudar a situação para melhor.

Não podem fingir que tais condições extremas desapareçam da existência humana, nem deveriam desaparecer tampouco. Mas no teu caso, tu tens consciência da desumanidade que o homem revela para com o homem. É bom que tenhas, mas não deves permitir que esse conhecimento pese como uma montanha sobre o teu ser, de modo que fiques preso e as tuas energias sejam sugadas. Esse é o perigo para o qual precisas ser alertado.

Estou ciente de que preferirias que eu prosseguisse com a minha discussão sobre a ação. Mas, de facto, temos aqui uma solicitação bastante prática, e pretendo entrar em outros sintomas anteriores para que te deveria, e não o fiz, fazer-te uma advertência. A Jane sentiu um em particular e realmente reagiu de uma maneira que tu achaste irritante. Os sentimentos da Jane e a falta de ação com relação à editora deixaram muito a desejar, e

com o tempo a falta de ação dela teria causado uma reação desagradável da tua parte. No entanto, ela correta, embora inconscientemente, interpretou a tua atitude em relação à editora como sendo basicamente perigosa para ti. E assim foi.

Nota: A atitude foi parcialmente justificada, mas a parte que não tinha justificativa foi sintoma de um novo surgimento de pensamento negativo da tua parte.

E devido a que tal negativismo seja um problema psíquico para ti, era potencialmente perigoso. A tua atitude foi, de certa forma, mais realista do que a da Jane, e ainda assim a atitude dela foi a mais saudável. Vocês os dois foram longe demais em direções opostas, conforme é característico das vossas próprias naturezas: por vezes vocês sentem-se inclinados, a ser excessivamente pessimistas; e a Jane por vezes tende a ser não excessivamente otimista, mas excessivamente dócil, no que diz respeito às suas conexões com o mundo exterior.

A natureza dela é independente, mas a independência é embotada quando ela não tem a certeza de com quem está a lidar. Tu sentiste fortemente a reação que ela mostrou à tua atitude e deverias ter-te questionado naquele instante. A Jane foi capaz de neutralizar a tempestade temporária, mas negativa generalizada, com as suas próprias energias criativas e de se concentrar fortemente na proteção dos dois.

Ele não teria sido capaz de fazer isso há um ano atrás. Aprendeste alguma coisa com essa doença e hás de ficar mais forte por causa dela, mas não a teria aprendido se ela não tivesse seguido o seu curso e se tu não tivesses enfrentado a razão por trás dela.

Tu, de entre todas as pessoas, precisas perceber que quando a preocupação válida com os problemas do mundo se transforma numa obsessão com as injustiças do mundo que ameaça acabar com tudo, ou ameaça acabar com todo o prazer pessoal, então dificuldades estão a caminho. Porquanto a fruição é uma arma. O homem que é capaz de sentir alegria (também) é capaz, em grande medida, de mudar o seu mundo. Além disso, a alegria, a felicidade, não é uma emoção idiota fraca e covarde. A sua espinha dorsal é mais forte que a amargura. A alegria é o músculo da ação, e sem ela não haveria ação. Se por vezes falo de forma veemente contigo, é porque essa tendência, embora muito menos atual agora do que antes, deve ser mantida muito bem sob controlo, Joseph.

Basicamente, essa preocupação com o bem-estar humano é de facto virtuosa, mas, quando exagerada, torna-se carregada de possibilidades que podem ser bastante infelizes. Sabias que eu te ia admoestar esta noite, conforme diria a Jane. O que eu quero, aqui, é o equilíbrio. Nem que mergulhes na ignorância, nas dúvidas e nas injustiças, a ponto de não veres mais nada, nem que feches os olhos para elas. Mas precisas ter um lugar no teu íntimo em que isso não exista, ou a liberdade do eu interior será prejudicada, no que diz respeito à sua associação com o ego. A profunda consideração que sentes pelos problemas humanos de facto ajudou a conduzir-te a estas sessões.

Sugiro uma pausa.

(A Jane esteve dissociada como de costume. O ritmo do diálogo havia sido bastante rápido, e a voz da Jane havia adquirido algum volume. Ela recomeçou no mesmo ritmo rápido, embora num tom de voz mais baixo.)

Há um assunto que preciso esclarecer. Houve uma possibilidade aa certa altura, por um determinado período de tempo, quando por várias razões a vossa senhorita Callahan correu perigo de cair do lance da escada da frente. Por diversas razões, a possibilidade era mais forte quando ela ia buscar o correio. A ansiedade dela é alta nessas ocasiões. Sugeri que a Jane trouxesse a correspondência para ela, para cobrir esse período de possibilidade. Ela fez isso. A queda não se verificou. Mas a forte possibilidade dessa queda existia.

Eu sei que querias que eu explicasse. Sou extremamente cauteloso quanto a dar avisos, uma vez que a sugestão pode desempenhar um papel na concretização da manifestação que se aproxima, meramente como uma possibilidade desafortunada, mas não em definitivo como uma realidade.

(Pouco antes da sessão desta noite eu disse à Jane que esperava que o Seth esclarecesse este assunto. Ver as sessões 133 e 135. A sessão 133 também contém uma lista de sessões anteriores em que o Seth se manifestou, até certo ponto, com relação à Srta. Callahan. A Srta. Callahan, professora aposentada, também conheceu Frank Watts. Foi o contato inicial da Jane com a personalidade de Frank Watts, através do tabuleiro Ouija, que levou a estas sessões. Frank Watts morreu há talvez vinte anos e é uma das personalidades que compõe a entidade Seth.

(Ver também a primeira página desta sessão para material subordinado ao poder da sugestão. Com relação a outros materiais sobre

a sugestão e questões relacionadas como doenças, ver as sessões 68, 98, 99 e 120.)

Há muito a ser dito nesse sentido, mas vocês ainda requerem preparo, em termos de informação, antes de poderem beneficiar tanto quanto deveriam. Entramos aqui, por exemplo, em muitas questões. O futuro, nos vossos termos, não está predeterminado e em nenhum momento está fixado.

É verdade que o que vier a ocorrer, nos vossos termos, já ocorreu em outros termos, e que é possível perceber o vosso dito futuro além do momento atual, além do vosso *agora*. Mas aqui adoto um enorme cuidado com a adulteração, pois adulterar o "vosso" presente adultera o "vosso" futuro. Sugiro que na última frase coloque a palavra vosso entre aspas.

(Ver as sessões 134-137 para algum material sobre viagem no tempo.)

Quando tivermos discutido mais a natureza da ação, poderemos aprofundar estas questões, pois elas envolvem impulsos de ação e estão intimamente ligadas à ação da energia sobre si mesma.

Vou igualmente sugerir que a Jane continue com o procedimento no que diz respeito ao tempo psicológico, ou seja, que o deixe ir até que eu lhe diga o contrário. A experiência, a experiência subjetiva, da última sessão, por parte da Jane, foi concebida como uma demonstração prática do *eu* ilimitado. Estou muito satisfeito por nos termos saído tão bem com isso, e diversos outros experimentos análogos controlados poderão ser esperados de futuro.

(Consultar a sessão 143, página 308.)

As condições das nossas sessões permitem-nos, por um lado, mais liberdade e, por outro, um maior controlo. Também acrescentam valor às próprias sessões. Teremos muito mais a dizer sobre o eu ilimitado, em associação com a ação.

O material, o nosso material, será de facto publicado. Uma atitude firme, mas não demasiado impaciente, é a mais benéfica da parte de vós os dois. A qualquer instante que queiram, podem realmente fazer uma sessão. No entanto, não vou sugerir isso. É convosco.

(Esta informação surgiu, presumo eu, por antes eu ter brincado com a Jane sobre como recuperar as sessões que perdemos. Duvido que seja possível; a nossa rotina diária está suficientemente ocupada agora.

(A Jane expressou um largo sorriso.)

Tomaste muito bem o teu remédio esta noite. Uma observação que eu queria acrescentar: de facto, tampouco foi coincidência que a vossa casa viesse a estar tão cheia de convidados quando adoeceste. A vossa Sonja foi atraída pela tua própria veemência interior. Foi muito bom ela não ter passado mais tempo contigo. A Jane, sem perceber, entrou numa esgrima psíquica com ela, por a sua própria amargura interior crônica e crítica ter suscitado a tua própria. Em alguma outra ocasião, discutirei esse carácter em particular contigo, pois há muito a ser aprendido aqui.

Os outros não vieram pelo mesmo motivo, embora a tua doença tenha sido a causa das suas visitas. O John, o vosso Philip, definitivamente foi chamado como reforço, ao que respondeu. Os outros dois visitantes eram psiquicamente neutros. Falarei mais sobre isso numa data posterior, quando for pertinente para outra discussão. Os meus mais sinceros votos pela tua saúde. Podes aqui fazer uma pausa; ou, considerando a tua convalescença, encerrarei a sessão.

("Vamos fazer uma pequena pausa, então."

(Como havíamos perdido três sessões, achei que poderíamos continuar um pouco mais.

(A hoste de visitantes que tivemos durante a minha doença era outro assunto que esperávamos que o Seth discutisse esta noite. De 24 de Março a 2 de Abril, a Jane e eu recebemos um total de 21 visitas por parte de 16 indivíduos diferentes. Desses 16, 7 tinham testemunhado sessões. Algumas das visitas duraram horas e deixaram a Jane sobremodo fatigada.

(Desde que os visitantes começaram a aparecer no primeiro dia em que eu fiquei de cama e numa questão de horas, a Jane e eu logo pensamos que era mais do que coincidência. Tivemos 4 visitantes no primeiro dia, 3 no segundo dia, 5 no terceiro dia, 4 no quarto dia, etc. Além disso, dois dos nossos primeiros quatro visitantes, Sonja Carlson e Louis D'Andreano, eram de fora da cidade.

(Sonja comprou um quadro meu a 18 de novembro de 1964, e é mencionada pelo Seth na sessão 108 daquela data. Louis presenciou a

sessão nº 89, realizada em Rochester, Nova Iorque, e também foi alvo de comentários da parte do Seth na sessão n.º 90. Outro visitante naquele primeiro dia foi Jim Beckett, que testemunhou as sessões n.º 47 e 49. Assim, Jim e Louis foram os dois visitantes neutros referidos por Seth.

(Philip, é claro, é o nome da entidade do John Bradley, que testemunhou diversas sessões. Enquanto nos visitava no segundo dia da minha doença, John disse que os eventos que ocorrem dentro da empresa farmacêutica que ele representa, Searle, parecem confirmar as previsões feitas por Seth havia algum tempo. O Seth havia mencionado um limite de tempo de vários anos para que algumas dessas previsões se concretizassem, e aconselhou paciência da parte do John. Ver a sessão n.º 37, de 23 de Março de 1964, e a sessão n.º 70, de 13 de Julho, 1964, entre outras.

(O meu irmão mais novo, William Richard, também de Rochester, Nova Iorque foi uma das visitas a 28 de Março. Ele é o guardião da segunda cópia a carbono dessas sessões e testemunhou a sessão n.º 89. Outro visitante foi Bill Macdonnel, de nome de entidade Mark, que foi por diversas vezes testemunha. No arquivo tenho um registo completo das 21 visitas que a Jane e eu recebemos.

(A Jane de seguida retomou à velocidade média.)

Eles foram chamados pela tua doença por vários motivos. As duas partes neutras vieram com seriedade, porém, com um desejo subconsciente de ajudar. Eles foram atraídos pela vossa situação e estavam psiquicamente conscientes o suficiente para serem sensíveis a ela. No entanto, eles não foram capazes de reunir nenhuma força psíquica percetível por si próprios. Se as condições fossem diferentes, ou a situação pior, eles ter-se-iam mobilizado. O Philip acrescentou a sua energia construtiva à da Jane, na tentativa que a Jane fez de contrariar a tua veemência interior, e tu serviste-te na medida reconhecidamente pequena de que eras capaz na época.

Sonja, inconscientemente, veio para se aproveitar da situação. Ela mesma precisa desesperadamente de ajuda. A Jane pressentiu isso, e se as suas próprias capacidades não fossem tão fortes, a Jane teria acabado numa situação muito infeliz; pois ela tentou, durante um tempo, contrariar as tendências destrutivas indiscriminadas abertas em tua casa. Ela teve algum apoio da tua parte, porquanto, tu entendes, estavas longe de ser impotente desta vez. A outra companhia variada durante a semana foi realmente mais benéfica. Desse ponto de vista, vocês na verdade não estiveram sozinhos,

nem era hora de ficarem sozinhos, embora possam ter desejado privacidade.

Eu poderia, de facto, continuar agora por outras linhas. No entanto, acho melhor que vocês se retirem esta noite. Eu também não te negligenciei enquanto estiveste doente, mas as circunstâncias não justificaram uma ação direta da minha parte. Eu estive aqui. Mantive um olhar inquisitivo, por vezes severo, outras vezes divertido, outras vezes ainda preocupado, mas sempre atento à casa.

E agora os meus mais calorosos cumprimentos para vocês os dois. Fico feliz por retomarmos as nossas sessões mais uma vez. A Jane teve uma espécie de férias, mas vou ver se há ação suficiente para ela agora.

("Boa noite, Seth."

(A Jane disse que manteve a consciência da essência do material dado durante o primeiro monólogo que fez, mas que em monólogos sucessivos ela perdeu toda a ideia do que havia dito.

(Será digno de nota que agora os olhos dela se abrem com bastante facilidade no intervalo e no final da sessão. Quando ela começou a falar sentada e de olhos fechados, ela teve dificuldade em abrir os olhos.

(A Jane disse-me que durante a minha doença ela não sentiu o Seth por perto. Houve momentos durante a minha doença em que tive um sentimento real de descrença no desfile constante de visitas. Eu não os vi a todos. Logo percebi que me passei a sentir melhor depois de falar com os que vi, e uma vez que percebi isso, tentei deliberadamente capitalizar essa aparente troca de energia. Sonja Carlson visitou-nos duas vezes; entendi quase de imediato o carácter negativo dos pensamentos dela e decidi não deixar que isso me incomodasse. Contudo senti preocupação com o facto de a Jane suportar o peso disso.)

SESSÃO 144

DIMENSÕES DA AÇÃO E DOS SONHOS

7 DE ABRIL DE 1965

(A Sra. Lorraine Shafer testemunhou a sessão desta noite. Ela foi apresentada ao material do Seth pelo John Bradley, que testemunhou diversas sessões e leu muito do material ele próprio. Lorraine fez as suas próprias anotações abreviadas do material. Ela também se ofereceu para datilografar pela Jane e por mim.

(Desde que a Jane começou a atingir um estado de transe mais profundo, e a falar sentada e de olhos fechados, ela tornou-se muito mais sensível a interrupções. Por essa razão, temos realizado sessões recentes numa sala protegida, dos fundos. No entanto, demasiado pequena para acomodar três pessoas de forma confortável, pelo que para a sessão voltamos para a sala de estar. A maioria das sessões foi realizada lá. Tivemos interrupções, mas nenhuma se desenvolveu.

(A Jane estava um pouco nervosa antes das 21h. Mais uma vez ela falou sentada e com os olhos fechados, e com uma voz um pouco mais forte e mais rápida que o normal.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Desejo a todos uma boa noite e agradeço a presença da nossa convidada.

Haverá mais a seguir mais tarde, sobre a situação em que tu te encontraste, Joseph. No entanto, vamos guardá-lo para outra ocasião. A informação que a Jane apurou esta manhã está correta em essência, e tu verás que a informação que eu lhe dei há muitas sessões estão a concretizar-se.

(Ver Volume 2, página 158 da sessão n.º 63, de 17 de Junho de 1964. Duvido que esses dados tivessem sido registados se Seth não os tivesse mencionado sem avisar. Trata-se da situação desagradável do marido de uma amiga da Jane, e um envolvimento com narcóticos. O casal não vive mais em Elmira. Vários residentes de Elmira se mantêm bem informados

sobre eles, e um deles trabalha na mesma cidade em que vivem, fora do estado.

(Esta manhã a Jane soube através desse indivíduo que o marido em questão esteve envolvido com narcóticos, na medida em que isso foi abordado nos jornais no novo local. A Jane e eu não vimos esses relatórios publicados.

(Uma previsão complementar a esta, feita pelo Seth ao mesmo tempo e sobre o início de uma investigação de narcóticos na área de Elmira, no espaço de três meses, desenvolveu-se conforme previsto.)

Eu disse-lhes que a ação não pode negar a si própria. Uma ação não pode ser recuperada, isto é, chamada de volta da inexistência. Uma vez que uma ação tenha começado, ela tentará alcançar a conclusão. Uma ação pode ser recuperada em termos de memória, mas não pode ser retomada, negada nem desfeita.

A ideia que vocês têm de consequências deriva desse facto. No entanto, a vossa ideia de consequências leva em consideração apenas um pequeno elemento de qualquer ação. Vocês percebem, por outras palavras, apenas aquela parte de uma ação que é projetada no vosso próprio campo físico, e esse elemento vocês chamam de consequência natural do ato original.

Contudo, vocês percebem apenas um lampejo, uma pequena dimensão de qualquer ação via de regra. Como no caso da tua própria doença, Joseph, tu percebeste o efeito físico da ação mental, que foi apenas uma pequena parte do evento. O nome da entidade da nossa visita é Marleno.

(O Seth gentilmente soletrou o nome a meu pedido.)

Encontramos na personalidade atual nós, em que a ação não tem liberdade, particularmente em termos de expansão. Há uma forte energia concentrada voltada para dentro, mas não o suficiente para ser eficaz. Está voltada para dentro principalmente em termos do ego. Há aqui consciência do eu interior, mas a energia principal está enredada em tensões e esgotamentos. Ao mesmo tempo, a personalidade não renova as suas energias. Se as energias da personalidade se voltassem mais para dentro ou, por outro lado, mais <u>para fora</u>, em direção ao mundo exterior, haveria uma melhora em termos de energia adicional e recarregada.

O nó, ou a principal concentração de foco, no interesse do ego, impede a verdadeira renovação, quer através do eu interior ou do mundo

exterior. O nó ou emaranhado de energias é de facto provocado pelo medo e pode ser dissolvido. As energias atadas equivalem a uma imobilidade cristalizada, onde nada se perde, mas também onde nada se ganha. A situação aqui pode ser amenizada, e está ao alcance da personalidade atual consegui-lo. Há uma generosidade interior e uma sensibilidade psíquica, se é que me perdoam a palavra, que será de grande benefício para a personalidade.

Há igualmente, e acredito que sempre houve, o desejo por parte da personalidade de desatar ou dissolver esse nó de energia imobilizada. Ao mesmo tempo, a personalidade esteve envolvida com a fabricação do primeiro papel, na Bélgica, creio bem. A personalidade era então um homem. A personalidade sempre esteve envolvida com a comunicação de uma forma ou de outra em várias vidas.

Até esta vida, as comunicações envolvidas têm sido na manifestação externa. Desta vez, há da parte da personalidade uma consciência das realidades internas, com as quais a personalidade não esteve antes interessada. Há também uma perplexidade, pois no passado a comunicação era fácil. Agora há consciência daquilo que não é fácil de comunicar.

Há agora um desejo sincero de se voltar para dentro, mas no passado a personalidade estava envolvida com a comunicação externa. A personalidade sempre terá a comunicação como aspecto principal. No entanto, esta vida inicia uma nova fase, onde a comunicação envolvida será, de facto, de uma variedade diferente. O emaranhado de energia, entre outras coisas - muitas outras coisas - é provocado pela incapacidade temporária de mudar o foco dos interesses dos métodos de comunicação externos para os internos.

Não estou aqui a sugerir que este indivíduo desvie todo o foco do mundo exterior, longe disso. Estou a dizer que uma libertação se faz necessária, e então um equilíbrio será mantido.

Em vidas passadas, uma vez mais, o desejo de comunicação foi forte. E é forte agora. No entanto, é como se a personalidade estivesse diante de outra porta, onde as habilidades de comunicação podem girar a maçaneta, mas não a fazem girar. A personalidade fica numa antecâmara, com todas as suas energias emaranhadas, em estado de indecisão, e não abrirá a porta que conduz para dentro, nem se voltará na outra direção, na direção de onde veio, para a porta que conduz para fora. É a indecisão aqui que é importante.

Se o conteúdo da personalidade estivesse entre as duas portas, e restariam presentemente apenas pequenos problemas. Também não estou a dizer que o indivíduo esteja pronto para mergulhar de cabeça num mundo de um empreendimento psíquico energético neste momento. Estou apenas a dizer que a personalidade só agora está a descobrir a realidade interior que muitos ignoram.

Sugiro a vossa pausa.

(A Jane mostrou-se dissociada como de costume. A Lorraine disse-nos que o seu primeiro nome era Meredith, e que a sua mãe ao tratá-la por Meredith Lorraine pretendia chamá-la de Mary Lou, mas nunca o fez. Há uma similitude aqui com o nome da entidade, Marleno.

(A Lorraine achou que a última frase do monólogo foi significativa para ela. Ela confirmou que se interessou por comunicação e trabalhos relacionados. Um dos seus trabalhos anteriores envolveu redação de cópias para uma estação de rádio.

(A Jane recomeçou de maneira mais lenta e com uma voz um pouco mais profunda.)

Havia uma aldeia na parte sul da França. 1230. A personalidade era um pedreiro primitivo. Um berço volta-se, uma criança morre. 1645. Bélgica. A personalidade morreu na infância. Mais tarde, a personalidade retorna à Bélgica após um lapso de quinze anos. Também um menino de tambor numa guerra civil. Houve problemas com uma mão, assim como com uma orelha. Por vezes dificuldades com a garganta.

(Após a sessão, a Lorraine disse-nos que nunca teve dificuldades com a garganta, ouvidos nem mãos.)

Em geral, no presente, a personalidade devia relacionar-se de uma forma firme com a realidade externa assim como aceitar o eu como um todo. Precisa haver moderação, mas uma moderação que permita a espontaneidade e um programa disciplinado de avaliação interna. A personalidade foi duas vezes homem, uma vez mulher e uma vez criança do sexo feminino que não atingiu a idade adulta.

O nome Kronski foi um nome de família em certa época.

(Mais uma vez, o Seth soletrou o nome. A Lorraine disse que não tinha significado para ela.)

Bem, a ação é algo como um espelho que se reflecte. Em uma ação, basicamente, podemos ver todas as ações, e através de uma ação podemos alcançar a realidade de todas as ações. As dimensões aparentes da ação são causadas pela separação de que falamos, quando a ação tenta afastar-se de si própria. Os sonhos são tanto ação quanto o movimento de um músculo, e o movimento de um músculo é de facto tão característico do sono quanto qualquer sonho.

Estamos todos em ação. Nós somos parte dela. Estar fora dela é impossível. A escolha, no entanto, é ilimitada dentro dela. Em qualquer direção em que foquemos as nossas capacidades e energias, parece que vemos uma nova ação, mas foi apenas o nosso enfoque que mudou; e na mudança, formou uma nova ação. Para benefício da nossa visita, deixem dizer que a ação é a vitalidade do universo da qual todas as realidades brotam. Isso tornará a nossa discussão mais simples.

Mais uma vez, nenhuma ação pode ser revogada. Nada é imóvel. Portanto, quando a nossa visita hesita entre as suas duas portas, ela não fica imóvel, mas usa tanta energia na indecisão quanto deveria ser despendida numa orientação propositada.

A ação não pode ser represada, porquanto se torna explosiva. Há muitos equilíbrios a serem mantidos. O mundo dos sonhos de que falamos tanta vez também é ação e, como tal, afecta todas as outras ações. Não está separado do vosso chamado universo físico, pois que por meio da relação que tem com o *eu* interior, o universo dos sonhos também ajuda a construir a matéria física — e isto não é coisa sem importância. Importa mais do que imaginas, e eu vou-te dizer qual é a matéria (problema). Gostas desse jogo de palavras, Joseph?

(A Jane gesticulou e esboçou um sorriso amplo, virando a cabeça para mim, embora permanecesse de olhos fechados.

("É um encanto.")

Suspeito ter percebido um indício de sarcasmo.

("Ah não."

(O Seth lidou com sonhos em várias sessões. Ver as sessões 44, a 92-101 e a 122-131, entre outras.)

Mas depois da palestra que colheste da minha parte na nossa última sessão, não te culpo, contanto que não seja levada muito além. Agora, como tu sabes, entre outras coisas, os sonhos refletem a expectativa interior. . . Para edificação da nossa visita, os sonhos são criados por cada indivíduo e são alvo de uma estrutura molecular e realidade efetivas, dentro de um campo diferente daquele com o qual vocês geralmente estão familiarizados.

No entanto, os sonhos não podem ser aceites como descrições precisas de expectativas internas, porquanto envolvem muitos outros elementos. No entanto, o mundo onírico individual real criado por cada indivíduo terá uma grande semelhança com o ambiente físico que também é criado pelo indivíduo. E aqui chegamos a uma matéria que referi de forma resumida na outra noite, e mesmo agora só a tocaremos ao de leve.

Há muita coisa envolvida. O indivíduo, qualquer indivíduo, pode construir muitas possibilidades no mundo dos sonhos. Tendo problemas no mundo físico, ele pode tentar resolvê-los numa base onírica, tentando várias soluções. Essas possibilidades tornam-se então realidades dentro do campo do sonho. Eles (sonhos) existem com tanta certeza quanto existiriam se ele agisse da mesma maneira no âmbito do campo físico. Não são mitos, não são imaginários, não desaparecem. Eles existem como realidade dentro de outro campo de realidade.

Conscientemente, o nosso indivíduo pode não saber o que fez. Conscientemente, ele pode nem sequer ter conhecimento dos problemas que o rodeiam, mas que ele resolveu a um nível subconsciente. Mas ele terá escolhido a sua solução, e no mundo físico ocorrerá em breve uma manifestação que será próxima a uma duplicata de um daqueles sonhos que ele criou.
Ao sonhar esse sonho, e escolheu essa possibilidade como solução para os seus problemas, e já tinha escolhido inconscientemente qual a manifestação que iria construir dentro do campo físico.

Este é um aspeto bastante complicado, mas importante. As outras soluções possíveis, no entanto, ainda existem como realidade dentro do campo do sonho e, como tal, continuam a desdobrar-se. O material passado sobre sonhos de que dispõem ajudá-los-á nisso. Sugiro uma pausa.

(A Jane estava bem dissociada, como sempre. Ela falou num ritmo relativamente acelerado, mas fez algumas pausas longas.

(A primeira parte do material que se segue foi ditado com muitas pausas, algumas das quais longas. Quando a Jane se sentou de novo e entrou no estado de transe, permaneceu imóvel, de olhos fechados, por mais de um minuto antes de começar.)

Não houve nenhuma relação pessoal entre vocês três em vidas passadas. No entanto, houve uma conexão telepática. A personalidade atual da nossa visita teve consciência das sessões antes que o Philip as referisse. Espero que a associação continue. O número quinze é importante para a nossa visita.

(A Jane agora fez uma pausa prolongada. Será de lembrar que Philip é o nome da entidade do John Bradley, que foi quem primeiro referiu as sessões à Lorraine. A Lorraine disse-nos mais tarde que ela não tinha consciência da existência das sessões antes do John lho contar. Ela também disse que o número quinze não tinha significado particular para ela, até onde ela conseguia apurar. Seth menciona um período de quinze anos, no entanto, em conexão com vidas passadas para ela. Ver a página 319.)

Certa vez a personalidade foi invisual, e desenvolveu uma comunicação por meio da textura de um determinado tipo de tecido, o cânhamo. Ele podia, pois era então homem, educando os dedos, distinguir a menor variação de rugosidade e textura.

Ele estava perto de uma condição de mendigo, e vivia na pobreza. Estendendo a mão para os transeuntes e tocando-lhes as roupas, ele conseguia dizer com precisão a sua posição social e económica através do toque do tecido. Ele cantava por dinheiro ou o que quer que lhe fosse dado.

Ele ficou cego na adolescência, num acidente, em que meninos brincavam com pedras. Os dedos eram muito sensíveis e, desde então, ele sempre desenvolveu a capacidade de usar as mãos de maneira ágil para sua vantagem. Ele era então musculoso, exuberante. Esta é a primeira experiência da personalidade enquanto mãe.

A filha da personalidade atual, no entanto, já foi uma irmã. Houve dificuldades entre as irmãs. Agora esse relacionamento é aquele que resolve velhas dificuldades. O filho mais novo já foi o pai da personalidade. Será de admirar que a mente consciente não retenha em uma vida a memória das suas outras existências? A memória está lá, dentro do eu interior. As lições aprendidas no passado são aproveitadas. Vocês haveriam de estar de facto carregados de parentes se tivessem consciência

de tais relacionamentos passados. Estou bastante satisfeito com a sessão desta noite. Na verdade, sinto-me bastante de bom humor, se é que me perdoam novamente a frase. Na nossa próxima sessão, vamos realmente direto ao assunto, no que diz respeito às nossas discussões sobre a ação.

Ainda há muito a ser dito aqui. Tampouco me senti lisonjeado com a surpresa que a Jane sentiu ao descobrir que o que eu lhe disse no passado, sobre os vossos amigos, estava a ocorrer. Ela deveria ter contado com isso. No mínimo ela é mais teimosa do que eu próprio lhe reconheci, e eu reconheci-lhe uma boa dose de teimosia.

(Consultar a página 317.)

Ela está um pouco melhor do que estava. Já não me bloqueia tanto quanto antes, e o nosso material está a ir muito bem. No entanto, ela poderia, parece-me, mostrar um pouco mais de confiança na minha capacidade. Ela certamente mostra confiança suficiente em si mesma, embora não na capacidade psíquica que tem. Ah, nisso ela restringe-se. Mas vou fazer por que não saia dessa cerca particular.

Agora podes fazer como quiseres. Podes encerrar a sessão ou fazer uma pequena pausa e continuar com algumas cortesias sociais.

("Bem, acho melhor fecharmos."

(Conforme de costume, eu não queria que a Jane ficasse cansada. Seth estava a chegar a um estado de bom humor, no entanto, e eu arrependia-me de o ignorar. A verdade, porém, era que eu estava a ficar muito igualmente cansado.)

Então encontrar-me-ei convosco no nosso horário regular. Posso acrescentar que, quando estou a sentir-me bem, tu devias pelo menos tirar vantagem disso; para teu próprio prazer, é claro, e não meu. Desejo-lhes uma boa noite com muito carinho. No entanto, ultimamente tenho estado tão preocupado com as nossas aulas que mal tenho tido tempo para fazer mais do que dizer olá e adeus, e de vez em quando sinto vontade de ceder a um discurso social mais relaxado. Mas uma noite destas teremos um momento social. Brincadeiras à parte, direi de facto boa noite.

("Boa noite, Seth."

(A Jane estava bem dissociada. Quando a sessão terminou, ela ficou sentada quieta, com os olhos ainda fechados. Tornou-se evidente que ela

estava a ter problemas em abri-los, mas por fim lá conseguiu. "Ele não queria ir," disse ela.

(Como os olhos parecessem querer fechar de novo, eu disse-lhe para continuar com mais ditado se ela quisesse.)

Esperava, Joseph, que pudéssemos ter um certo intercâmbio. No entanto, tenho sido injusto, e vou admiti-lo. Eu sei que estiveste doente, e que não te devia provocar. É um dos meus defeitos. Assim, agora vou-me partir, embora com algumas dúvidas.

("Porquê?")

Parto pela devida consideração para com a tua conveniência, para mostrar que posso ser magnânimo. O meu melhor e mais sincero e final boa noite para todos vocês.

("Boa noite, Seth."

(A Jane sentia-se inteiramente dissociada, disse ela, "realmente fora." Mas quando a sessão terminou, os olhos abriram-se-lhe de pronto.)

SESSÃO 145

A NATUREZA DA AÇÃO E O MAL APARENTE

12 de Abril de 1965

(Uma certa tarde, durante a minha doença, enquanto eu estava sonolento na cama, tive duas impressões distintas. Primeiro, enquanto estava de olhos estavam fechados, senti que a "área de escuridão" que eles abrangiam à esquerda e à direita se tornou abrupta e definitivamente mais ampla. Essa sensação foi breve, mas durou o suficiente para eu ter certeza disso.

(O mesmo aconteceu com a segunda impressão, que sucedeu imediatamente a seguir. Desta vez eu de repente "vi" uma perna esquerda mais curta sobreposta à minha própria perna de carne e osso de comprimento normal. Essa nova perna chegava-me apenas até ao meu joelho, mas via-a completa com um pé e um joelho, uma vez que tinha origem no meu quadril. Poderia tratar-se da perna de um anão.

(Achei que as duas impressões poderiam ser exemplos de expansão e contração interna. Recordei isso à Jane de novo pouco antes da sessão desta noite, no espero que o Seth esteja pronto para as discutir.

(Mais uma vez a Jane falou sentada e de olhos fechados num ritmo lento, com uma voz bastante baixa e rouca. Ela estava bastante sonolenta de ter tirado um cochilo.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

É bom estarmos sozinhos de novo. Vou falar sobre a tua condição passada, e também vou falar sobre a ação. Embora a razão, ou razões, para a tua doença particular envolva causas pessoais, na verdade, de uma forma ou de outra, todas as doenças têm raiz na tentativa do ego de se destacar da ação que o compõe, que por vezes luta contra si próprio.

(Ver as seguintes sessões: 139, 141, 142.)

Parte do que estou prestes a dizer poderá parecer insensível, mas deverás ver que esse não é o caso. Do ponto de vista do ego interessado e conscienciosо, realmente parece haver grandes e desastrosos males que transbordam como veneno do cálice da existência humana.
Quando ele bebe, como tu bebeste, e como todos os seres humanos conscienciosos bebem, então, com efeito, o sabor é amargo. Não é exagero, no entanto, acrescentar que todos, ou muitos, os remédios têm, infelizmente, um gosto ruim, e que a criança que toma um remédio desses acha difícil acreditar que uma bebida tão desagradável lhe possa fazer bem.

Essencialmente, toda ação é ação. Fundamentalmente, não existe ação maligna. Tudo está em desenvolvimento. Com as perceções limitadas que o próprio ego adotou, o todo não é visível, e ele vê o que quiser ver. Dentro do vosso campo, dentro do vosso campo moral, vocês precisam realmente lutar contra o que lhes parece um mal.

Esta é uma responsabilidade que lhes é imposta pelo código de limitações que o próprio ego adotou como parte da sua própria natureza. Vocês podem achar mais difícil acompanhar-me nisto sem uma afirmação forte qualquer. No entanto, como vocês não culpam, como vocês não culpam moralmente o vento por causa do furacão tumultuado, e como vocês não punem o vento, vocês precisam de alguma forma entender que um malfeitor, aos

vossos olhos, não merece mais nem menos culpa do que isso. Seria imprudente ignorar os resultados de tal atividade. No entanto, digo-lhe agora que há muito muito que vocês não veem nem conhecem.

Vocês veem porventura caos no campo físico, e isso deve realmente ser enfrentado, tratado e corrigido, tal como a ajuda é dada às vítimas de um furacão. Mas vocês estão familiarizados apenas com os resultados da ação tal como eles surgem dentro do campo físico, uma vez que insistem em ver o vosso universo físico com os olhos do ego; pois o ego tenta isolar-se daquela ação de que faz parte e, ao tentar, perde contato com essa realidade maior.

Essa perda de contato aplica-se apenas ao ego. Não se aplica àquelas outras partes do eu, e é através do eu interior, através da consciência interior, que até certo ponto a natureza da ação se pode dar a conhecer. E quando se der a conhecer, será visto então —

(A Jane aqui fez uma pausa prolongada, que durou pelo menos um minuto. Durante estes períodos, ela fica sentada em silêncio na sua cadeira, de olhos fechados, mãos geralmente imóveis no colo. Quando ela retoma, ela simplesmente continua com a ideia que tinha em mãos como se não tivesse havido interrupção.)

— que aquilo a que vocês chamam ‘mal’ representa uma falta de cumprimento de sentido de valor em um caso particular, ou em qualquer caso particular. Sempre há, tal como eu acredito que vocês percebam, aqueles que cortejam a injustiça e a perseguição. Há sempre aqueles que perseguem. Há aqueles que matam, e há aqueles que procuram ser mortos.

Eles procuram uns aos outros por diversas razões complicadas. Toda essa matéria é difícil, mas não vou simplificar as coisas, como poderia. Eu preferia discuti-la de forma mais aprofundada. Nada aqui deve ser tomado como justificativa para o mal, nos termos de humanidade. Por variadas razões práticas, neste ponto, é necessário que o homem lute contra o que ele considera ‘mal’, porquanto ele se fortalece imenso ao fazê-lo.

Também é verdade, porém, numa estrutura inteiramente diferente, que o mal é coisa da sua própria criação, pelo menos o mal como ele o concebe. E se um crime precisar ser atribuído em termos de humanidade, muitas vezes a vítima é tão culpada quanto o assassino, em termos básicos, em termos de culpa que nenhum tribunal pode aferir.

Sugiro uma pausa.

(A Jane esteve dissociada como de costume para um primeiro monólogo, o que quer dizer que ela reteve uma certa ideia do que estava a dizer. Enquanto falava em voz alta, ela teve a ideia em paralelo de que o Seth achava que este material não o iria tornar muito popular em alguns quadrantes, entre as pessoas que desejam usar este material para os seus próprios propósitos.

(A Jane agora sentia-se inteiramente desperta. Ela recomeçou numa voz ligeira e acelerada.)

Todos nós temos os nossos papéis. Como existimos em diversos campos, concentramo-nos nesses papéis, para exclusão de muito mais. Aquela parte de nós, conforme vocês sabem, que lida com esses papéis é o ego, que vive intimamente o papel que lhe foi atribuído pelo eu integral, do qual faz parte. No entanto, a saúde e a condição psíquica de um indivíduo não são determinadas essencialmente pelo ego. É somente quando o ego recebe poder demais que o indivíduo é privado de grande parte da vitalidade interior de todo o ser. Pois o ego só está familiarizado com o seu papel. Ela só consegue encontrar renovação dentro das limitações da realidade para que foi formado; e quando olha em volta com a melhor das intenções e vê desastres e terrores, não sabe que isso também desempenha os seus papéis, e que os papéis são temporários.

Torna-se ressentido e mortalmente assustado, sem ter para onde se virar, e adoece o corpo, mirra e concentra-se cada vez mais nos aspetos mórbidos do seu ambiente, até que não possa sequer apreciar a esplêndida realização de si mesmo e as alegrias que são peculiarmente parte do ego. Provisoriamente, isso é algo como o que te aconteceu, Joseph. O eu interior tem consciência de outras realidades. Ele tem consciência do ego. Lembra-te aqui da diferença que existe entre a consciência do eu e o ego, pois a diferença é importante. O ego é apenas parte do *eu*, parte do *eu* consciente, só que focado numa só direção.

Sentindo-se parte da ação, o eu interior tem consciência das facetas da realidade que o ego ignora. Ele sabe que os papéis podem ser invertidos. Há tanta coisa aqui a ser explicada, e tantas perguntas que precisam ser respondidas. Pois eu digo-te, correndo o risco de ser incompreendido de uma forma grosseira, que existe apenas uma realidade, e que a realização de sentido de valor, que podes, se preferires, equiparar à bondade.

Não existe coisa alguma como mal, exceto os fantasmas que o homem criou. Ele vê ódio no seu próprio íntimo, o que ele chama ódio, que é

apenas medo, e então ele projeta-o no rosto de outro homem e diz que o homem o odeia; e ele pode matar o homem. Mas o ódio nunca existiu, ou seja, o que a humanidade considera ódio nunca existiu. O ódio é um temor irracional. O medo é causado pela falta de compreensão, pela falta de realização de sentido de valor. Ódio é aquilo que não é amor. O amor é satisfação, ou aquilo que faz sentir realizado, realização de sentido de valor. É a ação que se conhece a si mesma, e que se glorifica nas suas partes, que se separa para se conhecer, e que ao se conhecer deixa de se separar. Ódio é aquilo que receia unir-se e, portanto, existe aparte, e isso é tudo. Se todos os homens pudessem aprender a amar, nos termos que referi, então não existiria necessidade de nenhum tipo de punição no vosso campo, e a palavra desapareceria do vosso vocabulário. O subconsciente não é a causa nem o portador de ódios. A dificuldade aqui está na recusa de um ego em assimilar a experiência subconsciente.

O ego pode assimilar apenas uma parte de uma determinada experiência. Por vezes, ele não assimila nem aceita uma experiência. Lembrem-se aqui uma vez mais que há uma diferença entre o ego e a consciência do *eu*. Não é necessário que o ego assimile <u>todas</u> as experiências que estão abertas à consciência do *eu*. Contudo, o ego precisa ter à mão, aquelas experiências que são significativas para a manipulação no âmbito do ambiente físico.

Qualquer fosso na assimilação aqui pode ser muito infeliz e por vezes desastrosa. A consciência do eu, se bem te lembras, é a consciência de si que ainda retém o *eu* como parte da ação, o *eu* que percebe a sua existência dentro da ação. O ego, originalmente parte dessa consciência do *eu*, cinde-se conforme explicado anteriormente e procura dissociar-se da ação, na verdade para ver a ação enquanto resultado de si própria; isto é, ver a ação como resultado e não como causa.

Devido à dificuldade do material que estou a tentar explicar da forma mais concisa possível, sugiro uma breve pausa.

(A Jane esteve mais profundamente dissociada. Ela havia falado continuamente durante meia hora, mas ao sair do estado de transe sentiu que apenas alguns minutos se tinham passado.

(A Jane recomeçou no mesmo tom de voz bastante ligeiro e mais acelerado.)

Há muitas liberdades, Joseph, que hás de aprender a permitir-te. Não te deves permitir ser constrangido, porque na constrição não há expansão e

pouca criatividade. A caminhada diária que planeias fazer não é apenas uma excelente ideia, mas se a tivesses feito no passado, há uma boa possibilidade de não teres ficado doente. Por existir aquilo na natureza física do vosso campo que é automaticamente revigorante e revigorador. A título de sugestão, eu aproveitaria ao máximo o ar livre na estação que se aproxima, para vocês os dois.

Enquanto parte da tua natureza disciplinada, precisas permitir-te agora uma maior espontaneidade. Vais achá-la mais gratificante em muitos aspetos. E as recompensas reflectir-se-ão no teu trabalho. Correndo o risco de empregar um lugar-comum, devo acrescentar aqui a antiga verdade de que só o medo pode deter-te, em qualquer sentido.

Há muito que tu podes esperar se puderes libertar-te do medo. Precisas permitir-te viajar. Esta é uma forma física de expansão que não deve ser negligenciada. O medo fala pela segurança. O medo leva a esperar. Os sintomas físicos da velhice são as manifestações físicas do medo nos tecidos. Não há razão para que tu, ou qualquer indivíduo, não seja forte e vivo até a morte. Tu e a Jane aprenderam muito e vão aprender mais.

O *eu* interior que conhece a sua existência intrínseca à ação, tem um ponto de apoio na realidade. O ego pode desempenhar a sua função, cumprir as suas responsabilidades no campo físico e ser livre para conhecer alegrias e prazeres adequados. Mas esse *eu* interior precisa renovar-se na ação. As vossas estações, e a natureza física do vosso universo, é aquela parte da ação que se renova instantaneamente e que automaticamente permite que até mesmo que o ego sinta a relação que tem com aquela realidade de que faz parte.

O potencial pessoal de que gozas, Joseph, é excelente. Um conhecimento de vidas passadas seria muito útil para qualquer personalidade, não só das lições aprendidas e dos triunfos alcançados; mas também de problemas passados e resolvidos. Teremos muito mais a dizer sobre o que tu poderás chamar de problemas morais, mas tais discussões estarão sempre ligadas à realidade conforme ela existe.

Desejo a ambos uma noite muito agradável. Também não esqueci o teu pedido, Joseph, de falar sobre as duas experiências que tiveste quando estiveste doente. No entanto, uma discussão sobre elas enquadrar-se-á de forma muito mais conveniente na nossa próxima sessão. Os meus calorosos cumprimentos novamente. A minha energia está frequentemente contigo.

("Boa noite, Seth."

(A Jane disse que sentiu uma forte sensação de afeto do Seth no final da sessão, como por vezes acontece. Nenhum de nós disse mais nada quando ela recomeçou às 10h44, numa uma voz mais profunda.)

Uma pequena nota, Joseph. Por eu te ter dado tantos conselhos, eu queria que soubesses que eu percebo que já destes passos significativos, conforme irás continuar a dar, eu sei.

A Jane vai ter o conselho dela da minha parte no devido tempo. Ela está a ser ajudada diretamente de muitas maneiras pelo simples facto de realizar estas sessões, pois ao falar por meio dela, ela também participa, até certo ponto, da minha energia. A relação que existe entre nós, de facto, é aquela que discutiremos de modo mais a profundado num futuro muito próximo, pois agora poderão entender o que talvez não pudessem ter entendido antes, no que diz respeito às nossas comunicações em termos de ações que envolvem ações.

Eu realmente vou terminar agora. Mas, uma vez mais, mantendo a tua disciplina, permite-te, no entanto, liberdade, pois dentro de ti encontrarás espontaneidade, dimensões adicionais e até mesmo uma nova disciplina.

("Boa noite, Seth."

SESSÃO 146

A AÇÃO E A PERSONALIDADE

14 DE ABRIL DE 1965

(Recentemente, pouco depois de se deitar, a Jane teve a sensação momentânea de que havia deixado o corpo. No entanto, o que realmente sentiu foi o regresso ao corpo. Não soube dizer onde esteve, se noutro lugar. A experiência foi extremamente breve, disse ela, e difícil de descrever. Na verdade, já a tinha esquecido até pouco antes da sessão desta noite.

(A Jane sente agora muita falta de praticar o tempo psicológico (meditação). Convém recordar que o Seth lhe sugeriu que interrompesse essa prática a 15 de março de 1965, alertando que estava a tentar avançar demasiado depressa. A Jane acredita que a experiência acima descrita decorre dos seus experimentos com o tempo psicológico, uma vez que, durante algumas dessas experiências, já havia alcançado um efeito semelhante.

(A Jane não fazia ideia do material que seria abordado na sessão. Mais uma vez, falou como habitualmente, de olhos fechados. Começou de forma lenta, mas, à medida que a sessão avançava, o ritmo do ditado acelerou. A voz estava ligeiramente mais elevada do que o normal.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Para falar de ação, é necessário discuti-la como se alguns dos seus aspetos pudessem ser isolados dos restantes. Mas isso não corresponde à realidade.

Para que possais compreender, é preciso que eu decomponha certos conceitos. No entanto, ao fazê-lo, corre-se o risco de que a unidade de determinados fenómenos vos escape. Já abordámos várias vezes aspetos específicos das manifestações da ação. Falámos, por exemplo, sobre a natureza da matéria, o universo elétrico, o universo dos sonhos e outros tópicos como as camadas do subconsciente e a natureza do eu integral. Há sempre o perigo de que, ao estudar separadamente os efeitos da ação, estes pareçam ser, na sua essência, fenómenos distintos. Contudo, o que temos vindo a explorar ao longo de todas estas discussões é, na verdade, a própria natureza da ação. A personalidade, tal como a conheceis, é ação. No entanto, não se encontra fisicamente materializada. Não podeis segurá-la nas mãos. Podeis apenas observá-la em movimento, pois nunca está estática, e qualquer tentativa de a analisar resulta, inevitavelmente, numa modificação da mesma.

De certos modos fundamentais, a personalidade escapa-vos constantemente, embora, ao mesmo tempo, façais parte dela. Os homens dizem que "têm" personalidade, como se esta fosse um objeto que lhes pertence – algo definitivo, uma posse concreta e estável em que podem sempre confiar. Mas a personalidade está em constante transformação e nunca é fixa. É um excelente exemplo de ação em curso. É também importante compreender que, embora a personalidade esteja sempre em movimento, este movimento não ocorre no espaço, tal como o entendeis. Trata-se, antes, de um movimento em termos de realização e sentido de valor.

Este processo envolve impulsos em todas as direções, com certas forças identificadoras que lhe são subjacentes e cuja origem reside no eu interno. Assim como a vitalidade do universo define, por si só, os limites dos diferentes campos de atividade – e como essa mesma vitalidade adquire as características desses campos e molda os padrões de camuflagem dentro deles –, também a vitalidade, sob a forma de emoções, cria os padrões de camuflagem da personalidade.

Mesmo quando essa vitalidade dá forma às emoções e à personalidade de cada indivíduo, toda a consciência pode ser vista como um campo de atividade autónomo. E todos os princípios que aplicais aos campos de

atividade podem ser igualmente aplicáveis a qualquer forma de consciência. Enquanto transcrevia a frase acima, apercebi-me de que continha construções incompletas. No entanto, optei por prosseguir, em vez de tentar corrigir a redação. Como de costume, a minha atenção estava focada em registar as palavras, em vez de analisar criticamente cada uma delas. A Jane fez agora uma longa pausa antes de retomar.

Uma vez mais, deparamo-nos com uma realidade fundamental: a personalidade. Esta é reconhecida e aceite no campo físico, ainda que não se manifeste nele como uma unidade física claramente definida. Pode ser examinada, mas, como qualquer análise é uma forma de ação, tal processo modifica-a. A personalidade, seguindo as leis da ação, apropria-se de novas experiências e integra-as em si própria, formando novas realidades e novas expressões do seu ser.

A personalidade e o ego não são a mesma coisa. A personalidade mantém uma forte ligação com o eu interno. Representa a consciência do eu**,** a consciência de si mesma dentro da ação e como parte integrante dela. O ego, por sua vez, tenta manter-se separado da ação, distanciar-se da personalidade e moldá-la numa estrutura fixa e estável. O ego, se pudesse, interromperia o movimento e o desenvolvimento da personalidade, privilegiando a segurança da estabilidade. Procuraria canalizar a personalidade para direções pré-determinadas.

Esta consciência de si – e aqui sugiro que utilizes hífenes para separar os termos "consciência-de-si" – manifesta-se no homem sob a forma da personalidade humana. Contudo, a consciência-de-si não é exclusiva da humanidade. Ela surge em todas as formas de consciência, ainda que em diferentes graus. Assim, a consciência-de-si pode existir com ou sem a presença de um ego. A consciência-de-si é um atributo partilhado por todas as espécies físicas, independentemente da sua classificação. A personalidade, tal como a designais, é simplesmente um nome atribuído a essa forma de consciência, tal como se manifesta na experiência humana.

A personalidade está em constante mudança e interage com todas as outras formas de ação. Pode, portanto, ser vista como um campo de ação dentro da identidade – uma identidade consciente da sua relação com a ação como um todo. Os aspetos peculiares e individualistas da personalidade resultam das capacidades de camuflagem de que falámos anteriormente. As partes da personalidade que escapam ao controlo do ego são vistas por este como ameaçadoras à sua supremacia. O ego considera-as inválidas e perigosas. Quando é forçado a admitir que a personalidade muda, faz tudo para evitar essa perceção. Quanto mais rígido for o ego, mais dificuldades terá o indivíduo em adaptar-se a diferentes circunstâncias.

Por natureza, o ego não quer ajustar-se; deseja que o mundo se ajuste a ele. Contudo, como o ego é também uma manifestação da ação, é

impossível que alcance esse objetivo. Apesar de todos os seus esforços para manter estabilidade e controlo, o próprio ego está em constante transformação. Acima de tudo, o ego resiste e luta contra o tempo. Teme tanto o passado como o futuro. Receia o passado porque já perdeu o seu controlo sobre ele. Teme o futuro porque ainda não o pode dominar. Procura garantir a continuidade da identidade, mas é forçado a reconhecer que o "eu" de hoje dificilmente é o mesmo "eu" de trinta anos atrás.

É o ego que mais teme a morte. Paradoxalmente, a estabilidade absoluta que o ego tanto anseia resultaria, na verdade, na sua própria extinção, pois sem mudança não há ação – e sem ação, há estagnação e morte.

A Jane fez agora uma longa pausa, permanecendo sentada, de olhos fechados, em completo silêncio durante mais de um minuto.

O ego também teme a espontaneidade, pois não consegue controlar plenamente a ação. Sendo ele próprio parte da ação, a maioria dos seus esforços acaba inevitavelmente frustrada. No entanto, é precisamente este conflito entre a busca de estabilidade do ego e a necessidade de expansão espontânea da personalidade que impulsiona muitas das conquistas humanas – e está, sem dúvida, na raiz de grande parte da sua arte. Na arte, encontramos a nostalgia do ego pelo tempo passado e pelo controlo perdido sobre um "eu" que já desapareceu e se transformou noutra coisa. É o ego que planeia o futuro, tentando antecipar o ambiente em que terá de operar. No entanto, essas mesmas antecipações acabam por moldar e criar esse ambiente. O ego, portanto, é uma força necessária no vosso plano de existência. E, contrariamente às crenças psicológicas contemporâneas, é também a base da agressão. No entanto, a agressão não é necessariamente prejudicial.

Sugiro uma pausa.

(Pausa às 21h59. A Jane estava bastante dissociada e não se lembrava de nada do que ditara. Durante a última parte da sessão, fez várias pausas longas. Retomou às 22h08.)

A personalidade é a parte do indivíduo que tem consciência de si mesma como parte da ação e, por isso, tem consciência da sua relação com a ação. Assim, a personalidade é a parte do indivíduo que sobrevive à morte física. A personalidade não é o eu total. É apenas uma porção do eu integral, ativada durante uma determinada existência. O ego, como já expliquei, não desaparece após a morte. No entanto, importa recordar que o ego não representa a totalidade do eu consciente de si. É apenas um foco, uma ferramenta através da qual o eu tenta objetivar-se no mundo físico.

Depois da morte, o ego simplesmente deixa de se projetar no plano físico. Mas a memória dessa projeção é preservada pelo eu. A personalidade, por sua vez, continua a evoluir e a transformar-se.

A personalidade é muito mais vasta e expansiva do que imaginais. Recordai as nossas discussões sobre as limitações do eu: teoricamente, o eu é ilimitado. O ego, porém, é limitado dentro do seu campo de atuação, devido à sua própria rigidez. Opera como um filtro, direcionando e utilizando as capacidades da personalidade para lidar com o universo físico. A sua força determina a quantidade de energia da personalidade que consegue mobilizar. O seu foco é pequeno, mas poderoso.

Mencionei anteriormente que a personalidade é um exemplo de ação. Às vezes, é projetada no campo físico, embora não apareça de forma tangível. Aqui vemos muitas das características fundamentais da ação: movimento que não requer deslocação no espaço, impulsos para o exterior e impulsos correspondentes para o interior. Vemos a ação a agir sobre si mesma e a transformar-se continuamente. Um estudo aprofundado da personalidade será um excelente exercício e permitir-vos-á aproximar-vos da verdadeira natureza da ação. As experiências sobre as quais me perguntaste envolvem manifestações da personalidade, não do ego. Expansão e contração ocorrem constantemente como características da ação, como expliquei anteriormente.

O ego mal tem consciência desse processo. As tuas experiências ocorreram porque, devido ao estado de exaustão provocado pela tua doença, o controlo do ego ficou temporariamente enfraquecido. Nesse momento, a personalidade pôde percecionar realidades que o ego, habitualmente, bloquearia. Essas perceções eram pulsações de força correspondentes, interpretadas de diferentes formas por ti.

(Consultar a página 323, sessão 145, para uma descrição dessas experiências. Ver também a sessão 86.)

Falarei mais sobre este assunto depois de desenvolver outro tema importante. Se ainda não ficou claro, repito: a personalidade é uma parte do eu interior. Existem intercâmbios entre ambos, de modo que certas porções da personalidade podem parecer desaparecer. Quando isso acontece, é simplesmente porque o eu interior já não vê razão para manter esse foco no plano físico.

Há um equilíbrio delicado que é sempre mantido. No futuro, dedicaremos toda uma secção do nosso material à relação entre a personalidade e outros fenómenos. Esta noite, discutimos a personalidade principalmente no contexto da sua relação com a ação. Contudo, ao abordarmos esse tema em ligação com outros fenómenos, é essencial lembrar que estamos a considerar apenas um dos seus aspetos. A sua realidade, no entanto, estende-se por múltiplas dimensões.

Muitas dessas dimensões não podem ser discutidas neste momento. Mas, eventualmente, compreendereis que a natureza da ação – ou a natureza de qualquer realidade – é profundamente influenciada pelo ponto de vista ou pela dimensão a partir da qual é analisada. O meu objetivo é

ajudar-vos a examinar a realidade a partir de tantas perspetivas quanto possível, elevando-vos para além das limitações do vosso próprio enquadramento dimensional e permitindo-vos aceder a outros níveis de perceção.

Sugiro uma pausa.

(Pausa às 22h36. A Jane estava bastante dissociada. Apesar das pausas na sua apresentação, o ritmo do ditado foi rápido e a minha mão estava cansada de escrever. Retomou às 22h45 com a mesma rapidez e fluidez.)

Deve-se compreender, mais uma vez, que não há um ponto específico onde o ego começa ou termina.

Não existe uma linha particular e definida entre o ego, a personalidade e o eu interior. Estes conceitos são apresentados dessa forma apenas para facilitar a discussão. Na realidade, não há qualquer limite fixo entre o que é o "eu" e o que não é o "eu". Sempre que isolamos porções da realidade para analisá-las, esse isolamento é artificial e, de modo algum, altera a própria essência da realidade.

Esta observação pode parecer demasiado simples para ser mencionada, mas é de extrema importância que seja plenamente compreendida. Da mesma forma, não existe uma fronteira rígida entre o universo dos sonhos e o universo físico. Qualquer barreira que pareça existir entre eles é meramente ilusória, pois todas estas realidades se interligam e influenciam mutuamente. O eu estende-se por várias dimensões. Ele existe no universo dos sonhos com a mesma vitalidade e realidade com que se manifesta no universo físico. É simultaneamente uma parte do universo elétrico e do mundo da motivação psicológica. Os seus entrelaçamentos são infinitos, estendendo-se em todas as direções.

O ego teme a morte, mas, ao longo da sua existência física, porções do eu sofrem inúmeras transformações – mudanças das quais o ego, na sua limitação, não tem consciência. Prosseguiremos esta discussão na próxima sessão. Se preferires, podes encerrar agora ou fazer uma pequena pausa e continuar.

("Bem, acho que vamos dizer boa noite, então.")

Nesse caso, deixo-vos os meus melhores votos. Esta foi uma sessão muito frutífera. Poderemos ter uma sessão inesperada numa noite futura, na qual abordaremos temas menos exigentes.

("Boa noite, Seth.")

(Terminou às 22h55. A Jane estava bastante dissociada, como de costume, e a minha mão estava exausta de tanto escrever.)

SESSÃO 147

AÇÃO DENTRO DA INTEMPORALIDADE INFINITA

19 DE ABRIL DE 1965

Na passada quinta-feira, 15 de abril, enquanto percorríamos Elmira para tratar de alguns assuntos, a Jane comentou que sentia falta de praticar o tempo psicológico. Perguntou-se se, e quando, o Seth lhe permitiria retomar essa prática. (Consultar a sessão 140.)

Pouco depois, a Jane recebeu uma perceção interna — que acredita ter vindo do Seth — indicando que em breve poderia recomeçar os seus exercícios, mas apenas por períodos de quinze minutos e exclusivamente à noite, quando eu estivesse em casa com ela.

Hoje, a Jane recebeu a confirmação da editora F. Fell, Inc. de que pretendem agendar a publicação do seu livro *Hidden Powers Within You: How to Make ESP Work* para a primavera de 1966. A Jane já tem o livro parcialmente escrito. Os experimentos que ela descreve na obra levaram, naturalmente, ao desenvolvimento do material de Seth, pelo que este conteúdo fará parte integrante do livro sobre PES (*Perceção Extrassensorial*).

Na sessão 92, a 28 de Setembro de 1964, o Seth previu a venda deste livro, mencionando-o pelo nome. (Ver página 40.) Na sessão 104, deu detalhes que acreditamos poder referir-se aos escritórios da F. Fell em Nova Iorque, mencionando uma cadeira vermelha, certas figuras e outros pormenores. Será possível verificar essas informações em breve.

Nessa previsão, o Seth referiu ainda que uma mulher teria um papel decisivo na venda do livro. Atualmente, a editora da Jane, Mara Thomases, é uma mulher – ainda que, na altura em que o manuscrito foi submetido, ela não ocupasse essa posição.

O Seth previu a venda deste livro e do próprio material várias vezes. A mais recente foi na sessão 143. (Consultar as notas anteriores à sessão 138 para uma lista parcial dessas previsões.) Tentarei compilar uma lista completa das declarações específicas, organizadas por número de sessão, para anexá-la a uma sessão futura.

Mais uma vez, a Jane falou sentada, de olhos fechados. A sessão decorreu na nossa pequena sala dos fundos. Ela manteve a sua já habitual fluidez no ditado, alternando períodos de discurso rápido com pausas. A sua voz era clara e tranquila. Começou às 20h58.

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Como já sabeis, existem ações dentro de ações, impulsos que se movem para frente e para trás, para dentro e para fora, e em todas as

direções. Assim, no manuscrito da Jane, há uma vitalidade intrínseca que, por si só, impulsionaria outras ações — tal como eu havia previsto.

(A Jane sorriu neste momento.)

Aqui temos um excelente foco de energia, um uso eficiente da ação que, por sua própria natureza, gera movimento contínuo. Poderia dizer, de forma irónica: "Oh, vós, de pouca fé!" No entanto, compreendo que o que é evidente para mim nem sempre é para vós. E, por essa razão, não me surpreende que, por vezes, pareçais duvidar quando faço previsões. Esta noite, abordarei um tema de caráter pessoal relativo à Jane. Tenho evitado fazê-lo durante demasiado tempo.

Recomendo-lhe seriamente que comece a enfrentar o problema do tabagismo, pois a sua saúde beneficiaria de forma significativa. Embora as consequências possam parecer pequenas e subtis, o impacto geral será notável. Além disso, muitas das razões fundamentais que a levaram a adotar esse hábito já não existem. Naturalmente, prestarei alguma assistência, mas não farei todo o trabalho por ela.

(Aqui, a Jane abanou a cabeça, demonstrando a sua relutância.)

Fumar representa, entre outras coisas, um **manto de isolamento** — não apenas em relação ao mundo exterior, mas também face à realidade interior. No entanto, a Jane já está plenamente capacitada para operar sem essa barreira e beneficiará bastante ao libertar-se dela. Espero um esforço genuíno e determinado para enfrentar este desafio. Sei que pode superá-lo. Não costumo insistir nestes temas, mas esta é uma recomendação firme da minha parte. Ambos irão constatar que os próximos meses serão muito produtivos — tanto no vosso trabalho como na vossa saúde. A Jane é uma personalidade mais estável do que imagina e já não precisa de apoios artificiais como o tabaco. Descobrirá que o trabalho no seu livro avançará sem dificuldades.

E, como já lhe disse anteriormente, o nosso material será publicado. A ação não se move sempre em linha reta, como poderíeis pensar. Vendo a ação apenas sob uma perspetiva física, tendes a conceber qualquer esforço como uma linha reta de um ponto ao outro. Mas essa visão é limitada e incorreta. Qualquer ação que afete o indivíduo no plano físico também possui a sua realidade em muitos outros campos, e os seus efeitos e a sua natureza são sentidos nesses diferentes planos. Um manuscrito, ou qualquer outra forma de arte, contém ação e estabelece um determinado clima – seja ele de aceitação ou de rejeição psicológica. Esse clima não se deve apenas aos materiais utilizados, ao tema ou à natureza da obra. É importante compreender que tal criação contém, na verdade, uma porção de energia psíquica focalizada, que é, por sua vez, ação e que, consequentemente, gera efeitos. A carga de energia presente neste manuscrito específico não é apenas vívida, mas também bem direcionada. Já produziu um impacto mais profundo e sobre um maior número de pessoas do que imaginas.

Sugiro uma primeira pausa.

(Pausa às 21h21. A Jane estava dissociada, como habitualmente; ou seja, tinha apenas uma perceção vaga do conteúdo do seu ditado. O Seth abordou anteriormente o hábito de fumar da Jane de forma ligeira em várias ocasiões, nomeadamente na sessão 29 e na sessão 32, relacionando-o com as suas vidas passadas. Ver Volume físico.)

(A Jane retomou a sessão num tom calmo e pausado às 21h28.)

A Jane pode, de facto, retomar os seus experimentos com o tempo psicológico. Interpretou corretamente a minha indicação. No entanto, por agora, esses exercícios devem ser limitados a um período diário de quinze minutos e devem ser realizados à noite ou à tarde, quando o Rob estiver presente. Assim, poderemos observar os desenvolvimentos. Espero que tudo corra bem. A sessão desta noite será breve.

A Jane encontra-se bastante exausta, embora possa não se aperceber disso. Contudo, estará completamente recuperada pela manhã. O desgaste emocional e os contrastes vivenciados ao longo do dia contribuíram para essa fadiga, mais do que qualquer factor isolado. Este é mais um exemplo da natureza da ação. Na próxima sessão, abordarei as emoções na sua relação com a ação e como parte integrante desta. O cansaço momentâneo da Jane esta noite resulta simplesmente das flutuações normais entre ação e reação emocional. Mais uma vez, é essencial compreender que a ação não se move em linha reta. A ação pode ou não ter massa. A ação nunca produz um único efeito.

Sempre que uma ação parecer gerar um único efeito, haverá, na verdade, uma limitação nas capacidades percetivas do observador. No vosso plano, a ação pode parecer estar sujeita ao tempo, mas apenas a parte que se materializa fisicamente é afetada por ele. A ação pode parecer estar em repouso, mas nunca está imóvel, estática ou permanente. Pode dar a ilusão de um começo e um fim, mas essa é outra perceção errada.

(O Seth discutiu amplamente a "fonte da fonte" na sessão 95.)

A ação que se manifesta no vosso plano físico surge dentro do vosso campo de perceção e, eventualmente, desaparece dele. Contudo, isso não altera a sua essência fundamental nem as leis que a regem. A ação transforma-se constantemente, tanto dentro como fora do vosso plano físico. Vós percebeis apenas uma pequena fração da ação — aquela que é materializada no vosso sistema de realidade. Acreditais que uma ação "começa" quando entra no vosso plano e que "termina" quando deixa de ser percecionada. No entanto, essa ação já existia antes de a reconhecerdes e continuará a manifestar-se muito depois de ter saído do vosso campo de perceção.

Mesmo dentro do vosso sistema, a ação está em perpétua transformação, implicando assim uma infinidade de inícios e fins dentro

dela mesma – mas sem um verdadeiro começo, que surja do nada, nem um verdadeiro fim absoluto.

Cada início contém, em si, vestígios da ação que o precedeu. É importante esclarecer que, quando utilizo os termos "antes" e "depois", faço-o apenas por conveniência, pois, na realidade, não há um "antes" ou um "depois" — existe apenas a ação a ocorrer simultaneamente, em todas as direções, dentro do presente atemporal. É essa ação que origina e sustenta os inúmeros sistemas e campos da existência. Sugiro agora outra breve pausa, após a qual continuaremos.

(Pausa às 21h46. A Jane estava profundamente dissociada. O conceito de "presente atemporal" foi introduzido pelo Seth na sessão 41. A Jane retomou a sessão às 21h58, com a mesma fluidez.)

Os próximos meses serão satisfatórios para ambos. À medida que a primavera avança, este será um momento ideal para a Jane deixar de fumar, pois as suas capacidades regenerativas estarão em ascensão. O início do ano teria sido um momento menos propício para essa mudança.

(A Jane tentou deixar de fumar várias vezes nos últimos meses, sem sucesso.)

Acredito que agora podeis confiar nesta previsão: no verão, a Jane terá abandonado esse hábito para sempre e isso deixará de ser uma preocupação. Os efeitos negativos que parecem advir do tabagismo não são causados apenas pelo cigarro em si, mas pelos padrões psíquicos subjacentes que levam uma pessoa a procurar segurança em hábitos repetitivos, até que estes se tornem compulsivos. Quando esses padrões internos são quebrados, os seus efeitos também desaparecem. No entanto, a personalidade associa esses padrões internos a hábitos externos, criando a necessidade da sua repetição. Na verdade, é a dependência desses padrões que dá origem ao próprio hábito exterior. Este é um mecanismo quase mecânico, que se torna limitador e, de facto, prejudicial à expansão da consciência.

Algumas personalidades necessitam de padrões de segurança e, caso abandonem um hábito, tendem a substituí-lo por outro. Contudo, a Jane já possui a força necessária para evitar essa troca. Deve observar atentamente o seu hábito de fumar e, logo após o seu aniversário, deve abandoná-lo completamente. Estou certo de que conseguirá. Na próxima quarta-feira teremos uma sessão completa. Os meus melhores votos para ambos. Esta noite, tereis sonhos muito agradáveis. Todas as vossas energias estão em ascensão.

("Boa noite, Seth.")

(Término às 22h07. A Jane estava fortemente dissociada.)

(O comentário do Seth sobre a substituição de hábitos interessou-me particularmente. Recordo-me de que, quando deixei de fumar em 1959, passei quase dois anos a tentar reduzir o consumo, antes de conseguir

abandonar completamente o hábito. Curiosamente, substituí imediatamente o cigarro por palitos de dentes, hábito que mantive durante mais de um ano. Esse hábito foi desaparecendo gradualmente, sem esforço consciente.)

SESSÃO 148
21 DE ABRIL DE 1965

(*A Jane ainda não retomou o seu estudo do tempo psicológico, embora o Seth tenha dito que estava tudo bem para ela recomeçar com uma base diária de quinze minutos. Ver a última sessão.*)

(*A Jane não se sentia nada bem antes da sessão desta noite, e eu também não estava no meu melhor. Sugeri à Jane que passasse a sessão, mas ela queria ter uma, se possível. Estávamos ambos curiosos para ver o que o Seth diria sobre causas básicas e, à medida que a sessão se desenrolava, tivemos algumas perceções bastante boas. Parece que temos tido bons resultados recentemente, ao aplicar o material às nossas vidas diárias. Essa aplicação tem sido, em muitos casos, depois do evento, claro, e esperamos continuar a melhorar no uso prático para evitar vários problemas.*)

(*A sessão foi curta. A Jane falou com voz calma, sentada e de olhos fechados; e, curiosamente, de forma bastante rápida.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

Vejo que estamos todos bem-dispostos.

Sabeis que, quando um de vós está indisposto, podem, naturalmente, cancelar uma sessão.

Não há, de facto, nada de gravemente errado com o nosso fumador de cigarros, o Ruburt. No entanto, a tensão causou um distúrbio. Tensão surgida, curiosamente, da perceção de que o seu livro será de facto publicado. Esta tensão desaparecerá. Ele precisa de relaxar.

Eu ia falar esta noite com alguma profundidade sobre ação dentro da ação, pois há muito a dizer aqui que vos mostrará como são formadas as dimensões reais da ação. No entanto, esta será uma sessão breve. Temos muito tempo disponível, e não precisamos de nos preocupar com uma sessão ocasionalmente perdida ou curta, desde que o nosso padrão geral seja mantido.

(*A Jane sorriu agora.*)

O Ruburt pode, se quiser, eliminar o seguinte do registo.

Há uma ligação clara entre o seu desejo de deixar de fumar e o facto de ter

encontrado fios de prata entre os pretos. A sua imagem do ego, ou neste caso a imagem do ego da Ruburt, é a de, entre outras coisas, uma jovem de cabelo preto e uma mulher escritora que fuma.

Perturbar a imagem em duas direções ao mesmo tempo é, de facto, difícil e eu sugeriria, como creio que tu sugeriste, Rob, que o problema do tabaco fosse enfrentado. Não tentemos mudar a nossa imagem de um dia para o outro, em demasiadas direções ao mesmo tempo. Estes assuntos também ajudaram a aumentar a tensão do Ruburt. Isso agarrou-o de forma bastante violenta hoje.

Sugiro que a Jane faça aquilo que presumo ser feminino e, para uma mulher, lógico nestas circunstâncias. Compre a sua preparação sem dúvida, pois aqui temos uma tentativa astuta de enganar. Para desviar o foco do problema do tabaco, o nosso Ruburt decide de repente ir "à naturel" no que diz respeito ao cabelo.

(*A Jane abanou a cabeça com fingida preocupação, de olhos fechados.*)

Este horror, estes poucos cabelos brancos, tornam-se então, muito naturalmente, a razão para aumentar o tabagismo, pois agora ele tem uma excelente razão para sentir pena de si mesmo.

Vou guardar a minha discussão planeada para a próxima sessão, e encerrar a sessão desta noite. Seria aconselhável que o Ruburt desfrutasse esta noite de uma leitura leve, ou talvez da vossa televisão. Mas nada de leituras pesadas esta noite.

(*Antes da sessão, a Jane tinha estado a ler um livro sobre psicologia anormal (Abnormal Psychology). Notei isso e sugeri que não o lesse, tendo em mente a minha experiência recente com doença e o facto de me ter debruçado sobre os jornais diários de Nova Iorque. Ver a 143ª sessão.*)

Talvez possas massajar-lhe as costas antes de se deitar. Ele deverá sentir-se bem de manhã. Gostaria de mencionar aqui mais uma vez as minhas sugestões sobre passeios. Vocês os dois deveriam, quando financeiramente possível, sair para uma noite de diversão uma vez por semana. O ponto importante aqui é que estejam fora do vosso apartamento, e também que estejam com outras pessoas. Esta sugestão é benéfica para ambos.

Compensarei, sem dúvida, esta sessão mais curta. Os meus votos mais calorosos para ambos.

(*"Boa noite, Seth."*)

(*A Jane estava dissociada como habitual numa primeira entrega. Estava consciente da essência do material. Não ficou satisfeita com a sessão curta, já que, uma vez iniciado, nunca lhe importou continuar.*)

(*A Jane também pensava saber algo do que o Seth planeava discutir esta noite, relativo a ação dentro da ação. Dizia respeito às ações que ocorrem dentro da ação de sonhar, reencarnação, etc.*)